

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CASSIO DANDORO CASTILHO FERREIRA

O MULATO, DE ALUÍSIO AZEVEDO:
UM ROMANCE, DUAS VERSÕES (1881-1889)

CURITIBA

2011

CASSIO DANDORO CASTILHO FERREIRA

O MULATO, DE ALUÍSIO AZEVEDO:
UM ROMANCE, DUAS VERSÕES (1881-1889)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, linha de pesquisa em Literatura, História e Crítica, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gonçales Bueno de Camargo

CURITIBA

2011

Catálogo na Publicação
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Ferreira, Cassio Dandoro Castilho

O mulato, de Aluísio Azevedo: um romance, duas versões
(1881-1889) / Cassio Dandoro Castilho Ferreira. – Curitiba,
2012.
453 f.

Orientador: Prof. Dr. Luís Gonçalves Bueno de Camargo
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Azevedo, Aluísio, 1857-1913 – Crítica e interpretação.
2. Literatura brasileira. 3. Naturalismo na literatura. I. Título.

CDD B869.33



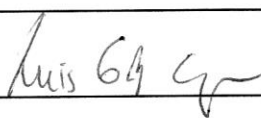
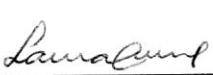
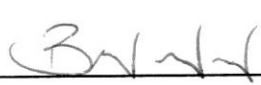
PARECER

Defesa de dissertação do mestrando CASSIO DANDORO CASTILHO FERREIRA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

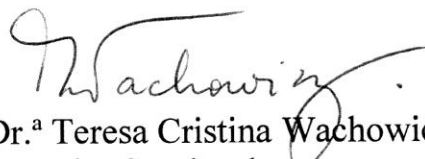
Os abaixo assinados LUIS GONÇALES BUENO DE CAMARGO, LAURA CAMILO DOS SANTOS CRUZ e BENITO MARTINEZ RODRIGUEZ arguíram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“O MULATO, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO: UM ROMANCE, DUAS VERSÕES (1881-1889)”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADO Não APROVADO
LUIS G. BUENO DE CAMARGO		<i>Aprovado</i>
LAURA CAMILO DOS SANTOS CRUZ		<i>aprovado</i>
BENITO MARTINEZ RODRIGUEZ		<i>aprovado</i>

Curitiba, 28 de abril de 2011


Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Wachowicz
Vice-Coordenadora

DEDICATÓRIA

Para Antonio (*in Memoriam*) e Rose,
que me trouxeram até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, benção e misericórdia.

Ao professor Luís Bueno, pela orientação, apoio, confiança e amizade.

Aos professores do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, com os quais cruzei ao longo desta jornada: Marilene Weinhardt, Benito Rodriguez, Patrícia Cardoso, Raquel Bueno e Marta Moraes.

À minha família: Antonio, Rose, Fernando e Cristiano, pelo apoio, por existirem.

À Patrícia Massarute, revisora oficial deste estudo e, acima de tudo, amiga.

Ao Thiago, amigo e primo, que em muitas partes revisou e opinou neste texto.

À Cristina, bibliotecária de José Mindlin, pela acolhida e possibilidade de realizar a pesquisa.

Ao professor Antonio Dimas e à professora Laura Cruz, que indiretamente ajudaram na elaboração deste estudo.

À Carol, Helena, Larissa, Marise, Bianca, Alex, Ewerton e a todos familiares e amigos, por fazerem parte de minha vida.

À Capes, pelo auxílio financeiro.

*Nada é tão agradável para quem escreve,
como saber que seus escritos preocupam de
qualquer forma a atenção de quem quer que seja.
(Aluísio Azevedo).*

RESUMO

O Mulato, de Aluísio Azevedo, publicado em 1881, em São Luís do Maranhão, entra para a história literária como o romance que inaugurou o Naturalismo em nossa literatura. Oito anos depois, quando já residia definitivamente no Rio de Janeiro, o autor prepara uma segunda edição do romance, a ser publicada pela editora Garnier. Quando prepara esta nova edição, Aluísio Azevedo altera consideravelmente o texto de 1881, tanto na parte estrutural, como, principalmente, na parte narrativa. Este estudo tem por objetivo comparar as duas edições de *O Mulato*, tendo em vista a tentativa do autor de aproximar o texto de 1889 à estética naturalista, posto que o texto de 1881 ainda apresentava muitas características comuns aos romances sentimentais e folhetinescos. Darei maior atenção à figura do narrador, percebendo o quanto é seguida à risca a concepção de romancista naturalista exposta em textos críticos de Emile Zola. O estudo também será complementado por uma breve exposição do meio social no qual foi publicado o romance em 1881 e por uma investigação da leitura que a crítica literária fez do mesmo ao longo do tempo. Estes dois complementos também servirão de base para uma melhor compreensão de *O Mulato*, bem como, das mudanças realizadas na segunda edição do romance.

Palavras-chave: Naturalismo, Prosa de ficção, Aluísio Azevedo, *O Mulato*.

RESUMEN

O Mulato, de Aluísio Azevedo, publicado en 1881, en São Luís do Maranhão, entra para la historia literaria como la novela que estrenó el Naturalismo en nuestra literatura. Ocho años después, cuando ya vivía definitivamente en Rio de Janeiro, el autor prepara una segunda edición de la novela, a ser publicada por la editora Garnier. Al preparar esta nueva edición, Aluísio Azevedo cambia considerablemente el texto de 1881, tanto en la parte estructural, como, principalmente, en la parte narrativa. Este estudio tiene por objeto comparar las dos ediciones de *O Mulato*, teniendo en vista el intento del autor de aproximar el texto de 1889 a la estética naturalista, puesto que el texto de 1881 todavía presentaba muchas características comunes a las novelas sentimentales y folletinescas. Daré mayor énfasis a la figura del narrador, percibiendo lo cuanto es seguido al pie de la letra la concepción de novelista naturalista expuesta en textos críticos de Emile Zola. El estudio también será complementado por una exposición del medio social en lo cual fue publicada la novela en 1881 y por una investigación de la lectura que la crítica literaria hizo de la misma a lo largo del tiempo. Estos dos complementos servirán de base para una mejor comprensión de *O Mulato*, bien como de los cambios realizados en la segunda edición de la novela.

Palabras-clave: Naturalismo, Prosa de ficción, Aluísio Azevedo, *O Mulato*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PARTE I: O <i>MULATO</i>, DE ALUÍSIO AZEVEDO: HISTÓRIA E CRÍTICA	
CAPÍTULO I. A PUBLICAÇÃO DE <i>O MULATO</i>, 1881	
1.1. <i>A missa</i> , 1877.....	19
1.2. Celso Magalhães	23
1.3. Quem combatia. Contra quem combatia	26
1.4. A imprensa do Maranhão	28
1.5. <i>O Mulato</i> , 1881	30
1.6. As crônicas	33
1.7. Euclides Faria X Aluísio Azevedo	43
CAPÍTULO II. COMO A CRÍTICA LEU <i>O MULATO</i>	
2.1. O lançamento de <i>O Mulato</i> : Um passeio pela crítica do século XIX	57
2.2. Encerrando o século XIX: uma pequena pausa em nosso passeio crítico	62
2.3. Novas perspectivas: um passeio no século XX	64
2.4. Conclusão do passeio crítico	76
PARTE II: <i>O MULATO</i>, DE ALUÍSIO AZEVEDO: UM ROMANCE, DUAS VERSÕES (1881-1889)	
CAPÍTULO I. O NARRADOR NAS DUAS VERSÕES DE <i>O MULATO</i>	
1.1. O autor e o narrador no romance naturalista	81
1.2. A voz narrativa nas duas versões de <i>O Mulato</i>	83
1.3. A caracterização das personagens	90
1.4. Política, ciência, literatura e sociedade: crítica	98
CAPÍTULO II. A ESTRUTURA DA NARRATIVA	
2.1. Gralhas tipográficas	115
2.2. Cronologia: tempo e fatos	117
2.3. Os capítulos	120
CONCLUSÃO	124
REFERÊNCIAS	130
ANEXO: <i>O MULATO</i>, 1881	134

INTRODUÇÃO

Entre os escritores do Naturalismo brasileiro, Aluísio Azevedo (1857-1913) é o principal nome. Se pensarmos em outros autores que esta escola nos legou, como Inglês de Sousa, Adolfo Caminha e Júlio Ribeiro, podemos perceber que suas obras, mesmo sendo bastante significativas, não possuem “o valor e a extensão” (COUTINHO, 1999, p.75) da obra de Aluísio Azevedo. O primeiro deles, Inglês de Sousa (1853-1918), mesmo escrevendo romances como *O Missionário* (1888) e *O Coronel Sangrado* (1877), obra que poderia dar-lhe o título de iniciador do movimento naturalista em nossa literatura e apesar de possuir o espírito da escola, não possuía a técnica, como apontou Lúcia Miguel-Pereira¹, além de hoje em dia praticamente não ser lido e ser muito pouco reeditado.

Júlio Ribeiro (1845-1890) é autor de apenas um romance naturalista, *A Carne* (1888), que foi publicado aproveitando o sucesso feito por *O Homem*, de Aluísio Azevedo, um ano antes. Também foi autor de apenas mais um romance, *Padre Belchior de Pontes* (1877), romance histórico, filiado à escola romântica.

Já Adolfo Caminha (1867-1897) é autor de três romances: *A Normalista* (1893), *Bom Crioulo* (1895) e *Tentação* (1896); exemplares raros em nossa literatura de bons romances do Naturalismo brasileiro, principalmente os dois primeiros; mas que foram privados de se enquadrarem dentro de uma grandiosa obra, devido à morte precoce de seu autor, que, além disso, começou tardiamente a escrever seus romances, quando a moda naturalista já mostrava sinais de enfraquecimento.

Aluísio Azevedo deixou diversos romances, entre eles alguns dos que estão entre os mais conhecidos de nosso Naturalismo: *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884), *O Homem* (1887) e *O Cortiço* (1890). Decidido a viver exclusivamente de seus ganhos como escritor, o romancista também deixaria em sua extensa obra romances publicados em folhetins nos jornais da época: *A Condessa Vésper* (1882), *Girândola de Amores* (1883), *A Mortalha de Alzira* (1891) e *Mattos, Malta ou Matta?* (1885), além de

¹ Cf. MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 155.

O Coruja (1885) e *Livro de uma Sogra* (1895), inúmeras peças de teatro, contos, poemas e crônicas.

A estreia de Aluísio Azevedo na literatura se dá com *Uma Lágrima de Mulher* (1879), livro filiado ao Romantismo. Muitas das características típicas dos folhetins românticos estão presentes na história de Rosalina e Miguel Rizio². Nelson Werneck Sodré é categórico ao analisar este romance. Segundo o crítico, nele existe “o que há de pior e de marcado no romantismo”. (SODRÉ, 1969, p.389).

Curiosamente, dois anos depois de *Uma Lágrima de Mulher*, Aluísio Azevedo traz a público *O Mulato* (1881), obra que desde sua publicação gerou revolta e descontentamento em várias camadas da população de São Luís do Maranhão, por se sentirem criticadas e caricaturadas nas páginas deste romance. Ainda que seja considerado logo após sua publicação como o marco inicial do Naturalismo na literatura brasileira, a própria crítica perceberia o quanto de romântico existe no romance de 1881³. Situações muito semelhantes às presentes no romance anterior reapareceriam em *O Mulato* disfarçadas, muitas vezes, com cenas realistas, na observação de Lúcia Miguel-Pereira. (PEREIRA, 1950, p. 120). Para percebermos que este romance é muito menos naturalista do que se supõe, basta recordarmos sua própria estrutura, como aponta Nelson Werneck Sodré (SODRÉ, 1965, p. 177), ou algumas cenas como, por exemplo, a da despedida de Raimundo e Ana Rosa no capítulo XV.

Após a polêmica publicação de *O Mulato*, Aluísio Azevedo deixa definitivamente o Maranhão e passa a viver no Rio de Janeiro. Com escasso público leitor e sem meios para dedicar-se exclusivamente à escrita de romances naturalistas, Aluísio Azevedo se vê obrigado a produzir romances em folhetins para os periódicos da época. Essa prática seria uma constante na obra do autor, que publicou cinco romances nestes

² Algumas destas características: utilização por parte do autor de alguns artifícios que mantenham o interesse do público pela narrativa, como, por exemplo, a suspensão do enredo; retardamento narrativo; afastamento de personagens para conduzir a história ao ponto desejado, etc.

³ Araripe Júnior afirmou em 1881, ano da publicação do romance, que: “Ali há páginas tão suaves, tão doces, tão cheias da claridade rosicler, alencariana, que sou levado a crer que o mergulho dado pelo poeta nas águas encapeladas do Estige da nova escola foi apenas à superfície.” (ARARIPE JÚNIOR, 1958, p. 120).

moldes: *Memórias de um condenado* (1882)⁴, *Mistérios da Tijuca* (1882)⁵, *Filomena Borges* (1884)⁶, *Mattos, Malta ou Matta?* (1884)⁷ e *A Mortalha de Alzira* (1893)⁸.

Cabe apontar que outros romances de Aluísio Azevedo, mais “naturalistas”, por falta de melhor termo, também se valeram da publicação seriada em jornais da época. *O Coruja* (1887) foi publicado em folhetins em *O País*, de 02 de junho de 1885 a 12 de outubro de 1885, e *Casa de Pensão* (1884) teve publicação incompleta em folhetins dentro de *Folha Nova*, de 05 de março de 1883 a 20 de maio de 1883.

Aluísio Azevedo também publicou nos jornais da época cerca de 20 contos, que anos mais tarde seriam republicados em livros, *Demônios* (1893) e *Pegadas* (1898)⁹; além de mais de uma dezena de poemas¹⁰.

Outro meio utilizado por Aluísio Azevedo para conseguir sobreviver de seus rendimentos de homem das letras foi a escrita de obras teatrais. Tem-se conhecimento hoje em dia de seis peças escritas por Aluísio Azevedo, além de cinco peças em parceria com seu irmão Artur Azevedo e seis peças em parceria com Emilio Rouéde;

⁴ Publicado em folhetins em *Gazetinha*, Rio de Janeiro, de 01 de janeiro de 1882 a 07 de junho de 1882. Quando este romance passa a ser editado em livro pela H. Garnier (3ª edição), ganha o título de *A Condessa Vésper*, mantido até hoje.

⁵ Publicado em folhetins em *Folha Nova*, Rio de Janeiro, de 23 de novembro de 1882 a 18 de fevereiro de 1883. Quando este romance passa a ser editado em livro pela H. Garnier (2ª edição), ganha o título de *Girândola de Amores*, mantido até hoje.

⁶ Publicado em folhetins em *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, de 10 de novembro de 1883 a 13 de janeiro de 1884.

⁷ Publicado em folhetins em *A Semana*, Rio de Janeiro, de 03 de janeiro de 1885 a 09 de maio de 1885.

⁸ Publicado em folhetins em *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, de 13 de fevereiro de 1891 a 24 de março de 1891.

⁹ Alguns dos contos publicados na edição original de *Demônios* (1893) sofreram alterações quando republicados em *Pegadas* (1898), edição que era acrescida de contos inéditos. São as versões de *Pegadas* as escolhidas quando em 1937 ambos os volumes passaram a ser publicados em um único volume, titulado *Demônios*. Em 2007, a edição original de *Demônios* volta a ser publicada, tal e qual em 1893, em uma edição preparada por Lúcia Sá para a coleção *Contistas e Cronistas do Brasil*, da Editora Martins Fontes.

¹⁰ Todos os poemas de Aluísio Azevedo, com exceção de *A missa* (1877), foram republicados nos números 111 e 112 da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, entre março e abril de 1931.

além de quatro adaptações e traduções de peças estrangeiras, duas delas em parceria com Artur Azevedo e uma com Olavo Bilac¹¹.

Oito anos após a publicação da primeira edição de *O Mulato* (1881), em 1889, Aluísio Azevedo prepara uma nova edição do romance a ser publicada pela Livraria Garnier, casa que já publicava importantes escritores da época, como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis. Outras obras de Aluísio Azevedo também passariam a ser editadas por B. L. Garnier, até a venda dos direitos totais de publicação para esta casa editorial. Para o lançamento nas novas edições, o romancista modifica ou até mesmo reescreve boa parte de seus livros¹². De todas as obras que foram reescritas pelo autor maranhense, a que contém as mudanças mais significativas é sem dúvida *O Mulato*.

Se levarmos em conta que um ano depois sairia a primeira edição de *O Cortiço*¹³, que provavelmente já deveria estar em processo de escrita quando da publicação da segunda edição de *O Mulato*, percebemos o esforço de Aluísio Azevedo em tentar enquadrar o máximo possível seu segundo romance dentro da estética naturalista.

Ao abordar a escola naturalista, e mais especificamente a obra de Aluísio Azevedo, em seu *História da Literatura Brasileira: Seus fundamentos econômicos* (1938), Nelson Werneck Sodré afirma a importância de um estudo que confrontasse os dois textos de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo: o da primeira edição (1881)¹⁴ e o de suas edições posteriores, publicadas a partir de 1889¹⁵. Diz o crítico:

¹¹ Para a listagem completa das obras teatrais de Aluísio Azevedo, cf. AZEVEDO, Aluísio. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005, p. 145-146.

¹² Sabe-se hoje em dia que pelo menos quatro de suas obras sofreram alterações. Algumas mais leves, como em *O Cortiço* e *A Condessa Vésper*, e algumas bastantes significativas, como em *O Mulato* e *Demônios*.

¹³ AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Paris-Rio de Janeiro: Garnier, 1890.

¹⁴ AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. Maranhão: Typ. do Paiz, 1881.

¹⁵ Tomei como base neste estudo a 2ª edição, publicada em 1889. A saber: AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. Paris-Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1889. As edições posteriores do romance não sofreram

O confronto entre os dois textos dêsse romance, que inagura uma escola nova no Brasil – trabalho que não pertence aos domínios da história literária – comprovaria a intencionalidade e o formalismo das alterações introduzidas, destinadas a fixar a fisionomia com que o autor desejava fôsse visto o seu livro. (SODRÉ, 1960, p. 359).

Mesmo com as alterações realizadas pelo romancista maranhense, Nelson Werneck Sodré conclui que estas mudanças não são totais, ou seja, que facilmente poderemos ver no texto que nos chega até os dias de hoje um forte caráter romântico, devedor da escola que estava sendo suplantada; o Romantismo: “Na realidade, mesmo no texto expurgado, estavam presentes, embora formalmente alterados, os traços que definiam a presença do romantismo e do quadro de costumes, do que existia de mais nitidamente regionalista em literatura.” (SODRÉ, 1960, p. 359).

Assim como fez Nelson Werneck Sodré, boa parte da crítica literária brasileira apresenta em seus estudos a existência de diferenças entre os textos da edição de 1881 e a de 1889, porém, poucos foram os críticos que de fato tiveram contato com estes dois textos e que analisaram estas duas edições. Apenas dois deles fizeram isto mais de perto: Josué Montello¹⁶ e Jean-Yves Mérian¹⁷. O primeiro analisa todo este material superficialmente, e ainda comete vários equívocos em seu estudo, como, por exemplo, confundir a edição de 1881 com os rascunhos do romance escritos por Aluísio Azevedo. Já Jean-Yves Mérian é sem dúvida o crítico que mais se ateve à tarefa de análise das duas versões de *O Mulato*, porém, como se tratava de um estudo mais amplo sobre a obra do romancista maranhense, deixa alguns aspectos de lado para apresentar um panorama mais geral da vida e da obra de Aluísio Azevedo.

Neste estudo, pretendo analisar as mudanças realizadas por Aluísio Azevedo na segunda edição de *O Mulato*, publicada em 1889. Esta análise terá em vista,

alterações, inclusive mantendo-se por alguns anos a mesma diagramação e numeração de páginas, como comprovado na 4ª edição: AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. Paris-Rio de Janeiro: H. Garnier, 1909.

¹⁶ MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo e a polêmica d'O Mulato*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1975.

¹⁷ MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo: Vida e obra (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris; Brasília: INL, 1988.

sobretudo, a filiação do autor à estética da escola naturalista; ou seja, de que maneira as alterações realizadas pelo romancista maranhense indicam uma maior ou menor adequação do texto a uma escrita naturalista, baseada nos ensinamentos de Emile Zola (1840-1902). Não deixarei de ter em vista o quanto estas mudanças representavam uma tentativa de afastamento dos elementos caros às narrativas romântico-sentimentais, ou folhetinescas, existentes na primeira edição de *O Mulato*. Também pretendo apontar como as mudanças das correntes intelectuais, religiosas e da própria organização da sociedade influenciaram nesta reescrita.

O estudo comparativo das duas edições do romance será complementado na primeira parte deste trabalho por duas leituras do mesmo: a primeira delas abordará o meio social que assistiu ao nascimento do romance em 1881, valendo-se de depoimentos, notícias e crônicas publicadas nos jornais maranhenses da época. A segunda será beneficiada pela leitura que a crítica literária brasileira fez do romance, do século XIX até os nossos dias. Depois deste primeiro momento, passaremos de fato à nossa leitura de *O Mulato*, analisando ponto a ponto as alterações feitas por Aluísio Azevedo.

Sobre este estudo

Originalmente, tal e qual apresentado ao Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, em outubro de 2008, este projeto pretendia alcançar a elaboração de uma edição crítica de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. Porém, muitos fatores contribuíram para que este projeto não fosse levado adiante. Primeiramente, e como fator principal, condicionante de todos os outros fatores, o tempo para a realização deste trabalho era bastante escasso. Tendo dois anos para a entrega da versão final do estudo, verificou-se a impossibilidade de concluí-lo em um ano, já que o primeiro ano do programa de Mestrado foi dedicado à conclusão dos créditos em disciplinas e à leitura de textos de interesse para elaboração deste trabalho.

Outro fator importante foi a impossibilidade de localizar muitos dos arquivos necessários para a elaboração da edição crítica, como manuscritos e anotações, todas as edições do romance publicadas em vida pelo autor, etc. Cabe apontar, por exemplo, que no estudo de Jean-Yves Mérian sobre a obra de Aluísio Azevedo, publicado em 1988, existe a informação da existência de dois manuscritos de *O Mulato*¹⁸: um localizado no Museu Histórico de São Luís do Maranhão, cuja equipe não retornou nenhum de meus contatos; e o segundo na biblioteca da Academia Brasileira de Letras, que negou a existência de tal arquivo em seu acervo.

De forma que o único material ao qual efetivamente tive acesso e contato durante a elaboração deste trabalho foi com a primeira edição do romance, pertencente ao acervo da biblioteca José Mindlin, em São Paulo, através de sua bibliotecária Cristina, a quem agradeço a hospitalidade e a possibilidade de realizar tal consulta. Nas etapas iniciais do estudo, também contei com a quarta edição do romance, publicada em 1909, e que, felizmente, possuía em minha biblioteca particular. Quase ao final da escrita da última versão deste texto, consegui adquirir a segunda edição do romance, publicada em 1889, fato este que me possibilitou a confirmação da não alteração em qualquer parte do texto feita por Aluísio Azevedo na terceira e quarta edição de *O Mulato*, ou seja, o texto de 1889 era idêntico (inclusive com a mesma distribuição gráfica no volume) ao texto de 1909.

Um último fator que levou à desistência do projeto original, pelo menos neste momento, é que as mudanças realizadas por Aluísio Azevedo no texto de 1889, frente ao de 1881, eram muito mais do que simples inversões de pontuação e correção de gralhas tipográficas. O autor altera consideravelmente muitas partes do texto e mesmo a estruturação de alguns capítulos. De forma que a edição crítica deste romance não daria conta das alterações feitas pelo romancista, o que seria mais proveitoso em um estudo comparativo, que contrastasse os dois textos, como este estudo acabou transformando-se em sua versão final, acrescido nos anexos com o texto da primeira edição de *O Mulato*, publicada em 1881, digitado integralmente.

¹⁸ MÉRIAN, 1988, p. 225.

Da organização deste estudo

Este estudo está dividido em duas partes, que se complementam e dialogam entre si, formando um todo, no qual abordaremos múltiplas leituras de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. A primeira parte está dividida em dois capítulos: o primeiro traz o histórico da publicação do romance, publicado em São Luís, em 1881, as condições sociais que propiciaram seu surgimento, as polêmicas existentes entre o grupo de livres-pensadores do qual o autor fazia parte e o clero. Desta maneira, faremos uma leitura do meio social que assistiu à publicação do romance, complementada pela leitura das crônicas escritas por Aluísio Azevedo na imprensa maranhense, e também sua contraparte, as crônicas publicadas no periódico *Civilização*, do clero. A primeira parte deste estudo se encerra com um capítulo no qual tratarei da abordagem feita pela crítica literária brasileira ao segundo romance de Aluísio Azevedo, desde 1881 até os dias de hoje. Capítulo que nos propiciará verificarmos como *O Mulato* foi lido ao longo de nossa história literária.

A segunda parte deste texto também está composta por dois capítulos, onde serão abordadas as mudanças realizadas por Aluísio Azevedo na edição de 1889 de *O Mulato*, frente ao texto publicado em 1881. O primeiro capítulo será dedicado às mudanças realizadas nos elementos narrativos, tais como narrador, personagens e enredo. Já o segundo capítulo estuda as mudanças realizadas na estrutura do romance: ordenação dos capítulos, correção de gralhas tipográficas e equívocos no texto de 1881, etc.

Todas as mudanças verificadas entre as duas versões do texto serão analisadas em blocos separados, divididas em diversas categorias para facilitar a compreensão e a verificação dos dados. Como as mudanças entre as edições são inúmeras, na maioria dos casos serão tomados como exemplos apenas algumas recorrências de cada uma delas e, em alguns casos, mudanças semelhantes às abordadas serão referidas em notas de rodapé ao longo do texto. Ficam assim mais claras as diversas alterações nas duas versões de *O Mulato*, que praticamente ocorrem ao longo de todo o texto, linha a linha, frase a frase.

PARTE I:

***O Mulato*, de Aluísio Azevedo: história e crítica**

CAPÍTULO 1

A PUBLICAÇÃO DE *O MULATO*, 1881

1.1. *A missa*, 1877

Quando chegou ao Rio de Janeiro pela primeira vez, em 1876, seguindo o rumo tomado por seu irmão Artur Azevedo três anos antes, Aluísio Azevedo se deparou com pouquíssimas oportunidades de trabalho. Além de caricaturista em periódicos da época, o jovem Aluísio Azevedo, então com 19 anos de idade, passa também a exercer o ofício de escritor. Nos dois anos que marcam sua estada no Rio de Janeiro, o futuro autor de *O Mulato* produziu, além de uma peça escrita a quatro mãos com Artur Azevedo, *Os doidos* (1879), alguns poemas que apareceram em periódicos da época.

Em janeiro de 1877, o periódico *O Mequetrefe*, no qual Aluísio Azevedo também era caricaturista, trazia um poema oferecido “aos meus amigos do Maranhão”. Publicado durante vários números deste semanário ilustrado, *A Missa* representa uma das primeiras manifestações do autor maranhense contra a Igreja Católica.

O poema se inicia com um chamado ao “povo de Cristo, amigo de rezar” para que despertassem e viessem ouvir a missa. A primeira provocação de Aluísio Azevedo é dirigida “as velhas”:

Acordai! acordai! ó velhas convertidas
Que fostes noutro tempo amantes presumidas,
Deixai a fôfa cama e vinde ouvir a missa;
Três horas da manhã! enxote-se a preguiça!...
A pé! velhas a pé! Chamem-se os pequeninos,
Está tocando à missa! acordem-se, meninos! (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 69).

Depois, passam a ser chamados para a missa os membros da burguesia e os professores. É neste ponto que Aluísio Azevedo insere uma crítica à educação da época:

Humilhem-se, fedelhos!

É preciso temer, ser fraco e ser covarde!
 Não quero valentões, que sempre, cedo ou tarde,
 Hão de fazer das boas! o Cristo nazareno
 Levou um bofetão com o gesto o mais sereno,
 E quando se esperava um outro desenlace
 O homem disse – dá – mostrando a outra face.
 Então? isto é que é gente, assim devem fazer,
 Estuda-se a virtude e lá de conhecer
 Ciências e Gramática, é cousa para doudos:
 De cor o Padre-nosso, os Mandamentos todos,
 A Salve-Rainha em pêso, o Credo, Ave-Maria,
 Já sabe um homem mais do que uma academia. (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 70).¹⁹

Logo depois, a voz poética adentra um “quarto fedorento”, onde habita a miséria:

Agora entremos cá, que quarto fedorento;
 O sol aqui não entra e não circula o vento;
 Às vêzes, falta o pão, faltou sempre a alegria;
 A luz acaba logo ao terminar do dia;
 Não há risos do lar, não há risos de lume,
 Que solta uma criança, uma avezinha implume (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 70-71).

Contrastando com esta paisagem desoladora, onde nunca esteve a alegria, imagens de santos e um Cristo no crucifixo:

O leito é sôbre o chão; o chão, úmido e feio;
 Nem há um cobertor! O frio desespera;
 Só há santos de pau, onde o caruncho impera,
 E sôbre a denegrida e tétrica parede
 Uns secos aranhões em complicada rêde;
 Azinhavrado Cristo, em venenosa cruz
 Parece envergonhado a ver seus membros nus.

¹⁹ Mais adiante veremos as críticas de Aluísio Azevedo à educação presentes na primeira edição de *O Mulato*. A crítica à qualidade da educação brasileira sempre esteve presente na obra do romancista. O capítulo II de *Casa de Pensão* (1884) é exemplo central. Ao introduzir o professor de Amâncio na narrativa, Antonio Pires, afirma o narrador: “Todos os pequenos da aula tinham birra ao Pires. Nelle enxergavam o carrasco, o tyranno, o inimigo e não o mestre; mas, visto que qualquer manifestação de antipathia redundava fatalmente em castigo, as pobres crianças fingiam-se satisfeitas; riam muito quando o beberão dizia alguma chalaça, e afinal, coitadas! iam-se habituando ao servilismo e á mentira. Os paes ignorantes, viciados pelos costumes barbaros do Brazil, atrophiados pelo habito de lidar com escravos, entendiam que aquelle animal era o único professor capaz de «endireitar os filhos.»” (AZEVEDO, 1921, p. 13).

Não há oxigênio! é tudo sem conforto;
O ar que se respira é viciado e morto. (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p.71).

O autor ironiza ao afirmar que é necessário levar as crianças pequenas à missa, para que já se “amorteçam” nos vícios da religião:

Se tens um filho, leva-o, é bom que se acostume
A ir amortecer do vício o forte lume,
Que lhe pode gerar do pequenino peito,
Leva-o contigo, leva-o, e guia-mo com jeito,
Que saiba defender o Cristo seu querido. (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 71).

O embate entre a religião e a instrução, a primeira sendo um empecilho para a existência da segunda, também aparece ao longo do poema: “Homens sem compaixão, Que se esquecem de Deus e pensam na instrução”. (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 71). A educação, principalmente a voltada para um conhecimento científico, também é mostrada como incompatível com as crenças religiosas:

Que fazem do mimoso e estremecido filho,
Se não lhe dão da Igreja o sacrossanto brilho?
Levam-no à escola? sim? que vai aprender lá?
Ciências tão brutais que Deus negaram já,
E que a sagrada Bíblia, as infrenes sentenças,
As delícias do Céu e muitas outras crenças
Chamaram de absurdo? Até onde isto vai? (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 71).

Aquilo que Raimundo de Menezes chama no poema de Aluísio Azevedo de “apostasia”, atinge um de seus pontos altos quando o poeta se dirige às “mulheres perdidas”, “pustulentas flores das ruas da cidade”. É neste trecho que Aluísio Azevedo aproveita para massacrar a autoridade máxima da Igreja Católica, o Papa:

Não há tempo a perder! são horas de rezar,
E podes, te afianço, o teu perdão comprar
Com o lucro de um serão, o Papa é bom rapaz
E vende a qualquer preço as bulas que ele faz.
Venham rezar à missa e façam da sacristia
Mais um atelier da vossa patifaria;

Agarrem-me o sacristão, obriguem-mo [sic] a levar
 Uma florzinha ao padre ao ir para o altar. (AZEVEDO, *apud* MENEZES, 1958, p. 72).

O longo poema se encerra com Aluísio Azevedo dirigindo-se à Santa Madre Igreja e aos homens tementes a Deus. Apesar de longo, é interessante retomarmos o trecho final, pois serve este como uma espécie de sinopse do ideal de vida positivista apontado por Raimundo ao seu tio Manuel, ao longo de 20 páginas da primeira edição de *O Mulato*:

Ó rico tabernáculo! Ó Santa Madre Igreja,
 Por que queres que o pobre, o pobrezinho seja
 Dos mandamentos teu sustentador acérrimo
 Para a vida ganhar com seu suor ubérrimo
 Não vês, falsa tribuna, a rota do progresso
 Que vai tornando agora o mundo mui diverso
 Não sentes esmagar o teu poder o pulso,
 Que vibra contra ti um século convulso?
 Por que roubar ao pobre a liberdade sua?
 Deixar a consciência azinhavrada e crua!
 Cristão serei à força? acaso a consciência
 Se pode conseguir vergar com violência?
 Não! Só pode confiar no Deus crucificado
 O homem que viveu na treva do pecado,
 Ou, cego não bebeu na fonte da verdade
 A luz da inteligência. A ti, humanidade,
 Que do remorso o pêso oprime-te a cabeça,
 É preciso um Jesus, um Deus que ao mundo desça
 E venha te dizer: Espera o meu perdão!
 E o criminoso espera e esperará em vão!...
 Cava no próprio peito, aí terás um Deus,
 Abre o teu próprio ser, encontrarás os céus;
 Procura-o no sentir, procura-o na razão;
 E forma só pra ti a tua religião.
 Nasceu-te um filho? Deixa-o, a crença não descai;
 Se a natureza é mãe, o tempo há de ser pai:
 É crime introduzir num pequenino peito
 A lepra do absurdo e nem se tem direito
 De impor ao inocente a crença dos avós!
 Se te sustenta impune o mundo quase inteiro;
 Se és o grande mar dos rios de dinheiro,
 Ó vã religião! É que neste universo
 A ignorância é vasta e pálido o progresso;
 Se tens tu tanto amor assim à humanidade
 Pratica doutro modo a tua caridade:
 Acaba de uma vez com o pândego latim;
 Derriba êsses “pajés” forrados de cetim;
 Dá o trabalho ao pobre; ao ignorante escola,

E ao cego, ao louco enfim darás a tua esmola!
 Nós não queremos fé na cruz do “Redentor”
 Queremos a instrução! Queremos o vapor!
 Queremos a ciência! Eletricidade, luz! Luz!
 Precisamos lutar! Lutar contra o Jesus
 Que roubou da ciência efeitos de milagre!

E tu, homem de fé, se queres ter um Deus,
 Repele o que a razão repugna dos céus;
 E busca em ti teu guia, a crença em ti procura,
 Terás religião sem saibo de loucura;
 Terás prêmio pra bem, o mal terá castigo,
 Sem se esperar do céu o sacrossanto abrigo;
 Faze sómente o bem, pra todos serás lindo,
 Acordarás cantando e dormirás sorrindo;
 E o verdadeiro Deus te guiará os passos,
 Te fia nêle só; fiel sempre a teus braços
 Serás homem de bem, de fôrça e de saúde.
 O bom recebe a paz, o mau – um ataúde –
 E quando te faltar o brilho da existência
 Entrega-te ao teu Deus – o Deus da Consciência! (AZEVEDO, *apud* MENEZES,
 1958, p. 73-74).

Não se tem notícia do efeito produzido por tão insultuoso e provocador poema, tanto na população do Rio de Janeiro, como na do Maranhão para a qual o poema era dirigido. A única notícia deste poema está presente na biografia romanceada de Aluísio Azevedo escrita por Raimundo de Menezes, publicada na década de 1950. É nela que encontramos o poema publicado, mesmo que faltem informações se está reproduzido integralmente ou apenas em parte. Todos os demais poemas de Aluísio Azevedo foram republicados na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, na década de 1930. A *missa*, infelizmente, foi o único a ficar de fora.

Temos informações mais precisas sobre o embate entre a Igreja Católica e o grupo de jovens livres pensadores em São Luís do Maranhão, ocorrido na mesma época. Para lá voltava Aluísio Azevedo, após receber a triste notícia da morte de seu pai em 1879. É em São Luís, alguns anos depois, que vem a público *O Mulato*.

1.2. Celso Magalhães

Ao redigir sua autobiografia, Graça Aranha aponta por diversas vezes para fatos relacionados à escravidão em São Luís do Maranhão. Segundo o romancista, eram

raros os acontecimentos horripilantes relacionados ao assunto. “Geralmente os maranhenses eram brandos e viviam com os escravos, em grande e suave familiaridade.” (ARANHA, 1931, p. 111). Porém, em sua autobiografia, dois fatos sobressaem deste aspecto aparentemente pacífico da sociedade maranhense. O primeiro deles serviu para que Graça Aranha escrevesse e representasse uma peça com seus irmãos, quando ainda eram crianças, no segundo andar da casa da família.

Um fazendeiro, casado com uma mulher bonita, voltando um dia de improviso da plantação, encontrara na sua própria cama a mulher em adultério com um escravo. Deu alarma. O negro foi preso pelos outros negros escravos e morto. A sua carne foi salgada e assim conservada. A mulher ficou detida no interior da casa, sem mais comunicação com o marido e obrigada, para se alimentar, a comer, cozida, a carne do escravo. Viveu enquanto houve dessa carne. Quando esta se acabou, o fazendeiro mandou matar a mulher e atirar o corpo no campo para ser devorado pelos urubús. (ARANHA, 1931, p. 110-111).

Outro fato passado no Maranhão, e que ganhou grande repercussão, ocorreu com a esposa do chefe do partido liberal, D. Ana Rosa Viana Ribeiro, acusada de matar a garfadas o pequeno escravo Inocêncio, por haver nascido branco, isto em 1878. Ao ser processada, instaura-se mais do que um julgamento por um crime cometido, e sim uma disputa política entre liberais e conservadores. A burguesia esperava que o caso fosse arquivado, porém isto não ocorreu. Celso Magalhães é o promotor público do caso. Apesar de tentarem a todo custo silenciá-lo, o inquérito é instaurado. D. Ana é julgada, porém envia como representante legal o genro, que era Barão do Império. Graça Aranha recorda o episódio em sua autobiografia:

Desse drama, a impressão mais viva, que me ficou, foi a agitação na minha casa durante o julgamento. O tribunal do jury era na vizinhança. Os políticos vinham repousar e esperar a sentença na companhia de meu pae, figura considerável do partido conservador. Ainda vejo a scena, que eu espiava ardendo de curiosidade. Vejo a figura attrahente, fascinante, de Celso Magalhães, o promotor publico. Em torno d'elle, uma admiração enthusiastica, commovida, que eu não comprehendia, mas cuja intensidade me avassalava. Das impressões que então recebi, ficou-me a imagem de um rapaz muito magro, feio, ossudo, encovado, movel e falador. Não me lembro como se trajava, apenas me recordo de que trazia na boteira do paletó uma flor vermelha, lagrima de sangue, que por muito tempo se chamou no Maranhão a flor do Celso. (ARANHA, 1931, p. 112).

O júri absolveu a indiciada. Quem sofre as maiores punições é o próprio Celso Magalhães, demitido de seu cargo de promotor em março de 1879. O ex-promotor passa por dificuldades financeiras e enfrenta sérios problemas de saúde. Não resiste e falece nesse mesmo ano. Porém, como afirma Jean-Yves Mérian, sua luta contras as injustiças existentes na sociedade maranhense e em prol do pensamento positivista não foram em vão: “Ao redor de Celso Magalhães havia-se formado um grupo de homens que iriam desempenhar um papel relevante na luta em prol da abolição; eram jornalistas, publicitários e escritores.” (MÉRIAN, 1988, p. 71).

Celso Magalhães deixou inúmeros artigos publicados em jornais do Maranhão e Pernambuco. Segundo atesta Josué Montello, Celso Magalhães publicou no ano de sua morte um volume intitulado *Versos*²⁰. Mas o que mais nos interessa diretamente da obra de Celso Magalhães é o romance inacabado *Um estudo de temperamento*, que, caso tivesse sido publicado integralmente, colocaria seu autor “como o primeiro naturalista do Brasil”. (MONTELLO, 1975, p. 41):

Arthur Azevedo fez publicar em 1881, na Revista Brasileira (2.^a phase), depois da morte de Celso Magalhães, o romance “Um estudo de temperamento”, que elle lhe entregara no Recife em 1873. A publicação não foi concluída por ter cessado o apparecimento da Revista. E’ um ensaio de romance naturalista, dos costumes provincianos, romance, que anticipava [sic] o “Mulato” de Aluisio Azevedo. (ARANHA, 1931, p. 114).

Apesar de Josué Montello e Raimundo de Menezes apontarem para uma influência de Celso Magalhães na passagem de Aluísio Azevedo do Romantismo-sentimental, como o de *Uma Lágrima de Mulher* (1879), para o Naturalismo em *O Mulato*, vários pontos nos fazem assumir como um equívoco esta afirmação dos dois estudiosos da obra de Aluísio Azevedo. Primeiramente, Celso Magalhães falece dois meses após a publicação de *Uma Lágrima de Mulher*, o que lhe deixaria muito pouco tempo para conseguir mudar o pensamento estético de Aluísio Azevedo tão radicalmente; também seu romance *Um estudo de temperamento* passa a ser publicado apenas em 1881, em alguns números da *Revista Brasileira*, e mesmo assim

²⁰ MONTELLO, 1975, p. 41.

não é publicado em sua totalidade; por fim, Aluísio Azevedo já havia participado no Rio de Janeiro da polêmica sobre a publicação de *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, principalmente através das caricaturas que publicava no Rio de Janeiro, ou seja, já tinha conhecimento – mesmo que não total, e que não a praticasse – da estética realista/ naturalista. Jean-Yves Mérian também contra argumenta com toda uma tradição crítica, que apontava ser Celso Magalhães o introdutor de Aluísio Azevedo no Naturalismo e no Positivismo, apontando que a influência de Celso Magalhães sobre o romancista maranhense havia, possivelmente, ocorrido anos antes:

Foi antes da primeira estada de Aluísio Azevedo no Rio de Janeiro que Celso Magalhães, entre 1873 e 1876, pôde iniciá-lo nas filosofias de Comte, Darwin e Spencer, que ele próprio havia estudado enquanto cursava Direito na Faculdade de Recife. Não podemos, de forma alguma, concordar com as teses defendidas por Josué Montello e mais tarde Raimundo de Menezes, por Fernando Góis no prefácio da edição de “O Mulato” da Livraria Martins e mais recentemente por Janina Z. Klave (...). (MÉRIAN, 1988, p. 203).

O que parece certo afirmarmos é o impacto produzido em Aluísio Azevedo através da polêmica criada pelo processo contra a mulher do chefe do Partido Liberal a favor da escravatura.

Quando *O Mulato* vem a público, outra polêmica agitava São Luís do Maranhão: o combate entre clericais e o grupo de jovens livre-pensadores, anticlericais.

1.3. Quem combatia. Contra quem combatia.

Os anos que antecederam a publicação de *O Mulato* foram anos de decadência para o Maranhão. Com boa parte de sua economia baseada na escravatura, os sinais de uma abolição que se aproximava cada vez mais deixavam a sociedade em crise. Graça Aranha recorda o fato em sua autobiografia:

O Maranhão, que pela primeira vez, eu deixava, afundava-se na decadência. A sua velha civilização, modesta e lenta, baseava-se como a de todo o Brasil, no trabalho escravo. Quando a emancipação se acelerou, os lavradores maranhenses trataram de vender os escravos para os emperrados fazendeiros do sul. As fazendas privadas de trabalhadores caíram em lethargia e pouco a

pouco, onde foram cultura e produção, espalhava-se a miséria das tapéras. Os fazendeiros vieram para a capital disputar empregos públicos. A política limitou-se a esse jogo de empregar e desempregar cabos eleitorais. O governo extremamente pobre, desanimado, sem energia para suscitar o trabalho criador, assistia apático à degenerescência da província. (ARANHA, 1931, p. 133).

A disputa entre conservadores e liberais agitava o campo político, mesmo que, no fundo, ambos representassem os mesmos interesses: os da burguesia, principalmente a ligada ao comércio e à elite rural de São Luís. De fato, apenas os republicanos representavam uma diferença, porém eram pouco numerosos na capital maranhense.

O que se assistiu foi o surgimento de uma elite intelectual jovem, que buscava combater as velhas estruturas da sociedade: a religião, a escravidão e a monarquia. O próprio Aluísio Azevedo, cronista dos periódicos *O Pensador* e *A Pacotilha*, apontou para isto em crônica de 10 de agosto de 1881:

Entretanto aparece de repente no comércio um grupo revolucionário que mandou os velhos plantar batatas, deixam crescer o bigode, compram livros de ciência, de literatura, assinam todos os jornais, falam em política, propõem-se a deputados, escrevem, falam, têm opinião, pensam, deliberam. E este novo grupo, tão fraco na aparência, engoliu o grupo dos velhos, tão aparentemente forte. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 236).

Ao longo de mais de um ano, o escritor maranhense combateu em suas crônicas aquilo que considerava os males da sociedade brasileira. Atacava a monarquia e a religião, baseando suas argumentações nos princípios do Positivismo. E, como apontou Jean-Yves Mérian, ligava a abolição da escravatura ao estabelecimento da República. Aluísio Azevedo e o grupo de jovens pensadores do qual fazia parte buscavam uma mudança que não apenas deveria ocorrer no regime político, mas em vários campos da sociedade, como, por exemplo, na religião.

Foi o próprio Aluísio Azevedo quem denunciou a íntima ligação existente entre a Igreja e o regime escravista. A Igreja era proprietária de muitos escravos, e com a ajuda de padres, os fazendeiros conseguiam registrar crianças como nascidas antes da Lei do Ventre Livre:

Dantes, quando a ingenuidade e a boa fé eram uma virtude dos maranhenses, não morria fazendeiro rico que não legasse a Nossa Senhora do Carmo algum dinheiro, algumas propriedades ou mais comumente escravos. Nossa Senhora do Carmo chegou a ser proprietária de uma quantidade enorme de escravos; hoje mesmo creio que o é de muitos. É uma rica capitalista. (AZEVEDO, *apud* MÉRIAN, 1988, p. 154-155).

Outros aspectos da religião eram denunciados pelos livres-pensadores, inclusive o fato de ser a Igreja quem decidia boa parte dos matrimônios, inserindo as jovens em jogos de interesses econômicos.

Para propagarem todas estas denúncias e críticas contra a Igreja e a Monarquia, mantenedoras do sistema escravocrata, fazia-se necessária a criação de um periódico em defesa do livre-pensamento, da filosofia e sociologia positivistas de Augusto Comte. É assim que em 10 de setembro de 1880 vem a público o jornal *O Pensador*.

1.4. A imprensa do Maranhão

Em junho de 1878, São Luís do Maranhão ganhou um novo bispo, Dom Antônio Cândido de Alvarenga. Este mandou vir de Belém o cônego João Tolentino Guedelha Mourão, para assumir os cargos de vigário geral e diretor do seminário maranhense. Dom Antônio e o cônego João contavam com a colaboração do padre Raimundo Alves da Fonseca, que além de professor de filosofia no Liceu Maranhense era jornalista.

Dom Antônio procurava trazer novamente à Igreja a credibilidade que a instituição havia perdido. Em 14 de agosto de 1880 lança o periódico *Civilização*, que traz como subtítulo: “Órgão dos interesses Católicos”. João Mendonça Cordeiro apresenta em seu *O Mulato: cem anos de um romance revolucionário* (1987), um breve histórico deste periódico:

Era, como estampava no cabeçalho, um “periódico hebdomadário, órgão dos interesses católicos”. Circulava também três vezes por mês, aos sábados. Sua redação e tipografia estavam localizadas no próprio Seminário Santo Antônio. Trazia, como dístico, o versículo VIII, 32 de São João: *Cognoscetis veritatem et veritas liberabitvos*²¹. (CORDEIRO, 1987, p. 80-81).

²¹ Conhecereis a verdade e a verdade vos livrará.

Em 10 de setembro de 1880, *A Civilização* passa a ganhar um combatente dentro da imprensa maranhense; *O Pensador*. O artigo assinado por Manoel de Bithencourt, presente no primeiro número do periódico, deixava bem claro seu espírito anticlerical:

O presente jornal só tem um fim: combater esse espírito sacerdotal que tanto sangue tem custado à humanidade. Não batemos os homens que o defendem, vimos apenas declarar guerra à idéia de que fazem sustentáculos. Combateremos a reação. Sem combate não lhe abandonaremos as consciências de nossos concidadãos. Seremos talvez vencidos. Não importa: o porvir nos suscitará vingadores. Nosso programa é extenso como pode ser a esfera do pensamento humano. Pensamos, e pensar é fazer o bem, porque pensar é livre, e ser livre é ser bom. Pensar é o contrário de crer. A Igreja crê, porque sonha a escravidão universal. Nós pensamos porque sonhamos a liberdade da espécie humana. Vós, padres de Roma, credes, porque explorais a mina da credulidade. Nós pensamos porque queremos devassar os mundos em que existem os germens dessas grandes idéias que se chamam direito, justiça e liberdade. Vós quereis ser úteis a vós mesmos; nós procuramos sê-lo aos nossos concidadãos. Tal é o programa do *PENSADOR*: pensar e só pensar. Pensar é rasgar os horizontes do porvir. (BITHENCOURT, *apud* CORDEIRO, 1987, p. 71).

Duas seções do jornal eram assinadas por Aluísio Azevedo; *Ecos da Rua e Crônica*, que passaremos a analisar mais adiante. O que Aluísio Azevedo e seu grupo de jovens amigos buscavam era uma mudança profunda na sociedade maranhense, não apenas política:

O militantismo tomava sobretudo a forma de debates de idéias sobre a abolição da escravatura, a economia e as finanças, as relações entre a Igreja e o Estado, a Democracia e a República, ou sobre questões de atualidade como o nihilismo na Rússia no início de 1880 ou a reforma da lei eleitoral a partir de janeiro de 1881. (MÉRIAN, 1988, p. 150).

Em 11 de março de 1881, o padre Batista proferiu um sermão violento contra os maçons e os inimigos da Igreja Católica. Artur Jansen Tavares decide responder ao sermão do padre em crônica de *O Pensador*.

S. Revma. parece-nos ser bastante jovial ainda; julgamo-lo até uma criança pela imprudência com que se portou no púlpito para com o povo que, na nossa humilde opinião, deveria ter-lhe puxado as orelhas, como fazemos ao moleque que na rua não nos guarda o devido respeito. Aceite e procure seguir o que acima fica dito. Afaste-se também do paço episcopal, onde germina a ignorância ao lado do crime; recuse as malévolas insinuações que, contra nós, lhe faz o Rev. Cônego João Tolentino Guedelha Mourão, se não almeja filiar-se a essa horda de bandidos que, covardemente, só nos assalta nas trevas. (TAVARES, *apud* MÉRIAN, 1988, p. 161).

O clero imediatamente aciona o jornal. O caso vai parar na justiça. Os jovens escritores redigem um documento responsabilizando-se pelo artigo, porém, como se tratava na sua maioria de menores de idade ou estrangeiros, o impressor é responsabilizado.

De fato, foi a imprensa maranhense o principal meio de combate utilizado pelos jovens pensadores. Após o surgimento de *O Pensador*, outro periódico viria juntar-se a este no combate as velhas estruturas da sociedade maranhense, *Pacotilha*. Na opinião de Humberto de Campos, *Pacotilha* foi o periódico mais bem escrito do Brasil.

Outro jornal de grande importância na imprensa maranhense da época é, sem dúvida, *O País*, lançado em 1863 e publicado até 1884, dirigido e fundado por Temístocles Aranha, pai do escritor Graça Aranha. Segundo João Mendonça Cordeiro, “*O País* caracterizava-se por ser um jornal sereno, tanto quanto possível imparcial, eqüidistante sobretudo das facções políticas, religiosas e anti-religiosas, então em acirradas contendias.” (CORDEIRO, 1987, p. 85).

Foi na tipografia d’*O País* que se imprimiu a primeira edição de *O Mulato*, em 1881, romance que cairia como “autêntica bomba” (CORDEIRO, 1987, p. 34) no já acirrado combate entre clero e livres-pensadores; livres-pensadores e as antigas instituições da sociedade maranhense. Dois dias após a primeira audiência do processo gerado pela crônica de Artur Jansen Tavares, surge *O Mulato*.

1.5. *O Mulato*, 1881

Em 10 de janeiro de 1881, encontramos no periódico maranhense *O Pensador* a seguinte notícia: “‘*O MULATO*’. Com este título será no princípio do mês vindouro

publicado um romance do Sr. Aluísio Azevedo, no qual o autor propõe-se a argumentar abusos religiosos, que se dão nesta cidade.” (PAMPADOUR, Sórór, *apud* CORDEIRO, 1987, p. 73).

Dois meses depois, o mesmo periódico trazia uma curiosa nota: “Acha-se entre nós o Dr. Raimundo José da Silva, distinto advogado que partilha de nossas idéias e propõe-se a bater os abusos da Igreja. Consta-nos que há certo mistério na vida deste cavalheiro.” (PAMPADOUR, *apud* CORDEIRO, 1987, p. 73). O misterioso cavalheiro era nada mais que o protagonista do futuro romance de Aluísio Azevedo, Raimundo. Já se começa assim a chamar a atenção do público para o romance, que seria publicado um mês depois.

Em sete de abril de 1881, uma quinta-feira, o *Diário do Maranhão* passava a anunciar o lançamento do romance, que aconteceria no domingo seguinte: “O *MULATO*. Romance maranhense de Aluísio Azevedo. SÁBADO.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 68). O mesmo periódico antecipa o lançamento do romance, no dia seguinte, oito de abril: “GRANDE SUCESSO DO DIA! O *MULATO*. Romance de Aluísio Azevedo. Vende-se na redação de *O Pensador*.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 68).

Eis que chega o sábado, nove de abril de 1881, véspera de um domingo de Ramos. Boa parte dos periódicos maranhenses anunciavam com grande destaque o lançamento do segundo romance de Aluísio Azevedo: “Romance – Da tipografia do *País*, onde foi impresso, acaba de sair o romance – *O Mulato* de que é autor o talentoso maranhense, Sr. Aluísio Azevedo. A obra é oferecida a seu irmão, o Sr. Artur Azevedo. Agradecemos o exemplar com que fomos brindados. (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 69). E na mesma edição de *O Diário do Maranhão*: “O *MULATO*! O *MULATO*! Quem não estiver ainda servido com um volume de *O Mulato* e não quiser ficar sem lê-lo, queira dirigir-se à casa do popular e simpático Pachorra, à Rua das Barrocas, nº 17, onde encontrará à sua disposição alguns desses volumes. Preço: 3\$000 réis.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 69).

O *País*, em cuja gráfica fora impresso o romance, também anunciava o lançamento em nove de abril: “Grande sucesso do dia! O *MULATO*. Romance de Aluísio Azevedo. Vende-se na redação do *Pensador*.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 86).

Em 10 de abril de 1881, uma nota publicada em *O Pensador* liga uma das personagens do romance, o cônego Diogo, a uma pessoa real, membro do clero maranhense: “Saiu ontem *O Mulato* do nosso festejado cronista Aluísio Azevedo. Quem quiser conhecer o cônego Diogo, aquele tratante que tanto se parece com João Guedelhudo, agora é ocasião. Vende-se no nosso escritório à Rua da Palma.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 74).

Anúncios esporádicos sobre o romance foram publicados nos periódicos locais, chegando-se a anunciar em 10 de junho de 1881 a boa acolhida do romance na então capital do Brasil, Rio de Janeiro: “O *MULATO*, romance maranhense do nosso festejado cronista- Aluísio Azevedo, teve no Rio esplêndido sucesso por parte da Imprensa. É o caso de repetir-se o rifão – Ninguém é profeta em sua terra.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 74).

Tão boa acolhida não teve o romance em São Luís do Maranhão. Personagens como Maria Bárbara, Manuel Pescada, Dona Quitéria, o cônego Diogo e Luís Dias eram a síntese de pessoas reais, encontradas facilmente na sociedade maranhense, com seus costumes e características idênticas às presentes na narrativa.

É curioso notar que a má acolhida do romance, ao contrário do que podíamos imaginar, não representou um fracasso nas vendas do mesmo. A edição de mil exemplares esgotou-se rapidamente. Uma nota publicada no *Diário do Maranhão* dava conta disso, pouco mais de uma semana após a publicação do romance: “se bem que tão valioso serviço não pudesse ser completamente aproveitado, em virtude da escassez de número de volumes que lhe resta para servir ainda alguns leitores desta capital.” (*apud* CORDEIRO, 1987, p. 70).²²

Outras manifestações ocorreram, devido à polêmica gerada pela publicação do romance. Um dia após a publicação de *O Mulato*, *O País* já anunciava:

Grande sucesso da atualidade. Polka para piano *O Mulato*, composta e dedicada ao distinto maranhense Aluísio Azevedo e aos mais distintos redatores do *Pensador* por Antônio Raiol. Vendem-se na rua Madre de Deus nº 23.

²² Aluísio Azevedo também menciona o fato em crônica publicada em *A Gazetinha*, do Rio de Janeiro: “Hoje é muito difícil encontrar um volume d’*O Mulato*.” (AZEVEDO, 1883, In. AZEVEDO, 1938, p. 42).

Copiadas a capricho pelo fantasiador desenhista de música Horácio Azevedo e pelo autor. Exemplar de 1\$000 e 2\$000. (*apud* MÉRIAN, 1988, p. 263).

Alguns anos mais tarde, Aluísio Azevedo também escreveria uma peça intitulada *O Mulato*, que “retoma exatamente a intriga do romance, apenas o epílogo é modificado.” (MÉRIAN, 1988, p. 422). Mais uma vez a tese ajudava a causa abolicionista, inserindo o negro como personagem de destaque: “Enquanto o protagonista exala em cena o último alento, perdoando e perdoado, e aconselhando o infanticídio à mulher que ama, um preto trata, por sua conta e risco, para vingar Raimundo, de justificar o assassino Dias.” (*Artes e Artistas, O País*, Rio de Janeiro, 19.10.1884, *apud* MÉRIAN, 1988, p. 422).

Infelizmente esta peça é, hoje em dia, desconhecida do público, assim como boa parte da produção teatral de Aluísio Azevedo. Chegam até os nossos dias apenas algumas peças escritas em parceria com Artur Azevedo e Emílio Rouede, além de uma peça curta, *Fluxo e refluxo*, presente no volume *O Touro Negro* (1938). De qualquer maneira, mencionar a peça nos ajuda a perceber o sucesso provocado por *O Mulato*, capaz de gerar adaptações e releituras em outros meios artísticos.

Após a partida de Aluísio Azevedo do Maranhão, *O Pensador* chega a noticiar a publicação de uma segunda edição do romance no mesmo ano. Porém isso só aconteceria oito anos depois, com o romancista residindo definitivamente no Rio de Janeiro, longe das polêmicas das quais participou em 1880-1881 na imprensa maranhense.

1.6. As crônicas

Passemos agora a um estudo sistemático das crônicas²³ publicadas por Aluísio Azevedo na imprensa maranhense entre setembro de 1880 e agosto de 1881, data de sua partida ao Rio de Janeiro; e as crônicas publicadas em contraparte por Euclides

²³ Segundo João Mendonça Cordeiro, o jornal *O Pensador* circulava três vezes por mês, nos dias 10, 20 e 30. (CORDEIRO, 1987, p. 70).

Faria, no periódico *Civilização*, sob o pseudônimo de Joaquim Albuquerque, na seção *Por Cecas e Mecas*, de junho a novembro de 1881.

Cabe-nos apontar que estas crônicas estão recopiladas em sua integridade em *Aluísio Azevedo e a polêmica d'O Mulato*, volume número 167 da *Coleção Documentos Brasileiros*, preparado por Josué Montello. Mesmo que as crônicas de Aluísio Azevedo e Euclides Faria estejam integralmente publicadas no volume citado, faz-se notar a ausência de algumas crônicas e o equívoco em relação à data de publicação de muitas delas. Nestes casos, vamos valer-nos das crônicas apresentadas – não integralmente – por Jean-Yves Mérian em *Aluísio Azevedo: vida e obra (1857-1913)*, publicado em 1988. Como o próprio Mérian aponta, Josué Montello republica apenas as crônicas de Aluísio Azevedo originalmente publicadas em *O Pensador*, deixando de fora os escritos do autor de *O Mulato* em *Pacotilha*, onde assinava a coluna *Por mecas e secas*, além da colaboração do autor maranhense em *O País* e *Diário do Maranhão*.

Dada a impossibilidade de localizarmos tais textos para este trabalho, vou ater-me às crônicas publicadas em *O Pensador*, valendo-me também dos apontamentos de Mérian sobre as crônicas publicadas nos demais periódicos.

As crônicas de Aluísio Azevedo em *A Pacotilha* tentavam apresentar respostas e defesas às acusações feitas por Euclides Faria em *Civilização*. O autor de *O Mulato* atacava de frente o padre Fonseca, pois durante muito tempo acreditou ser ele o escritor escondido sobre o pseudônimo de Joaquim Albuquerque.

Em 1889, no prefácio escrito para a segunda edição de *O Mulato*, Aluísio Azevedo já reconhece Euclides Faria como o autor da seção *Por Cecas e Mecas*, no periódico *Civilização*: “Ah! minto! a *Civilização*, no seu numero de 23 de julho de 1881, publicou um longo artigo de um dos seus redactores mais illustres, o Sr. Euclides Faria (...).” (AZEVEDO, 1889, p. VII).

Curiosamente, quando desconhecia a identidade do real autor dos ataques, Aluísio Azevedo alude, em crônica de setembro de 1880, a certo “compadre Lourenço”. O tal compadre Lourenço aparecera em 1879 em *O País*, em uma espécie de correspondência em versos, dirigidas ao Compadre Tibúrcio. O autor de tais versos

satíricos era o mesmo que, anos mais tarde, criticaria Aluísio Azevedo em *Civilização*, Euclides Faria²⁴.

A crônica de Aluísio Azevedo, publicada em 10 de setembro de 1880 (apresentada como sendo de 30 de setembro, por Josué Montello), dava conta do surgimento do periódico *Civilização*: “veio desarranjar-nos completamente o organismo, perturbar-nos a digestão, fazer-nos enxaquecas, dispepsias!...” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 64). O autor maranhense aconselha seus conterrâneos a deixarem de ler tal jornal, afinal “uma folha religiosa devia ser contrariamente a promotora de ordem, da paz e não da guerra e da capoeiragem.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 65). Aluísio Azevedo ataca o clero de frente, afirmando não ver valor no trabalho do padre, “serviço sem valor real, sem verdadeira utilidade”. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 68). Em 30 de setembro, o romancista apontaria que os padres eram criaturas repugnantes, pois, não possuíam as coisas que os homens comuns tinham. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 79).

Mesmo assim, podemos notar que as primeiras crônicas não se voltavam unicamente ao combate à Igreja Católica. Aluísio Azevedo tratava de outros temas, como, por exemplo, nas crônicas de 10 e 20 de setembro, nas quais aborda as obras teatrais de Dumas Filho, especificamente a peça *O Bastardo*, e de Emile Zola. “O teatro é o templo das artes!” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 69), afirma o escritor maranhense, seguindo um pensamento semelhante ao de seu irmão Artur Azevedo, que além de ser um dos mais reconhecidos autores teatrais de seu tempo, também era cronista e crítico teatral²⁵.

Porém a religião era o assunto central em todas as crônicas. O embate ciência e religião foi alvo da crônica de 10 de setembro de 1880: “Outra coisa que também não aprovamos completamente – foi misturar S. S.^a ciência com religião. Quando a gente escreve um tratado patológico não precisa declarar que acredita em Deus e que

²⁴ Para um detalhamento da obra de Euclides Faria, ver: MONTELLO, 1975, pgs. 17-39.

²⁵ Parte das crônicas teatrais de Artur Azevedo foram reunidas recentemente, em uma edição de excelente acabamento gráfico, preparada por Orna Messer Levin e Larissa de Oliveira Neves. A saber : AZEVEDO, Artur. *O Theatro: Crônicas de Artur Azevedo (1894-1908)*. São Paulo: Unicamp, 2009.

tenciona ir no fim desta vida para o Céu ou para o Inferno.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 82).

Ao finalizar esta crônica, o romancista insere uma carta dirigida ao redator do periódico *Malho*, que em seu primeiro número criticara *O Pensador*. Como a grande maioria dos escritores se escondiam atrás de pseudônimos, Aluísio Azevedo ironiza ao final da carta, inserindo sua descrição física completa:

Vinte e três anos. Moreno e corado, nariz grande e aquilino, olhos rasgados, escuros e pestanudos, usa a barba raspada e um pequeno bigode de um *chic* pitoresco; altura regular, cheio de corpo e cabelos castanhos e lisos.
Sinal particular – Traz constantemente uma grossa bengala de carnaúba, de meia polegada de diâmetro e ferrada em ambas as extremidades.
A fotografia acha-se exposta na redação deste jornal. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 85).

Aluísio Azevedo, fiel discípulo de Emile Zola e do Naturalismo francês, começa a crônica de 20 de outubro de 1880, abordando a superioridade intelectual e artística da França: “Incontestavelmente a França é a sede do pensamento humano.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 87), e que seria inevitável a “imitação daquele invejável país” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 87) por Portugal e Brasil, dada a superioridade intelectual francesa. Para o cronista, no Brasil apenas havia a imitação: “É tudo imitado! é tudo cópia! é tudo servil!” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 89), e conclui:

Como não havemos de ter galicismos? como não havemos de adotar a França como senhora, se é ela quem nos dá os costumes, as lições, a nomenclatura científica, a literatura moderna, o realismo, o teatro, a arte, a política, o canção e o deboche? Se é ela quem nos ensina a observar o que se passa em torno de nós, quem nos explica o que nós somos, o que são os fenômenos naturais que na história de Portugal se acham explicados pelo milagre. Se é ela quem nos diz como devemos andar na rua, viver em casa – comer, beber, dormir e até multiplicar-nos; se é ela quem nos prescreve a moda, quem faz o caráter e os vestidos de nossa mulher e filhas, quem talha os pensamentos e as fardas de nossos ministros de Estado, de nossos conselheiros, se é ela quem destrói as nossas crises políticas e as nossas despesas?! Se é ela quem nos dá os tratados de economia política e o xarope La Rose?! (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 90).

Esta dependência francesa passava por todos os ramos da intelectualidade, como, por exemplo, a literatura. Na mesma crônica de 20 de outubro de 1880, Aluísio Azevedo já se mostrava completamente a par das idéias de Emile Zola sobre romance:

O próprio romance, tão fútil até aqui, quando hoje não se propõe discutir uma tese, demonstrar um fato, bater um preconceito, analisar um artigo do código, ou fazer qualquer outra coisa séria e útil, embora esteja ele bem escrito, há de passar despercebido e cair por fim no artigo das nulidades. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 88).

Será interessante quando analisarmos *O Mulato*, percebermos como Aluísio Azevedo usou a concepção de romance-tese apresentada acima. Mesmo que no prefácio a 2ª edição afirme não ter filiado seu romance a escola alguma: “Afianço que durante a gestação não me preocupei absolutamente com o efeito que o livro teria de produzir sobre o publico, nem tão pouco com a escola donde elle procedia.” (AZEVEDO, 1889, p. VI).

A França continuaria a ser focada em crônica de 30 de outubro de 1880, na qual o romancista aborda a pintura realista:

E, se nós pintamos, esculpimos e escrevemos à européia e não à brasileira, é porque o nosso pensamento, a nossa idéia, é puramente emprestada pela Europa, e dela recebemos nossa inspiração e nossa instrução, como por sua parte ela também a que possui da velha Índia, segundo o que diz Jacolliot na sua admirável Bible dans l'Inde. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 96).

E conclui: “nós somos mais franceses que outra qualquer coisa.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 96). A dependência literária, não só francesa, mas também a portuguesa, é exposta por Aluísio Azevedo. O romancista acreditava que uma boa literatura, absolutamente nacional, seria consequência natural de uma sociedade que oferecesse boas condições sociais, boa indústria, bons costumes e bons avanços no campo da ciência:

Antes é simples fantasia pensar em tal, porque mesmo se conseguíssemos ter uma literatura completa, não seria ela certamente a literatura do velho Portugal, conservada em flanelas e transmitida de filhos a netos, mas sim a literatura verdadeiramente brasileira, composta em parte do português, em parte do tupi e

em parte criada originalmente, de acordo com os nossos usos e costumes. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 96).

E termina a crônica afirmando abertamente: “não possuímos absolutamente caráter nacional.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 97).

A crônica do número seguinte de *O Pensador* atestava a filiação de Aluísio Azevedo ao Positivismo. O romancista atacava o jornal *Civilização*, que criticara Auguste Comte. O autor de *O Mulato* parte em defesa do filósofo francês, equiparando inclusive a Jesus Cristo:

Augusto Comte, a individualidade mais acentuada do nosso século, o maior benemérito da humanidade, depois de Cristo, a ciência feita homem ou o homem feito ciência, também é comicamente desrespeitado no tal jornal católico.

Sem analisá-lo, sem mostrar sequer que o leu, a *Civilização* entra a escarafunchar a vida privada do maior gênio do século, deixando uma nódoa parda em cada lugar que toca. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 103).

A partir deste número, Aluísio Azevedo passa a atacar os periódicos *O Malho* e *A Civilização* e toda espécie de fanatismo religioso. Uma carta que era entregue aos fiéis do Maranhão é destruída pelo romancista, que conclui:

Tua carta, querido Padre Eterno, é o sintoma mais triste e mais degradante do esto de embrutecimento fanático e de compacta ignorância do nosso povo!

É também um corpo de delito, contra a escandalosa especulação de alguns padres ou talvez de alguns tipógrafos velhacos que, em vez de trabalharem honestamente aos domingos, exploram gatunamente o estado de bestial credulidade em que se acha a maior parte da população maranhense. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 110).

Na primeira edição de *O Mulato*, como veremos adiante, Maria Bárbara é exemplo de alguém que se deixa explorar por “tipógrafos velhacos”, colocação que aparecerá na voz do próprio narrador do romance.

A literatura também voltaria a ser abordada em crônica de 30 de novembro de 1880, na qual Aluísio Azevedo afirma que a literatura local estava passando por “um marasmo insuportável”. Além de colocar o público como o principal elemento na cadeia autor-obra-público, o cronista aconselha um poeta de *A Pacotilha* a voltar-se para o Realismo: “Continue a escrever versos, por que S. S.^a tem jeito para a coisa, porém

deixe-se de lirismo e de amores infelizes e estude motivos realistas e sérios para as suas poesias.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 118).

Em 10 de dezembro de 1880, Aluísio Azevedo volta a demonstrar suas convicções positivistas ao apresentar como seria uma educação ideal oferecida às mulheres. Discurso bastante semelhante ao de Raimundo para seu tio Manuel em uma longa cena da primeira edição de *O Mulato*, como veremos no capítulo I da parte II deste estudo:

Para extinguir essa geração danada, para purgar a humanidade dessa sífilis terrível, só há um remédio – é dar à mulher uma educação sólida e moderna, é dar à mulher essa bela educação positivista, que se baseia nas ciências naturais e tem por alvo a felicidade comum dos povos. É preciso educá-la física e moralmente, prepará-la por meios práticos e científicos para ser uma boa mãe e uma boa cidadã – torná-la consciente de seus deveres domésticos e sociológicos – predispor-lhe o organismo para a procriação, evitar a diátese nervosa como fonte de mil desgraças, dar-lhe boa ginástica e uma alimentação conveniente à miutilidade de seus músculos, instruí-la e obrigá-la principalmente a trabalhar – o trabalho é a base da dignidade, da saúde e da afirmação no dever. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 127).

A colocação defendida anteriormente por Aluísio Azevedo sobre o romance realista, que deveria apresentar uma tese, reaparece em crônica de 20 de dezembro de 1880, porém, desta vez, o cronista aborda o teatro realista:

O público do teatro moderno, esse público que está convencido que o palco é uma escola, onde se discutem todas as questões científicas e sociológicas, onde se anatomiza a sociedade, onde se desfibraram os costumes, onde se dissecam os caracteres, esse público, já não admite trabalho algum teatral, que não se proponha defender uma tese, combater um preconceito, guerrear uma instituição, pulverizar um vício, estudar e desenvolver uma idéia ou propagar uma seita. Isso é que é o fim da arte moderna, seja com referência ao teatro, à pintura ou à escultura – a isso é que desejamos que S. S.^a se dedique com amor, com fé, com dignidade. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 130).

As crônicas de 30 de setembro de 1880 e 10 de janeiro de 1881 desmascaram alguns aspectos da religião maranhense; na primeira, a história do padre Nascimento, que, segundo o cronista, tinha casos com as mulheres que se confessavam com ele; a segunda, satirizando o cônego Mourão, que aparecia travestido de Satanás debaixo da batina.

Em um dos capítulos de *O Mulato*, temos a descrição de uma missa celebrada pelo cônego Diogo. O religioso usa não só de alguns subterfúgios visuais, como o uso de incensos e batinas enfeitadas, mas também de um excelente domínio da retórica para convencer os fiéis que assistem à missa. Em crônica de 20 de janeiro de 1881, Aluísio Azevedo aborda o fim dos oradores que abusam da retórica, com exceção dos padres, que ainda utilizavam tal técnica:

Deixemos que só os padres chorem, gritem e pintem o diabo no púlpito, porque esses enfim, coitados! precisam untar muito bem a pílula de seus sermões para a poderem engolir os parvos, porém todo aquele que tenha inteira confiança no valor de suas idéias e na lógica de seus raciocínios, dirija-se ao público sem afetação, sem patacoada, como em conversa, e diga-lhe o que deseja dizer-lhe, ou então escreva o seu pensamento e o publique em qualquer jornal. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 148).

A mesma crônica demonstra que Aluísio Azevedo não dirigia seus ataques apenas à Igreja, como também a política local, que da mesma forma deveria passar por uma profunda modificação. A carta do cronista dirigida ao “Ex.mo Senhor Comendador Joaquim Marques Rodrigues” é um exemplo da crítica severa e da ironia praticada por Aluísio Azevedo em suas crônicas: “Sejamos francos – V. Ex.^a que nos podia ser de grande utilidade é simplesmente um capitalista, que só pensa nos seus interesses e no seu bem-estar.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 149). E ao final da longa e insultuosa carta, debocha: “Ora, Senhor Comendador – um homem que faz destas, não deve ser Comendador, deve ser Barão. E por conseguinte, do alto destas crônicas de papelão, resolvemos, para glória de nossa terra, agraciar V. Ex.^a com o título de – *Barão das Pastorinhas!*” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 152).

Na crônica seguinte, Aluísio Azevedo desfere seu golpe contra toda a sociedade maranhense, da qual, segundo o autor, só se aproveitava “o caráter hospitaleiro de tuas famílias e a honestidade clássica de tuas mulheres.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 154). O cronista também aproveita para criticar a Igreja, afirmando que ninguém mais acreditava nos padres. Este não era um problema local e Aluísio Azevedo demonstra isso apresentando problemas ocorridos na diocese de Minas Gerais.

Nesta crônica de 30 de janeiro de 1881, também podemos perceber os dotes do romancista Aluísio Azevedo, presentes no início da crônica. A cena que descreve a sociedade do Maranhão se assemelha em grande parte às descrições feitas por Aluísio Azevedo em seus romances, como a da cena inicial de *O Mulato*. Na crônica, o painel apresentado por Aluísio Azevedo é o que segue:

Vamos atravessando uma época deliciosa – o Maranhão voga em um mar de rosas, impelido pelas brisas perfumadas do Anil e Bacanga.
Há na atmosfera um cheiro penetrante de baunilha e a preguiça arrepia a população numa volutuosidade cor de pérola.
Dança-se quase todas as noites, aos gemidos sensuais das rabecas, na embriaguez da valsa e do Xerez. As raparigas de quinze e vinte anos têm a pálpebra arroxeadas, o beijo trêmulo, o corpo mole e sofrem do baço. Os moços passam na rua ao meio-dia com a cabeça pendida, o olhar cheio de uma tristeza *chic*, a cabeleira longa e uma granada no dedo. Às vezes são bons rapazes, porém afetam o tédio ideal dos vadios ricos, que se aborrecem de tudo e salivam grosso. Homens, pais de família, às vezes carregados de filhos, passam horas perdidas no bilhar do Almeida ou no bazar Sumner – toma-se conhaque e joga-se o dominó. As mães de família vestem-se à Pompadour e devoram Escrich. Sobre as cômodas e dentro dos açafates de costura encontram-se Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, muito esfacelados pelo uso. Nas varandas, vê-se nas paredes Telêmaco, nu, a conversar com Calipso, que está em fralda. Toca-se a Traviata ao piano; os miseráveis passam na rua a dançar nos espasmos do beribéri, e os mendigos pedem esmola por amor da santíssima virgem, a cantar umas coisas líricas.
A cidade boceja – parece estar na ressaca de uma bebedeira, contudo à noite há sempre um pequeno movimento. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 152-153).

Na crônica do número seguinte de *O Pensador*, Aluísio Azevedo também se utilizará de alguns recursos caros à literatura. A primeira parte da crônica se assemelha a um conto, com a presença de um narrador, inserção de diálogos e personagens. Porém, ao final da narrativa, descobrimos tratar-se de um fato real, ocorrido no Maranhão. O autor chega a comparar um trecho da crônica com *Les Misérables* (1862), de Victor Hugo, e utilizar um verso de Casimiro de Abreu como epígrafe da mesma.

As crônicas de 20 de fevereiro a 30 de maio de 1881 intensificam o combate à Igreja. Aluísio Azevedo ataca o clero, as mulheres religiosas e dá destaque especial ao julgamento contra o periódico *O Pensador*²⁶. O cronista se mostra cansado de toda a

²⁶ Crônicas de 10 de abril, 30 de abril e 10 de maio de 1881.

polêmica, lutando com a obrigação de ter de escrever e levar as informações aos leitores:

E a ouvir estas palavras, nós vergamo-nos sob o tédio e tateamos a pena – é preciso escrever, é preciso contar ao leitor o que se passa conosco. Sentimos repugnância em tocar com os dedos nos miseráveis marionetes de que dispomos para divertir o público, mas temos de tocar. Ah! se pudéssemos fazer da pena uma tenaz! se pudéssemos ao menos espetar com ela a barriga destes miseráveis bonecos e expô-los numa tabuleta, como se expõe um gafanhoto seco.

Mas não! Temos rigorosamente de emporcalhar a ponta dos dedos – temos de falar na súcia! não lhe podemos exclamar com um bocejo: - Olá! seus futricas! rua! despachem o beco! É aviar, que temos mais o que fazer! – queremos dormir, ó trincas! (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 198).

As ciências positivas voltariam a ser mencionadas em crônica de 20 de maio de 1881. Nela, Aluísio Azevedo aponta para um descompasso entre o Positivismo e o governo monárquico:

Falemos claro – o governo monárquico é incompatível com as ciências positivas, das quais se faz adepto ultimamente o nosso bom monarca.

A monarquia não pode existir sem a metafísica, como o governo do papado não tem razão de ser sem a teologia, como o governo republicano só se acomoda com a filosofia positivista. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 203).

Como vimos anteriormente, Aluísio Azevedo baseava suas críticas contra a religião e o Império, partindo dos princípios centrais do pensamento positivista. A citação anterior, mais uma vez deixa isto claro, mostrando como eram incompatíveis o governo monárquico e a Igreja com o Positivismo praticado pelo romancista.

Em 30 de maio de 1881, além de noticiar a morte de Frederico José Correia, “um dos homens mais notáveis do Maranhão”, Aluísio Azevedo desfere sua crítica contra a *Civilização*:

Por tudo isto não poremos dúvida em ficar de acordo, contanto que a *Civilização* se digne confessar-nos, cá em segredo, que diabo de bebida tomam seus redatores na ocasião de escrever a folha.

A trapalhada que vem no último número da *Civilização* só pode ser explicada por um grande porco.

Ora, se a coisa é esta, cumpre-nos declarar que a devota folha faz muito mal em andar tomando suas bebedeiras para insultar quem passa sossegado seu caminho.

Beba-lhe! que diabo! – beba-lhe à vontade, mas faça como aconselha o virtuoso autor do “Todos bebem”: meta-se em casa e não incomode o magistério!
 Por conseguinte, visto não podermos responder com a ponta do nosso chicote, a todas as insolências que disse a *Civilização* a respeito do cronista d’O Pensador, respondemos com as seguintes palavras:
 VAI COZER A MONA, SUA PIRUA! (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 210).

As ironias de Aluísio Azevedo em *O Pensador* não ficavam sem respostas e novos ataques em *Civilização*. Para isto, lá estava Euclides Faria, sob o pseudônimo de Joaquim Albuquerque. Passemos agora a analisar as crônicas de Euclides Faria, respostas diretas às crônicas de *O Pensador*, como as de Aluísio Azevedo.

1.7. Euclides Faria X Aluísio Azevedo

Aluísio Azevedo inicia sua crônica²⁷ de 10 de junho de 1881 abordando a polêmica entre a Igreja e os jovens livres-pensadores: “Continua esta boa província a sofrer o sobressalto de nervos, em que a deixou a moderna luta religiosa – os ânimos pululam sobreexcitados e só procuram uma engrenagem da grande roda do livre pensamento para aplicarem sua atividade.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 211).

Dois eram os alvos religiosos de Aluísio Azevedo nesta crônica: o cônego Mourão, “miserável inseto”, e o periódico *Civilização*. Contra este último, o cronista pedia que a população agisse com indiferença para com seus redatores:

Não somos padres, não somos ministro da Igreja, mas, longe de aconselharmos que escovem o pêlo dos homens da *Civilização*, pedimos encarecidamente aos nossos correligionários de idéias que se compadeçam desses desgraçados e perdoem-lhes os desaforos cometidos.
 Os pobres padres não têm culpa do que fazem, coitados! – São vítimas inconscientes do meio em que sempre viveram.
 Sem amor, sem trabalho, sem dinheiro, sem dignidade, perderam por uma vez, todas as faculdades que distinguem o homem e ficaram reduzidos a simples autômatos, movidos por um instinto bestial.

²⁷ Segundo João Mendonça Cordeiro, o jornal *Civilização* circulava três vezes por mês, aos sábados. (CORDEIRO, 1987, p. 80). Na realidade, pelas datas apresentadas nas crônicas aqui analisadas, o periódico circulava a cada sete dias.

Não os castiguem, não os maltratem! por quem são – não batam nesses restos humanos, porque isso equivaleria a bater em cadáveres. Deixem-nos viver pra aí. Para castigo, basta-lhes o desprezo da sociedade. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 214).

Euclides Faria não tinha o mesmo espírito pacificador. Em crônica de 11 de junho de 1881, o escritor ameaça um dos colaboradores de *A Pacotilha*, que atendia pela alcunha de Linho; nada mais nada menos que Aluísio Azevedo:

Estás enganado comigo. Hei de virar-te pelo avesso, esquartejar-te e deixando cada quarto em cada ponto cardeal, pendurar-te as tripas nos lampiões quebrados, de modo que o rapazio de pé fresco passando cante teus feitos em prosa e verso. E verás. Hei de apurar-te a gordura de que tanto te jactas e acender com ela um farol, uma pira em S. Marcos e em falta do tiro, iluminarás toda a barra, quando entrar a esquadra de El-Rei D. Basbaque. De tua boa musculação, que tanto alardeias, farei umas cordas de rabeção, que tocará no casamento... do diabo, teu amigo e em que tanto falas. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 249).

Sete dias depois, Euclides Faria volta a insultar Aluísio Azevedo, não só no aspecto intelectual, como principalmente no seu aspecto físico: “Verdade é que o Sr. Fulano é rapaz musculoso, de saúde de ferro, não é feio, se janta bem, ceia melhor, se o dinheiro não lhe regurgita no bolso, também não lhe falta”. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 250). E ironiza ao afirmar que Aluísio Azevedo acreditava ser um grande literato:

Quando se trata de um artigo, sobre matérias religiosas, que no meu Zote produzem o mesmo efeito que a cruz diante do focinho do diabo, ei-lo anêmico, e supondo achatar o mundo, com um murro, solta um Amen! Deus o favoreça! e outras tolices sem espírito nem lógica, e depois passa a mão pela barba, afaga os bigodes, e diz: Sou um grande literato. Debalde procurais nos escritos desse tagarela uma discussão que instrua, uma pilhéria que alegre, coisa que se aproveite. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 252).

A resposta do autor de *O Mulato* vem imediatamente, na edição de *O Pensador* publicada dois dias depois da edição de *Civilização*: “Acabamos de ler a *Civilização* de ontem e, tão carregada vem a nosso respeito, que por um triz faltávamos com a

promessa de responder ao que no número passado disse ela a respeito de nós.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 215).

Aluísio Azevedo afirma ser ele o mesmo cronista da *Pacotilha* para quem foram dirigidos os ataques em *Civilização*, que, segundo ele, sempre jogou sujo em suas críticas: “Esse cronista de que se trata é este criado de V. Ex. as. O que ali fica dito nenhum valor tem certamente para quem conhece o que é a *Civilização*, qual o modo por que esse jornal faz guerra a qualquer pessoa e quais as armas de que lança mão, quando se quer desfazer de um inimigo que o incomoda, (...)”. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 216).

O cronista tenta convencer os seus leitores do quanto era prejudicial terem confiança nos padres, principalmente as mulheres casadas que corriam o risco de se verem seduzidas pelos religiosos:

A mulher honesta deve desconfiar do padre, porque o padre não pode esperar da mulher honesta senão o desprezo.
A mulher honesta deve pertencer de corpo e alma a seu marido, e quando o padre se aproxima dela é para colocar-se como um espectro sombrio entre os dois. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 217).

Euclides Faria, sob o pseudônimo de Joaquim Albuquerque, abria a crônica de 25 de junho de 1881 falando em defesa própria:

Albuquerque tem educação; critica mas não injúria; chega mesmo a enterrar as unhas, até sair sangue, passa escova de casca de coco, até sair cinza de todas as cores; mas fá-lo somente para verberar a petulância, a mediocridade pedante e atrevida até o idiotismo.
Albuquerque, porém, sabe fazer tudo isto sem descer as pessoas, sem injúrias boçais, que manifestam almas empanturradas, corações torpes, criaturas de baixa extração. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 254).

O resto da crônica é dedicado a apontar manias de Aluísio Azevedo. Todas elas, mais uma vez, passavam pela exposição de aspectos físicos do romancista, em quem, segundo Euclides Faria, “a leitura produziu o mesmo efeito que os romances de cavalaria em D. Quixote: imaginação exaltada.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 255).

A primeira das manias de Aluísio Azevedo, apresentadas pelo cronista de *Civilização*, era louvar-se. Apenas o primeiro parágrafo deste trecho nos dá a idéia do teor da crônica de Euclides Faria:

Ele é bonito, musculoso, tem bom estômago, engole três léguas de um fôlego, rema como um tubarão, nada como peixe-boi, dá bordoadas, quebra queixos, tem instintos facínoras ou sanguinários, sem que fale fino, todos o conhecem; a humanidade inteira nele crava os olhares, o pai Adão lá do alto topo da imensa e vetusta pirâmide das gerações idas, nele tem os olhos, o último racional que há de respirar neste vale de lágrimas no fim dos tempos, já o conhece e para completar o quadro, os macacos, tatus, tejuas, toda a bicharia, as universais alimárias: tudo se ocupa dele, fazem-lhe zumbais, coaxados, torneios, zigzagues, requebros, um canção dos trezentos, o diabo; digamos logo o nome do amigo do Zote, pois em todos os trabalhos, ele sempre arremata com o... diabo. (FARIA, apud MONTELLO, 1975, p. 255).

“A mesa” é a segunda das manias de Aluísio Azevedo expostas na crônica: “Dele se pode dizer como de certos glutões do paganismo: *quorum deus venter est*, o deus dele é o estômago. Oh! alarve!” (FARIA, apud MONTELLO, 1975, p. 257).²⁸

Euclides Faria passa a analisar, em crônica de 02 de julho de 1881, algumas características que acredita serem recorrentes nos escritos de Aluísio Azevedo: “Não passa ele de meia dúzia de palavras e idéias decoradas, pilhadas aqui e ali...” (FARIA, apud MONTELLO, 1975, p. 260); “tudo é histérico e histerismo!” (FARIA, apud MONTELLO, 1975, p. 261); “Pode-se dizer que o tal homem sofre de histerismo: no seu pensar as pedras, os troncos, os brutos, os racionais (em cujo número forceja ele para entrar) todos sofrem de histerismo. Achou bonito o termo; que lhe faça bom proveito: pode brilhar.” (FARIA, apud MONTELLO, 1975, p. 261).²⁹

²⁸ No material recolhido por Josué Montello em *Aluísio Azevedo e a polêmica d'O Mulato* falta a crônica de Aluísio Azevedo publicada em *O Pensador*, de 30 de junho de 1881. Jean-Yves Mérian apresenta alguns trechos desta crônica em *Aluísio Azevedo: Vida e obra (1857-1913)*, porém, como o assunto abordado por Aluísio Azevedo – as mulheres maranhenses – volta a aparecer na crônica seguinte, publicada em 10 de julho de 1881, apenas vou ater-me à última.

²⁹ Curioso apontamento de Euclides Faria que nos permite verificar o uso de algumas declarações infundadas nas suas argumentações. A histeria aparece apenas em poucas partes da primeira edição de *O Mulato*. Até 1881, Aluísio Azevedo apenas havia publicado este romance e o sentimental *Uma Lágrima de Mulher* (1879). Se a crônica tivesse sido publicada após a publicação de romances de Aluísio Azevedo, como *Casa de Pensão* (1884) e *O Homem* (1887), o argumento poderia ser melhor validado.

Euclides Faria também aponta para uma influência do Naturalismo português na obra de Aluísio Azevedo. “Além disto nota-se uma imitação servil de alguns escritores portugueses, como Eça de Queirós, R. Ortigão, G. Junqueiro, etc, etc.; mas imitação miserável, sem o menor gosto nem critério. Imitam o que esses literatos têm de pior, de mais errôneo e reprovado até pelos amigos e escolas a que pertencem.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 261).

No capítulo seguinte deste estudo, veremos como esta idéia foi repassada ao longo do tempo pela crítica literária brasileira.

Em nove de julho de 1881, Euclides Faria começa a crônica denunciando a existência de uma literatura imoral, “de uma obscenidade bestial.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 263). Mesmo não simpatizando com as idéias de Ramalho Ortigão, um dos adeptos deste novo tipo de literatura, Euclides Faria reconhece no escritor português “brilhante talento, verve engraçada, imaginação fecunda, pelo que seus trabalhos críticos agradam e às vezes instruem.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 264). Porém o cronista do *Civilização* critica Aluísio Azevedo por querer “brilhar à R. Ortigão.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 265).

Mais uma vez Euclides Faria volta a apontar o histerismo como uma mania dos escritores realistas: “São mui tolos esses nossos novos literatos realistas; literatos do tutano, dos bifes mal assados, das piruetas, cambalhota e banhos frios, para evitar o histerismo, a clorose, etc.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 266).

O descompasso existente entre uma literatura nacional e uma literatura realizada a partir do modelo estrangeiro também era apresentado por Euclides Faria:

Tal é o nada da nova literatura realista, que surge às margens do Bacanga! Balofa como serragem, é uma verdadeira palha, é pó, plumagem, penugem, sutil lã de cágado, encarquilhada, esfarrapada, cores locais que não temos, fatalidades, que desconhecemos, linguagem que ignoramos; porque tudo é copiado, imitado, parodiado, roubado, pilhado, cosido, cerzido, alinhavado e empacotado numa trouxa tão desajeitada que parece um ninho de rato; e pelo desalinho, bem mostra que por ali passou mestre diabo... (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 267).

Saberia Euclides Faria que o conceito de romance também foi, para utilizarmos seu próprio termo, “trazido de uma forma estrangeira”? É claro que a afirmação de que

o Naturalismo precisava moldar-se à nossa literatura é um ponto que seria tocado por boa parte da crítica literária do final do século XIX, como em Sílvio Romero e Araripe Júnior, porém não era uma crítica como a de Euclides Faria, que criticava a importação de idéias quase que simplesmente por criticar.

O cronista do *Civilização* também buscava na mesma crônica uma imitação de Eça de Queirós nos romances de Aluísio Azevedo.

O autor de *O Mulato* não responderia às críticas de Euclides Faria na edição de 10 de julho de 1881 de *O Pensador*, pois continuaria a focar sua atenção na mulher maranhense: “A mulher maranhense já conhece os seus deveres, e repele o padre – não como um homem perigoso, coitado! porém como um objeto de luxo que já caiu de moda.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 222).

Já Euclides Faria continua sua crônica de 16 de julho de 1881 do ponto onde parara a crônica anterior, criticando a imoralidade da nova literatura e a buscar a imitação de autores portugueses, principalmente Eça de Queirós, nos romances de Aluísio Azevedo. Porém, desta vez, também aponta para alguns filósofos lidos e imitados pelo autor de *O Mulato*:

O Zote leu algumas dessas diatribes, repassadas de protestantismo, racionalismo e materialismo, como o *Crime do Padre Amaro*, torpe romance de Eça de Queirós; leu talvez o virulento panfleto de Michelet e disse lá consigo: é agora! mato os Padres e a Religião! adeus Cristianismo! Quem diria? Voltaire, Strauss, Renan, escreveram e nada fizeram. Agora, porém, vai um simples Zote das margens do Bacanga acabar com o Catolicismo! que assombro! quem o pensaria!... E toca o Zote a dizer dislates e a espernear no meio da casa como *l'enfant terrible*. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 272).

Euclides Faria também afirma que passaria a fazer uma análise de *O Mulato*, o que de fato começa a acontecer no número seguinte de *Civilização*.

Nesse meio tempo, Aluísio Azevedo publica uma crônica em 20 de julho de 1881, abordando a ociosidade dos padres: “o padre não trabalha e quer que nós trabalhemos para encher-lhe o bandulho.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 226).

Seria a crônica publicada em 23 de julho de 1881 por Euclides Faria, a citada no prefácio à segunda edição de *O Mulato*. Nela, Euclides Faria afirma ser “uma terrível

maçada” ter que analisar o romance: “Revolver tal romance, cotejar, apontar, refutar, criticar; não valia a pena. A obra é dessas que a gente vê, encolhe os ombros e a deixa passar para os embrulhos de comida nas vendas.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 274). Ao começar a análise, o cronista ataca Aluísio Azevedo e seu romance:

Segundo a vontade do Zote e suas afirmações, eis aí um romance realista; o primeiro pepino que brota na ilha, pertencente à nova escola naturalista ou realista.

É muita audácia, ou muita ignorância ou ambas as coisas ao mesmo tempo! É contar demais com a ignorância dos leitores, com a benevolência da crítica nacional, e julgar os outros por si.

Permita o jovem Zote que me admire ainda uma vez! sua compreensão (como se diz na escola realista) sobre o realismo é de eternas luminárias! Dizer que *O Mulato* é um romance realista, é querer debicar os leitores, e em tal caso melhor seria fechar os livros, ir plantar batatas, e jurar com o antigo rifão:

*Abraçou o asno com a amendoeira
E acharam-se parentes.*

O Mulato é um trabalhozinho alambicado, servil imitação estrangeira; e em certos pontos miseravelmente plagiado, como hei de demonstrá-lo, fazendo paralelos: é um monte de retalhos de vários autores; o mais é do Zote. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 275).

Aponta ainda que Aluísio Azevedo não tinha nem a mais fraca idéia dos processos caros à escola realista e que antes fosse trabalhar na lavoura do que colocar-se a escrever romances: “À lavoura! meu Zote, à lavoura! precisamos de braços e não de prosas, ou retóricas em romances: isto sim, é real. A agricultura felicita os indivíduos e enriquece os povos: à lavoura! à foice! e à enxada! *Res non verba.*” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 277).

A crônica é encerrada com mais comparações entre *O Mulato* e os romances de Eça de Queirós. Assunto que também inicia a crônica seguinte, publicada em 28 de julho de 1881: “Bacon com sua grande experiência e alta filosofia, diz-nos que nada há mais perigoso do que o meio saber. E é verdade. Aí está o Zote, que engolindo dois romances de Eça de Queirós, e não sei se *Naná* de Zola, quer fazer do pobre Maranhão uma outra ilha das galinhas.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 279).

Euclides Faria passa então a apresentar sua concepção de romance realista; não “o sinônimo de obscenidade”, e sim “o positivismo na arte”. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 281).

Dois dias depois, a 30 de julho de 1881, Aluísio Azevedo publicaria uma crônica em *O Pensador* com o título *Uma carta aos meus amigos do Sul*. Nela, dava conta do recebimento de notícias na imprensa e em cartas particulares de tudo o que se falava na capital sobre *O Mulato*. O romancista lamentava que só três meses após a publicação do romance o Maranhão começara a escrever sobre ele, e isso apenas em *Civilização*, nas crônicas de Joaquim Albuquerque. Aluísio Azevedo transcreve a crônica de Euclides Faria de 23 de julho, mas demonstra claramente não saber quem era o autor por trás do pseudônimo de Joaquim Albuquerque: “Cremos que a devemos à religiosa pena do Sr. Padre Raimundo Alves da Fonseca. Por ela poderão vocês julgar do modo por que a *Civilização* julga um trabalho literário.” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 229).

As críticas de Euclides Faria ao romance de Aluísio Azevedo continuariam na crônica de seis de agosto de 1881. O cronista tenta encontrar uma chave de leitura para o romance: “Será o *Mulato* um romance realista psicológico?” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 284). Chave esta que será descartada pelo cronista, pois, segundo ele, os personagens do romance são “completamente falseados”. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 284).

Um dos equívocos cometidos pelos autores que se diziam realistas era, para Euclides Faria, a cópia exagerada daquilo que Eça de Queirós tinha de defeituoso: o aspecto anti-religioso de seus romances. O cronista do *Civilização* inclusive aponta Eça de Queirós como um imitador de Emile Zola: “A irreligião de seus personagens não é uma agressão brutal, se excetuarmos o *Crime do Padre Amaro*, romance aliás copiado do *Padre Mouret* de Zola.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 286).

Ao final da crônica, Euclides Faria comenta sobre a segunda edição de *O Mulato*, prevista para ser lançada no Rio de Janeiro, e não mais no Maranhão como vimos anteriormente: “Diz o Zote que no Rio vão tirar uma nova edição do *Mulato*! Ah! melhor seria mandar para lá os que estão empilhados aqui.” (FARIA, *apud*

MONTELLO, 1975, p. 287). Se buscarmos nos periódicos da época, publicados no Maranhão, veremos que a venda do romance ia muito bem, e que de fato, como o próprio Aluísio Azevedo afirmaria mais tarde, a primeira edição havia se esgotado rapidamente, ao contrário do que afirma ironizando Euclides Faria nesta crônica.

Aluísio Azevedo deixaria de lado as críticas ao seu romance, para concentrar suas atenções em denunciar aquilo que, para ele, eram os grandes males da sociedade maranhense. Em crônica de 10 de agosto de 1881, relembra uma triste história ligada a escravidão, ocorrida em sua infância. Retomemos o relato feito pelo romancista, que será ilustrativo do conceito de escravidão e preconceito abordado por Aluísio Azevedo em *O Mulato*:

Um dia, em que andava eu nas costumadas estripulias, meti-me pelo interior do convento com a intenção de encontrar qualquer motivo para alguma nova brincadeira, quando, ao passar por um quarto gradejado de ferro, ouvi gemidos dolorosos e oprimidos, como de alguém que tivesse receio de ser ouvido.

Procurei descobrir o que aquilo era e com efeito, depois de encarapitar-me na grade de uma das portas, percebi que naquele quarto sombrio e úmido estava alguém.

E à proporção que meus olhos se habituavam à escuridão fui descobrindo em um dos cantos da prisão um desgraçado mulato, preso pelas pernas em um tronco.

Eu não sabia ainda o que diabo era um tronco e só com dificuldade cheguei a conceber aquele instrumento abominável de suplício.

O mulato, quando me viu, deixou de gemer e voltando com dificuldade a cabeça, riu-se do modo mais idiota e estúpido que é possível imaginar. Eu senti um arrepio percorrer-me o corpo e tive nojo do que via.

O tronco estava colocado no chão e fechado em uma das extremidades por um cadeado de ferro; podia constar de seis buracos para pernas e uns dois para pescoço.

O mulato teve a fortuna de não ocupar nenhum dos buracos do pescoço – estava preso pelas canelas, em uma posição incômoda – assentado no chão – as pernas um tanto encolhidas, corpo vergado para frente, e os braços virados para trás, amparando-o.

Eu via-lhe o corpo nu – as largas espáduas, afeitas ao trabalho e ao chicote, o pescoço nervoso e distendido pela imobilidade do corpo, via-lhe os bíceps cheios de veias contraídas.

Ele, de vez em quando, voltava a cabeça e ria-se para mim, com uma resignação covarde – afigurava-se-me um bicho, um monstro.

Fiz-lhe algumas perguntas a respeito daquele suplício – ele respondia com a maior calma, como se aquilo fosse a coisa mais natural deste mundo.

Afinal pediu-me um cigarro – eu atirei-lhes os cigarros que tinha no bolso. Ele deixou-se cair de costas no chão e arrastou-se para apanhá-los com os dentes. Depois atirei-lhe a caixa de fósforos e fiquei distraído a ver a ginástica que o desgraçado fazia para acender um cigarro.

Quando saí dali estava aborrecido e triste. Aquele castigo covarde e torpe, aquele desrespeito à moral cristã e social indignavam-me a ponto de despertar-me no coração uma idéia má – tive vontade de incendiar o convento. Nesse dia o Dr. Tibério não se queixou de minhas diabruras e pela primeira vez eu considerei minha pátria uma terra miserável, porque consentia, autorizava com uma lei escandalosa – o escravo. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 234).

Este relato, beneficiado pela técnica romanesca utilizada por Aluísio Azevedo, é emblemático do combate contra a escravidão realizado pelo romancista maranhense, e que, como veremos na segunda parte deste estudo, será ampliado na segunda edição de *O Mulato*, publicada muito próxima da data da abolição da escravatura no Rio de Janeiro.

Enquanto Aluísio Azevedo combatia os males da escravidão e o apoio que esta recebia da Igreja, Euclides Faria continuava a afrontá-lo em crônica publicada em 13 de agosto de 1881: “desengana-te, meu tareco, não dás para as letras, vai plantar mandioca; deixa a pena, toma a enxada; nunca chegarás a realista: quando muito, lá para as calendas gregas, serás um rabiscador choramingas e piegas.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 287). O cronista afirma que *O Mulato* não pertencia ao Realismo, e que na realidade era um emaranhado de diversos gêneros literários: “*O Mulato* é romance de intrigas, de costumes, de paixões, íntimo, descritivo, poético, idealista, trivial, trágico, satírico, pedagógico, político, social, religioso (por antagonismo), histórico, fantástico... e até pateta, sendo este o seu lado mais bem caracterizado.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 289).

Euclides Faria passa então a identificar alguns dos gêneros presentes no romance, como o fantástico, e apontar para o aspecto irreal da narrativa. Ao final desta abordagem feita ao segundo romance de Aluísio Azevedo, o cronista conclui: “A literatura não é uma arma vil de ferir e injuriar os indivíduos e as classes sociais; é uma arte nobre, que eleva o espírito e corrige os vícios. Neste ponto *O Mulato* não é romance: é calúnia viva de casaca e chapéu redondo.” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 291).

O cronista de *Civilização* volta a fazer comparações entre a obra de Aluísio Azevedo e Eça de Queirós, na crônica publicada em 20 de agosto de 1881, chegando este a fazer algumas comparações forçadas entre as obras dos dois romancistas: “O

Sr. Eça de Queirós principia o *Primo Basílio*, representando cenas e quadros numa estação de calor: o *Mulato* também faz a mesma coisa...” (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 295); e passa a tentar desmontar a cena apresentada por Aluísio Azevedo, levando seu leitor a perceber que no Maranhão os fatos não se apresentavam como descritos no romance.

A crônica de Aluísio Azevedo, publicada no mesmo dia, fazia o leitor encontrá-lo “com um pé no estribo” (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 237), pois partia em definitivo para o Rio de Janeiro. O romancista aproveita para ironizar, declarando a morte antecipada do Bispo:

E então eu tomarei a minha pena e irei escrever com tinta cor-de-rosa na sepultura o seguinte epitáfio:

AQUI DORME ANTÔNIO, CÂNDIDO ATÉ NO NOME!
A INOCÊNCIA FEZ DELE UM MÁRTIR.
SERIA UM BISPO SE NÃO FOSSE UM IDIOTA.

Sou de V. Ex^a.
Amigo velho
(AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 241).

Porém Aluísio Azevedo não contava com uma enfermidade na garganta que o impediria de viajar, por mais uma semana.

Enquanto isso, Euclides Faria publica em 27 de agosto de 1881 uma crônica dando conta da partida próxima de Aluísio Azevedo para o Rio de Janeiro: “O Zote diz que se vai, mas se vai qual planta arrancada do pátrio solo e transportada a outras regiões, onde por muito tempo lhe cairão folhas e flores, até que se aclime! Pobre bife! (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 298).

Três dias depois, por sua vez, Aluísio Azevedo publica sua última e definitiva crônica em *O Pensador*, a 30 de agosto de 1881. Rebate as críticas pessoais que recebera, pede aos padres que continuem falando dele no jornal publicado por eles e passa a um chistoso inventário, onde deixa de herança aos seus amigos de periódico os membros do clero e do *Civilização*:

Vamos lá!

Tiremos o primeiro – É o Mourão!
 Fica-te com ele, Pinho! Tu, Pedro, toma conta do Fonseca; o Paulo, que se encarregue do Miranda; ó Artur, guarda para ti o Osório; Agripino, por seres o mais criança, cabe-te o Castro.
 E pronto! o saco está vazio!
 Ah! esperem! ainda chocalha cá dentro alguma coisa.
 Vejamos! – É o bispo!
 Quem quer o bispo?!
 Então ninguém quer?!
 O bispo!
 Ora sebo! Queres para ti o bispo, Ladislau?!
 Também não?!
 Ora esta! Pois o bispo será de quem quiser! porque eu também não o quero mais para coisa alguma!
 Ah! uma idéia! Vou anunciá-lo!

BISPO

Quem precisar de um com algum uso, porém ainda em estado de prestar serviço, pode-se dirigir ao escritório dessa redação, onde encontrará quem o sirva, mediante um preço muito razoável.
 Não se dá por amostra e nem se paga o carroto.
 E com esta- até a volta
 ALUÍSIO AZEVEDO (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 245-246).

O pedido de Aluísio Azevedo para que continuasse sendo tema das colunas do *Civilização* parece ter sido acatado à risca por Euclides Faria. Todas as crônicas seguintes escritas por ele, e compiladas por Josué Montello, publicadas entre três de setembro e 24 de novembro de 1881, continuam, mesmo que em pequenas citações, a abordarem *O Mulato* e seu autor: ora levantando mais comparações entre as obras de Aluísio Azevedo e Eça de Queirós (03/08/1881); ora abordando as classes sociais existentes em *O Mulato* (10/08/1881); ou mesmo dissertando sobre a negação a religião presente no romance (17/08/1881).

Na crônica de primeiro de outubro de 1881, Euclides Faria rebateria uma crítica publicada sobre *O Mulato* em São Paulo, afirmando que o crítico comprava uma idéia errada do Maranhão, caso acreditasse em tudo que era apresentado no romance. Na crônica seguinte, ironiza a chegada de Aluísio Azevedo ao Rio de Janeiro, descrevendo o seu desembarque e as primeiras impressões da cidade. E finaliza: “O que, porém, não admito é querer o Zote impingir-nos que ele seja alguma coisa, capaz de atrair atenção de gente séria, no Rio. Isto não! mil vezes não! Vá para o inferno! idiota será ele. (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 322).

As crônicas de 10 e 17 de novembro de 1881 apenas fazem referência a Aluísio Azevedo ou *O Mulato*, porém, em 24 de novembro, Euclides Faria escreve uma crônica na qual anexava uma carta recebida por um suposto sobrinho seu. O cronista nada comenta sobre a carta, apenas publicando-a na íntegra no corpo da crônica. Na realidade, a carta era ficcional e mais uma vez debochava da vida que Aluísio Azevedo levava no Rio de Janeiro:

Vi o Zote no famoso Largo da Carioca, no meio da grasnada de uma turbamulta de rapazes cobertos de andrajos e o pobre Zote montado em um banquinho de engraxate, tendo a tiracolo uma maleta cheia de escovas, latas de graxa e ele próprio com as mãos besuntadas de preto...

(...)

O Zote tem muita razão, meu tio. Pois estar aí o pobre moço muito bem repimpado e V. todos os dias a enforcar-lhe o Mulato; a mostrar não ser ele positivista nem realista, mas um porco, um obsceno, um rapsodo de Eça de Queirós, um imitador e plagiador do que há de pior nas Farpas... Isto não se faz, meu tio, V. é cruel, falta-lhe caridade para com os animais.

Tenho pena do pobre Zote... Quando lembro-me dele aí, empertigado, convencido ser gente, descompondo pessoas que nem sabem se ele existe, quanto mais se é bípede, tartaruga ou jacaré... e hoje vê-lo aqui ofegante no calor do Rio, a suar sobre o sebento banquinho do engraxate... Ah! meu tio. V. é desalmado! (FARIA, *apud* MONTELLO, 1975, p. 332).

A carta, criada para ridicularizar a vida de Aluísio Azevedo na então capital do Império, acabou sendo lida como real pela própria mãe do romancista. Tanto que, constantemente, esta passa a pedir notícias do filho. Em carta de 13 de fevereiro de 1883, Aluísio Azevedo tenta tranquilizar a mãe:

Minha querida Mãe. – É sempre com o mais vivo prazer que recebo suas cartas, mas confesso-lhe que pela última, datada de 28 do mês passado, não me foi muito grata a impressão produzida por suas estranhas perguntas a respeito da minha vida e se eu ainda vivia em casa que o Artur deixara aqui alugada. – Ora essa! – Eu nada tenho com o Artur. Morávamos juntos porque éramos amigos; porque preferia a companhia dele e de minha cunhada à companhia de qualquer outra família. (AZEVEDO, *apud* MONTELLO, 1975, p. 58).

Cinco meses de crônicas sobre um mesmo romance nos mostram o quanto foi polêmico o lançamento de *O Mulato* na São Luís do século XIX. Mais do que um acontecimento literário, a publicação do segundo romance de Aluísio Azevedo representa um acontecimento social para o Maranhão, que mexia com velhas

estruturas, importantes para a sociedade maranhense, como a Igreja e o sistema escravista.

O painel era outro no Rio de Janeiro, quando em 1889, já residindo aí, Aluísio Azevedo decide publicar a segunda edição do romance, com muitas alterações feitas no texto original. De todas as maneiras, em qualquer uma de suas edições, *O Mulato* representa uma importante etapa de nossa história literária.

No capítulo seguinte, verificaremos a leitura do romance feita pela crítica literária brasileira, desde 1881 até os nossos dias. Leituras que nos ajudarão a compreender o percurso feito por *O Mulato* nesses 130 anos, e também nos facilitarão a pensarmos nas mudanças realizadas por Aluísio Azevedo na edição de 1889, quando chegarmos a segunda parte deste estudo.

CAPÍTULO 2

COMO A CRÍTICA LEU O *MULATO*

2.1. O lançamento de *O Mulato*: Um passeio pela crítica do século XIX

Como verificamos no capítulo anterior, *O Mulato* veio a público em nove de abril de 1881. Aluísio Azevedo abordaria parte das críticas de Euclides Faria no prefácio à 3ª edição, quando se queixa da falta de menção que o romance recebera da crítica local na época do lançamento, principalmente a com teor positivo e de incentivo:

Mais de cem artigos se gruparam logo em torno d'*O Mulato*, e só o Maranhão, a minha província, não deu palavra.
Ah! mintol! a *Civilização*, no seu número de 23 de julho de 1881, publicou um longo artigo de um dos seus redactores mais illustres, o Sr. Euclides Faria, (...). (AZEVEDO, 1889, p. VII).

Talvez por desconhecimento, talvez por conveniência, Aluísio Azevedo esquece as duras críticas de outro periódico maranhense, *A Pacotilha*. Curiosamente, este periódico era um dos defensores de *O Mulato* contra o periódico *Civilização*. Quando do lançamento do romance, vários anúncios de venda do mesmo foram publicados. Segundo João Mendonça Cordeiro: “*Pacotilha* foi o único jornal a tentar responder, item por item, as severas e até malévolas críticas assinadas por Joaquim de Albuquerque contra o romance *O Mulato* e seu autor” (CORDEIRO, 1987, p. 80). Porém, em setembro de 1881, Álvaro de Sá Vianna publicou, por cinco dias consecutivos, críticas ao romance do escritor maranhense. As principais críticas feitas nestes artigos tratavam dos graves excessos cometidos por Aluísio Azevedo e por toda a escola naturalista. Excessos estes que, segundo Álvaro Vianna, não deveriam aparecer em um “livro que tem de ser manuseado por nossas filhas, irmãs e esposas” ³⁰ (VIANNA, 1881). O ideal, segundo o crítico, seria que Aluísio Azevedo fizesse um “naturalismo

³⁰ Como estas críticas foram tomadas de uma fonte que teve contato direto com os originais deste periódico, não está discriminado o número das páginas. Portanto, para todas as citações dos artigos de *A Pacotilha* aqui mencionados fica valendo a referência: VIANNA, Álvaro de Sá. *O Mulato* (Romance de Aluísio Azevedo). In. *A Pacotilha*, Maranhão, 14/09/1881.

puro, seguindo as pegadas de Gustavo Flaubert”, sem necessidade, por exemplo, de usar expressões tão vivas, enérgicas e claras para falar do aborto de Ana Rosa, aborto este presente no penúltimo capítulo do romance, e por sinal bem menos “enérgico” do que muitas das cenas que a prosa naturalista brasileira apresentaria na seqüência. O que para a crítica seria um dos pontos fortes do romance, o fato de os personagens secundários atraírem mais a atenção do leitor do que os protagonistas é para Álvaro Vianna um dos “graves senões” do romance. Ao analisar os personagens, o crítico afirma que Raimundo não tem o colorido artístico e delicado que deveria, não inspira tanta simpatia quanto à repugnância que inspira o cônego Diogo, que está “um typo completo, foi delineado, colorido e sombreado com maestria”. Outro ponto alto do romance para grande parte da crítica, os quadros descritivos, são para Álvaro Vianna um ponto que não tem a naturalidade que lhes é necessária. Porém, na última das críticas publicada em 16 de setembro de 1881, o crítico coloca *O Mulato* em pé de igualdade com *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, pois demonstra uma “bella realidade, com defeitos é verdade, mas com esses defeitos que tem toda a gente que começa.” E conclui, “Aluísio deve dar à [sic] seus trabalhos um caracter mais alevantado, fazendo d’elles estudos sérios de character, e dos costumes nacionaes.”

O romance de Aluísio Azevedo encontrou maior acolhida e boa recepção da crítica no Rio de Janeiro, confirmando a máxima de que ninguém é profeta na sua própria pátria. Em oito de julho de 1881, três meses após seu lançamento em São Luís, o periódico carioca *Gazeta da Tarde* trazia um artigo de Urbano Duarte sobre *O Mulato*. Neste artigo, Urbano Duarte começa por apontar uma possível localização de grandes romancistas dentro do território brasileiro quando afirma: “se há qualquer coisa que se chame literatura brasileira, esta coisa refugiou-se nas províncias e só aí encontra ar respirável.” (DUARTE, *apud* AZEVEDO, 2005, p. 55). O cronista confirma o recebimento do romance de Aluísio Azevedo e informa que este “filia-se a moderna escola naturalista, ou melhor, zolista”, e conta que empreendeu a leitura do romance, pois acreditava que o autor naufragaria. Mas, terminada a leitura, percebe que o autor maranhense possui “qualidades sérias, muito sérias, de romancista” (DUARTE, *apud* AZEVEDO, 2005, p. 55). Para Urbano Duarte, um romancista deveria ser acima de

tudo, um observador, aquele que descreve o que vê. Neste sentido, *O Mulato* é para o crítico um ensaio, pois Aluísio Azevedo não conhecia ainda o processo artístico das proporções, que cria os personagens como são na vida. Isto será corroborado pela análise que faz das personagens do romance: Raimundo, por exemplo, não apresenta para o crítico um caráter que chega a desenhar-se nitidamente, é mais fruto da imaginação do que da observação, e Ana Rosa possui um caráter sem autonomia. Os personagens, para este crítico, devem sair completos da cabeça do autor. Quando isso não ocorre, passam a ser manequins que o autor faz se moverem e complicar o enredo, como Ana Rosa e Raimundo. Para ele, os personagens secundários de *O Mulato* são os que mais se destacam, “tal a exatidão, minúcia e características feições dos tipos da sociedade maranhense que o autor põe em cena” (DUARTE, *apud* AZEVEDO, 2005, p. 55). O imperdoável no romance, para Urbano Duarte, foi Aluísio Azevedo ter feito o vício triunfante e a virtude suplantada, pois para ele “o reino do mal é efêmero” (DUARTE, *apud* AZEVEDO, 2005, p. 56), criticando assim a vitória de cônego Diogo sobre o casal protagonista, já que após a morte de Raimundo, Ana Rosa casa-se com Dias, assassino daquele. Urbano Duarte acredita no aparecimento de um Aluísio Azevedo mais maduro na escrita, para o qual enxerga um lugar brilhante na literatura, “se curar mais da forma, se polir mais o estilo” (DUARTE, *apud* AZEVEDO, 2005, p. 58). E termina sua crônica com o grito que ficou famoso nos estudos sobre Aluísio Azevedo, “Romancista ao Norte!”, anunciando já o sucesso que o autor faria na capital, Rio de Janeiro, devido em partes a *O Mulato* ser “um livro notável” (DUARTE, *apud* AZEVEDO, 2005, p. 58).

Araripe Júnior também analisaria *O Mulato*, em crônica publicada em cinco de novembro de 1881, no jornal *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro. Araripe Júnior foi um dos primeiros críticos a perceber o quanto de resquícios românticos ainda havia no romance de Aluísio Azevedo, mesmo sendo considerado desde sua publicação o marco da escola naturalista no Brasil:

Ali há páginas tão suaves, tão doces, tão cheias da claridade rosicler, alencariana, que sou levado a crer que o mergulho dado pelo poeta nas águas encapeladas do Estige da nova escola foi apenas à superfície. (...) O novo romancista apresentou-se francamente como é; no período de transição, de

lutas, de vacilações. O seu livro, em que se encontra [sic] cenas admiráveis, pode-se dizer a crisálida de uma obra realista. Nem lagarta, nem borboleta. (ARARIPE, 1958, p. 120).

Mais uma vez, assim como fizera Urbano Duarte e Álvaro de Sá Vianna, Araripe Júnior aponta para o talento de Aluísio Azevedo como escritor e prevê um grande futuro para o romancista nas letras nacionais: “Sente-lhe na composição um arrastamento indicativo de fôrça, de fôlego, de pulso, o que dá a entender que ele não ficará na estréia do *Mulato*.” (ARARIPE, 1958, p. 121). Quase ao final da crônica o crítico passa a analisar o romance de Aluísio Azevedo e afirma que este começa “em flagrante delito de preocupação zolaica e com ressaibos de quem acaba de fechar o *Primo Basílio* de Eça de Queirós” (ARARIPE, 1958, p. 121), fato este que não agrada Araripe Júnior. Apesar de afirmar que os personagens do livro são figuras que têm vida própria, e foram observadas no círculo onde o autor cresceu, Araripe Júnior pede que Aluísio Azevedo ofereça ao público um romance com um realismo inteiramente nacional, mais uma vez apontando para a dívida que *O Mulato* parece ter com os romances de Emile Zola e Eça de Queirós.

Araripe Júnior volta a escrever sobre *O Mulato* em 1888 para o periódico *Novidades* e afirma que o dia da publicação do romance foi “um dia propício às letras nacionais” e que este ajudou a germinar um Aluísio Azevedo “que depois se manifestou na *Casa de Pensão*, na *Filomena Borges*, n’*O Coruja*, n’*O Homem*” (ARARIPE, 1978, p. 118-119); em certo sentido confirmando o seu desejo de 1881, do surgimento de um Aluísio Azevedo mais preparado literariamente. Três dias depois, no mesmo periódico, Araripe Júnior voltaria a abordar *O Mulato*, notando que neste romance existem “audácias dignas dos melhores” (ARARIPE, 1978, p. 124) escritores, e que Aluísio Azevedo conseguiu “derramar todo o luxuriante tropicalismo desta América do Sul” (ARARIPE, 1978, p. 126) nas páginas de *O Cortiço* (1890), que teve na ocasião alguns capítulos publicados em periódicos. É nesta mesma crônica que Araripe Júnior diferencia o Naturalismo brasileiro do Naturalismo europeu, fazendo a oposição entre um Realismo quente e um decadente, respectivamente. E concluiria em crônica publicada um dia depois: “O realismo, no Brasil, havia de ser descascado com uma ferocidade que assombraria ao próprio Eça de Queirós. As coisas seriam ditas com

todas as letras: o boi, boi; o ladrão, ladrão. A natureza não tem recantos nem pudores, e aquilo mesmo que ela esconde, trar-se-ia, por desaforo, para o meio da rua.” (ARARIPE, 1978, p. 131).

Pelo que podemos ver nas críticas de Araripe Júnior analisadas até agora, para ele Aluísio Azevedo conseguiu esse “naturalismo brasileiro ideal” apenas nas páginas de *O Cortiço*, pois voltaria a afirmar em crônica de 05 de abril de 1888 que a leitura de *O Mulato* deixa a impressão ambígua de escolas distintas, concluindo que: “Há instantes em que se duvida que *O Mulato* seja uma obra naturalista, tantas são as ressonâncias das leituras e impressões primitivas” (ARARIPE, 1978, p. 133). E mais uma vez cai na comparação dos romances de Aluísio Azevedo com obras estrangeiras, neste caso com Eça de Queirós, da qual se ocupará por toda a crônica. Mesmo assim, afirma que o romance de 1881 possui muitas qualidades: “Excetuando uma ou outra tirada biográfica³¹, uma ou outra análise interior, o que avulta n’*O Mulato* é o tumulto das figuras, que não são poucas, a rapidez das cenas, a variedade das reações de personagem a personagem e a movimentação dos cenários que se sucedem.” (ARARIPE, 1978, p. 137).

Em 1889, ano da publicação da segunda edição de *O Mulato*, Emílio Rouède publicou no periódico *A Semana*, do Rio de Janeiro, um texto sobre Aluísio Azevedo. Neste artigo, Emílio Rouède dá conta da reação literária que *O Mulato* produziu em todo o país, principalmente no Maranhão, onde segundo ele, todos leram a obra que estava destinada a abrir as portas ao romance naturalista no Brasil. O talento do romancista como observador também é louvado pelo crítico:

... é um pintor que escreve, (...) tem a vista dupla de um artista; a acção de suas obras basea-se principalmente no estudo sincero do natural, (...); os seus personagens tem vida propria, mexem-se, caminham, sem auxilio dos cordeis d’esta ou d’aquella escola; são todos carne e osso; o Raymundo do *Mulato*, o Amancio da *Casa de Pensão*, e Theobaldo do *Coruja* são conhecidos nossos, que nos acotovelam todos os dias e a quem encontramos por toda a parte.³²

³¹ Araripe Júnior foi o primeiro crítico a acentuar uma possível comparação biográfica no romance, o que seria desdobrado pela crítica do século XX, especialmente por Alvaro Lins, como veremos a seguir.

³² Assim como ocorreu com a crítica de Álvaro de Sá Vianna, meu contato com o texto de Emílio Rouède foi através de uma fonte que teve acesso direto com os originais deste periódico, portanto não está

O que para Emílio Rouède é o ponto forte da obra de Aluísio Azevedo – personagens que têm vida própria – seria destacado como algo negativo por muitas das críticas feitas ao romance no século XIX, e desdobrado ao longo de toda a crítica do século XX.

Já Adolfo Caminha, apontava em 1893 para um “abandono quase completo” de nossas letras. Para ele, a morte de José de Alencar, representava a morte do romance brasileiro. Aluísio Azevedo parecia o único capaz de direcionar nossa prosa ficcional para outro rumo. Os elogios de Adolfo Caminha a Aluísio Azevedo permitem que ele afirme ser *O Mulato*, “primoroso romance de cunho nacional”. Mas lamenta que a arte de Aluísio Azevedo não tenha encontrado outros escritores que percorressem o mesmo caminho:

Era natural que, desbastado o caminho, surgissem outros romancistas da têmpera de Aluísio, e o Brasil conquistasse, enfim, um lugar honroso entre os países cultos.

Engano. Formaram-se conciliábulos, arquitetaram-se planos de vida literária, criaram-se revistas, a boêmia do *Londres* jurou imitar o maranhense, e, finalmente, Aluísio Azevedo não teve companheiro na sua audaciosa jornada. (CAMINHA, 1999, p.20)

Outro fato apontado por Adolfo Caminha, é o de ser Aluísio Azevedo “o único escritor da atual geração lido em todo o Brasil”. Com a crítica-elogiosa de Adolfo Caminha, encerramos a primeira etapa do passeio, com as críticas publicadas ao longo do século XIX. Porém, antes de adentrarmos ao século seguinte, faremos uma pequena pausa para avaliarmos o que encontramos até aqui.

2.2. Encerrando o século XIX: uma pequena pausa em nosso passeio crítico

Um dos pontos centrais quando se pensa em formulações críticas seja de qualquer período ou de qualquer país, faz-nos necessariamente pensarmos sobre quais princípios ou quais modelos esta crítica foi construída. Para pensarmos todas as

discriminado o número de páginas. Para todas as citações deste artigo fica valendo a referência: ROUÈDE, Emílio. *Galeria do elogio mútuo*. in *A Semana*, Rio de Janeiro, 1889.

críticas que vimos até aqui, convém ressaltar, junto com Afrânio Coutinho, que: “Em 1880, o Romantismo, ou a “escola subjetiva, estava morto.” (COUTINHO, 1999, p. 24). É neste período de passagem do Romantismo para o Naturalismo, ou para pensarmos de maneira geral, é na segunda metade do século XIX, que se acentua a preocupação nacionalista dentro da crítica literária brasileira, movimento que já vinha num crescente desde os primeiros anos da década de 1830. Não é raro, e podemos perceber isso nas críticas analisadas até agora, o quanto se solicitava uma literatura tipicamente brasileira. Basta, por exemplo, lembrarmos das proposições de Araripe Júnior, tentando diferenciar um Naturalismo brasileiro de seu correspondente francês. Portanto, tudo que parecia ainda que superficialmente, mera e servil cópia de um original estrangeiro era condenável, como nas críticas de Sílvio Romero sobre a obra de Machado de Assis. Talvez por isso, muitas das críticas levantadas do século XIX sobre *O Mulato*, após condenar o romance por erros presentes na própria estruturação narrativa, passam a compará-lo com outros romances em voga na época.

Em todas as críticas que vimos, quando um romance era apontado como comparativo não restava dúvida: *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. É muito difícil precisar o porquê de a crítica fazer quase que em uníssono esta comparação, principalmente se pensarmos que *O Crime do Padre Amaro* (1875) seria um contraponto relativamente esperado, principalmente tendo em vista a questão do clero como um dos pontos-chaves da narrativa. Porém, algumas das respostas para esta comparação entre *O Mulato* e *O Primo Basílio* são encontradas nos próprios autores que a criam. As descrições do espaço urbano, levantadas por parte da crítica como um dos pontos fortes de *O Mulato*, e da sociedade, com todos os seus defeitos, vícios e “crimes”, também estão presentes no romance de Eça de Queirós, que, apesar do sucesso imediato (duas edições consecutivas no ano de lançamento), sofreu duras críticas por ridicularizar a sociedade portuguesa de então.

Outro ponto a ser levantado para investigar essa possível semelhança entre dois romances aparentemente tão distintos está no fato de, assim como em *O Primo Basílio*, avultarem em *O Mulato* muito mais os personagens secundários do que os protagonistas. Aluísio Azevedo parece muitas vezes ao longo da narrativa errar a mão

ao caracterizar o mulato Raimundo, ou mesmo Ana Rosa. Porém, é em personagens como Dona Ana Souza, Freitas, Manuel Pescada, entre outros, que o romancista parece construir um interessante quadro da sociedade maranhense. Em *O Primo Basílio* também são as personagens secundárias que avultam frente às protagonistas, basta lembrarmos-nos do Conselheiro Acácio para confirmarmos esta hipótese. Muitas das críticas que veremos a seguir voltarão a caracterizar as personagens secundárias como um dos pontos fortes de *O Mulato*.

A crítica feita em São Luís do Maranhão na época do lançamento do romance se deixa levar muitas vezes pelo tom de provocação ou de ofensas pessoais contra Aluísio Azevedo. É apenas no Rio de Janeiro que vamos encontrar uma crítica mais segura de si, que vai direto ao texto para confirmar suas posições, mesmo que hoje algumas delas nos pareçam estranhas. Neste período de transição entre a voga romântica e a naturalista, a crítica se colocava numa posição muito menos confiante do que a feita ao longo do século seguinte. No calor do momento, a crítica parecia ainda tatear num caminho de incertezas, ciente sim do fim do Romantismo, que já se encontrava em franca queda no final da década de 1870, porém a crítica não parecia muito segura em relação ao que viria pela frente. Assim, mesmo criticando a cópia servil aos romances naturalistas estrangeiros, muitos dos críticos vão buscar nos mesmos o ideal de um bom romance naturalista (seja ele a *la* Zola, a *la* Flaubert, ou mesmo a *la* Eça de Queirós). Essas incertezas permaneceriam e, em alguns casos seriam ultrapassadas no início do século, e é isso que passamos a ver a seguir.

2.3. Novas perspectivas: um passeio no século XX

Se o levantamento da crítica feita ao romance *O Mulato*, ao longo do século XIX, esbarrava na grande dificuldade de encontrar hoje em dia estes materiais, o mesmo não ocorre com a crítica feita no século XX, dada a facilidade e a ampla difusão do mercado editorial neste período. É grande o volume de textos críticos sobre a obra de Aluísio Azevedo, principalmente após a década de 1930. Depois disso, encontramos uma franca queda no início da década de 1990, até os nossos dias.

Outro ponto importante a ser analisado, antes de passarmos especificamente aos textos, é o fato de que Aluísio Azevedo escreve seu último romance, *Livro de uma sogra*, em 1895. Depois disso, dedicando-se a uma carreira pública, o romancista abandona definitivamente a literatura, produzindo apenas reedições de seus romances anteriores e um livro de relatos sobre o Japão, que veio a público apenas em 1984. Portanto, todas as críticas que vamos analisar a partir de agora, já tinham uma visão total da obra de Aluísio Azevedo, diferente das que vimos até aqui. Todas, inclusive, foram feitas vários anos após a sua morte, ocorrida em 1913.

O romance *O Mulato* não é mencionado, ou não tem um estudo próprio dentro dos sete volumes dos *Estudos de Literatura Brasileira* publicados por José Veríssimo na última década do século XIX, adentrando no século XX³³. É apenas em 1916, dentro do seu *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira, 1601 a Machado de Assis, 1908*, que José Veríssimo dedica atenção especial ao romance de Aluísio Azevedo. Colocando o Naturalismo como um levante contra o Romantismo, Veríssimo aponta para uma diminuição na personalidade dos autores nos romances desta escola; além de uma observação rigorosa inspirada em métodos científicos e em uma diminuição da idealização romanesca. Para este crítico o nosso Naturalismo não modificou em nada o francês, “modelando-se quase exclusivamente por Emílio Zola e o seu discípulo português Eça de Queiroz” (VERÍSSIMO, 1981, p. 241-242). Aluísio Azevedo, segundo ele, trouxe para nossa literatura “visão mais clara das coisas, observação mais sincera e expressão em suma melhor.” (VERÍSSIMO, 1981, p. 242).

Ao analisar a obra do autor de *O Cortiço*, José Veríssimo afirma que mesmo após sair do romantismo exacerbado de *Uma Lágrima de Mulher* (1880), seu primeiro romance, em *O Mulato* ainda o autor deixava entrever ressaibos da escola anterior: “prostrava-se ainda o romantismo nos romances sempre lidos de Alencar e Macedo e de Bernardo Guimarães, ainda vivo.” (VERÍSSIMO, 1981, p. 242). José Veríssimo é um dos primeiros críticos a apontar a dívida dos romances de Aluísio Azevedo com estes

³³ Outros romances de Aluísio Azevedo, como *O Homem* (1887) e *Livro de uma Sogra* (1895), recebem atenção do crítico neste e em outros trabalhos. Além disso, José Veríssimo foi um dos grandes críticos do Naturalismo brasileiro. Um dos raros estudos sobre o romance naturalista *Flor de Sangue* (1897), de Valentim Magalhães, encontra-se no primeiro volume dos *Estudos de Literatura Brasileira*, mesmo volume que abriga um estudo sobre o *Livro de uma Sogra*, de Aluísio Azevedo.

grandes escritores brasileiros, muito lidos ainda naquele período. Ao tentar buscar uma resposta para o “simpático acolhimento” do romance no Rio de Janeiro e no país em geral, Veríssimo afirma:

A novidade um pouco escandalosa que trazia, ajudada demais do cansaço, de fórmula romântica, foi grata ao nosso paladar enfatiado do romanesco dos nossos romancistas, e pouco apurado para saborear as finas iguarias do *Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicado em 1881. A gente habituada ao despejado naturalismo mesmo cru realismo das discussões políticas e brigas jornalísticas, aqui sempre descompostas ambas, e mais à proverbial licença da nossa conversação, a maneira zolista devia forçosamente de agradar. (VERÍSSIMO, 1981, p. 242).

Temos aqui, portanto, uma dupla chave de leitura de *O Mulato*: um romance dentro da escola naturalista (ou zolista segundo o crítico), como já afirmavam os críticos do século XIX; porém, ainda devedor dos romances de autores românticos brasileiros que o sucederam como Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Bernardo Guimarães. É nesta chave de leitura que o nosso estudo sobre *O Mulato* pretende se inserir.

O Mulato não foi alvo apenas de críticos literários ou estudiosos da literatura. Em 1936 o sociólogo Gilberto Freyre analisa o romance no capítulo XI- “Ascensão do Bacharel e do Mulato”, de seu *Sobrados e Mucambos*. Neste capítulo, Gilberto Freyre afirma que Aluísio Azevedo deixou em romance verdadeiro “documento humano” recortado da vida provinciana. É sobre a figura de Raimundo que o sociólogo vai deter-se, mencionando inclusive a atração que os mulatos causavam em mulheres brancas, como acontece no romance de Aluísio Azevedo, basta lembrarmos das flores e recados que várias mulheres da sociedade maranhense enviavam para Raimundo. Após uma detalhada análise das descrições físicas de Raimundo, Gilberto Freyre afirma que este é quase um mulato a Machado de Assis – “gestos sóbrios, a voz baixa, vestindo-se com sobriedade e bom gosto, amando as ciências, a literatura e, um pouco menos a política.” (FREYRE, 1990, p. 593).

Dois anos depois, em 1938, Olívio Montenegro, em seu *O Romance Brasileiro*, afirma que o forte de Aluísio Azevedo em seus romances não foi a análise psicológica, e sim a análise social de seus personagens, “não foi o carácter íntimo, mas o carácter

exterior que elles tinham.” (MONTENEGRO, 1938, p. 63-64). Afirma ainda que em *O Mulato*, Aluísio Azevedo não seguiu o preceito naturalista de que “o autor não se deve deixar adivinhar na sua obra”, que não deve tomar partido, pois, segundo o crítico, neste romance ele toma partido do escravo contra o senhor e do homem de cor contra o homem branco. Já na própria descrição de Raimundo, tão louvada por Gilberto Freyre como vimos há pouco, Aluísio Azevedo denuncia a sua inclinação pessoal. O mulato serve assim apenas como um fantoche. O interesse do romance segundo o crítico “vem antes das figuras e das scenas de segundo plano” (MONTENEGRO, 1938, p. 65) e, compara isso com “uma especie de construcção onde os detalhes de esculptura tivessem um interesse superior ao do seu plano central” (MONTENEGRO, 1938, p.66). Fato este que já vimos amplamente difundido nas críticas feitas ao romance no século XIX. Olivio Montenegro afirma ainda que: “Nas scenas onde o autor procura organizar a sua these contra o preconceito de côr, elle cahe no grande vicio dos romancistas intencionaes: o da abstracção. Tudo parece então concertado e previsto para provar a these e não para provar o homem.” (MONTENEGRO, 1938, p.66). Segundo o crítico, apenas em certos detalhes do romance podemos ver antecipadas qualidades do romancista de *O Cortiço*; como na festa de Maria Bárbara, no embarque de Raimundo, e em outras cenas que acabam tomando o primeiro plano. Apontando assim mais uma vez para o fato de Aluísio Azevedo ser um grande observador do meio social, e não do individual, como já afirmara parte da crítica.

Em 1941, Alvaro Lins também apontaria o caráter sociológico que a narrativa de *O Mulato* parece englobar. No seu artigo intitulado “Sagas de dois naturalistas: Aluísio Azevedo e Júlio Ribeiro”³⁴, o crítico afirmaria que Aluísio Azevedo sempre permaneceu atrelado ao Romantismo em sua produção, e que *O Mulato* é a história do sentimento do romancista em face de sua província. Apesar de afirmar que o romance em muitos aspectos nada tem de autobiográfico, Alvaro Lins envereda por esse caminho ao longo de sua crítica, fazendo várias comparações e aproximações entre Raimundo e Aluísio

³⁴ O mesmo artigo reaparecia apenas com modificações nos títulos das sessões em *O Romance Brasileiro (de 1752 a 1930)*, coletânea de textos de diversos autores, organizada e coordenada por Aurelio Buarque de Holanda e publicado em 1952 pela *Edições O Cruzeiro*. Neste artigo, utilizo a versão de 1941, republicada em *Os Mortos de sobrecasaca*, de 1963.

Azevedo, muitas das vezes caindo em comparações um pouco forçadas, como ao afirmar que Raimundo volta ao Maranhão, assim como Aluísio Azevedo havia voltado anos antes da publicação do romance. É ao analisar o viés sociológico de *O Mulato* que o crítico apresenta interessantes observações, como ao apontar que: “Diante das paisagens, das festas populares, dos lugares pitorescos, Aluísio Azevedo se coloca numa atitude de aceitação e de amor. Mas diante dos homens, em geral, a sua atitude é de crítica e de combate.” (LINS, 1963, p. 209). O valor documental do romance, apontado anos antes por Gilberto Freyre, também é demonstrado por Alvaro Lins, que chega a afirmar que a página sobre uma noite de São João provinciana presente no romance é uma pequena obra prima. O crítico ainda coloca que o centro do romance é um problema humano e social: a escravidão, e que Aluísio Azevedo estava ciente disto. A própria existência melancólica da mãe de Raimundo constitui dentro da narrativa um instrumento de propaganda contra a escravidão³⁵. Mesmo com todas essas características positivas que Alvaro Lins levanta no romance, não é para ele *O Mulato* o livro em que Aluísio Azevedo mais se afirma como criador de figuras e tipos, apesar dos excelentes perfis. “Aqui se encontram apenas os esboços e os traços que se fixarão com maior firmeza nos personagens de *Casa de Pensão*.” (LINS, 1963, p. 212)

Um dos estudos críticos centrais quando se fala na prosa de ficção do século XIX brasileiro é o volume de Lúcia Miguel-Pereira, intitulado *História da Literatura Brasileira- Volume XII, Prosa de Ficção (de 1870 a 1920)*, publicado em 1950. Neste, a crítica faz interessantes observações sobre a obra de Aluísio Azevedo. Sobre *O Mulato*, mais especificamente, Lúcia Miguel-Pereira aponta que este representou a vitória da escola naturalista, tendo entretanto disfarçado com cenas realistas o seu romantismo, como outrora afirmou José Veríssimo. O título de iniciador do Naturalismo em nossa literatura, segundo a crítica, deveria pertencer ao *Coronel Sangrado* (1877), de Inglês de Souza. Mesmo assim, Lúcia Miguel-Pereira aponta para a novidade que o romance representou na época:

³⁵ O que o crítico não percebe é que isto é feito a partir de um *topos* claramente romântico, a descoberta da identidade de Raimundo e a questão de sua orfandade.

Efetivamente, narrado de maneira quase inédita entre nós, embora já sediça na Europa, atacando de frente o preconceito de côr quando ia ativa a campanha abolicionista, o romance era ousado e novo. Todavia, lido hoje, deixa claramente à mostra, sob os arremates naturalistas, o arcabouço romântico. O escritor, que publicara pouco antes *Uma lágrima de mulher*, cheio do mais desbragado pieguismo, traia ainda com a antiga a nova escola que desposava. (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 136).

Resumir este romance é, para ela, por à mostra seu esqueleto idealista, que está aí mal encoberto por cenas de observação objetiva. Seria enfim, uma tragédia romântica com um epílogo realista, o casamento de Ana Rosa e Dias, presente no último capítulo do romance. Lúcia Miguel-Pereira passa a analisar algumas das personagens do romance, e contrariamente do que apontou Gilberto Freyre, por exemplo, vê em Raimundo um típico herói romântico com um caráter e um físico perfeito, e ironiza: “Joaquim Manoel de Macedo não pôs maiores requintes na descrição dos seus ternos mancebos” (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p. 142), e mais: “comportando-se sempre com tanta inocência que, ao sabê-lo amante da prima, pode o leitor imaginar que a virgindade perdida fôra a sua.” (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p.142). Toda a tese naturalista que Aluísio Azevedo quis demonstrar em seu romance é construída sobre uma figura excessivamente romântica, Raimundo:

A tese sendo provar a injustiça da prevenção dos brancos contra os mulatos, o autor se crê na obrigação de cobrir Raimundo de tôdas as virtudes, de fazê-lo belo, nobre, inteligente – sem cuidar que o fazia sobretudo absurdo e inumano, e que construía um romance realista em tórno de uma figura escandalosamente romântica. (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p.142-143).

A outra personagem chave da narrativa, Ana Rosa, é para Lúcia Miguel-Pereira a encarnação da mulher tal como a entenderam os naturalistas, uma fêmea. Contrapondo os dois personagens principais, a crítica os adjetiva; sendo assim, Raimundo é o espírito, a exceção e o herói; Ana Rosa é a carne, o tipo e a personificação de seu sexo, respectivamente. Segundo Lúcia Miguel-Pereira, o espírito romântico do qual estava impregnado Aluísio Azevedo não o deixava abandonar a idéia de um herói ser o personagem principal da narrativa. Porém, é aí que o romancista falha, pois os diálogos que são tão detestáveis nas bocas dos personagens principais são ricos e fáceis nas outras, escritos numa linguagem familiar e correta, mais uma vez

apontado para o quanto de plástico existe nos protagonistas, e do contrário, o quanto de transparência existem nos personagens coadjuvantes, digamos assim. O ponto valorativo do romance, para Lúcia Miguel-Pereira, é o mesmo já mencionado por parte da crítica até então:

Como enredo, pois, e como estudo de caracteres, *O Mulato* não merece a fama de que desfruta. E, entretanto, é um livro de boa qualidade, o seu valor residindo no tom direto da narrativa, no dom do autor para armar as cenas, na sua linguagem forte e clara, e também na evocação do meio maranhense, dos hábitos e preconceitos de uma sociedade provinciana no fim do Império. (MIGUEL-PEREIRA, 1950, p.144).

Voltaria a crítica a mencionar *O Mulato* em estudo de 1956, no artigo “O negro na Literatura Brasileira”, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Ali, Lúcia Miguel-Pereira chega a comparar Raimundo com Isaura, personagem do romance *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães. Ambos, segundo ela, são negros à moda americana, pois mal deixam transparecer a raça a qual pertencem, diferente de Amaro, do romance *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, “uma das maiores criações do naturalismo.” (MIGUEL-PEREIRA, 1994, p. 250).

Se Lúcia Miguel-Pereira apontou em 1950 o quanto de romantismo ainda existia em *O Mulato*, Afrânio Coutinho não começa sua análise, de 1955, pelo mesmo caminho. Segundo ele, entre o primeiro e o segundo romance de Aluísio Azevedo, o romancista altera por inteiro o seu estilo, a sua compreensão de arte literária e o seu processo de narrar, mesmo que ao final de sua análise afirme que *O Mulato* ainda paga o seu tributo ao Romantismo. Voltam a aparecer também as comparações com Eça de Queirós, tão correntes no século XIX. Aqui, Afrânio Coutinho afirma que:

Eça abriu a Aluísio o caminho para o Naturalismo. Não sendo um naturalista ortodoxo, o romancista português proporcionava um modelo de romance que conciliava a arte e a polêmica, sem os exageros da falsa ciência a que Zola era levado na sua concepção do romance experimental. (COUTINHO, 1999, p. 77)

Talvez a afirmação de Afrânio Coutinho seja possível quando pensamos em *O Mulato*, porém, quando estendida para um romance como *O Homem* (1887), também de Aluísio Azevedo, ela se desmonta. Infelizmente Afrânio Coutinho não dá conta disso

em seu estudo, e chega apenas a mencionar superficialmente este romance de Aluísio Azevedo. Curiosamente, um dos pontos interessantes da análise do crítico é a breve comparação que faz entre *O Mulato* e *O Crime do Padre Amaro*, de Eça de Queirós, indo em direção oposta a da crítica vista até aqui, que preferia *O Primo Basílio* como romance aproximativo. Porém, mais uma vez a comparação é feita muito superficialmente, apontando apenas a luta anticlerical como ponto comum aos dois romances.

Em 1957, Brito Broca escreveria um artigo intitulado “O Padre no Romance Brasileiro – Romantismo e Naturalismo”. Ao longo de mais de 20 páginas, o crítico analisa alguns padres presentes em romances brasileiros tão díspares quanto *Minas de Prata* (1865-1866), de José de Alencar, *Padre Belchior de Pontes* (1976), de Julio Ribeiro, e o nosso *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. Do último, Brito Broca irá afirmar ser este um romance de transição: “Não se tratava ainda de uma obra propriamente realista. *O Mulato* é antes um romance de transição, mais à maneira do realismo de Eça do que do naturalismo ortodoxo de Zola.” (BROCA, 1957, p.133).

A comparação com o autor português não é em vão, já que Brito Broca buscará inclusive uma possível inspiração de Aluísio Azevedo em Leiria para descrever o ambiente urbano de São Luís. Porém, o crítico apontaria algumas diferenças na própria maneira de narrar dos dois romancistas, incluindo também nesta comparação Emile Zola. Para o crítico, por exemplo, Zola daria os antecedentes do Cônego Diogo, assim como fez Eça de Queirós com o Padre Amaro.

Em outro artigo intitulado “Documentário Carioca”, Brito Broca abordará uma tendência de nosso romance do século XIX: o interesse pela paisagem provinciana em detrimento da paisagem campesina: “Na província só interessava a vida campesina, pelo que ela oferecia de pitoresco, a natureza, a paisagem agreste.” (BROCA, 1957, p. 156). Segundo o crítico, Aluísio Azevedo em *O Mulato*, rompe com essa praxe. Porém, “para não focalizar a província sem campo, sem natureza, faz decorrer uma pequena parte do livro no meio rural.” (BROCA, 1957, p. 156).

É notório nos textos de Brito Broca, o quanto este dava importância para *O Mulato* dentro de nossa literatura. Porém, sempre apontaria este como um romance

que “ainda não se encarta a rigor no naturalismo.” (BROCA, 1957, p. 137). Para ele, “naturalismo legítimo só viemos a ter em 1888.” (BROCA, 1957, p. 238).

Em seu *Aspectos do romance brasileiro*, publicado em 1962, José Aderaldo Castello volta a aproximar o romance de Aluísio Azevedo com o do escritor português Eça de Queirós, quando afirma que este é “o primeiro exemplar de obra realista-naturalista no Brasil *conscientemente filiada à nova tendência* e refletidora de influências de mestres franceses e particularmente de Eça de Queiroz” (grifo meu) (CASTELLO, 1962, p. 68). Deixando um pouco de lado a aproximação do romance de Aluísio Azevedo com seus correspondentes estrangeiros, é interessante contrapormos a afirmação de Castello, de que *O Mulato* é conscientemente filiado à estética naturalista, com o que Aluísio Azevedo afirma no prefácio à 3ª edição do romance: “Afianço que durante a gestação não me preocupei absolutamente com o efeito que o livro teria de produzir sobre o publico, nem tão pouco com a escola donde elle procedia.” (AZEVEDO, 1889, p. VI). Mas, o crítico aponta, assim como Brito Broca, que este é caracteristicamente um romance de transição, do qual não devemos exigir todos os fundamentos da nova doutrina. Após essa afirmação, o crítico passa a fazer uma comparação que apenas havia sido mencionada por Lúcia Miguel-Pereira, entre o romance de Aluísio Azevedo e *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães. Esta aproximação se deve segundo Castello, pelo fato de ambos os romances terem a mesma tese como pano de fundo, porém com tratamentos diferentes. Assim, passa a apontar alguns defeitos do romance maranhense: “[...] achamos que o romance peca pela base: pretendendo indubitavelmente focalizar o drama do mulato – e do ponto de vista realista – não soube encará-lo em condições que verdadeiramente correspondessem à realidade e à verdade moral.” (CASTELLO, 1962, p. 92). Para o crítico, Raimundo é uma figura mais romântica – e falsamente romântica – do que a personagem do romance de Bernardo Guimarães, e finaliza: “Aluísio sugere como solução única para o problema do mulato, naturalmente educado e instruído, - o consórcio com o branco, da mesma forma que o vemos em *A Escrava Isaura*.” (CASTELLO, 1962, p. 92-93).

Outro estudo chave quando se pensa na produção do Naturalismo brasileiro, surge em 1965, *O Naturalismo no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré. Nele, o crítico afirma que *O Mulato* é muito menos naturalista do que se supõe, bastando para isso recordarmos da estrutura do mesmo. Segundo ele, o que há de naturalista no romance são alguns traços, tais como: o anticlericalismo, a pressão do meio sobre o indivíduo, e a conceituação da mulher. Nelson Werneck passa a enumerar então, quais os motivos que levaram o romance a agradar aos dois públicos:

Atendia ao público romântico, pelo seu enredo e pela sua estrutura, e por muito dos seus aspectos formais; atendia aos naturalistas, por algumas cenas, pela minúcia de algumas descrições, pelo desvendamento de lados sentimentais até aí apenas vislumbrados pelos ficcionistas, pela forte caracterização, e falsa, da mulher, pela sua fisiologia de terceira ordem. (SODRÉ, 1965, p. 179).

O fato de *O Mulato* ter feito mais sucesso do que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, como já vimos, é outro ponto no qual o crítico toca. Para ele, a preferência não se dá pela finura, pela sutileza e objetividade do romance machadiano, mas pela tinta forte, carregada e desconcertante do romance maranhense³⁶.

Surge no ano seguinte ao estudo de Nelson Werneck, em 1966, uma interessante introdução feita por Fernando Góes para o romance, dentro da coleção de *Obras Completas de Aluísio Azevedo*, lançada pela editora Martins. Nesta introdução, o crítico faz um diálogo com parte da crítica feita ao romance até então. Discorda por exemplo de Josué Montello, que afirma que a força da narrativa está na figura do mulato. Para Góes, Raimundo não convence como figura humana, pois está excessivamente acumulado de qualidades pelo romancista. Serve apenas como uma figura necessária ao autor para completar seu painel. Os tipos menores, segundo o crítico, são muito mais verídicos e convincentes. Porém, é a cidade de São Luís, a própria sociedade maranhense daqueles tempos que avulta como grande personagem

³⁶ Não entrarei aqui nas considerações feitas por Nelson Werneck Sodré sobre o romance *O Mulato*, em seu *História da Literatura Brasileira*, pois parte delas são mera repetição das considerações feitas no estudo acima abordado. Outro dos pontos levantados pelo crítico são as diferenças entre as duas edições do romance, que serão abordadas na parte II deste estudo. Para consulta: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

da narrativa. Fernando Góes ainda faz um levantamento de falhas presentes no romance, como por exemplo, o fato de Domingas, mãe de Raimundo, aparecer como alforriada no capítulo III, e logo adiante aparece como escrava novamente; entre outros deslizes que o crítico aponta.

Outro estudo chave dentro da história da literatura brasileira surge neste período, a *História Concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi. Sobre *O Mulato*, Bosi vai afirmar que o romance dá uma boa visão do meio maranhense da época, mas que não cumpre a outra exigência de Zola, a de pintar como se comporta uma paixão. É aí que o crítico passa a mostrar muitos pontos românticos da narrativa, e conclui:

O final da ópera, com a fuga dos amantes malograda pelo assassinio do mulato, volta a colorir a história de um romantismo gritante que Aluísio quis *in extremis* sufocar, mudando a ardente heroína em pacata mulher de um tipo imposto pela família e que sempre lhe parecera o mais sórdido dos homens. O autor, desejando provar de mais (no caso o preconceito vivo nas famílias brancas e a oscilação psicológica da mulher), desfigura o par amoroso, emboneca o protagonista e deixa o leitor no escuro quanto à marcação de um possível "caso de temperamento" que nas mãos de um Zola poderia render a figura de Ana Rosa. (BOSI, 2003, p. 189-190).

Mais uma vez o referencial estrangeiro é apontado dentro da crítica feita ao romance, porém, desta vez, Alfredo Bosi imagina hipoteticamente o que poderia render o romance de Aluísio Azevedo, ou uma de suas personagens, nas mãos de outro romancista.

A influência que o Romantismo exerceu sobre o romance *O Mulato* volta a aparecer na crítica feita por João Pacheco, no volume dedicado ao Realismo, dentro da coleção *A Literatura Brasileira*, de 1971. Mesmo apontando que o romance estabelece um marco divisório em nossa evolução literária, o crítico afirma que:

A concepção despira-se de meiguice romântica, a dar um toque de sentimentalidade e brandura a tudo e a todos, para assumir uma dramaticidade rude, através da qual o autor procurava descobrir a face crua dos homens e das coisas, não mais bafejados pela aura do espírito, mas arrastados pelas paixões vis e dominados pela força da sensualidade. Contudo, o escritor não passara em vão pelo Romantismo, de cuja influência, ao elaborar o livro, não se desprendera de todo; daí o entrecchoque de concepções a atritar aqui e ali nas suas páginas. (PACHECO, 1971, p. 134).

Outro problema na própria estruturação da narrativa é levantado por João Pacheco. Segundo ele, o romance possui lances admiráveis, em que se realizam plenamente os perfis dos personagens e as cenas convencem pelo vigor dramático. Porém, há outros em que a narrativa empalidece e os episódios perdem a verossimilhança, mesmo que o crítico não aponte algumas destas cenas pálidas dentro do romance, nem demonstre o que ele considera vigoroso no mesmo. Para Pacheco as personagens de *O Mulato* são características das escolas literárias pelas quais o romance parece balançar: Raimundo é tipicamente romântico, o cônego Diogo é naturalista, e Ana Rosa se debate entre as duas caracterizações, ora naturalista, ora romântica.

Se vimos no início deste estudo, o quão polêmico foi o lançamento de *O Mulato* no violento combate ao clero, ou mesmo à escravidão e ao preconceito de cor; Jomar Moraes coloca em seu *Apontamentos de Literatura Maranhense* (1977) outro ponto ridicularizado no romance e que até então não havia sido abordado pela crítica. Segundo ele, o romance de Aluísio Azevedo “desanca e ridiculariza uma certa literatice ateniense melosa e choramingueira, representada por “trovadores de esquina” e, sobretudo, pelo prolixo e maçante Freitas.”(MORAES, 1977, p. 172). Curiosa observação, pois Freitas foi um dos personagens da narrativa que até então não havia merecido atenção da crítica. Como o estudo de Jomar Moraes é mais histórico do que crítico, a observação fica apenas mencionada, sem um maior aprofundamento.

José Guilherme Merquior faria em 1977 uma interessante observação sobre o romance naturalista no Brasil, e consequentemente sobre a obra de Aluísio Azevedo. Segundo o crítico, o romance realista (a *la* Flaubert), não chegou a penetrar em nossa literatura. O que se firmou aqui logo após o Romantismo foi o romance naturalista à Zola; narrativa esta que comprova o encadeamento causal dos acontecimentos, mostrando a dependência destes de fatores biológicos ou ecológicos. Após mencionar o “sucesso de arromba” que foi a publicação de *O Mulato*, Merquior caracteriza o romance como uma “investida altamente dramalhônica contra o escravismo, no bojo da campanha abolicionista” (MERQUIOR, 1979, p. 114). Adjetiva ainda a narrativa de “rocambolesca hecatombe”, e conclui:

Esse enredo de melodrama acusa o sub-romantismo que pulsa por baixo dos nossos relatos naturalistas. Elementos naturalistas são o final “burguês”, a figura da mulher, reduzida a pura fêmea no cio, e o anticlericalismo à Eça de Queirós. O livro só se salva pela direiteza da narrativa e dos diálogos (menos, está visto, os dos protagonistas...) e pela vivacidade da notação social. (MERQUIOR, 1979, p. 115).

A afirmação de José Guilherme Merquior, apesar de conter certo teor irônico ao classificar a narrativa de mera hecatombe rocambolesca, aponta para muitos dos fatores presentes na obra e abordados pela crítica ao longo do tempo. A adjetivação de rocambolesca, referência direta aos romances folhetinescos de aventuras, aparece de outra maneira em Sonia Brayner, que em seu *Labirinto do Espaço Romanesco*, publicado em 1979, aponta para um “manancial de situações-feitas próprias da literatura folhetinesca” no texto de Aluísio Azevedo, e isso, segundo ela, era feito com o intuito de ser reconhecido enquanto sistema cultural-ideológico que ainda estava em curso. Um dos pontos que podem confirmar suas suspeitas é a de que “tudo se dispõe em torno do mistério da identidade de Raimundo. Clichê comum na literatura de aventuras – o herói que busca o mistério familiar –, vai desenvolver-se sobre o tema do preconceito racial e sobre o tema do amor ilegítimo a ser punido.” (BRAYNER, 1979, p. 36-37).

Afirmar esta que parece acertada e inédita na crítica feita ao livro até então. O mistério familiar, ou mesmo a descoberta de identidade, rondou boa parte das produções não só folhetinescas, como românticas do nosso XIX. Basta pensarmos em romances como os de Teixeira e Souza, Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães, e verificar que na obra de Aluísio Azevedo, estes mesmos efeitos aparecem diluídos dentro de um panorama aparentemente naturalista.

2.4. Conclusão do passeio crítico

A crítica feita a *O Mulato*, no século XIX pautava basicamente o romance criticando-o ou elogiando-o, tendo em vista o Naturalismo francês (mais especificamente o de Zola), e português (exclusivamente através de *O Primo Basílio*,

de Eça de Queirós). No século XX a crítica voltaria a bater nestas mesmas teclas empoeiradas do século XIX. É claro que algumas variações dentro deste processo apareceram: passava-se não mais a pensar exclusivamente no Naturalismo francês feito por Zola, mas também em Flaubert, que não foi aproveitado em nossa literatura, como bem aponta José Guilherme Merquior, mas que serve para a crítica de contraponto entre o que foi o nosso Naturalismo e o que poderia ter sido. As colocações hipotéticas desvirtuam assim parte destes estudos, pois boa parte dos críticos parecem mais preocupados em levantar aquilo que foi cópia, ou aquilo que desvirtuou do original estrangeiro.³⁷ Antonio Arnoni Prado aponta para este fato na introdução aos textos críticos que acompanham o “volume 1” da *Ficção Completa de Aluísio Azevedo*, porém limita-se aí a apontar para a crítica que compara os romances do escritor maranhense com a obra de Zola. Diz o crítico: “O que de fato pesou na avaliação literária da sua prosa foi a contaminação acadêmica da crítica, muito própria no âmbito das sociedades periféricas, que insistia em medir a qualidade de seus romances com base no ideário artístico do naturalismo de Émile Zola.” (PRADO, 2005, p. 43).

Não quero com isso afirmar que a comparação possa ser um ponto exclusivamente negativo dentro da crítica. Muitos souberam tirar excelentes proveitos destas comparações, como o já mencionado Nelson Werneck Sodré, em seu *O Naturalismo no Brasil*, e também Antonio Candido, em seu “De Cortiço a Cortiço”. Neste estudo, por exemplo, Candido aponta como o romance *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, apesar de manter clara relação com *L’assommoir* (1877) de Zola, vai além do seu referente francês, saindo do estudo das habitações coletivas em Paris para uma realidade muito mais rude e primitiva como a nossa.

Mesmo assim, a crítica do século XX consegue ter uma visão mais clara da obra de Aluísio Azevedo e da escola naturalista como um todo, e isso se deve sobretudo pelo já mencionado fato de ser ela escrita quando o romancista terminara sua carreira literária. Analisando toda sua ficção em conjunto, podemos perceber sim que *O Mulato*

³⁷ Flora Süssekind abordaria com maior detalhamento este lugar-comum na crítica ao Naturalismo em seu *Tal Brasil, qual Romance?* (1984).

é apenas um primeiro e pouco elevado altiplano³⁸ dentro de uma obra cheia de altos e baixos. É realmente em *O Cortiço* que encontramos o ponto mais alto que a ficção de Aluísio Azevedo alcança, porém uma leitura de toda a obra nos ajuda a perceber como o autor construiu o seu projeto literário, num país que pouca ou nenhuma possibilidade oferecia para isto. Portanto, quando a crítica debruça-se no século XX sobre toda a obra do escritor maranhense, o resultado é muito mais satisfatório do que o alcançado por um Araripe Júnior, que sem saber onde a obra azevediana atingiria o seu clímax, aponta em cada novo romance para a crença em um Aluísio Azevedo mais preparado e que pudesse oferecer ao público o Naturalismo que este crítico almejava. Não percebia Araripe Júnior que, dentro das condições oferecidas, o romancista construía aquilo que lhe era possível, e talvez se deva a ele pelo menos uma parcela do que a nossa literatura foi, é e seguirá sendo. É claro que, na condição de contemporâneo do romancista, Araripe Júnior apenas podia analisar os romances na medida em que eram lançados, empecilho não enfrentado pelos críticos do século XX.

Como afirma José Veríssimo, é graças a Aluísio que nossa literatura ganhou “visão mais clara das coisas, observação mais sincera e expressão em suma melhor.” (VERÍSSIMO, 1981, p. 242). Pode o romancista ter falhado em muitos aspectos, como fica claro na leitura de sua obra em conjunto, mas com certeza trouxe uma visão sociológica para nossa literatura que não existia até então. Antonio Candido apontará para isso, no já citado *De Cortiço a Cortiço*. É esta forte análise social presente em seus romances que permite, por exemplo, que um sociólogo como Gilberto Freyre se volte para o romance de Aluísio Azevedo em seu estudo sobre a sociedade patriarcal no Brasil. Não é em vão que este classifica o romance de verdadeiro “documento humano” do Brasil de então.

Ao vermos neste capítulo como o romance *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, foi lido ao longo da nossa história crítica, construímos uma história das múltiplas leituras do mesmo. Essas leituras nos levam a um percurso bastante interessante. É fazendo esse caminho que percebemos o quanto a crítica consegue moldar ou remodelar parte das

³⁸ Tomo o termo de Antonio Candido, na introdução ao romance *Philomena Borges*, ao classificar assim *O Mulato* dentro da obra de Aluísio.

considerações feitas anteriormente, e como em alguns casos, na sua insistente teimosia, segue repetindo considerações do passado, sem perceber o que condicionava os críticos anteriores a chegarem a tais afirmações e fazerem tais leituras. É claro que esta história da leitura do romance não se esgota nas críticas aqui analisadas. É uma história que também é construída em outros textos publicados no meio deste caminho, aqui não mencionados, e também na leitura que cada um constrói quando mais uma vez é levado a abrir as páginas do romance e aventurar-se na São Luís do século XIX.

PARTE II:

***O Mulato*, de Aluísio Azevedo: um romance, duas versões (1881-1889)**

CAPÍTULO 1

O NARRADOR NAS DUAS VERSÕES DE *O MULATO*

1.1. O autor e o narrador no romance naturalista

Qual posicionamento era esperado do autor, e de sua contraparte o narrador, dentro do romance naturalista? Encontraremos esta resposta em alguns textos do escritor francês e “pai do Naturalismo”, Emile Zola. Ele pregava, acima de tudo, um apagamento total da figura do autor, que apenas deveria, grosso modo, agrupar os elementos dentro da estrutura narrativa. Em um de seus textos, “O senso do real” (1880), Zola exemplifica como deveria trabalhar um romancista naturalista:

Um de nossos romancistas naturalistas quer escrever um romance acerca do mundo dos teatros. Ele parte dessa idéia geral sem ter ainda um fato nem uma personagem. Seu primeiro cuidado será reunir em notas tudo o que puder saber a respeito desse mundo que pretende retratar. Conheceu tal ator, assistiu a tal cena. Eis aí documentos, os melhores, aqueles que amadureceram nele. Em seguida, sairá a campo, ouvirá os homens mais bem informados sobre a matéria, colecionará as expressões, as histórias, as descrições. Não é tudo: irá, depois, aos documentos escritos, lendo tudo o que lhe pode ser útil. Enfim, visitará os locais, viverá alguns dias num teatro para conhecer seus mínimos recantos, passará suas noites num camarim de atriz, impregnar-se-á o máximo possível do ar ambiente. E, uma vez completado os documentos, seu romance, como já o disse, se estabelecerá por si mesmo. O romancista terá apenas que distribuir logicamente os fatos. (...) Fazer mover personagens reais num meio real, dar ao leitor um fragmento da vida humana, aí se encontra todo o romance naturalista.” (ZOLA, 1995, p. 25-26).

É conhecida a anedota que Coelho Neto apresenta em seu romance *A Conquista* (1899), sobre as “pesquisas de campo” realizadas por Aluísio Azevedo (Ruy Vaz no romance) para a escrita de *O Cortiço*. No prefácio da 2ª edição de *O Mulato*, Aluísio Azevedo afirma que a obra “foi feita em boa-fé, não a puxei à força de dentro de mim, foi ela que se formou por si mesma, sob o domínio imediato das impressões, e procurou vir à luz em forma de romance.” (AZEVEDO, 1889, p. VI). Aproxima-se, assim, o romancista, do modelo ideal apresentado por Zola, ou seja, aquele a quem cabe unicamente “distribuir logicamente os fatos colhidos de suas impressões e pesquisas”.

Antes de prosseguirmos, cabe ressaltar que por vezes pensarei nestes dois elementos narrativos, o autor e o narrador, como uma entidade única. Este tipo de redução é na maioria dos casos um grande equívoco, porém, para a análise que aqui inicio, este desvio não implicará, pelo menos nesta parte inicial, em erro. Os próprios autores do Naturalismo não estabelecem em seus textos teóricos e/ou críticos esta diferenciação entre as instâncias, costumeiramente vistas pela crítica literária como dois elementos distintos: autor e narrador. Para os naturalistas, e Zola é um bom exemplo disso, autor e narrador são praticamente um elemento, sem maiores distinções. É claro que quando a distinção entre as duas instâncias, narrador e autor implicarem em diferenças contrastivas e pertinentes para nossa análise, ela será feita.

Emile Zola também apresentou em outro de seus textos o ideal de um romancista naturalista: acima de tudo, ser um romancista experimental.

O romancista experimentador é, portanto, aquele que aceita os fatos provados, que mostra, no homem e na sociedade o mecanismo dos fenômenos que a ciência domina, e que faz o seu sentimento pessoal intervir apenas no fenômeno cujo determinismo ainda não está de forma alguma fixado, procurando controlar o mais que puder este sentimento pessoal, esta idéia a priori, pela observação e pela experiência. (ZOLA, 1982, p. 75).

Observar e experimentar. Tal como um cientista, o romancista deveria apenas praticar estas duas ações. Estaria assim isento de praticar julgamentos, análises, demonstrações maiores de suas opiniões ou crenças.

Uma análise mais detalhada dos romances do escritor francês mostrará que nem mesmo ele, Zola, atingiu este ideal de imparcialidade, quando muito conseguido por Gustave Flaubert, conforme atesta o próprio Zola: “A primeira característica do romance naturalista, do qual *Madame Bovary* é o tipo, é a reprodução exata da vida, a ausência de todo elemento romanesco.” (ZOLA, 1995, p. 96).

O que cabe aqui percebermos é como Aluísio Azevedo lidou com este ideal de romancista naturalista em *O Mulato*. Seria interessante nos perguntarmos, antes de iniciarmos nossa análise, se Aluísio Azevedo logrou em seu romance ser apenas o experimentador/ observador apresentado por Emile Zola, e de que maneira as

alterações na segunda edição de *O Mulato* são uma tentativa de aproximar-se deste ideal de romancista.

1.2. A voz narrativa nas duas versões de *O Mulato*

A primeira edição de *O Mulato* começa com um verso de uma canção maranhense que servia de epígrafe ao romance. “Eu conto o caso como o caso foi.” Afirmava-se assim o caráter realista do romance: o leitor ao adentrar na narrativa e deparar-se com esta citação se sentia frente a um caso real que seria narrado tal e qual acontecera, ou “como o caso foi”. Em sua segunda edição, o romance perde a citação que lhe servia de epígrafe. Não é mais necessário afirmar o aspecto realista da narrativa, ele pode ser percebido pelo leitor ao ler o romance e sentir vivo o “som monótono e invariável” que se desprega das ruas de São Luís do Maranhão, com sua população local como personagens.

População esta que é composta dos mais diversos tipos humanos: comerciantes, caixeiros, padres, escravos, viúvas; e em cuja caracterização podemos perceber a presença constante do narrador, que marca suas opiniões e ironiza seu objeto narrado. Estas marcações aparecerão, sobretudo, nas descrições das personagens, cujas crenças e estilo de vida são contrárias às do narrador do romance; como o cônego Diogo, Luís Dias e grande parte dos frequentadores da casa de Manuel Pescada.

É assim que surgem, na primeira edição do romance, as Sarmento, ostentando “grandes e ridículos” penteados, que passarão, na segunda edição, a penteados “assustadores de tamanhos fantásticos”. Desaparece de uma edição a outra a ridicularização dos penteados, que passam apenas a provocar sustos pelos seus tamanhos descomunais.

Estes comentários irônicos sobre algumas personagens do romance podem ser encontrados ao longo de toda a primeira edição de *O Mulato*, mas em alguns casos são intensificados na segunda edição. Na edição de 1881, por exemplo, o narrador não se furta de assim qualificar o personagem Luis Dias: “Dias, o piedoso Dias! também lá

estava.” (AZEVEDO, 1881, p. 96). Já na edição de 1889, o narrador aumenta a ironia da frase, inserindo mais um adjetivo: “Dias, o piedoso, o doce Luis Dias, tambem comparecera aquella noite á sala do patrão.” (AZEVEDO, 1889, p. 82). Em outro trecho da edição de 1889, o narrador se permite intensificar o desprezo pela mesma personagem: “Guiado pelo mestre, elle nunca tinha deixado de espreitar.” (AZEVEDO, 1881, p. 440). “Guiado pelo mestre, o imbecil nunca tinha deixado de espreitar.” (AZEVEDO, 1889, p. 326). A frase é a mesma, porém, a simples troca destas palavras, “elle” e “imbecil”, são significativas da marcação crítica utilizada pelo narrador frente à personagem. Dias é um “imbecil”, um “pedaço d’asno” facilmente manipulado por Diogo. Manipulação que culminará no assassinato de Raimundo, cometido com a arma fornecida pelo cônego.

Como vimos anteriormente, a primeira edição de *O Mulato* foi publicada em São Luís do Maranhão, em meio a uma grande polêmica surgida entre o clero maranhense e o grupo de jovens livres pensadores do qual Aluísio Azevedo fazia parte. Desta maneira, o cônego Diogo, representante do clero dentro do romance, será o alvo principal da pena afiada do romancista. Veremos mais adiante, quando investigarmos as diferenças existentes nas caracterizações das personagens entre uma edição e outra, como Aluísio Azevedo apresentava o cônego Diogo mais carregado de más qualidades, de um caráter que o tornava o grande e único vilão da história. Mesmo a religião à qual se dedicava não é levada a sério por ele. E o narrador faz questão de deixar isto claro. Por exemplo, logo depois da cena em que Ana Rosa confessa ao cônego Diogo que está grávida, a voz narrativa introduz o seguinte comentário: “o conego, ou fosse por calculo, ou fosse por lealdade, o que não é de suppor, guardara todavia o segredo da confissão.” (AZEVEDO, 1881, p. 433). Mais adiante o narrador volta a tratar do que representava a confissão para Diogo:

Afinal convencera-se o bom portuguez do completo restabelecimento de cousas; pois, tanto a este, como a ninguem, revelara Diogo o segredo de Anna Rosa, não por ser elle de confissão, que isso tanto se lhe dava como se lhe desse, mas por temer, como solidario da causa contraria, que o compadre desencafuisse dos cantinhos do character algum bocado de energia e viesse a preferir casar a filha com o homem que a desvirtuara. (AZEVEDO, 1881, p. 441-442).

Na edição de 1889, apesar de permanecerem algumas críticas à religiosidade maranhense, boa parte das colocações – e os dois exemplos anteriores se enquadram nisso – são eliminadas³⁹.

A religião não era o único ponto tocado pelo autor quando fazia na primeira edição suas colocações sobre o Maranhão. Os hábitos de vida daquela sociedade provinciana apareciam ridicularizados ou criticados através da própria voz narrativa: “E depois de varias voltas a conversa cahio no terreno predilecto da provincia – fallar mal da vida alheia.” (AZEVEDO, 1881, p. 353).

Todo o desgosto que sentia pela sociedade maranhense não impede o narrador de glorificar as belezas do Maranhão: “O mez de junho chegou com suas manhãs muito claras e brasileiras, manhãs que os filhos da ilha de S. Luiz malbaratam, apesar de serem talvez as mais bellas do mundo.” (AZEVEDO, 1881, p. 175); ou em:

Nos logares perto do Equador, como o Maranhão, os dias e as noutes são sempre do mesmo tamanho – as vezes já brilha a lua com a altivez de um novo monarcha que inspecciona seus dominios, e o ceu ainda está ensanguentado da purpura do ultimo sol, que se esconde no horisonte como um rei cahido e envergonhado.

São bellisimos os crepusculos do norte do Brazil! são os mais bellos do mundo! (AZEVEDO, 1881, p. 71).

Estas exaltações do narrador, nas quais podemos perceber a admiração de Aluísio Azevedo por sua terra natal, são completamente expurgadas do romance em 1889. É claro que o autor continuava um fervoroso admirador de sua província, porém, é necessário que à sua contraparte, o narrador, não sejam permitidos tais excessos de deslumbramento. Excessos estes muito caros a alguns autores de nosso romantismo, como Joaquim Manuel de Macedo e Bernardo Guimarães, como podemos verificar nos dois trechos a seguir: “Formosas e risonhas são as campinas no município da Uberaba, profundas e gigantescas as florestas, e os horizontes sempre afogueados pelos raios de um sol abrasador são esplêndidos e deslumbrantes.” (GUIMARÃES, 1976, p. 28). “É belo de ver-se, e é sublime de ouvir-se, a torrente impetuosa que se despenha da

³⁹ Para os trechos correspondentes na edição de 1889, ver: AZEVEDO, 1889, p. 320 e 327.

primeira montanha dessa serra majestosa no campo da fazenda em um belo leito de granito.” (MACEDO, 1944, p. 25).

Tais colocações não caberiam adequadamente a um escritor naturalista, que deveria apenas “observar e experimentar”. Além destas exaltações do narrador na primeira edição de *O Mulato*, encontraremos diversos outros trechos nos quais o narrador utiliza recursos muito caros aos autores do Romantismo, sobretudo aqueles de caráter mais sentimental e folhetinesco. É importante ressaltar aqui que quando menciono recursos folhetinescos, penso em alguns como os já apontados por José Ramos Tinhorão e Marlyse Meyer: uso de uma técnica teatral na estruturação dos capítulos (descrição da situação dramática, agravamento das tensões, perspectiva de resolução), cenários descritos e apresentados à maneira de um telão de teatro, relacionamento autor-leitor mais democrático, uso de um trio de personagens típicos no escopo narrativo (a vítima, o vilão e o herói), constante intervenção do autor no desenrolar das histórias, finalização de capítulos em clima de suspense, etc. O termo folhetinesco está, portanto, pensado aqui como um gênero literário, o folhetim melodramático ou sentimental, e não exclusivamente o meio no qual estes textos eram publicados, o folhetim nos rodapés dos jornais da época.

Na primeira edição de *O Mulato*, o narrador vai, por exemplo, manter em vários trechos um diálogo aberto com seu leitor. Estes diálogos permitem ao narrador chamar a atenção de seu leitor para trechos importantes, conversar abertamente com ele e, até mesmo, guiá-lo pela narrativa. Quando Dias invade o quarto de Raimundo no capítulo VII, o narrador da primeira edição afirma: “Quem assistio a inspecção passada por Anna Rosa não precisa acompanhar o novo bisbilhoteiro.” (AZEVEDO, 1881, p. 191). Na segunda edição apenas aparece a descrição da cena, sendo eliminada esta frase dirigida ao leitor.

Outro recurso caro aos autores de novelas folhetinescas⁴⁰ é a descrição de imagens e situações através de comparações. Como no exemplo retirado de uma das novelas de Bernardo Guimarães, presente no volume *Lendas e Romances*: “A alguns

⁴⁰ O recurso caro aos autores folhetinescos, não é uma exclusividade deles. Basta pensarmos em romances como *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia, no qual o uso das comparações chega quase a ser um elemento estrutural do discurso, sem maiores implicações de filiação folhetinesca ou romântica.

passos de nós se desdobrava o largo veio do rio, refletindo em uma chispa retorcida, como uma serpente de fogo, o clarão avermelhado da fogueira.” (GUIMARÃES, s/ data, p. 153).

Na primeira edição de *O Mulato*, Aluísio Azevedo utilizará abundantemente este recurso, principalmente na descrição de paisagens: “la anoutecer – o sol escondia-se já nos bastidores vermelhos do horizonte, como um actor da escola antiga – sem dar costas ao publico. O ceu afogueava-se tragicamente em celagens sanguineas e o campo bocejava, como espectador de um espectáculo sedição.” (AZEVEDO, 1881, p. 309). “A noute exalava da floresta, como uma nuvem medonha que se eleva cheia de phantasmas e terrores⁴¹.” (AZEVEDO, 1882, p. 71).

Em 1889, o romancista expurga as comparações existentes nestes e em outros trechos, deixando o texto mais ágil e até mesmo menos previsível em alguns casos⁴².

Aluísio Azevedo, que dois anos antes publicara *Uma Lágrima de Mulher*, continua na primeira edição de *O Mulato* a utilizar-se de alguns recursos já experimentados no romance de 1879, como, por exemplo, a digressão do narrador ao demonstrar o pensamento de Dias:

Um movimento quase imperceptível abria a seus pés dous thesouros inextimaveis – uma riqueza com todo o seu opulento cortejo de regalias e uma mulher moça e formosa, com todos os encantos do amor, isto é – o resumo do que ha de bom sobre a terra – a ultima expressão do que a natureza, sempre bôa, fez para o homem, e do que o homem sempre egoista, fez para si! – a mulher e o dinheiro! – as duas obras primas de dous grandes artistas – Deus e o homem. (AZEVEDO, 1881, p. 470).

A segunda parte de *Uma Lágrima de Mulher* apresenta longas passagens com digressões narrativas como esta: uma breve pausa na narrativa, onde se permite o narrador dialogar com seu leitor. Na segunda edição de *O Mulato*, Aluísio Azevedo, pelo menos no trecho acima, segue à risca os ensinamentos de Zola. Desta forma, elimina a digressão narrativa e altera consideravelmente a cena: “Nisto, rangeu a

⁴¹ Esta descrição também ajuda a ambientar a trágica morte de José da Silva, que acontece na mesma cena, páginas à frente.

⁴² O último exemplo, em que o narrador descreve a noite na qual ocorrerá a morte de José da Silva é um bom exemplo da previsibilidade existente na narrativa no texto de 1881, eliminada na segunda edição.

fechadura. Aquella porta ia abrir-se como um tumulto, onde o miseravel sentia resvalar o seu futuro e a sua felicidade, no entanto, tamanha calamidade dependia de tão pouco! O grande obstaculo de sua vida estava ali, a dous passos, em magnifica posição para um tiro.” (AZEVEDO, 1889, p. 346).

Em 1950, Lúcia Miguel-Pereira afirma, em seu *Prosa de Ficção*, que Aluísio Azevedo visivelmente toma partido em *O Mulato*. Apesar de a crítica estar pensando na segunda edição do romance (a edição consultada por ela é a 11ª, de 1941), a falta de neutralidade por parte do narrador se faz mais forte na edição de 1881. É nela, por exemplo, que Aluísio Azevedo insere um parágrafo para abordar os quilombos, segundo ele, um dos inconvenientes gerados pela escravidão.

Em todos os sertões do Maranhão ha quilombos ou mocambeiros, é o lugar onde vivem os escravos fugidos com suas mulheres e filhos, formando uma grande familia de malfeitores. Essa gente quando não pode viver da rapina, vive da caça, que é por lá muito abundante e que facilmente se vende na vila, de sorte que a escravatura, alem de tantos mais inconvenientes, trouxe-nos o de povoar nossos campos de salteadores, em cujas mãos tem cahido centenares de victimas. (AZEVEDO, 1881, p. 69).

Na edição de 1889, o autor continua abordando os mocambeiros existentes no sertão do Maranhão, porém, isto é feito de maneira muito mais neutra. À maneira naturalista, Aluísio Azevedo apenas observa:

Não é tão infundado aquelle terror: o sertão da provincia está cheio de mocambeiros, onde vivem os escravos fugidos com suas mulheres e seus filhos, formando uma grande familia de malfeitores. Esses desgraçados, quando não podem ou não querem viver da caça, que é por lá muito abundante e de facil vender na villa, lançam-se á rapinagem e atacam na estrada os viajantes; travando-se, ás vezes, entre uns e outros, verdadeiras guerrilhas, em que ficam por terra muitas victimas. (AZEVEDO, 1889, p. 69).

Além da escravidão e dos males que esta trazia para a sociedade brasileira, Aluísio Azevedo aborda durante vários trechos da primeira edição os males provocados pela péssima educação recebida pelos brasileiros:

Raymundo, como a maior parte dos brasileiros, recebera uma péssima educação primaria – tinha medo do papão, era teimoso, cheio de caprichos, ressentia-se do – tenha modo, menino! – Comporte-se! – Esteja quieto! e outras

frazes esmagadoras com que os paes estupidos costumam intimidar os filhos. (AZEVEDO, 1881, p. 79).

Na edição de 1889, o narrador colocará os portugueses como os grandes responsáveis por esta educação, mas reduz consideravelmente sua crítica, como podemos perceber inclusive através dos termos utilizados por ele:

Tinha muito medo do escuro; á noite, cosia-se contra a parede, abraçado aos travesseiros. Não gostava dos outros meninos, porque lhe chamavam «Macaquinho». Era teimoso, cheio de caprichos, ressentia-se muito da má educação que os portuguezes trouxeram para o Brasil. (AZEVEDO, 1889, p. 69).

O posicionamento do narrador frente a esta educação precária atinge seu nível máximo na primeira edição, através da nota de rodapé inserida na página 275. Nesta nota, o narrador/autor louva os feitos de certo Roberto Moreira, criador de uma escola particular de primeiras letras:

Somente cinco annos depois da epocha em que o romance figura fallar o personagem Raymundo, creou o Maranhão o bem intencionado Sr. Roberto Moreira uma escola particular de primeiras letras, á imitação das dos Estados Unidos. Foi a primeira que aboliu o castigo corporal e merece por isso a attenção dos homens modernos; pois, apezar de guerreados pelos muitos vicios da pessima educação maranhense, são patentes e incontestaveis os bons resultados que aquelle reformador, em muito pouco tempo, tem colhido de seus esforços e fadigas. (AZEVEDO, 1881, p. 275).

Muitos dos críticos que leram *O Mulato* ao longo de nossa história literária viam na personagem Raimundo uma contraparte do autor, uma espécie de porta-voz de suas idéias e crenças. Quando analisamos a nota de rodapé da página 275 esta leitura se confirma. No romance, Raimundo apresenta ao seu tio todo um ideal de vida, que se iniciava na boa educação dos filhos, afastados dos vícios da religião e da sociedade maranhense. As falas de Raimundo que antecedem o surgimento da nota de rodapé apresentam idéias muito semelhantes as da página 79, já vistas aqui, e também de outras partes do romance.

Neste ponto, e nas extensas 20 páginas da primeira edição nas quais Raimundo coloca suas crenças ao tio, o narrador, o autor e a personagem possuem os mesmos pontos de vista, apresentam os mesmos ideais. Simpatias e partilha de crenças que

extrapolam a nota da página 275, e que poderão, de uma forma ou de outra, ser verificadas nas caracterizações das personagens. Nosso próximo passo na leitura de *O Mulato*, que não deixará de ter em vista a posição do narrador e do autor em relação às mudanças existentes na edição de 1889, frente ao texto de 1881.

1.3. A caracterização das personagens

Quando analisamos na seção anterior a constituição do narrador nas duas edições de *O Mulato*, abordamos, ainda que brevemente, como alguns comentários realizados pela voz narrativa, quando da caracterização de algumas personagens, indicavam uma maior ou menor inclinação por elas. Gostaria de voltar com mais vagar a este ponto.

Três personagens são essenciais para pensarmos nos pontos que quero aqui levantar, pois são as que mais oferecem elementos para a análise do narrador e das mudanças praticadas pelo autor na edição de 1889: Raimundo, Diogo e Luís Dias.

Raimundo aparecia na edição de 1881 de maneira muito mais idealizada que na segunda edição, porém é importante termos em vista que esta idealização não se perde completamente de uma edição à outra. A caracterização física da personagem presente no capítulo III do romance é um exemplo de como Aluísio Azevedo pouco alterou a constituição “idealizada” de seu herói:

Raymundo era um bonito rapaz de vinte e seis annos, um typo verdadeiramente brasileiro si não fossem os grandes olhos azues, que puxara ao pae, tinha os cabellos muito pretos, lustrosos e crespos, a tez morena, um pouco amulatada, porem pallida e fina, os dentes claros, que mais sobresahiam na negrura indiana do bigode, tinha a estatura alta e elegante, o pescoço largo, o nariz direito e fronte espaçosa. Porem o que mais impressionava de sua physionomia, o que mais se prendia e fixava na memoria de quem o observasse, eram seus grandes olhos azues e sombrios, com o pupilla muito negra e cercados em forma de amendoa pelas pestanas crespas; as palpebras, esfumadas de violeta, tinham uma expressão sensual de tristeza e ternura; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nankim, faziam sobresahir a frescura da epiderme; a barba, toda raspada, com um colorido azulado, dava ao rosto os tons sympathicos de uma aguarella sobre papel de arroz.

Vestia-se com gosto e distincção, tinha os gestos e as palavras delicadas, convencentes, sua voz insinuava-se no animo de qualquer pessoa como um trecho musical do Guarany. (AZEVEDO, 1881, p. 50-51).

Na segunda edição, Aluísio Azevedo pouco muda do trecho anterior, apenas eliminando algumas características ou alterando-as levemente:

Raymundo tinha vinte e seis annos e seria um typo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azues, que puxara do pae. Cabellos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina, dentes claros que reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante, pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa. A parte mais característica da sua physionomia eram os olhos – grandes, ramalhudos, cheios de sombras azues, pestanas eriçadas e negras, palpebras de um roxo vaporoso e humido; as sobancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nankim, faziam sobresahir a frescura da epiderme, que, no logar da barba raspada, lembrava os tons suaves e transparentes de uma aquarella sobre papel de arroz.

Tinha os gestos bem educados, sobrios, despidos de pretenção, fallava em voz baixa, distinctamente, sem armar ao effeito, vestia-se com seriedade e bom gosto, amava as artes, as sciencias, a litteratura e, um pouco menos, a politica. (AZEVEDO, 1889, p. 48).

Como verificamos na parte I deste estudo, Lúcia Miguel-Pereira é irônica ao analisar a constituição da personagem no romance: “Joaquim Manoel de Macedo não pôs maiores requintes na descrição dos seus ternos mancebos.” (PEREIRA, 1950, p. 142). E termina por apontar para uma inclinação do autor pela personagem, pois este ajudava o romancista a provar sua tese:

A tese sendo provar a injustiça da prevenção dos brancos contra os mulatos, o autor se crê na obrigação de cobrir Raimundo de tôdas as virtudes, de fazê-lo belo, nobre, inteligente – sem cuidar que o fazia sobretudo absurdo e inumano, e que construía um romance realista em tórno de uma figura escandalosamente romântica. (PEREIRA, 1950, p. 142-143).

Vimos anteriormente que Zola apresenta como o objetivo de um autor naturalista: “Fazer mover personagens reais num meio real (...)” (ZOLA, 1995, p. 26). Sob este aspecto, verificamos que Aluísio Azevedo falha sensivelmente na construção de Raimundo. Sendo Raimundo o portador de todas as boas qualidades esperadas da humanidade pelo autor, apresenta a personagem certo caráter inverossímil, claramente idealizado. Raimundo é um “homem delicado” (AZEVEDO, 1881, p. 144), por quem todas as mulheres da sociedade maranhense se sentem atraídas: “Era bonito, bastante talento – nada lhe faltava – as mulheres babavam-se por elle.” (AZEVEDO, 1881, p.

86). A notação é eliminada no mesmo trecho na edição de 1889, mas aparece mais adiante, ampliada:

... as moças não lhe fechavam o coração, em sociedade o repeliam todas, isso é exacto, mas em particular o chamavam para a alcova. Raymundo via-se provocado por varias damas, solteiras, casadas e viuvias, cuja leviandade chegava ao ponto de mandarem-lhe flores e recados, que elle fingia não receber, porque, no seu caracter educado, achava a coisa ridicula e tôla. (AZEVEDO, 1889, p. 118).

Atração esta mais fortemente sentida pela prima Ana Rosa, que ao adentrar secretamente no quarto de Raimundo fica “com o sangue quente a percorrer-lhe mais apressado as arterias.” (AZEVEDO, 1881, p. 126):

Raymundo vinha nesse alluvião, como um facto original e agradável — aquelle rosto moreno, de olhos ardentes e cabellos amulatados, não lhe sahia da memoria (...). Entontecia de pensar nelle — a lembrança daquelle vulto airoso, fóra do vulgar, em que a distincção social, a nobreza do porte, se fundiam singularmente com uma certa belleza selvagem, uma certa aspereza de traços, produzia-lhe o effeito de um vinho bom (...). Sentia-se humilhada pensando nelle — descobria-lhe certo imperio masculino, certa preponderancia, que era para si uma novidade. Comparava-o aos outros homens e achava-o incontestavelmente superior, imponente, austero, fechado ao olhar mais penetrante — inviolavel! (AZEVEDO, 1881, p. 124-125).

Na edição de 1889, Aluísio Azevedo modifica em parte a idealização da prima por Raimundo, porém, mais uma vez, não se trata de uma eliminação total, e sim de uma breve alteração:

Raymundo avultava dentre a multidão dos factos como uma letra maiuscula no meio de um periodo de Lucena; aquelle rosto quente, de olhos sombrios, olhos feitos do azul do mar em dias de tempestade, aquelles labios vermelhos e fortes, aquelles dentes mais brancos que as prezas de uma fera, impressionavam-na profundamente. (...) O hybridismo daquelle figura, em que a distincção e a fidalguia do porte se harmonisavam caprichosamente com a rude e orgulhosa franqueza de um selvagem, produzia-lhe na razão o effeito de um vinho forte, mas de uma doçura irresistivel e trahidora, ficava estonteada, perturbava-se toda com a lembrança do contraste daquelle physionomia (...); quanto mais o comparava aos outros, mais o achava superior, unico, excepcional. (AZEVEDO, 1889, p. 106-107).

Algumas das características mais fortes em Raimundo na edição de 1881 e que são quase totalmente expurgadas na edição de 1889 são aquelas relacionadas a sua

convicção positivista. Raimundo é, na primeira edição, possuidor de uma “bella educação phisica” (AZEVEDO, 1881, p. 302); um “homem de principios austeros e positivos”, para quem os atos de amor de sua prima são “uma cousa ridicula, ilegal, esteril, pulha!” (AZEVEDO, 1881, p. 165). As visitas da prima ao seu quarto são para ele “um acto ilegal e ridiculo.” (AZEVEDO, 1881, p. 151).

É como homem positivista, possuidor de todas estas qualidades, que Raimundo aparece na primeira edição quase como um ser superior, capaz de, em um diálogo que ocupa quase 20 páginas do romance, dar uma lição de moral em seu tio, traçando para ele um plano ideal de vida, seguindo, é claro, os preceitos positivistas.

Através destes mesmos preceitos, acha a paixão de sua prima por ele uma “situação um tanto ridicula – cheirava-lhe tudo aquillo a poesia” (AZEVEDO, 1881, p. 393), e é capaz de analisá-la cientificamente: “elle sabia perfeitamente qual era a exigencia do organismo de Anna Rosa, o calor daquelle sangue inquieto, vermelho, a propensão que ella sempre revelara para procriar, os reclamos daquellas carnes impacientes!” (AZEVEDO, 1881, p. 383).

Porém, Raimundo era formado em Direito. O narrador, frente a este problema, esclarece o gosto da personagem pela ciência em um único parágrafo, que desaparece na segunda edição, já que as análises científicas feitas pela personagem também serão eliminadas:

E' preciso notar que elle, entusiasta da *nova-idéa*, homem moderno por excellencia, filiado a essa geração que tem por alvo o trabalho e a utilidade; que respirava em Paris as luzes da civilisação e dos progressos da intelligencia, observador frio e consciencioso da materia, que só procurava conhecer o homem por meio de experimentações e observações biologicas; que, apesar de formado em direito, entregara-se com talento e esforço ao estudo das sciencias positivas como unico meio de conhecer a boa natureza; que sabia ler Augusto Conte, apreciar Longet, tinha na estante Bucher e Jacolliot; e que, além de tudo isso, auscultava ha mezes, com interesse de amigo, a constituição medica de Anna Rosa e descobrira-lhe a grande actividade mal aproveitada de seu organismo rico de força, os reclamos de seus órgãos ociosos, por isso que calculara a diathese nervosa, como uma consequencia dessa innação forçada. Pois bem —elle que cenhecia tudo isso, não podia surprehender-se da franqueza sacudida e arrebatada com que Anna Rosa fallou-lhe em amor — Tudo aquillo, pensava elle —eram cousas muito naturaes, phenomenos physiologicos muito conhecidos e explorados, que a medicina moderna combate com agoa fria, exercicios, boa musica e magnifica alimentação. Anna Rosa era para elle uma rapariga enferma —precisava tratar-se —eis tudo! e o melhor e mais acertado remedio nesses casos é o casamento — Pobre rapariga! heide

cural-a! promettia consigo, satisfeito com a tarefa a que se propunha. (AZEVEDO, 1881, p. 166-167).

Como então explicar a leitura romântica que o mesmo Raimundo, pouco afeito às coisas do amor, faz de sua prima Ana Rosa?

Raymundo ainda não tinha reparado que sua prima era bonita – Sim senhor! tem um bello par de olhos pretos, magnificos cabellos, achou-a bem tratada – uma tez muito limpa, fina e lustrosa, com uma certa pallidez sympathica, sombreada de amarello Napoles, mãos claras e um sorriso de dentes areados. (AZEVEDO, 1881, p. 131).

Este mesmo parágrafo aparece com leves alterações no texto de 1889, porém Raimundo perde o aspecto positivista. Parágrafos inteiros são eliminados, considerações científicas desaparecem e a lição de moral dada ao tio ao longo de 20 páginas se converte em um curto parágrafo. Mais adiante voltaremos a abordar a presença do positivismo dentro do romance e de como as alterações de uma edição à outra foram condicionadas por uma mudança no pensamento social brasileiro.

Mas não é apenas o positivismo que é eliminado em Raimundo quando da segunda edição em livro de *O Mulato*. Alguns atos cometidos pela personagem são eliminados em 1889, por não condizerem com a imagem de bom moço que o autor procurava introduzir na personagem.

Um destes atos, expurgados em 1889, acontece quando da visita de Manuel e Raimundo a São Brás. Lá, Raimundo encontra sua mãe, mesmo sem saber de quem se trata. Ele, um defensor ferrenho do fim da escravidão, investe sobre a escrava, empurrando-a e dando chicotadas:

— Não me toques! dizia Raymundo, furioso, levantando o chicote.
A preta não fez caso e atirou-se de novo a Raymundo, que, impaciente, frenetico, levantou o braço e metteu-lhe duas lambadas.
A preta, estorcendo-se, segurou-o pelas pernas. Elle agarrou-a vigorosamente pelos braços e expelio-a —nova queda, porem nova investidura.
Raymundo defendia-se a chicotadas, suado, tinha-lhe cahido o chapéu (AZEVEDO, 1881, p.315).

Em 1889 a cena se converte em dois breves parágrafos nos quais Raimundo apenas levanta o chicote para afastar Domingas: “Raymundo sahio de carreira para

reunir-se a Manoel, porem a idiota alcançou-a, já no cemiterio, e arremeçou-se de novo contra elle.

– Não me toques! gritava o moço, com raiva, levantando o chicote.” (AZEVEDO, 1889, p. 235-236).

A mudança faz sentido quando pensamos na distinção com que Raimundo nos é apresentado. Não seria condizente com um homem de princípios austeros uma investidura contra uma escrava. Como também não parecem convincentes as ameaças feitas ao cônego Diogo pelo bom moço Raimundo, presentes na primeira edição: “Raymundo levantou-se e foi ter ao ouvido do conego. —Toma sentido, assassino! tenho provas de que mataste meu pae e si te fizeres tolo —denuncio-te!” (AZEVEDO, 1881, p. 451).

A inclinação do narrador por Raimundo, personagem que o ajuda a provar sua tese, é sentida também em outros personagens do romance. Querendo mostrar a injustiça da sociedade maranhense sobre os negros, Aluísio Azevedo insere no romance outro personagem de cor negra, tão idealizado quanto Raimundo: Benedito, o pequeno escravo de olhos azuis: “Benedicto era cria de Maria Barbora – um pretinho secco, retincto, alto, muito levado dos diabos, com os beijos enormes, dentes branquissimos, o chrystalino dos olhos azulado.” (AZEVEDO, 1881, p. 99).

A informação sobre os olhos azulados de Benedito desaparece na edição de 1889, ficando sua caracterização menos irreal, mais coerente. Já em Raimundo, muitas das características presentes na primeira edição permanecem na segunda, com breves alterações, mas que não ajudarão a tornar a personagem mais verossímil.

Se o excesso de boas qualidades físicas e intellectuais abundam em Raimundo devido à forte ligação entre o narrador e a personagem, o mesmo não acontecerá com outras personagens. Luís Dias e o cônego Diogo são os dois melhores exemplos disso. Note-se que o fim é o mesmo, provar a injustiça social existente contra os negros, e como antigas estruturas da sociedade maranhense e brasileira – e a religião sobretudo – estavam corrompidas, fatos que, como verificamos anteriormente, Aluísio Azevedo também abordava em suas crônicas no periódico *O Pensador*.

Já vimos a ironia e o desprezo do narrador ao se referir a Luís Dias, “o piedoso Dias”, “o imbecil”. A caracterização da personagem também aponta, principalmente na edição de 1881, para este desprezo que a figura de Luís Dias nos provoca:

“... economico até a miseria, deleixado até a porcaria, Dias era um typo repugnante e antypathico.

Nas cores biliosas de seu rosto, no desprezo do proprio corpo, na taciturnidade paciente daquela exagerada economia, advinhava-se uma idea fixa, um alvo para o qual elle caminhava sem olhar dos lados (...)

Quanto ao phisico— magro, um tanto baixo, um tanto curvado, tinha uma barba enfezada e rala, vestia-se mal sempre; o uso constante dos chinellos de trança fizera-lhe os pés monstruosos. Não fumava, não ia ao theatro, nem a reuniões em que se despendesse, e quando estava perto da gente sentia-se logo um cheiro azedo de roupas sujas.” (AZEVEDO, 1881, p.41-42).

Na segunda edição, ainda que seja modificado em parte, o parágrafo com a descrição de Dias continua enaltecendo características desprezíveis. Outras marcações ao longo da edição de 1881 intensificam o caráter repugnante do caixeiro de Manuel Pescada: “ria-se com seu riso sujo de limo” (AZEVEDO, 1881, p. 43). O narrador também sente a necessidade de apresentar os fatos mais abertamente ao seu leitor, desmascarando a personagem: “aquelle casamento era para elle, como todas as cousas em que se mettia, um negocio de interesse.” (AZEVEDO, 1881, p. 145). Em 1889, estas passagens são suprimidas, permanecendo, no entanto, o caráter ambicioso, com atitudes condicionadas unicamente pelo interesse pessoal. Atitudes que em ambas as edições levam a personagem ao seu objetivo principal, o casamento com Ana Rosa, que lhe dará parte na firma comercial de Manuel: “A nova firma commercial Silva & Dias nasceu no meio da mais completa prosperidade.” (AZEVEDO, 1881, p. 481). Em certo sentido, na segunda edição, as características desta personagem apenas são alteradas em determinados trechos, reaparecendo em outros; porém, o resultado final obtido é o mesmo.

Para atingir seus objetivos, Dias conta com a ajuda do cônego Diogo. Na realidade, Diogo é o mentor de todo o plano que levará Luís Dias ao altar. É ele quem impulsiona o caixeiro a cometer o assassinato de Raimundo e, inclusive, quem fornece a arma para o crime. Na seção anterior apontamos para uma relação entre os

comentários do narrador, as críticas feitas contra a religião e a personagem Diogo dentro do romance.

Podemos aqui verificar outros exemplos que mostram a ligação do cônego Diogo com a religião que professa. A exortação de Diogo para que Luís Dias cometa o assassinato se traveste, na edição de 1881, de um caráter de sermão religioso, inclusive com o cônego, utilizando Cristo como mote para convencer o caixeiro: “Salve-a em nome de sua consciencia! em nome de seu protector e patrão! em nome de Christo, que nos observa das alturas!” (AZEVEDO, 1881, p. 462).

A religião é usada por Diogo unicamente como uma camuflagem para que seja visto pela sociedade como um santo homem. E é com esta imagem que ele aparecerá ao final do romance:

- Homem! sabe tambem quem está a decidir?! – o nosso conego Diogo!
- Sim! já ouvi dizer!
- Coitado! – retenção de ourinas – elle sempre sofrera de calos.
- Um santo!
- Era! Era! (AZEVEDO, 1881, p. 486-487).

Também na edição de 1881, Diogo promete o perdão para Dias, caso ele viesse a cometer o assassinato de Raimundo: “– Seria medroso?... seria maricas? o conego tinha razão?!... Não! não! alem disso o bom padre promettera-lhe conseguir o perdão de Deus para tudo o que elle fizesse!...” (AZEVEDO, 1881, p. 469).

A mudança de foco da edição de 1881 para a de 1889 – em 1881 a crítica à sociedade maranhense, preconceituosa, presa a velhos hábitos e idiotizada ao extremo pela religião; e a de 1889, muito mais crítica em relação aos males ocasionados pelo preconceito de cor e pela escravidão – faz com que todas as passagens relacionadas ao cônego Diogo, citadas anteriormente desapareçam ou sejam amenizadas na segunda edição.

A crítica à religião através da personagem Diogo atinge seu ápice na edição de 1881, em uma cena na qual o cônego passa a sentir atração sexual pela afilhada. A cena é breve, porém, bastante significativa. Em 1889, parte dela, na qual o cônego deseja resistir à tentação de avançar sobre Ana Rosa, é expurgada do romance. Vejamos contrastivamente as duas versões para a mesma cena:

Elle ficou embebido a contemplal-a n'aquella prostração. E perdido em reminiscências saudosas de sua mocidade, admirava a curva macia dos seios, que arfavam na compressão das sedas, a brancura nublada das faces, a harmonia engraçada das feições. Lembrou-se do seu tempo — Ó *tempora!* Ó *mores!*...

E, receioso de não resistir a um appetite impotente de morder aquellas carnes pallidas do pescoço, pousou, com um suspiro desconsolado, a perigosa confessada no enorme espaldar do banco... . (AZEVEDO, 1881, p. 424-425).

Na segunda edição, a última e significativa frase do trecho anterior é eliminada:

Elle ficou algum tempo a contemplal-a naquella posição, que a fazia mais bonita, e, perdido em saudosas reminiscências da sua mocidade, admirava a curva macia dos seios, palpitantes, sob a compressão da seda, a brancura mimosa das faces, a engraçada harmonia das feições. «O' *tempora!* O' *mores!*...» disse consigo e depol-a, carinhosamente, contra o alto espaldar do banco. (AZEVEDO, 1889, p. 316).

Certo exagero presente na primeira edição não era mais necessário em 1889. Diogo continua atraído pela afilhada, porém o narrador não exhibe o violento desejo sentido pelo padre de morder as “carnes pallidas do pescoço” de Ana Rosa. Aluísio Azevedo continuava um ferrenho crítico da religião, sobretudo a católica, como podemos verificar em cartas e crônicas escritas por ele durante toda a década de 1880, porém, não havia a necessidade de escancarar esta crítica transformando Diogo em um terrível vilão, que mesmo vendo em Ana Rosa uma “rapariga um tanto toleirona” (AZEVEDO, 1881, p. 452), sentia atração sexual por ela. Outro fator condicionante desta e de outras alterações realizadas na segunda edição de *O Mulato* são as mudanças no pensamento social e histórico brasileiro, que passavam por mudanças de perspectivas e mudanças nos problemas que eram trazidos para o cerne das discussões da época. São todas estas mudanças e suas presenças no segundo romance de Aluísio Azevedo, que passamos a analisar na continuação.

1.4. Política, ciência, literatura e sociedade: crítica

Tentaremos agora pensar as duas edições de *O Mulato* inseridas dentro do contexto social em que foram publicadas, de 1881 para 1889. Na década de 1880, o

Brasil passou por um período de grandes mudanças, cujas maiores frentes são as ligadas à abolição da escravidão, ocorrida em 1888, e ao início da República, em 1889. Durante toda a década estas questões vinham sendo discutidas, às vezes com menor ou maior intensidade e chegaram a um “desfecho” antes que a década terminasse⁴³. Outras questões se juntavam a estas na ordem do dia, como as relacionadas à religião, ao pensamento positivista, ao lugar da arte dentro da sociedade, etc. Longe de procurar aqui fazer um relato histórico dos eventos ocorridos no período, passaremos a verificar como estes eventos se fazem presentes nas duas edições de *O Mulato*, de Aluísio Azevedo.

Raimundo é sem dúvida a personagem mais a par das grandes questões da época, e junto às suas convicções positivistas, a política aparecerá na primeira edição como mais um de seus interesses. O sobrinho de Manuel Pescada escreve “contra a forma de governo portuguez” (AZEVEDO, 1881, p. 82); e tenciona vender suas propriedades no Maranhão para ir até o Rio de Janeiro fundar “um jornal político”. (AZEVEDO, 1881, p. 28). Na edição de 1889, Raimundo tem este interesse político alterado; tenciona fundar “uma empresa muito importante” (AZEVEDO, 1889, p. 30); e na faculdade escreve “cronicas teatrais” (AZEVEDO, 1889, p. 71); além de passar a tomar “gosto pela ciência”. (AZEVEDO, 1889, p. 71).

Porém, é na primeira edição que a ciência aparece com maior intensidade. Mais uma vez, Raimundo é a personagem do romance que se destaca. Apresenta um elevado conhecimento científico, demonstrado em afirmações como: “E Raymundo sentia-se solidamente feliz – tinha bastante fé em seu futuro e em seus conhecimentos scientificos.” (AZEVEDO, 1881, p. 53). O rapaz também possui em seu quarto um tratado de fisiologia, que conforme apontado na primeira edição, “tudo aquillo não passava de esclarecimentos scientificos, destinados a facilitar aos estudantes a comprehensão da materia e a guial-os nos seus estudos pathologicos.” (AZEVEDO, 1881, p. 159), mesmo sendo ele estudante de direito. Na segunda edição estas duas

⁴³ Fica claro que as aspas apontam para uma maneira bastante reduzida e esquemática ao pensar que a República, o fim do Império e a abolição da escravidão eram problemas já resolvidos no final da década de 1880. Alguns deles, inclusive, parecem até hoje não terem sido solucionados por completo, como é o caso da escravidão.

anotações são eliminadas, porém, lá permanece o tratado de fisiologia, abrindo um mundo novo para Ana Rosa. Personagem esta que na primeira edição, ao escutar o barulho dos armadores de ferro da rede tem seu sistema nervoso irritado (AZEVEDO, 1881, p. 121), e que na segunda edição tem um diagnóstico dado pelo médico bastante semelhante ao dado por Dr. Lobão sobre Magdá em *O Homem* (1887), o romance de Alúcio Azevedo mais impregnado de cientificismo:

- Mas o que tem ella, doutor?...
- Ora o que tem! Tem vinte annos! Está na idade de fazer o ninho! mas, em quanto não chega o casamento, ella que vá dando os seus passeios a pé. (AZEVEDO, 1881, p. 45).

Em *O Homem*, um dos diagnósticos oferecido pelo Doutor Lobão coloca o casamento como condição essencial para serem evitadas as crises histéricas:

- E'...! mas não convem que esta menina deixe o casamento para muito tarde. Noto-lhe uma perigosa exaltação nervosa que, uma vez aggravada, póde interessar-lhe os órgãos encephalicos e degenerar em hysteria... (AZEVEDO, s. data, p. 40).

Na grande maioria das recorrências da edição de 1881 de *O Mulato*, a ciência está intimamente ligada a uma leitura positivista do mundo. Já vimos, por exemplo, como Raimundo, “entusiasta da nova idéia”, é capaz de fazer uma leitura científica de sua prima. A ciência era na época uma espécie de chave, com a qual poderiam ser solucionados todos os problemas da humanidade, e isso, em parte, deve-se aos grandes avanços científicos do período. Novos métodos surgiam e a ciência passava a organizar-se de maneira distinta: deveria, acima de tudo, servir a objetivos práticos, oferecer resultados imediatos. Como bem definiu Nelson Werneck Sodré, em seu *O Naturalismo no Brasil*: “O mundo começava a ser desvendado pela ciência.” (SODRÉ, 1965, p. 15). Basta verificarmos alguns dos nomes importantes do período, em qualquer área da ciência (física, química, ciências naturais, etc.), para percebermos a importância e a revolução produzida pelas descobertas feitas na segunda metade do

século XIX: Hertz, Julius Mayer, Joule, Darwin, Fritz Muller, Claude Bernard, Pasteur, Koch, Lombroso, Taine, apenas para citar alguns deles.⁴⁴

Esta expansão da ciência, atrelada às grandes descobertas científicas do período, colocavam-na par e passo com a idéia de progresso e de utilidade do ser humano. É assim que Raimundo vê a ciência na edição de 1881:

Seu único pensamento, sua idéa fixa era viajar, instruir-se, abranger muitos e variados conhecimentos, fazer-se um homem util e estimado universalmente. Sentio um grande esforço, uma vontade de ferro amarral-o ao trabalho, compreendeu que nascera para as lutas, que era um eleito da geração nova, e sentio a necessidade restricta de fazer abnegações pelo estudo, de sacrificar-se á sciencia. (AZEVEDO, 1881, p. 82).

Raimundo é um homem da nova geração, um positivista nato. Alfredo Bosi aponta em “A arqueologia do Estado-providência” para um enfraquecimento do positivismo no Brasil com a vitória do regime republicano sobre a monarquia. Segundo o crítico, este enfraquecimento não implica necessariamente o fim do positivismo em nosso país e estudará ao longo do artigo algumas localizações isoladas de ideias positivistas, principalmente na região sul do Brasil. Porém, fica claro que este enfraquecimento do ideário positivista em nossa cultura com o início da República foi fator condicionante das maiores alterações ocorridas na segunda edição de *O Mulato*.

No romance, este ideal positivista se faz presente unicamente através de Raimundo. Jean-Yves Mérian, em seu estudo sobre a obra de Aluísio Azevedo, aponta que:

Na edição de 1881, Raimundo volta da Europa impregnado pela ideologia positivista. Ele é capaz de uma certa tolerância, mas está convicto da verdade intangível da filosofia de Augusto Comte. Ele se esforça, em todos os campos, por regular seu comportamento através dos preceitos definidos pela doutrina positivista e julga severamente aqueles cujos atos são contrários à moral positivista. (MÉRIAN, 1988, p. 249).

⁴⁴ O já citado estudo de Nelson Werneck Sodré, *O Naturalismo no Brasil*, traz um breve, porém, completo apanhado dos nomes importantes do período, bem como das descobertas feitas por cada um deles. (In SODRÉ, 1965, p. 13-17).

Mesmo que dissimuladamente Raimundo afirme ao tio que é um “homem de idéas tão extravagantes”, ainda que inofensivas e que promete modificá-las (AZEVEDO, 1881, p. 285), vemos na primeira edição como ele é capaz de julgar quem não segue os preceitos positivistas.

Na edição de 1889, no capítulo X, encontraremos uma curta conversação que ocorre durante a viagem de Raimundo e Manuel para as fazendas do Rosário. Raimundo é questionado pelo tio, pois não havia rezado diante do local no qual fora assassinado seu pai. Após a indagação de Manuel, aparece o seguinte trecho:

Raymundo não poudé conter uma risada, e, como o outro se formalisára, acrescentou em tom serio « que não desdenhava da religião, que a julgava até indispensavel como elemento regulador da sociedade. Afiançou que admirava a natureza e rendia-lhe o seu culto, procurando estudal-a e conhecel-a nas suas leis e nos seus phenomenos, acompanhando os homens de sciencia nas suas investigações, fazendo, enfim, o possivel para ser util aos seus semelhantes, tendo sempre por base a honestidade dos proprios actos ».

Montaram de novo e puzeram-se a caminho. Uma cerrada conversa travou-se entre elles a respeito de crenças religiosas; Raymundo mostrava-se indulgente com o companheiro, mas aborrecia-se, intimamente revoltado por ter de atural-o. Da religião passaram a tratar de outras coisas, a que o moço ia respondendo por prazer; afinal veio á balha a escravatura e Manoel tentou defendel-a; o outro perdeu a paciencia, exaltou-se e apostrophou contra ella e contra os que a exerciam, com palavras tão duras e tão sinceras, que o negociante se calou, meio enfiado. (AZEVEDO, 1889, p. 211).

Pois bem, este trecho, que na edição consultada não ocupa sequer uma página, correspondia na edição de 1881 a 19 páginas do romance (pgs. 264-283). Nestas páginas, Raimundo combatia as convicções do tio e apresentava os princípios positivistas que pregava. Encontraremos, ao longo delas, as considerações do sobrinho de Manuel Pescada sobre temas como Deus, educação e escravidão. A primeira das considerações de Raimundo dizia respeito à existência de Deus, tal qual fora questionado por seu tio Manuel. Raimundo afirma que para ele, Deus é a natureza, a matéria: “— Ora o que entendo por Deus! entendo a natureza, a materia, o increado.” (AZEVEDO, 1881, p. 264). Suas crenças positivistas o faziam afirmar que não existia razão para adorar a Deus, como fazia Manuel:

—o que eu digo é que não reconheço necessidade nem razão para adoral-o —o simples facto de constar por cá ser elle muito poderoso, nada explica —isso

seria uma especie de adulação! seria uma cousa inutil, porque se elle é todo poderoso, que diabo! não precisa de nossa actividade, que pode aliás ser muito bem aproveitada para outra cousa. (AZEVEDO, 1881, p. 265).

A partir deste ponto, Raimundo passa a aconselhar o tio sobre o que considerava ser um homem útil para a sociedade:

— (...) o senhor podia dedicar-se á invenção de qualquer industria, ou de qualquer empreza, ou de qualquer machina de utilidade real; como simples negociante podia ampliar o commercio da provincia em que o senhor tem enriquecido, podia crear fabricas, facilitar a vida da gente menos provida de fortuna ou de intelligencia, e enfim empregar a actividade de muitas pessoas ociosas e sem dinheiro. Então isto não é fazer bem á humanidade? E mais — depois de bastante rico, podia, si quizesse, levantar escolas, animar a criação de jornaes, que propagassem idéas boas, ajudar o melhoramento material da provincia, presenteal-a com algum edificio util, com tanto que tudo isto não fosse feito com a mira no habito da rosa, que podia vir da Côrte. (AZEVEDO, 1881, p. 266-267).

Para isso, começa a indicar leituras para que Manuel Pescada se instruisse, mostrando o quanto estava a par dos grandes pensadores da época:

Podia mesmo citar-lhe *Raspail*, *Carey*, *Papin*, *Palissy*, *Felippe de Girard*, uma infinidade delles, mas basta simplismente dar-lhe, quando chegarmos a cidade, um magnifico livrinho de *Samuel Smiles*, tenho-o no meu quarto —o *Self-Help*, ahi o senhor encontrará innumeros exemplos de verdadeira dedicação á humanidade. (AZEVEDO, 1881, p. 267).

Raimundo também disserta sobre a educação dos filhos, pois é através dela que os pais poderão formar cidadãos úteis. Educação que passava pela prática de exercícios, por uma alimentação regular, pelo estudo e a apreciação da boa arte. Ao final do longo parágrafo conclui:

“Enfim dar-lhe essa bella educação moderna, que se basea nas sciencias positivas e tem por alvo a felicidade commum dos povos.” (AZEVEDO, 1881, p. 268).

Raimundo também apontará a reza, a religiosidade, como uma atividade admissível para uma mulher, mas não para o homem: “O que quer dizer um homem a rezar?... ainda uma mulher —vá que seja! tem lá as suas devoções, comprehende-se —em casa, bem entendido!... contanto que com isso não roube muito tempo ás suas obrigações domesticas e não force os filhos a irem com ella a egreja.” (AZEVEDO,

1881, p. 270). O sobrinho de Manuel Pescada não via a necessidade da construção de tantas igrejas, pois acreditava que “o melhor meio de adorar a Deus é estudando a natureza e amando a humanidade” (AZEVEDO, 1881, p. 270). E que muito mais que na religião, a formação de um ser humano deveria passar por uma boa educação.

As últimas considerações de Raimundo na conversa com seu tio, dizem respeito à questão da escravidão, chegando este a afirmar que os escravos deveriam revoltar-se contra seus senhores e que a lei do tráfico de escravos havia de ser reformulada.

No já citado “A arqueologia do Estado-providência”, Alfredo Bosi relacionará o positivismo, mais ortodoxo, de Augusto Comte, com o antiescravismo dos republicanos: “O antiescravismo dos nossos ortodoxos sempre combinou os seus argumentos com a propaganda do regime republicano adotando para ambas as causas o mesmo discurso da crítica ao imobilismo do Império.” (BOSI, 1992, p. 276).

O tema da escravidão se faz presente nas duas edições de *O Mulato*, porém, se analisarmos todas as recorrências em cada uma das edições, verificaremos uma predominância do tema na segunda edição, o que se explica facilmente dada à proximidade de publicação da edição com os acontecimentos de 1888. Mesmo em 1889, quando surge a segunda edição de *O Mulato*, a escravidão continuava na ordem do dia. Foi com a abolição que o pensamento republicano, que até então vinha “se desenvolvendo com lentidão e sem nenhuma vibração, adquiriu celeridade, expandiu-se rapidamente.” (VIANA, 2010, p. 78). Voltar ao assunto da escravidão, que em 1889 ainda não era de todo um assunto solucionado, era também voltar o olhar para a questão da República, e conseqüentemente para a queda da monarquia.

A primeira edição, ainda que apresente algumas recorrências sobre os males da escravidão, tem como predominante as críticas feitas ao preconceito de cor existente em uma sociedade como a de São Luís. Cena chave para demonstrar esta mudança de foco entre as duas edições de *O Mulato* está no capítulo XII do romance. Após muito insistir ao tio em saber o porquê dele haver-lhe negado a mão de Ana Rosa, Raimundo recebe uma explicação de Manuel Pescada. Na edição de 1881 é a seguinte: “– E’ porque o senhor é mulato!” (AZEVEDO, 1881, p. 322). Já em 1889, a

explicação é alterada para: “– Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...” (AZEVEDO, 1889, p. 240).

Saía-se assim de um problema mais localizado, o preconceito de cor, para um dos problemas centrais discutidos no final da década de 1880, a escravidão; mesmo que na realidade ambos se relacionem entre si, quase chegando a ser, no fundo, a mesma coisa. Longos trechos da segunda edição condenarão a escravidão. Raimundo, por exemplo, vê na escravidão a fonte de todos os males ocorridos em sua vida:

– Mas, replicava-lhe uma voz interior, que elle mal ouvia na tempestade do seu desespero; a natureza não criou captivos! Tu não tens a menor culpa do que fizeram os outros, e no entanto és castigado e amaldiçoado pelos irmãos daquelles justamente que inventaram a escravidão no Brasil! (AZEVEDO, 1889, p. 242).

A denúncia dos malefícios da escravidão se faz presente nas próprias personagens do romance. Monica, a criada de Manuel Pescada, tem uma grande afeição por Ana Rosa, tratando-a como sua filha, pois, seus verdadeiros filhos “foram vendidos para o Sul”. (AZEVEDO, 1889, p. 105). Em 1881, a informação era de que os filhos de Monica morreram, sem nenhuma informação no romance de serem eles vítimas de tráfico negreiro. (AZEVEDO, 1881, p. 123).

Alúcio Azevedo não se furta de denunciar as atrocidades da escravidão, até nas alas mais religiosas da sociedade. Na edição de 1889, contrasta a religiosidade com a escravidão na cena em que descreve o aposento de Maria Bárbara. Após detalhar algumas imagens de santos que a sogra de Manuel Pescada possui em um oratório, prossegue o narrador:

Viam-se ainda, por toda a parte, quadrinhos de gravuras e chromos, onde se liam orações milagrosas, a do Monte-Serrate, a do Parto, a da Virgem, e outras, sem desenho, com que os typographos espertos da provincia exploram a carolice das beatas.
Contrastando com tudo isto, destacava-se, dependurada na parede, uma formidavel palmatoria de dar bolos, negra, terrivel, e muito lustrosa de uso. (AZEVEDO, 1889, p. 156).

Mesmo Casusa, personagem caricato do romance, faz na segunda edição uma avaliação da sociedade escravocrata brasileira:

– Mas venha cá! replicou o Casusa, fechando no ar a sua mão pallida e encardida de cigarro. Diz você que o povo não tem instrução, muito bem! Mas, como quer você que o povo seja instruído n'um paiz, cuja riqueza se baseia na escravidão e com um systema de governo que tira a sua vida justamente da ignorancia das massas?... Por tal forma, nunca sahiremos deste circulo vicioso! Não haverá republica em quanto o povo fôr ignorante, ora, em quanto o governo fôr monarchico, conservará, por conveniencia propria, a ignorancia do povo, logo – nunca haverá republica! (AZEVEDO, 1889, p. 267).

O pensamento de Casusa vai ao encontro de certa tendência do pensamento republicano brasileiro: “a independência da nacionalidade se devia acompanhar, para ser completa e também para ser lógica, da independência do homem negro.” (VIANA, 2010, p. 67).

Alfredo Bosi também aponta para um descompasso entre a escravidão, a república e o ideário positivista. Afirmação na qual também podemos ver semelhanças com a conclusão de Casusa citada acima: “Para Comte a escravidão colonial não era fruto da evolução biológica da espécie, mas uma “anomalia monstruosa” que devia ser extirpada. Ao Estado republicano caberia fazê-lo.” (BOSI, 1992, p. 279).

Apenas em dois momentos da primeira edição vemos uma crítica mais severa contra a escravidão. A primeira delas, já apresentada neste trabalho, aparece logo no capítulo III, quando a narrativa é interrompida e o narrador tenta em um parágrafo, esboçar um breve relato dos quilombos existentes em São Luís.

A segunda ocorrência na primeira edição de uma crítica mais dura contra a escravidão aparece no capítulo XIII. Raimundo, revoltado contra a sociedade maranhense por seu estúpido preconceito de cor, entra a pensar na escravidão e suas vítimas:

E Raymundo revoltava-se – Pois então – por melhor intencionado que fosse, todos o evitavam, porque sua pobre mãe era preta?! (...) Ah! maldita seja fosse a raça de especuladores que introduziu o sangue africano na Brazil! – maldita! mil vezes maldita! que nos vendera bem caro seus vícios e suas misérias! – Quantas victimas, como elle, não soffreriam a mesma raiva, a mesma vergonha, os mesmos tormentos?! E quantas outras, ainda mais infelizes, aquelles miseraveis não metteram no tronco, não carimbaram a ferro em brasa e não mataram a chicotadas?! —Canalhas! E lembrar-se elle que ainda hoje havia escravos, ainda havia surras, ainda havia assassinios nas fazendas e nas capitaes! Lembrar-se que ainda nasciam captivos, porque alguns fazendeiros, apalavrados com o vigario da freguezia, baptisavam os ingenuos como nascidos

antes da lei do ventre livre. Lembrar-se que a consequencia de tudo isso seria uma geração de parias, que teriam de soffrer, como elle, todas aquellas misérias! Ah! comprehendessem esses desgraçados que deviam reagir e não ficariam sem desafronta! E ainda o governo tinha escrupulos de acabar por uma vez com a escravatura! ainda dizia descaradamente que o negro era uma propriedade! Tinha graça! —o escravo é que era um roubo! repetia! e um roubo fosse comprado em segunda, em vigessima, em millessima mão —era sempre um roubo e nunca uma propriedade! (AZEVEDO, 1881, p. 362-364).

A mesma cena se repete na edição de 1889, com algumas alterações, principalmente relacionadas à crítica ao governo⁴⁵.

A primeira edição, como já afirmamos, voltava suas atenções para o preconceito racial existente na sociedade brasileira, principalmente em São Luís do Maranhão. Jean-Yves Mérian, ao estudar os manuscritos do romance deixados por Aluísio Azevedo, apresenta uma cena na qual Raimundo começa um relacionamento com uma moça chamada Laura, passageira do mesmo navio que trazia o sobrinho de Manuel para São Luís. Em um dos rascunhos (existem dois), afirma-se inclusive que a mãe da jovem fluminense é favorável ao relacionamento de sua filha com Raimundo. O romancista mostrava assim, como em uma sociedade que ignorava as origens de Raimundo, e não compartilhava de preconceito racial, que ele poderia suscitar a admiração, a paixão e o respeito:

Raimundo despediu-se e abraçou os companheiros de viagem:

- Perfeito cavalheiro! disse um.
- É muito instruído!
- Fala muitas línguas e conversa admiravelmente em português.
- É um brasileiro que honra o Brasil.” (*apud* MÉRIAN, 1988, p. 239).

O escritor elimina toda esta cena já na primeira edição do romance, porém insere muitas críticas ao preconceito de cor existente em São Luís. Preconceito que é denunciado, por exemplo, na carta deixada por Raimundo a Ana Rosa: “... o pior, o mais serio é que essa mesma declaração ser-te-ia prejudicial, faria de ti uma victima. A sociedade te chamaria a mulher do negro e nossos filhos teriam casta!” (AZEVEDO, 1881, p. 385).

⁴⁵ Cf. Azevedo, 1889, p. 269-270.

O preconceito aparece inserido em todas as camadas da sociedade. Ironicamente, um mulato que na edição de 1881 é caracterizado com a notação de ser “muito mais escuro que Raymundo” (AZEVEDO, 1881, p. 352), critica a atitude do sobrinho de Manuel Pescada: “– É muito bem feito, para não consentirem que estes negros se mettam connosco!” (AZEVEDO, 1881, p. 352).

O próprio Raimundo, injustiçado por este preconceito racial existente na sociedade, tem sérios problemas para se aproximar de sua mãe em cena da primeira edição, eliminada em 1889:

“Raymundo levava a intenção firme de carregar-o para a capital, trazer-a para sua companhia e apresentá-la ao público como sua mãe, mas, à vista do aspecto miserável de Domingas, faltou-lhe a coragem para tanto – suppunha-se mais virtuoso do que efectivamente era.” (AZEVEDO, 1881, p. 405).

Este é o mesmo Raimundo que momentos antes se queixava para a prima: “Vês tu?! – tenho posição social, não sou de todo pobre, nunca cometti uma acção feia! no entanto não poderei ser feliz, porque só tu eras minha felicidade, e eu sou *mulato*!” (AZEVEDO, 1881, p. 395).

Um equívoco editorial surge desta alteração de foco – do preconceito racial para a escravidão – entre as edições. Aluísio Azevedo mantém na segunda edição os pensamentos que Raimundo passa a ter a partir da palavra “mulato”, que nem sequer fora mencionada por Manuel na mesma edição: “o senhor é... filho de uma escrava...” (AZEVEDO, 1909, p. 240). Mesmo com esta informação fornecida por Manuel, a cena na qual Raimundo se põe a pensar sobre esta revelação permanece igual a 1881:

– Mulato!

Esta só palavra explicava-lhe todos os mesquinhos escrúpulos, que a sociedade do Maranhão usára para com elle. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitára; a conversa cortada no momento em que Raymundo se aproximava; as reticencias dos que fallavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautella dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; (...). (AZEVEDO, 1889, p. 241).

Além do preconceito de cor sofrido por Raimundo, que pode haver sido inspirado nas histórias de contrerrâneos de Aluísio Azevedo, como Gonçalves Dias, conforme atesta Jean-Yves Mérian, outro aspecto importante da sociedade maranhense encontra

sua exposição, crítica e ridicularização em *O Mulato*: a religiosidade. Aluísio Azevedo mostra, inclusive, em muitas passagens da primeira edição como estes dois aspectos apareciam muitas vezes interligados, nas mesmas pessoas: religiosas ao extremo, porém, propagadoras de um preconceito racial sem limites: “E terminara com uma careta religiosa – Quando Deus nosso senhor os fez negros não foi para bôa cousa!...” (AZEVEDO, 1881, p. 91), afirma D. Amancia Souzellas em uma conversa informal; ou “enfim sempre é um mulato” (AZEVEDO, 1881, p. 251), apontado por Manuel em conversa com seu compadre, personagem mais ligada ao catolicismo do romance, o cônego Diogo.

Na edição de 1881, a crítica a religiosidade é mais intensa do que na edição publicada oito anos depois. As beatas que chegam para a missa na edição de 1889 apareciam na primeira edição como “devotas, com a cabeça vergada pelo peso do phanatismo.” (AZEVEDO, 1881, p. 414). O narrador de quem o Naturalismo esperava certa neutralidade não se furta de fazer comentários como o que segue: “Pela porta da sacristia viam-se, como para dentro da caixa de um theatro, passar de relance as batinas safadas dos padrecos que, a geitos de comparsas da grande comedia, se caracterisavam com as suas sobre-pelizes de rendas, para tomar parte nos côros e nas cerimonias.” (AZEVEDO, 1881, p. 416).

Já verificamos como a personagem do cônego Diogo é peça chave para as críticas à religiosidade maranhense. Cena fundamental para a caricaturização da religião católica é a da missa celebrada por Diogo. Mais crítica na primeira edição, nela vemos o cônego surgir como um “immenso artista” (AZEVEDO, 1881, p. 417). Dom que também será utilizado por ele após a missa, durante a confissão de sua afilhada Ana Rosa:

O padre velho levantou-se tragicamente, cerrou as sobranceiras e ergueu o braço como um propheta – Pois então, sabe! infeliz! que sobre ti peza a maldição eterna! sabe que tenho poderes de teu pae para retirar-te sua benção! sabe!
E o padre declamava affectadamente como um actor da escola antiga – sabe!... (AZEVEDO, 1881, p. 424).

Religiosidade que aparece como “ópio do povo” na atitude de Maria Bárbara ao encontrar a imagem do santo queimada em seu quarto. Cena que ganha na primeira edição ares de galhofa:

A imagem esteve exposta – foi muito visitada. Um padre, em apuros de cobre, pediu que o deixassem photographar o santo e publicou um sermão a esse respeito. O milagre foi conhecido em toda a cidade – citaram-no do pulpito para exemplo; os professores explicaram-no com respeito aos seus discipulos do alto de suas cadeiras – houve um, que levou o collegio em forma para visitar a imagem milagrosa. Nas casas de familia repetia-se o celebre facto, emprestando-lhe côres mais carregadas – as negras entravam da rua contando, com o olhar aterrado, que tinham visto o S. Raymundo e que elle nessa occasião chorara. Outros afiançavam que o santo chegara a fallar. (AZEVEDO, 1881, p. 232).

Também sobre as imagens, o próprio narrador denuncia a ignorância do povo e a exploração por parte dos comerciantes, tal e qual fizera em crônica publicada em *O Pensador*, vista anteriormente neste estudo:

A dona do quarto, não contente com a sagrada concurrencia da commoda, tinha ainda dispersa pela parede uma mesclada colleção de gravuras, lithographias, chromos lithographicos, aguas fortes, representando santos mal desenhados e orações milagrosas e disparatadas —do monte Serrate, do parto, de Santa Filomena, da virgem e outras mais, com que de vez em quando os typographos exploram velhacamente a ignorancia do povo. (AZEVEDO, 1881, p. 193).

Todas estas passagens são alteradas em 1889, algumas inclusive são eliminadas do romance. Tudo porque na época da publicação da segunda edição, Aluísio Azevedo já não tinha em vista a denúncia tão forte da ignorância religiosa do povo. Desde que regressara ao Rio de Janeiro no final de 1881, seus atritos com a Igreja Católica diminuíram. Saindo da província e chegando à então capital do país, o escritor maranhense se deparou com outros assuntos presentes nas discussões, nos jornais; tais como a escravidão, a República e os acalorados debates sobre a nova escola literária, o Naturalismo. Era exatamente sobre estes assuntos que o romancista voltaria suas atenções, seja em obras posteriores, artigos publicados em periódicos ou na reedição de *O Mulato*.

Se *O Mulato* apresenta em sua estrutura romanesca diversas questões da sua época, cabe-nos, ainda que brevemente, verificamos como se dá a presença da Literatura dentro do romance: de que maneira autores, escolas literárias e obras clássicas se fazem inseridas nas versões de 1881 e 1889. Atentando para as alterações nas citações que envolvem o universo literário, podemos perceber as mudanças pelas quais a Literatura passou na década de 1880; quais autores estavam em voga; qual o tipo de escrita mais influente; quais autores influenciaram Aluísio Azevedo, etc.

Na primeira edição, por exemplo, quando Ana Rosa solicita que seu primo Raimundo lhe indique um bom romance, recebe como sugestão a leitura de Júlio Verne. Raimundo chega, inclusive, a louvar as boas qualidades do escritor, mesmo tendo em vista que não se trata de algo que vai instruí-la, como ciência:

Lamentou não ter um irmão, e depois em resposta a Raymundo, disse que lia para se distrahir, mas que a leitura as vezes a fatigava —Que Raymundo lhe emprestasse um romance bom.

— Tenho ahi um que V. Exc. não conhece com certeza —é de um escriptor que appareceu ha pouco tempo —Julio Verne, conhece?

— Não conhecia, mas aceitava.

— Deve distrahir-a — falla de viagens! tem descripções originaes, situações bem urdidadas —como sciencia não o aconselho a ninguem, porem como romance para matar o tempo, acho-o preferivel a um mimiamente de enredo amoroso. (AZEVEDO, 1881, p. 131-132).

Em 1889, Aluísio Azevedo altera este trecho e exclui a indicação dada pelo sobrinho de Manuel Pescada: “Raymundo prometeu ver entre os seus livros, logo que abrisse um caixão que ainda estava pregado.” (AZEVEDO, 1889, p. 112).

O próprio Raimundo aparece como escritor dentro do romance. Seus escritos provocam incômodo na sociedade maranhense. Porém, o tipo de produção literária feita por ele difere entre as edições:

Por desfastio escreveu e publicou alguns folhetins —não agradaram —fallavam muito serio; passou então a rabiscar versos —eram uns alexandrinos, muito realistas, cheios, correctos, na maior parte imitados ou traduzidos de Baudelaire —nesse genero foram os primeiros que se publicaram no Maranhão.

Houve um alvoroço! —gritaram que Raymundo atacava a moralidade publica e satyrisava as pessoas mais respeitaveis da provincia! —foi o bastante: os

caturras litterarios espinotiarão logo com a novidade — metteram-lhe as botas, chamaram-no besta! cabra atrevido! (AZEVEDO, 1881, p. 173).

Na segunda edição, Raimundo produz outro tipo de escritos que, da mesma maneira, não agradam a população maranhense. A influência do escritor Raimundo, aponta, agora, para um caráter realista da literatura da época:

Por desfastio, escreveu e publicou alguns folhetins; não agradaram – fallavam muito a serio; passou então a dar contos, em prosa e verso; eram observações do real, trabalhadas com estylo, pintaram espirituosamente os costumes e os typos ridiculos do Maranhão « De nossa Athenas » como dizia o Freitas. (AZEVEDO, 1889, p. 141).

A literatura se fazia presente também no momento em que o cônego Diogo tenta convencer Dias a praticar o assassinato de Raimundo. O religioso, na primeira edição do romance, evocava *Os Lusíadas* (1572), de Luís de Camões para justificar o crime: “Não eram assim seus avós, quando – por mares nunca dantes navegados levaram a morte na ponta de suas lanças conquistadoras!” (AZEVEDO, 1881, p. 463).

Jean-Yves Mérian ao abordar esta passagem, que é eliminada na segunda versão, afirma que:

Alguns anos depois, esta passagem épica, na qual com um estilo grandiloquente ele chega a evocar “Os Lusíadas”, para justificar o crime, deve ter parecido exagerada ao romancista e foi suprimida na versão definitiva. (...) se trata mais do que simples correções, é a própria redação que é questionada. (MÉRIAN, 1988, p. 246).

Outro ponto que é alterado em 1889 e no qual vemos na versão original do romance uma possível influência literária para Aluísio Azevedo está presente no capítulo XI. Se voltarmos à boa parte deste capítulo, verificaremos um acentuado caráter fantástico presente na narrativa, assim como os dos contos do escritor alemão E. T. Hoffman (1776-1822), recordado por Raimundo. Ao adentrarem na capela que fica de fundo para o cemitério onde está enterrado José da Silva, aumenta o suspense narrativo:

Raymundo galgou tres degráos escalavrados e penetrou na sachristia —uma curuja fugio espantada. Chegando ao corpo da capella, elle parou e estremeceu —o vulto esqueletico, medonho, sujo, coberto de andrajos, que lhe apparecera á noute como um phantasma —ali estava a dansar uns requebros sinistros, com os braços, summamente magros e molles, levantados sobre a cabeça.

Raymundo sentio-se collado á cantaria do chão, humedecia-lhe a testa um suor aborrecido, chegou a duvidar que a figura que tinha diante dos olhos, fosse humana —vinham-lhe a memoria as caricaturas e os contos singulares de *Hoffmam*.

Todavia aquella especie de mumia se aproximava a dar saltos, estalando os dedos ossudos e compridos. Quando, nas piruetas, ella se voltava para o luar, Raymundo via-lhe os dentes enormes e descarnados, os olhos esbugalhados, a se torcerem convulsivamente nas orbitas profundas, a caveira a desenhar-se angulosamente atravez às carnes, as clavículas a romperem a pelle, as pernas seccas, cheias de movimentos tragicos. (AZEVEDO, 1881, p. 314).

Na segunda edição toda a passagem é simplificada. Não se chega a evocar E. T. Hoffman e o aspecto misterioso é amenizado consideravelmente⁴⁶.

Cabe-nos ainda uma última alteração relacionada ao universo literário. Na edição de 1881, quando os convidados se reúnem na casa de Manuel Pescada para serem apresentados a Raimundo, Casusa pega no violão e recita alguns versos de Casemiro de Abreu, incorporados na narrativa:

Com a chegada destes novos typos a reunião tornara-se mais animada —foi se buscar logo o violão e, depois de grnades affinações e muitos pedidos, o Casusa principiou a cantar uma modinha, que tresandava ao lyrismo sedição de 1820 — era de Casemiro de Abreu.

Fez-se silencio e a voz de José Roberto, um pouco rouca, arrastava-se em um sentimentalismo piegas:

— Minh'alma é triste, como a rôla afflicta!

— Que o bosque acorda... desde o albôr da aurora!...

Nisto rebentou uma corda do violão. (AZEVEDO, 1881, p. 106).

Em 1889, o trecho é alterado. Casusa entretem os convidados de Manuel cantando versos de Gonçalves Dias:

Com a vinda destes dous, a reunião tornou-se mais animada. Reclamou-se logo o violão, e seu Casusa, depois de muito rogado, afinou o instrumento e principiou a cantar Gonçalves Dias:

« Se queres saber o meio

⁴⁶ Cf. AZEVEDO, 1889, p. 234-235.

Porque as vezes me arrebatava
Nas azas do pensamento
A poesia tão grata;»

Nisto, rebentou uma corda do violão. (AZEVEDO, 1889, p. 91).

Esta mudança, colocando na segunda versão do romance um autor maranhense, Gonçalves Dias, aproxima a narrativa do local na qual ela ocorre, São Luís do Maranhão, e facilita o início do diálogo seguinte, onde Freitas passa a importunar Raimundo, falando sobre as grandiosidades da sua “Athenas brasileira”. Mesmo que a segunda edição apresente um olhar menos crítico sobre a capital maranhense, a cidade se faz presente através de seus costumes, locais e cultura, inclusive com maior intensidade que na primeira edição.

As alterações que estudamos até aqui nos permitem perceber como as duas edições de *O Mulato* abordavam as grandes questões de seu tempo: política, literatura, religião, entre outras, aparecem inseridas na própria estrutura romanesca. Em várias destas questões o autor faz prevalecer as suas crenças e na maioria das vezes utilizará as personagens do romance para propagá-las dentro da narrativa.

Em 1889, Aluísio Azevedo também realiza profundas mudanças na estrutura de *O Mulato*. Estas alterações modificam a ordem dos fatos ocorridos na narrativa, mexem com as estruturas dos capítulos e corrigem algumas informações equivocadas ou gralhas tipográficas existentes na primeira edição. São estas mudanças que passamos a analisar na sequência.

CAPÍTULO 2

A ESTRUTURA DA NARRATIVA

2.1. Gralhas tipográficas

As primeiras alterações que passamos a analisar poderiam ser classificadas como “necessárias”, visto que corrigem na segunda edição do texto as gralhas tipográficas presentes na edição de 1881. Boa parte das gralhas se deve à utilização equivocada dos sinais de pontuação e, na maioria delas, ao uso invertido do sinal “!” por “?”, conforme demonstrado nos exemplos a seguir:

“– Elle não é feio! a senhora não acha, D. Bibina? perguntou Lindoca com referencia a Raymundo.

– Quem! o primo de Anna Rosa?” (AZEVEDO, 1881, p. 96).

Alterado para: “– Quem? O primo d’Anna Rosa?” (AZEVEDO, 1909, p. 83).

“– Quer mais pirão, D. Lindoca!” (AZEVEDO, 1881, p. 206).

Alterado para: “– Quer mais pirão, D. Lindoca?” (AZEVEDO, 1909, p. 166).⁴⁷

Porém, mesmo com esse policiamento do autor em relação aos sinais gráficos equivocados presentes na primeira edição, as edições a partir de 1889 passam a apresentar um equívoco que não estava presente na edição de 1881, e que permanecerá nas edições que nos chegam até os dias de hoje: “O conego vinha a conversar em voz baixa com Manoel – Pois é o que lhe digo, compadre! dizia aquelle – fique você com as casas e divida-as em meias moradas, que rendem!” (AZEVEDO, 1881, p. 116). Alterado: “– Pois é o que lhe digo, compadre, fique você com as casas e divida-as em meias moradas, que rendem?” (AZEVEDO, 1909, p. 100). Também em edição mais recente: “– Pois é o que lhe digo, compadre, fique você com as casas e divida-as em meias moradas, que rendem?” (AZEVEDO, 1969, p. 99).

⁴⁷ Outras páginas da edição de 1881 nas quais se encontram equívocos como os dos exemplos apresentados e que passam a ser corrigidos nas edições posteriores: p.239, p. 246, p. 283, etc.

Dois erros de concordância presentes na edição de 1881 também são corrigidos no texto definitivo: “nas abas do chapéus” (AZEVEDO, 1881, p. 110); “– é um impostor! um pulha! um aventureiro! um fatuo vulgar, que só desejo [desejou] sentir a vaidade reles de uma conquista amorosa!” (AZEVEDO, 1881, p. 348-349).

Outra gralha presente na edição de 1881 aparece por duas vezes no capítulo IV, quando a personagem José Roberto tem seu nome alterado: “João Roberto e Sebastião Campos serviam as senhoras, (...)” (AZEVEDO, 1881, p. 117). Alterado: “José Roberto e Sebastião Campos serviam às senhoras, (...)” (AZEVEDO, 1909, p. 100); “– Mesa feita! companhia desfeita! recitou logo João Roberto, chupando os restos dos dentes, (...)” (AZEVEDO, 1881, p. 118). Alterado: “– Mesa feita, companhia desfeita!... gritou logo José Roberto, chupando os restos dos dentes.” (AZEVEDO, 1909, p. 101).

Ocorre também na edição de 1881 duas alterações de vogais, o que acaba inserindo no texto outras palavras, diferentes das originais: “O corpo mirrava-se, hirtó, um pouco empanado no tesão dos musculos. Sobre o ventre opado um prato grande cheio de sal.” (AZEVEDO, 1881, p. 244). Alterado: “(...), o corpo todo se mirrando, hirtó, um pouco empenado na tensão dos musculos.” (AZEVEDO, 1909, p. 194). “Tinham a voz soturna, o ar cheio de cautellas, como si temessem acordar alguém ou ser ouvidas pelo objecto da conservação.” (AZEVEDO, 1881, p. 245). Alterado: “Tinham a voz medrosa de quem receia acordar alguém ou ser ouvido pelo objecto da conversação.” (AZEVEDO, 1909, p. 195).

Dado o sentido das palavras dentro do contexto, e também a consequente alteração no texto definitivo, percebemos que estas palavras estavam inseridas de maneira equivocada na primeira edição, produzindo até certo chiste involuntário.

Outra gralha constantemente corrigida no texto da edição definitiva é a supressão do sinal gráfico indicando início de diálogo, como em: “An! pois então conheça!” (AZEVEDO, 1881, p. 354). Alterado: “– Ah! Pois então conheça!” (AZEVEDO, 1909, p. 263). Este tipo de gralha aparece ao longo de quase todo o texto da primeira edição, sendo corrigidas todas as ocorrências nas edições posteriores. Também se opta pela utilização padrão de letras maiúsculas após sinal de pontuação,

o que não ocorria na edição de 1881. O exemplo anterior serve também como exemplo disto.

Se verificarmos grande parte das gralhas tipográficas presentes na primeira edição, perceberemos que as gralhas de um determinado tipo (como troca de vogais, troca de nomes de uma personagem, etc.) ocorrem em páginas muito próximas ou nas mesmas páginas dentro da edição original.

2.2. Cronologia: tempo e fatos

Se as alterações analisadas no bloco anterior davam conta de equívocos editoriais presentes na versão impressa da primeira edição, cabe-nos agora verificarmos algumas alterações realizadas por Aluísio Azevedo na edição definitiva, e que se faziam necessárias devido a equívocos em relação à organização do tempo e à cronologia dos fatos.

Primeiramente, é importante notar que muitas datas são corrigidas na segunda edição de *O Mulato*. Raimundo, por exemplo, que na primeira edição nascera em 1831 (AZEVEDO, 1881, p. 54), passa na versão definitiva do texto a ter nascido “muitos annos depois que seu pae, José Pedro da Silva ahi se refugiára, corrido do Pará ao grito de «Mata bicudo!» nas revoltas de 1831.” (AZEVEDO, 1909, p. 50). Quando Raimundo volta ao Maranhão, a guerra franco-prussiana (1870-1871) havia findado há três anos, segundo o texto da primeira edição. (AZEVEDO, 1881, p. 134). Já na versão definitiva esta marcação temporal precisa é eliminada, apenas sendo mencionado que a guerra fora “extincta pouco antes”. (AZEVEDO, 1909, p. 114). Tudo porque com as datas presentes na edição de 1881 ocorria uma incoerência, conforme já apontou Jean-Yves Mérian: se Raimundo tem 26 anos quando regressa ao Maranhão, três anos após o fim da guerra franco-prussiana, ocorrido em 1871, como poderíamos ao fim da primeira edição encontrar Ana Rosa casada com Dias, seis anos após a morte de Raimundo, comemorando a vitória eleitoral dos liberais que ocorreu em 1877? Ora, nem Raimundo teria 26 anos ao regressar ao Maranhão, nem teriam se passado seis

anos de sua morte em 1877. Esta incoerência em relação à organização temporal justificará as mudanças realizadas por Aluísio Azevedo no texto da segunda edição⁴⁸.

Jean-Yves Mérian também aponta um equívoco temporal que, ao contrário dos anteriores, não é corrigido por Aluísio Azevedo em 1889:

A mãe de Ana Rosa, Mariana, sente aos 15 anos uma grande paixão pelo célebre Farol, chefe da revolta nacionalista de 1831, conhecida como “A Setembrada” e morre de tristeza, três anos após a morte funesta do herói maranhense em 1832. Como então poderia ter-se casado em seguida com Manuel Pescada e dar a luz a Ana Rosa em 1849?
Na edição de 1889 já não se trata de três anos, mas sim de alguns anos. Entretanto, esta modificação não basta para tornar a biografia de Mariana coerente. (MÉRIAN, 1988, p. 243).

Devido a estes equívocos, muitas datas e marcações temporais são alteradas no texto da segunda edição. É assim, por exemplo, que Raimundo passa de vinte e cinco anos (AZEVEDO, 1881, p. 168), para vinte e seis anos (AZEVEDO, 1909, p. 138), e que Cancela afirma ter escutado falar de Raimundo há doze anos (AZEVEDO, 1909, p. 215), e não há dez, como aparecera na primeira edição. (AZEVEDO, 1881, p. 288). Mesmo assim, a incoerência em relação à biografia de Mariana permanece no texto definitivo.

Se as alterações temporais apresentadas acima visavam uma maior coerência narrativa, também podemos verificar que Aluísio Azevedo realiza algumas modificações sem motivo aparente. Por exemplo, a alteração no horário da partida do vapor que levaria Raimundo do Maranhão para o Rio de Janeiro: “– O’ seu Manoel! elle sabe que o vapor sae as nove?” (AZEVEDO, 1881, p. 370). Versão definitiva, alterada: “O’ seu Manoel, elle sabe que o vapor sae ás dez?” (AZEVEDO, 1909, p. 275). Também ocorre uma alteração semelhante na cena em que Raimundo chega para o velório de Maria do Carmo, no capítulo IX. Na primeira edição tínhamos a seguinte informação: “Dava meia noute.” (AZEVEDO, 1881, p. 235). Já no texto de 1889, esta marcação é alterada para: “Deu uma hora.” (AZEVEDO, 1909, p. 188). Estas duas

⁴⁸ Jean-Yves Mérian foi o primeiro a apontar para tais mudanças em: MÉRIAN, 1988, p. 242-243.

alterações, tanto a da partida do vapor quanto a do horário da chegada de Raimundo para o velório são exemplos claros de mudanças realizadas sem motivo aparente, visto que estas não apontam para a busca de uma maior coerência do texto⁴⁹.

Outras informações, não diretamente ligadas a marcações temporais, mas à cronologia e ordem dos fatos dentro da narrativa, são corrigidas por Aluísio Azevedo na edição de 1889. Duas delas aparecem no capítulo IV, quando estão sendo apresentados os frequentadores da casa de Manuel Pescada. No início de um dos parágrafos o narrador informa: “A nossa conhecida Eufrazinha também não faltara ao chá.” (AZEVEDO, 1881, p. 92). Porém a personagem ainda não havia aparecido na narrativa, logo, não poderia ser “conhecida” do leitor. Na segunda edição, Aluísio Azevedo altera o início deste parágrafo para: “Lá estava também em casa de Manoel a Eufrazinha, viuva do official de infantaria.” (AZEVEDO, 1909, p. 79).

Outra mudança ocorre no momento da apresentação da personagem Etelvina, uma das sobrinhas de D. Maria do Carmo. No texto de 1881, o narrador não insere o nome da personagem logo que esta é citada, deixando para fazê-lo um parágrafo depois.

Completava esta familia a outra sobrinha de D. Maria do Carmo —era uma creaturinha summamente magra e nervosa, nariz muito afilado, grande e sempre gelado, mãos ossudas e frias, olhos sensuaes e dentes podres. Era detestavel e os rapazes do commercio chamavam-na —Lagartixa.
Etevilna fazia-se muito romantica —prezava sua côr cadavericamente pallida, suspirava de cinco em cinco minutos e sabia estropear modinhas sentimentaes ao violão. (AZEVEDO, 1881, p. 89).

Da maneira que aparecia na primeira edição, em meio à apresentação de diversos personagens, ficava difícil para o leitor perceber quem era a tal personagem mencionada. Na edição de 1889, o nome da personagem é informado logo no início do

⁴⁹ Outra alteração realizada sem motivo específico na segunda edição é a menção a Freitas ser empregado público há vinte anos na primeira edição (AZEVEDO, 1881, p. 93), e há vinte e cinco anos nas edições posteriores (AZEVEDO, 1909, p. 80).

parágrafo: “A outra sobrinha de D. Maria do Carmo chamava-se Etelvina.” (AZEVEDO, 1909, p. 77).

Também existe um equívoco no texto da primeira edição, na cena do jantar no sítio de Maria Bárbara. Manoel começa a chamar os convidados para se assentarem à mesa. Porém, um dos convidados pelos quais ele chama é ele mesmo:

— Qual outra meza! o que! Não senhor! fez Manoel —sente-se cá, seu Dias!
E abriu um lugar ao lado da filha.
Dias, todo constrangido, foi assentar-se, com um riso secco, ao lado de Anna Rosa, que o olhou cheia de repugnância.
— E lá os senhores? —seu Cordeiro, seu Villa Rica, seu Manoel! (AZEVEDO, 1881, p. 203).

Na edição de 1889, a parte final do trecho é alterada, para que seja mantida a coerência narrativa: “— E lá os senhores? seu Cordeiro! seu Villa Rica! e esse menino! Venham se chegando!” (AZEVEDO, 1909, p. 164).

As alterações vistas neste bloco, salvo poucas exceções que não parecem justificar-se, são realizadas para que a narrativa ganhe maior coerência. Para isso é necessário que o autor repare falhas em relação a datas, nomes e personagens citados erroneamente. Sempre visando um maior aperfeiçoamento narrativo.

2.3. Os capítulos

Quando prepara a segunda edição de *O Mulato*, Aluísio Azevedo não só resolve as gralhas tipográficas e equívocos que estavam presentes na edição de 1881, como também mexe com a estrutura dos capítulos do romance. Este fato pode ser verificado em cinco momentos, que diferem da primeira para a segunda edição.

O primeiro deles ocorre logo no capítulo II. É nele que o cônego Diogo anuncia para Manuel Pescada a chegada de Raimundo a São Luís. Este capítulo, na versão que lemos até os dias de hoje, termina com a cena da ida dos compadres ao cais para receberem o pacote que trazia Raimundo. Retomemos o trecho final:

D’ahi a dias, o conego Diogo, contra todos os seus habitos, procurava o compadre às sete horas da manhã.

Atravessou o armazem, apressado como quem traz grande novidade, e, mal chegou ao negociante, foi lhe dizendo em tom mysterioso:

— Sabe? Faz signal de apparece (sic), e é o Cruseiro...

Manoel largou logo de mão o serviço que fazia, subio á varanda, deu as suas providencias para receber um hospede, e em seguida ganhou a rua com o amigo.

Elles a sahirem de casa e a fortaleza de S. Marcos a salvar, annunciando com um tiro, a entrada de paquete brasileiro.

Os dous tomaram um escaler e foram a bordo. (AZEVEDO, 1909, p. 45).

Na edição original, o capítulo era encerrado de maneira diversa, com a cena anterior à citada acima, na qual Manuel conversa com o médico sobre a saúde de sua filha, Ana Rosa. A última frase do capítulo na edição de 1881 mostrava a entrada do cônego no armazém de Manuel Pescada, porém sem revelar a novidade que o trazia até ali: “Eram estas as circumstancias, quando na quarta-feira dessa semana, entrou pelo armazem de Manoel o conego Diogo, trasendo engatilhada nos labios uma grande novidade.” (AZEVEDO, 1881, p. 47).

Quando encerra o capítulo da forma como aparecia na edição de 1881, Aluísio Azevedo mantinha a curiosidade de seu leitor, que deveria esperar o início do capítulo seguinte para descobrir que a novidade trazida pelo cônego era a chegada de Raimundo.

O expediente adotado por Aluísio Azevedo neste capítulo da primeira edição de *O Mulato* é o mesmo utilizado, entre outros, pelos autores de romances publicados em folhetins nos jornais da época: manter o leitor interessado na narrativa, para prosseguir a leitura, passando ao capítulo seguinte. Este expediente, que tinha em si principalmente um fundamento mercadológico; o leitor interessado na narrativa compraria o jornal do dia seguinte; foi herdado em seguida por outras correntes literárias, principalmente pelo romance romântico-sentimental.

Em 1889, Aluísio Azevedo não utiliza esta técnica, antecipando assim a informação sobre a chegada de Raimundo e iniciando o capítulo III já com a ida de Diogo, Manuel e Raimundo para casa do comerciante.

O mesmo recurso é utilizado pelo romancista no capítulo XIII da primeira edição. Enquanto Diogo e Manuel esperam a chegada de Raimundo no embarque para o Rio de Janeiro, assistimos à chegada de uma infinidade de carros que trazem outros

passageiros. Quando os compadres já perderam quase todas as esperanças de verem Raimundo partir, chega uma carruagem. No texto de 1881, o capítulo se encerrava da seguinte maneira: “Fez-se no grupo um silencio curioso, e a carruagem parou defronte da guardamoria.” (AZEVEDO, 1881, p. 374).

A confirmação de que era Raimundo quem chegava na carruagem só aparecerá mais de 20 páginas depois: “Entretanto na guardamoria, Manoel e o conego esperavam impacientes o resultado da carroagem, que parara defronte delles. Não era Raymundo.” (AZEVEDO, 1881, p. 376). Até chegarmos a esta informação, assistimos ao desespero de Ana Rosa pela partida de Raimundo, a leitura da carta de despedida deixada por ele e o encontro do casal, que culmina na união amorosa entre os dois.

Na segunda edição, Aluísio Azevedo opta por não segurar a informação da não chegada de Raimundo ao embarque, colocando-a logo ao final do capítulo: “Fez-se no grupo um silencio ancioso. A sege estacou em frente á guardamoria. Mas ainda desta vez não era Raymundo.” (AZEVEDO, 1909, p. 278).

A introdução desta informação no final do capítulo não quebra o suspense produzido pela narrativa. A grande dúvida que permanece em nós ao lermos este trecho é: onde estava Raimundo? Informação que nos é dada no capítulo seguinte, como já acontecia na primeira edição. O interesse do leitor continua mantido, mesmo com a informação do não embarque de Raimundo.

A terceira das cinco alterações realizadas nos capítulos do romance ocorre no capítulo IX, que tem a ordem de suas cenas alteradas. Na edição definitiva, o capítulo se inicia com a ida de Raimundo à casa das Sarmiento, para participar do velório de Dona Maria do Carmo. Depois do enterro, temos ainda um segundo momento neste mesmo capítulo. Maria Bárbara descobre a imagem de São Raimundo queimada em seu quarto e mais tarde relata o fato ao cônego Diogo, aproveitando para contar também da descoberta de que Raimundo é maçom. Na edição de 1881, o capítulo tem as duas cenas ocorrendo em ordens diferentes: inicia-se pela descoberta da imagem por Maria Bárbara e depois passa para a cena do velório e enterro de Maria do Carmo.

Parece incoerente que Maria Bárbara desse tanta atenção à descoberta da imagem queimada no momento em que se preparava para o velório de uma grande

amiga. Também estruturalmente, a cena quebra com o fio narrativo, visto que o capítulo anterior termina com a morte de Maria do Carmo. Como a cena em que Maria Bárbara revela ao cônego Diogo a descoberta da imagem aparecia na primeira edição apenas ao final do capítulo, Aluísio Azevedo junta a cena da descoberta com esta. Mesmo assim, não parece coerente que Maria Bárbara entre em seu quarto apenas depois do enterro da amiga, como permanece na versão final do romance.

Já o capítulo XII da edição de 1889, onde Manoel revela a Raimundo a origem deste, e o capítulo XIII, no qual vemos Raimundo, inconformado com a descoberta de suas origens e confrontando o cônego Diogo pelo assassinato de seu pai, pertenciam, na edição de 1881, a um único capítulo, numerado naquela edição como capítulo XII. Uma das conclusões que tiramos desta alteração é que a divisão do capítulo em dois se deve a uma tentativa de dar maior importância à cena em que Manuel faz a revelação para Raimundo e, conseqüentemente, para a cena em que Raimundo se confronta com a descoberta, aparecendo, portanto, cada uma em um capítulo próprio.

A quinta alteração na estrutura dos capítulos de *O Mulato* ocorre no último capítulo do romance. Enquanto que em 1881, o capítulo XVII se iniciava da mesma maneira que o capítulo XVIII da versão definitiva, momentos antes do assassinato de Raimundo, encerrava-se de maneira diversa, com a prosperidade comercial da empresa Silva & Dias. A primeira edição de *O Mulato* termina com uma espécie de epílogo, não numerado, que narra a festa no Clube Familiar, com Ana Rosa e Dias já casados.

Na versão de 1889, inicia-se um novo capítulo, o XIX, após Ana Rosa desmaiar ao deparar-se com o cadáver de Raimundo, inserindo apenas uma quebra de linha na cena que ocorre no Clube Familiar. Tal quebra é inclusive suprimida em algumas edições do romance publicadas, por exemplo, nas décadas de 1930/1940. Possui, assim, a edição de 1881, 17 capítulos, contra 19 da edição definitiva.

As alterações nos capítulos de *O Mulato* apontam para a busca de Aluísio Azevedo de uma obra mais bem estruturada e coerente. Como podemos perceber, as mudanças realizadas pelo romancista maranhense englobam vários aspectos do texto original.

3. CONCLUSÃO

Seria bastante satisfatório e cômodo ao final deste estudo chegar à conclusão de que *O Mulato*, de Aluísio Azevedo é, acima de tudo, um romance de transição: do Romantismo para o Naturalismo. Esta classificação inclusive já foi utilizada, entre tantas outras, por parte da crítica literária brasileira, como vimos anteriormente. Mas, o quanto tal rótulo é válido? O quanto este rótulo traz de verdade?

Que *O Mulato* é devedor da escola anterior, a romântica, não restam dúvidas. Ao longo deste estudo estive por diversas vezes apontando para características presentes no romance de Aluísio Azevedo que eram comuns aos romances folhetinescos e aos romances sentimentais. E isto em suas duas edições, a de 1881 e a de 1889, mesmo modificada, deixava à mostra sua dívida com o Romantismo. Porém vimos como alguns processos caros aos naturalistas na construção da narrativa, como, por exemplo, certo exagero cientificista, também estavam presentes na estrutura do romance. Daí a afirmação da crítica literária ao classificar *O Mulato* como o romance da transição: não é naturalista, mas também não é romântico.

Para tentar chegar a um resultado verdadeiramente satisfatório, ou a uma conclusão sobre qual a filiação do romance de Aluísio Azevedo, ou ainda o que indicam as alterações verificadas neste estudo, é possível encontrar ajuda revisando rapidamente tudo o que foi feito até aqui.

Publicado em 1881, em meio a polêmicas existentes entre o clero e o grupo de livres-pensadores maranhense, *O Mulato* representou uma arma a mais neste combate. Não é por acaso que encontramos na primeira edição do romance ideias bastante semelhantes às expostas em crônicas escritas por Aluísio Azevedo em *O Pensador*. A caricatura da sociedade maranhense, apresentada claramente no romance com seus vícios e preconceitos gerou mais polêmicas ainda, pois a sociedade viu como uma afronta a sua ridicularização em personagens como D. Amância, Freitas, Maria Bárbara, as Sarmiento e Manuel Pescada. O clero lançava mão de seu periódico, o *Civilização*, para rebater a representação da Igreja Católica presente no romance. Euclides Faria, principal cronista deste periódico, extrapola os limites da defesa à

religião em suas crônicas: ofende e ameaça o romancista, debate sobre o realismo na literatura e estuda influências estrangeiras de Aluísio Azevedo.

A primeira edição de *O Mulato* se esgota em pouco tempo. Alguns exemplares chegam até o Rio de Janeiro. O romance chama a atenção dos críticos, que ao se voltarem para a história publicada na província, praticamente esquecem outro romance lançado no mesmo ano, ali na capital do Império: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis:

Porque *O mulato*, na bipolaridade de seus intentos (a denúncia anticlerical materializada na apresentação do ignóbil cônego Dias [sic], *pendant* brasileiro do padre Amaro de Eça de Queirós; e a denúncia anti-racista contida na criação da personagem de Raimundo, o “mulato” a quem a sociedade nega o casamento com a branca Ana Rosa), vinha sacudir as consciências mais do que o aprofundamento psicológico de Machado conseguiria solicitar os intelectos. (PICCHIO, 2004, p. 259).

O sucesso do romance foi tanto, que seguindo o grito proclamado por Urbano Duarte, “Romancista ao Norte!” (DUARTE, apud AZEVEDO, 2005, p. 58), Aluísio Azevedo parte em definitivo para o Rio de Janeiro.

A segunda edição do romance, publicada oito anos depois, é beneficiada por toda a carreira literária percorrida pelo romancista neste período. Tal talento teria seu nome marcado para sempre em nossa literatura com *O Cortiço*, romance que sairia em 1890, e que de fato já estava em fase de produção quando Aluísio Azevedo republica *O Mulato*.

Mesmo mantendo o enredo de 1881, o autor se permite modificar diversos pontos da narrativa. Qualquer leitor, por mais inexperiente ou desatento que seja, ao comparar o texto de 1881 com o de 1889, poderá perceber as profundas modificações realizadas pelo romancista. Modificações estas que mexem com quase todas as frases do romance; seja alterando a pontuação utilizada, o vocabulário, ou mesmo aproximando o texto de assuntos que apareciam em 1889 na ordem do dia da sociedade brasileira.

De todos os temas presentes na segunda edição, a escravidão é, sem dúvida, o que mais salta aos olhos. Pegando carona nas discussões ocasionadas pela abolição,

ocorrida em 1888, e ainda não tão bem digerida por parte da população brasileira⁵⁰, Aluísio Azevedo modifica passagens existentes em 1881, que tratavam do preconceito de cor existente na sociedade maranhense. É claro que existe uma linha muito tênue dividindo o preconceito de cor da escravidão: o primeiro praticamente nasce do segundo, estão interligados. Mas o mulato Raimundo, nem tão mulato assim, vê em 1889 a escravidão como a fonte de todos os males ocorridos em sua vida. Na primeira edição, por exemplo, ser mulato o impedia de casar com sua prima: “– E’ porque o senhor é mulato!” (AZEVEDO, 1881, p. 322), anunciava constrangido seu tio Manuel ao ser perguntado por que não consentia no casamento. Em 1889, é por ser filho de uma escrava que Raimundo não pode se juntar a Ana Rosa: “Recusei-lhe a mão de minha filha, porque o senhor é... é filho de uma escrava...” (AZEVEDO, 1889, p. 240). Uma mudança muito sutil, que no fim pode nos parecer a mesma coisa, mas que carrega consigo um amplo sentido histórico e social.

Oito anos que dividem a publicação das duas edições; anos de profunda transformação no Brasil de então. Intensifica-se na narrativa da segunda edição a presença de assuntos ligados à escravidão; atenua-se a crítica a religião e a profissão de fé do autor à filosofia positivista.

Positivismo que aparece na edição de 1889 ligado ao ideal republicano. José Arthur Giannotti afirma esta forte ligação entre os positivistas e os republicanos:

Entre essas intervenções, sem dúvida, foi importante a participação dos positivistas no movimento republicano, embora seja um exagero dizer-se que foram eles que proclamaram a República, em 1889. Influíram, é verdade, na Constituição de 1891 e a bandeira brasileira passou a ostentar o lema comteano “ordem e progresso”. (GIANNOTTI, in COMTE, 1983, p. XV).

Na edição de 1881, o Positivismo também aparecia no romance ligado às críticas ao governo monárquico, porém, sobressaía mais do que isto, seu caráter filosófico, de ideário de vida. Basta recordarmos das longas 20 páginas do diálogo entre Raimundo e Manuel, no qual o sobrinho dá uma verdadeira lição de moral e vida

⁵⁰ De certa forma, toda a década de 1880 apresenta sinais isolados de tentativas de se abolir a escravidão. Em 25 de março de 1884, por exemplo, a província do Ceará passa a proibir a escravidão. Estes pontos isolados ajudavam a fortalecer a discussão sobre a abolição na então capital do Brasil.

para seu tio. Estas páginas são eliminadas na segunda edição, desaparecendo, assim este aspecto quase que panfletário do romance, onde em 1881 se mostrava o Positivismo como solução para todos os problemas do Brasil.

Também é atenuado em 1889 o excesso de críticas à religiosidade presentes na primeira edição. O cônego Diogo, representante do clero no romance, tem parte de seu caráter vilanesco atenuado na segunda versão. Continua mal, mas não chega, por exemplo, a prometer o perdão de Cristo para Luís Dias, caso este assassinasse Raimundo; ou, então, a não dar importância aos segredos que escutava nas confissões, como afirma o narrador da edição original. Assim, muito deste aspecto de combate à Igreja Católica que Aluísio Azevedo vivenciava e praticava em 1881, em São Luís, perde-se em 1889. Neste estudo foi visto o meio no qual o romance foi gerado, a polêmica na qual o autor estava inserido, as duras críticas que este fazia em crônicas publicadas em *O Pensador*, e das respostas que estas recebiam através do periódico do clero, por Euclides Faria; o que por si justificava o combate à religião existente no romance.

Todas as alterações nos permitem ver *O Mulato* inserido no contexto social no qual foi publicado. Além destas, Aluísio Azevedo realiza profundas mudanças em elementos estruturais do romance. Muitas destas alterações visavam uma melhoria no texto original, seja corrigindo erros tipográficos ou falhas que a narrativa apresentava em 1881, ou mesmo acrescentando informações que não apareciam na primeira edição. Abordei várias dessas mudanças e correções no capítulo II da segunda parte deste estudo.

O narrador também foi um dos elementos que analisei ao comparar as duas edições de *O Mulato*. Partindo da concepção zolista de romancista, do qual se exigia total apagamento dentro da narrativa, percebemos que Aluísio Azevedo se esforça na segunda edição na tentativa de calar seu narrador, expurgando parte dos trechos nos quais sua presença se podia notar mais claramente. Mesmo assim, é lugar comum na crítica literária brasileira apontar que o romancista “toma partido” (PEREIRA, 1950, p. 150) em *O Mulato*. O que mais uma vez a crítica não consegue perceber é que este ideal de romancista naturalista, apagado por completo nos romances, não aconteceu

em nossa literatura, talvez não tenha ocorrido nem mesmo na produção literária de Emile Zola, quando muito em Gustave Flaubert, como já apontou Italo Caroni, em uma introdução feita ao volume *Do Romance*, de Emile Zola, que levava o significativo título de “A Utopia Naturalista”⁵¹.

A crítica feita ao romance de Aluísio Azevedo foi tema do segundo capítulo da parte I deste estudo. Nele verifiquei o quanto algumas ideias foram recorrentes em toda a crítica realizada a *O Mulato*, desde 1881 até os nossos dias. A ideia de imitação ou cópia servil do referencial estrangeiro, por exemplo, foi uma das que sempre retornavam quando a crítica se colocava a avaliar o romance, e quase sempre tendo como ponto comparativo os romances de Eça de Queirós, que também fizeram grande sucesso em nosso país.

Outro lugar comum nas críticas feitas ao romance e apresentadas neste estudo foi a noção de afastamento das características naturalistas em *O Mulato*. Daí o surgimento de um rótulo como o apresentado no início desta conclusão: romance de transição, não possuidor de um caráter 100% naturalista, ainda fortemente embebido de aspectos caros à escola anterior, o Romantismo. O que boa parte destes críticos não foi capaz de perceber é que, avaliando assim o segundo romance de Aluísio Azevedo, teriam que estender o rótulo de “romance de transição” para toda a nossa prosa naturalista publicada no período. Pois, salvo duas exceções, *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo e *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, que ainda carecem de uma maior avaliação, os romances naturalistas produzidos no Brasil foram sim devedores da escola romântica: aqui o Naturalismo teve que adaptar-se, afastando-se das tradições naturalistas portuguesas e francesas, mas ao mesmo tempo não as abandonando por completo.

A análise do Naturalismo em nossa literatura necessita primeiramente se dar conta que no Brasil esta escola esteve intimamente ligada ao Romantismo, mas, ao contrário de apenas apontar para tal fato com o intuito de avaliá-lo negativamente, perceber quais eram as condições da produção literária em nosso país e as estratégias utilizadas pelos romancistas para fazer vingar tais modalidades romanescas.

⁵¹ Cf. CARONI, in ZOLA, 1995, p. 13.

Desta maneira, afirmar que *O Mulato* é um romance de transição por apresentar características românticas e naturalistas, já não parece válido, pois boa parte de nossa prosa do Naturalismo apresenta estas mesmas características. *O Mulato* é sim um típico romance naturalista brasileiro, que sem dúvida peca em muitos pontos como construção literária, mas que foi um primeiro e importante passo para que anos mais tarde aparecessem romances como *Casa de Pensão* (1884), *A Carne* (1888), *O Cortiço* (1890), *Bom Crioulo* (1895), entre muitos outros.

Foi através dele que nossa literatura pôde adentrar no Naturalismo, mesmo que alguns romances já antecipassem a novidade; escola que deixou resquícios em toda a prosa produzida posteriormente em nosso país, do século XX até os dias de hoje⁵².

O estudo comparativo das duas edições de *O Mulato* é apenas um primeiro passo no sentido de se repensar toda nossa prosa naturalista. Estudo a ser feito ainda na seqüência. “Vamos à História dos subúrbios.” (*Dom Casmurro*, Machado de Assis, Capítulo CXLVIII).

⁵² Cf. SUSSEKIND, 1984.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Graça. *O meu próprio romance*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.
- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. *Obra crítica de Araripe Júnior. Volume 1: 1868-1887*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958.
- _____. *Araripe Júnior: teoria, crítica e história literária*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.
- ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- AZEVEDO, Aluísio. *Demônios*; edição preparada por Lúcia Sá. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- _____. *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.
- _____. Mattos, Malta ou Matta?. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. *Obras Completas* (13 volumes). São Paulo: Livraria Martins, 1954.
- _____. *O Mulato*. Maranhão: Typographia do Paiz, 1881.
- _____. *O Mulato*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, 1889.
- _____. *O Mulato*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, 1909.
- _____. *O Mulato*. São Paulo: Livraria Martins, 1969.
- _____. *O Touro Negro*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1938.
- _____. *Pégadas*. Rio de Janeiro; Garnier, 1898.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2003.
- BRAYNER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- BROCA, Brito. *Horas de leitura*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- BULHÕES, Marcelo. *Leituras do desejo: o erotismo no romance naturalista brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. *Cartas Literárias*. Fortaleza: EUFC, 1999.

_____. *A Normalista*. São Paulo: Jornal dos Livros, 1952.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. (2 volumes). Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. Introdução. In. AZEVEDO, Aluísio. *Filomena Borges*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1973.

COMTE, Auguste. *Curso de Filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista*; seleção de textos José Arthur Giannotti. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

CORDEIRO, João Mendonça. *O Mulato: cem anos de um romance revolucionário*. São Luís: EDUFMA, 1987.

COUTINHO, Afrânio (direção). *A literatura no Brasil. Volume 4: Era Realista, Era de Transição*. São Paulo: Global Editora, 1999.

CRUZ, Laura Camilo dos Santos. *O Naturalismo em cena: Estudo da evolução da linguagem naturalista de Aluísio Azevedo em O Mulato sob uma perspectiva genética*. São Paulo: Linear B; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.

DANTAS, Paulo. *Aluísio Azevedo: Grandes Vultos das Letras n° 12*. São Paulo: Melhoramentos, s. data.

GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. São Paulo: Livraria Martins, s. data

MACEDO, Joaquim Manuel de. *As mulheres de mantilha*. São Paulo: Melhoramentos, s. data.

_____. *Vicentina*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1944.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

MENEZES, Raimundo. *Aluísio Azevedo: uma vida de romance*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

MÉRIAN, Jean- Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913)*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo Banco Sudameris, 1988.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira. Volume III- Realismo*. São Paulo: Cultrix, 1983.

MONTELLO, Josué. *Aluísio Azevedo e a polêmica d'O mulato*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975.

PACHECO, João. *A literatura brasileira. Volume III- O Realismo*. São Paulo: Cultrix, 1971.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira. Volume XII. Prosa de Ficção (De 1870 a 1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

RIBEIRO, Julio. *A Carne*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TINHORÃO, José Ramos. *A província e o Naturalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *Os romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

VERÍSSIMO, José. *José Veríssimo: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

_____. *Últimos estudos de Literatura Brasileira*. (7 volumes). Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

VIANA, Oliveira. *O ocaso do Império*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2010.

ZOLA, Émile. *Do romance*. São Paulo: Editora Imaginário: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. *O Romance Experimental e o Naturalismo no Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

_____. *Obras de Emílio Zola. Os Rougon-Macquart* (24 volumes). São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1956.

ANEXO

O Mulato, de Aluísio Azevedo, 1881

I

Eu conto o caso como o caso foi...

(Canção maranhense.)

Era um dia abafadiço e aborrecido.

A cidade de S. Luiz do Maranhão parecia adormecida em um forno quente-as paredes tinham reverberações argentinas; as pedras das ruas escaldavam; as vidraças faiscavam ao sol, como enormes diamantes; as folhas das arvores nem se mexiam; as carroças d'agoa, pezadas e ruidosas, passavam com grandes e sonoros estalos nas pedras da rua, e os aguadeiros, em mangas de camisa e pernas arregaçadas, invadiam sem cerimonia as casas para encher as banheiras e os potes.

Em certos pontos da cidade não se via viva alma na rua-estava tudo concentrado, adormecido; só os pretos faziam as compras para o jantar ou andavam no ganho.

A praça d'Alegria tinha um aspecto funebre e hypocondriaco — estava solitaria, triste; de um casebre miseravel, de porta e janella, ouviam-se gemer armadores enferrujados de rede, e uma voz tísica e aflau-(pg. 4) tada de mulher cantar em falsete— A gentil Carolina era bella; de um outro lado uma preta velha, vergada por um immenso taboleiro, sujo, seboso, cheio de sangue coalhado e coberto por um enchame de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancolico- Fígado, rins e coração! Era uma vendedeira de fatos de boi. As crianças nuas, com as perninhas tortas pelo costume de cavalgar os quadris maternos, com as cabeças avermelhadas pelo sol, a pelle crestada, os ventres salientes e amarellos, corriam e guinchavam, empinando papagaios de papel. Um ou outro branco, levado pela necessidade de sahir, atravessava a rua, suado, vermelho, afogueado e com o enorme chapéu de sol aberto.

Os cães, estendidos nas calçadas, tinham gemidos humanos, sensuaes e movimentos irasciveis— mordiam freneticamente o ar, querendo morder os mosquitos. Ouvia-se apregoar ao longe— Arroz de Veneza, mangas e limões.

As quitandas vasias fermentavam um cheiro acre de sabão da terra e agoa-ardente; o quitandeiro, assentado sobre o balcão, cochilava seu aborrecimento pesado e morrinhento, acariciando o enorme pé descalço e espalmado.

Da praia de Santo Antonio enchia a cidade um som monotono e invariavel de uma buzina, que annunciava peixe; para lá convergiam, apressadas e cheias de interesse, as peixeiras, negras, com os taboleiros na cabeça, rebolando os grandes quadris tremulos e as tetas opulentas.

(pg. 5)

A Praia-Grande e a rua da Estrella contrastavam com o resto da cidade—era a hora do movimento comercial; crusavam-se em todas as direcções homens apressados e vermelhos; pretos no carroto e caixeiros fumando cigarros de papel ordinario; avultavam os palitós saccos de brim pardo, marcados nas espadoas e nos sovacos por grandes manchas de suor. Os corretores de escravos examinavam os pretos e moleques, revistando-lhes os dentes, os pés, as virilhas, fazendo-lhes perguntas sobre perguntas, e como bons entendedores da mercadoria— batiam-lhes com a biqueira do chapéu nos hombros e nas pernas, experimentando-lhes o vigor da musculatura, como si estivessem a comprar cavallos. Na Casa da Praça, debaixo das amendoeiras ou nas portadas dos armazens discutia o cambio, o preço do algodão, a taxa do assucar, a tarifa dos generos nacionaes; os volumosos commendadores resolviam negocios, faziam transacções, perdiam, ganhavam, tratavam de embarrilar uns aos outros com boa giria commercial, gestos amigaveis e chalaças confiadas. Os leiloeiros cantavam o preço das mercadorias com grande e affectado abrimento de vogaes, diziam— malrais em vez de mil réis, nas portas dos leilões agglomeravam-se os que queriam comprar e os simples curiosos. Corria um sussurro baixo e reles de feira.

O leiloeiro tinha piscos d'olhos significativos. De martello em punho, enthusiasmado, o ar theatral, mostrava com o braço erguido um calice contendo a

amos- **(pg. 6)** tra de caxaça ou, comicamente acocorado, esbrocava com o furador os paneiros de farinha e de milho. E, quando chegava a vez de vender, repetia, gritando amiudadas vezes, o preço da mercadoria, e batia por fim com grande barulho na pipa de agua ardente ou no lote de caixões de batatas, arrastando muito a voz em um tom cantado e estridente.

Viam-se deslizar imponentemente pela praça os monstruosos ventres dos capitalistas; encontravam-se cabeças escarlates e descabelladas pingando suor por debaixo do chapéu alto de pello— o sorriso de protecção, a boca dilatada pelo calor, a perninha lepidamente suada na calça de brim de Hamburgo.

Havia uma actividade convencional, porém cheia de movimento, fogo e agitação; até os ricos ociosos, os caixeiros que faziam cera e os simples curiosos affectavam preocupação e pressa.

A varanda do sobrado de Manoel Pescada, uma varanda larga e sem forro no tecto, mostrando as ripas e os caibros que sustentavam as telhas, tinha um aspecto pittoresco com sua vista para o rio Bacanga, suas rotulas pintadas de verde-Paris, toda aberta para o quintal, onde, a mingua de sol, mirravam-se duas pitangueiras anemicas e esgalhadas, e passeiava solememente um pavão da terra. As paredes, barradas de azulejos portuguezes e forradas para cima de papel pintado, mostravam nos grupos repetidos **(pg. 7)** de zuavos francezes e chins caricatos, alguns logares sem tinta, cujas manchas brancas lembravam joelheras de calças surradas. Em uma das paredes lateraes um velho armario de jacarandá polido, bem cuidado, com as vidraças muito lustradas a cré, expunha as pratas e as porcelanas de gosto moderno; a um canto uma machina de costura de Wilson, das primeiras que vieram ao Maranhão, dormia esquecida na sua caixa de pinho envernizado; nos intervallos das portas symetrisavam ridiculamente lithographias vulgares representando estudos de Julien; em uma das cabeceiras da sala um relógio de armario pulsava monotonamente os segundos e apontava phlegmaticamente duas horas da tarde.

Sob a claridade reverberante que, vinha do quintal, permaneciam ainda a louça do almoço, a garrafa oitavada com um resto de Collares e a toalha branca, cheia de

codeas de pão e pingos de chá, onde as moscas banqueteavam-se com grande zunido, prendendo-se nas facas sujas de manteiga.

De uma gaiola pendurada chilrava um sabiá.

Fazia preguiça estar ali— a viração do Bacanga refrescava o ar abafado da varanda e creava no ambiente um tom morno, que enervava os sentidos; sentia-se o quebranto dos dias inúteis, uma vontade de abrir a boca e esticar as pernas.

De frente, do outro lado do Bacanga, a vegetação do Anjo da Guarda convidava a uma sesta descansada e feliz debaixo das mangueiras, deitado no capim. **(pg.8)** As árvores tinham estremecimentos voluptuosos e pareciam abrir de longe os braços, provocando amores.

— Então, que me respondes, Anna Rosa? disse Manoel, estendendo-se mais na cadeira á cabeceira da mesa- Olha filha! sabes que não te contraria, desejo este casamento, mas em primeiro lugar quero saber si é de teu gosto. Vamos... falla.

E voltando-se para o interior da casa— Então esta mesa não se levanta hoje, moleque?!

Anna Rosa não respondeu, continuou assentada ao lado do pae, distrahida a mexer com uma colherzinha os resíduos de chá e assucar no fundo da chicara.

Manoel Pedro da Silva, mais conhecido por Manoel Pescada, era um portuguez de uns cinquenta annos, forte, vermelho, bom e sadio, atilado para o commercio e amigo do Brazil e dos brasileiros; dava-se a leitura constante dos jornaes portuguezes, em rapaz decorara respeitosamente Camões e não ignorava de todo a existencia do Garrett; sempre fora phanatico pelo Marquz de Pombal, de quem sabia varias anedoctas e tinha uma assignatura no Gabinete Portuguez de Leitura, que chegava para elle e para a filha, que em compensação era uma devoradora de romances.

Manoel Pedro fora casado com uma senhora brasileira, de Alcantara, chamada Marianna, muito virtuosa, rigorozissima em cousas de religião, como a maior parte das senhoras brasileiras. Quando morreu dei- **(pg. 9)** xou em legado seis escravos para Nossa Senhora do Carmo.

A filha ficou com dez annos e Manoel Pedro desamparado; foi uma epocha triste para ambos. Moravam neste tempo no Caminho-Grande, em uma casinha terrea, para onde a molestia da mão de Anna Rosa os levara em busca de novos ares; porém Manoel que era negociante e tinha o seu armazem na Praia- Grande, mudou-se logo para o sobrado em que o vimos na rua da Estrella, e em cujos baixos ha dez annos prosperava.

Para não ficar só com a filha que estava se fazendo uma mulher, convidou a sogra, D Maria Barbora, a fazer companhia a neta e mesmo para guial-a, encaminhal-a bem. — Um homem nunca servia para essas cousas e si fosse a chamar uma preceptora — o que não diriam por ahi?! ... No Maranhão fallava-se de tudo! D. Maria Barbora que viesse— estaria como em sua casa— bom quarto, boa mesa e plena liberdade.

A sogra acceitou e lá foi, carregando seus cincoenta e tantos annos, alojar-se em casa de Manoel com seus moleques, suas crias e os cacareos ainda do tempo do defunto marido.

Mas em breve o bom portuguez arrependeu-se da má aquisição que fizera. — D. Maria Barbora, apesar de uma senhora pichosa, de não sahir do quarto sem estar bem penteada, sem faltar-lhe nenhum dos cachinhos de seda preta, com que emmoldurava disparatadamente o rosto pallido e enrugado, apesar de seu **(pg.10)** grande fervor religioso e das missas que absorvia quotidianamente, sahira-lhe má dona de casa— era uma vibora! dava nos escravos por habito e por gosto, só fallava a gritar e quando punha-se a ralhar — Deus nos acuda! encommodava toda a vizinhança. Em fim era insupportavel, mas o que se pode chamar insupportavel!

Maria Barbora tinha o verdadeiro typo das velhas maranhenses criadas na fazenda— tratava muito dos avós, eram quasi todos portuguezes, muito orgulhosa, muito cheia de escrupulos de sangue; sempre que fallava nos pretos dizia — os negros, os sujos! e quando se referia a um mulato, dizia — o cabra! Fôra sempre devota; em Alcantara tivera uma capella de Santa Barbora e obrigava a escravatura a rezar todas as noutes, em coro, com os braços abertos, as vezes algemados. Fallava

com grandes suspiros do marido — do seu João Hypolito — um portuguez fino, de olhos azues e cabellos louros.

Este João Hypolito fôra brasileiro adoptivo e alcançára boa posição official na secretaria do governo; morreu com o posto de coronel.

Maria Barbora tinha grande admiração pelos portuguezes, fallava delles com enthusiasmo erotico, preferia-os aos brasileiros. Quando a filha foi pedida por Manoel Pedro, então principiante no commercio, disserá — Bom! ao menos tenho certeza de que é branco!

Porem Manoel nunca fôra amado pela mulher; a **(pg.11)** virtude fizera della esposa dedicada, mãe estremosa, mas fria para o marido, foi talvez martyr.

A mãe de Anna Rosa dedicara-se desde os quinze annos, com o enthusiasmo do primeiro amor, ao nosso talentoso José Candido de Moraes e Silva, conhecido popularmente pelo Pharol, mas não lograra casar com elle, nem só em razão das perseguições politicas que tão cedo atribularam a pequena vida dessa bella criança, como tambem pela opposição inflexivel que tal idéa encontrou na familia de Marianna.

Entretanto dizia ella amargamente— tinha sua felicidade presa á sorte do desventurado maranhense. É que sentira-lhe a magica influencia que os homens superiores exercem sobre a mulher— vira-lhe os olhos claros e intelligentes, onde o amor deveria de ter um reflexo especial, ouvira a musica que elle, nos serões de familia, arrancava de seu violão inspirado e os bonitos versos que compunha para a namorada— naquela fronte tão nova e já tão imponente admirava a virilidade do talento revolucionario e o heroismo brilhante de um genio superior á epocha em que floresceu! E tudo isto, como é muito natural, arrebatava-a para elle com todo o ardor do seu primeiro desejo.

Quando o grande heróe morreu, na rua dos Remedios, victima de seu talento e de sua lealdade, escondido, perseguido, cheio de necessidades, odiado, temido e adorado, tendo apenas vinte e cinco annos, a pobre senhora deitou luto e nunca mais se enfei- **(pg.12)** tou— Não tinha gosto para nada, dizia. Ficou mais feia e entristeceu até morrer, tres annos depois.

Anna Rosa era nesse tempo uma criança, porem a mãe ensinara-lhe a respeitar e compreender a memoria do talentoso revolucionario, cujo nome despertava ainda entre os portuguezes a raiva antiga do motim de 7 de agosto de 1831.

— Minha filha, disse a mãe de Anna Rosa em vespervas da morte- nunca te deixes casar sem sentires muito amor pelo homem que te destinarem. Pensa bem no que te estou dizendo — não cases no ar! O casamento, filha de minh'alma, deve ser sempre a consequencia de duas inclinações— a gente se deve casar porque ama, e nunca ter de amar porque se casou; si fizeres o que te digo serás feliz! Concluio pedindo a filha que promettesse, no caso que viessem a obrigar-a a casar, de arrostar tudo, tudo, para evitar semelhante cousa, principalmente si ella já gostasse de outro; e então por esse outro, sim— fizesse sacrificios, dedicasse-lhe toda a sua vida, porque isso era a verdadeira virtude.

E foram estes os conselhos que a infeliz mulher de Manoel legou a filha. Anna Rosa não os comprehendeu logo, de certo, nem tão cedo procurou comprehendel-os, porem tão ligados estavam elles á morte da mãe, que não lhe acudia esta a memoria sem as palavras da moribunda.

Manoel Pedro, apesar de bom, era um desses homens pouco susceptiveis aos sentimentos muito delica- **(pg.13)** dos, seria um bom esposo para outra mulher, nunca comprehendeu porem a que lhe coube e é de suppor até que chegasse a aborrecel-a.

Quando vio-se viuvo não sentio, a despeito do coração, mais do que a falta de uma companheira com quem já se tinha habituado; contudo não pensou em tornar a casar, convencido que o affecto da filha lhe chegaria de sobra para amenisar canceiras do trabalho, e os bons serviços da sogra para zelar pela decencia de sua casa e pelos buracos de suas meias.

Anna Rosa cresceu, como se pode calcular, entre os cuidados insufficientes do pae e o máo genio da avó, ainda assim aprendera a grammatica, lera alguma cousa, sabia rudimentos do francez e tocava modinhas sentimentaes ao violão e ao piano. Era porem intelligente, tinha a intuição da virtude, bonito modo e lamentava não se ter

instruído mais. Conhecia muitos trabalhos de agulha, bordava bem e tinha uma voz boa que era um gosto! Em pequena servira varias vezes de anjo da veronica nas procissões da quaresma; e os conegos da Sé gabavam-lhe o metal da voz e davam-lhe grandes cartuchos de amendoas de mendubim, muito enfeitados com suas pinturas toscas a gomma arabica e tintas de botica.

Anna Rosa nessas occasiões sentia-se radiante, com as faces rubradas de carmim, os cabellos retorcidos em cachos artificiaes, grande roda no vestido curto **(pg.14)** como uma dansarina franceza. E muito concha, ufana de seus galões e de suas azas de papelão e escomilla, caminhava triumphante e feliz, entre as irmandades, segurando a extremidade de um lenço que lhe dava a segurar o pae. Isto eram promessas feitas pela mãe ou pela avó em dias de grande enfermidade.

Anna Rosa crescera bonita de formas, sadia, tinha os olhos pretos e os cabellos castanhos de Marianna e puxara os dentes fortes e as rijeza do pae. Aos vinte annos era o santo Antoninho de casa — senhores e escravos tinham-na por senhora — mandava, resolvia a seu bel prazer.

Com a puberdade appareceram-lhe caprichos romanticos e phantasias poeticas — gostava dos passeios ao luar, das serenatas, tinha um quarto de estudo, uma variada bibliotheca de romancistas e poetas, á cabeceira da mezinha de trabalho o retrato do Pharol, que herdara de Marianna, sobre a estante um Paulo e Virginia de Biscuits. Lera com enthusiasmo a Graziella e o Raphael de Lamartine, e a noute, antes de dormir, procurava construir o sorriso que possuia a procitana quando fitava o amante. Praticava bem com os pobres, adorava os passarinhos e não podia ver matar junto de si uma borboleta. Um bocadinho supersticiosa — não queria as chinellas emborcadas debaixo da rede e aparava os cabellos durante o quarto crescente da lua — não porque acreditasse nessas cousas! justificava-se ella — mas fazia porque os outros faziam. Tinha sobre a commoda um chromo-litho- **(pg.15)** graphico de Nossa Senhora dos Remedios e rezava-lhe todas as noutes. Dava a vida por um passeio ao Cutim, e quando soube que se projectava uma linha ferrea de bonds até lá teve uma alegria nervosa e feliz.

Feitos os dezenove annos, Anna Rosa pouco e pouco principiara a descobrir em si symptomas exquisitos e crescentes, sentio que qualquer transformação importante se operava em seu espirito e em seu corpo — sobresaltavam-na tristezas infundadas e temores idéaes. Um dia acordou mais preocupada — assentou-se scismando na rede, e, com grande espanto, reparou que seus membros se tinham arredondado, que a linha curva suplantara a recta e que suas formas eram inteiramente de mulher — veio-lhe um contentamento estranho e violento, porem pouco depois entristeceu — sentio-se só, não lhe bastava o amor do pae e da avó, queria uma affeição mais exclusiva, um affecto mais della. Lembrou-se então de seus namorados, rio-se — Cousas de criança! — Aos doze annos namorara um estudante — conversaram tres ou quatro vezes nas salas do pae e suppunham-se de veras apaixonados um pelo outro; o estudante seguiu para a Escola Central da Còrte e ella nunca mais pensou nelle. Depois foi um official de Marinha— como lhe ficava bem a farda! que moço engraçado! bonito! e como sabia se vestir!... Anna Rosa chegou a principiar a bordar um par de chinellas para offerecer ao gentil namorado, antes porem de terminar o primeiro pé, **(pg.16)** já elle tinha desaparecido na corveta Bahiana. O outro, um empregado do commercio — bom rapaz, cuidadoso da roupa e das unhas. Parecia que ainda o estava a ver — todo methodico, escolhendo palavras para pedir-lhe a subida honra de dansar com ella uma quadrilha no Club-União. — Ah tempos, tempos! E não queria mais pensar nisso — criancices! criancices! — Hoje ella queria, mas era o marido — o seu! o verdadeiro! o legal homem de sua casa! o dono de seu corpo, a quem ella pudesse amar abertamente como amante e obedecer como escrava. Queria se dedicar a alguém — sentia necessidade de applicar sua actividade em governar uma casa e educar muitos filhos.

E com estas idéias vinha-lhe sempre um arrepiosinho de febre — ficava excitada, idealizando um homem forte, corajoso, com um bonito talento, e capaz de se matar por amor della! E debuchava em seus sonhos agitados um vulto confuso, que galgava a galope precipicios medonhos para chegar onde ella estava — merecer-lhe um sorriso, uma esperança de casamento. E sonhava o noivado — um banquete

esplendido e um mancebo formoso e impaciente a seu lado, queixando-se com um olhar terno e varonil da demora dos convivas.

Depois via-se dona de casa— pensando muito nos filhos, sonhava-se feliz, independente, preza ao ninho e ás caricias do marido, e imaginava umas criancinhas louras, engraçadas, dizendo ternas asneirinhas— chamando-a mamã. — Como devia ser bom! ... **(pg.17)** Como havia mulheres que se não casavam!... Não podia admitir o celibato, o convento, principalmente para a mulher — Um homem, vá! viveria triste, só! mas enfim sempre era um homem! teria outras distrações! Mas uma mulher! que melhor futuro poderia ambicionar do que o casamento? que melhor prazer do que a maternidade! que melhor companhia do que a dos filhos, esses diabinhos tão feiticeiros?!... Além de tudo isso — ella sempre gostara muito de crianças — pedia-as emprestado ás mães e as demorava quanto fosse possível em sua companhia; tinha um afilhado de dous anos, para quem cosia camisas, com paciencia, bôa vontade, gostava de vestir bonecas e, quando alguma de suas amigas se casava, Anna Rosa sempre guardava um cravo do casamento, com muita fé — pregava-o no vestido com os alfinetes dourados da noiva, e, depois de tudo isso, suspirava longamente, com o desanimo do viajante, que já se sente cansado e não avista ainda o lar.

Mas o noivo onde estava que não vinha?!

Esse mancebo tão ardente, tão romantico, tão apaixonado, porque não se apresentava? Dos homens que conhecia nenhum de certo podia ser! e não obstante ella amava! a quem? não sabia, mas amava! Sim! fosse um idéal, fosse o que fosse, mas ella sentia estremecimentos pensando nelle, chorava, ria, estorcia-se, soluçava e chamava-se infeliz, desgraçada.

Os dias foram se passando no aborrecimento de seu celibato e— nada!... Anna Rosa principiou a em- **(pg.18)** magrecer a olhos vistos, dormia menos, á meza mal tocava nos pratos.

— Ó pequena! tu tens alguma cousa! disse-lhe um dia o pae, já massado com o ar doentio da filha — Não me pareces a mesma! Que é isso, Annica?!

—Não era nada!...

E Anna Rosa sobressaltava-se, como se tivesse commettido uma falta— Andaço! encommodo de nrvos! —não era cousa que valesse a pena!...

E chorava.

— Olha! ahi temos! Agora estás a chorar! Nada! É preciso chamar o medico!

— Chamar o medico?! ora papae! não vale a pena!

E tossia — Que a deixassem em paz! que não a estivessem apoquentando com perguntas!...

E tossia mais, suffocada.

— Vês?! Estás achacada! Levas nesse *chrum, chrum! chrum chrum!*

E arremedava a tosse da filha. — E é só —não vale a pena! não precisa chamar o medico! —Não senhora! com molestias não se brinca!...

O medico receitou banhos de mar na Ponta d'Areia. Foi um tempo delicioso para Anna Rosa os tres mezes que passou lá — os ares da costa, os banhos de choque, os passeios á pé abriram-lhe o appetite e trouxeram-lhe algum sangue; ficou mais forte, chegou a engordar.

Na Ponta d'Areia travara uma nova amisade – D. **(pg.19)** Eufrazinha. Era viuva de um official do quinto d'infanteria, que morreu na guerra do Paraguay.

Eufrazia era muito romantica— fallava requebrando-se do marido e poetisava-lhe a curta historia —Dez dias depois de casado partira para o campo de batalha e, no denodo de sua coragem, fôra atravessado por uma bala de artilheria, morrendo a balbuciar com o labio ensanguentado o nome da esposa estremecida!

E com um enorme suspiro hysterico a viuva concluia pesarosa — Que conhecera prazeres nesta vida apenas dez dias e dez noutes!...

Anna Rosa lamentava muito a amiga e ouvia-lhe de bôa fé as frioleiras, com atenção e recolhimento, cheia de ingenua sinceridade. Identificava-se facilmente com a historia singular d'aquelle casamento tão triste e sympathico: — por mais de uma vez chegou a chorar pela morte do moço official de infanteria.

D. Eufrazinha ensinou a sua nova amiga muitas cousas que esta ignorava — instruiu-a em certos segredinhos do casamento; pode-se dizer que deu-lhe licções de amor. Fallou-lhe muito dos homens —como a gente devia lidar com elles; ensinou-lhe a

conhecer as manhas dos namorados; quaes eram os typos preferiveis —o que queriam dizer olhos mortos, beiços grossos, nariz comprido.

Anna Rosa ria-se —não ligava importancia a essas cousas —Boubagens! dizia ella com um sorriso de duvida. Comtudo foi insensivelmente reconstruindo **(pg.20)** seu ideal pelas informações de Eufrazia —fe-lo mais material, mais homem, mais possivel de ser encontrado, e, pensando só no corpo, corrigi-o, reformou-o, poli-o, deu-o por prompto, e então amou-o mais, muito mais! tanto como si fosse uma realidade.

Desde então começou a servir-se desse idéal como base de suas observações concernentes ao homem; era elle o termo de suas comparações, a bitola por onde media o merecimento de cada sujeito que lhe apparecia. E si o desgraçado não tivesse o nariz, o olhar, o gesto, o todo enfim, igual ou pelo menos semelhante a bitola, podia perder a esperança de cahir nas graças da filha de Manoel Pedro.

Eufrazinha mudou-se para a cidade. Anna Rosa já lá estava, visitaram-se de parte a parte — confidenciaram. E na intimidade de suas confidencias acharam consolo mutuo para o celibato de uma e para a viuvez da outra.

Havia, empregado no armazem do pae de Anna Rosa, um rapaz portuguez, de nome Luiz Dias — muito activo, economico, discreto, trabalhador, boa letra e muito estimado da praça.

Contavam delle invejaveis partidas de viveza comercial, e ninguem se lembrava de dizer mal do Dias. Era um desses typos incapazes de inspirar a alguem qualquer sentimento bem definido e dos quaes em geral se diz —E' um homem inoffensivo. Quasi sempre **(pg. 21)** que fallavam a respeito delle diziam — Coitado! E este coitado não tinha uma razão de ser, porque ao Dias nada faltava— tinha casa, comida, roupa lavada e engommada e cobres, mas é que o diabo do homem inspirava compaixão com o seu eterno ar de piedade, de supplica, de humilhação; fazia pena, incutia dó em quem o visse tão submisso, tão passivo! A graça é que ninguem se lembraria de levantar sobre elle o braço sem sentir a repugnancia da covardia.

Outros elogiavam-no — Que não fossem atraz daquelle ar modesto, porque ali estava um empregado de truz! —muito habil! intelligente! expedito! Um entusiasta

chamou-o de uma feita —genio privilegiado do commercio! E a formula ficou! Respeitavam-no.

Varios negociantes offereceram-lhe bõas vantagens para deixar a casa de Manoel; o Dias recusava sempre, de cabeça baixa, humilde. E tão firmemente se negou ás repetidas propostas, que todo o commercio, dando como certo o casamento delle com a filha do patrão, elogiou a escolha de Manoel, e prophetizou ao novo casal um futuro de riqueza — Foi acertado, foi! diziam com o olhar fito.

De facto Manoel Pedro via naquella creatura, trabalhadora e passiva como um boi de canga, e economico como um usurario, o homem mais habilitado para fazer a felicidade da filha. Queria-o para genro — apreciava-o, louvava-lhe a morigeração e contava a toda gente que o seu Dias retirava por anno apenas **(pg. 22)** a quarta parte do ordenado —Deve ter seu peculio! deve! A mulher que o quisesse levava um bom marido! Aquelle vem a possuir alguma couza! dizia elle com convicção.

E pouco a pouco foi se habituando a julgal-o da familia e a estimal-o como tal. Só faltava que a filha se inclinasse, se resolvesse, mas ella — qual! tinha-lhe até como que repugnancia — não o queria ver com seu cabello curto, o bigode convencionalmente raspado, os dentes sujos, os movimentos acanhados e reles; a exagerada economia do Dias causara-lhe tédio — Um sumitico! dizia ella franzindo o nariz.

Um dia o pae fallou-lhe no casamento.

— Com o Dias?! ... perguntou espantada.

— Sim.

— Ora, papae!

E soltou uma rizada.

Manoel não se animou a dizer mais nada, porem a noute contou tudo em particular ao compadre, um amigo velho, intimo da casa – o conego Diogo.

— *Optima sope despecta!* sentenciou o amigo — E' preciso dar tempo ao tempo, seu compadre! a cousa hade ser; diexe estar.

No entanto o Dias não desanimava, esperava pacificamente, calado, sem erguer os olhos, cheio de resignação e humildade.

(pg. 23)

II

Era este o estado de cousas quando vimos Manoel Pedro na varanda de sua casa, interrogar a filha sobre o casamento, tres mezes depois da estada na Ponta d'Areia.

Anna Rosa continuou muda no seu lugar, fitando o fundo da chicara, como se procurasse ahi uma resposta.

O sabiá cantou na gaiola.

— Então, minha filha, não dás uma esperança?

— Pode ser...

E ergueu-se.

— Bom! assim é que te quero ver.

E passou-lhe um braço na cintura.

O dialogo foi interrompido por umas passadas no corredor.

— Dá licença? disse o conego já na porta.

—Vá entrando, compadre.

O conego entrou, devagar, com seu risinho discreto e sympathico.

(pg. 24)

Era um velho bonito, teria, quando muito, seus sessenta annos, porem estava ainda forte, bem conservado; o olhar vivo, mas humido de brandura e bondade. Calçava-se bem, de polimento, mandava vir meias e collarinhos especiaes da Europa, e, quando ria, mostrava dentes limpos, todos chumbados a ouro. Tinha os movimentos distinctos, mãos brancas e cabellos alvos que fazia gosto. Era o confidente e o conselheiro do bom e pezado Manoel — o homem não dava um passo sem consultar o compadre.

Diogo formara-se em Coimbra, donde contava maravilhas. Era um bocadinho rico e não relachava o seu passeio a Lisboa, de vez em quando — Para descarregar annos da costa, explicava elle a rir.

Logo que entrou deu a beijar a Anna Rosa seu grande e trabalhado anel de amethysta, obra do Porto, feita de encomenda. E, batendo-lhe na face com a mão fina e empregnada de sabonete inglêz — Então, minha afilhada, como vae essa formosura?

— Ia bem, agradecida.

E sorrio — Dindinho estava bom?

— Como sempre, consigo e com Deus! D. Babita? como vae ella?

— Estava de passeio.

— Pois não está vendo a casa socegada? exclamou Manoel — Foi a missa e naturalmente almoçou por ahi com alguma amiga. Deus a conserve por lá!

— *Per omnia secula, seculorum!*

(pg. 25)

— Vamos a saber, compadre, que milagre o trouxe por cá a estas horas?

— Um negocio que lhe quero communicar, particular, um bocado particular.

Anna Rosa fez um movimento para levantar-se.

— Deixa-te ficar! disse o pae, detendo-a — Nós vamos cá para o escriptorio.

E caminharam, conversando em voz baixa, para a saleta na frente da casa.

A saleta era pequenina, com duas janellas para a rua da Estrella. Chão esteirado, paredes forradas de papel francez e o tecto de travessinhas de paparauba pintadas a branco. Constava o conteudo da saleta de uma secretaria commercial, com o competente moxo, alto e inclinado, uma cadeira de palhinha, uma pilha de livros de escripturação mercantil, uma prensa, o copiador ao lado, um copo d'agua com o inseparavel pincel chato, descansado nas bordas, um bico de gaz, um caixão de papeis innuteis e duas escarradeiras.

Ah! ainda havia na parede, sobre a secretaria, um calendario do anno e um outro da semana, ambos com as algibeiras peçadas de notas e recibos.

Era isto que Manoel chamava pomposamente — seu escriptorio e onde fazia a correspondencia commercial. Quando ahi, sosinho, entregava-se de corpo e alma aos

interesses de sua vida, ás especulações, ao seu tra- **(pg. 26)** balho enfim, podiam morrer fóra que elle não dava por isso.

Manoel amava deveras o trabalho e seria de todo bom, si não fosse certo espirito de especular com tudo; o que as mais das vezes lhe desvirtuava as melhores acções. Tirante isso era muito bem intencionado — para elle o melhor divertimento desta vida era trabalhar das seis ás seis em seu armazem ou em seu escriptorio.

Quando os dous entraram na saleta elle foi logo fechando a porta discretamente, em quanto o conego se esparralhava na cadeira, levantando até o meio da canella sua batina lustrosa e de bom talho.

Manoel tomara um cigarro de papel amarello e accendia-o com soffreguidão; o conego esperava-o com a notícia suspensa dos labios, como espiando de dentro da bôca meio aberta; o tronco um tanto inclinado para frente, as mãos espalmadas nos joelhos, a cabeça erguida e um olhar de sobranceiras arregaçadas, atravez o christal dos oculos.

— Sabe quem está a chegar por ahi?

— Quem? perguntou Manoel voltando-se a chupar o cigarro, e encarapitou-se no moxo da carteira.

— O Raymundo!

— E sorveu uma pitada.

— Que Raymundo?

— O Mundico! do José! ... homem! teu sobrinho, aquella criança que teu mano teve da Domingas.

— Sim, Sim! ja sei, então?

(pg. 27)

— Pois está ahi por dias... ora espera...

E tirou da algibeira uma carta, que passou a Manoel— E' do Peixoto, de Lisbôa.

— De Lisbôa, como?

— Sim, homem! do Peixoto de Lisbôa, que está ha tres annos no Rio.

— An!... isso sim! porque se não me engano o pequeno estava agora na Côrte. Chegou o vapor do sul, hein?

— Sim, homem, lê!

E Manoel armou os olhos e leu para si a seguinte carta.

“Rio de Janeiro I.º de Março de 18...

“Rvm.º amigo e senhor conego Diogo de Mello.

“Folgamos que esta vá encontrar V. Rvm.º no goso da mais perfeita saúde. Tomamos a liberdade de traçar estas linhas para communicar a V. Rvm.º que no vapor de 15 segue para essa cidade o Dr. Raymundo José da Silva, de quem encarregou-nos V. Rvm.^a e o senhor Manoel Pedro da Silva, quando nos achava-mos ainda estabelecidos em Lisboa. Temos tambem a declarar, apezar de o havermos feito em tempo, que envidamos os maiores esforços por conseguir de nosso recommendado ficar empregado em nossa casa commercial, porem, que não o conseguindo, remettemol-o para Coimbra com o fim de formar-se em Theologia; o que tambem não se realisou porque, feito o curso preparatorio, escolheu o nosso talentoso e digno protegido a carreira de Direito, **(pg. 28)** na qual se acha formado com bonitas notas e distincções.

“Cumpre-nos ainda declarar com prazer a V. Rvm.^a que o Dr. Raymundo foi sempre estimado pelos seus lentes e condiscipulos, e que tem feito bonita figura, tanto na Allemanha, na Suissa, como ultimamente nesta Côrte, onde, consta-nos, vae fundar um jornal politico, debaixo dos melhores auspicios. Porém, antes de estabelecer-se aqui, quer o Dr. Raymundo effectuar nessa provincia a venda de umas terras que diz possuir para as bandas da villa do Rosario e outras propriedades sitas na capital da provincia. E com esse fim segue.

“Escrevemos por esta mesma via ao Sr. Manoel Pedro da Silva, a quem prestamos novamente contas das despesas que fizemos com o sobrinho.

Queira V. Rvm.^a servir-se de acceitar os nossos cumprimentos e dispor dos nossos serviços

“De V. Rvm.^a

“Cr. os e amg. os

“Peixoto, Costa & C.^a

Manoel mal acabou de ler chamou o moleque e o mandou ao armazem perguntar si já tinha vindo a correspondencia do Sul.

— Que ainda não senhor, porém que *seu* Dias a fôra buscal-a ao correio.

— Homem! elle é isso!... exclamou Manoel —O rapaz está bem encaminhado. Quer liquidar o que **(pg. 29)** tem por cá e estabelecer-se no Rio —Não! sempre é outro futuro!...

— Ora! ora! ora! soprou tres vezes o conego — nem fallemos nisso! — o Rio é o Brazil! e elle faria uma grandissima asneira se ficasse por cá.

— Si faria!...

— Até lhe digo mais — elle nem precisava cá vir, porque, continuou abaixando a voz —ninguem por cá ignora quem foi a mãe...

— Que não viesse não digo, porque enfim —quem quer vae e quem não quer manda, como lá diz o outro, mas é chegar, fazer o que tem de fazer e levantar de novo o ferro!

— Ai! ai!

— E demais o que ficava elle fazendo por cá? Enchendo as ruas de pernas e gastando o pouco que tem? Sim! porque elle tem alguma cousinha para roer. — Aquellas moradas de casa em S. Pantaleão, tem o seu punhado de acções, tem o gimbo cá de casa, onde por bem dizer é socio commanditario, e tem as fazendas do Rosario, isto é, a fazenda, porque uma é tapera.

Essa é que ninguem a quer! observou o conego um pouco pensativo.

— Acreditam nas almas d'outro mundo. O caso é que nunca consegui dispor della; pois olhe que aquellas terras são bem boas para a cana.

— O conego permanecia pensativo.

— Agora o que eu estimava mais continuou o outro **(pg. 30)** — era que o Mundico se tivesse feito padre.

O conego despertou — Padre?

— Era a vontade do José...

— Ora deixe-se disso, compadre! disse o conego levantando-se com impeto — Nós já temos por cá muito padre de côr.

— Mas compadre, venha cá! não é isso...

— Ora o que! homem de Deus! —E'só padre! é só ser padre! E no fim de contas estão se vendo por ahi todos os dias superiores pretos como nossas cusinheiras! Então isto tem geito?! O governo! E o conego inchava a voz — O governo devia até tomar uma medida seria a esse respeito — proibir aos cabras certos misteres.

— Mas, compadre!...

— Que conheçam seu lugar!...

E o conego tinha uma grande indignação na voz e nos gestos —E então parece já de pirraça —é nascer um moleque nas condições deste...

E mostrava a carta, esmurrando-a —pode-se contar com um homem inteligente! Deviam ser burros! burros! que só prestassem para nos servir! canalhas!...

— Mas, compadre! você desta vez não tem razão!...

— Ora o que, homem?!... não diga asneiras! Pois você queria ver sua filha sendo confessada, casada. por um negro?! você queria, compadre, que a D. Anica beijasse a mão de um filho da Domingas?! si ella viesse a ter filhos queria que seus netos apa- **(pg. 31)** nhassem palmatoadas de um professor negro?! Ora, seu Manoel! você as vezes até me parece tôlo!

E Manoel abaixava a cabeça, derrotado.

— Ora! ora! ora! resmungava o conego, como as ultimas gôtas de um aguaceiro, e passeiava vivamente em todo o comprimento da saleta, atirando de uma para outra mão o lenço fino de seda da India— Ora! ora! deixe-se disso, seu compadre — *Stultorum honor inglorius!*...

Nisto bateram a porta —era o Dias que trazia a correspondencia.

— Dê cá.

A carta de Manoel pouco adiantava da outra.

— Mas o que você acha, compadre? disse Manoel, passando depois de ler a carta ao conego.

Que diabo posso achar?.... A cousa está feita por si... Deixe correr o barco! Você não disse uma vez que queria entrar em negocio com a fazenda do Cancellia? não ha

melhor ocasião trate-a com o proprio dono... mesmo as casas de S. Pantaleão convinham-lhe. Olhe! —si elle quizesse dal-as em conta, eu talvez ficasse com alguma.

— Mas o que eu digo, compadre, é si você acha que o deva receber como meu sobrinho.

— Hom'essa! sobrinho bastardo — está claro! Que diabo tem você com as cabeçadas de seu mano José?!

— Mas, compadre, você acha que não me fica mal! **(pg. 32)**

— Mal porque, homem de Deus?! si isso nada tem com você!

Sim! isso é verdade! Ah! outra cousa —acha que o deva hospedar aqui em casa?

— E'! por um lado devia ser assim... porque todos sabem das obrigações que você deve ao José, e podiam boquejar por ahi, no caso que não lhe hospedasse o filho! mas por outro lado... meu amigo, não sei si lhe diga!...

E depois de uma pausinha — Homem! isto de metter rapazes em casa— é o diabo, seu compadre!

— De sorte que...

— *Omnem aditum malis prachudito !..*

— Mas eu hospédo constantemente meus freguezes do interior!...

— Isso é muito differente!

— E meus caixeiros? não moram aqui commigo?

— Sim! disse o conego impacientando-se — mas teus caixeiros são todos uns moscas mortas! e nós não sabemos o que nos sahio o tal senhor doutor de Coimbra!... Homem! o melro vem de Paris deve estar mitrado!

— Talvez não!...

— Sim, mas talvez esteja...

E o conego inchava a papada com certo ar experimentado.

— Em todo caso... concluiu Manuel —é por pouco tempo...

(pg. 33)

E abaixando a voz; discretamente, com medo —Alem disso, não me convinha desagradar o rapaz... tenho de entrar em negocio com elle... e isto já seria uma fineza que me ficava a dever... porque enfim você sabe que...

— Ah! interrompeu o conego, fazendo um novo gesto —Isso é outro cantar! Por ahi é que você devia ter principiado.

— Sim! disse Manoel, mais animado —Você bem sabe que eu não tenho obrigação de me estar a moer com o nhô-nhô Mundico. E se bem que...

— Pchio!... fez o conego, cortando a conversa — Hospéde o homem!

E sahio da saleta revestindo logo seu pachorrento e estudado ar de Simão de Nantua.

Quando chegaram a varanda Anna Rosa, em trajos de passeio, os esperava para sahir —toda debruçada no parapeito e derramando sobre o rio Bacanga um olhar molle e cheio de incertezas.

— Então sempre te resolveste, minha caprichosa?

E Manoel olhava com um riso de orgulho para a filha. Estava realmente encantadora com seu vestido muito alvo de fustão, alegre, todo cheirando aos jasmins da gaveta; seu chapéu de palhinha de Italia, emoldurando o rosto oval, fresco, bem feito; seu cabello castanho, farto e sedoso, que apparecia em grandes pastas no alto da cabeça e reaparecia por **(pg. 34)** baixo do chapéu, em um penteado frouxo e despretenciosamente elegante.

— Tinhas dito que não ias!

— Vá se vestir, papae.

E assentou-se.

— Lá vou! lá vou!

E batendo no hombro do conego= Não lhe metto inveja, compadre? =Olhe como o diacho da pequena está faceira, hem?

= *Ne insultes miseris!*

— O que, fez Manoel, olhando para o relógio da varanda —quatro e meia! E eu que ainda tinha de ir ao Thesouro tratar do despacho de um assucar!...

E foi entrando apressado no quarto, a gritar pelo Benedicto —que lhe levasse agua morna para banhar o rosto.

O conego assentou-se defronte de Anna Rosa.

— Então onde é hoje o passeio, minha rica afillhada?

— À casa do Freitinhas, não se lembra? —Lindoca faz annos hoje.

— Caspitê! então temos Perú de forno? hein?

— Papae fica para jantar... vocemecê não vae, dindinho?

— Talvez appareça á noute para o chá. Com certeza ha dança!

— Um-um! mas creio que o Freitinhas conta com uma surpresa da Philharmonica.

(pg. 35)

E Anna Rosa empurrava a ponta do pé com a biqueira da sombrinha.

Nisto ouvio-se um ruido enferrujado de fechaduras e o bater das portas do armazem, que se fechavam. E logo em seguida o barulho pezado de passos repetidos na escada —eram os caixeiros que subiam para jantar.

Entrou primeiro na varanda o Bento Cordeiro —portuguez de uns trinta e tantos annos, arruivado, feio, de bigode e barba a *Cavaignac*. Gabava-se de grande pratica do serviço do armazem; chamavam-no — um alho — para aviar encommendas do interior não havia outro! — mettia no bolso o capurreiro mais sabido.

Era o mais antigo na casa, porem nunca lograra ter interesse na sociedade — Continuava de fóra e tinha por isso um odio surdo ao patrão; odio, que o Bento disfarçava servilmente por um constante sorriso de boa vontade. O maior defeito de Bento, o que depunha contra elle aos olhos das rapozas do commercio, o que servia para explicar na praça a não entrada de um tão amigo caixeiro na sociedade era uma queda decidida para o alcool — aos domingos costumava entrar mais no vinho e ficava insolentemente espingardeiro.

Bento Cordeiro, atravessou silencioso a varanda, cortejando com affectada humildade o conego e Anna Rosa, e seguiu para o mirante, onde moravam todos os caixeiros da casa.

(pg. 36)

O segundo a passar foi Gustavo de Villa-Rica —um sympathico e bonito mocetão de desesseis annos, com magnificas cores portuguezes, que o clima tropical do Maranhão não tinha ainda conseguido destruir. Estava sempre a rir-se, mas de um rir sadio, franco. Lisongeava-se de um appetite inquebrantavel e de nunca ter ficado de cama no Brazil. Em casa chamavam-no extravagante — Gustavo mandava fazer fatos de casimira á moda, para passear aos domingos, ia aos bailes de contribuição e queimava charutos de dois vintens. Porem o seu grande mal era uma assignatura no Gabinete Portuguez de Leitura, o que dava-lhe no commercio os seguintes titulos —um cousa ruim! um biltre —um peralta, que está sempre procurando o que ler!

O Bento dizia-lhe as vezes, furioso — Com os diabos! o patrão já lhe tem dado a entender que não gosta de caixeiros que lêem gazetas —se quer ser letrado vá p'ra Coimbra, seu burro!

Gustavo ouvia destas amabilidades calado, as vezes até rindo, graças ao seu bom humor —precisava!... que diabo havia de fazer? O Bento era caixeiro mais antigo na casa... conformava-se.

Ao passar pela varanda foi mais cortez em seu cumprimento com Anna Rosa, chegou a sorrir e dizer-lhe inclinando a cabeça —Minha senhora!

O conego rio-se com intenção da delicadeza do rapaz —Que mitra!...

Em seguida atravessou a varanda muito apressado, (pg. 37) com as mãos escondidas nas enormes mangas de um jaquetão, cuja golla subia até a nuca, uma criança de uns dez annos, com cabello a escovinha, os sapatos grandemente desproporcionados, as calças de zuarte dobradas na bainha, o olhar espantado, gestos desconfiados e um certo movimento rapido e agachado de cabeça, que indicava o habito de levar pescoções. Este era em tudo mais novo que os outros — em idade, na casa e no Brazil; tinha chegado havia seis mezes de sua aldeia no Porto, dizia chamar-se Manoelsinho e tinha sempre os olhos vermelhos de chorar a noute com saudades da mãe e da patria.

Por ser o mais moderno da casa varria o armazem, limpava a balança e bumia os pezos; todos lhe batiam sem responsabilidade — não tinha a quem se queixar!

Divertiam-se a custa delle — riam-se com repugnancia de suas orelhas cheias de cera escura.

Desfejava-lhe a testa uma grande cicatriz — foi um trambolhão que levou na primeira noute em que deram-lhe uma rede para dormir — o pobre desterradozinho, que não sabia se haver com semelhante engenhoca, foi metter primeiro os pés e cahio desamparadamente sobre uma caixa de pinho de um dos companheiros.

Desde esse dia ficou conhecido em casa pela alcunha de —salta-chão. Punham-lhe nomes feios e chamavam-no —O cousa! ó maroto! ó bisca! tudo servia para appellidal-o, menos o seu verdadeiro nome, o nome que sua querida mãe lhe dera.

(pg. 38)

la atravessando a varanda como um bicho, quasi a correr. O conego chamou-o — O' pequeno! anda cá!

Elle voltou confuso, contrariado e cossando a nuca, sem levantar os olhos.

Anna Rosa teve um olhar de piedade.

— Então que é isto? disse o conego —Pareces-me um bicho do mato! Falla direito com a gente, rapaz! levanta essa cachimonia!

E com sua mão branca e fina suspendeu pelo queixo a cabeça que Manoelsinho insistia em ter baixa — Este está ainda muito pelludo!

E perguntou-lhe depois uma infinidade de cousas —si tinha vontade de enriquecer; si não sonhara já com alguma commenda; si tinha visto o passaro guariba; si encontrara a arvore das patacas.

O pequeno resmungava respostas inarticuladas, com um sorriso discreto e forçado.

— Como te chamas?

Monoelsinho não respondeu.

— Então não respondes? Com certeza és Manoel.

O portuguezinho meneou a cabeça affirmativamente e apertou a bocca para conter o riso, que procurava uma valvula.

— Então é com a cabeça que se responde? tu não sabes fallar, marióla!

E voltando-se para Anna Rosa, que olhava attentamente para a criança — Isto é um sonso, minha afilhada! Olhe como elle tem estas orelhas porcas! si **(pg. 39)** tens a alma como tens o corpo podes dal-a ao diabo! Tu já te confessaste aqui, marôto?

Manoelsinho, não podendo mais suster os beiços, abrio a boca e, com a força de uma caldeira, soprou a gargalhada, que reprimia com tanto custo.

— Olha que me estás a cuspir, patife! gritou o conego repellindo-o — Está bom! vae-te!

E limpou a batina com seu lenço de seda.

Anna Rosa então passou a mão pela cabeça do pequeno e puxou-o para si: arregaçou-lhe as mangas da jaqueta e procurou ver-lhe as unhas — estavam crecidissimas e sujas.

— Ah! com effeito! disse ella — Você tambem não está tão pequeno que se desculpe isto!...

E, tirando do indispensavel uma tesourinha, começou, com grande surpresa do caixeiro e até do conego, a limpar as unhas do menino, dizendo baixinho ao outro — Não sei como ha mães que se separem dos filhos nesta idade! Tambem...coitadas!... devem soffrer muito!

E sua vóz tinha solitudes maternas.

O conego levantou-se e foi encostar-se ao parapeito da varanda; e Anna Rosa, em quanto cortava as unhas da criança, ia perguntando-lhe si tinha saudade de sua terra, si não chorava quando se lembrava da mãe.

Manoelsinho estava pasmado: era a primeira vez que no Brazil lhe fallavam desse modo — levantou a cabeça; elle, que tinha o olhar sempre baixo e terres- **(pg. 40)** tre, procurou sem vacillar os olhos de Anna Rosa e fitou-os, cheio de confiança, sentindo por ella um respeito religioso, uma especie de adoração. Parecia extraordinario ao pobresito despresado de todos, que aquella senhora brasileira, tão limpa, tão bem vestida, tão perfumada e com as mãos tão macias, estivesse ali a cortar e aceiar-lhe as unhas. A principio isto foi para elle um sacrificio horrivel, um supplicio insupportavel — desejava ver terminar aquella scena encommoda, impacientava-se por sahir daquella posição difficil e, sem ousar mexer com a cabeça, olhava de esguelha

para os lados, como a procura de uma sahida, de alguma cousa onde esconder-se, de qualquer pretexto emfim que o arrancasse d'alli. Sentia-se mal — não se animava a respirar livremente, receioso do encommodar Anna Rosa com seu halito; doiam-lhe as juntas pela immobildade do corpo e no entanto não se animava a mexer sequer um dedo; desde o primeiro minuto do sacrificio sentio correr-lhe da cabeça o suor em bagas pela golla do jaquetão — teve calafrios.

Mas, quando Anna Rosa fallou-lhe da patria e da mãe, com aquelle carinho, que só as proprias mães possuem, as lagrimas rebentaram dos olhos do pequeno e correram-lhe silenciosas pela cara — era tambem a primeira vez que lhe perguntavam por ellas.

O conego assistia esta scena, rufando as unhas burnidas á cinza de charuto sobre a tabaqueira de ouro, e sorrindo como um bom velho.

(pg. 41)

E em quanto Anna Rosa, de cabeça baixa, o ar todo cuidadoso e materno, provocava lagrimas ao portuguezinho, sustentando as proprias sabe Deus com que diffculdade, passava o Dias pelo fundo da varanda, sem ser sentido, com um andar muito de gato, levando uma grande raiva no coração, pelo facto de estar Anna Rosa a tratar do pequeno. Ralava-o aquella caridade — elle nunca tivera quem lhe cortasse as unhas! aborreceia-lhe ver a senhora importando-se com semelhante bisca! estava a estragando mais! — punha a perder de todo a peste! Ora para que lhe havia de dar! — embonecar o sucio... queria-o com certeza para chischisbéo! — Que Anna Rosa, contava já com elle para levar-lhe as cartas do desaforo e receber-lhe os presentinhos dos pelintras!

E com estas idéas a lhe canivetarem por dentro chegou o Dias a seu quarto, cheio de bilis, infeliz.

Luiz Dias completava o pessoal da casa commercial de Manoel Pescada — economico até a miseria, deleixado até a porcaria, Dias era um typo repugnante e antypathico.

Nas cores biliosas de seu rosto, no desprezo do proprio corpo, na taciturnidade paciente daquela exagerada economia, advinhava-se uma idea fixa, um alvo para o qual elle caminhava sem olhar dos lados, como um acrobata sobre a corda teza. Não desdenhava qualquer meio, desde que lhe parecesse seguro, **(pg. 42)** aceitava sem examinar qualquer caminho, logo que lhe parecesse mais curto; tudo era bom, desde que o conduxisse ao ponto desejado: fosse lama ou brasa — passava sempre por cima — havia de chegar ao seu fim — era enriquecer! Olhava fito para esse ponto brilhante e não se voltava ás chicotadas de uns, ás cuspalhadas de outros — era preciso caminhar — caminhava! —Era preciso acocorar-se! arrastar-se pela terra! tirar os sapatos! rir! chorar! beijar o chão! —Pois bem! mas havia de chegar! custasse a quem custasse, havia de enriquecer!

Quanto ao phisico— magro, um tanto baixo, um tanto curvado, tinha uma barba enfezada e rala, vestia-se mal sempre; o uso constante dos chinellos de trança fizera-lhe os pés monstruosos. Não fumava, não ia ao theatro, nem a reuniões em que se despendesse, e quando estava perto da gente sentia-se logo um cheiro azedo de roupas sujas.

Anna Rosa não podia conceber que uma mulher, que se prezasse, viesse a gostar daquelle typo —Emfim, dizia ella as amigas — sempre era um homem que não tinha coragem de comprar uma escova de dentes!... Iche!

Não obstante todos o tinham por bem pensante e methodico. A noute só sahia nos sabbados para ir ao peixe frito, em casa de uma mulata gorda, que morava com duas filhas para as bandas da rua das Crioulas. Ia só —não queria companhias!— Não tinha amigos, dizia — tinha alguns conhecidos!

(pg. 43)

E ria-se com seu riso sujo de limo.

Nesses passeios levava as vezes uma garrafa de vinho do Porto ou uma lata de marmelada, e chamava a isto fazer suas extravagancias. A mulata votava-lhe uma grande admiração e tinha nelle muita confiança — dava-lhe a guardar seus ouros e a economia de seu peixe.

Além dessa, ninguém sabia de nenhuma outra relação particular do Dias, porém uma vez appareceu mais amarello e pediu ao patrão que o deixasse recolher.

Manoel, todo solícito pelo seu bom empregado, mandou lá o medico — Então que tinha o rapaz?!

— Aquillo é mais porcaria que outra cousa! respondeu o medico enrugando o nariz, com tudo receitou, recommendando muito os banhos — Banhos! de banhos principalmente é que elle precisava!

E quando vio o doente pela segunda vez, não se poudo ter, que não lhe dissesse em ar de graça — Olhe, meu amigo, que o aceio tambem entra no tratamento!

E acabou por provar-lhe exuberantemente que a limpeza era tão necessaria ao corpo como a alimentação.

Manoel a noute foi ao quarto do caixeiro; fallou-lhe com brandura paternal, lamentou-o com palavras amigaveis, e desatou um protesto em forma de sermão contra o clima e os costumes do Brazil. — Uma terra (pg. 44) perigosa, dizia — o homem aqui tinha a vida por um fio de cabello. Fallou depois em Portugal, das comesainas portuguezas — as caldeiradas de sardinhas, a orelheira de porco com feijão branco, as boas nacas de toucinho, a açôrda, o caldo gordo, o famoso bacalhão d’Algarve.

— Ai! o pescado! suspirou o Dias, saudoso pela provincia — Que rico pitéo!

— E as caldeiradas eiroses?! e os nossos figos de commadre?! e as castanhas assadas e o vinho virgem?!

Dias ouvia com agoa na bocca — Ai! o virgem!

Manoel fallou-lhe depois das commodidades, dos ares, das vinhas, das fructas e por fim dos divertimentos portuguezes, terminando por contar factos de molestia, casos identicos ao do Dias, fallou de seu tempo de rapaz. E já de pé, para sahir, bateu-lhe no hombro, amigavelmente — Você o que devia era casar!...

E afiançava-lhe que o casamento estava-lhe mesmo a calhar: com aquelle genio e com aquella economia, *seu* Dias dava um bom marido! — Que se casasse! homem! e veria si não lhe davam outra importancia — Olhe! digo-lhe agora como o doutor — Banhos! banhos, meu amigo! comtanto que sejam de egreja!

E rindo-se da propria pilheria e todo cheio de desvellos e bons sorrisos, sahio do quarto, baixinho, na ponta dos pés, para que os outros caixeiros, a quem **(pg. 45)** não dava elle a honra de uma visita, não lhe ouvissem as pizadas.

Quando Anna Rosa acabou de cortar as unhas de Manoelsinho, aconselhou-lhe que estudasse a grammatica, prometteu arranjar com o pae mettel-o em uma aula noturna de primeiras lettras, de uma sociedade de caixeiros; recommendou-lhe que todos os dias fosse ao quintal tomar seu banho debaixo da bomba do poço. E si fizesse tudo isso — concluio ella — seria sua amiga —Ouvio, Manoelsinho?!...

O menino prometteu e subio nesse proposito para o mirante. A' porta porem estava o Dias, furioso, de pé, esperando — Que estava você fazendo, seu traste?

— Que não era nada! —tinha sido a senhora que o chamara... respondeu a criança, tremula.

Dias, com uma logica de murros, explicou-lhe que não podia estar a palrar na varanda em vez de cuidar das obrigações. — E si me constar, continuou elle —que você torna a ir com lamurias para o lado de D. Annica, commigo se tem de haver! — Vae tudo aos ouvidos do patrão! entendeu seu burro?!

Manoelsinho afastou-se envergonhado e convencido de que tinha commettido uma grande falta, porem, sem saber porque, sentia-se mais animado, menos só, e pela primeira vez achou-se um bocadinho superior.

Desde entao tornou-se mais cuidadoso de si. Lavava-se todas as manhãs e, como o Dias dera-lhe aperceber **(pg. 46)** que essas cousas, como a conversa com Anna Rosa, e a leitura dos livros que esta lhe fornecia, eram cousas prohibidas e illegaes, o pequeno começou a sentir em tudo isso o encanto do fructo vedado e as attrações do mysterio: Sentia-se estimulado —furtava horas ao somno para ler e aceiar-se, e, quando ninguem o pudesse perceber, dirigia-se então a protectora — fallava-lhe com confiança, contava-lhe seus progresos e suas tristezas, como se a propria mãe os contasse —adorava-a!

A reunião em casa do Freitinhos estivera animada— houve violão, cantoria, muita dança. Chegaram o dansar o chorado da Bahia.

Pela volta da meia noute, Anna Rosa, depois de uma valsa, fôra acommettida de um ataque hysterico —Era o terceiro que lhe dava assim sem mais nem menos! explicava alguém. Mas o medico, que fôra chamado a toda pressa, afiançava não ser nada —Distrações e bom passadio! receitou elle e, ao despedir-se de Manoel, disse-lhe ao ouvido — Si quizer a saude de sua filha trate de casal-a.

— Mas o que tem ella, doutor?

— Precisa casar! a rapariga quer casar! ora ahi está o que tem! Mas emquanto não chega o dia vá a obrigando a dar os seus passeios. Banhos frios! exercicio! bom passadio! distrações!

Manoel ficou convencido que a filha tinha algum **(pg. 47)** namoro escondido — Mas o doutor pensará que tudo isto é paixão? dizia elle na sua ignorancia e, em observancia ás ordens do medico, levou no dia seguinte a doente para a casa de umas amigas na Praia Pequena.

Eram estas as circumstancias, quando na quarta-feira dessa semana, entrou pelo armazem de Manoel o conego Diogo, trasendo engatilhada nos labios uma grande novidade.

III

(pg. 48)

O conego atravessou o armazem e, antes de mais nada foi dizendo mysteriosamente ao compadre — Sabe? Está fazendo signal de apparece e é o « Cruzeiro ».

Manoel subio a varanda, deu suas providencias para receber um hospede e sahio com o compadre. Mal afastaram-se de casa, a fortaleza de S. Marcos annunciara com um tiro —vapor brasileiro.

Os dous amigos tomaram um escaler e foram a bordo.

Dahi a duas horas, com grande admiração e interrogadores olhares dos curiosos atravessava a praça do Commercio um bello rapaz, com os flancos guardados pelo conego Diogo e Manoel.

— O'aquelle! quem é este lanceiro que vae com o Manoel Pescada? perguntou um caixeiro de cobrança.

— Não sei, homem, porém não me tem cara de estrangeiro! Que achas?

— E'um rapag ão!

(pg. 49)

A novidade foi logo commentada — os burguezes vinham, com suas grandes barrigas, as portas dos armazens de seccos e molhados; os barraqueiros olhavam por detraz dos oculos de tartaruga; os pretos cangueiros paravam para *mirar* o cara nova, o Perua Gorda acudio logo á rua em mangas de camisa — Quem será este gajo, ó cousa?! pergntou ruidosamente a um caixeiro que passava na occasião.

— Algum parente ou recommendado do Manoel Pescada — veio do Sul.

Manoel apresentou o recém-chegado a varios grupos— houve sorrisos de delicadeza e grandes apertos de mão.

— E' um sobrinho do Manoel Pescada, diziam depois, fazendo roda — conhecemo-lhe muito a vida! —chama-se Raymundo —estava nos estudos.

— Vem se estabelecer aqui? indagou o José Buxo.

— Não! creio que montar uma companhia.

Outros afiançavam que Raymundo era socio capitalista da casa de Manoel. Discutia-se-lhe a roupa, o andar, a côr e os dentes. O Luizinho Lingoa de Prata affirmava que elle tinha casta.

Entretanto os tres subiram a ladeira da rua da Estrella e o doutor Raymundo José da Silva hospedou-se em casa de Manoel, em um bello quarto de janellas para a rua e para o quintal.

Manoel e o conego, chegados a casa, cercaram-no de perguntas e obsequios — Benedicto trazе cerveja! ou quer antes cognac, doutor? — Olha, moleque! pre- **(pg. 50)** para guaraná! Doutor! venha antes para este lado que está mais fresco —não faça cerimonia! vá entrando para a varanda!

Raymundo, depois da primeira hora, queixou-se de calor — Estava horrivel!—

— Olhe! o melhor é ir para seu quarto e ficar a vontade — mudar de roupa e arejar-se. Entre e veja se fica bem! Si precisar de qualquer cousa não faça cerimonia —é só chamar o Benedicto — o senhor está em sua casa...

Raymundo agradeceu muito e declarou que estava cansado, moido — Que o desculpassem, mas ia repousar um pouco — tinha a cabeça a andar a roda!...pedio um banho morno, tomou um calice de cognac e recolheu-se.

Raymundo era um bonito rapaz de vinte e seis annos, um typo verdadeiramente brasileiro si não fossem os grandes olhos azues, que puxara ao pae, tinha os cabellos muito pretos, lustrosos e crespos, a tez morena, um pouco amulatada, porem pallida e fina, os dentes claros, que mais sobresahiam na negrura indiana do bigode, tinha a estatura alta e elegante, o pescoço largo, o nariz direito e fronte espaçosa. Porem o que mais impressionava de sua physionomia, o que mais se prendia e fixava na memoria de quem o observasse, eram seus grandes olhos azues e sombrios, com o pupilla muito negra e cercados em forma de amendoa pelas pestanas crespas; as pal-
(pg. 51) pebras, esfumadas de violeta, tinham uma expressão sensual de tristeza e ternura; as sobrancelhas, muito desenhadas no rosto, como a nankim, faziam sobresahir a frescura da epiderme; a barba, toda raspada, com um colorido azulado, dava ao rosto os tons sympathicos de uma aguarella sobre papel de arroz.

Vestia-se com gosto e distincção, tinha os gestos e as palavras delicadas, convencentes, sua voz insinuava-se no animo de qualquer pessoa como um trecho musical do Guarany.

Raymundo vinha do Rio de Janeiro, era formado em direito, cultivara com successo as artes, a sciencia, a litteratura e a politica. Nunca pensou bem em sua vida e em seus antepassados — para elle estava tudo no futuro.

— O passado, dizia —era um cadaver completamente esteril —não se transformava —extinguiu-se; o futuro, sim —era a vida, a utilidade. E por isso pouco lhe importava o que tinha sido, donde tinha nascido. Lembrava-se todavia de ter sahido em

pequeno do Brazil e afiançava nunca lhe ter faltado o necessario e até o superfluo — Em Lisboa tinha ordem franca.

Quem seria esse bom anjo, que de longe o guiava e subsistia? —Certamente seu tutor ou seu tio, que seu pae, esse sabia Raymundo ter morrido antes de sua ida para Portugal, não porque o conhecesse, que se lembrasse de alguém chamal-o filho —esse doce nome era para elle um vinho inteiramente desconhecido, mas sabia-o por intermedio de seu corresponden- **(pg. 52)** te e por tirar conclusões de algumas reminiscencias vagas da meninice. —E sua mãe?... quem seria? Alguma senhora culpada e receiosa de mostrar sua vergonha; seria bonita? bem educada?... Raymundo se perdia nestas conjecturas, máo grado seu desprendimento pelo passado, e sentia uma attração irresistivel arrastal-o fatalmente para a patria —Talvez viesse a descobrir o fio do enigma! e quem sabe? — ter uma família!... como isso lhe seria agradável! á elle, que sempre vivera só e sem uma afeição legitima e duradoura. Se eu viesse a conhecer minha mãe... Ah! perdoava-lhe tudo!...

Sentia necessidade de amar —precisava se dedicar com enthusiasmo a alguém ou a alguma idéa —não tinha ainda feito uso dessa grande actividade de sentimentos bons ou maus que todo homem possue.

No entanto a historia de Raymundo era sabida por todos que conheciam seus parentes no Maranhão.

— Mas o que tinha elle, reflectia as vezes em um retrocesso natural de impressões —com essa historia inutil? si até ahi, na ignorancia della, vivera feliz e estimado! —concluira seus estudos, tinha força e saude, sabia que de bens de fortuna possuia alguma cousa no Maranhão —que diabo! era liquidar tudo isso e voltar por uma vez para a Côrte, descansado, independente e vivendo para o futuro e para a humanidade.

— A historia que fosse para o diabo! No fim de contas era uma especie de historia da Carochinha **(pg. 53)** —Na Côrte abriria sua banca de advogado, criaria um jornal democrata e, em companhia da mulher que o amasse e dos filhos que haveria de ter, cultivaria a litteratura, a musica, as sciencias naturaes —chegaria quem sabe? a ser um homem notavel, pelo menos a ter uma posição importante.

E Raymundo sentia-se solidamente feliz —tinha bastante fé em seu futuro e em seus conhecimentos scientificos; e sentia por tudo isso uma impaciencia legitima e honesta de prosperar, subir, enriquecer bastante, estimado por sua intelligencia real e aclamado por suas glorias intellectuaes.

A Allemanha, a França, a Suissa e os Estados-Unidos plantaram-lhe no coração idéas democratas, sãs, modernas, cheias de amor pelo trabalho, e Raymundo ardia de impaciencia por estabelecer sua residencia, por se manifestar, por se dar a conhecer! Precisava fazer familia, ter casa, estabilidade; para, no remanso feliz de uma vida de trabalho socegado e methodico, coordenar o que fizera até ali e principiari novas cousas. Queria emfim dar começo a vida, a verdadeira existencia, até ahi preparara-se para ganhal-a, para aprecial-a. Mas só o que lhe faltava era vir ao Maranhão — pois bem! cá estava! — ainda lhe parecia um sonho!

E com estas idéas foi que chegou a cidade de S. Luiz. Agora, na independencia de seu quarto, depois de um banho tepido, muito fresco no seu *robe-de-chambre*, com o corpo meio quebrado da viagem, o charu- **(pg. 54)** to entre os dedos, espreguiçando-se no sofá, porque não poude supportar a rede —declarou-se confortado, bem, sentia-se satisfeito consigo, quasi no fim de seus trabalhos — Ah! bocejou —É torrar o que ha por cá e pôr-me a pannos! ...

E sorrindo para o tecto, deixou cahir no chão o charuto e adormeceu tranquillamente.

.....

.....

Raymundo nasceu em uma fazenda de escravos na villa do Rosario, quando seu pae, José Pedro da Silva ahi se refugiara, fugido do Pará, ao grito de *Mata Bicudo*, nas revoltas de 1831.

José da Silva enriquecera no contrabando dos negros africanos e fôra sempre mais ou menos perseguido e odiado pelo povo do Pará; até que, por motivos que não vem á

pello, levantou-se a propria escravatura contra elle, que, sem duvida teria sido victima desses infelizes, si não fôra a preta Domingas, cuja solicitude e amor abrigaram-no da ira dos revoltosos.

Prevenido o contrabandista, passou incolume ao Maranhão, não sem pena de abandonar seus haveres e não sem risco de cahir em novos odios, que essa provincia, como visinha e tributaria do commercio do Pará, mantinha, instigada pelo Pharol, contra os brasileiros adoptivos e portuguezes.

Domingas porem fôra providente, enterrando o ouro que poudes salvar — metal que naquelle tempo circula- **(pg. 55)** va por todo o Brazil e que mais tarde a guerra do Paraguay transformou em condecorações e fumaça.

A fuga fizeram elles, senhor e escrava, a pé, por máos caminhos, nem só em ser preciso enterrarem-se pelos sertões como criminosos, mas tambem por não existir ainda a companhia de vapores e o transporte depender das vagarosas barcas a vela e a remo e as vezes puxada a corda nos igarapés.

Foram parar no Rosario. José da Silva tratou de arranjar-se como poudes e mais tarde, com o dinheiro salvo pela escrava, comprou no logar denominado S. Braz uma fazenda, onde cultivou café, algodão, tabaco e arroz.

Tres annos depois Domingas deu á luz um filho de José da Silva — chamou-se o vigario da freguezia e no acto do baptismo da criança, esta, como a mãe, receberam solememente a carta de alforria. Essa criança era Raymundo.

Na capital os animos tinham acalmado; José prosperou rapidamente no Rosario, cercou a amante e o filho de cuidados, relacionou-se com a vizinhança, creou amizades e finalmente veio a casar pouco tempo depois com a Sr.^a D. Quiteria Innocencia de Freitas Santiago, brasileira rica, de muita religião e escrupulos de sangue, para quem um escravo não era um homem, e ter a côr negra constituia por si só um crime.

Quiteria foi uma mulher má: si existisse hoje conheceria já o banco dos réus, mas naquelles tempos **(pg. 56)** sem responsabilidade, em que o escravo era uma mercadoria portugueza, que só servia para fartar a ganancia dos traficantes em

prejuizo do Brazil, ella, como muitas senhoras brasileiras dessa epocha, era impudicamente em sua fazenda —o accusador, o juiz e o carrasco.

Em suas proprias mãos ou a sua ordem mais de seis escravos succumbiram ao chicote, ao tronco, a fome, a sede e ao ferro em braza, porem sempre foi devota, cheia de superstições— tinha tambem uma capella na fazenda, onde a escravatura todas as noutes, com as mãos inchadas pelos bôlos ou as costas lanhadas pelo chicote, cantava supplicas á virgem.

Ao lado da capella o cemiterio para suas victimas.

Quiteria casara-se com José da Silva por dous motivos simplesmente —porque precisava de um homem e porque sabia que os portuguezes são brancos.

Nunca tivera filhos. Um dia reparou que o marido, a titulo de padrinho, distinguia com certa ternura um crioulo da Domingas e declarou incontinente não querer aquelle moleque na fazenda. — Seu negreiro, gritava ella cheia de bilis para o marido —você quer criar seus filhos com as negras em minha companhia? —Era só o que faltava! si não tratar de despachar este moleque, eu é que o despacho, mas é ali para junto da capella!

José, que sabia perfeitamente de quanto a mulher era capaz, foi logo a villa dar providencias para afastar o filho daquela vibora. De volta a fazenda gritos **(pg. 57)** horrorosos attrahiram-no para o rancho dos pretos; entrou desapontado e assistio o seguinte espectaculo. —No chão, com os pés no tronco, a cabeça raspada e as mãos amarradas nas costas, estava Domingas, inteiramente nua e com as partes genitales queimadas a ferro em brasa; ao lado o filhinho de tres annos procurava abraçar-a, gritando como louco, mas de cada vez que se aproximava, dous pretos possantes, desviavam, a ordem de Quiteria, o relho das costas da preta, para enxotar com elle o filho; Quiteria, de pé, horrivel, beboda de raiva, gritava, ria-se, praguejava, uivando nos spasmos fragantes da colera.

Domingas, quasi morta, estorcia-se no chão, e no desarranjo de suas palavras e gestos reconhecia-se facilmente a loucura.

O pae de Raymundo teve um assomo de amor e de repugnancia, e, com tal raiva acommeteu contra a esposa que a fez cahir. Depois recolheu Domingas a casa dos brancos e cercou-a de cuidados.

Quiteria, em companhia e a conselho do vigario do logar, um padre ainda fresco chamado Diogo, o mesmo que baptisara Raymundo, fugio nessa mesma noute para a fazenda de sua mãe — D. Ursula Santiago, meia legoa d'ahi.

Este vigario Diogo era muito da casa das Santiagos, dizia-se até aparentado com ellas; o caso é que foi na qualidade de confessor, parente e amigo que acompanhou Quiteria a casa materna.

José da Silva por esse tempo chegava a cidade de **(pg. 58)** S. Luiz com o filho, ahi procurou seu irmão mais moço, Manoel Pedro e entregou-lhe o pequeno, que devia ficar em companhia do tio até ter idade para passar a Lisboa e matricular-se em um collegio.

Quatro mezes depois, de volta a fazenda, contava o pobre homem encontrar a paz e o socego para o resto da vida — esperava que a mulher não voltaria a casa, mas assim não succedeu.

Como sabia que não era esperado essa noute e avistasse luz no quarto da mulher, apeou-se de longe, e, receioso de se encontrar com ella e provocar novas questões, guardou o cavallo e entrou silenciosamente em casa.

Os cães conheceram-no pelo faro e apenas rosnaram.

José Manoel conseguiu não ser percebido, mas ao passar pelo quarto da esposa ouviu sussurros de vozes, e, levado então pela curiosidade, aproximou-se cautelosamente e collocou o ouvido a parede — conheceu logo a voz de Quiteria.

— Mas com quem conversaria ella a semelhante hora? José da Silva conteve a curiosidade e esperou de ouvido álerta — Não havia duvida, a outra voz era de um homem!

Cheio de raiva o portuguez metteu hombros a porta e precipitou-se no quarto, atirando-se com furia sobre Quiteria, que perdeu logo os sentidos. O padre Diogo, pois era delle a outra voz, não tivera tempo de fugir e cahio aos pés de José da Silva;

quando **(pg. 59)** este largou a mulher para se apossar do padre, reparou que a tinha asphixiado — ficou immovel.

Houve um silencio encommodo. A situação tornava-se cada vez mais difficil, até que o cura, recuperando sangue frio, levantou-se, concertou as roupas e, apontando para o corpo de Quiteria, disse com firmeza — Matou-a! o senhor é um criminoso!

— Cachorro! e tu es menos criminoso do que eu?!

— De certo! perante as leis, porque você não pode provar que eu commettesse alguma falta e, si tentasse, toda vergonha recahiria sobre sua propria cabeça; ao passo que eu, alem de seu crime de injuria feito na minha pessoa, sou testemunha do assassinio desta minha infeliz confessada, o que posso provar com este corpo de delicto.

E mostrava a marca das mãos de José na garganta do cadaver.

O assassino ficou aterrado e de cabeça baixa.

— Vamos lá! disse o padre sorrindo e batendo no hombro de José — Tudo se pode arranjar — só para a morte não ha remedio! — A defunta será sepultada vulgarmente com todas as formalidades civis e religiosas, como si tivesse morrido por ahi de qualquer molestia.

E dando à voz um cunho de autoridade —E pelo meu silencio e discripção sobre o crime exijo o seu esquecimento para a minha falta! Aceita?

José sahio do quarto, cego de raiva, de vergonha **(pg. 60)** e de remorso —Que vida a sua! ia exclamando —Que vida, meu Deus!

O padre cumprio a promessa —o cadaver enterrou-se na capella de S. Braz, ao lado de suas victimas; e todos os do logar, até mesmo os de casa, atribuiram a morte de Quiteria ao espirito maligno, que se lhe tinha introduzido no corpo.

O vigario foi o primeiro a espalhar esses boatos e continuou a pastorar tranquilamente seu rebanho, sempre tido na conta de homem de muita santidade e virtudes theologaes; o que ficava bem patente com os copisosos perús, capados e gallinhas, que os devotos traziam-lhe piedosamente de muitas leguas de distancia.

Em breve as cousas voltaram todas aos seus eixos. José entregou a fazenda a Domingas e mais tres pretos velhos, que alforriou logo e, acompanhado pelo resto da escravatura, seguiu para a cidade de S. Luiz com o proposito de liquidar seus negocios e retirar-se á patria com o filho.

Domingas poudo enfim descançar. Em breve phantasiaram uma lenda para S. Braz, e a fazenda ganhou fama de amaldiçoada.

O crioulinho Raymundo quando chegou do Rosario para a casa do tio na capital, estava, como facilmente se pode crer, com a pelle sobre a espinhella. A falta de cuidados espalhava-lhe na carinha opada uma côr terrea e doentia — trazia o estomago muito sujo, a **(pg. 61)** lingua aspera, o corpo se finando de mau trato, com seu rheumatismo articular, a tosse convulsa, e todo elle predisposto a anemia escrofulosa.

Apezar do poderoso instincto, que existe em todas as mães, a bôa Domingas nunca podia tratar do filho, lá estava Quiteria desvial-a, para cortar-lhe as caricias. E por isso, quando José annunciou á mãe de Raymundo que a criança ia para a companhia de seu mano na cidade, a preta, com a dôr a arrancar-lhe lagrimas desesperadas, abençoou aquella separação.

Raymundo, muito amarello, lymphatico, cheio de lombrigas e frieiras, foi encontrar na bondade de Marianna, mulher do tio, um amparo a sua fraqueza e um resguardo a pequenina vida, que teria fugido, si não fosse aquella santa.

A mulher de Manoel era com effeito uma senhora verdadeiramente bôa — virtuosa como poucas, amiga dos seus, delicada com todos e seguindo, sem affectação e bastante fé, os bellos preceitos do Christianismo; de mais a gratidão sempre fôra uma das faces mais desenvolvidas de seu character — como sabia perfeitamente que o marido devia a generosidade do irmão o pouco que tinha, julgou-se logo obrigada a desvelar-se pelo filho do protector — servir-lhe de mãe, criar aquella almasinha com o leite de seu coração — porque o amor, dizia ella — é tão necessario para a educação moral de uma criança, quanto o leite para a educação phisica.

(pg. 62)

Raymundo foi por conseguinte desde então tratado como filho, Anna Rosa, o unico fructo que Marianna produzio, ainda não tinha nascido, e todos esses desvellos sublimes que a verdadeira mulher possui como um thesouro innato, floresceram em proveito do pupillo: Raymundo em breve era uma criança forte bonita e sadia.

Um bello dia Marianna sentio enjóos, canceiras e manchas na face —chamou-se o medico e Manoel depois de se entender com elle, correu ao quarto da mulher e cahio-lhe aos pés —Marianna, vas ser mãe!

Foi um alegrão pela casa; Manoel andava estonteado e feliz.

Dahi a mezes nasceu Anna Rosa, fraquinha a principio, magra cheia de tosse e com uns grandes olhos pretos,que puxara a Marianna.

Os três primeiros mezes de sua vida foram um constante combate com a morte —Manoel chorava como um perdido, Marianna fazia com muita fé promessas aos santos de sua devoção. Foi devido a isso que mais tarde Anna Rosa, se recordava agradavelmente do anjo da veronica nas festas da quaresma.

A mãe velava noute e dia o berço da filhinha enferma; e ao lado, estendido aos pés da doentinha, como um cão fiel e amigo, estava Mundico — o outro filho, que elle tambem a chamava mãe e não lembrava da outra, da preta que o trouxe ao peito.

A criança salvou-se, graças aos bons serviços de um medico novo, que tinha chegado da Universidade **(pg. 63)** de *Montpelier* — o Dr. Jaufret. Desde esse dia Manoel não quiz outro em casa e regosijava-se sempre da boa aquisição que fizera.

Por esse tempo pouco mais ou menos chegava do Rosario a noticia de haver Quiteria succumbido a uma congestão cerebral — Deu-lhe de repente! explicava o correio com seu grande sacco de couro ás costas —Foi obra do sujo! credo!

E pouco depois José Pedro da Silva, todo coberto de luto, com as feições encanecidas e o ar abatido e espantado —vinha liquidar seus negocios e partir com o filho para Portugal.

Manoel, apesar de não approvar a paternidade de Raymundo, estimava deveras o irmão e sentia-se de vel-o tão gasto, tão prematuramente envelhecido.

Promptos os negocios, José recolheu-se a ultima noute que tinha de passar em casa do irmão — no dia seguinte embarcaria para a villa do Rosario.

Mas não poudo pregar olho durante toda a noute —a lembrança do que succedera tirava-lhe o socego do espirito — fallava só, lamentava-se; afinal poz-se a passeiar de um para outro lado, cheio de excitação e remorsos, vendo surgir-lhe um espectro de cada canto.

Pelas quatro horas da madrugada, Manoel impressionado de todas as vezes que acordava ver luz no **(pg. 64)** quarto do hospede, ouvir o som de passos tropegos, gemidos abafados e um vozear frouxo e doloroso, levantou-se.

— Terá alguma cousa o José?...

E embrulhando-se no lençol foi ter com o irmão. — A porta estava apenas no trinco — abriu-a e, devagar, no silencio macio de suas chinellas portuguezas de trancinha, entrou no quarto.

José ao sentir rumor, voltou-se assustado e dando com o vulto branco, soltou gritos de terror, recuando com os braços estendidos e a phisionomia inteiramente alterada.

Manoel correu para elle, mas, antes que tivesse tempo de explicar-se, já o assassino de Quiteria tinha cahido desamparadamente no chão.

Foi um motim na casa, que nesse tempo era no Caminho Grande e onde os caixeiros de Manoel ainda não moravam com o patrão.

A bôa Marianna acordou logo em cuidados, cheia de zelo — Um escalda pés! de pressa! dizia apalpando os contrahidos e volumosos pés do cunhado. Tisanas, mesinhas de todo o genero foram lembradas, toda a medicina domestica poz-se em campo, e dahi a uma hora o doente voltou a si —Então?... fez meigamente Marianna.

José ficou prostado, sobreveio-lhe a syncope uma febre violenta que durou até a noute, quando chegou o medico,

— Era uma febre gastrica, disse este e mais que a **(pg. 65)** molestia requeria cuidado—socego de espirito —Nada de bulha, principalmente!

José, a pezar da recommendação do medico, quiz, ver o filho — abraçou-o soluçando, e disse-lhe que estava para morrer, e no outro dia, ainda de cama,

perfilhou-o, pediu um tabellião — fez testamento e chorando chamou Manoel para junto de si — Meu irmão se eu fôr desta!... o que é muito possível, remette-me o pequeno logo para a casa do Peixoto em Lisbôa. E concluiu dizendo que o queria com muito saber, que fosse para um collegio de primeira sorte — Fica bastante dinheiro!... Não tivessem pena de gastar com o filho — que dessem-lhe do melhor e do mais fino.

Com estas cousas o doente peiorou. E durante os dias de mais risco, em quanto José delirava cheio de febre, appareceu em casa de Manoel o cura do Rosario, vinha todo solícito saber do estado de seu bom amigo José — de seu irmão! dizia elle com uma grande piedade.

E não abandonava a casa — prestava-se a um tudo, com ar discreto, serviçal, as vezes choramingando, que lhe prohibiam a entrada no quarto do enfermo.

Manoel e Marianna não cansavam de apreciar a solícitude e o interesse com que o bom padre se informava todos os dias do amigo. Honravam-n'o com recolhimento e respeito — chamavam-n'o geitoso, bom, diligente!

— E' um santo! dizia Manoel convencido; Mariana (pg. 66) confirmava, accrescentando em voz baixa — Por adulação não é, porque todos sabem que o padre Diogo não precisa de migalhas.

— E' arremediado! é! E olhe que sabe applicar bem o que possui!

Seguia-se uma resenha dos acontecimentos louvaveis da vida do santo vigario, citavam rasgos e abnegações, boas esmolas a creaturas desamparadas, perdões de desaforos, provas de amisade e desinteresses.

E assim foi o bom padre se tornando da casa de Manoel— já contavam com elle para padrinho de Anna Rosa, esperavam-no todas as tardes para o café, e as noutes, nos serões, marido e mulher não perdiam occasião de contar as boas pilherias do parochó, glorificar-lhe as virtudes religiosas, recommendal-o ás visitas como um bom amigo, um protector.

Um dia em que elle perguntava, como sempre cheio de interesse, pelo seu doente, disseram-lhe em resposta que o José estava inteiramente livre de perigo e que o restabelecimento seria completo com a viagem a Europa. Diogo sorriu, apparentemente satisfeito, mas quem lhe pudesse ouvir o que ia resmungando ao

descer a escada, ter-se-ia admirado destas exclamações — Diabo!... Querem ver que não vae desta, o maldito!!... E eu que já o tinha por despachado!

No dia seguinte dizia elle aos futuros compadres — Bom! agora que o nosso doente está livre de perigo **(pg. 67)** posso ir mais socegado para minha parochia, já não vou sem tempo!

E despedio-se, cheio de boas palavras e sorrisos angelicos, acompanhado ao sahir pelas benções da familia.

— Senhor vigario! gritou-lhe Marianna da escada —não faça agora como os medicos, que só apparecem com as molestias! Seja cá de casa!

—Venha nos ver, padre! acrescentava Manoel —appareça, homem!

Diogo prometeu vagamente e nesse mesmo dia atravessou o Boqueirão com destino a sua querida parochia.

A noute, em casa de Manoel só se conversou sobre as boas qualidades e os bons precedentes do estimado cura do Rosario.

José, com grande contentamento de todos em casa, convalescia prodigiosamente. Manoel e Marianna cercavam-no de cuidados, por fazel-o esquecer a imprudencia da madrugada fatal, que suppunham fosse o unico motivo da molestia.

Dahi a cousa de um mez José resolveu voltar á fazenda, a despeito das instancias contrarias da cunhada e dos conselhos do irmão.

— O que vas lá fazer, homem? perguntava este — Si era pela Domingas, que diabo! mandasse-a buscar! Porem que o melhor, segundo sua fraca opi- **(pg. 68)** não, era deixal-a lá onde estava —uma preta da roça, que nunca sahio do matto!...

— Não! não era isso! respondia o outro —mas não iria para Lisboa sem dar uma vista d'olhos pelo Rosario.

— Ao menos não vai só, José; eu te posso acompanhar!...

José agradeceu —que estava forte e em caso de necessidade contava com os canoeiros, que eram todos seus homens!

E dizia as viagens que tinha feito, contava partidas engraçadas —fallava a rir do Boqueirão — Que se deixassem disso! dahi a duas semanas estaria de velas para a terrinha.

E sempre foi.

A viagem correu-lhe estúpida, como costumava naquelle tempo, em que não havia ainda o vapor no Maranhão.

A fazenda de José da Silva era enterrada cinco leguas pelo interior do Rosario. Fazia-se por conseguinte necessario descansar um pouco na villa, comer, beber, tratar do cavallo, e partir.

Os poucos affeitos a taes viagens tomam sempre um pagem, é o nome que ahi romanticamente se dá ao guia. Este pagem serve menos para mostrar o caminho, que a estrada é bôa, do que para disfarçar o terror pelos *mocambos* ou pretos fugidos e pelas legendarias cobras terriveis, de que fallavam com assombro.

(pg. 69)

Em todo os sertões do Maranhão ha quilombos ou mocambeiros, é o lugar onde vivem os escravos fugidos com suas mulheres e filhos, formando uma grande familia de malfeitores. Essa gente quando não pode viver da rapina, vive da caça, que é por lá muito abundante e que facilmente se vende na villa; de sorte que a escravatura, alem de tantos mais inconvenientes, trouxe-nos o de povoar nossos campos de salteadores, em cujas mãos tem cahido centenares de victimas.

José comprou na villa o que lhe convinha e seguiu sem pagem para a fazenda.

Como conhecia elle esses campos! como lhe enchiam de tristeza essas carnahubeiras solitarias, firmes e silenciosas como sentinellas perdidas; como lhe doiam esses ermos pindovaes! essas palmeiras mysteriosas! Quanta vez não atravessou esses barrancos perigosos, que se perdiam da estrada, perseguindo uma paca ou um viado?!

José da Silva sentia agora deixar tudo isso, abandonar o encanto selvagem das florestas brasileiras —ali vivera feliz largo tempo, amara, enriquecera. Tornara-se americano, acostumara-se a musica daquellas arvores seculares, a harmonia dos

campos, as sextas preguiçosas da fazenda, á vida de chinellas e peito nú, a rede embalada pelo vento, o somno guardado por escravos.

E tinha de deixar tudo! —la custar-lhe muito! ia! para que negar?! pensava elle —Habitudara-se a'quellas **(pg. 70)** terras!... Parou e, como fizesse quatro leguas, sentio vontade de comer.

No interior do Maranhão o viajante tem de costume só *pousar* e comer nas fazendas que vae encontrando pelo caminho, por isso todas ellas tem casas exclusivamente destinadas para esse fim; porém José, que aliás pernoutara ahi muitas vezes e que sabia perfeitamente com que rigor é observada a hospitalidade nesses logares, não quiz todavia supportar a companhia de ninguem, receioso de que interrogassem-no sobre a morte da mulher ou quando menos de que atrasassem-lhe a viagem —jantou por conseguinte no campo, e seguiu.

Estava escurecendo. As cigarras começavam a cantar, a forte natureza envolvia-se pouco a pouco em uma coberta vaporosa e sombria, para dormir — anoutecia. Então José sentio grande desejo de chegar a casa —encontrar uma mesa farta, aceiada, onde comesse e bebesse a vontade, como dantes; queria a sua cama, larga, de casados. Mas... nada encontraria! —o quarto em que dormia dantes devia estar a essas horas um ermo pavoroso; a cosinha fria; os armarios vazios; a horta murcha; os potes seccos; o leito sem mulher!...Que desconsolo! Apesar de tudo sentia saudades pungentes por Quiteria — Como o homem precisa da familia! considerava elle no seu isolamento —Aquelle padre! Ah! maldito! — Quem sabe?!... talvez eu a perdoasse, e ella se convertesse, viesse a ser uma boa companheira, docil, virtuosa! Mas... elle? **(pg. 71)** Oh! nunca! elle existiria... e a duvida é o peor dos tormentos!... Ah! elle é que eu devia ter matado!...

E depois de pensar muito — Não! antes assim!..

Esta conclusão, mais arrancada pelo espirito religioso do que pelo coração, foi acompanhada de um movimento rapido de esporas —o cavallo disparou.

Foi um correr vertiginoso, José parecia dormir na regularidade do galope; de repente parou — um suspiro longiquo de vozes e tropel de cavallos despertou-o.

A noute exalava da floresta, como uma nuvem medonha que se eleva cheia de phantasmas e terrores. Havia uns restos de claridade do dia e já um balbuciar confuso de trevas.

Nos logares perto do Equador, como o Maranhão, os dias e as noutes são sempre do mesmo tamanho — as vezes já brilha a lua com a altivez de um novo monarcha que inspecciona seus dominios, e o ceu ainda está ensanguentado da purpura do ultimo sol, que se esconde no horisonte como um rei cahido e envergonhado.

São bellisimos os crepusculos do norte do Brazil! são os mais bellos do mundo!

José, cheio de pavor, entalado na agonia suarenta de seu remorso, assistia sem apreciar um espectaculo esplendido: No poente descambava o sol e com seus ultimos raios retocava, com a minuciosidade de um bom paysagista, todo o campo e as nuvens de **(pg. 72)** tons quentes e vigorosos — desse lado tudo mostrava uma face avermelhada e fugace, ao passo que do lado opposto uma claridade muito fresca e doce, a claridade da lua, debuchava no horisonte o perfil duvidoso das carnahubeiras e dos pindovaes.

Do claro escuro desse lado um grupo confuso e sussurante se agitava e crescia progressivamente —Era uma caravana de ciganos, dessas que antigamente abundavam no Rosario e vão escasseando em nossos dias.

Vinha se aproximando vagarosamente, no passo pezado de uma boiada. E na solidão tristonha da floresta iam-se pouco a pouco distinguindo vozes e contornando grupos de homens, mulheres e crianças de todas as cores e de todas as edades, que cavalgavam magnificos cavallos. Uns cantavam na cadencia monotona do passo do animal; outros tocavam viola; este acalentava o filho; aquelle repetia modas que lhe ensinara a *gajoa*. Viam se homens de calça e quinsena, cabellos grandes, o ar indolente, preguiçoso, o cachimbo no canto da boca, o olhar voluptoso e vago; ao lado delles mulheres morenas, fortes, com os cabellos muito pretos escorrendo pela opulencia das espaduas, sentadas a moda de odaliscas em volumosas trouxas sobre o cavallo; algumas traziam filhos ao collo ou na garupa.

E lenta e pezadamente a caravana de ciganos se aproximava.

José escondeu-se no mato para a ver passar.

(pg. 73)

Vinham com certesa enchotados de alguma fazenda, porque o guia — um velho membrudo, de grandes barbas brancas, olhos côm de fumo, sombrios, fundos e contraditoriamente vivos, levantava de vez em quando o braço descarnado e ameaçava o poente — Jacarés te piquem! Diabo! —Atravessado tu sejas na boca de um bacamarte?

E a voz rouca e profunda do velho perdia-se na floresta.

Uma mulher bella, com o collo nu, fresco, a garganta carnuda e lisa, meio deitada no regaço do velho, procurava, com o olhar muito molle, de uma ternura humida e escrava, diminuir-lhe a colera.

E vagarosamente foi passando a caravana de ciganos, illuminada pelos ultimos raios da claridade poente.

E pouco e pouco o sussurrar de vozes se foi perdendo no murmurio mysterioso da floresta, como no horisonte se perdia a ultima restea de luz vermelha.

Em breve tudo recahio no silencio primitivo, e a lua do alto aguarellava phantasticamente, de uma côm triste e deslavada, a solidão das clareiras.

José ficou immovel, pensativo, perdido em uma nostalgia horrivel. O espectaculo daquelle velho, abraçado por uma mulher bonita e fiel, mordia-o por dentro com o dente mais agudo da inveja. Aquelle— um vagabundo, sem lar, sem dinheiro, sem mocidade ao menos, tinha contudo nesta vida uma femea que o **(pg. 74)** acariciava e seguia como uma cadella. — E elle? ali, no meio do campo, desacompanhado, inteiramente só, chorava, porque arrancaram-lhe a casa, a mulher e a felicidade!

E depois, pela ordem natural das idéas, lembrava-se do rosto pallido de Diogo —achava-o bonito, delicado, com o seu cabello anelado, o sorriso terno e piedoso, os olhos e labios religiosos e sensuaes —este contraste devia por força agradar as mulheres, devia vencel-as pelo mysterios!

E chorava —Como elles não se amariam!... Quanto prazer não teriam desfructado!...

E insensivelmente comparava-se ao padre, e cheio de raiva, de inveja, achava-se inferior. De repente veio-lhe esta idéa —E si eu o matasse?!...

Repelio-a, mas ella teimava em ficar, em espreitar as outras idéas.

E vinham-lhe a lembrança, com uma reminiscencia lucida e saudosa—o seu casamento, os estremecimentos felizes do noivado, o namoro de Quiteria. Nunca tudo isto lhe pareceu tão bom, tão appetitoso como agora — descobria na mulher virtudes e boas qualidades para as quaes nunca attentara — Seria eu o culpado de tudo? Não teria sido um bom marido? Faltaria em mim carinhos? interrogava elle a propria consciencia, esta queria accusal-o; elle defendia-se, explicava-se, citava factos, dedicações de sua parte, dava satisfações a consciencia, que insistia em accusal-o; finalmente José abrio a chorar como um perdido.

(pg. 75)

Surprehendeu-se neste estado — quiz fugir de si mesmo e cravou as esporas no cavallo. Correu muito, a redea solta, como se fugisse da propria sombra, que o perseguia.

— E si eu o matasse?!... Era a maldita idéa que reapparecia á superficie de seus pensamentos, como um corpo que se atira com impulso no fundo d'agua e em pouco volta a tona —Não! não!

E o cavallo galopava —Não! Não! basta um!

Uma nuvem escondera a lua — espectros disformes antolhavam-se-lhe na passagem; suava frio, estremecia na sella, o menor mexer de galhos eriçava-lhe os cabellos — corria.

Faltava-lhe pouco para chegar a fazenda — uma miseravel distancia! e todavia mais lhe custava esse pouco — fechou os olhos, deixou o cavallo corresse a tóa, galopando — E via a mulher morta, com a boca muito aberta, os olhos vidrados, a pedir-lhe perdão, com uma voz funebre, impossivel —a lingua aspera, enorme, a dar-lhe voltas na boca. E via aquelle padre miseravel, a seus pés, erguer-se sorrindo para bater-lhe no hombro, apresentar-lhe um alvitre, propor uma condição e passar logo

para uma ameaça brutal, de chumbo —Tenho-te na mão, assassino! —si me quizeres punir posso entregar-te a justiça.

E José gritou, como doudo — Eu aceitei! Diabo! eu aceitei!

E soluçava.

(pg. 76)

...e si eu o matasse?!... Era outra vez a idéa teimosa, que vinha a superficie d'agoa.

Nisto o cavallo acuou —um vulto negro estremeceu por detraz de uma moita de murtas e uma bala, seguida da detonação secca de um tiro, varou o peito de José da Silva.

Os pretos na fazenda viram apparecer o cavallo, tinham ouvido o tiro —acudiram logo, a procura da victima. Domingas precipitou-se sobre o defunto, beijando-lhe as mãos e as faces n'um delirio — Meu senhor! meu amigo! meus amores!

E chorava freneticamente — Foi elle! gritava — Foi aquelle malvado!

Em seguida levantou-se a rir e a dançar, batendo palmas e cantando:

Foi o padre santinho de cá!

Que o matou, que o matou!

Tra! lá, lá!

Tinha-lhe voltado a loucura.

O crime foi attribuido aos mocambeiros e o corpo de José enterrado junto a sepultura de Quiteria ao lado da capella, que principiava a desmoronar, a mingua dos antigos cuidados.

A fazenda em breve se converteu em tapera e inventaram-se historias phantasticas e superstições de todo genero para explicar-lhe o abandono.

O vigario do lugar, pessoa de muita estima e crite- **(pg. 77)** rio, confirmava esses boatos e até amaldiçoava a quem lá fosse.

Diziam annos depois que nessa amaldiçoada tapera vivia uma feiticeira preta, que ás noutes de luar saia a imitar o canto da *mãe da lua*, ⁽⁵³⁾ dançando e levantando os braços cadavericos sobre a cabeça, em uma postura de dança horrivel.

Ninguém queria ir verificar o que aquillo era, e o caminheiro descuidado, a quem levasse o acaso por ahi, via percorrer o cemiterio um vulto alto e magro de feiticeira, a cantar e rodar.

A morte de José produzio um grande abalo no animo de Manoel e da esposa. Raymundo sentio-se bastante; posto que fosse uma criança e bem poucas vezes visse o pae, sabia, adivinhava que muito devia a esse bom homem, cujas visitas raro lhe não deparavam presentes e afagos. Todavia, como é natural naquella idade, nunca tratara de verificar ao certo que especie de relações existiam entre seu velho amigo e a senhora que julgava sua mãe.

Teria elle por esse tempo cinco annos, vestiram-no **(pg. 78)** de lustrim e disseram-lhe que estava de luto pelo pae.

Manoel tratou do inventario do irmão — recebeu o que cabia a si e a mulher, depositou no recém-creado banco da provincia o que pertencia ao orfão e, apesar das vantagens que propoz para vender ou arrendar a fazenda de S. Braz, ninguém a quiz.

Feito isto escreveu para Lisbôa, pedindo esclarecimentos á casa de Peixoto, Costa & C.^a e, depois de bem informado, remetteu o sobrinho para um collegio.

Custou muito a bondosa Marianna separar-se de Raymundo —doia áquelle coração bom e materno ver partir assim, tão sem mãe, uma criança de cinco annos; contudo o pequeno, depois de bem enroupado, foi mettido a chorar dentro de um navio e partio.

⁵³ A mãe da lua ou arataüy é um pássaro pouco menor que uma gallinha de pennas muito claras e que para o norte do Brazil apparece durante a melhor lua, pela noute velha, a dar gritos sonoros e prolongados —os sertanejos do Maranhão tem máo agouro com elle e entristecem de o ouvir cantar.

Lamentou-se muito em viagem — Que lhe dessem sua querida mamãe —queria a seu lado D. Marianna.

Quando lá chegou teve horror de tudo que o cercava, e todavia foi bem tratado —seu correspondente hospedou-o como um filho, arranjou-o no collegio, recommendou-o muito ao director —um velho de grande paciencia.

Raymundo envergou o uniforme da casa recebeu um numero e frequentou as aulas. A principio, sempre que estava só, chorava, tinha medo do escuro —a noute cosia-se com a parede, abraçado aos travesseiros, não gostava dos outros meninos, porque chamavam-n'o calouro, macaquinho.

Raymundo, como a maior parte dos brasileiros, recebera uma pessima educação primaria —tinha medo do papão, era teimoso, cheio de caprichos, resentia-se do —tenha modo, menino! —Comporte-se! —Esteja quieto! e outras frases estragadoras com que os paes estupidos costumam intimidar os filhos.

— Você é de lá ou de cá? perguntavam-lhe os collegas para bolir com elle nas horas de recreio.

— Eu sou de lá, dizia Raymundo com medo.

— O'cousa! como te chamas? perguntaram-lhe de uma feita.

— Mundico.

Houve um côro de gargalhadas —Mundico!

E riram-lhe nas bochechas.

O filho de José emendou logo, timidamente, opprimido pela vaia —Raymundo! foi que eu disse!

— Roe mundo! gritou um.

— Mundico nico! exclamou outro.

E Raymundo ficava aborrecido, deslocado —no collegio era elle o unico estudante que se chamava Raymundo. Davam-lhe vaias por amor do nome, puxavam-lhe a blusa, batiam-lhe na cabeça, cortada a escovinha; até que elle de enfiado retirava-se a chorar, triste, desacompanhado.

Com a idade porem appareceram-lhe os amigos, então a vida não lhe corria tão crua —quasi que já não tinha saudades do Brazil. Faziam palestras —os (pg. 80)

collegas cobriam-no de perguntas sobre o Brazil — Como eram os selvagens? si havia mulheres nuas pelas ruas, e si nunca elle tinha sido flechado por algum caboclo.

Um dia recebeu uma carta da Sra. D. Marianna, e pela primeira vez recolheu-se a pensar seriamente em si; mas suas reminiscencias não iam alem da casa do tio, contudo quiz parecer-lhe que sua verdadeira mãe não era Marianna —essa vinha a ser sua tia, mulher de seu tio Manoel, e até, si lhe não mentia a memoria, ia jurar ter ouvido della propria fallar as vezes na outra, na verdadeira; quanto a seu pae —devia ser aquelle homem, que uma noute appareceu-lhe magro e pallido e por quem pouco tempo depois vestiram-no todo de luto.

Raymundo lembrava-se perfeitamente da ultima vez que estivera com esse homem, lembrava-se como se fosse hontem —Elle já estava deitado para dormir; chamaram-no, levantou-se e foi todo sarapantado assentar-se nas pernas do sujeito. E Raymundo recordava-se até que o contacto das barbas de José tinha nessa occasião uma humidade aborrecida, que agora attribuia as lagrimas, depois foi deitar-se e não pensou mais no homem das barbas. Recordava-se tambem da molestia de José, dos beijos e abraços que este lhe dava soluçando.

E o veu mysterioso de todas estas reminiscencias envolvia-lhe o coração de um modo vago, perplexo e triste —sentia um desejo muito seu de abraçar **(pg. 81)** Marianna e perguntar-lhe pelo pae e pela outra mãe.

Os annos no entanto se passavam e Raymundo, sempre cercado de duvidas, de irresoluções, concluiu os preparatorios —estava habilitado a passar para Coimbra. Matriculou-se na academia.

Desde então principiou para elle uma outra vida. Ao entrar na academia de direito recebeu, a noticia da morte de sua bemfeitora.

Raymundo chorou amargamente — a saudade apegou-se por bastante tempo a sua vida, como um parazita encommodo —chegou a parecer-lhe que o Maranhão, ou melhor que o Brazil tinha-se extinguido para elle.

Porém as magoas foram desaparecendo e com ellas os ultimos vestigios da meninice —o rapaz sahio da criança, alegre e feliz, como é sempre a mocidade.

Adquerio novas amisades, enfiou a classica batina de Coimbra, e afinal reparou que tinha talento —escreveu epigrammas, satyrisou com graça os professores antypathicos. Foi imitado, temido e odiado. No segundo anno deu para namorado — atirou-se aos versos lyricos, apaixonados, teve idéas, foi applaudids pelos collegas. No terceiro anno deu para janota —gastava mais alguma cousa, veio-lhe a mania dos jornaes, escreveu com enthusiasmo. No quarto distinguio-se na academia, e dahi por diante ficou um homem, fez-se serio, estudioso e cortez. Seus **(pg. 82)** discursos academicos foram apreciados, elogiaram-lhe a these. Escreveu contra a forma do governo portuguez e principiou a sentir cocegas pelo Brazil. Formou-se.

Pensou então em uma viagem: em Coimbra todos o chamavam rico, tinha ordem franca —preparou as malas.

Seu unico pensamento, sua idéa fixa era viajar, instruir-se, abranger muitos e variados conhecimentos, fazer-se um homem util e estimado universalmente.

Sentio um grande esforço, uma vontade de ferro amarral-o ao trabalho, comprehendeu que nascera para as lutas, que era um eleito da geração nova, e sentio a necessidade restricta de fazer abnegações pelo estudo, de sacrificar-se á sciencia.

Tinha mocidade, saude, era feliz, porem as vezes uma sombra de tristeza mesquinha passava-lhe pela fronte larga e intelligente —é que não sabia ao certo de quem descendera...

Por varias vezes foi a casa de seu correspondente em Lisboa e procurou disfarçadamente informar-se de sua familia — nada! O Peixoto dizia-lhe em tom secco que o pae tinha-lhe morrido antes de sua chegada a Portugal, e que o tio e tutor estava no Maranhão, estabelecido na rua da Estrella, com um armazem de fazendas por atacado, e mais nada! De sua mãe... nem uma palavra, nem uma attribuição longiqua.

(pg. 83)

— Quem seria ella?... talvez irmã daquella bôa senhora, que foi para elle uma segunda mãe... Mas porque tanto mysterio? seria alguma historia tão vergonhosa, tão revoltante que ninguem se atrevesse revelal-a?... Seria elle engeitado? Não de certo! que se recordava da physionomia daquelle homem, que ia jurar ser seu pae. E alem disso possuia um legado —era herdeiro, proprietario no Maranhão.

E Raymundo perdia-se em um abysmo de conjecturas.

Das cartas que recebia do Brazil nem uma só fallava em seu passado!... Que ferro...

E sentia uma curiosidade irresistivel arrastal-o para o Maranhão.

As vezes, por muito esforço, a memoria conseguia extrahir aos bocadinhos do passado reminiscenciasinhas vagas, incompletas —recordava-se imperfeitamente da pequenita —da Anniquinha, que muitas vezes adormecera a seu lado, na mesma rede; recordava-se da Sra. D. Maria Barbora, a mãe de Marianna, que vinha, com muito apparato, visitar a neta —passar dias! A velha chegava a noute, em seu palanquim, carregado por escravos, vestida de enorme roda, cercada de moleques, precedida por um preto com lampeão de folha oitavado, duas velas no centro —sempre ralhando, gritando, batendo nos escravos e a implicar com elle —com o bodete! como ella o chamava.

E recordava-se do rosto descahido de Maria Barbora, de sens olhos castanhos, muito claros, seus dentes **(pg. 84)** triangulares, cortados a navalha, como barbaramente faziam dantes as senhoras no Maranhão e ainda hoje usam as mulatas.

Um dia em Portugal Raymundo, aspirando o cheiro da alfazema queimada, sentio, como por encanto, sugerirem-lhe a memoria muitos factos de que nunca se recordara até ahi —Lembrou-se do nascimento de Anna Rosa —a casa estava toda silenciosa e impregnada daquelle cheiro; Marianna gemia em seu quarto; Manoel passeava de um para outro lado na varanda, inquieto, desorientado, porem de repente appareceu na porta da alcova uma mulata gorda, a quem davam o tratamento de *Inhá comadre*, vinha alvoroçada, chamou de parte Manoel e dahi a pouco todos ficaram alegres e felizes. Raymundo então nada comprehendeu de tudo isto, disseram-lhe que Marianna recebera uma menina de França e elle acreditou.

E com isto lembravam-lhe outras cousas, como por exemplo o macassá muito cheiroso com que Marianna lhe perfumava todas as manhãs o cabello, porem de tudo o que melhor se recordava era dos lampeões feios com que illuminavam a cidade do Maranhão. Ainda não havia gaz, nem kerosene — ás ave-marias vinha um preto —era o acendedor —desatava a corrente, abria o lampeão, despejava-lhe um pouco de

agua-raz misturada com alcool, acendia-o, guindava-o para seu logar e seguia adiante —Que máo cheiro não havia nos cantos dos lampeões, —Oh! o Maranhão devia ser horrivel! —uma cidadesinha cynica! Contudo Raymun- **(pg. 85)** do queria lá ir —sentia atrações para essa patria... e demais, desde que se emancipara, seus interesses materiaes reclamavam essa viagem —Tenho lá meu tio, irei para casa delle...

Raymundo foi ao escriptorio do Peixoto em Lisbôa, saccou uma quantia maior; abraçou os amigos e fez-se de velas para França, passou pela Hespanha, visitou a Italia, foi a Suissa, esteve na Allemanha, deu um pulo a Londres, e no fim de tres annos chegou ao Rio de Janeiro. Ahi encontrou um socio da casa dos correspondentes de Lisboa —demorou-se um anno —ganhou amigos, teve enthusiasmo pela Côrte, achou-se feliz com ser brasileiro e resolveu estabelecer sua residencia no Rio.

— E o Maranhão? —Que massada... que amolação!... mas era preciso lá ir! era justamente só o que lhe faltava! —Com esta viagem, pensava elle —visito minha provincia, liquido meus bens e conheço minha familia —tres coelhos para uma cajadada — Verdade! verdade! não é de todo máo!... passopelas provincias, dou um pulo ao Pará e ao Amazonas, que desejo muito conhecer e volto descansado para o Rio, com o espirito tranquillo, meus haveres reduzidos a moeda e meu futuro certo — no fim de contas sou um homem bem feliz.

A viagem pela Europa fizera-lhe bem —estava mais forte, mais homem! — gabava-se de experiencia, conversava sobre todas as cousas, sabia entrar em uma sala, tinha fina a educação e uma intrucção variadis- **(pg. 86)** sima e solida. Era bonito, bastante talento —nada lhe faltava —as mulheres babavam-se por elle.

E nesta disposição feliz, tomou o Cruzeiro e partio para o Maranhão.

IV

(pg. 87)

Entretanto, com a chegada de Raymundo, reuniram-se em casa de Manoel as velhas amizades da familia: Vieram as Sarmentos, com seus enormes penteados —

umas moças feias, porem de grandes cabellos, muito elogiados e conhecidos na provincia —Tranças como as das Sarmentos!... Cabello bonito como o das Sarmentos!... Cachos como o das Sarmentos!... Estas e outras phrases converteram-se em formulas invariaveis; não conheciam outro termo de comparação para cabellos. E as Sarmentos, conscias daquella popularidade, ostentavam sempre o famigerado cabello em grandes e ridiculos penteados.

— Tenho pena, affectava as vezes D. Bibina, esta era Bernardina —de ter tanto cabello!... para desembrulhal-o —é um martyrio! —Quando tomo banho e não me penteio logo ou quando passo um dia sem botar oleo!... Ah, Dona! nem lhe digo nada!...

E arregalava os olhos e sacudia a cabelleira, como si descrevesse uma caçada de leões.

(pg. 88)

A familia Sarmiento compunha-se, alem desta D. Bibina, de outra rapariga, e de uma senhora muito nervosa, com cincoenta annos, tia das moças e que só fallava em molestias —sabia remedios para tudo, tinha um grosso livro de receitas, guardava sempre as cascas de laranja, de romã e os caroços de tuturubá, os quaes, dizia ella patheticamente —abaixo de Deus eram santo remedio para as dores de ouvido! Em casa tinha uma variadissima colleção de vidros, pucaros e garrafas.

Chamava-se Maria do Carmo e as sobrinhas tratavam-na por —mamãe-outrinha. Era summamente apprehensiva e entendia de dôces.

Viuva. Passara a mocidade no Recolhimento de Nossa Senhora da Annunciação e Remedios, onde tivera seu primeiro filho do homem com quem depois se casara —o tenente Espigão, do exercito, um espalhafateiro dos quatro costados, muito atirado de gambias —andava sempre fardado e desembainhava a durindana por dá cá aquella palha.

Contavam delle que um dia, em um jantar, perdendo a paciencia com um perú, que parecia querer resistir ao trinchante, Espigão arranca do chanfalho e esquarteja o teimoso oviparo com grandes apparatus marciaes. Muito pulha —fazia medo as crianças afiando e arrastando a espada pelo tijolo das casas, e lisongeava-se quando

lhe diziam que se parecia com o Pedro 2.º Tinha-se na conta de muito atilado e a todos contava que em moço fora poeta —referia-se a **(pg. 89)** meia duzia de recitativos e acrosticos, que inspirara-lhe D. Maria do Carmo, no seu tempo de recolhida.

O tenente Espigão morreu de indigestão no dia seguinte a uma tremenda ceia, na qual praticara a imprudencia de comer sosinho uma salada de pepinos, seu pratinho predilecto.

A viuva ficou inconsolavel e, em consideração á memoria de seu Espigão, nunca mais comeu pepinos! E seu odio implacavel estendia-se por toda a familia do assassino —não queria ouvir fallar de maxixes, nem de aboboras, nem de jurumú — Ai! o meu rico tenente! lamentava-se ella com referencia a morte do marido — Que maneiras de homem! que coração de pomba! aquillo é que era um marido bom como o que!...

E sua voz tinha o sentimentalismo erotico e senil das viuvras inconsolaveis.

Completava esta familia a outra sobrinha de D. Maria do Carmo —era uma creaturinha summamente magra e nervosa, nariz muito afilado, grande e sempre gelado, mãos ossudas e frias, olhos sensuaes e dentes podres. Era detestavel e os rapazes do commercio chamavam-na —Lagartixa.

Etevilna fazia-se muito romantica —prezava sua côr cadavericamente pallida, suspirava de cinco em cinco minutos e sabia estropear modinhas sentimentaes ao violão.

Diziam em ar muito serio que ella tivera aos deseseis annos uma forte paixão por um italiano, profes- **(pg. 90)** sor de musica, que fugira aos credores para o Pará; e que desde então Eteelvina nunca mais tomara corpo.

Achava-se tambem presente a Sra. D. Amancia Souzellas —velha de grande memoria para citar factos, datas e nomes: lembrava-se sempre do anniversario natalicio de seus numerosos conhecidos e filava-lhes impreterivelmente nesse dia o jantar.

Vivia a fallar mal da vida alheia e passava a custa della, quer dizer —não morava em casa propria —levava de passeio quinze dias em casa de uma amiga, outros quinze em casa de um parente, o mez seguinte na casa de um parente e amigo, e assim por diante. Ia a qualquer parte, mettia-se onde não era chamada e, as duas por

tres, era de casa. Conhecia todo Maranhão —contava sem reserva os escandalos que lhe cahiam no bico e andava sosinha na rua —durante o santo dia, passarinhando por toda a cidade, de chale, mettendo o nariz em tudo. Si morria alguém conhecido sempre lavava e vestia o cadaver, cortava-lhe as unhas, dizia os lugares communs da consolação e fôra sempre tida por muito serviçal.

D. Amancia Souzellas era chronicamente virgem —nunca casara e dizia constantemente haver em moça regeitado muitos casamentos bons. Dava-se a cousas de egreja —sabia vestir anjos de procissão e pintava os cabellos com cosmetico preto.

Detestava o progresso — No seu tempo, gritava ella as vezes com azedume — as meninas tinham sua tarefa de costura para tantas horas! e haviam de pôr **(pg. 91)** para ali o trabalho; si o acabavam mais cedo do que o prazo marcado...? iam descansar? —Bôas! Desmanchavam, minha senhora! desmanchavam, para fazer de novo! —E hoje?!... perguntava com as mãos nas cadeiras — Hoje é o *machavilismo* da machina de costura! Dá-se uma tarefa grande e é só —*zuc-zuc-zuc!* , e está prompto o serviço! E d’ahi vae a sirigaita pôr-se de leitura nos jornaes, tomar conta do romance ou então para a indecencia do piano —Filha sua! jurava —não havia de aprender o tal instrumento, porque si as desavergonhadas queriam tocar era para melhor estar de conversa com os namorados, sem que os outros desconfiassem.

Fallava mal da iluminação a gaz:

— Dantes os escravos tinham o que fazer, dizia —depois do jantar iam todos apromptar e acender os candieiros —limpal-os, deitar azeite novo e collocal-os em seu lugar —E hoje?! — é chegar o pallitinho de fogo a bruxaria do bico de gaz e... caia-se na pandega! —Já não ha tarefa! já não ha captiveiro! E’ por isso que elles andão tão desavergonhados!... Chicote! chicote! até dizer basta! é do que elles precisam! dizia ella essa noute á sogra de Manoel —Tivesse eu muitos! que juro-lhe pela benção de minha madrinha lhes havia de tirar sangue do lombo!

E terminava com uma careta religiosa —Quando Deus nosso senhor os fez negros não foi para bôa cousa!...

Era isto a D. Amancia Souzellas, porem sua espe- **(pg. 92)** cialidade, o que a tornava mais apreciavel para os rapazes e detestada pelos paes de familia, que iam de

nariz torcido recebendo-lhe serviços e visitas —era seu inveterado costume de contar anedoctas baixas e grosseiras. Fôra sempre muito desbocada e no entanto os burguezes de sua roda diziam n'um frouxo de riso — Com a D. Amancia não pode a gente estar serio! — O diabo da velha tem uma graça!...

A nossa conhecida Eufrazinha tambem não faltara ao chá. Toda ella enfeitada de lacinhos de fita, muito empoada de arroz, moreninha, com as feições muito desenhadas á superficie da cara e com um signal mal feito de nitracto de prata, espalhado ao lado esquerdo da boca — era para ficar do tamanho de uma pulga e sahio do tamanho e do feitio de um feijão preto. Saracoteava-se na cadeira, cheia de movimentos miudinhos, levantava-se de vez em quando para ir dizer um segredinho a Anna Rosa enquanto lhe endireitava o penteado, nestes passeios espiava de esquelha para os quartos e para a varanda —dando fé, e voltava para sua cadeira, mirando-se furtivamente nos espelhos da sala. Sempre muito curiosa, querendo achar em tudo que lhe diziam uma significação dupla, tregeitando momices e esgaires expressivos e risonhos quando não entendia, para fingir que comprehendera perfeitamente. Tinha a voz sibilante, e cheia de affectação, assoviava os s s e dizia syllabadas.

O Freitas em casa de quem Anna Rosa tivera o **(pg. 93)** seu ultimo hysterico lá estava com sua filha, a querida e repolhuda Lindoca.

O Freitas era um homem desquitado da mulher —que se atirara aos cães! explicava elle friamente, sempre muito tezo, magro, alto, com o pescocinho comprido no infalivel collarinho á Pinaud.

Não relachava as calças brancas e gabava-se futilmente do segredo de conserval-as limpas e engomadas, durante uma semana; tinha sempre o collarinho em pé e duro, o peito da camisa irreprehensivel e a gravata invariavelmente preta. Tratava uma enorme unha no dedo mindinho, com que cossava constantemente seu bigode tingido, falhado e muito espichado; nunca consentio que barbeiro algum lhe encostasse a mão no rosto —fazia elle mesmo sua barba, um dia sim e outro não; escondia a calva com uns fios compridissimos de cabello, que trazia muito espichados sobre o craneo, como se fossem penteados a gomma arabica. Tinha uma memoria prodigiosa, bastante gabada em toda a provincia; dizia-se grande conhecedor de Historia, principalmente a

do Brazil; affectava-se no fallar, gostava de fazer estyllo e sempre que se referia ao Imperador, repetia —O nosso defensor perpetuo! Chamavam-no habilidoso —em tempo fizera, com muita paciencia, uma arvore genealogica da familia e mandara-a litographar no Rio —isto foi muito apreciado e commentado em todo o Maranhão.

Freitas era empregado publico ha vinte annos, só **(pg. 94)** faltara tres vezes a repartição — por uma queda, uma indigestão e no dia de seu casamento, contava isto a todos, com gloria. Quando estava suado contentava-se com aspirar o fortum do cognac —Isto basta para fazer-me ficar tonto! dizia com uma repugnancia virtuosa; afiançava ter horror as cartas e sabia tocar clarinete, porem nunca tocava, que o medico dissera não achar prudente; fumara, porem o medico dissera do charuto o mesmo que do clarinete —nunca mais fumou. Não dansava para não suar. Fallava com raiva das mulheres e nunca comia a noute — Alem do chá —nada! dizia firmemente. Estivesse onde estivesse retirava-se infallivelmente a meia noute. Usava sapatos razos, de polimento, e nunca abandonava o chapau de sol.

Jamais sahira do Maranhão —tinha um medo horrivel do mar — Nem para ir a Alcantara! affirmava elle, conversando essa noute — Daqui para o Gavião! — Nada! quero morrer em minha caminha, socegado, bem com Deus!

— Com toda commodidade! observou Raymundo a rir.

—Freitas era devoto —carregava todos os annos o andor do milagroso S. Bom Jesus dos Passos. Muito arranjadinho —Em casa delle havia de tudo como na botica! diziam os amigos — Só falta dinheiro!... acrescentava o Freitas em ar discreto de pilheria; no mais era sempre o mesmo homem —nunca dera para estouvices —em rapaz fora sempre mettido con- **(pg. 95)** sigo —não gostava de dividas, collecionava sellos velhos, dava homoeopathia de graça e tinha fama do maior massante do Maranhão.

A tal sua Lindoca era uma menina de deseseis annos, pequenina, extremamente gorda, quasi redonda, não era feia, muito estúpida, porem de bom coração e um temperamento honesto.

— A Lindoca está engordando até nos miolos! disse Eufrazinha uma vez.

Lindoca Freitas tinha muita vontade de casar e amava estremosamente o pae, a quem só tratava por —Nhôsinho.

— Tenho um desgosto desta gordura! lamentava-se ella as amigas que elogiavam-lhe a exuberancia das carnes —Si eu soubesse de um remedio para emmagrecer, tomava!

— Não te desconsolles, Lindoca!

— Gordura é saude!

— Dá-me gordura, que te darei formosura!

E com estas e outras palavras as amigas procuravam consolal-a, porem Lindoca vivia triste —ha tres annos achava-se gorda de mais e dahi para cá criara sempre novas inxundias, suava cada vez mais, cansava por cinco passos, estava vermelha — era um desgosto serio! Tomava vinagre, corria pela varanda, mas, qual! — as banhas sempre a augmentarem. sempre a avolumarem. Estava cada vez mais redonda, mais boleada; a casa cada vez mais estremecia com seu peso; os olhos desapareciam na abundan- **(pg. 96)** cia das bochechas; o nariz parecia um lombinho, as costas uma almofada —bufava!

Dias, o piedoso Dias! tambem lá estava, mettido em um canto, roendo ferozmente as unhas, com um olhar immovel sobre Anna Rosa, que, ao piano, fazia por tocar uma passagem do *Ballo in maschera*.

Em uma das janellas da frente, encostados a sacada, Manoel e o conego ouviam de Raymundo a descripção de um passeio de Pariz a Suissa.

No resto da sala corria o sussurro das senhoras que cochichavam.

— Então estamos passando o Boqueirão?! disse o Freitas levantando-se e sacudindo as calças para não criarem joelheiras, e voltando-se para uma das sobrinhas de Maria do Carmo — Diga alguma cousa, D. Etelvina!...

Etelvina levantou a cabeça e deu um enorme suspiro.

— Por quem suspiras? perguntou-lhe em um mysterioso falsete a velha Amancia, que lhe ficava ao lado.

— Por ninguém!... respondeu a Lagartixa, sorrindo melancolicamente com os caquinhos dos dentes.

— Elle não é feio! a senhora não acha, D. Bibina? perguntou Lindoca com referencia a Raymundo.

— Quem! o primo d' Anna Rosa?

— Primo? eu creio que elle não é primo, dona!

— E'! disse a Bibina com arrelia — é primo por **(pg. 97)** parte de pae! e olhe — está ali quem lhe sabe bem a historia!

E indicava a tia com o beijo.

— An!... resmungou a outra.

Por outro lado Maria do Carmo dizia a Amancia Souzellas — Pois é o que lhe digo, D. Amancia — muito bôa preta!... negra como este vestido! Cá está quem a conheceu!...

E batia no peito descarnado — Muita vez a vi no relho! lche!

— Ora quem *havera* de dizer!... exclamava a outra, fingindo ignorar da existencia de Domingas — Uma cousa assim só no Maranhão!... Credo!

— E' como lhe digo, minha rica! — o sugeito foi forro á pia! Hoje está todo cheio de fumaças e de filaucias!...

— Cruz! t'arrenego, pé de pato!

E Amancia bateu por habito nas faces engilhadas.

Nisto ouvio-se um grande motim na varanda — O' Benedicto! moleque! ó peste! estás dormindo, sem— vergonha?!

E logo o estalo de uma bofetão — Arre! que até me fazes zangar com visitas na sala!...

Era Maria Barbora que andava as voltas com o Benedicto

— Vae deitar a meza do chá, moleque!

Manoel correu logo á varanda, contrariado — O' senhora! que inferneira! Olhe que tem ahi gente de fora!...

Freitas passou-se á janella, onde estava Raymundo, **(pg. 98)** e aproveitou a occasião para empingir uma amolação a respeito do máo serviço domestico, feito pela escravatura — Conheço que são precisos! conheço! mas é uma immoralidade! As negras! principalmente as negras! — são umas muruchabas que um pae de familia tem

em casa, para dormir debaixo das redes das filhas! e para contar-lhes historias de namoros porcos!

E Freitas dizia verdades incontestaveis, já muito sabidas, citava factos —Ainda outro dia, contava elle —appareceu em certa casa uma menina coberta de piolhos, que pegara da negra; sei de outro caso de uma escrava que contagiou empinges, dartos, e até outras molestias mais indecorosas, em casa das senhoras! E isto é o menos! o peor é que ellas contam ás sinhasinhas tudo o que fazem pela rua! Ficam as pobres moças sujas de corpo e alma na companhia de semelhante gente! — Afianço-lhe, doutor, que se tenho pretos em casa é por não haver outro remedio!

Freitas foi interrompido por Benedicto, que, perseguido de Maria Barbora, entrou na sala por uma porta e sahio pela outra, com uma agilidade de macaco.

Houve um espalhafato — Benedicto ganhou a escada e fugio.

Rebentaram gargalhadas.

Anna Rosa deixou de tocar. O Dias, até ahi immovel, levantou-se rapidamente e deitou a correr (**pg. 99**) como doudo, atraz do moleque. Desappareceram ambos.

Benedicto era cria de Maria Barbora — um pretinho secco, retincto, alto, muito levado dos diabos, com os beiços enormes, dentes branquissimos, o christalino dos olhos azulado. Quebrava muita louça e fugia constantemente.

Maria Barbora parara no meio da sala, furiosa — Ai gentes! não reparem!.. é aquelle maldito moleque!... pois o desavergonhado não queria vir de corpo nú servir agua na sala?! Patife! Ah! si o pego!... mas deixa estar que não as perdes! malvado!

E voltando-se para o lado da rua — Si seu Dias não te alcançar, peste! tens amanhã um *campeche* te seguindo a pista! safado!

E sahio para a varanda, muito atarefada, gritando pela Brigida — O' Brigida! Tambem estás dormindo, seu diabo?!

Na sala as visitas discutiam rindo o facto do moleque e o máo genio de Maria Barbora.

Com pouco ouvio se um farfalhar de saias engommadas e em seguida apparecer a Brigida, uma mulata corpulenta —a carapinha muito trançada, cheia de flores, um vestido de chita rescendendo a trevo cheiroso.

Tinha se vestido de proposito para offerecer copos d'agoa, em uma immensa salva de prata — dirigia-se a todos, um por um, saracoteando os quartos volumosos.

(pg. 100)

A criadagem de Manoel compunha-se de Monica — uma cafusa edosa, que amamentara Anna Rosa e lavava a roupa da casa, Benedicto e Brigida; alem destes havia uma preta só para engommar, outra só para cosinhar e outra só para levar recados na rua; e apezar deste pessoal, o serviço era sempre tardio e mal feito.

— Estas escravas de hoje tem luxos!... observou Amancia em voz baixa a Maria do Carmo, apontando com um olhar o vulto farfalhudo de Brigida.

E entraram a conversar sobre o escandalo das mulatas se prepararem tão bem como as senhoras; sobre os caixeiros que roubavam do patrão para enfeitar suas *pininchas*. E, por uma transição natural, fallaram dos passeios a carro, das festas e... dos bailes de pretos.

— Os chinfrins?! como lhes chamava meu defunto Espigão —conheço! conheço!... bastante quisilha tivemos nós por causa delles!...

— E' uma semvergonheira! — ver as escravas todas de cambraia, laços de fita, agua de cheiro no lenço, a se requebrarem na dança!... Sucia de patifes.

— Ah! um bom chicote!... E ellas dançam direito, D. Amancia?

— Si dançam!... ellas não sabem é fazer o serviço a tempos e á horas! — lá para dançar são mestras! nem o João Enxova!...

E Amancia tinha colera na voz — Até parecem senhoras! — todas se fazendo muito serias; os pretos de **(pg. 101)** jaqueta a darem-lhes excellencia —E porque minha senhora p'ra cá! vossa senhoria p'ra lá! — E' um desafôro! a senhora não imagina!... E o melhor é que os velhacos não dizem o nome do escravo, dizem mas é o nome do senhor —não sabe o Filomeno? aquelle criado do presidente —pois esse é só conhecido por Sr. presidente! Outros são Srs. desembargadores, doutores, maiores, e coroneis! E' uma patifaria que devia acabar a chicote!

Anna Rosa acabou de tocar pela segunda vez e levantou-se do piano.

— Bravo! bravo!

— Muito bem! D. Annica!

E estalaram palmas.

— Tocou as mil maravilhas!

— Não senhor foi o — *Dizem que sou barboleta!*

Todos cumprimentaram Anna Rosa. O Freitas prophetizou que ali estava um segundo *Lyra!*

O unico que não applaudio foi Raymundo, deixou-se ficar a janella, fumando. Anna Rosa sentio uma decepçãosinha por isso — tinha se esforçado na execução da musica, e a despeito de tudo isso Raymundo parecia nem sequer ter reparado.

E com uma pontinha de máo humor, Anna Rosa foi assentar-se ao lado de Lindoca — agastada.

Eufrazia levantou-se tambem e foi, muito interessada, reunir se a amiga — Que tal o achas?! perguntou-lhe logo ao ouvido, olhando disfarçadamente para Raymundo.

(pg. 102)

— Quem? fez Anna Rosa, fingindo distração.

A outra indicou mysteriosamente a janella com um dos pollegares.

— Assim, assim!...

E fez um bico de indiferença — nem por isso!...

— Um peixão! afirmou Eufrazia com entusiasmo.

— Gentes!... que é isso, Eufrazinha?!

— Eu o acho divino!

E a viuva mordia os beiços.

— Sim, elle não é feio!... mas tambem não é lá essas cousas!... disse Anna Rosa impacientando-se.

— Que cabellos! que olhos! e que gestos! Olha! olha menina — como elle pega o charuto! olha como elle se encosta na grade da janella!... parece um fidalgo o diabo do homem!

Anna Rosa olhava de sorrelfa para Raymundo — effectivamente sentia que a amiga fallava verdade — Raymundo era bonito e elegante, porem aquella indiferença doia-lhe como uma injustiça — elle desde que chegara não lhe tinha votado ainda uma unica palavra de distincção, de differencia, um gesto que a especialisasse; quando no

entanto ali era ella incontestavelmente a mais *chic*, a mais bonita! e de mais — sua prima! que Anna Rosa pouco ou nada estava informada da especie de seu parentesco com Raymundo —E elle? —Ora cebo! tratava-a como a toda gente! fallava-lhe como ás outras —igualmente delicado, frio, cortez, com galanteios modernos, bem limados, é certo, mas sem enthusiasmo, sem fogo! **(pg. 103)** não era como os outros rapazes do Maranhão, que a cercavam de elogios, de offerecimentos e protestos de amor!

E com isto Anna Rosa sentia-se lesada, roubada em seus direitos de formosura. — É um pedante! resumio ella consigo. —Um enfatuado!

Nisto entraram na sala, com ruido, dous novos typos —O José Roberto e o Sebastião Campos.

Foram logo apresentados a Raymundo e cumprimentaram a todos, um por um, com os galanteios sedícios do estylo. —D. Eufrazinha sempre bella como os amores! que pena ser eu já papel queimado!... Então, D. Lindoca, ende vae com essa gordura? divida a metade commigo! Quando se come esse dôce, D. Bibina?

E tinham sempre na ponta da lingua uma pilheria senil, um dito chôcho, sem graça, para bolir com as moças.

José Roberto, a quem só tratavam por Casusa, era um rapaz de vinte e cinco annos —magro, moreno, syphilitico, com uma cabelleira crespa e colossal, olhos e cabellos muito pretos, uma bocca em ruinas, usava lunetas azues e sabia fazer, cantar e acompanhar modinhas e lundus, com certo apimentado bahiano, sensual, um tanto grosseiro e baixo; seu forte era o violão —quando tocava tinha um amaneirado de trovador de esquina —vergava-se todo sobre o **(pg. 104)** instrumento, abafava o som com a mão aberta sobre as cordas, e sabia arrancar gemidos do violão.

José Roberto tinha alguma cousinha —passava por estroina —gostava das serenatas, das pandegas —quando pilhava uma dansa, não perdia uma pulada, mas ficava o dia seguinte de cama, exausto, estrompado!

Ha muito fazia elle por agradar Anna Rosa, ella sempre o repellia, a rir; tambem poucos o tomavam a sério. —Um pandego! diziam. —Um vadio! um peralta! alguns chamavam-no —bom diabo!

Era um typo muito brasileiro, muito vulgar no Maranhão —cheio de franquezas não fazia questão de dinheiro —tinha um orgulho exagerado, um pouco pulha e uma birra convencional e ridicula aos portuguezes. No mais alguma intelligencia, nenhum cultivo, bastante honestidade e femeeiro a toda prova.

O Sebastião Campos, viuvo da primeira filha de Maria Barbora, era um outro typo muito do Maranhão, porem nada tinha de José Roberto, alem da birra ridicula aos portuguezes, a quem sempre e só chamava, os marinheiros, os puças, os gallegos.

Era senhor de um engenho de canna para as bandas do Munim e lá passava tres mezes no tempo da colheita e na cidade o resto do anno. Tinha qnarenta annos, muito aceiado, mas sempre com a roupa bastante mal feita —usava calças curtas, com seus pesinhos, ridiculamente pequenos, apparecendo desde o tornozello, barba cerrada e cabello a escovinha; tinha **(pg. 105)** os olhinhos vivos e sensuaes, nariz pequenino e testa enorme, a cabeça grandemente desproporcionada e os beiços grossos e vermelhos, deixando ver uma dentadura miudinha e gasta, porem limpa. Muito nacional —só fumava o fumo de molho fabricado no Maranhão; dizia preferir sua boa canna capim e seu vinho de cajú a quantos cognaques e vinhos do Porto havia por ahi. Não cochilava com seus escravos —na roça era temido até pelo feitor. Muito devoto, cheio de escrúpulos e orgulhos de raça —estava sempre a dizer que o Brasil —teria ganho muito se perdesse a guerra dos Guararapes —A nossa desgraça, rezava elle —era havermos cahido nas mãos dos portuguezes! uma gente ronceira, sem progresso! —Uns lesmas! resumia elle!

Não gostava de aceitar favores de ninguém, e quando dava para metter as botas em qualquer pessoa, era aquella desgraça! —não tinha papas na lingua!...

Levara sempre uma vida sedentaria e um tanto preguiçosa —gostava de ler ou conversar, escarranchado na rede, durante o dia inteiro, em ceroulas, fumando o seu cachimbo de enorme taquary do Pará.

Na rua encontravam-no impreterivelmente com um colletinho preto, de seda, curto, camisa bordada, trancelim muito comprido de ouro massiço —obra antiga, com passador, relógio grnade e brilhantes no peito da camisa. Gostava de perfumes activos, joias e côres vivas. Para elle nada havia como um bom **(pg. 106)** passeio ao sitio — embarcado, á fresca da madrugada, bebendo seu trago de caxaça, cachimbando seu fumo do Codó. Era muito obsequiador em sua casa, e passava a farta.

Com a chegada destes novos typos a reunião tornara-se mais animada —foi se buscar logo o violão e, depois de grnades affinações e muitos pedidos, o Casusa principiou a cantar uma modinha, que tresandava ao lyrismo sedição de 1820 —era de Casemiro de Abreu.

Fez-se silencio e a voz de José Roberto, um pouco rouca, arrastava-se em um sentimentalismo piegas:

— Minh'alma é triste, como a rôla afflictta!

— Que o bosque acorda... desde o albôr da aurora!...

Nisto rebentou uma corda do violão.

— Ora pilulas!... disse o trovador — D. Annica! a senhora não tem uma prima?

— Que não se lembrava.

E Anna Rosa foi ao seu quarto procurar uma corda, voltou com uma segunda — Era a que havia...

Arranjou-se a segunda, e o Casusa continuou, depois de repetir os outros versos:

— E em doce arrulo, que o soluço imita.

— O morto esposo, gemedora chora!

E continuou, muito lamurioso, a cantar diabruras **(pg. 107)** de uma paixão excepcional, que entrara no coração do poeta e que lá permanecia a rabear, sem querer sahir.

O Freitas, na janella, caceteava Raymundo, sob o pretexto de citar-lhe as cousas notaveis do Maranhão —de sua *Athenas brasileira*, como pretenciosamente chamava elle.

O conego fugio logo para a varanda, covardemente, com medo da sécca.

— Não sou bairrista, não senhor! mas o nosso Maranhão é um torrão privilegiado!

E citava com grande emphase —Os Gonçalves Dias, os Cunha, os Odorico Mendes, os Pindaré, os Sotero! *etcetera! etcetera!* Temos os nossos faustos! temos!

E passou depois a fallar nas bellezas da cidade —no dique das Mercês — estava em construcção, mas havia de ficar obra muito de se ver e gostar! afiançava elle, cheio de gestos respeitosos. Fallou do Caes da Sagração —tambem não estava concluido, dos Quarteis —estavam para entrar em concerto, na egreja de Santo Antonio —só faltava rebocar. Elogiou muito o theatro S. Luiz —Diz o conego que é o S. Carlos de Lisbôa em ponto menor! lembrou respeitosamente a companhia lyrica do *Ramonda* —o tenor *Remorini*, que morreu no Maranhão de febre amarella, depois de ser muito aplaudido na *Gemma de Vergi* —Como aquella, jurava elle —não voltaria outra companhia ao Maranhão —porem que mesmo na provincia havia moços (pg. 108) de grande habilidade —referia-se a uma sociedade dramatica particular — Tinham seu geito, sim senhor!

E engrossava a voz com muita autoridade — Representavam *Os sete infantes de Lara!* *Os renegados!* *O homem da mascara negra* e outras muitas peças de igual merecimento! Tinham sua queda, tinham!... não se pode negar!...

E assoava-se, meneando a cabeça, convencido — Principalmente a dama! sim! o moço que fazia de dama! — não havia que desejar — o pegar do leque, o revirar dos olhos, certos requebros, certas faceirices!... Enfim, senhores! — era perfeito! perfeito! perfeito!...

Raymundo bocejava.

E o Freitas nem cuspia —acudiam-lhe factos engraçados sobre o theatrinho, soltava as anedoctas em rebanhos, sem intervallos.

Raymundo já não achava uma posição na janella — firmava-se ora em uma perna, ora na outra; virava-se da esquerda, da direita, e enfim abaixava a cabeça, resignado — Que massada!... dizia entre dentes.

Entretanto ia contando o Freitas, enquanto todo attencioso limpava a manga do fraque de Raymundo, sujo na calliça da janella — Estavam em vasante de divertimentos, que sua unica distracção era cavaquear um bocado com os amigos — Ah! era verdade! havia uma festa nova — de Santa Filomena! mas que não seria como a dos Remedios.

(pg. 109)

— Sim, de certo, dizia Raymundo, fingindo prestar attenção.

E espreguiçava-se.

— A festa dos Remedios!...

E Freitas soltou um assovio muito prolongado e estalou os dedos, como quem diz — Vae longe!...

Raymundo estremeceu, ficou gelado ate a raiz dos cabellos —percebeu aquella implacavel ameaça —a nova refrega estava iminente —medio involuntariamente com os olhos a altura da janella, como quem procura uma fugida.

— O nosso João Lisbôa, disse o Freitas, e mettem as mãos profundamente nas algibeiras das calças — já em um folhetim, publicado no numero... ora qual era o numero do *Publicador Maranhense*?... Espere...

E fitou o teto — 1173 — Sim! —1173, de 15 de outubro de 1851. Pois nesse folhetim descreve elle, circumstanciadamente e com muito donaire e gentilezas de estylo, a nossa popular festa dos Remedios.

Raymundo, aterrado, prometteu ler o tal folhetim na primeira oportunidade.

— Ah!... mas é que hoje ella é outra cousa!... hoje não se compara! — ha muito mais luxo, mas muito!

E segurando com ambas as mãos a golla do fraque de Raymundo e ferrando-lhe um olhar opportunamente arregalado, disse sem transição — Acredite, doutor! —mette pena o dinheirão que se gasta! faz dó ver as sedas, os velludos, as anaguas de renda, ar- **(pg. 110)** rastarem-se pela terra vermelha do Remedios!...

Raymundo deu sua palavra de honra em que podia fazer uma idéa aproximada.

— Qual! qual! meu amigo, não é possível!...

E Freitas repellio com força a victima — Aquillo só vendo e sentindo, doutor!

E descreveu minuciosamente a côr, a subtileza da terra, como ella manchava o logar em que cahia, como se introduzia pelas costuras dos vestidos, das botas, nas abas do chapéus, nas machinas dos relógios, pelo nariz, pela bocca, pelas unhas, por todos os poros! — Aquillo, meu amigo...

Raymundo queixou-se intempestivamente que tinha muito calor —abafava! Freitas levou-o pelo braço a varanda —deu-lhe uma preguiçosa, passou-lhe uma ventarola de Bristol, preparou-lhe uma limonada, e, depois de tel-o regalado, como se faz aos condemnados antes de subirem ao supplicio —de pé, como um carrasco em face do paciente, com palavras escolhidas, gestos convencionaes, affectando estylo, repetindo as phrases, frizando os termos, repizando o que lhe parecia de mais interesse, fez a seguinte descripção, como se falasse para um grande auditorio, com mimica e posições parlamentares.

Principiou descrevendo circumstanciadamente o largo dos Remedios, com a sua ermida toda branca, seus bancos ao redor, muitos aryrys, muita bandeira, **(pg. 111)** muito foguete, muito toque de sino; fallou com assombro do luxo exagerado com que apresentavam-se todos á missa da festa, na qual, dizia elle respeitosamente —reune-se a nata da judiciosa sociedade maranhense!

— Era tudo em folha! e do mais caro! e do mais fino! Desde o capitalista até ao relé caixeiro de balcão havia luxo —velho ou moço, branco ou preto, ninguem lá ia sem se ter preparado dos pés a cabeça —nesse dia não havia roupa velha, nem coração triste —era um dia completo!

— As quatro horas da tarde torna-se o largo a encher — pensará talvez o doutor que tragam a mesma fatiota da missa?...

— Naturalmente.

— Pois engana-se! —é tudo novamente novo —são outros vestidos, outras calças, outras...

— Etc, etc, vamos adiante.

— Dizem alguns estrangeiros... e dizendo isto tenho dito tudo!... que não ha em todo mundo festa de mais luxo!...

E a voz do Freitas tinha a solemnidade de um juramento — O que lhe afianço, doutor, é que não ha criança que nessa tarde não tenha sua pratinha amarrada na ponta do lenço —apparecem cedulas gordas, moedas amarellas; troca-se dinheiro; ardem charutos caros; no bazar, as prendas sobem a um preço escandaloso! Digo-lhe mais —nesse dia não ha homem, por mais pichelinga, que não gaste seu bocado nos **(pg. 112)** leilões, nas barracas, nos taboleiros de doce ou nas casas de sorte; nem ha mulher, por mais batida, que não arroste grandeza —pelo menos seu vestidinho de popelina. Veem-se enormes trouxas de doce secco, corações unidos, de côcada, navios de massa com a mastreação de alfenim, jurarás enfeitados e dourados, cutias engaioladas, pombos cheios de fita, frascos de doce de muricy —o diabo! meu amigo! As pretas minas, captivas ou não, surgem com seus ouros, suas telhas de tartaruga, suas ricas toalhas de renda, suas saias de velludo, suas chinellas de polimento, seus aneis em todos os dedos. E este povo, mesclado, coberto de luxo, radiante, com a barriga confortada, o coração cheio de riso —passeia, exhibe-se, satisfeito de si, pensando erroneamente chamar a atenção de todos, quando cada um só repara e cuida de si, como só presta atenção a sua propria roupa.

Raymundo ria-se por delicadeza, e espreguiçava-se na cadeira, assoviando.

— A' noute, continuou o Freitas —illumina-se todo o largo; armam-se grandes e enfeitados arcos transparentes, com a imagem da santa e os emblemas do commercio e da navegação.

— Ah! a santa é protectora do commercio?

— Perdão! o commercio é que é o protector da santa, porque é elle quem faz-lhe a festa. Mas sim senhor!... faz-se a illuminação —armas brasileiras, estrellas, vasos, o nome da santa, tudo a bico de gaz! afora uma infinidade de balõesinhos chinezes, **(pg. 113)** que brilham por entre as bandeiras, os florões, os aryrys, as casas de musica. Fica tudo claro como dia!

Raymundo deu um suspiro profundo e mudou de posição.

— Ha tambem para os moleques um pau de sebo, balanços e cavallinhos. E' verdade! o doutor sabe o que é um páu de sebo?!

— Perfeitamente! tenha a bondade de continuar.

— Com franqueza!... si não sabe, diga, que eu posso...

— Ora! faz-me o favor de não se encommodar —estou impaciente pelo resultado da festa —queira continuar.

— Ora muito bem!... Chega de todo a noute. Ah! meu amigo! então surge de todos os cantos da cidade uma alluvião de velhos, moços, janotas, meninos e negrinhas, e enche o largo como um ôvo; pretos de ambos os sexos e de todas as edades —desde o moleque até o *tio velho* acodem carregados de cadeiras equilibradas em porção sobre a cabeça. Formam-se rodas mesmo no largo —as familias, umas assentam-se, outras acotovelam-se na praça, a titulo de passeio; fazem grupos, riem, discutem, criticam, namoram, zangam-se, ralham —já houve uma senhora que castigou um moleque a chicote, na propria festa.

— A chicote?

— Sim! aquillo, meu caro doutor, é uma especie de romaria —levam potes cheio d'agua, cuscus, castanhas assadas, biscoitos, ete etc. E tudo isto ao som **(pg. 114)** desordenado da pancadaria de tres bandas de musica, dos gritos do leiloeiro, que sempre é um sujeito rouco, e da algazarra inqualificavel do povo.

— Estamos no apogeu da festa!

— Ah! fez Raymundo desanimado.

— Soltam-se os balões de papel fino; crusam-se as moças aos pares, giram os janotas; vendem-se roletes de canna, sorvetes, garapa, cerveja, doces, pasteis de camarão, chupas de laranja; sentem-se arder charutos de canella, gastam-se os ultimos cartuchos; esvaziam-se de todo as algibeiras e finalmente arde, com grande jubilo geral, o invariavel fogo de artificio. Então tocam todas as bandas e todos os sinos ao mesmo tempo; faz uma fumaceira capaz de suffocar um fole e, entre uma aclamação infernal, apparece no castello, cercada de fogos de bengala, a milagrosa Nossa Senhora dos Remedios.

— Milhares de foguetes de lagrimas voam ao ceu, todos descobrem as cabeças pelo respeito a santa e abrem os chapéus de sol por amor da cabeça —ha uma chuva de fogos multicores — todos os grupos, todas as physionomias, todas as casas tomam successivamente as cores brilhantes do prisma. Depois desta aurora boreal ha uma especie de spasmo e está acabada a festa.

Freitas tomou folego, Raymundo quiz fallar, porem elle atalhou logo — De repente! o povo quer sahir! corre junto á rua dos Remedios, agglomera-se, irrita-se, acotovela-se, disputa os carros, pragueja —cada **(pg. 115)** um quer chegar primeiro — ha trambolhões, descomposturas, gritos, gargalhadas, gemidos, rinchos de cavallos, taboleiros de doce derramados, crianças perdidas, vestidos rasgados, pés esmagados, cabeças transtornadas e afinal todos desaparecem, como por encanto! — O largo fica deserto e cada qual dispõe-se a esperar um anno inteiro, fazer economias, ajuntar dinheiro, para figurar na sefuinte festa de Nossa Senhora dos Remedios.

E o Freitas deixou-se cahir em uma cadeira, com a lingua secca.

— Mas porque diabo retiram-se tão depressa? perguntou Raymundo.

Freitas engolio soffregamente tres golles d'agua — E' porque este povinho por fogo de vista é peor que macaco por banana! —tirem-lhe de lá o fogo e desaparecerá logo toda a concurrencia.

— Com effeito! E esta festa é muito antiga?

— Bastante! ella já tem seu tempo! Ora espere!...

E Freitas ferrou o olhar no tecto — No tempo dos governadores portuguezes era ali o convento de S. Francisco! foi... poderia ser... em... mil, sete centos... e desenove! Chamava-se então a ponta que forma hoje o largo do Remedios —a ponta do Romeu. Ora os frades cederam esse terreno a um tal capitão Monteiro de Carvalho, que fez a ermida, como se pode calcular —no mato. Uma occasião porem, um preto fugido matou nesse logar o senhor, e os romeiros, que lá iam constantemente abandonaram receio- **(pg. 116)** sos a devoção. Somente cincoente e seis annos depois, é que o governador Joaquim de Mello e Povôas mandou abrir uma boa estrada, que vem a ser hoje a nossa pittoresca rua dos Remedios.

Raymundo pasmava daquella memoria.

— A ermida cahio em ruínas, mas o ermitão Francisco Xavier mandou construir a que lá está presentemente em 1818 e d’ahi principiou a festa, que tive a honra de descrever-lhe.

— De tudo isto, disse Raymundo — o que mais me admira é a sua memoria — o senhor com effeito tem uma memoria de anjo!

— Ora o senhor então ainda não vio nada! vou contar-lhe!...

Raymundo ia disparatar, quando felizmente acodiram todos a varanda — criou alma nova — Apre! dizia consigo —E’ temivel este typo!

Servio-se o chocolate.

O conego vinha a conversar em voz baixa com Manoel — Pois é o que lhe digo, compadre! dizia aquelle — fique você com as casas e divida-as em meias moradas, que rendem!

— Acha então que valem quatro contos de reis cada uma?

— São de graça por esse preço, homem, porque aquillo é pedra e cal — construcção antiga — deita seculos! Alem disso as casinhas tem bom quintal, bom poço, não são devassadas da visinhança — verdade é que são um bocadinho quentes, mas...

(pg. 117)

— Não! mas eu abro janellas para o nascente, replicou Manoel, e assim conversando chegaram a varanda, onde já estavam a meza.

João Roberto e Sebastião Campos serviam as senhoras, acompanhando os offerecimentos de pilherias de meza; Raymundo dispensara-se do chá, com medo do Freitas, que lhe abrira um logar ao pé de si.

Sentia-se mastigar seccamente as torradas, sorver aos gollinhos o chocolate quente.

— Doutor, disse o conego, espetando com o garfo uma fatia de bolo de tapioca — prove ao menos do nosso *bolo do Maranhão*, tambem o chamam por ahi — *bôlo podre* — isto não ha fóra de cá — é uma especialidade da terra.

— E’ bom! é! porem um pouco pezado.

— E' de sustancia! acrescentou Maria Barbora — faz-se de tapioca de forno e ovos.

— D. Bibina, disse Anna Rosa, recommendando os beijús — são fresquinhos.

Amancia, com a boca cheia, dizia baixo a Maria do Carmo — Pois minha amiga, quando quizer encommendar suas missinhas com mais alguma cerimonia procure o padre que lhe digo — é muito pontual e se contenta com o que a gente dá! —Est'r'o dia, citava ella — dei-lhe dezoito mil réis por uma missinha cantada, mas tambem se podia ver a obra que o homem apresentou! Porem dar a gente seus cobrinhos, que tanto custam a juntar, a muito padre que ha por ahi, desses que mal chegam ao altar e já estão pensando **(pg. 118)** no almoço e na comadre!... Credo! p'ra lá! até peza na consciencia de um christão!

— O padre Murta! então! ... lembrou a outra —as vezes até se apresenta bebado nos enterros! Deus me perdôe!

E bateu na boca — Cá está quem já o vio a todo o panno encommendar o corpo de José Carôxo!...

Não! que hoj'em dia até a gente perde a fé!... isso está se mettendo pelos olhos!... mas é o que não tem o outro! porta-se muito bem! muito bem procedido! muito cumpridor de suas obrigações! zelozo da religião — Acredite que faz gosto!... Dizem até...

E Amancia segredou alguma cousa á vizinha — Maria do Carmo abaixou os olhos e resmungou beaticamente — Deus lhe leve em conta! coitado!...

Houve um rumor de cadeiras que se arrastavam, os commensaes afastaram-se dos logares.

— Mesa feita! companhia desfeita! recitou logo João Roberto, chupando os restos dos dentes, e seguiu ás senhoras, que encaminhavam-se silenciosas para a sala.

Nisto entrou o Dias, trazendo o Benedicto pelo coz — vinha a botar os bofes pela boca e, quasi sem poder, dizia que seguira o ladrão até o fim da rua Grande e que elle quebrara para o largo dos quarteis e desaparecera pelo mato da Cambôa.

Todos apreciaram muito o serviço do Dias e conversaram largamente sobre o facto, elogiando o zelo do amigo e caixeiro de Manoel.

(pg. 119)

— Coitado! elle é prestavel.

Dahi a uma hora despediam-se as moças com grandes beijos e abraços.

— Lindoca! gritava Anna Rosa — agora não arribe de novo!

— Sim, minha vida! hei-de apparecer-te — olha!...

E subio dous degrãos para dizer-lhe um segredinho.

— Sim! sim!

— Eufrazinha! adeus!

— D. Maria do Carmo, não deixe de levar essas meninas á quinta no dia de S. João. Temos torta de carangueijo! hein!

— Adeus, coração!

— Etelvina! não se esqueça d'aquillo!

— Bibina, despeça-se da gente!... guarde seus quatro vintens!

— Olhe! dizia o Sebastião Campos — que as taes moças para se despedirem são temiveis!...

— Pudesse uma só não contel-as todas!... recitou risonhamente o Freitas, cossando o bigode com a sua unha maior — E o piloto fosse eu, triumpho eterno!

E depois de uma gargalhada secca voltou-se para Raymundo com ar de protecção e despedio-se — offereceu-lhe a casa — um talher em sua parca mesa! — Vá por aquella nossa choupana, doutor, vá se aborrecer um pouco!

Raymundo promettia vagamente, bocejava. Offereceu-se, por nimia delicadeza, para acompanhar á **(pg. 120)** casa alguma das senhoras — as Sarmentos aceitaram logo, com grandes tregeitos de cortezia.

Raymundo acompanhou-as até as Mercês, interiormente contrariado, voltou incontinenti.

— Vá se recolher, seu Mundico! disse-lhe Manoel, na volta — o senhor deve de estar massado!

Raymundo confessara que sim, e apertara-lhe a mão —Bôas noutes!

— Até amanhã! Olhe! si precisar de qualquer cousa — chame pelo Benedicto — elle dorme na varanda, mas deve estar tudo lá — a Monica tem pratica destas cousas! até amanhã — Durma! hein?!

Raymundo fechou-se no quarto por dentro, despio-se, calçou os chinellos, acendeu um cigarro e deitou-se na cama. Abrio por habito um livro, mas no fim da primeira pagina, as palpebras fecharam-se-lhe — soprou a vela. Eutão sentio um bem estar indisivel, uma quebreira agradavel — declarou-se feliz por se achar livre do Freitas, encolheu as pernas com preguiça, abraçou-se aos travesseiros e, antes que qualquer dos acontecimentos desse dia tivesse tempo de chegar-lhe a memoria, odormeceu.

Todavia alguem, a pouca distancia velava, pensando nelle!

(pg. 121)

V

Anna Rosa velava ha duas horas no seu quarto, sosinha, embalando-se na rede.

Os armadores de ferro gemiam no silencio, a semelhança de uma criancinha de peito, e aquelle vagido insistente irritava o systema nervoso da rapariga, porque lembrava-lhe a criação, a maternidade, o amor!...

Logo que entrou no quarto chamara impaciente pela Monica — a confusa dormia na esteira, por debaixo da rede da laiá — Mãepretinha!

Era assim que Anna Rosa a chamava — Mãepretinha! O' senhores!

E desmanchou freneticamente o penteado e arremeçou as joias sobre o toucador — Mãepretinha!

— O que é, laiá? não se agaste!

— Você tem um somno de pedra! oh!

E deu um estalo com a língua — Dispa-me!

E estendeu-se negligentemente em uma cadeira, entregando os pés pequeninos e bem calçados á criada.

(pg. 122)

Monica tomou-os com brandura entre as mãos, descalçou com geito as botinas, sacou as meias; depois com um cuidado religioso, como um devoto a despir a imagem de Nossa Senhora, começou a tirar as roupas de Anna Rosa — desapertou-lhe o collete, desatou o cadarso das anagoas, e, quando a deixou só em camisa, disse apalpando-lhe as espadoas — laiá, vocemecê está tão suada!...

E foi logo muito apressada buscar roupa no bahu.

Anna Rosa scismava, cossando de leve a cintura, o logar das ligas e as outras partes do corpo que estiveram comprimidas por muito tempo.

Monica voltou com uma camisola toda cheirosa, impregnada de junco, e abrindo-a com os braços, enfiou-a pela cabeça de Anna Rosa. A menina levantou-se — fez cahir a seus pés a camisa suada e, com um geitinho de rôla, afagando os seios virgens, conchegou ao corpo a camisola fresca de linho. Depois suspirou baixinho e foi, correndo na pontinha dos pés, atirar-se a rede com uma grande impaciencia.

Monica ajuntou cuidadosamente a roupa dispersa pelo chão, estendeu a que estava suada e guardou as joias. — laiá quer mais alguma cousa?

— Agua, disse Anna Rosa aninhando-se entre os lençoes defumados de alfazema — só se lhe via a cabecinha inquieta sahir d'entre nuvens de panno branco, com uma esperteza de passaro.

A cafusa trouxe-lhe uma bilha d'agua e Anna Rosa, **(pg. 123)** depois de beber, beijou-lhe a mão — Bôas noutes, mãe-pretinha —abaixe a luz e feche a porta.

— Deus te faça santa! abençoou a cafusa, traçando no ar uma cruz com a mão direita, e retirou-se humilde, toda bom modo e passos surdos.

Monica era uma mulher de cincoenta annos, gorda, forte e sadia — muito aceiada, as tetas pezadas e descahidas dentro do cabeção; um barbante ao pescoço, com um crucifixo, um dente de cão, uma pratinha de 200 rs. e um pedaço de lacre encastado em ouro. Amamentara Anna Rosa e conservara-lhe sempre um amor

maternalmente extremoso, uma dedicação desinteressada e passiva — Anna Rosa era o seu idolo, era a sua unica affeição, porque os filhos morreram-lhe; a cafusa chamava-a sua filha, seu captiveiro, nunca viera da fonte, onde ia lavar, sem trazer-lhe fructas e beija-flores, o que dantes constituia para a pequenita um verdadeiro prazer. Todas as noutes e todas as manhãs abençoava-a, sempre com as mesmas phrases — Deus te faça uma santa! — Deus te ajude! — Deus te abençõe!

Quando Anna Rosa fazia qualquer diabrura, que desagradasse a mãe-preta, esta a reprehendia com autoridade, porem em casa fôra sempre sua defensora das accusações da avó e do pae.

Monica era forra havia seis annos — Manoel dera-lhe a carta a pedido da filha; muita gente clamou contra isso — Terás o pago!... diziam, mas a boa mulher nunca deixou a casa — não se quiz separar de sua **(pg. 124)** iaiá, e continuou a servirl-a como dantes, como bôa escrava.

Anna Rosa logo que se sentio no conchego confidencial de sua rede de linha, na intima tranquillidade de seu quarto, frouxamente illuminado pela luz discreta e morbida de uma lamparina de azeite, principiou a passar uma revista a todos os acontecimentos desse dia. Raymundo vinha nesse alluvião, como um facto original e agradavel — aquelle rosto moreno, de olhos ardentes e cabellos amulatados, não lhe sahia da memoria — procurava com insistencia recordar-se delle em algum tempo de sua vida — nada! Diziam-lhe que tinha brincado com ella em pequenino, que elle a estremcia, cheio de respeito e innocencia, porém todas essas cousas produziam-lhe o effeito de um canto duvidoso, phantastico, leve e perfumado, como o fumo de um charuto da Bahia.

E as meias sombras, as reticencias com que lhe fallavam sobre Raymundo, envolviam-no em uma athmosphera mysteriosa e romanesca — Afinal quem seria ao certo esse bello rapaz? —nunca lh'o explicaram satisfactoriamente —paravam em certos pontos, saltavam sobre outros, como sobre brazas. E o véo nebuloso com que envolviam o passado de Raymundo dava-lhe, á imaginação molesta de rapariga, um

encanto venenoso, de um sabor acre, porém agradável, cheio de atrações. Entontecia de pensar nelle —a lembrança daquelle vulto airoso, fóra do vulgar, em **(pg. 125)** que a distincção social, a nobreza do porte, se fundiam singularmente com uma certa belleza selvagem, uma certa aspereza de traços, produzia-lhe o effeito de um vinho bom; muito forte, de uma doçura irresistivel, como a do Muscatel —ficava estonteada — perturbava-a o contraste daquelle physionomia, a expressão incompreensivelmente dominadora do olhar daquelle homem! Sentia-se humilhada pensando nelle — descobria-lhe certo imperio masculino, certa preponderancia, que era para si uma novidade. Comparava-o aos outros homens e achava-o incontestavelmente superior, imponente, austero, fechado ao olhar mais penetrante — inviolavel!

E insensivelmente Anna Rosa se deixava ir por um abysmo sem fundo de conjecturas — perdida, sem querer parar, sem querer reflectir, sem querer pensar em outra coisa que não fosse Raymundo.

De repente surprehendeu-se a dizer — Como deve ser bom o seu amor!...

E scismava — Como aquelles bigodes eriçados, roçando os labios de uma mulher moça, como ella, deveriam produzir delirios! ...Quanta ternura não havia n'aquelles olhos do feitio de amendoas e cercados de pestanas crespas e pretas, como as pernas de um bicho venenoso — aquellas pestanas lembravam-lhe o pello de uma aranha caranguegeira —estremecia. E a voz harmoniosa e distincta de Raymundo parecia-lhe balbuciar cousas ternas e estranhas ao ouvido, produzindo-lhe arrepios.

(pg. 126)

E volvia a pensar — Como deve ser bom ouvir-se dizer — Eu te amo! por aquella bocca e por aquella voz! Depois veio-lhe á lembrança o porte serio, frio, quasi severo do moço —essa indiferença, ao mesmo tempo que a despeitava e doia, levantava-lhe um desejo incizivo de conquistal-o, de vencel-o, de reduzil-o a homem, de ver a seus pés esse puritano, esse colosso de orgulho e severidade, que até aos velhos impunha respeito.

E entre mil pensamentos deste genero e com o sangue quente a percorrer-lhe mais apressado as arterias, adormeceu Anna Rosa, depois de ter procurado varias posições na rede.

E quem a pudesse observar pela noute velha, vel-a-ia de vez em quando abraçar-se, sonhando, aos travesseiros e estender n'um estremação os labios entreabertos e soffregos, como quem procura um beijo no espaço.

Na manhã seguinte acordou pallida e nervosa como uma noiva no dia immediato ás nupcias.

Sentia-se sem animo de preparar-se e ir para a varanda —ficou a scismar, deitada, com os olhos entre-cerrados, cheia de cansaço —parecia sentir ainda junto do rosto a phisionomia ardente de Raymundo.

Acordara as seis horas e ha duas meditava. perdida n'uma grande irresolução; com as palpebras languidas, as narinas dilatadas pelo halito quente e do- **(pg. 127)** entio, os beiços seccos, asperos, de um calor febreiro, sentia um geral quebramento de corpo, um fastio de vontade, espreguiçamentos de febre.

E neste estado ia se deixando ficar na rede, toda ella scismas e molleza.

A voz clara de Raymundo, que conversava na varanda e mexia com a chicara de café, despertou-a como um apello urgentissimo — em um abrir e fechar d'olhos Anna Rosa ergueu-se, lavou se e vestio-se. Fitou o espelho, achou-se feia — as faces manchadas, as roupas reles — deitou pó de arroz no rosto, procurou cômpor pelo melhor o cabello, perfumou-se e escorvou um sorriso.

Appareceu com um grande acanhamento na varanda, deu a Raymundo um — bonsdias —frio, de olhos baixos — não podia encaral-o, de vergonha da noute.

Maria Barbora já lá estava a labutar, a dar voltas, cuidando da casa, gritando com os escravos.

— Olha esse bilhete da Eufrazia, disse ella ao ver a neta, e passou-lhe uma tira de papel, engenhosamente dobrada em laço, com um galhinho de alecrim espetada no centro.

Anna Rosa teve um gesto involuntario de contrariedade —aborrecia-lhe agora, sem saber porque, a amizade da viuva, della que fôra tanto sua intima, a sua confidente, a sua melhor amiga, o seu tudo! Nem queria tambem saber das outras —

umas massantes! dizia consigo, e sentia vontade de ficar só, inteiramente só, a pensar em sua vida e nos seus tédios. **(pg. 128)** Servio-se de uma chicara de café, e deu-se por encommodada.

— V. Exc. sente alguma cousa? perguntou-lhe Raymundo, com solicitude delicada.

Anna Rosa estremeceu, levantou os olhos, vio os de Raymundo, abaixou logo os seus e, entre sorrindo, gaga, balbuciou — Sim senhor, mas que suppunha ser nervoso...

— E' isto!... explicou logo Maria Barbora, que parara para ouvir a resposta da neta — Nervoso! olhe que estas moças d'agora estão tão cheias de tanta novidade, de tanta molestia da moda! E' o nervoso, é a enchaqueca! é o flato! é o faniquito! Ah meu tempo! meu tempo!

Raymundo rio-se e Anna Rosa sacudio os hombros, com indiferença.

— Não faça caso, moço! Esta menina está assim de tempos, e ninguém me tira que foi o quebranto que lhe pregaram!

Raymundo rio-se mais, e Anna Rosa endireitou-se na cadeira, contrariada com a explicação da avó — Toleirona! — dizia consigo — Que idéa não ficará elle fazendo de tudo isto?...

— Não se ria, nhô Mundico! não se ria! que aqui está quem já andou de quebranto a dar não dá com os ossinhos no Gavião!

E tirou do seio um trancelim com uma enorme figa de chifre, encastuada em ouro — Ai, minha rica figa! a ti o devo! que me livraste do máo olhado!

(pg. 129)

— Mas conte-me isso, minha senhora, queira contar-me isso!

— Ora o que? pois então o senhor não sabe que existe o máo olhado? e que uma vez pegando uma creatura de Deus, está despachadinha?! Credo! Então que diabo andou o senhor estudando lá por essas paragens que correu?!...

— Ah! isso na Italia chama-se *Jettatura*! Aqui então é?...

— Quebranto! disse Anna Rosa a rir-se.

— Justamente como em Portugal. V. Exc. também acredita no máo olhado? perguntou-lhe Raymundo.

— Bobagens! disse ella.

— Ah! então não é supersticiosa?!

— Felizmente não senhor, além disso...

E Anna Rosa, rindo-se, abaixou a voz — ainda se acreditasse não corria grande risco, porque dizem que o quebranto ataca em geral as pessoas bonitas!...

E sorriu para Raymundo.

— Ah! então é prudente acautelar-se! ... disse elle galanteando, e, como se Anna Rosa lhe chamasse a atenção para a sua belleza, passou a examinal-a, com minuciosidade e surpresa, em quanto a velha taramelava — Meu caro senhor! hoje já não se acredita em cousa alguma! porisso é que os tempos estão como estão — cheios de febres, de bexigas, de tísicas e de parálisias, que nem os proprios doutores sabem o que aquillo é — diz que è beri-beri ou não sei o que! **(pg. 130)** Mas o que eu afianço é que nunca vi em dias da minha vida semelhante molestia, e que o tal como chama está matando de repente, como obra do sujo! Credo! — Até parece castigo! Deus me perdôe! Isto vae tudo, mas é caminhando para uma republica! Hade dar-lhes uma, que os faça ficar de dente arreganhado! Pois se já não ha catholicos apostolicos romanos! já poucos são os que rezam e que sejam tementes a Deus!... hoje... Deus me perdôe!...

E bateu nas bochechas — até os padres não prestam! os padres! santo Christo!

Raymundo ria-se — Quanto mais se V. Exc. conhecesse outros paizes mais civilisados, onde ha liberdade de cultos.

— Credo! virgem santissima! que inferno não serão nesse caso os outros!... Apre! também assim, não!

E benzendo-se com ambas as mãos pedio que a deixassem ir dar uma vista d'olhos pela cosinha — E' eu não estar lá e o serviço fica logo p'ra traz!... caiem no remancho! Diabo das pestes!

E afastou-se gritando desde a varanda pela Brigida — Que eram quasi nove horas e nem signal de almoço!

Os dous moços ficaram a sós na varanda, com um grande silencio encafifador —ella de olhos baixos, confusa, aborrecida, e elle a observ-a com prazer, inteiramente absorvido pela contemplação daquella ca- **(pg. 131)** becinha bem encadernada, que tinha diante dos olhos como um livro desconhecido.

Effectivamente Raymundo ainda não tinha reparado que sua prima era bonita — Sim senhor! tem um bello par de olhos pretos, magnificos cabellos; achou-a bem tratada —uma tez muito limpa, fina e lustrosa, com uma certa pallidez sympathica, sombreada de amarello Napoles, mãos claras e um sorriso de dentes areados.

Depois de algum silencio principiaram a conversar, com muita cerimonia — elle dava-lhe excellencia e ella massava-se com isso —quasi que não respondia.

Raymundo perguntou-lhe pelo pae.

— Que tinha ido para o armazem, como de costume, só subiria para o almoço e para o jantar, d'ahi queixou-se da solidão em que vivia no aborrecimento daquella casa — Um cemiterio de triste! Lamentou não ter um irmão, e depois em resposta a Raymundo, disse que lia para se distrahir, mas que a leitura as vezes a fatigava —Que Raymundo lhe emprestasse um romance bom.

— Tenho ahi um que V. Exc. não conhece com certeza —é de um escriptor que appareceu ha pouco tempo —Julio Verne, conhece?

— Não conhecia, mas aceitava.

— Deve distrahir-a — falla de viagens! tem descripções originaes, situações bem urdidas —como scien- **(pg. 132)** cia não o aconselho a ninguem, porem como romance para matar o tempo, acho-o preferivel a um mimiamente de enredo amoroso.

Então passaram a conversar sobre viagens —Anna Rosa lamentou muito nunca ter sahido do Maranhão —que tinha vontade de conhecer outros climas, outros costumes, que se enthusiasmava com a descripção de certos logares —fallou suspirando da Italia — Ah! Napoles...

— V. Exc, soffreria uma decepção si lá fosse. Os romances optimistas pintam-na como um paraíso, mas, quanto a mim pelo menos, a primeira impressão que recebi

quando lá cheguei, foi horrível —calcule V. Exc. que me vi cercado de uma nuvem de lazarones, maltrapilhos e fedorentos, que desputavam-me a bagagem com uma algazarra e uma brutalidade dignas de murros —é uma cidade miserável! mas uma natureza esplendida —isso é verdade! Si V. Exc. quizer vou buscar o meu album...

E todo solícito foi buscar o seu album de desenhos.

Assim que elle levantou-se Anna Rosa sentiu um grande alívio, respirou como se deixasse um pezo, porem já se achava melhor, mais disposta, desaparecera-lhe o nervoso, e tinha até vontade de rir e gracejar.

E' que Raymundo no meio da conversa dissera discretamente que sympathisava muito com ella, que a achava bonita, e, isto deu as faces da moça um côr **(pg. 133)** de rosa tão fresco e tão puro, que o rapaz não se pudera furtar a admirar-o.

Raymundo voltou com o album e abriu-o de par em par defronte de Anna Rosa e, passando as folhas com seus dedos morenos e roliços, explicava claramente as paisagens montanhosas da Suíça, os edificios e os jardins de Paris, os arrabaldes da Italia e do Brazil, e contava com sincero gosto os passeios, os almoços em viagem, as serenatas, enfim tudo o que aquelles desenhos lhe deparavam a memoria — dizia o que fizera por este lago; como passara aquella ponte ou o que sabia daquelle chaletsinho verde entre arvores magnificas, ou como fôra servido neste hotel.

Anna Rosa escutava com o silencio taciturno da inveja.

— O que é isto? perguntou ella de repente, ao ver um esboço, que representava dous bispos preparados, em caixões de defunto, para descer á sepultura.

— Ah! fez elle rindo —isto é copia de um quadro que vi na sacristia do velho convento de S. Francisco, na Parahiba. Não vale nada! como todos os quadros que lá estão, e não são poucos —pintados sobre madeira —muito duros, um colorido impossivel —as figuras muito mal desenhadas e sem movimento. Trouxe-o como curiosidade chronologica —é dos mais antigos, deve ter um bom par de annos. V. Exc. vê esse escudo na mãos do frade? pois bem tenha a bon- **(pg. 134)** dade de virar a folha e encontrará um soneto, que ahi estava escripto a oleo.

E Anna Rosa leu o seguinte soneto:

«Este quadro, Leitor, onde afigura

Vivo hu Bispo te poé, q— morto estava,
 Mostra quanto Francisco o estimava,
 Pois não quer vá com culpa a sepultura.

Olha o outro de frente, em que a pintura
 Jugulado o expõem; este formava
 Contra a Ordem mil queixas, que esperava
 Fossem dos Frades tragica jactura.

Tu agora, Leitor, que a differente
 Sorte vês nestes dous acontecida
 Toma a ti a que fôr mais conducente

O primeiro ama a Ordem e torna a vida
 O segundo a aborrece e o golpe sente
 Ambos o premio tem por igual medida »

— Quem hade gostar disto é vovó —ella tem muita devoção com S. Francisco.

— Olhe! ahi tem V. Exc. um dos pontos mais bonitos de Paris— estas ruinas que apparecem deste lado são do Louvre —hoje já tudo isso está reedificado.

E passaram a conversar sobre a guerra Franco-prussiana, que tres annos antes tinha findado.

Anna Rosa, com o album descançado sobre a meza, **(pg. 135)** via e ouvia tudo, com um grande interesse, perguntava já com menos cerimonia o que queria dizer aquelle grupo de estatuas ou este torreão entre nuvens negras.

Raymundo, debruçado nas costas da cadeira em que ella estava, as vezes abaixava a cabeça para affirmar o objecto e roçava involuntariamente o rosto nos cabellos de Anna Rosa.

E ella, cheia de estremecimentos, sentia o halito forte do rapaz a fazer-lhe um principio de cocegas nas orelhas.

Ao virar de uma folha deram de subito com uma photographia de mulher, sorrindo maliciosamente, em uma *pose theatral*, com as saias de cambraia, curtissimas e arredondadas, collo nú, pernas e braços de meia.

— Oh! fez Anna Rosa espantando-se, como si o retrato fosse uma pessoa estranha, que se viesse entremetter no colloquio dos dous.

E machinalmente desviou os olhos daquelle rosto expressivo, que lhe sorria do cartão, com um descaramento muito real e uma ironia atrevida. Anna Rosa declarou-a logo detestavel.

— Ah! certamente! —é uma dançarina da Opera de Paris, explicou Raymundo, affectando indifferença — tem algum merecimento artistico!

E, tomando a photographia com cuidado, para que Anna Rosa não percebesse a dedicatoria nas costas do cartão, collocou-o entre as folhas vistas do album.

(pg. 136)

Ao terminarem Raymundo fallou muito da Europa e, como viesse á pello a musica, pedio a Anna Rosa que tocasse um bocado antes do almoço.

Passaram-se para a sala e ella, com um grande acanhamento e um pouco de desafinação, executou varias peças, quasi todas do talentoso e obscuro Sergio Marinho —um privilegiado compositor filho do Maranhão, que ahi viveu pobre, e morreu doudo no convento de Santo Antonio.

Benedicto appareceu na porta da sala — laiá, sinhô está chamando p'ra mesa.

O almoço correu muito animado e alegre. O conego Diogo viera a convite de Manoel, com o fim de sahirem depois com Raymundo e passarem uma revista ás casinhas de S. Pantaleão.

Servio se a segunda meza e os caixeiros subiram com grande ruido de pés. Por esse tempo os tres surgiam na rua, formando cada um mais vivo contraste dos outros —Manoel com seu typo pezado e chato do commercio; o conego com sua batina lustrosa, aristocrata, suas meias de seda escarlata, e o seu pé apertadinho no sapato

de polimento; Raymundo com suas roupas parizienses, bem talhadas, a bengala inquieta, o seu exposição da Bahia nos queixos. Formavam uma respeitavel trindade philosophica, na qual o conego representava a theologia, Manoel a metaphisica e Raymundo a philosophia positivista. O (pg. 137) que bem examinado, era a mais prodigiosa aliança que se pode phantasiar —o governo do papado, o monarchico e o republicano.

Anna Rosa os espreitava e seguia com a vista curiosa, por de traz das rotulas de uma janella.

Por onde passava o variado grupo, Raymundo atrahia a attenção dos curiosos —as negrinhas corriam ao interior das casas chamando em gritos a iaiá para ver —um moço! na rua os linguarudos paravam com grande ar de bestas para examinal-o bem os olhares mediam-no grosseiramente da cabeça aos pés, como se tomassem a medida de um defunto para mandar fazer o caixão.

— Quem é aquelle sujeito??... O'Brito!

— E' o hospede do Manoel Pescada! respondia um Bento.

— Ah! esse é que é o tal doutor de Coimbra?!

— O cujo, affirmava o Bento.

— Mas Brito, vem cá! disse o outro com grande mysterio, como quem faz uma revelação importante — Ouvi dizer que é mulato!...

E a voz do Brito tinha o assombro de uma denuncia de crime.

— Que queres meu Bento?! são assim estes pomadas cá da terra! quando não lhes fecundamos as mãos e limpamo-lhes a raça. cossam sempre a orelha com o pé!

— Branquinho nacional! Isto é velho como a Sé de Braga!

(pg. 138)

— E' gentinha com que eu embirro, ó Bento, como com o vento! disse o Brito com uma troca e baldroca de v v e b b, que denunciava a sua geneologia — gallego *pur sang*.

.....

Em outra parte dizia-se:

— Olé! uma cara nova?! —que achado!...

— E' o doutor Raymundo da Silva.

— Medico?

— Não, advogado.

— O que faz elle? do que vive? o que possui?

— Vem advogar a propria causa por cá —está tratando do que lhe pertence e do que não lhe pertence!

— O que me conta você, homem?!...

— Cousas da vida, meu amigo!

.....
Em uma casa de familia:

— Sabem?! passou por ahi o Raymundo!

— Que Raymundo? pergunta um côro.

— Aquelle mulato que diz que é doutor e está às sôpas do Manoel Pescada!

— Dizem que elle tem alguma cousa!

— Pulha! minha rica —todos estes aventureiros, que arribam por cá trazem o rei na barriga!

— E o Pescada para que o quer em casa?

— Qual quer o que, homem...! —o Manoel despachou-o logo, porem o mitra deixou-se ficar! or'essa!

— Sempre ha muita gente semvergonha!...

Em outras partes juraram que Raymundo era fi- **(pg. 139)** lho do conego Diogo e que vinha dos estudos; ainda n'outras viam em Raymundo uma carta do partido conservador —o redactor do *Maritacaca* dizia a um correligionario — Espere um pouco! deixe chegarem as eleições e então você verá este sujeito de cama e meza com o presidente — Olhe! elles se hão de dar perfeitamente, porque tanto cara de safado tem um como o outro.

E assim ia Raymundo, sendo inconscientemente o alvo de mil commentarios, juizos temerarios e estupidas conjecturas.

A noute estava fechado o negocio das casas e decidido que, mal fizesse bom tempo, iriam ao Rosario resolver o da fazenda.

No dia immediato Raymundo deu um passeio ao Alto da Carneira, no outro chegou até S. Thiago, no outro percorreu a praça do mercado, foi tres ou quatro vezes ao Remedios, repetio a visita aos pontos citados e aborreceu-se — não tinha mais para onde ir.

Metteu-se em casa. Mas, apesar de o haverem prevenido de que o Maranhão era uma provincia hospitaleira, como de facto é, reparava, inteiramente despeitado, que sempre e por toda parte o recebiam constrangidos — não lhe chegava ás mãos o mais simples convite de baile — paravam a conversação em certos pontos, quando elle se aproximava — tinham medo de fallar em sua presença sobre assumptos communs (pg. 140) e innocentes; enfim, convencido de que era antipathizado em geral, sepultou-se em seu quarto e só sahia quando algum de seus negocios o chamava com urgencia a rua, ou simplesmente para ir a varanda dar um dedo de palestra á prima.

Estes cavacos faziam-se pelo alto dia, a horas de mais calor, ou então no serão — Raymundo, todo respeitoso, assentava-se defronte da machina de costura em que cosia Anna Rosa e, com um livro entre os dedos ou a desenhar alguma cousa, prestava-lhe muita attenção, pedia-lhe explicações sobre a costura, sobre o modo de arrematar as bainhas, de tirar os alinhavos; as vezes conversavam distrahidamente sobre religião, politica e litteratura, e elle levava seu bom humor a ponto de concordar frouxamente com as theorias metaphisicas e disparatadas da adversaria.

Raymundo, que nunca vivera em familia, deliciava-se com aquelle prazer tranquillo e honesto do lar, mas D. Maria Barbora vinha com o seu genio máo quebrar muita vez este remanso de felicidade — Era insuportavel o diabo da velha! cheia de billis, tinha ataques de colera — não podia passar muito tempo sem dar pancada nos pobres escravos. Por mais de uma vez o hospede enterrara o chapéu na cabeça e sahira protestando mudar-se — Que carrasco! dizia elle pela escada — dá bordoadas por gosto! o demonio daquella velha!...

E aquelle castigo covarde, que encontrava o lombo passivo do escravo, inerme e submisso, revoltava-o (pg. 141) pelo desrespeito á reciprocidade dos deveres

sociaes e pela affronta ao direito natural do homem. E, como a mudança não fosse tão facil, Raymundo contentava-se com passar parte dos dias no bilhar do unico hotel da provincia, não sem pena de abandonar as innocentes conversas da varanda.

Em breve creou fama de jogador e bebado.

O facto é que por tudo isto minava-o uma repugnancia surda contra a provincia e contra aquella maldita velha —quando o estalo do chicote ou da palmatoria rebentava no quintal ou na cosinha, Raymundo repelia o lapis ou a penna com que trabalhava no quarto, exclamando — Lá está o diabo! Nem me deixa fazer nada! arre!

E sahia furioso para o hotel.

Ora, Anna Rosa era tambem contra o castigo, e isto como que servio de pretexto para uma expansão mutua de sentimentos entre os dous moços.

Mas um dia, em que o Benedicto levou uma mèla mais prolongada, Raymundo chegou-se a Manoel e fallou-lhe resolutamente em mudança — Que sabia estava encommodando e não queria abusar!... que o senhor Manoel tivesse paciencia e lhe arranjasse uma casinha mobiliada e um criado.

— O que, homem?!... protestou logo Manoel, a quem não convinha a sahida do hospede antes de realisada a compra da fazenda — O doutor pensa que está na Europa ou no Rio?!... pois então casinhas **(pg. 142)** mobiliadas e com criado é lá cousa que se encontre por cá?!...

E cheio de movimentos negativos continuou dizendo que o que Raymundo queria era quasi impossivel, sobre acarretar para elle —Manoel certa responsabilidade! —o que não diriam por ahi? — Que Raymundo tinha sido tão maltratado em sua casa, que se vira obrigado a sepultar-se entre quatro paredes, tendo aliás parentes e amigos no Maranhão! — Não senhor! conluio elle — deixe-se ficar por cá, pelo menos até o verão — em agosto iremos juntos ver a fazenda e, como por esse tempo já todos seus negocios estarão liquidados — ou o senhor volta para Côrte, ou se estabelece decentemente por aqui mesmo —Então não lhe parece assim mais acertado?!...

— Sim... visto isso, esperemos o verão.

E Raymundo esperava o mez de agosto com uma impaciencia de faminto. E' que, alem do interesse de fugir ao máo genio de Maria Barbora, sua imaginação ociosa

pedia, como uma necessidade, aquella visita ao logar em que diziam-lhe seccamente ter elle nascido e brincado seus primeiros annos —a viagem a fazenda seria no fim das contas distracção para um mez pelo menos. Esperou.

Porem a esperar o verão Raymundo entretinha-se todos os dias com Anna Rosa e, ainda nos principios de junho já confessava não lamentar a diffiuldade da mudança, ao contrario sentia até que não a poderia mais realisar sem soffrer a falta daquelle con- **(pg. 143)** chegosinho de familia, sem curtir grandes saudades por aquelle entesinho amigo, franco e meigo, que todos os dias á costura o cobria de perguntas e cercava de cuidados.

Effectivamente a filha de Manoel já não era a mesma para elle —a excellencia desaparecera como uma inutilidade ridicula entre pessoas que se estimam sinceramente; os sustos, os sobresaltos, as desconfianças, que dantes acommettiam Anna Rosa em presença daquelle moço tão serio, foram substituidos por momentos agradaveis e cheios de confiança, em que Raymundo ora contava as peripecias de uma jornada, ora desenhava caricaturas a lapis, ora cantava alguma melodia allemã ou recitava algum romance italiano, ou simplesmente lia versos ou jogava damas e o dominó.

Anna Rosa sentia em tudo isto um grande encanto, porem incompleto — Raymundo pelos modos parecia não ligar-lhe mais do que uma amisade respeitosa, e isso não a satisfazia. Raro era o dia em que ella, sob qualquer pretextosinho, não tomasse uma liberdade, não fizesse uma caricia disfarçada, dizia por exemplo — Esta varanda é muito fresca! como tenho as mãos frias! veja!

E desamparava-lhe as mãos, que elle segurava frouxamente, com medo de ser indiscreto; outras vezes fingia reparar que Raymundo tinha as mãos pe- **(pg. 144)** quenas, e vinha-lhe á phantasia medil-as com as suas, que eram incomparavelmente menores; outras queixava-se de febre e pedia-lhe que lhe visse-lhe o pulso. Mas a todos estes disfarcesinhos delicados, a todas as subtilezas, que a mulher sabe inventar

ao lado de quem ama, e que Anna Rosa manejava com pericia, sujeitava-se elle frio, indifferente, as vezes distrahido.

Este pouco caso do moço desesperava a filha de Manoel —doia-lhe aquella falta de enthusiasmo, aquelle nenhum amor por ella, que tanto fazia por merecel-o. As vezes Anna Rosa apparecia sem querer dar uma palavra e com os olhos vermelhos e pizados; Raymundo attribuia isto ao nervoso —tratava de distrahil-a por meio da conversa e da musica, sem nunca fallar lhe do aspecto triste de sua phisionomia — como homem delicado não queria, de forma alguma, devassar as causas secretas dos desgostos de uma senhora, e com isso creava inscientemente nova causa para affligil-a; porque ella, quando no quarto se percebia abatida e triste, fazia por conservar intactos na physionomia os vestigios da tristeza, na esperanza de impressionar Raymundo, ser interrogada por elle, merecer-lhe dó e talvez amor! —confiava na sympathia do soffrimento. Porem a presença friamente attenciosa de Raymundo, as perguntas, nimamente delicadas, com que elle se informava de sua saude, a severidade medica com que elle fallava daquellas tristezas, da insomnia e da falta de appetite, enfim a **(pg. 145)** desesperadora condescendencia que Raymundo affectava, como para obsequiar uma convalescente, para impedir os accessos, para ajudar a cura, enchiam-na de raiva e destruiam-lhe a esperanza de ser amada por elle.

Uma occasião em que a triste menina appareceu muito mais pallida e desfeita, Raymundo chamou a attenção de Manoel para a saude da filha, e fez-lhe ver que aquillo não ia direito — Tenha cuidado, se'or Manoel — a senhora sua filha parece-me bastante doente, e aquella idade é muito perigosa!... Talvez fosse acertado uma viagem! em todo caso procure descobrir a causa de tão estranhos padecimentos!... creia que eu no seu lugar já teria descoberto!...

Manoel cossava a cabeça, em silencio, convencido de que a verdadeira causa já o medico lhe havia declarado —necessidade de casamento. Mas como Raymundo pintasse o caso muito feio e insistisse em que era preciso fazer alguma cousa — teve o bom portuguez nessa mesma tarde uma conferencia com o compadre e com o seu caixeiro Dias, a quem prometteu sociedade commercial, caso si effectuasse para o seguinte mez, como ficava resolvido, o casamento d'elle com Anna Rosa.

— Mas ella levará em gosto?... perguntou o Dias, olhando-se todo com um riso, para ver se descobria em si capital correspondente ao que trazia a noiva —aquelle casamento era para elle, como todas as cousas em que se mettia, um negocio de interesse.

(pg. 146)

— Naturalmente! respondeu Manoel —porque á ultima vez que toquei-lhe nisso, ella deu-me esperanza —agora é provavel que dê certeza!...

— De não casar talvez! observou o conego.

— Como não casar?!

— Como? —eu lh'o digo...

E o conego apresentou suas razões, fez bons argumentos —estabelecia premissas e tirava conclusões —predizia consequencias, calculava, resolvia, e afinal declarou que aquella hospedagem do cabroche em casa de Manoel nunca fôra de seu gosto; mas este, para quem a ganancia era um habito de vida, abanou as orelhas ás palavras do compadre e descreveu a attitude desinteressada de Raymundo em sua casa —fallou da indifferença e do ar respeitoso do hospede; lembrou até que fôra elle, coitado! o proprio provocador daquella conferencia! e terminou dizendo friamente que por esse lado nada temia — Não! por ahi podemos estar descansados!

— Veremos! veremos! porem sem assistir ao casamento do Dias —nada acredito — *Cui fidas vide!*

E o conego assoou-se com estrondo.

Nessa mesma noute Manoel, aproveitando a ausencia do hospede, levou a filha ao quarto de Maria Barbora.

A velha embalava-se na rede, assentada, *bebendo* o seu fumo de corda no cachimbo, e fitando um ve- **(pg. 147)** lho oratorio de páo santo. Anna Rosa encostou-se preocupada a uma commoda e Manoel, depois de discorrer sobre varias cousas indifferentes, declarou que no dia seguinte viriam as amostras da casa do Villarinho, para a noiva escolher as fazendas de seu enxoval.

— Quem vae se casar? perguntou Anna Rosa n'um alvoroço.

— Faze-te desentendida, minha sonsa!... Ora qual de nós aqui tem mais cara de noivo — eu ou tua avó?!...

E Manoel fez uma festinha no queixo da filha.

— Casar! eu? mas com quem, papae?!

E Anna Rosa sorriu, porque calculou que Raymundo a tivesse pedido em casamento.

— Ora com quem havia de ser, minha disfarçada?

E desta vez foi Manoel que rio, illudido pelo bom acolhimento que a filha dera a noticia.

— Não sei, não senhor! respondeu ella com ar de quem sabe perfeitamente — Com quem é?...

— Anda lá! minha sonsinha! — não sabes outra cousa!...

E, em quanto Anna Rosa parecia muito occupada em raspar com a unha uns pingos de cera velha, espalhados pela madeira da commoda, continuou Manoel — Mas porque não me tinhas fallado com franqueza, sua caprichosa, fazendo o pobre rapaz suppôr que não o querias?!...

Anna Rosa ficou seria.

(pg. 148)

— A fazel-o, coitado! andar por ahi tão derreado que mettia dó!...

— Como?!

— Pois então não sabes como andava o nosso Dias?!...

— O Dias?!... fez Anna Rosa empallidecendo.

— Então quem havia de ser, filha?

— Ora senhores!... tem graça!...

— Tem graça! não senhora! vocemecê me disse que o aceitava para marido! Que diabo quer dizer agora esta mudança?!... Ah! que temos mouros na costa! .. Bem me dizia o compadre!...

— Eu não sei o que lhe disse o compadre, mas o que lhe digo, papae — é que não me caso definitivamente com o Dias!

— Mas, Annica, tu si não o queres é porque já tens outro de olho!...

— Não sei, não senhor...

E abaixou os olhos.

— Bem! vê lá — isto já me vae cheirando mal! — ora dizes uma cousa, ora dizes outra! —o mez passado respondeste-me na varanda —*Pode ser!* e agora, as duas por tres, dizes que não —sabes que só quero a tua felicidade! —não te contrario, mas tu tambem não deves abusar!...

— Mas gentes! o que foi que eu fiz?!...

— Não estou dizendo que fizesses alguma cousa!... só te aviso que prestes atenção para a escolha que fizeres! —nem quero imaginar que **(pg. 149)** tu serias capaz de escolher uma pessoa indigna de ti!...

— Mas como, papae!...

— Isto vae a quem toca! não sei si me entendes!

— Ora, seu Manoel! disse Maria Barbora, levantando-se e pousando no chão o enorme cachimbo de taquary do Pará — você tambem tem lembranças, que parecem esquecimento! — Pois então uma menina, que eu eduquei —ia olhar...

E gritou com mais força —para quem, seu Manoel?!... Vejam si isto não é mesmo vontade de provocar uma creatura!...

— Bem! bem! eu não digo isto para offender!... desculpou-se Manoel — mas é que nós temos cá um rapaz bem parecido, que...

— Um cabra! berrou a sogra E era muito bem feito que acontecesse qualquer cousa! para você ter mais cuidado no futuro com as suas hospedagens! Tambem só nessa cabeça entrava a maluqueira de andar mettendo em casa crioulos cheios de fumaças! Hoje todos elles são assim!... sucia de apistolados! —dá-se-lhes o pé e elles tomam a mão! corja! Dê-se, mas é por muito feliz em não lhe ter recebido o couce! porem fique sabendo que só a mim o deve!— sei a educação que dei a minha neta!... por essa respondo eu!.. quanto ao cabra!... é tratar de despachal-o, si não quizer ao depois se pegar com trapos quentes!... percebe?!
(pg. 150)

— Pois bem! pois bem! senhora, oh! —amanhã mesmo tratarei disso!...

E Manoel pensou em se aconselhar com o conego.

Anna Rosa continha o choro — Vou para meu quarto, disse ella com máo humor.

— Ouça!... fez Manoel detendo-a — a senhora...

— Não diga asneiras!... atalhou Maria Barbora e empurrou a neta para fóra do quarto — Vae-te! e reza a virgem santissima para que te proteja e te dê juizo!...

Anna Rosa fechou-se no quarto —rezou muito e soluçou até as quatro horas da manhã.

No dia seguinte Manoel, depois de se entender com o compadre, dissera a Raymundo que se preparasse para ir ao Rosario.

— Estou as suas ordens! mas o senhor me tinha fallado no mez de agosto!...

— E' certo! porem o tempo está secco e para a semana temos lua cheia — podemos ir no sabbado! convem-lhe?

— Como quizer... estou prompto.

E Raymundo foi ao quarto verificar si os seus objectos de viagem —a borracha de aguardente, as botas de montar, as esporas e o chicote estavam em bom estado, mas estranhou encontrar tudo isto mexido e remexido de muito fresco.

Na seguinte noute, por ocasião de se deitar, achou **(pg. 151)** sobre o travesseiro um atracador de tartaruga, prezo a um laço de velludo preto. Conheceu logo que estes objectos pertenciam a Anna Rosa — Mas como diabo vieram elles parar ali, immoralmente na sua cama?! —Com certeza havia em tudo isto um mysterio ridiculo, que convinha esclarecer.

Lembrou-se então de já ter encontrado na escova e no pente fios compridos de cabello, inquestionavelmente de mulher, e de mulher branca! Raymundo massou-se com isto e procedeu a uma busca minuciosa em todo o quarto —encontrou os seguintes corpos de delicto —Dous ganchos, um jasmim secco, um botão de vestido e tres petalas de rosa. Ora, estes objectos lhe pertenciam tanto quanto o pentinho e o

laço de velludo —Quem fazia a limpeza e arrumava o quarto era o Benedicto —esse tambem não usava laço nem ganchos na cabeça —logo alguém se divertia em vir, na sua ausencia, remexer-lhe os papeis, abrir-lhe as gavetas, folhear os livros, revistar todos os objectos, enfim, dar fé de tudo —Esse alguém só podia ser uma mulher, e essa mulher só podia ser Anna Rosa!

— Mas que diabo vinha ella fazer ali?!... como adivinhar o fim extravagante daquellas visitas clandestinas?! —Seria simples curiosidade? ou seria tudo aquillo a base de alguma intriga, que tramassem contra o morador do quarto, e, quem sabe? contra a pobre menina?... Fosse o que fosse, era em todo caso um acto ilegal e ridiculo, a que convinha pôr **(pg. 152)** cobro — Nada! isto não é decente!... Ora deixa estar que descobrirei!...

E desde então Raymundo prestou summa attenção a todos os objectos que deixava no quarto —marcou o ponto em que ficava o album, o pente, um livro, o estojo de barba ou qualquer outra cousa, que o Benedicto não precisasse tirar do logar para fazer a limpeza.

E com estas experiencias cada vez mais se convencia das visitas mysteriosas —os corpos de delicto reproduziam-se escandalosamente —Uma vez encontrou toda riscada a cara da dansarina, cuja photographia elle, com tanto cuidado escondera de Anna Rosa, porque nas costas do cartão existia a seguinte dedicatória — *A' Raymond —mon bien aimé.*

Não havia que duvidar! —todas as suspeitas recahiam sobre a bella filha do dono da casa. A graça porem é que, apesar de não agradar a indole seria e franca de Raymundo tudo que cheirasse a subterfugio e illegalidade, sentia elle, a despeito disso, um certo gostinho vaidoso em preoccupar tanto a imaginação de uma mulher bonita —lisongeava-lhe aquelle interesse, aquella especie de revelação timida e discreta; gostou de perceber que seu retrato era, de todos os objectos, o mais violado —e, como bom policia, chegou a descobrir-lhe manchas de cuspo, que queriam dizer —beijos. Mas, ou fosse levado pela vaidade de gozar uma certeza, ou fosse na desconfiança de ser tudo aquillo obra de algum canalha, que o **(pg. 153)** quizesse prejudicar, ou fosse emfim porque no seu character honesto e serio se opperasse a grande reacção —verdade é

que resolveu aproveitar a primeira ocasião, que se offerecesse para acabar com semelhante patacuada.

Poucos dias depois, sahindo de casa e demorando-se defronte da porta a conversar com alguém, vio da rua fecharem cautelosamente as rotulas de seu quarto —não hesitou —subio pé ante pé —atravessou a varanda deserta e chegou ao seu aposento.

(pg. 155)

VI

Anna Rosa; com effeito, de algum tempo a esta parte, fazia regularmente uma visita ao quarto de Raymundo, durante a ausencia morador.

Entrava disfarçadamente, fechava as rotulas das janellas por amor dos visinhos e, como sabia que o dono do quarto não entrava àquella hora, começava a bolir nos livros, remexer gavetas abertas, tentar abrir as fechadas, ler os cartões de visita e todos os pedacinhos de papel escripto, que lhe cahiam nas mãos.

Sempre que encontrava um lenço já servido, esquecido no chão ou atirado sobre a commoda, apoderava-se delle e cheirava-o soffregamente —e d'envolta com a perfumaria ingleza, descobria sempre um cheirinho especial, um cheiro que pertencia exclusivamente as mãos de Raymundo; obrigava os chapéus de cabeça ao mesmo processo e descobria igualmente que o perfume de *Oriza* não suplantava de todo um cheiro de cabellos e suor.

(pg. 156)

Todas estas futeis perspicacias deixavam-na em uma enervação doentia e voluptuosa —produziam-lhe o effeito de um perfume aphrodisiaco —delirava, estremecia.

Uma vez encontrou uma luva cinzenta, esquecida atraz de uma mala —calçou-a logo, com avidez e facilidade, e poz-se a fixal-a muito, a interrogal-a com os olhos, abrir

e fechar a mão, distrahida, acompanhando as rugas da pellica. E esta luva despertava-lhe conjecturas sobre o passado de Raymundo — fazia imaginar os bailes ruidosos de Paris, as festas, os passeios, as estações dos caminhos de ferro, as manhãs frescas em viagem, as ceias nos hotéis, as corridas a cavallo e toda uma vida de movimento, de gargalhadas, de almoços, de mulheres, que, por um phenomeno da intelligencia, estava ligada instinctivamente ás passagens do album —E Anna Rosa via, com a imaginação, Raymundo a passeiar no macadam de Paris, pelos *boulevards* ou pelo jardim dos theatros, fumando, rindo, de braço dado á dansarina da photographia, que o ia chamando, cheia de um amor espectacular —*Raymond —mon bien aimé!*

E com um suspiro muito longo, arrastado, amarrotava as extremidades vazias da luva, interiormente satisfeita por ver que sua mãosinha era desproporcionalmente menor do que ella.

Foi em uma dessas occasiões que Anna Rosa, irreflectidamente, arranhou á unha o rosto da dansarina photographada, com a mesma raiva com que no col- (pg. 157) legio cortava a cara dos judeus mal desenhados do cathecismo.

Estas visitas absorviam os cuidados e a actividade da filha de Manoel — n'aquelles instantes assustados, que passava no quarto de Raymundo, vivia a melhor parte de seu tempo, entregue de corpo e alma ás sensações do mysterio; o resto do dia servia apenas para esperar a hora do prazer predilecto. E quando, por qualquer motivo, não lhe era dado esse prazer, ficava insupportavelmente frenetica e nervosa.

Nestas circumstancias Anna Rosa se esquecia das amigas —tomara aborrecimento a Eufrazia. Já não queria visitar ninguem —que não lhe fallassem em festas e divertimentos — seu unico divertimento, sua unica festa era estar ali, naquelle quarto, sosinha, a vontade, conversando intimamente com os objectos de Raymundo —lendo, mexendo, remexendo, e gosando por tudo isto um prazer desconhecido, reservado, escondido, cheio de sobresaltos, quasi criminoso; saboreando aos poucos, em golos compassados, como um vinho bom —gosos extremamente fortes e violentos; sentindo-se embriagar, consumir por aquelle gosto de perseguir um nada, uma esperança que lhe fugia, que a atormentava, porem melhor e mais agradável para ella, que todos os prazeres brilhantes e ruidosos da sociedade.

No dia em que Raymundo subira pé ante pé ao quarto, Anna Rosa, tinha entrado havia pouco e, como de costume, fechado de par em par as rotulas das **(pg. 158)** janellas. Fazia no aposento um tom duvidoso e morno, que tanto se podia chamar meia claridade, como meia sombra.

Depois de circular uma olhadella rapida, Anna Rosa, assentara-se na cama e tomara distrahidamente de uma cadeira ao lado, com honras de velador, um tratado de Phisiologia, que Raymundo estivera a ler na vespera, antes de dormir, e que deixara junto ao castiçal, marcado pela caixa de phosphoros.

Ao abrir o livro Anna Rosa soltou logo uma envergonhada exclamação —dera com uma gravura em que Le Bom, com a semcerimonia da sciencia, expunha á seus leitores uma mulher nua, na acção de dar á luz a uma criança.

A fidelidade grosseira e friamente util do desenho produzio no animo da moça uma impressão estranha e sympathica, com a qual, sem comprehender bem o que tinha diante dos olhos, ella fixava muito o livro, voltando-o de um para outro lado, a procura de uma explicação cabal —virou as folhas e, com o pouco que sabia do francez, ia acompanhando o sentindo scientifico de varios phenomenos da creação, desenhados e coloridos para melhor comprehensão dos estudantes.

Ao chegar, porém, em uma das estampas, fechou precipitadamente o livro e olhou em torno, como para certificar-se de que estava completamente só —tinha visto de surpresa um espectaculo inteiramente novo para ella.

(pg. 159)

Anna Rosa fizera-se côr de romã e repelira o indiscreto livro com um ligeiro e expontaneo movimento de pudor, mas pouco depois, convencendo a propria consciencia de que tudo aquillo não passava de esclarecimentos scientificos, destinados a facilitar aos estudantes a comprehensão da materia e a guial-os nos seus estudos pathologicos, munio-se de coragem e affrontou a mesma pagina.

Aquella pagina abria, como um postigo, para um mundo vasto e desconhecido, porem cheio de attrações e mysterios.

Observou-a attenta e circumstanciadamente, compenetrando-se do que via e identificando-se eroticamente com o assumpto phisiologico do desenho. E ao terminar

esta observação, que fez della um automato sujeito aos sobressaltos dos proprios nervos e a myotilidade de seus musculos, a mulher sentio desencadear-se-lhe nas entranhas uma grande revolução hysterica —assaltaram-lhe aos sentidos excitados imperiosos desejos da maternidade; reclamaram-lhe de dentro, com insistencia grosseira, a bestialidade de seu ser, o calor de seu sangue novo, a fecundidade de seu organismo plenamente desenvolvido e a impaciente actividade de seus órgãos ociosos. Sentio a necessidade absoluta de ser mãe; sentio que a natureza impunha-lhe, por uma lei irresistivel, o dever de produzir e procriar muitos filhos —fortes, sadios, criados com seu leite, que seria bom e abundante, e que faria delles uns homens inteligentes e rijos.

(pg. 160)

E parecia estar a ver os seus queridos filhinhos, nus, muito tenros e roliços, com a moleira descascando, os pesinhos vermelhos, narisinhos quasi imperceptaveis e boquinhas desdentadas a lhe chuparem as tetas, com engraçada soffreguidão, e com á irracionalidade inoffensiva das criancinhas.

E Anna Rosa, pensando nestas cousas, tomada destas necessidades —torcia-se, irritava-se convulsivamente nos spasmos clonicos de um delirio. Seu organismo predispunha-se ás nevroses pelos muitos vicios da educação maranhense, pela religiosidade estúpida, dos paes, pela falta de exercicio e de distração, pela nenhuma preocupação de algum estudo ou trabalho serio e prolongado, pelas repetidas insomnias e sobre tudo pelo desconforto de um temperamento exclusivamente brasileiro, feito e desenvolvido sob a pressão athmospherica de não sei quantos graos.

Depois Anna Rosa enlangueceu em uma prostração mofina, doentia, nostalgica —e ficou a pensar muito, muito, perdida no seu desejo.

E deixava-se ficar, em uma postura indolente e frouxa —os braços estendidos ao comprido do corpo; a cabeça molle, pendida para o seio, o olhar fito, muito quebrado, o livro descansado sobre os joelhos, entre os dedos insensibilizados.

E scismava —Precisava casar —fazer familia, ter um marido —um homem seu, que a amasse vigorosamente.

E via-se dona de casa —com o mólho de chaves na cintura —a ralhar, a zelar pelos interesses do casal. **(pg. 161)** Cheia de obrigações —a evitar o que contrariasse o marido, a dar suas ordens para que elle encontrasse o jantar prompto, queria fazer-lhe todas as vontades, todos os caprichos —tornar-se passiva, servil-o como uma escrava amorosa, docil, fraca, que confessa sua fraqueza, seus medos, sua covardia, satisfeita de se achar inferior a seu homem, alegre por não poder dispensal-o —E scismava, muito, muito, no marido! e esse mando apparecia-lhe sempre na imaginação sob a esbelta figura de Raymundo.

Nesse momento abriu-se pelo lado opposto o cortinado da cama, com um leve rumor de rendas engommadas.

Anna Rosa voltou-se assustada e deu cara a cara com o busto grave e reprehensivo de Raymundo, a fital-a, com um olhar enorme, cheio de altivez e indignação.

Com um gritosinho ella levantou-se de um salto para fugir, deixando cahir desamparadamente no chão, com estrondo, o tratado phisiologico —o livro escancarou a seus pés uma pagina, que representava o interior de um ventre, com o grande novello de tripas clorido de côr de roza e amarello.

Raymundo não a deixou sahir —collocou-se entre a cama e a parede, e levantou a mão aberta, com um signal equivalente a estas palavras: — tenha a bondade de esperar!...

(pg. 162)

— Deixe-me sahir por amor de Deus! disse Anna Rosa, voltando a cabeça para evitar o olhar austero de Raymundo.

— Não! exclamou elle, com autoridade delicada e dando ás palavras certo cunho de superioridade paternal — Não senhora! primeiro hade-me ouvir!... custa-me, mas é necessário reprehendel-a muito seriamente... lamento bastante ter de fazel-o, principalmente por estar em casa do senhor seu pae, que é sua por conseguinte!... Mas a senhora commetteu uma falta, e eu commetteria maior si a deixasse sem castigo!

— Deixe-me!

— A senhora hade ahir deste quarto, jurando sob palavra de honra que não voltará aqui em idênticas circumstancias!

E dando a voz uma expressão de sinceridade e receio —Ora diga-me — si descobrissem que a senhora tem vindo aqui quasi todos os dias —o que não julgariam de mim?... e da senhora! que é o peor e de mais responsabilidade?!... O que não diriam! e, ande lá, com razão!... Pensará por ventura que a reputação de uma senhora é cousa que se arrisque desta forma?! isto tem logar?!... mas quando assim fosse! quando, por uma aberração imperdoavel, a senhora assim entendesse! —poderia barateal-a de qualquer modo, sem enxovalhar tambem sua familia?! com que direito? Fique sabendo, minha senhora, que a obrigação que cada um tem de zelar por **(pg. 163)** sua honra, não é por si, mas por todos os que lhe dizem respeito...

E depois de uma pausa —Pense bem, D. Annica —uma menina não se deve expôr assim!.. uma menina nada tem que fazer no quarto de um rapaz... a senhora com isso commette uma ingratidão á quem deve tudo —a seu pae!

Raymundo parou commovido e desarmado —é que o pranto nervoso de Anna Rosa, sustido até ali com difficuldade, rebentou-lhe dos olhos, como um regato que quebrasse as reprezas —as lagrimas corriam-lhe quentes pelas faces e pingavam-lhe grossas bagas nas carnes brancas e palpitantes do seio.

Entretanto Raymundo tentava fingir calma e, desviando o corpo para dar passagem, continuou com a voz um pouco alterada — Por conseguinte, minha senhora, peço-lhe como amigo, que se retire quanto antes e que não volte!

Elle esforçava-se por dar as palavras um cunho de sangue frio e indiferença superiores a sua idade e a sua natureza, porem a commoção o trahia a cada syllaba —queria accusar, reprehender, mas as sobrancelhas desfranziam-se-lhe —á vista d'aquelle vestidinho honesto de chita, daquellas singellas tranças castanhas, daquellas lagrimas innocentes.

Anna Rosa ouvia-o, de cabeça baixa, a torcer e destorcer machinalmente a costura de seu vestidinho estampado. Quando Raymundo acabou de fallar, ella dava grandes soluços, muito suspirados, como de uma criança inconsolavel.

(pg. 164)

— Então que é isto?... agora está soluçando deste modo?... vamos não seja criança!..

Anna Rosa chorava mais.

— Olhe que a podem ouvir chorar deste modo!...

E Raymundo atrapalhava-se —não acertava já com o que queria dizer — faltavam-lhe os termos —sentia-se estúpido! começou a temer a situação — vamos! não chore, minha amiga! si a offendi, desculpe-me —era para seu interesse.

E chegou-se para ella, ameigou-a —estava arrependido de ter sido tão rispido, sentia-se commovido —Vamos! eu sou seu amigo! diga-me —por que chora!....

Anna Rosa não respondia —soluçava mais —Raymundo não pde conter um movimento de impaciencia e cossou freneticamente a cabeça — Ai, ai, ai! que temos historia!... E já estava interiormente arrependido de tel-a vindo surprehender — Valha-me a paciencia! assustava-se porque da varanda o podiam ouvir —Vae tudo descoberto, meu Deus!

E sem saber o que fazia, atrapalhado, foi a porta, voltou, confuso, impaciente — Então D. Annica! tenciona ficar?! Não chore mais! —que imprudencia! Tenha a bondade — retire-se! A senhora não tem um motivo serio para chorar!

— Tenho sim! disse ella tapando os olhos com o lenço.

— Ora esta! Então porque é!!

— E' porque o amo muito, muito! entende? disse ella soluçando, com os olhos vermelhos, e assoando-se **(pg. 165)** devagarinho, sem afastar do nariz o lenço ensopado de lagrimas e entrouxado na mão — Desde que o vi! desde o primeiro instante! percebe? E no entanto o senhor nem...

E desatou a chorar mais forte, apaixonadamente —desorientada, infeliz.

Raymundo ia perder de todo a paciencia e a esperanza de acabar amigavelmente com aquillo; o que, para elle, homem de principios austeros e positivos, não passava de uma cousa ridicula, ilegal, esteril, pulha! —Não obstante sentia que gostava de Anna Rosa, mais do que ella podia julgar talvez, mais do que elle mesmo podia esperar de si! — mas si assim era... que diabo! —era casar-se como toda a

gente! —leval-a a egreja, em publico, com decencia, ao lado da familia! e não tel-a ali a soluçar no seu quarto, as escondidas, romanticamente! —Isto é indecente! pensava elle, e disparatou — Eu não tenho o direito de tel-a no meu quarto, minha senhora, queira retirar-se!... o logar e a occasião são os menos proprios para qualquer revelação — Vamos!

Anna Rosa continuou a chorar, immovel.

Raymundo chegou a conceber a idéa de ir a varanda —chamar alguém —fazer bulha —contar tudo! porem teve pena della —iria prejudical-a, offendel-a —alem disso seria um escandalo! um formidavel escandalo!

— Que diabo havia de fazer? porque no fim de contas —coitada! ella não tinha culpa disto!

(pg. 166)

E Raymundo resolveu empregar meios brandos para acabar a questão.

E' preciso notar que elle, entusiasta da *nova-idéa*, homem moderno por excellencia, filiado a essa geração que tem por alvo o trabalho e a utilidade; que respirava em Paris as luzes da civilisação e dos progressos da intelligencia, observador frio e consciencioso da materia, que só procurava conhecer o homem por meio de experimentações e observações biologicas; que, apesar de formado em direito, entregara-se com talento e esforço ao estudo das sciencias positivas como unico meio de conhecer a boa natureza; que sabia ler Augusto Conte, apreciar Longet, tinha na estante Bucher e Jacolliot; e que, além de tudo isso, auscultava ha mezes, com interesse de amigo, a constituição medica de Anna Rosa e descobrira-lhe a grande actividade mal aproveitada de seu organismo rico de força, os reclamos de seus órgãos ociosos, por isso que calculara a diathese nervosa, como uma consequencia dessa innação forçada. Pois bem —elle que cenhecia tudo isso, não podia surprehender-se da franqueza sacudida e arrebatada com que Anna Rosa fallou-lhe em amor —Tudo aquillo, pensava elle —eram cousas muito naturaes, phenomenos phisiologicos muito conhecidos e explorados, que a medicina moderna combate com agoa fria, exercicios, boa musica e magnifica alimentação. Anna Rosa era para elle uma rapariga enferma — precisava tratar-se —eis tudo! e o melhor e mais acertado **(pg. 167)** remedio nesses

casos é o casamento — Pobre rapariga! heide cural-a! promettia comsigo, satisfeito com a tarefa a que se propunha.

E com um olhar descansado sobre Anna Rosa, Raymundo, como bom observador, aproveitara mais uma vez para admirar a natureza impondo á materia suas bellas e immutaveis leis da reprodução e da vida. Pensando desta forma, encarou friamente a situação e abraçou o caminho mais seguro para chegar a um bom resultado —aproximou-se de Anna Rosa, amparou-a de todos nos braços, com ternura, e disse affectuosamente, depois de lhe haver enchugado o suor da testa e concertado o desalinho dos cabellos — Mas minha querida prima —o facto de me ter amor não explica esse choro! ao contrario devemos alegrar-nos, rir — veja como estou satisfeito com o que se passou — Sabe o que nos compete fazer de melhor?!... não é chorar certamente! — é casarmonos! hein?! não lhe parece mais acertado! —não me aceita para seu esposo?...

Ao ouvir isto Anna Rosa tirou logo o lenço ensopado dos olhos e, o que ainda não tinha feito —fitou Raymundo com altivez, rindo-se muito satisfeita, feliz, com os olhos ainda vermelhos e chorosos, a respiração soluçosa, sem poder dizer uma palavra. E depois, com uma liberdade, da qual Raymundo não atinara bem com a origem e ella não procurou descobril-a —abraçou-o amplamente, com expansão, pousando-lhe a cabeça no hombro e estendendo-lhe os **(pg. 168)** beijos em uma anciedade voluptosa, supplicante, de olhar tremulo.

O rapaz não pôde resistir —estendeu-lhe sobre os labios e os dentes um beijo timido; ella respondeu logo com dous — ardentes.

Então o moço grave, pensador, austero, perturbou-se — esteve a desabar —um calor sanguineo subio-lhe á cabeça —e no seu rosto affogueado sentia respirar soffregamente o nariz muito frio de Anna Rosa —e sentia-lhe os labios gelados e tremulos procurarem estouvadamente os delle.

Porem Raymundo teve mão em si —desprendeu-se dos braços della, com muita brandura, tomou-lhe delicadamente as mãos e pediu-lhe que saisse — Vá-se embora, sim? podem vel-a! isto não è digno de qualquer um de nós!...

—Você está massado commigo, Raymundo?

— Não, que lembrança! mas vae-te, sim?

— Tens razão! mas olha —quando me pedes a papae?!

— Na primeira occasião, dou-te minha palavra, mas não voltes por cá, hein?!...

— Sim.

E sahio.

Raymundo fechou a porta e começou a passeiar, muito agitado, pelo quarto. Estava satisfeito consigo, apesar de seus bellos vinte e cinco annos tinha sido leal e generoso com uma pobre rapariga.

(pg. 169)

E de contente cantarolou, com a voz ainda um pouco tremula da commoção, a aria do Guarany:

—Sinto uma forza indomita!

Nisto bateram duas vigorosas pancadas na porta. Era o Benedicto.

— Senhô Manoel mandou dizer para voçumcê fazer o favor de chegar no quarto delle.

—Vou já.

A viagem ao Rosario fôra transferida para o seguinte mez, em razão de haver Manoel *cahido* com uma tremenda papeira, justamente no dia em que Raymundo surprehendera Anna Rosa em seu quarto. Nessa noute encheu-se a casa de amigos — o Freitas appareceu logo trazendo uma doze homoeopathica —discutio-se a molestia —contaram-se factos adequados. Cada um tivera um caso muito peor que o de Manuel.

Choviam receitas de todos os lados.

— Laranja da terra! laranja da terra! —abaixo de Deus, affirmava D. Maria do Carmo ser o remedio mais evidente para o caso.

— Não! —olhe que as papas de linhaça têm provado muito bem!... considerava Amancia.

— Pois eu me achei foi com a folha de tajá, observava a sobrinha mais velha de D. Maria do Carmo.

— E eu, si quiz dar cabo da minha, recorri ao oleo de amendoas doces! dizia Etelvina com um suspiro.

(pg. 170)

Anna Rosa acendera uma vela a S. Manoel do Buraco e Maria Barbora promettera uma bochecha de cêra á santa Rita dos Milagres.

A Eufrazinha appareceu e receitou logo —Leite de janauba

—corta-se o sipó e escorre um leite branco, tão grosso que é um azeite! explicava ella com grande mimica —a gente apara n'uma chicara e depois ensopa algodão bem ensopado, e *planta* na cara do doente —E' uma vez só, menina!

Na varanda conversavam sobre o desanimo do doente.

— E' muito esmorecido! contou Maria Barbora — por qualquer cousa parece que está morrendo. Fica todo — Ai! ai! ai! — eu morro desta! uma febrinha põe-no assim:

E Maria Barbora, para fazer ao vivo como ficava o genro, puxou as faces e arregalou disformemente os olhos.

— Credo! disse Amancia e citou a morte de um conhecido seu. Maria do Carmo passou a contar patheticamente o fallecimento do Espigão. Seguiram-se as anedoctas funebres.

Freitas na sala examinava, com uma minuciosidade patriótica, umas lytographias, que descansavam na pedra dos consólos. Eram passagens da guerra do Paraguay —havia a tomada de Payssandú, do Humaitá do Riachuello e outras, impressas no Rio e mal desenhadas pelo Pinho e pelo francez Mils —Via-se o general Osorio, a cavallo, sobresahir com o seu bigode preto e a barba branca.

(pg. 171)

O Freitas passeava olhares ameaçadores pela sala, procurando uma victima para o *cacete*. Raymundo escondera-se com medo.

Anna Rosa cumprira a promessa de não voltar ao quarto de Raymundo, em compensação fallava-lhe todos os dias no casamento —depois da promessa andava escorreita, alegre, vivia a cantarolar na costura ou a passarinhar pela varanda.

Maria Barbora dava aos diabos a papeira de Manoel e a transferencia da viagem ao Rosario —aquella demora do cabra em companhia de sua neta embrulhava-lhe o estomago — Não socegaría em quanto não o visse pelas costas!...

Aproximava-se o dia de S. João. Em casa do Freitas, em casa de Maria do Carmo e em casa de Manoel fallava-se com grandes intenções na festa de S. João. A pandega seria effectuada, como todos os annos, no sitio de D. Maria Barbora.

Era um antigo costume ainda do tempo do defunto coronel, avó materno de Anna Rosa. Maria Barbora não relachava a ladainha de S. João — Tudo! menos deixar de fazer nesse dia a festa da sua devoção! Essa data representava para ella o anniversario dos acontecimentos mais notaveis de sua vida — nesse dia nascera o nunca assaz chorado coronel, de quem enviudara para sempre, como dizia ella constantemente, com saudosa memoria — chamava-se João Hypolito e tinha uma paciencia de santo com a mulher; tambem nesse dia fôra pedida em casamento e, um **(pg. 172)** anno depois, justamente na mesma data, casara; ainda nesse dia baptisara sua primeira filha — defunta mulher de Sebastião Campos; nesse dia enfim casara-se Marianna com Manoel.

Fez-se uma congregação em casa de Maria Barbora, composta por Amancia, Maria do Carmo, as sobrinhas e presidida pela dona da casa.

Fallou-se em capados, carneiros e perús de fôrno. Discutio-se a materia com que se devia encher o papo do perú — si de farinha ou si dos proprios miudos do animal. Poz-se a votação e ficou resolvido que seria com farofa —á moda de *Pernambuco*! como explicava Etelvina. Fizeram-se encommendas d'óvos; lembraram-se os doces mais estimados; receitaram-se proccessos difficultosissimos da arte culinaria; consultou-se o *Cozinheiro Imperial*; houve offercimentos de louça, compoteiras, talheres, moleques e negrinhas, para ajudarem nos dias de mais trabalho; citaram se pessoas privilegiadas para fazer taes e taes quitutes, fallou-se em carurù da Bahia e presunto de fiambre.

No dia seguinte encarregou-se um pedreiro de caiar e preparar o sitio para a festa; os escravos tiveram ordem de aceiar a quinta, limpar as estradas, os tanques, os

quartos. Previnio-se o padre Lamparinas —era quem cantava todos os annos, a ladainha de S. João, desde o tempo do coronel. Haveria muita dansa e fogos.

— O diabo... pensava Maria Barbora — era que o cabra só se ia do Maranhão depois da festa!

(pg. 173)

Entretanto, Raymundo aborrecia-se. Os seus horisontes cada vez mais se apertavam e entristeciam. Por desfastio escreveu e publicou alguns folhetins —não agradaram —fallavam muito serio; passou então a rabiscar versos —eram uns alexandrinos, muito realistas, cheios, correctos, na maior parte imitados ou traduzidos de Baudelaire —nesse genero foram os primeiros que se publicaram no Maranhão.

Houve um alvoroço! —gritaram que Raymundo atacava a moralidade publica e satyrisava as pessoas mais respeitaveis da provincia! —foi o bastante: os caturras litterarios espinotiarão logo com a novidade —metteram-lhe as botas, chamaram-no besta! cabra atrevido! Os logistas, os amanuenses de secretaria, os caixeiros e os innumeros professores de grammatica afiançavam não comprehender o que aquelle pedante queria dizer com tanta bagaceira. Nas portas de botica, nas esquinas e no interior das casas particulares e das quitandas declaravam nunca ter visto asneiras de semelhante genero! Fallou-se pelo jornal em Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis e João Lisbôa; appareceram as descomposturas, os anonymos, os pasquins; escreveram-se obcenidades pelas paredes, a giz e blac-verniz, com referencia ao novo poeta d'agua doce! Raymundo foi a ordem do dia — apontaram-no a dedo; boquejaram mysteriosamente que ia sahir um novo jornalsinho intitulado — *O Bode* —só para botar os podres do typo na rua. Os moleqnes cantavam a respeito delle satyras insultuosas e baixas.

(pg. 174)

Raymundo, inteiramente alheio ao verdadeiro sentido da descompostura, jurou, muito pasmado, nunca mais publicar cousa alguma no Maranhão — Apre! com effeito!

Tomou nojo da provincia, impacientou-se por casar e retirar-se daquella porcaria — Safa! terrinha estúpida! dizia consigo a fumar cigarros, de barriga para o ar, no seu quarto.

Todavia o peor estava reservado para junho e esse mez chegou afinal.

(pg. 175)

VII

O mez de junho chegou com suas manhãs muito claras e muito brasileiras, manhãs que os filhos da ilha de S. Luiz malbaratam, apesar de serem talvez as mais bellas do mundo.

Apparecem os primeiros ventos geraes, que, com a actividade de novos criados admittidos ao serviço da natureza e que desejam agradar a ama, varrem cuidadosamente durante a noute o tapete azul do ceu, as estradas do campo, as ruas da cidade, penteam as cabelleiras frondosas das arvores, a plumagem das campinas, purificam a agua que se torna fria e clara. E, lá pela manhã, quando o patrão eterno abre a esplendida pupilla no horisonte, corre e percorre por toda a bella ilha uma nova vida, uma actividade feliz, cheia de saude e bom humor, que se bebe pelos olhos na luz lavada e fresca, pelos ouvidos no pipitar estridente das andorinhas, pela garganta na agua pura e no ar sadio e enfim pelo coração no azul immenso, que se estende de norte a sul, de nas- **(pg. 176)** cente a poente, sem o menor e mais passageiro vestigio de nuvem —é um infinito igual, inteiriço, sem pregas, sem falhas, um deserto de pedra azul, onde a luz do sol escorre com a transparencia dourada do magnifico sauterne.

Ha nos ares um aspecto de riqueza e de luxo —a claridade celiflua derrama-se como ouro liquido sobre as arvores, rios, telhados e calçadas.

A gente bem conformada acorda essa manhã lépida, depois de um somno completo, bebido de um trago por todos os sentidos e, não resiste ao convite dos ventos geraes e aos reclamos da bella manhã —veste-se rindo, cantando e vae para a rua, para o campo, mette uma flôr na lapella do fraque, agita a bengala, com energia, corre, falla muito, cria amigos, perdôa injustiças, faz esmolas, come bem e bebe melhor.

Era assim a manhã da vespera de S. João.

Raymundo, muito cedo, achara-se de pé e a caminho, em companhia de Maria Barbora, Manoel e Anna Rosa, para o sitio, onde devia se realizar a grande festa do tempo do coronel.

Maria Barbora arrependia-se de não ter esperado o bond das seis horas e, de cansada assentou-se com o genro nos bancos de uma quinta. Raymundo continuava a andar distrahidamente com Anna Rosa.

Principiava a nascer o dia com a franqueza e a engraçada ingenuidade de uma criança. Incontestavelmente ha um que de innocente na madrugada —si o **(pg. 177)** dia tem uma alma, uma expressão, uma lingua, essa é a luz do sol, e seus primeiros e vacilantes raios são como a linguagem incompleta, porem doce e innocente do menino que principia a fallar.

A aurora produzia por conseguinte o effeito de uma criança loura, rosada, cheia de sorrisos descuidados e de estremecimentos vitaes.

Raymundo parou ao lado de Anna Rosa, sem poder conter o enthusiasmo — Veja, prima, como é bello tudo isto! como o céu está inteiramente azul! Que bello effeito produz o campo a estas horas!

E chamava-lhe a attenção para as matisações dos planos afastados; para os fios de luz, que se filtravam por entre folhas na penumbra das arvores; para as gotas de orvalho que scintillavam como diamantes; para a cellagem côr de rosa dos casebres ao longe onde pasciam bois e atrelavam-se grandes feixes de capim.

E os carros da roça passavam gemendo como de uma agonia, e os caboclos, em um andar sacudido e ligeiro vinham da villa do Paço, com as mulheres e filhos, vender á cidade o peixe moqueado, os beijús, o azeite de gergelim, a massa d'agôa e a macacheira.

Anna Rosa parecia outra —toda despreoccupada e alegre —parecia ter voltado a um de seus dias endiabrados e joviaes do tempo de collegio. Os ventos geraes como que levantaram a ponta do veu sombrio de melancolia, que lhe trouxera a puberdade, e juntavam agora a todos os seus attrativos de mulher **(pg. 178)** mais os encantos da criança travessa, que salta, grita e corre, sem responsabilidade, sem risco e sem cerimonia.

Raymundo, para quem eram muito naturaes estas mudanças produzidas pelo exercicio, pelo ar e pela distracção, acompanhava-a com um olhar amigo e carinhoso, deliciando-se de a ver tão bem disposta e interiormente resolvido a fazer Manoel repetir aquelles passeios, como tratamento conveniente á constituição medica da filha.

— Dê-me o seu braço, primo.

E arquejando Anna Rosa agarrou-se ao braço de Raymundo — Ah!... cansada!

— Olhe como tem hoje tão bôa côr, hein?!

E Raymundo, com a cabeça vergada, não lhe tirava os olhos de cima — Sabe de uma cousa, prima?! disse elle sem transição — você hoje está bonita como nunca!

— Você está me debicando, seu velhaco?!... Porque não foi dizer isso mesmo a papae?

E Anna Rosa quasi não podia fallar de cansada.

— Ora esta! como podia dizer si é a primeira vez que a vejo tão linda?!...

— Deveras?... hein?!

— Deveras, sim! —Não sei porque, mas sinto-me hoje muito mais contente com a prima! Olhe! vou dizer-lhe com franqueza —Esta manhã não sei o que m'inspira! o que me faz por dentro! creia que eu mesmo me desconheço! Talvez não acredite, mas... **(pg. 179)** ao vel-a assim satisfeita, remoçada, feliz, sinto cousas exquisitas... por exemplo —neste instante a idéa de minha gravidade normal, aquella sisudez minha habitual parece-me agora tão ridicula! tão affectada! —Lamento ter desperdiçado tantas madrugadas! choro as muitas vezes que adormeci sobre os livros frios do Direito, ao raiar de uma bella manhã como esta. Compreendo agora que todo o estudo de um curso, tudo o que nos explicaram os professores da academia, não vale a licção que em algumas horas me dá esta grande mestra.

— Mentira!...

— E'verdade! Sinto que a bella vitalidade desta manhã e a alegria da prima despertam em mim a mocidade que eu em balde fazia por suffocar! Sinto vontade de correr de mãos dadas ás suas! E'cousa bem singular!... mas tenho saudades vagas de algum objecto que não sei bem o que é! sinto nostalgias de uma outra vida —estranha, desconhecida, quero prender alguma cousa que foge! que se evapora!...

E insensivelmente tomou as mãos de Anna Rosa — Não faça caso! — deixe-me dizer-lhe destas cousas —sinto que a estou amando, minha prima —sinto que vou adoral-a! muito! muito! Parece-me que estas arvores, esta terra, toda esta seiva, toda esta vida que nos cerca me accusariam si assim não fizesse. Como a natureza sabe impôr! como nos obriga a amar! a sermos uteis!

(pg. 180)

E Raymundo parou para fitar Anna Rosa.

— Como tu és bella!

Anna Rosa abaixou os olhos.

— Não! não os feches! olha para mim! não tens de que te envergonhar! —o amor é santo e bom como o riso —o amor é o nosso melhor e mais legitimo sentimento —Christo, filha, eternisou-se tanto, porque foi o homem que mais soube amar! — O odio, sim, esse é que é vergonhoso, feio, immoral! indigno do coração de uma mulher honesta!

E Raymundo continuou a fital-a, supreso de a ver tão irresistivel.

Effectivamente Anna Rosa estava de uma simplissidade encantadora —trajava um vestidinho leve de linho pardo, enfeitado de cadarço branco, um chapéu chato e desabado de palhinha da Italia, que dava a doçura de seu rosto as meias tintas e a frescura de uma aguarella moderna de *Giacomelli*.

Os cabellos castanhos cahiam pelas costas presos na extremidade por um lacinho de fita cór de rosa; do collarinho alvo, dobrado sobre o peito, sahia a garganta branca e carnuda, formando deliciosas curvas. Um medalhão de onix destacava-se da pallidez macia do collo, cujo principio a golla do vestido mostrava com uma avareza de judeu.

Raymundo contemplava tudo isto, fazendo naturalmente as mesmas considerações que Margarida despertou no coração virgem do doutor Fausto — Tenho sido um parvo! pensava elle —tenho a felicidade ao **(pg. 181)** meu lado e quero ir procural-a mais longe —Nada é tão bom como o amor e a familia —Amanhã é o dia de S. João —peço-a em casamento!

Anna Rosa, toda enleada e sorrindo de olhos baixos, torcia e destorcia entre os dedos o cabo de sua sombrinha de seda preta.

Chegaram ao sitio, e Raymundo confessara gosar naquella occasião a mais feliz hora da sua vida —sentia-se bem, alegre, estranhamento pilherico —Fez pascar o seu bom humor, quasi abraça a velha Amancia, que se afastou bendo-se — Credo! p'ra lá mandados!

Amancia já lá se achava desde a vespera —preparando, arrumando, ralhando com os escravos de Maria Barbora, como se estivesse em sua propria casa,

A quinta de Maria Barbora era, como quasi todas as quintas do Maranhão —um lugar aprasivel e sem cuidados de arte.

Um portão de ferro, com o competente lampeão de corrente, abria para dois renques de mangueiras seculares, cuja folhagem compacta sombriava a terra solta do caminho e quebrava, ao dia alto, as agruras da luz do sol. Por um e outro lado herveciam, sem ordem nem symetria, plantações na maior parte uteis e bem tratadas. Respirava-se o oxigenio dos canteiros de hortaliça, o cheiro fresco da salsa e do coentro.

Mais para a interior viam-se tanques cheios, esver- **(pg. 182)** deados de limo; as calhas sinuosas esgalhavam, sus pensas por estacas de acapù; grandes e silenciosas latadas dependuravam as aboboras, as favinhas, os jurumus e maracujás de todos os tamanhos — desde o do limão até o da melancia. Ainda mais para o interior destacavam-se, em qualquer dia do anno, o verde escuro das jaqueiras e arvores de fruta-pão, com as suas folhas enormes e recortadas, a molle de folhagem miudinha dos eternos tamarindeiros, os grupos elegantes de genipapeiros, pitombeiras e goiabeiras. Em outras partes da quinta advinhavam-se os olhos d'agua pela abundancia das juçareiras Parasítas de mil especies enfeitavam com suas flores caprichosas os troncos das arvores, os pombaes, as estacas, em uma variedade prodigiosa de cores. E de todos os lados ouviavam-se chilrear passarinhos e viam-se rôlas a mariscar na relva.

No fim da alameda de mangueiras alvejava a casa com seu jardinsinho ao lado, suas plantações ao redor —uma dessas casas açaçapadas, que se encontram frequentemente em quintas maranhenses. Grande telheiro quadrado, telha vã, formando bico na cumieira e amparando nas quatro faces por toscos moitões de piqui, pintados a verde Pariz e firmados em parapeitos de pedra e cal, mais altos para o lado de fora do que para dentro. Bem no centro deste grande alpendre um quadrado menor de paredes de adobos, caiadas de alto a baixo e distanciadas regularmente dos parapeitos o intervallo de uns vinte palmos se- **(pg. 183)** guros. Estes intervallos eram a varanda e aquelle quadrado os quartos para acomodações da familia. O chão da casa era todo forrado de tijolos de barro vermelho. Na frente da varanda havia uma cancella, tres degraos de cantaria, jasmins d'Italia, bancos de pau e uma porção de trepadeiras, que galgavam os moitões e encarapitavam-se pittorescamente no telhado.

Fôra esta quinta fora a menina dos olhos de Maria Barbora —ahi passara ella grandes delicias no tempo do coronel. Era uma vivenda arejada e sadia, mas ha dez annos e tanto, desde que a velha foi fazer companhia a neta, achava-se entregue aos cuidados do portuguez Antonio e ao trabalho de tres pretos velhos, que iam diariamente a cidade vender hortaliças, flores e frutas, em grandes taboleiros de madeira.

As seis horas da manhã chegou o bond com os convidados. Trazia musica.

Era uma *surpreza* do Casusa. E este, empoleirado na plata-forma do bond, radiante, dava vivas a S. João! vivas ao bello madamismo maranhense! vivas a musica!

E os musicos entraram a tocar asnaticamente o hymno nacional.

O Casusa, fóra de si, rouco já, um bocadinho picado do cognac, cujo corpo de delicto trazia a tiracollo, enforcado em um pedaço de cabinho, saltava, ia e vinha, dispunha logares para a musica e singrava por entre todos, atravessava o bond, com as senhoras asentadas, machucava na costa dos bancos os dedos **(pg. 184)** das pessoas que desciam —provocava gemidos, fazia rir, deu um beijo em D. Amancia, que o chamou — cachaceiro! pancada! moleque! —bateu na barriga de Manoel, que o exprobava de haver se encommodado —feito despesas, contratado musicos.

— E' gosto! é gosto! seu Manoel! não faça caso! hoje hade *sahir cinza* nesta pandega!

No entanto os convivas saltavam do bond.

O Freitinhas foi o primeiro a descer todo vestido de brim branco de Hamburgo, irreprehensivel, sobrecasaca de botões de osso, uma enorme cadeia de cabello prendendo o relógio e dependurado della um anel de ouro massiço, onde se lia esmaltado —saude. Trazia, por amor do pó, umas vidraças azues, que lhe davam a grande phisionomia o tom pittoresco de uma casa de campo, um chapéu de feltro branco, pelludo, alto, a que os gaiatos da provincia chamavam —carneiro, e do qual o dono contava maravilhosas propriedades — Era uma penna! dizia —podia a gente machucal-o a vontade sem offender o pello, de bom que era —custara vinte mil reis, mas valia cincoenta de olhos fechados.

E com a bengala de unicorne e castão de ouro, debaixo do braço, ajudava com diffiuldade sua gorda Lindoca a descer do carro.

As meninas Sarmento, acompanhadas da tia, de Eufrazinha e de um cachorrinho felpudo, que vinha em companhia desta, saltaram com grande espalhafato de risos, latidos, vozes e cores vivas das fitas, **(pg. 185)** dos chapéus e das sombrinhas. O cabello Sarmento ostentava-se, como nunca, em cachos acastellados e floridos.

O conego, todo discretamente risonho e com as suas roupas melhores, vinha acompanhado de um padresinho magricella, que fizera na provincia uma reputação só a cantar ladainhas. Chamavam-no —Frei Lamparinas.

O Sebastião Campos, vestido como o Freitas, de branco, porem de palitót e chapéu do Chile, saltava abraçado a uma grande cesta de busca-pés, pistolas, carretilhas e bombas — E' o mantimento! respondia elle aos olhares curiosos.

O Sebastião Campos tinha paixão pelos fogos — Sou perdido por isto, dizia mostrando uma luva grosseira de sola, com que tocava os formidaveis buscapés. Nos sabbados de alleluya era seu luxo queimar um judas defronte de casa —não perdia fogo de vista nas festas de arraial e sabia fazer bichinhas, carretilhas e bombas.

Havia tambem dous novos typos, que vieram a festa —um por convite do Manoel e o outro por o de João Roberto.

O convidado do primeiro era o Joaquim Furtado da Serra —bom homem do commercio, muito amigo da familia, tapado como um ôvo e bom como a farinha. Era um tanto boi —pezado e bom. Só entendia e conversava sobre negocios, gostava de fazer bem e era membro de varias sociedades philantropicas.

(pg. 186)

Vivia contente de sua vida, cheio de amigos e obsequiados —estava sempre a rir-se e a fallar em suas tres filhas. Não queria commendas, nem grandezas —contava a todos como principiara a vida no Brazil —descalço, com o barril as costas! e gabava-se razoavelmente de sua actual independencia e bôa posição.

O outro era um typo de vinte e dous annos, magro, puxado, muito penteado e muito myope, com as unhas burnidas, o collarinho enorme e os pés apertados em botinas de polimento. Estudava no lyceu da provincia e era tão pulha com a sua corrente de plaquê, sua moeda de dous vintens no lugar do relógio, seus brilhantes falsos e sua bengalinha, sempre equilibrada entre o indicador e o index da mão direita, como era com o seu francez e com as suas produções litterarias —tinha uma grosa de recitativos e acrosticos ineditos e publicados, a que chamava pomposamente —seu thesouro! Fazia e advinhava charadas, gostava de satyrisar tudo e todos em versos detestaveis, porque todos se riam delle, era bastante adulator, hypocrita, má orthographia e com um sestro velho de filar cigarros.

Chamava-se Boaventura Rosa dos Santos e era conhecido por *doutor Faisca*.

Entraram todos em casa, n'uma desordem, seguidos da musica, que atropelava uma polka do Colás, e de uma intempestiva carretilha que soltara Sebastião.

Houve sarilho.

José Roberto, debaixo de tempestuosa descompos- **(pg. 187)** tura, obrigara D. Amancia a dar meia duzia de voltos pela varanda, indo ambos cahir, perseguidos pelo *Joli*, sobre um banco de paparauba. *Joli* era o cãesinho de Eufasia.

No furor da valsa desprendera-se o coque de Amancia e fôra parar á quinta — *Joli* saltara-lhe logo atraz e destripava-o phreneticamente com os dentes.

— Olhe, seu Casusa! gritou a velha, quasi sem folego —você não me perca o respeito, seu *pica-fumo*! Quando tomar suas monas metta-se em casa, com os diabos! Credo!... que cachaceiro acabado! Vá tomar liberdades com uma da sua igalha! Diabo do sem brios!...

O coque foi arrancado das garras do *Joli* e restituído a dona.

— Vejam! vejam em que bonito gosto me puseram o meu rico coque de pita!... parece uma rodilha de limpar panellas! — Diabo da brincadeira estúpida! E' melhor que, em vez de criar chirimbabos, cuidasse cada um de sua vida, que teria bem de que cuidar.

E voltando-se para Sebastião — Mas o culpado foi você, seu Sebastião, com você é que me tenho de haver —não posso perder meu coque novo!

— Novo o que?! contestou Casusa —Eu vi pular de dentro uma aranha!

— Não me desminta, seu malcriado!

— Está bom! meus senhores, deixem-se disso! interveio Manoel —e vamos ao café!

(pg. 188)

— Mas o meu coque?

— A senhora terá outro coque... descanse!

Mal terminado o succulento café tocou-se e dansou-se uma quadrilha, na qual Casusa, de par com Eufrazia, fez o que elle chamava *pintar o padre* —ditado que sobre maneira scandalisava o especialista das ladainhas.

Este Frei Lamparinas era um homemsinho secco, feio, filho da provincia de S. Paulo. Nunca conseguira ordemnar-se em razão de sua extremada estupidez — soletrava ainda as ladainhas que recitava ha trinta annos.

Os rapazes do lyceu mexiam com elle e atiravam-lhe mamões verdes por detraz do muro do convento do Carmo.

Lamparinas nunca conseguiu entrar com o latim e tinha uma biographia engraçada e cheia de disparates, porem todos diziam com ar de protecção —que o padre Lamparinas era um bom homem, que nunca fizera mal a ninguém.

— O chorado! venha o chorado! gritavam do fundo da varanda a bater palmas.

E a musica, sem se fazer rogar, gemeu a languida e sensual dansa brasileira.

Incontinente Casusa e Sebastião pularam no meio da sala e sapatearam agilmente, com barulho, estalando os dedos e requebrando a cabeça e os braços. Em breve arrastaram o Serra, o Faisca e o Freitas; **(pg. 189)** e as moças, chamadas pelos dansadores, entraram na irresistivel brincadeira.

As moças rodavam na pontinha dos pés —o passo miudinho e ligeiro, os braços dobrados e a cabeça inclinada, ora para um lado, ora para outro, estalando a lingua contra o ceu da bocca, em uma volupia engraçada e original.

Os velhos babavam-se.

— Quebra! gritava o Casusa enthiasmado — Quebra, meu bem!...

E regamboleava furiosamente a perna.

O chorado chegara a sua phase de loucura —ninguem mais estava quieto —os velhos espectavam acompanhando a dança com o movimento de corpo e palmas cadenciadas e expontaneas.

— Bravo! assim seu Casusa!...

— Picadinho! picadinho!

De repente ouviu-se um trambolhão e um grito —era o Faisca que cedera a um *cambite* do Casusa, e na queda se agarara ao tornozelo de Maria do Carmo. Todos riram.

— Credo! pois este homem não me queria agarrar a perna!! Cruz! capeta!

— Não augmente, minha senhora —foi no tornozelo —este ossinho do pé.

— Mas eu tenho muito cocega, e depois do defunto Espigão ninguém mais tocou-me no corpo!

Dahi a pouco chamavam para o almoço e o divertimento continuou sem interrupção.

(pg. 190)

.....
Entretanto na casa de Manoel passavam-se cousas bem diversas!...

No dia de S. João nunca se abria o armazem de Manoel e nesse anno a vespera cahira em um domingo —Eram dous dias cheios! como dizia satisfeito o Villa Rica.

Os caixeiros estavam em plena liberdade —não tinham superior nesse dia, e por isso sentiam a melhor disposição.

De vespera foram para o sitio o Benedicto e mais uma preta, carregados de fogos e dos paramentos necessarios á armação do altar. Na madrugada do dia foi a Brigida, em companhia de Monica; D. Amancia já lá estava para tomar conta de tudo.

Era de costume irem todos os caixeiros para o sitio nesse dia, não havia por conseguinte necessidade de ficar escravo algum em casa.

O quarto dos caixeiros tinha um aspecto domingueiro —botas engraxadas sobre os bahun, as roupas de casemira escovadas, camisas de fóra esperando a serventia e um cheiro activo de vidros de extracto que se desarolham.

Seriam oito horas da manhã. Apezar porem do aspecto festival dos rapazes, Dias conservava-se em mangas de camisa a varrer o quarto.

— Então, você não vem, seu Dias? perguntou-lhe o **(pg. 191)** Cordeiro, occupado em enfiar um par de calças côr de alecrim.

— Vão andando, que eu já vou.

Os tres seguiram e o Dias, encostando o cabo da vassoura no queixo, ficou pensativo, porem mal ouvio bater em baixo o trinco da porta, atirou a vassoura para um canto e desceu cautelosamente á varanda.

A casa tinha a tranquillidade saudosa de um logar abandonado —só o sabiá chilreava na gaiola.

O caixeiro predilecto de Manoel fechou á chave a cancella de madeira polida, que separava a varanda do corredor e, depois de olhar em torno, seguiu surrateiramente para o quarto de Raymundo.

Quem assistio a inspecção passada por Anna Rosa não precisa acompanhar o novo bisbilhoteiro. Elle, não com a curiosidade amorosa da outra, porem frio, calculado, com a prudencia de quem sabe que está commettendo uma bandalheira, abria as gavetas, lia os papeis escriptos, revistava as algibeiras da roupa estendida no cabide, folheava os livros, examinava tudo, esgaravunchava todos os cantinhos, colhendo daqui e dali aquillo que lhe parecia aproveitavel aos seus planos.

Em uma das gavetas encontrou um folheto de capa esverdeada —guardou-o logo, depois de ler-lhe o frontespicio. E depois de uma minuciosa revista, abandonou o quarto, sem deixar vestigio algum do que fez.

Dirigio-se em seguida ao aposento da filha de Ma- **(pg. 192)** noel, teve porem uma contrariedade —a porta estava fechada. Revistou todos os cantos da varanda, mas a chave não appareceu.

Dias subio rapidamente ao mirante e voltou com um pedaço de cêra, com que modelou perfeitamente a fechadura do quarto de Anna Rosa.

Depois passou ao de Maria Barbora —experimentou a porta —tambem estava fechada, mas havia um postigo —Dias espremeu-se por elle.

O aposento de Maria Barbora, tinha um character velho e aceiado —condizia com a dona. Sobre uma commoda antiga, de páo santo, com puchadores de metal amarello e coberta por um oleado bastante gasto, equilibrava-se um oratorio de madeira, caprichosamente trabalhado, cheio de uma porção variada de santos —havia de casca de cajá, de gesso, de barro vermelho e de porcelana.

O Santo Antonio de Lisbôa, vindo de encomenda da patria, com o pequeno ao collo, lá estava, muito rubicundo e lustroso, a Sant'Anna, ensinando a filha a ler, um S. José de cores detestaveis, muito vivas, um S. Benedicto, affectadamente pintado de preto e vestido de frade, um S. Pedro, cujas proporções faziam-no criança ao pé dos outros, uns santinhos pequeninos e caricatos, que a gente não podia ver sem rir, e que se escondiam no pedestal dos outros, e finalmente um grande S. Raymundo Nonato, calvissimo, barbado e com um calice na mão direita. No fundo do oratorio lithographias vulgares de carregação repre- **(pg. 193)** sentavam Santa Filomena, a fugida de S. José com a familia, Christo crucificado e outros motivos religiosos.

O grupo dos santos resentia-se de uma falta —era a de S. João Baptista.

Sobre a commoda havia ainda dous castiçaes de latão, enfeitados de papel rendado, de côr e com uma vella de cera, meia gasta; um grupo de gesso representando a sagrada familia e um menino Jesus mettido na redoma por causa das moscas. Encostado a parede uma palma de pindoba benta, que segundo a voz do povo, tinha a virtuosa propriedade de apaziguar os elementos em dias de tempestade. Alem desta, mais duas outras palmas casquilhas, enfeitadas de flores artificiaes de panno ordinario e malacacheta, guarneciam, pela parte interior, os dous angulos trazeiros do oratorio.

A dona do quarto, não contente com a sagrada concurrencia da commoda, tinha ainda dispersa pela parede uma mesclada colleção de gravuras, lithographias, chromos lithographicos, aguas fortes, representando santos mal desenhados e orações milagrosas e disparatadas —do monte Serrate, do parto, de Santa Filomena, da virgem e outras mais, com que de vez em quando os typographos exploram velhacamente a ignorancia do povo.

Defronte do oratorio symetrisavam duas molduras —uma de pinho dourado, franceza e outra de páo setim amarello, brasileira. Eram dous pannos de tapete.

(pg. 194)

No da moldura amarella lia-se no centro as iniciaes *M R S* —*collegio da Trindade em 1838*, e na outra *A R S S* e uma data muito mais recente. A' julgar por estas declarações os dous pannos pertenciam a Marianna e Anna Rosa —mãe e filha.

Tudo isto foi minuciosamente esgaravunchado pelo Dias —lia as Horas mariannas, apalpava as roupas, cheirava os objectos, provou a ponta do mólho de fumo, com que dizia a sogra de Manoel, esquecer passados dissabores, e, quando já nada tinha por dar fé, ficou a reflectir até que acendeu a vela de cera e afinal carbonisou na chamma o rosto rochumchudo e vermelho de S. Raymundo.

O pobre santo parecia, depois do processo, um carvoeiro —estava tão negro como o S. Benedicto.

Satisfeito dos palnos que traçara, Dias sorriu, collocando de novo a imagem no logar em que a encontrara, e sahio apressado, por lhe parecer ouvir mexer na porta da rua.

Enganara-se.

Dahi a meia hora, vestido de panno preto, chapéu de feltro e cabeça baixa, o acreditado caixeiro de Manoel Pescada palmilhava ao sol quente o Caminho Grande, com destino ao sitio da sogra do patrão.

(pg. 195)

VIII

Eram cinco horas da tarde.

A festa de Maria Barbora continuara sempre muito animada —havia uma boa disposição geral. Os homens bebericaram durante o dia calices de cognac, e sopravam agora o fumo de seus charutos domingueiros, com um grande ar de pessoas de importancia; as senhoras melaram galantemente os beiços com licôr de rosa e ortelã pimenta.

Já se dansara muito. Brincou-se o padre cura, o anel, o peixinho de muquem; afinal vieram todos para fóra, apreciar a tarde, assentados nos bancos defronte da casa.

A sociedade fôra augmentada pelos quatro caixeiros de Manoel e por um sertanejo que a divertia. Lamparinas sahira para ir perto a uma quinta, mas promettera não faltar á ladainha.

Tinha-se escondido o sol. Uma tarde formosa, com o seu poente esfogueado, rubrava no pateo as caras suadas dos homens e os vestidos machucados das se- **(pg. 196)** nhoras, que arejavam-se debaixo das latadas de maracujás e jasmins d'Italia.

As damas, commodamente assentadas, tinham requebros convenientes, movimentos affectados de dignidade —risos com a bocca fechada, olhares baixos, o leque nos dentes e o dedo mindinho levantado com galanteria.

Minava um appetite surdo e indiscreto pelo jantar. A hora adiantava-se —alguns estomagos mais impacientes resmungavam.

Contudo, todos os olhares, todas as atenções, todos os applausos convergiam aparentemente para o mesmo alvo. Este alvo era o sertanejo, que, a certa distancia, de pé, isolado, a cabeça erguida com desembaraço mal educado, o chapéu de couro atirado para o cangote e preso ao pescoço por uma correia, a camisa de algodão crú por cima das calças arregaçadas, o pé descalço, curto e espalmado, o peito côr de cedro a mostra, braço nu, vibrava esthusiasmado as cordas metálicas de uma viola ordinaria, acompanhando, com um repinicado muito original, os versos que improvisava ou trazia de cór.

— Lá vai a garça voando
Para as bandas do sertão!
Leva Maria no bico,
Thereza no coração!

Ao terminar cada estrophe rebentava um côro de **(pg. 197)** gargalhadas, no fim do qual ouvia-se o sapatear surdo do sertanejo, socando a terra.

— Não tenho medo da onça,
Que todos tem medo d'ella!..
Não tenho medo de ti,
Que fará de Micaella!

E o sertanejo, depois de sapatear, dirigio-se a Anna Rosa:

— Minha senhora me diga
(Quem pergunta quer saber)
Si eu sahir daqui agora...
Onde vou amanhecer?

— Este foi de sentimento!... considerou Etelvina, com um gesto approvativo.

— Gostei! gostei! confirmava o Freitas.

E o sertanejo ferrou o olhar em Anna Rosa:

— Sinhá branca, si eu pedisse...

Responda, mas não se ria...

— Uma flôr de seu cabelo...

Sinhá branca que diria?!

— Bravo!

— Sim senhor!

Houve uma gargalhada geral.

— D. Annica, dê a flôr!...

Anna Rosa hesitava.

(pg. 198)

— Então, menina!... fez Manoel.

Anna Rosa tirou uma flôr da cabeça e passou-a ao sertanejo, que voltou logo:

O' minha senhora dona,

Deus lhe pague —eu agradeço,

Seus quindings são dos ricos,

Eu sou pobre e não mereço!...

E collocando a flôr na casa da camisa, continuou, depois de olhar para Raymundo:

O'nhá dona feiticeira!

Me captiva seu favor,

Mas não vá metter ciúme

Agora pr'o móde a flôr!...

E o sertanejo, depois de tornar a olhar intencionalmente para Raymundo, desprendeu o chapéu e estendeu-o a um por um.

Consultaram-se as algibeiras do collete, pingaram os vintens e as pratinhas de tostão.

E o menestrel, com a cabeça um pouco erguida e o olhar exigente, dizia:

— Vamos! vamos! pingue o cobre!
 Q'eu não gosto de massada!
 Dos homens aceito a paga,
 Da mulher n'aceito nada!

E quando chegou a Manoel:

(pg. 199)

— Manoelsinho, cravo roxo,
 Me desculpe a impertinencia;
 Si poder dar —eu aceito,
 Si não poder — paciencia!...

E entre gargalhadas enchiam-lhe o chapéu de moedas. Quando chegou a vez do Faisca, este, em vez de dar alguma couza, cuspiu dentro do chapéu.

O sertanejo, como de costume, massou-se com a pilheria e gritou logo:

— Seu lanceiro da Bahia,
 Cazaquinha do Pará!
 — A gente recebe o couce,
 Conforme a besta que o dá!

A hilaridade chegou ao cumulo —Faisca enfureceu-se e ameaçou o caboclo.

— Deixe-se disso! aconselharam —você sabe que esta gente é assim, para que mette-se?...

— Tome lá! disse Manoel ao sertanejo —beba e vá-se embora!

— E passou-lhe um copo de vinho, que elle emborcou incontinente, exclamando depois de estalar a lingua:

— O vinho é sangue de Christo,
 E' alma de satanaz!
 E' sangue quando elle é pouco,
 E' alma quando é demais!

E fazendo um grande cumprimento com o chapéu.

(pg. 200)

— Meus senhores e senhoras,
 Vou-me embora agradecido,
 Mas cá fica o coração,
 Pr'a não ficar esquecido!

E afinal retirou-se a dansar e cantar uma passagem do *Bumba meu boi*!

Isto não, isto não pode ser!...
 Isto não, isto não pode ser!...
 — A filha de meu amo casar com você!...

.....

O caboclo me prendeu,
 Meu amor!
 Foi tão certa da razão,
 Coração!
 Que o cabo... —

E perdeu-se a voz e o som da viola na estrada.

Iam discutir o talento poetico e a graça do sertanejo, quando de cima Manoel,
 Maria Barbora e Amancia chamaram para a mesa, com autoridade bemfazeja.

Houve um sussurro de prazer.

— Pr'a mesa!

— Olha filha! que já tinha o estomago a dar horas!... disse baixinho D. Maria do Carmo ao passar por Anna Rosa.

Todos subiram para a varanda e foram vagarosamente tomando os seus competentes logares na mesa, **(pg. 201)** entre uma confusão de vozes, que discutiam varios assumptos.

— Homem! parece que tomaram alma nova só com o cheiro!...

O Freitas amolava Raymundo sobre poesia popular —fallou com protecção de Juvenal Galeno — E' muito original! muito original!...

— Filho do Ceará, não?

— Justamente! Ah! o Sr. não calcula o que é o Ceará para a poesia popular!... sei milhares de versos magnificos, feitos pelos sertanejos.

E antes que Raymundo desse alguma providencia contra a massada, já o Freitas recitava:

— Quando passares na rua
Escarra! cospe no chão,
Q'estou cozendo á candeia,
Não sei se passas ou não!...

— Pois não ha como uma festa no sitio! dizia por outro lado o Sebastião —isto de pandegas ou bem que é pandega ou bem que não é.

O Freitas continuava: — E est'outro:

— Sinhá me dê qualquer cousa,
Inda que seja uma banana,
Que a barriga é bicho burro
Com qualquer cousa s'engana!...

Raymundo passou a prestar atenção paraa uma conversa entre Bibina, Lindoca e Eufrazinha.

(pg. 202)

— Vocês não tiraram a sorte esta noute? perguntou a viuva.

— Pudera! disse a mais gorda —porem não vi cousa alguma, ou pelo menos não acertei com o que vi!

— Não! pois eu... fez Eufrazinha —tirei uma sorte bonita!

— Que foi! que foi?!

— Era um veu branco e uma grinalda.

— Casamento! gritaram varias vozes.

— Eu tirei um *tumalo*!... disse do canto da mesa a Lagartixa, suspirando funebremente,

— Credo! fez Amancia, passando com uma salada de agriões, que acabava de preparar.

Raymundo assentou-se ao lado do Freitas e fallou sobre os costumes portuguezes nas noutes de S. João e S. Pedro —contou como as raparigas queimavam as alcachôfras e plantavam-nas em vasos á janella, para ver com ellas grelar a sorte; citou o costume das favas sobre o travesseiro, os bochechos d'agua á meia noite para ouvir o nome do namorado; as fogueiras de alecrim —e emfim este uso do copo d'agua ao sereno.

— E' um antigo uzo! explicava o Freitas, a mastigar pedacinhos de pão secco — deitar ao sereno, na vespera de S. João, um copo d'agua com a gemma de um ovo.

— E a clara! reclamou D. Maria do Carmo, que acompanhava a conversa com muito interesse.

— Pois bem! a gemma e a clara; e, no outro dia **(pg. 203)** de manhã, dizem que se vê a sorte do individuo representada no interior do copo —patacuadas!

— Patacuadas, não! observou a velha sentando-se junto das sobrinhas —cá está quem recebeu a noticia da morte de seu Espigão muito antes do dia fatal!

E levou o guardanapo aos olhos em um movimento pathetico.

— Ha outros uzos, continuou Freitas, passando um prato de sôpa —o banho de S. João, por exemplo!

— Imitações de Portugal.

— Quem não se banha amanhã de madrugada, fica com a alma suja! dizem!

— Com o corpo não duvido!

— Então! seu Cordeiro, seu Dias, menino! não se tratam de assentar?!

— Nós esperamos a outra meza, disse timidamente o Dias — não ha mais logares!...

— Qual outra meza! o que! Não senhor! fez Manoel —sente-se cá, seu Dias!

E abriu um logar ao lado da filha.

Dias, todo constrangido, foi assentar-se, com um riso secco, ao lado de Anna Rosa, que o olhou cheia de repugnancia.

— E lá os senhores? —seu Cordeiro, seu Villa Rica, seu Manoel!

— Nós esperamos! faz-se depois outra meza!

— E a darem com a outra meza! Não senhor! —E a senhora, minha sogra? D. Amancia, onde ficam?

(pg. 204)

— Tem aqui um logar, minha senhora!... disse Raymundo levantando-se, e offereceu a cadeira.

— Meu amigo, deixe-se dessas cousas! —olhe que estamos no sitio, isto não é cidade para se fazer cerimonias!

— Pagode de sitio não presta quando nada falta!... arriscou o Serra, mexendo e soprando uma colherada de sôpa.

— Não!... fez o Freitas —quero minha commodidade até no inferno.

— Ora está tudo arranjado! gritou Amancia, que acabava de preparar outra meza —ficamos nós aqui! somos poucos, porem bons!

— E elles lá?!... disse o Villa Rica, contando as pessoas da meza grande, pela seguinte ordem, partindo da cabeceira —o patrão —um, senhor conego —dous, D. Maria do Carmo —tres, as duas sobrinhas —cinco, o Dr. Raymundo —seis, seu Freitas e a filha —oito, D. Eufrazinha —nove, seu Serra e aquelle moço —era o Faisca —onze, o Dias e D. Anica —treze. São treze ao todo!

— Treze! gritou D. Maria do Carmo, soprando o macarrão que tinha na bocca — treze!

— Treze! repetiram todos assustados.

— Saia um! gritaram.

Ninguém se mexeu.

— Ou venha outro... lembrou o conego, crusando o talher — em treze não pode ficar!

Suspendeu-se o jantar.

(pg. 205)

O Freitas passou logo a explicar a Raymundo o que aquillo queria dizer, apesar deste declarar-lhe que sabia bem o que era.

— Não ha mais alguém por ahí?

Maria Barbora levantou-se e foi buscar uma negrinha de tres annos — aqui tem!

— E' verdade! E o Casusa?!...

— E Casusa!

— E' verdade, gente, seu Casusa!

— Venha o Casusa!

Casusa dormia — tinha tomado um banho e recolhera-se cansado.

A negrinha foi novamente levada para a cosinha.

— Moleque! chama seu Casusa ahi no quarto.

O Casusa veio bocejando e esticando os braços — Para que jantar tão cedo?!... não tinha appetite algum!... resmungava elle, abrindo a bocca.

— Cedo!... si lhe parece!... já deram cinco horas.

— Quasi que ficavas a ver navios!... disse rindo Sebastião.

— Olha o prejuizo! considerou Amancia com um esgaire de pouco caso.

— Tu ja queres inticar commigo, coração?! depois te queixa!... Mas enfim! onde me assento? — o que não vejo é logar! Ah! disse voltando-se para a meza pequena — tenho-o cá e bôa companhia!

— P'ra'lá! fez Amancia escandalisada.

— Venha para cá, homem! — você é cá necessario!

(pg. 206)

E com diffcildade arranjou-se um logar ao lado de Sebastião.

— Ora até que afinal! disse Manoel, assentando-se descansadamente.

— *Tollitur quæstio!*

E o conego sorveu uma colherada de sôpa,
 Fez-se silencio —só se ouvia o arrastar metalico da colher no prato e os
 assovios dos que sorviam a sôpa quente.

O Cordeiro cercava Amancia e Maria Barbora de cuidados e obsequiosinhos —
 Uma coxinha de gallinha, senhora D. Amancinha!

— E' um perfeito cavalheiro! disse esta baixo a outra, inchando o papo —
 compare-o com a peste do Casusa!

— Não! que os rapazes de lá são mais aquelles... está provado!

— Têm outro accento, que não têm os de cá!

— O senhor Serra tem a bondade de passar o pires das azeitonas!

— Quer mais pirão, D. Lindoca!

— Muito obrigada —assim! chega! um tiquinho só!

— Gentes!... você come essa pimenta toda, D. Etelvina?!

— Basta! oh! o senhor quer me afogar em caldo?!...

— Tenha a bondade de encolher as azas, meu amigo!

— Não enchas a bocca desse modo, dizia em se- **(pg. 207)** gredo a velho
 Sarmento a uma das sobrinhas —era o que tinha o Espigão —comia como um
 damnado, mas ninguem percebia.

— Olhe que você me suja de gordura, seu Casusa! Que diabo de homem!...

— Então? quem mexe esta salada?!

— A salada, lembrou judiciosamente o Freitas com um sorriso —deve ser
 mexida por um doudo!

— Então, tome conta, seu Casusa!...

— Quanto quer o menino pela graça? —si tivesse um vintem aqui, dava-lh'o, seu
poêta!

Isto era entre o Casusa e o Faisca.

— Doutor! não deixe apagar a lanterna! lembrava Manoel a Raymundo.

— Uma fatia de porco! D. Maria Barbora.

— Deite pouco, minha vida —assimsinho!

— D. Etelvina! a senhora está magra de não comer!

—Ai! suspirou ella, fitando o prato.

— Um brinde! gritou Casusa levantando-se e suspendendo o copo á altura da cabeça —ao bello madamismo maranhense, que hoje nos honra!

— Hup! hup! banguê!

—Aproveito a occasião, meus senheres, para agradecer-lhes o obsequio que me fizeram, comparecendo a esta festa de familia!

Era Manoel que fallava. Seguiu-se um inferno de vivas e hourráhs, que terminaram em uma gritaria incomprehensivel.

(pg. 208)

Os caixeiros de Manoel, já um pouco electrizados pelo vinho, gritavam familiarmente — viva o Manoel!

Houve uma voz indiscreta que fallou em Manoel Pescada.

Restabeleceu-se o silencio e só se ouvia, alem do rumor dos talheres e dos queixos, a voz avinhada do Cordeiro, que gritava para a sua visinha da direita, com uma solicitude exagerada — Beba-lhe! beba-lhe, D. Amancinha!

E batia-lhe no hombro, revirando os olhos em um extase de embriaguez — Ataque-lhe p'ra baixo!

— Credo! o senhor quer m'embebedar?!...

E, como o Cordeiro insistisse em servil-a de Lisbôa, Amancia retirou o copo e o vinho derramou-se-lhe no prato, na meza e nas pernas.

— Ui!... fez ella arredando depressa a cadeira — que selvageria, virgem santissima!

— Farinha secca! D. Amância! —farinha secca! receitavam de todos os lados.

O Cordeiro, já muito espigardeiro, tomou a cuia da farinha e despejou-a em cheio sobre a pobre senhora, que entrou a tossir muito suffocada.

Foi um gargalhado expontaneo e prolongado.

— Credo! valha-me Deus! com os diabos! gritou Amancia, quando poudes fallar, a sacodir-se toda — Arre! aqui mesmo não me sento mais!

— Vem cá para meu lado, perdição! dizia Casusa, convidando Amancia entre as gargalhadas geraes.

— Si a farinha é antidoto do vinho, cure-se agora **(pg. 209)** da farinha derramando novamente vinho! aconselhou Raymundo a rir-se.

— Até você?! esbravejou Amancia, cega de raiva — Ora mire-se! —quer um espelho?!...

— E V. Exc.^a quer uma escova?...

As gargalhadas repetiam-se já sem intervalo.

— Vinho derramado —signal de alegria, disse sentenciosamente o Freitas, muito preocupado a esbrugar uma canella de frango, sem querer sujar os bigodes.

Servio-se a sobremeza e reformou-se o vinho —veio Porto em calices.

— Um brinde! reclamou Cordeiro, mal se podendo ter nas pernas.

Creou-se logo silencio, no qual se ouviam estas phrazes destacadas:

—Mao!... temos carraspana!

— Cabeça fraca de rapaz!...

— Que vinho forte!

— Este rapaz teima em beber! —forte birra.

— Diabo do homem não póde ir a parte alguma!

— Vai tudo razo!

— Pscio!... pscio!...

— Meus senhores!... e minhas senhoras de ambos os sexos! Eu vou beber a saude do melhor... sim! do melhor patrão que todos nós temos tido —o Manoel Pescada!

Houve um sussurro.

(pg. 210)

— Perdão! —da Silva! continuou o orador —E' um homem sem aquellas! é um fél sem pomba!

Riram-se.

— Sim!... para um...quer dizer!... quando a gente precisa delle —pode fallar que o safado não arreia!...

O sussurro augmentou.

— Cale-se! dizia baixo o Villa Rica, a puxar o palitot do Cordeiro —Cale-se com os diabos!

— Mas! berrou o orador, sem fazer caso das advertencias do collega —o que eu não posso admittir, são os desafôros que elle me está a fazer constantemente!

O sussurro augmentou escandalosamente. Manoelsinho, muito vermelho, possuia-se de uma hilaridade alcoolica; Villa Rica puxava com ambas as mãos o palitot do Cordeiro.

— Solte-me gritou este —solte-me com todos os diabos! ou vou-lhe aos queixos! Metta-se com a sua vida! que eu quero desabafar! não me calo! entende?! não me calo, porque não quero! não me calo! não me calo! — Sim! continuou —não admitto os desafôros —ainda outro dia!...

— Viva o Manoel! gritou um.

— Vivô! respondeu um côro.

— Seu Manoel! a sua!...

— A sua!

— Hup! hup! hourrhás!

— Banguê! gritou Cordeiro e quebrou o copo na meza — E' de quebrar!...

(pg. 211)

— Só si fosse tua cabeça, grandissimo borracho! resmungou o Serra muito massado.

— Attenção! attenção, meus senhores!...

Era a voz do Faisca, acompanhada de palmas — attenção!

E tirou da algibeira uma folha de papel.

Fez-se um pouco de silencio e o Faisca, depois de puxar os punhos, principiou com uma voz aflautada, cheia de affectação e uma mimica miudinha, peculiar aos myopes — com a sua cabecinha muito arrebitada para alcançar os vidros das lunetas, a bocca aberta e as ventas arregaçadas. — Meus senhores!... Em tal dia! eu não podia deixar de fazer... uma poesia!...

— E' verso? perguntou Bibina.

— Eu creio que sim! que é uma poesia em verso!

— E por isso!... continuou Faisca, calcando a luneta que o suor fazia escorregar —recomendo às musas, ousou erguer minha debil voz, para offerecer, como penhor de estima e consideração, ao digno senhor Manoel, negociante matriculado desta praça, este soneto, que... si não prima... sim!... si não prima!...

— Primasse! gritou o Cordeiro.

Faisca, todo atrapalhado, procurava uma palavra.

— Venham os versos!

— Venha a poesia! gritavam.

— *Filho da antiga terra de Camões!* principiou o Faisca a recitar, tremulo.

— *Filho da antiga terra de Camões!* repetio o Cordeiro, arremedando-lhe a voz.

(pg. 212)

— Homem! você não se calará?! repreendeu Manoel.

O orador repetio.

— *Filho da antiga terra de Camões!*

— *E nosso irmão de leite e companhia!*

— Leite e companhia?!... considerou o Serra pensativo —não me é estranha a firma!... Ora espere!... será com o José Leite & C. do Piahy?!...

Faisca continuou muito enfiado,

— *Eu quero vos saudar no augusto dia.*

— *Em que só juntos estão amigos bons!*

— Bravo! bravo!

— Olha, gentes! — rimou!

— Pscio! pscio!

— Diga outro! seu Rozinha!

— Diga outro verso!

— Diga um de sentimento! lembrou Etelvina com um suspiro.

— Silencio!

Porem o menestrel não pode continuar, porque, em um movimento de atrapalhação, cahira-lhe o *pince-nez* dentro de uma compoteira de doce de calda.

— Um brinde! gritou Casusa. —um brinde!

— Silencio!

— Espere!...

E depois destas palavras ouvia-se a voz de Maria Barbora — D. Maria do Carmo —coma uma naquinha de melão!

E passou-lhe um prato da meza pequena.

Ai, filha! não sei se poderei entrar nelle —consi- **(pg. 213)** derava a viuva do Espigão, lembrando-se do protesto que fizera contra os pepinos e sua familia — Senhor doutor! perguntou ella a Raymundo — o melão será da familia dos pepinos?!...

— Sim, minha senhora —pertencem ambos á dos cucurbitaceos.

— Como? perguntou ella com a bocca cheia de arroz dôce.

— Quer dizer, explicou logo o Freitas, contente por se mostrar — que é um fructo cucurbitaceo, da familia dos dycotyledones, segundo Jussieu, e segundo DeCandolle das —calicifloras.

— Fiquei na mesma com a tal familia dos califorchons!

— Que familia?! que familia? o que foi que fez ella?! algum escandalo! aposto, hein?! perguntou Amancia, pensando sentir o cheiro de nma intriga — Eu bem digo! não ha em quem fiar hoje em dia é Mas quem são esses damnados?! qual é a familia?

— Dos cucurbitaceos ou dicotyledones!

— Ah! são estrangeiros!... já sei! já sei!...! uma familia de bugres que está morando no hotel da Boa-Vista! E' certo! é!... ainda outro dia uma sujeita ruiva, deve ser mulher ou filha do tal... como se chama?..

— Quem, D. Amancia?! a senhora está fazendo uma embrulhada de nossa morte!

— O tal inglez!

— Que inglez?! ninguem fallou nisso aqui!

(pg. 214)

E Maria do Carmo passou a explicar á amiga que se tratava de pepinos e melões.

Casusa continuava a discursar em um brinde feito ao Serra —já o tinha chamado genio e agora comparava-o a um lyrio pendido na estrada; em quanto

Raymundo com a cabeça dentro do prato conversava com o Freitas elogiando-lhe a memoria —é o que lhe digo —tem uma memoria d'anjo.

— O senhor ainda não vio nada! exclamou o Freitas, ancho de si — sei discursos inteiros que ouvi ha dez annos, meu amigo! sei de cór longas poesias, que apenas li duas vezes!

— E' admiravel!

E Freitas para provar entrou a recitar a *Judia* de Thomaz Ribeiro, que tinha nesse tempo no Maranhão um cheiro activo de novidade.

— Corria branda noite. O Tejo era sereno!...

— Mais alto! reclamou da meza pequena o Cordeiro, com um grito — Não chega até cá! Queremos ouvir o recitativo!...

E, como Raymundo por interesse proprio, convencesse o Freitas de que não devia continuar, o Cordeiro levantou-se arrebatadamente e principio a estropear uma chula muito antiga.

—Carolina que horas são estas?

— Nove horas no bronze da torre!

(pg. 215)

— Cante antes o —*não quero que ninguem me prenda!* aconselhou Eufrazinha, com uma gargalhada.

— Gentes! disseram as senhoras, admiradas do desembaraço da viuva.

Cordeiro obedeceu e, trepando-se na cadeira e segurando uma garrafa pelo gargalo, roncou:

— Eu não quero que ninguem de prenda!

Aiheé!

— Debaixo de meu pifão!

— Quando fores de noite á rua,

Aiheé!

— Leva cheio o garrafão!

Seu soldado não me prenda,
 Não me leve p'os quarté!
 Eu não vim fazer barulho,
 Vim buscar minha mulhé!

E insensivelmente foram todos, menos o Dias, batendo nos pratos com os talheres; no fim de um quarto d'hora era uma algazarra inqualificavel.

Em breve a confusão tornou-se completa —faziam-se brindes de braço entrançado; bebia-se de copos trocados; misturavam-se vinhos; davam-se gargalhadas francas, estrepitosas; atiravam-se bolas de miolo de pão; diziam-se verdades e, entre todo este alvoroço, sobresahia a voz rouca do Casusa, que insistia no seu brinde ao Serra e chamava-o berrando — Poeta do commercio! — Colosso de negocios!

As senhoras se tinham levantado dos logares e **(pg. 216)** pallitavam os dentes, encostadas ás competentes cadeiras, com um ar cheio, cansado, dyspeptico. Freitas erguera-se com solemnidade. A noute estendia-se como um tecto que desaba —não tardou a escurecer. Maria Barbora afastara-se para dar providencias sobre a luz. Ouvia-se de espaço a espaço a voz do Casusa berrar saudes com uma insitencia de ebrio. Cordeiro levantou as pernas sobre a meza e deixou-se cahir n'uma prostração.

Entretanto, Freitas, sempre tezo, sem alteração alguma, com a roupa perfeitamente engommada, pedio — venia para erguer um modesto brinde! Limpou a superficie dos labios com o guardanapo dobrado, que pousou depois vagarosamente sobre a meza, passou a enorme unha de seu dedo mindinho no bigode e, fitando uma compoteira de doce de pacovas, declamou emphaticamente, com a mão direita erguida na posição de quem segura uma pitada.

— Meus illustres e respeitabilissimos senhores!... Houve uma pausa.

— Não poderíamos pela ventura terminar satisfatoriamente esta tão pequena quão antiga festa de familia, sem brindar uma pessoa respeitavel e digna de toda consideração e respeito!... E porisso —eu —o mais insignificante, o mais insufficiente de todos nós!...

— Não apoiado! Não apoiado!

— Apoiado! dizia o Cordeiro com os olhos vidrados.

(pg. 217)

— Sim! Eu, cuja voz não foi bafejada pelo dom sagrado da eloquencia! Eu! que como os Cicero, os Demosthenes, os Mirabeau, os João Estevão, etcetera, e etcetera! não possuo a palavra divina!... Eu! meus senhores! vou brindar... a quem?!..

E desenrolou um repertorio interminavel de chapas mysteriosas e apropriadas á situação, exclamando no fim, cheio de sibilos — Inutil é dizer o nome!...

Todos perguntavam entre si com quem seria o brinde —houve teimas, fizeram-se apostas.

— Mais do que inutil é dizer o nome, continuou o discursador, gosando do effeito que produzia sua indirecta —mais do que inutil é dizer o nome! quando vós já sabeis de sobra que fallo com referencia a excellentissima senhora D.Maria Barbora Mendonça de Mello!

Houve uma balburdia — D. Maria Barbora! D. Maria Barbora! gritavam muitas vozes. E todos se voltaram para o interior da casa.

— Minha sogra! D. Babu! Maria Barbora! chamavam.

Afinal appareceu a brindada, trazendo na mão um candieiro aceso.

— Cá estava! cá estava!

E, toda desfeita em risos, tomou o primeiro copo que lhe apresentaram.

Seguiram-se os hups formidaveis, e a musica rompeu a tocar o hymno nacional.

Maria Barbora levou o candieiro a bocca —causou riso.

(pg. 218)

— Chit! fez o Dias empallidecendo e segurou a cabeça — Com os diabos!

— Que é?! que é?!

Todos se voltavam para elle.

— Nada! nada!...

E Dias disfarçava —é que só agora á vista da luz, se lembrara de não ter apagado a vela no quarto de Maria Barbora.

Servio-se o café e os licores, o cognac e a canna capim.

Dias estava preocupado — Ora ter se esquecido de apagar aquella maldita vela!...

Sebastião desapareceu da meza com o Casusa, e todos, pouco mais ou menos excitados pelos vinhos, aproximaram-se pesadamente dos parapeitos da varanda. Fizera-se noute.

O Cordeiro sapateava um fadinho ao tom do hymno nacional, todo se derretendo; o Serra, boleando e seu respeitavel ventre, foi desafiado pela gorda Lindoca e dansavam ambos; o Serra puxou Manoel e com o exemplo do patrão dansaram o Villa Rica e o Manoelsinho, sem mais se lembrarem das conveniencias commerciaes.

O Faísca, que afinal embebedou-se de todo, dera para chorar espectacularmente —lamentava-se, gritando com ancias e suores frios —dizia sentir um desgosto tremendo da vida, uma resolução inabalavel de suicidar-se e uma vontade estúpida de vomitar.

Nisto um buscapé, descrevendo no ar um caracol **(pg. 219)** de grossas faíscas, veio cravar-se no parapeito da varanda, bem no lugar em que estava Amancia.

Foi um espalhafato!

Amancia recuara tossindo, suffocada, e o Cordeiro afiançava que, indo ella tomar folego, engolira um buscapé aceso.

— Credo!

Anna Rosa, com o susto, correeu até o fundo da varanda e cahio tremula nos braços de Raymundo, que, sem saber o que fazia, perturbado das impressões fortes do dia e um pouco de vinho —olhou em torno e deu-lhe dous beijos mestres.

Os buscapés repetiam-se sem intermitencia na quinta. Acenderam-se os candieiros e illuminou-se de cera, no fim da varanda, o altar, onde S. João Baptista, no meio do esplendor, com um cordeiro no braço e segurando um cajado de prata, resplandecia n'uma immobildade tosca de santo de páo.

Ficou tudo claro e alegre. Os musicos foram para meza e distribuiram-se fogos por todos os convidados —as moças acendiam pistolas; os homens carretilhas, foguetes e bombas. Levantou-se defronte da casa uma grande fogueira de barricas

alcatroadas. As pistolas cuspiam suas balas multicores e luminosas; as bichinhas corredeiras, as carretilhas e os buscapés crusavam-se no ar com phrenezi.

Dias passeava no fundo da varanda, pensativo, sem dizer uma palavra, lembrando-se do quarto de Maria Barbora —aquellas pistolas, brancas e compridas, mais **(pg. 220)** o irritavam, porque todas ellas tinham o feitio das malditas velas de stearina

Depois de jantar a banda de musica retirou-se, tocando uma cousa alegre.

— Seu Casusa, dizia Bibina —me acenda esta rodinha!

— Ui! gritava por outro lado a Eufrazinha, procurando queimar uma pistola — tenho medo disto, que me pello!

— Pegue com o lenço, aconselhava a tia Sarmento.

— Seu moço, me escorve isto, por seu favor!...

Raymundo, ao lado de Anna Rosa, acendia-lhe os fogos e fallava-lhe baixinho sobre casamento.

— Porque não me pedes amanhã a papae?... mamãe foi pedida justamente no dia de S. João!...

— Pois bem, amanhã! prometteu Raymundo, com um olhar feliz.

— Não m'enganas, Raymundo?

— Não! e tu, dize-me —tens-me bastante amor!?

— Adoro-te!

— Ah! gritaram — chegou o padre!

Era de facto o frei Lamparinas, que vinha cantar a ladainha, acompanhado de quatro sujeitos com ares de vagabundos —caras avermelhadas pelo uso immoderado do alcool, cabelleiras a nazareno, palitôts, insufficientes, olhar morto, cansado, cheio de insomnias e movimentos reservados de quem não é conhecido pelo dono da casa.

Eram quatro musicos de contracto —homens af- **(pg. 221)** feitos as serenatas, aos chinfrins de todo genero, com os estomagos encharcados de gordura, a cara biliosa, toda respirando digestões pezadas e tardias, comesainas fóra d'horas. Um trazia um violão debaixo do braço, outro uma flauta, outro um piston e outro uma rabeca. Entraram em rebanho, com os pés surdos e foram se assentar, modestamente

risonhos, ao comprido da varanda, em um banco, a cochicharem entre si, olhando com tristeza gastrica para os destroços da mesa.

Havia no todo suarento e gasto destes homens uma afinação completa, o mesmo todavia não diriam de seus instrumentos, que se achavam sempre em completa discordia.

Casusa foi o unico que os complimentou particularmente, fallou a um por um, dando-lhes o nome e recebendo o tratamento de tu. Fez logo vir uma garrafa e servio-os com intimidade, fallou-lhes de outras pandegas em que estiveram jntos —riram.

Manoel, á rogos da filha, offereceu de comer immediatamente ao padre e aos musicos. Recusaram-se, promettendo ceiar depois da ladainha. Desappareceu a mesa e disposeram-se todos para a nova festa, que ia principiar.

Os fogos continuavam na quinta. As barricadas estalavam, fiscalisadas por Benedicto. Havia um clarão geral, quente —as arvores tinham reverberações vermelhas, a athmosphera estava cheia de fumo. Reinava um cheiro marcial de polvora queimada. As (pg. 222) mãos encardiam-se; as roupas queimavam-se com as faiscas; repetiam-se os estalos e os *chan-chôn* dos buscapés. Algumas pessoas saltavam as fogueiras, e outras de mãos dadas, passeavam em torno dellas, com solemnidade.

— Quer ser minha commadre, D. Annica? perguntou Casusa a Anna Rosa.

— Vamos lá.

E desceram á quinta, levantaram as mãos seguras sobre a fogueira e passaram tres vezes em volta della, rezando — Por S. Pedro! Por S. Paulo e toda a côrte do ceu!

Na varanda Lamparinas dava tranquillamente, no meio de um grupo, a noticia de ter havido incendio na praia grande.

— Fogo? disseram todos.

— Fogo?! repetio o Dias sobresaltado e deitou a correr pela quinta, sem attender a ninguem.

— Está doudo! commentaram alguns.

Freitas expunha a Raymundo o inconveniente daquelle brinquedo brutal de fogo —quasi sempre havia na cidade incendios nos dias de S. João e S. Pedro; em quanto o Serra, apontando para o lugar em que desapparecera o Dias na estrada, dizia a uma

orelha de Manoel — Aquillo é que é um caixeiro!...tenho-lhe inveja, acredite, seu collega!...

Lamparinas procurou tranquillisar o animo dos dous **(pg. 223)** negociantes — Manoel e Serra, declarando que o fogo tinha sido na praça do commercio e que não attingira lá muito grandes proporções — áquella hora, dizia o padre — era de suppor já não houvesse vestigio de incendio.

Varreu-se a varanda. Estenderam-se esteiras de meaçaba sobre o tijolo, onde tinham de ajoelhar as devotas. Acenderam-se mais algnmas velas no altar de S. João, onde o padre Lamparinas devia celebrar a sua millesima ladainha, segundo o que nesse momento acabava de dizer o Freitas.

— Millesima?! perguntou Raymundo pasmado.

— Admira-se, hein?... volveu o homem da unha — pois olhe! só neste sitio, a julgar de um pequeno calculo, que dei-me ao trabalho da fazer na semana passada — tem elle cantado nunca menos de 657 ladainhas.

E Freitas contou circumstanciammente o classico costume daquella festa — Hoje já não se faz nada, a vista do que se fez! dizia — Bons regabofes, tivemos no tempo do coronel, em que se faziam trezenas de S. João! e era dansar para ahi toda a noite, sem descansar! Meu amigo —era uma brincadeirasinha que rendia seguramente meio mez de verdadeira folia!

E com um ar mysterioso, como quem vae fazer uma revelação de grande importancia — Quer que lhe diga?!... as moça de hoje não valem as velhas daquelle tempo!

(pg. 224)

E cascalhou uma risada secca, como si tivesse dito alguma cousa engraçada.

Os fogos continuavam ainda e os animos nada se tinham refrescado, quando abrio-se a porta de um quarto e appareceu o padre, todo paramentado com a sua sobrepeliz nova, o livro das rezas entre os dedos, os oculos montados no nariz adunco,

os passos solenes, o ar cheio de religião —e encarapitou-se nos degrãos do altar, annunciando que ia principiar a ladainha.

Fez-se um grande rumor de saias, e as mulheres ajoelharam-se defronte do padre.

E do alto, contra a luz amarella das velas do altar, desenhava-se o vulto de Lamparinas, anguloso, com os braços levantados para o tecto, em um extasis venal.

Os homens aproximaram-se todos, a excepção de Faisca que dormia. Alguns ajoelharam-se. Atiraram-se fóra os charutos em meio; deixaram-se em paz os buscapés; houve silencio e a voz funebre de Lamparinas chiou confusamente a —*Tua Domine*

— Então não temos jaculatoria?! perguntou Amancia scandalizada.

Lamparinas atirou-lhe uma olhadella reprehensiva e concentrou-se de novo em sua oração, concluindo:

— *Presentamos, Senhor, estas offertas, sobre os vossos altares, para celebrarmos esta festa, com a honra que é devida ao nascimento d'aquelle santo, que, alem de annunciar a vinda do Salvador ao mundo, nos mos- (pg. 225) trou também que era já nascido o mesmo Jesus Christo nosso senhor, que com nosco vive e reina em unidade.*

— Apoiado! gritou o Cordeiro.

Houve um sussuro de indignação; no entanto, entre a tosse, os escarros seccos e alguns espirros dispersos, continuou a voz do Lamparinas, estropeando o seguinte trecho latino.

— *Gratiam tuam, quæsumus, Domine, meutibus nostris infunde, ut qui Angelo nuntiante Christi Filii tui incarnationem cognovimus, per passionem ejus et crucem ad resurrectionis gloriam perducamur. Per eundem Christum Dominum Nostrum. Amen!*

Amen! disseram em côro.

E a voz do Lamparinas chilreava, acompanhada pela musica.

— *Kyrie eleison!...*

E os devotos e devotas respondiam cantando em todos os sons — *Ora... pro. . nobis!*

E o *is* final ia longe.

— *Christe eleison!...*

— *Ora pro nobis!...*

Destacava-se a voz grossa e avinhada do Cordeiro, que sempre se atrasava e demorava no *bis*.

— Diabo do herege!... resmungou Amancia contrariada.

— *Pater de coelis, Deus, miserere nobis!...*

— *Ora pro nobis!...* insistia o auditorio.

— *Fili Redemptor mundi, Deus miserere nobis.*

— *Ora pro nobis!*

(pg. 226)

E o padre Lamparinas no fim de um quarto de hora, sentia-se plenamente em seu elemento —entusiasrava-se com a musica, cantava, marcando o compasso com o pé e quasi dansando.

— *Sancta Maria,*

— *Sancta Dei genitrix!...*

— *Sancta virgo Virginum!*

— *Mater purissima!*

E o côro sempre a responder — *Ora pro nobis!*

Mas o especialista das ladainhas teve de interromper o seu entusiasmo, porque em torno de Maria do Carmo, levantava-se um zum—zum.

— Que tem minha tia?!... disse Etelvina com alvoroço.

— Mamãeoutrinha! Jesus! valha-me Deus!

— O que é?!

— Que foi?! Que tem?! Que succedeu?!

Ninguém sabia. Entretanto Maria do Carmo, ajoelhada, hirta, com o queixo enterrado nas clavículas, tinha uma imobilidade aterradora no olhar.

— Credo! gritou Amancia benzendo-se.

As sobrinhas pozeram-se logo a chorar ruidosamente; Anna Rosa, Eufrazia e Lindoca imitaram-nas no mesmo instante. Todos correram para o lugar do sinistro —os

musicos com os instrumentos debaixo do braço, Lamparinas com o manual de rezas marcado pelo indicador da mão direita.

Ouvia-se roncar estranhamente o ventre de Maria **(pg. 227)** do Carmo. Raymundo abriu caminho, chegou onde ella estava, suspendeu-lhe a cabeça e, quando a soltou, uma golphada de vomito podre jorrou pelo corpo da doente.

— E' um volvulo! disse elle, voltando a cabeça.

— Do latim —*volvulus!* segredou-lhe o Freitas pedagogicamente.

Maria do Carmo foi carregada para o quarto —estenderam-na em uma marquezia. Pingava-lhe de todo o corpo o suor copioso e frio, tinha o ventre duro como pedra. Raymundo fez darem-lhe azeite doce e aconselhou que comprassem — *electuario de sena*. Correu-se a chamar um medico na cidade.

A doente voltou a si, mas sentia colicas horriveis, uma comixão no corpo, queixava-se de grande seccura e delirava. Dahi a meia hora vieram de novo os vomitos —cresceram as agonias, augmentaram os rebates intestinaes. A pobre velha estorcia-se, arranhava a palhinha da marquezia, cravando as unhas na madeira; afinal veio-lhe a prostração —deu um arranco e ficou immovel.

Raymundo pediu um espelho —collocou-o defronte da bocca de Maria do Carmo, observou-o depois, e disse seccamente — Está morta.

Foi um berreiro geral. Etelvina cahio para traz, estrebuxando com um hysterico. Manoel arredou a filha daquelle logar. Accudiram todos de casa. Os sentimentos, no geral entorpecidos pelo vinho, acordaram **(pg. 228)** como por encanto —a situação tornou-se incontinente funebre.

Cordeiro, em seu juizo perfeito, ajudou a carregar o cadaver, afastou cadeiras, arrastou uma commoda e preparou o *mis en scene* da morte.

Invadiram o quarto. Os pretos do sitio chegaram-se com medo, aterrados —o olhar parvo, a bocca aberta. Em menos de duas horas Maria do Carmo estava estendida em um canapé, illuminada por velas de cêra, lavada, vestida de novo e penteada.

Sobre a commoda a inalteravel imagem de S. João Baptista e, ajoelhado no chão, com o olhar fito no santo, o conego rezava uma oração adequada ao acto.

Manoel expedio recados para a cidade. Maria Barbora fechara-se em seu quarto e atirara-se na rede, a rezar com um furor maniaco.

Houve confusão geral. Só Amancia conservava sangue frio —estava no seu elemento, ia e vinha, dava ordens, dispunha tudo, aconselhava, chorando quando era preciso, consolando os que choravam, dizendo rezas, citando factos, repetindo as frases da occasião, mandando, ralhando com quem não obedecia e pondo ella mesmo em pratica as suas ordens.

As dez horas da noite uma rede de algodão, enfiada em uma taboca de muitas cores, e segura nas extremidades por dois pretos vigorosos, conduzia o cadaver de Maria do Carmo, para o sobrado do largo das Mercês, com grande acompanhamento de homens e mulheres e precedido por Benedicto, que ia na frente, **(pg. 229)** illuminando o funebre cortejo com um enorme archote.

Lamparinas caminhava furioso, atirando as pedrinhas soltas da estrada e dando-se aos diabos pela má observancia do antigo e confortador proverbio —*O padre onde canta, lá janta!*

(pg. 231)

IX

Maria Barbora, apesar da preocupação em que vinha, dera logo, entrando no quarto, com a vela gasta até o fim e com o singular caracteristico de seu milagroso S. Raymundo. Ficou aterrada. E na sua ignorancia atirou-se de joelhos defronte do oratorio, a rezar.

Outro qualquer espirito menos supersticioso —ter-se-ai massado com a pilheria, não ella, devota e absurda, como o geral das velhas brasileiras. Para Maria Barbora tudo aquillo era admissivel —era um milagre! Justamente como rezam os cathecismos, que se dão na escola e como a propria professora lhe ensinava no collegio —um mysterio incomprehensivel.

— Não havia que duvidar, pensava ella — Deus tinha-se servido daquelle engenhoso ardil para prevenil-a de presentes e futuras calamidades.

— De certo! observou a primeira pessoa que foi sobre isso consultada.

O facto foi muito commentado, tanto em casa de Manoel, como na de todos que se davam com Maria **(pg. 232)** Barbora. Muito se fallou a esse respeito no Marahão — gente estranha á casa tirava licença para ver *com os seus proprio olhos o milagre*. A imagem esteve exposta —foi muito visitada. Um padre, em apuros de cobre, pedio que o deixassem photographar o santo e publicou um sermão a esse respeito. O milagre foi conhecido em toda a cidade —citaram-no do pulpito para exemplo; os professores explicaram-no com respeito aos seus discipulos do alto de suas cadeiras —houve um, que levou o collegio em forma para visitar a imagem milagrosa. Nas casas de familia repetia-se o celebre facto, emprestando-se-lhe côres mais carregadas —as negras entravam da rua contando, com o olhar aterrado, que tinham visto o S. Raymundo e que elle nessa occasião chorara. Outros afiançavam que o santo chegara a fallar.

Entretanto Maria Barbora, a conselho de Diogo, promettera a S. Raymundo uma missa cantada.

Em casa de Manoel as noutes passavam-se entre beatas a discutir o enigma — que a vela gasta referia-se directamente a morte de Maria do Carmo, eram todas de acordo, porem quanto a tismadura, divergiam as opiniões, posto que concordassem igualmente no mesmo ponto de partida, que era Raymundo.

— Alguma lhe quer pregar o traste, D. Babú! tome cuidado, minha rica!

Outros affirmavam que ali andava segredo de familia, que só Raymundo podia esclarecer.

(pg. 233)

E Maria Barbora, entre orações e promessas, pedia a S. Raymundo que tivesse a amabilidade de explicar-se melhor e de protegê-la de más tentações. Anna Rosa resentia-se de todas estas cousas e não se animava a dar uma palavra a respeito de seu projecto de casamento — O que estará para succeder? perguntava ella nas rezas, e, cheia de duvidas, de desconfianças, fechava-se aos olhos de todos, até do proprio

pai, que apesar da força moral do conego, chamava a rir o milagre de S. Raymundo — Pomadas de minha sogra!

Raymundo, quando voltou do sitio na vespera de S. João, recolheu-se fadigado ao seu quarto, entregando-se abertamente ás impressões estranhas e variadas que experimenta, mas, apesar da fadiga, não conseguiu repousar —precisava de ar livre! Vestio-se novamente e tornou a sahir.

Seriam onze horas da noute —a cidade tinha o movimento peculiar as noutes de S. João —brilhavam em varios pontos clarões vermelhos de fogueiras e ouviam-se estalos destacados.

Maria Barbora e Anna Rosa, tinham ido directamente para a casa da defunta, foi para ahi que se dirigio Raymundo.

— Seria crível, pensava elle pelo caminho, que estivesse tão embeijado por Anna Rosa?!... não estaria enganado?... não seria tudo aquillo uma dessas impressões passageiras, que nos causa um rosto bo- **(pg. 234)** nitinho em dias de bom tempo? — verdade é que era a primeira vez que se sentia tão tomado de desejos, mas enfim! concluiu —era preciso dar tempo ao tempo!...

E interiormente satisfeito com a idéa de possuir Anna Rosa, caminhava para as Mercês.

Nessa occasião reuniam-se em casa dos Sarmentos as amigas da defunta — o enterro seria no dia seguinte a tarde. Os conhecidos do commercio mandaram para lá obsequiosamente seus caixeiros fazer quarto e encher as cartas de convite. Chamara-se um armador para preparar a casa; fallou-se a um photographo para retratar no dia seguinte o cadaver; tomou-se medida deste e encommendou-se o caixão; discutio-se a vestimenta que devia levar Maria do Carmo —resolveu-se que seria a de Nossa Senhora da Conceição, por ser a mais vistosa. Amancia offereceu-se logo para talhar a roupa —que não valia a pena encommenda-la ao armador —sobre vir mal feita, explicava ella —sahiria por um dinheirão — Não sei porque, dizia com

justiça —todos estes objectos de enterro custam o quadruplo do que podem valer —é uma ladroeira!... Por isso enriquecem tão depressa os armadores!

Mandou-se comprar logo setim côr de rosa, azul e branco, sapatinhos de baile, escomilha e filó para o veu, que seria franjado a ouro. Uns teimavam que a defunta devia levar um ramalhete de cravo na mão; outros opinavam justamente pelo contrario, conside- **(pg. 235)** rando, nem só a idade de Maria do Carmo, como o seu estado de viuva.

E choviam os exemplos.

— Outro dia —D. Pulcheria das Dores, apesar dos seus sessenta annos, levou na mão um enorme ramo de rosas vermelhas! e mais era casada!...

— E o que tem isso?! —D. Chiquinha Vasconcellos, foi com o caixão aberto, porem não levava nenhum ramalhete, e até digo-lhe mais —nem palma, nem capella! quando é sabido que ella, alem de que tinha a metade da idade de D. Maria do Carmo, era solteira!

— Mas ia com as faces pintadas de carmim! que é muito peor! ora ahi está!... alem disso dizia-se da Chiquinha o que todos nós sabemos! Deus me perdôe!...

Uma mulata gorda appareceu com a espada de Alexandre e cortou o nó gordio da questão, declarando que o ramalhete podia ir escondido no caixão por debaixo do habito. Todos concordaram.

Dava meia noute. Varios caixeiros retiravam-se com um maço de cartas, que deviam entregar pela manhã. Algumas familias, vestidas de preto, despediam-se com beijos, pedindo desculpa por não poderem ficar até a hora do enterro. O armador martelava na sala. A noute caia no silencio —ouvia-se um ou outro busca-pé retardado. Na rua, grupos variados de rapazes passavam para o caminho grande, n'uma algazarra molecoria. Do alto da Carneira vinha um sussurro de **(pg. 236)** *Bumba meu boi*. Principiavam a solfejar os gallos. Cães vadios uivavam tristemente ao longe com uma insistencia monotona. No céu levantava-se uma fatia de lua, triste, descorada, como se apparecesse por honra da firma, e todavia um homem d'escada ao hombro ia apagando os lampeões na rua.

Raymundo chegara á casa das Sarmentos e parara á porta, defronte de um grande reposteiro de velludo preto, com uma cruz de galões amarelos.

Era uma casa velha, um desses antigos sobrados do Maranhão, cuja especie vae desaparecendo todos os dias. Edificio de côr duvidosa, com cincoenta palmos de alto e outro tanto de largo, barra de *blacverniz*, mostrando a caliça em varios pontos, cinco janellas de peito, enfileiradas sobre quatro portas lizas e um portão central, pezado, batente de cantaria. Uma cimalha quebrada e suja, com uma fileira de telhas desiguaes, cujas falhas davam-lhe o aspecto de um resto de dentadura.

Era um vestigio dos jesuitas —construcção dos tempos coloniaes, quando o material estava a mão e se arrancavam, sem responsabilidade, das matas e das pedreiras as opulentas madeiras e as bellas pedras, com que levantavam-se, em terrenos aforados, paredes de uma braça de largura e degraos e portas de páo santo. A casa tinha um madeiramento secular —páo d’arco, páo setim, bacury, jacarandá e pequi —madeiras que valem o ferro e contra as quaes o prego muita vez fraquea.

(pg. 237)

O corredor respirava um caracter sepulchral. Atravessando-se o patamar de cantaria subia-se logo uma escada pezada, com os degraos muito espaçados e acompanhada de um corremão de madeira preta, toscamente gasta e lustrada pelo uso. Defronte do corremão via-se, á claridade insufficiente e triste de uma lanterna de kerozene, o signal gorduroso das mãos porcas dos escravos. O tecto e as paredes tinham logares carbonisados pela luz da lanterna.

A escada era dividida em dous lances dispostos ao contrario um do outro. No fim do primeiro lance Raymundo parou, encommodado pelo ar abafado e insalubre do corredor, e considerou sobre o antigo costume maranhense de fechar toda a casa quando nella morre alguém.

Na sala, forrada de um tapete venal e cheio de pingos de cêra, estava um grande taboleiro de paparauba, contendo tochas enormes, cirios de madeira e folha de flandres, pintadas, de amarello. Das paredes, forradas de velludo preto, destacava-se um altar embonecado, cheio de lantejoilas, com toalhas de rendas, galões casquillos, vazos de metal, com palmas de papel, sujo de moscas; no centro do altar um veneroso

Christo de latão, azinhavrado em alguns logares; defronte a eça, enfeitada pelo mesmo gosto requintado do resto, esperando, com a pachorra de um jumento, o caixão, que a essas horas se preparava em casa do Manoel Serigueiro.

Empoleirado n'uma escada e de martello em punho, **(pg. 238)** um armador, em mangas de camisa, pregava com alfinetes de ferro bambinellas bordadas, contornando o feitio das portas e janellas.

— A que horas é o enterro, perguntou-lhe Raymundo.

— As quatro e meia, disse o armador sem voltar o rosto.

Da varanda vinha um murmurio de vozes —Raymundo seguiu para lá.

Era uma varanda larga e alta, toda caiada e aberta para o quintal; o tecto mostrava as telhas e caibros irregulares, donde pendiam melancolicamente teias de aranha. A um canto de páu santo sustentando em buracos redondos dois potes bojudos, de barro vermelho; sobre o parapeito da varanda uma fila de quartinhas, do mesmo barro, esfriavam a agua. Em uma das janellas um armario de bacury e logo ao pé a escada para o quintal.

Em volta de uma meza dez homens, a titulo de fazer quarto, jogavam cartas, riam, conversavam e repetiam chicharas de café e calices de cognac, entre pilherias discretas, segredadas, e o fumo espesso dos cigarros.

Quando Raymundo entrou dizia um dos assistente em voz baixa a outro — Já não sou homem para estas pandegas! —por mais que beba café sinto somno!... E bocejava — Mas não podia deixar de vir, era uma ocasião de encontrar-se com a pequena...

— Conhecias esta typa que morreu?!

— Não, creio que a encontrei uma ou duas vezes **(pg. 239)** em casa do Manoel Pescada, já estive a olhal-a —é horrivel!

— Pois ali onde o via, estava furioso! Affirmava o outro —o patrão mandara-o p'ra li, mas com pouco arribava, porque tinha um pagode no Cutim e não queria perdello.

— Tambem aquella velha não se podia lembrar de morrer n'outra ocasião!...

— Logo naquelle dia! vespera de S. João!

— Era o diabo!

E bocejaram ambos.

— Quem é este typo! perguntou um dos jogadores, vendo entrar Raymundo —
Corte com os tres de éspadas.

— E' um tal Raymundo, um sujeito que o Manoel Pescada tem em casa por
caridade.

— O que faz elle? — Dama!

— Diz que é Doutor — E' meu!

— Não parece máo rapaz!...

— Fia-te!

— Já te pregou alguma? hein? conta-nos isso!

—Não te digo mais nada —fia-te na virgem e não corras!

Fizeram uma pausa em que se ouvia atirar cartas na meza, com uma pancada
de dedos no tapete.

— Mas de que vive elle?! perguntou o sujeito que se informava de Raymundo —
Venha o áz.

Ora do que vive?! Você não tem copas?... Pergunte a toda essa gente sem
emprego, de quem of- **(pg. 240)** ficialmente se diz —vive de agencias... e ficará
sabendo — Ganhei!

— Mas o que é do Manoel?

— Dizem primo, respondeu o outro baralhando as cartas.

—An!

— Dê cartas!

Raymundo cumprimentou e perguntou pela familia da defunta.

— Estava fazendo quarto —entrasse por alli.

E indicaram-lhe uma porta.

Logo que Raymundo deu as costas o sujeito que estivera a fallar levantou o
braço e fez-lhe uma acção feia — Toma!

— Gosto muito destes typos! disse outro em voz alta para o grupo, depois de um
silencio —todos elles são muita couza lá por fóra — Porque eu fiz! e porque eu

aconteci — Porque isto é uma aldeiola! é um chiqueiro! —e no entanto todos elles veem-se metter no chiqueiro e daqui não saem!...

— Meu amigo —não ha Maranhão como este!...

— Mas dizem que este cabra tem alguma couza! arriscou um terceiro.

— Qual nada!... você ainda come araras!... todos elles dizem ter mundos e fundos!... Gosto deste Maranhãosinho porque não perdôa typo algum, que venha p'ra cá com pomadas! —o sujeito aqui, que se quizer fazer mais sabichão do que os outros, hade levar na cuia dos quiabos, para não ser pedante! Diabo dos **(pg. 241)** burros! —si sabe muita cousa, que diabo! —guarde para si a sabedoria, que ninguem por cá precisa della!... e não se metta a escrevinhar livrinhos e artigos para o jornal, que isso é ridiculo!... Lá o meu patrão é quem sabe se haver com estes espuletas! —ainda ha pouco tempo elle precisou ahi não sei de que papel para o sobrinho, que tinha chegado do Porto —e vae pede a um doutorsinho, muito nosso conhecido, que lhe arranjasse isso. O que pensam vocês que respondeu o tal bisca ao patrão.

— Que não sabia.

— Pois mandou-o plantar batatas!... Chamou-o de toleirão — que o que elle queria era um absurdo, uma asneira!

— Sim, hein?!

— Com estas palavras!... estou lhe dizendo!... Ah! meu amigo —mas tambem o patrão pregou-lhe uma de respeito!... você sabe que o Lopes em questões de capricho não se importa de gastar dous vintens!...

— Sim! como aquella questão da commenda!...

— Pois bem! —elle foi ahi a um outro typo e encommendou-lhe uma dessas descomposturas de criar bicho!

— E então?

— Ora! —si bem o patrão o disse, melhor o typo o fez!... Ora espere!... como era mesmo o nome da cousa?... era...era... estou com o diabo na ponta da lingua!... Ah! era um anonymo! Meu amigo —uma **(pg. 242)** descompostura que poz o tal doutorsinho de borra mais razo que o chão!...

— Ah! isso foi com o Mellinho!

— Foi —você leu, hein?!

— Ora! mas aquillo do Lopes foi de mais —desacreditou o pobre rapaz!. .

— Não sei! bem feito!...

— E segundo me consta seu patrão nem tudo o que dizia no tal anonymo era verdade!

— Não sei!... mas o caso é que elle esfregou o typo!

— Ora o que não se pode negar é que o Mellinho é um moço intelligente e muito honesto!

— Que lhe faça muito bom proveito! coma da sua intelligencia e beba da sua honestidade —Meu menino, deixemo-nos de patacuadas! O tempo hoje é do cobre! — honesto e intelligente é isto!

E com os dedos fazia signal de dinheiro — Tivesse eu o gimbo e pouco m'importava a bocca do mundo!

— Sim! são modos de ver!...

— Trate de arranjar-se e me dirá depois si é ou não o sabio, o virtuoso, o nobre senhor commendador!... ao passo que póde você ser honesto toda a vida, si fôr necessitado será sempre ridiculo —é o caloteiro, o intrigante, o ladrão! —E para prova olhe ahi para a nossa sociedade!...

E citava nomes muito conhecidos, contava historias medonhas de contrabandos, de grande ladroeiras de notas falsas, do diabo!

(pg. 243)

— Sim, sim! isso é velho! mas que fim levou o Mellosinho?

— Sei cá! muscou-se para o Sul! que o leve o diabo!

— Pois olhe! eu gosto daquelle rapaz!...

— Não lhe gabo o gosto!

Raymundo, depois de atravessar um quarto, achou-se na sala, defronte de uma roda de senhoras de todas as edades, que, assentados, fitavam, com o olhar cansado e somnolento, o cadaver de Maria do Carmo.

Em uma rede, no canto da sala, soluçava Etelvina, com a cabeça escondida entre travesseiros; ao lado uma mulata gorda e enfeitada de ouro —sáia de seda preta

e toalha de rendas sobre os hombros, dizia machinalmente as frases da consolação. Assentada na esteira, Amancia talhava o habito de nossa senhora da Conceição, com que a defunta devia ir esplendidamente phantaziada para a sepultura, como se fosse para um baile de mascarar.

Não obstante, tudo nessa sala, tirante o vestuario, respirava luto e tristeza —na parede os quadros de retratos da familia estavam cobertos por um vasto crepe; o do tenente Espigão, detestavelmente pintado a oleo, com um collorido cru, tinha atravez do veu, um sorriso duro de beijos vermelhos. No meio da sala, em um sofá de gosto antiquado, costa de palhinha envernizada, decompunha-se o cadaver da velha Sarmento —tinha o rosto coberto por um lenço de labyrintho, as mãos amarellas, crusadas sobre o peito e for- **(pg. 244)** çadas por uma fita reles, de seda ordinaria, as pernas esticadas, o cabello muito penteado para traz. O corpo mirrava-se, hirto, um pouco empanado no tesão dos musculos. Sobre o ventre opado um prato grande cheio de sal.

Do quadro, Espigão olhava para ella com um riso idiota.

A' cabeceira do canapé, sobre uma mesinha coberta por uma toalha de rendas, um Christo colorido estava de cabeça pendida, os braços abertos e pregados na cruz. Duas velas de cera derretiam-se no logar do bom e do máo ladrão. Ao lado uma vasilha de agoa benta e um galhinho de alecrim; mais para frente havia uma nossa senhora pequenina, de barro.

Sentia-se soluços discretos e o crepitar secco das velas.

Raymundo aproximou-se do cadaver e, por curiosidade, descobrio-lhe o rosto — estava descorado, feio, com os raros dentes a mostra, os olhos mal fechados, mostrando um branco baço, côr de sebo; dos queixos subia-lhe ao alto da cabeça um lenço para segurar a mandibula.

Principiava a feder.

Nisto entrou na sala uma negrinha com uma grande bandeija de ferro, cheia de chavenas de café.

Serviram-se.

— Minha senhora uma chicara de café! offereceu Raymundo a uma menina bonitinha, que fazia quarto ao lado da defunta.

(pg. 245)

— Muito agradecida, seu Mundico —eu ja tomei aindagorinha mesmo!

De vez em quando ouvia-se um suspiro secco.

Um grupo de mulheres conversava, em voz baixa sobre as boas qualidades, as virtudes e a prestabilidade da defunta. Tinham a voz soturna, o ar cheio de cautellas, como si temessem acordar alguém ou ser ouvidas pelo objecto da conservação.

— Era para um tudo!... dizia a mulata, compungida —devo-lh'as muitas! que as hei de pagar com padre-nossos! Ainda s'tr'outrodia, quando me atacou a pneumonia na pequena, com quem foi que me achei?!... pois olhe que os doutores de carta não lhe souberam dar volta! E hoje, minha rica senhora? —ella está ahi fina e lampeira, que faz gosto! ao passo que a pobre D. Maria... até parece caçoada!

E apontou para o cadaver com um gesto desconsolado —Ao menos descansou, coitada!

— Não *semos* nada neste mundo! suspirou, com a mão no queixo, uma mulhersinha magra, que até então conservava uma immobilidade de estatua —e contou a historia de uma sua conhecida, que ha trinta annos morrera no vigor da idade.

Este caso puxou outros —foi um cordão de aneddotas funebres.

A mulata gorda fechou a rosca contando, muito sentida, a historia de um papagaio de grande estimação, que possuira, que um bello dia, cantando a *Maria Caxuxa*, cahira para traz — morto!

(pg. 246)

— Credo! fez Amancia.

E voltando-se para a mulata — Nhá Maria! esta espiguiilha é toda para o veu? ou tem de se tirar daqui tambem para os laçarotes!

A morte de Maria do Carmo veio como que alterar a situação.

Uma semana depois do passamento chegou de Alcantara o irmão da defunta e, em seguida a missa do setimo dia, carregou comsigo as dias inconsolaveis sobrinhas.

Etevilna, embrulhada no seu vestido preto, de lã, encarecera o costume de dar suspiros. Bibina, com grande abnegação, trouxe o celebre cabello mettido em uma coisa de retroz. D. Amancia Souzellas, para carpir mais a vontade a morte da amiga, fôra passar alguns dias no recolhimento de nossa senhora da Annunciação e Remedios, ao calor confortavel das rezas e do caldo fôrro do refeitório. Etevilna, conhecendo frieza da parte de Anna Rosa, dava-se por magôada e não apparecia — Que notara de algum tempo para ali certo constrangimento, certo arsinho de fastio bem aborrecido da parte da amiga —Que Anna Rosa, já não era a mesma! —que não sabia quem lhe pizara o cachorrinho! —quo tinha plena convicção de estar sendo intrigada por alguma *insoneira*, mas possuia alma grande —deixava correr o pão para Caxias!

A repolhuda Lindoca tambem se ausentara, mas **(pg. 247)** essa, coitada! por desgosto de suas banhas —já não queria apparecer a pessoa alguma —de vergonha, tinha medo de fazer visitas, porque não confiava nas cadeiras communs. Entrara, a conselho do pae, a dar longos passeios pela madrugada, em quanto houvesse pouca gente na rua —queria ver si lhe descahiam as inxumdias, mas qual! —a enchente de gordura continuava a bolear-lhe cada vez mais os membros. A pobre rapariga já não tinha feitio. quando saia era obrigada a descansar de vez em quando; si encontrava alguem provocava logo um olhar de grande admiração, que a enchia de raiva; si succedia ir a alguma casa, só se conversava em gordura —vivia enjoada! Não podia mais uzar botinas —ficara condemnada ao sapato de panno, razo, frouxo, quasi redondo; as mãos perderam a liberdade de se encostar aos quadris; os braços estavam sempre abertos; o pescoço tinha roscas assustadoras! os olhos, o nariz e a bocca cada vez mais ameaçavam desaparecer na abundancia das bochechas —sua cara de longe produzia já o effeito de um ventre.

Lindoca, entretanto, se affeiçoara a linha recta —tinha predilecção por tudo que era secco, escorrido —olhava com inveja para os magricellas. Sempre que via o Frei Lamparinas ficava a scismar, no recolhimento tristonho de quem não pode obter o que deseja. Seu idéal era um tisico no terceiro gráo.

Freitas passava os lazeres a consultar tratados pathologicos, com o fim de descobrir a causa daquelle **(pg. 248)** engordar impertinente da filha [FALHA NA EDIÇÃO] o pobre homem massava-se com isso —tinha as cadeiras todas desconjuntadas — Nada! dizia elle desanimado —daquelle modo não lhe chegava o ordenado só para mobilia —e, como homem previdente, mandou fazer para Lindoca uma cadeira especial, com parafuzos fortes, madeira rija, de lei.

Maria Barbora desgostava-se com a situação e atirava para Raymundo as causas de seu desgosto. Queixava-se amargamente delle, dizia que, depois da chegada de semelhante homem, a casa parecia amaldiçoada! Chegou a pedir ao conego que lhe benzesse o quarto, e juntou á promessa da missa cantada em louvor de S. Raymundo mais a ajuda de dez libras de cêra, que mandaria entregar ao cura da Sé, no caso de não succeder-lhe alguma desgraça.

Pouco depois Maria Barbora, chamou em particular o conego e disse-lhe radiante de victoria — Sabe?!... ja descobri!

— O que?

— O motivo de tudo isto!

— O que é?

— O cabra é *bode*!...

— Bode?! como?

— E' bode! —é maçom!...

— Ora o que me conta a senhora?!... exclamou o conego, fingindo uma grande indignação.

— E' o que lhe digo, senhor conego! —o cabra é bode!

(pg. 249)

— Mas isso é sério?! como veio a senhora a saber?!

— Si é serio?... veja isto...

E cheia de repugnancia e tregeitos mysteriosos, tirou da algibeira o folhetosinho de capa esverdeada, que Dias subtrahira do quarto de Raymundo — Veja esta bruxaria, reverendo! veja, e diga ao depois si o damnado tem ou não parte com o cão tihoso! Pois si eu cá tinha um palpipe!...

E apontava horrorizada para a brochura, cujo frontespicio representava —um xadrez, duas columnas amparando dous globos terrestres, tendo uma no pedestal um T e a outra um C; no centro do desenho um martello, uma esquadria e outros emblemas, a direita um sol, no alto o olho da consciencia, a esquerda o firmamento com um quarto de lua, em baixo um C e mais abaixo uma estrella cheia de raios.

O conego tomou o folheto e leu na primeira pagina «Lenda maçonica ou conductor das lojas regulares, segundo o rito francez reformado.» E depois de observar o livro — tem toda razão! sim senhora! — cá estão os tres pontinhos da patifaria!...

E possuido já de uma raiva de partido leu na introdução do livro «Maçons: penetremo-nos da nossa dignidade! A rectidão de nossos votos, a união de nossos trabalhos, e a harmonia de nossos corações, alimentem sem cessar o fogo sagrado, cuja claridade resplandecente illumina o interior de nossos tem- (pg. 250) plos.» Sim senhora! disse o conego, entregando o folheto — Tem mais essa prenda! —alem de cabra é bode!

E sem transição — E' preciso pôr este homem fóra de cá!

— E quanto antes!...

— O compadre está ahí?

— Creio que sim —no armazem.

— Pois vou convencer-o. Até logo!

— Veja se consegue, reverendo! Olhe —lembra-me até que seria melhor desistir da compra da tal fazenda —esta gente quando não tisna, suja! Não imagina como me enche de raiva vel-o todo santo dia assentar-se á meza da janta, ao lado de minha neta!... Olhe que eu nunca esperei esta de meu genro! Nada! nada! é preciso pôr o homem p'ra fóra —isto assim não tem geito! As Limas já fallaram muito! —disse a Brigida que na quitanda do Zé Xorro perguntaram-lhe si elle estava p'ra casar com Annica! Isto não tem geito!... cada um ponha o caso em si! Pois então aquelle homem não pode conhecer o seu lugar?!... no fim de contas somos nós?!... Nada! é preciso pôr cobro a semelhante cousa! Falle a meu genro, senhor conego, falle-lhe com franqueza! olhe! pode dizer-lhe até que, si elle não quizer tratar disto, eu posso

m'encarregar de pôr a peste no olho da rua. Não vê que em casa, que cheira a Mendonça de Mello, se tem aquellas com um pedaço de negro!... lche!

(pg. 251)

— Está bom! está bom! Não se arreneque, D. Babú —pode-se arranjar tudo, com a divina ajuda de Deus.

E o conego foi se entender com o compadre.

— Homem! disse Manoel, depois de ouvir as razões do padre —lá de recambial-o para o diabo! convenho! porque enfim sempre é um mulato!... mas essa de não negociar a fazenda é porque não estou eu —seria tolice de minha parte, é boa! Pois si o Cancellia quer entrar em negocio com as terras e eu posso metter para a algibeira uma commissãozinha bem bôa! sem empregar capital algum e quasi sem ter trabalho —hei de agora metter os pés e deixar o pobre rapaz as tontas, em risco de cahir nas mãos de algum finorio?!... porque, venha cá, seu compadre —deitando o interesse de parte, com quem, a não ser comigo, podia o Mundico, coitado! se haver neste negocio!... Tambem a gente deve olhar p'r'estas cousas!...

— Bem! pois então, redarguiu o padre —trate disso com os demos, homem! Os dias estão se passando e já por ahi se rosna a respeito do casamento do mulato com sua filha! isso não lhe fica bem! si quer fazer o tal negocio —que diabo! faça-o! mas avie-se! mexa-se!...

Ficou resolvida a viagem para o sabbado seguinte.

Raymundo acolheu a noticia com um bom humor inexperado —até que afinal ia visitar o logar em que tinha nascido.

— Olhe! disse elle a Manoel —tenho um importante pedido a fazer-lhe!

(pg. 252)

— Si estiver em minhas mãos...

— Está...

— O que é?

— Cousa muito séria —em viagem conversaremos.

Manoel cossou a nuca.

(pg. 253)

X

A's seis horas da manhã do ultimo sabbado de julho, achavam-se Manoel e Raymundo a bordo do vaporsinho Pindaré, pertencente a nova companhia maranhense de navegação costeira.

Fazia um tempo abrazado, muito secco, cheio de luz. A viagem era incommoda, pela agglomeração dos passageiros que, no dizer chapa de um de bordo, iam —como sardinhas em tigella!

— No entanto, considerava Manoel —tudo aquillo estava muito melhor... já se viajava facilmente pelo interior da provincia —d'antes a navegação do Itapecurú tinha os seus quês!...

E passou a narrar circumstanciadamente as difficuldades primitivas de uma viagem ao Rosario —Aquella companhia assim mesmo viera prestar grandes serviços á provincia!... Deixasse lá fallar quem fallava —o unico inconveniente para elle era aquella maldita baldeação no Codó — isso sim,! era horrivel e se devia acabar quanto antes! mas que felizmente o (pg. 254) Rosario era a primeira estação e elle não tinha de soffrer a tal baldeação.

Ao amanhecer saltaram na villa do Rosario, em companhia de um antigo conhecido de Manoel, que ahi residia ha um bom par de annos. Era um portuguezinho de pouco mais de quarenta annos, fallador, vivo, brasileiro nos costumes, muito trigueiro — Venha cá p'ra casa e pela manhã seguirá o seu caminho, aconselhava elle a Manoel — Sempre lhe queria mostrar o seu palacio!...

— Sabe você, dizia em caminho —aquella baixa que pertencia ao Bento Manhoso? pois isso fica-me hoje no quintal —fiquei com a fazenda da viuva por uma *tuta é mea!* e hoje está produzindo que é aquillo que você pode vêr! O meu projecto é levantar uma engenhoca ahi perto, onde fica o igarapé do Ribas —quero ver se aproveito aquellas baixas p'ra canna, percebe, não?...

E dissertava largamente sobre a sua roça, seus projectos, ceusurou medidas mal tomadas pelos vizinhos e conversou sobre o *Barroso*. Barroso era a fazenda do Cancellia para onde se dirigia Manoel.

— São boas terras! são! muito limpas, muito abençoadas —quem foi que levantou o Luiz Cancellia?!

E sem transição —é verdade! uma occasião, creio que em conversa, elle me disse ser o senhor quem lhe aforara as terras —é verdade?

— Era, sim, fez Manoel.

— Ah! são suas?...

(pg. 255)

— Não! que eram daquelle moço.

E Manoel indicou Raymundo, que nessa occasião contratava, com um homem, que se fôra chamar, os cavallos para a viagem no dia seguinte.

— São muito boas terras, insistia o portuguezinho — o Cancellia tem as querido comprar por varias vezes...

— Pois comprava-as agora.

A noute, ao contrario do dia, fizera-se fresca. Depois da ceia cada um estendeu-se na competente rede. Raymundo queixava-se de pragas e maruins; Manoel meditava negocios, cochilando, e o portuguezinho não dava treguas á lingua —fallava das terras com um enthusiasmo crescente, contava maravilhas, mostrava-se phanatico pelo Rosario —affirmava não haver em todo mundo logar que se comparasse áquelle. E no empenho da conversa, arrastado pela descripção —augmentava, mentia.

Porém Raymundo interrompeu-o, perguntando-lhe si conhecia a antiga fazenda S. Braz? Estava impaciente por saber alguma cousa do logar em que diziam-lhe ter nascido.

— São Braz!...

E o homemsinho levantou-se da rede, com um espanto.

— Sim! era a que se chamava d'antes —Ponta de Fogo.

— Si conheço!... e por aqui V.S. não encontra quem não lhe saiba a historia!...

Raymundo ardia de curiosidade — tenha a bondade de contar-me o que sabe a esse respeito! como vou andar por esses lados!...

(pg. 256)

Manoel adormeceu.

— Pois V.S. não sabe a historia de S, Braz?!... Valha-o Deus, meu caro senhor, que podia cahir em algum malfarrico, si não lhe fosse eu agora ensinar a reza, que o nosso santo vigario nos ensinou nos tempos máos. Olhe V.S. —topar uma cruz na estrada, apeie e reze, e depois então siga o seu caminho, dizendo sempre:

Por São Braz!

Por São Jesus!

Passo aqui

Sem levar cruz!

Até avistar as magueiras do Barroso, então pode seguir descansado, que lá não chega chamusco.

— Mas porque toma a gente essas precauções?

— Ora ahi está onde a porca torce o rabo! —é por causa de uma alma damnada, que empesta esses logares!... eu conto a V.S....

E o portuguezinho, cheio de terror e engulhos seccos, contou prolixamente que a Ponta de Fogo era n'outro tempo lugar de terras boas e ferteis, onde se podia plantar e colher, que abençoadas eram ellas pela mãos de Deus e pelo suor do homem. Porém que uma vez appareceu o celebre assassino *Bernardo* —terror do Rosario e sobresalto dos fazendeiros, e, depois de uma vida errante pelo sertão, roubando e matando, metteu-se na Ponta de Fogo e ahi estoirou. Nunca **(pg. 257)** mais nesse desgraçado lugar vingara fructo que não tivesse resaibo de veneno, nem medrara planta sem mitinga —as agoas deixavam cinza na bocca, a terra virava-se em salitre e as flores fediam a enxofre; mas quem comesse desses frutos, se deitasse nessa terra, se banhasse nessas agoas e cheirasse aquellas flores, ficava de tal modo enfeitado, que não havia arrancal-o d'ahi! —o diabo tinha untado o fructo de mel e perfumado as flores e amaciado a relva, para attrahir e engodar o incauto caminheiro.

— Foi isso, continuava elle —o que succedera ao pobre José da Chuva, quando se metteu por cá —enfeitiçou-se. Eu era muito novo nesse tempo, mas bem me lembro de quando o via, coitado! todo amarello, vergado, muito triste, que logo se advinhava que o diabo lhe pregara alguma. E sempre andou assim... um dia morreu-lhe a mulher derepente, e elle pouco depois foi varado por um tiro, que nunca se soube donde veio. Desde então S. Braz, ficou tapera. No lugar em que morreu José levantou-se uma cruz, e todos que por ahi passam rezam por alma do desventurado, até fazer certa conta de orações, com que possa descansar sua alma. Emquanto não chega a conta está ella vagando pela tapera —de dia que nem um passaro negro, enorme, que canta a finados, e de noute se vira n'uma feiticeira, que dança e canta como uma perdida e ri como as raposas. Quando algum imprudente ou desprevinido se demora nessas paragens, a feiticeira o persegue de tal feitio, que o **(pg. 258)** sujeito, si não tiver um bom cavallinho, é pilhado com toda certeza!

— E si o pilhasse?...

— Si o pilhasse!... Ah! nem fallar nisso é bom! —si o pílhasse virava-se toda em ossos e cahia-lhe em riba com tal furia de pancadas que o deixava morto!

— E depois?

— Depois voltava a alma para a penitencia, tendo perdido por cada pancada que desse vinte corôas de padrenossos. Quando V. S. fôr amanhã leve na sella de seu cavallo um galhinho de arruda, e, depois de rezar á cruz, vá o sacodindo até as mangueiras do Cancellia, mas não se esqueça V. S. da reza que lhe ensinei!

— Sim, sim, mas diga-me uma cousa —esse José da Chuva não se chamava José Pedro da Silva?

— Justo? V. S. o conheceu?!

— De nome.

— Pois eu conheci perfeitamente!

E a pedido de Raymundo o portuguezinho descreveu o typo de José, e contou as passagens que sabia de sua vida.

Raymundo ouvia tudo com um interesse impaciente —não queria perder uma palavra daquellas, mas as vezes tinha de interromper o narrador para fazer uma

pergunta, que lhe acudia no meio da conversa. O portuguezinho continuava, sem cansar de fallar — Pois a D. Quiteria Santiago morreu pouco antes do marido — eu fui vel-a! e olhe V. S. que de bonita (pg. 259) que era, ficou horrivel! — estava roxa, que nem uma beringella!

— Não tinha filhos! perguntou Raymundo.

— Nunca os teve!

— Nem o marido! sim... podia ter algum filho natural...

— Não, que eu saiba, não tinha!

— Nem consta de alguma parenta que vivesse na fazenda em companhia do José?

— Sei cá, mas...

— Alguma irmã de D. Quiteria, ou talvez alguma amiga! hein?!

— Qual o que!... viviam ao contrario muito sós — D. Quiteria a unica parenta que tinha era a mãe, essa vivia sempre mal com o genro e não sahia de sua fazenda, que vem a ser aquella em que está hoje o Cancellia — a do Barroso! E' verdade! sabe quem lhe pode informar bem essas couss? — é o Sr. vigario, elle ainda vive na cidade, hoje é conego. Pois era muito unha com carne do José.

— O conego Diogo?!...

— Justamente — elle é que era o vigario desta freguezia.

— Ah! o conego Diogo era o vigario desta freguezia e era muito da casa dos Santiago?...

— Sim senhor! E elle está ahi, que conta, a quem quizer ouvir, as voltas que deu para desencantar S. Braz! coitado! não fez nada e quasi ia sendo victima de sua boa vontade!

(pg. 260)

— Elle tambem acreditava na feitiçaria?

— Si acreditava!... Pois si elle a vio, que o disse!... E olhe V. S. que o conego não é homem de mentiras, mas affimava que havia em S. Braz uma alma damnada, e não gostava que lhe fallassem muito nisso!... prohibia-o expressamente sob pena de excommunhão! Si acreditava?! — porque foi então que elle abandonou a parochia,

tendo aqui nascido, gosando da mais alta consideração e recebendo, como recebia, presentes e mais presentes de toda a freguezia?!... eram aos bois, carneiros, capados, muita criação! elle está ahi na cidade, que o diga!...

Raymundo cahia de conjecturas em conjecturas — Mas o conego era muito amigo do José da Silva?

— Si era, coitado! —amigo e muito bom amigo!... Quando assassinaram o pobre homem o vigario nem quiz espargir-lhe a agoa benta —mandou o sachristão —não queria encarar o corpo do amigo nem a páo | E veja V. S. —metteu-se em casa e pouco ou nada appareceu até retirar-se para sempre da villa. Todos nós ficamos muito sentidos com semelhante retirada —estavamos tão acostumados com elle!... Eu, nesse tempo trabalhava nas terras do coronel Rosa, tinha os meus vinte annos —assistia tudo, meu rico senhor, lembra-me como se fosse hontem —A fazenda foi logo abandonada, ninguem quiz saber mais della, pois todas as noutes quem passasse por ahi, ouvia gritos horriveis, medonhos!...

(pg. 261)

— Mas, além do José e da mulher, quem mais morou nesse lugar?

— Or'essa! a escravatura e o feitor.

— Não! digo senhores.

— Ninguem mais.

— Ah! é verdade —o José era feliz com a mulher? viviam bem?!

— Qual! pois se lhe estou a dizer que aquellas terras eram do diabo! —estavam sempre como o cão com o gato. O conego é que fazia as pazes, aconselhava-os e pedia a Deus que os protegesse!

E Raymundo perdia-se novamente em conjecturas —sempre sombras! sempre duvidas sobre o seu passado!

A conversa afroxou —o portuguez deitou-se e, depois de uma palestra vaga e bocejada, adormeceu. Raymundo sonhou toda a noute. As quatro da madrugada estavam de pé, sellados os cavallos, cheio o farnel para a viagem e montado o guia.

As cinco horas partiram.

Logo que os dous se acharam em caminho, Raymundo tratou de entabolar com Manoel a mesma conversação que tivera na vespera com o portuguezinho —queria arrancar do companheiro alguma revelação, qualquer palavra que o esclarecesse sobre seus antepassados, porém nada conseguiu —as respostas eram sempre obscuras, difusas, cortadas de pausas e reti- **(pg. 262)** cencias —Manoel fallou-lhe no conego, na cunhada e no mano José —e só! Porém minha mãe? era a pergunta que ardia por escapar dos labios de Raymundo — Ora adeus!... estou sempre na mesma! resolvia comsigo e fazia por pensar em outra cousa.

Mas o facto é que, apesar de muito artista, ia tão preocupado, que nem dava pelas bellas paysagens que fugiam dos lados, tocadas dos primeiros raios do sol. No entanto o dia se gastava com o caminho; de vez em quando o guia os levava a uma fazenda, a um rancho, e elles descansavam e comiam, para tornar a cavalgar por entre os pindovaes e carnahubeiras da estrada.

— Agora era um pulo e lá estariam, disse o guia espichando o beijo.

Raymundo já se sentia aborrecido e impaciente pelo fim da viagem —seu el dourado era visitar S. Braz! —desejava até que se fosse lá primeiro. Manoel declarou logo que não tinha tempo a perder para poderem chegar com dia á fazenda do Cancellá — Na volta, doutor, sahiremos mais cedo e levaremos tempo! lembre-se que nos esperam, e não seria razoavel bater fóra d'hora em casa de uma familia!

Raymundo concordou praguejando —estava furioso com semelhante massada — Que grandecissima estôpada! o diabo da tal fazenda do inferno parecia fugir diante delles!...

— Não se rale! patrãozinho! E' ali! metta a espora no animal que talvez chegaremos com dia!...

(pg. 263)

— Ah! fez Raymundo desanimado por ver o dia no seu apogeu e calcular que tinha de caminhar até a noute —Bonito!

E deixou-se cahir em uma prostação mofina, a fitar as orelhas do burro, que, no seu movimento regular, lembravam-lhe as azas de um passaro voando.

— Cá está! exclamou Manoel, passando em um logar mais sombrio da estrada.

— O que? ia perguntar Raymundo, quando deu por sua vez com uma cruz de madeira, tosca e arruinada.

— Foi neste logar assassinado o José!...

Todos pararam, e o guia, obedecendo ao costume do logar, apeou-se e foi rezar de joelhos ao cruzeiro.

— Reza pela alma de seu pae, meu amigo —neste logar foi elle varado por uma bala.

— E o assassino? perguntou Raymundo depois de um silencio.

— Algum preto fugido... até hoje nada se sabe ao certo a esse respeito —mas dizem que nisto andou unha politica, outros attribuem o facto ao diabo!

Raymundo apeou-se e perguntou si o pae estava enterrado ali.

— Não —enterrou-se no cemiterio da fazenda, ao lado da mulher. Esta cruz é um antigo uso destes sertões —serve para mostrar ao viajante o logar onde foi alguém assassinado, e fazel-o rezar pela alma da victima, como faz aquelle homem.

E apontou para o guia, que, terminada sua oração, **(pg. 264)** levantou-se e foi colher um ramo de murta, que depoz aos pés da cruz.

Raymundo sentia-se commovido —Manoel, de joelhos, cabeça baixa e chapéu pendurado das mãos postas, rezava longamente. Ao terminar surprehendeu-se de saber que Raymundo não tencionava fazer o mesmo — O que? pois então o senhor não reza?!...

— Não senhor.

— Ora! essa cá me fica! é boa! —então qual é a sua religião? como adora o senhor a Deus?

— Ora, senhor Manoel, deixemo-nos disso —conversemos sobre outra cousa...

— Não, queria só que o senhor me dissesse como adora a Deus.

— Deixe-se disso, homem; fique Deus em paz, que elle não precisa ser adorado por mim.

— Mas então que entende o senhor por Deus?!

— Ora o que entendo por Deus! entendo a natureza, a materia, o increado.

— Mas então o senhor não tem religião!...

— Pode ser... mas porque diz isso?...

— Porque falla desse modo e não quer saber das rezas, que foram ensinadas por Nosso Senhor Jesus Christo, disse Manoel com toda a ingenuidade.

Raymundo soltou uma risada —Ora ahi temos outra?... o que tem minha religião com as rezas?

Manoel formalizou-se um pouco, porém o outro explicou logo com um ar mais serio — Eu aprecio a natureza, porque a acho bonita e boa, rendo-lhe o meu **(pg. 265)** preito, estudando por meio de observações e experimentações scientificas —tratando de examinar e conhecer todas as peças da grande machina e habilitando-me principalmente para ser util a humanidade. Ora diga-me cá uma cousa!... o que acha o senhor mais louvavel —servir a Deus, que segundo dizem é todo poderoso e não precisa consequentemente dos meus fracos prestimos, ou servir uma parte desprovida da humanidade, que não tem o prestigio da parte forte e precisa de alguém que se desvele por ella? Não lhe parece mais leal e desinteressada a segunda hypothesis? Bem! calcule agora que si isto agrada ao senhor, quanto mais a Deus, que deve ser um espirito altamente justiceiro e recto, no caso que exista.

Os cavallos tinham se afastado da cruz e caminhavam sacudidamente.

— No caso que elle exista?! Logo o senhor diz que não ha Dens!...

— O'senhor! não disse semelhante cousa! sei cá si ha ou não ha Deus! nem desejo e nem preciso saber se ha —o que eu digo é que não reconheço necessidade nem razão para adoral-o —o simples facto de constar por cá ser elle muito poderoso, nada explica —isso seria uma especie de adulação! seria uma cousa inutil, porque se elle é todo poderoso, que diabo! não precisa de nossa actividade, que pode aliás ser muito bem aproveitada para outra cousa.

— Mas então o senhor não admite nossa gratidão para com o creador?!...

(pg. 266)

— Em primeiro lugar entendo que essa gratidão não é cousa que se manifeste por frioleiras, em segundo essa gratidão não tem razão de ser, porque, logo que o creador entendeu fazer a hnmanidade, foi porque achou que isso o divertia ou porque

isso fosse de qualquer forma necessario para alguma cousa; mas nós é que com isso nada temos! —somos simples manufacturas —A gente agradece o obsequio de que precisa ou o que pedio —a vida não está nesse caso! quem encommendou o sermão que o pague. E d’ahi como lhe dizia, si o homem hade empregar inutilmente sua actividade em adorar a Deus, que não precisa de nossa adoração e que nunca chegaria a ser comprehendido por nós, melhor será empregar-a em proveito real de alguma cousa e contentar-se cada um com ser util a seu semelhante.

— De que modo?

— Muito simplismente —tratando de estudar e aplicar o meio pratico mais evidente para tornal-o feliz.

— Como assim?

— Fornecendo-lhe, cada um no seu trabalho de utilidade real, os elementos de intrucção, de educação, e de progressos materiaes.

— Mas eu, por exemplo, em que podia ser util a humanidade?!

— Oh! n’aquillo que estivesse ao seu alcance.

— Pois tenha a bondade de dizer alguma cousa que esteja ao meu alcance.

(pg. 267)

— Meu Deus! o senhor podia dedicar-se á invenção de qualquer industria, ou de qualquer empreza, ou de qualquer machina de utilidade real; como simples negociante podia ampliar o commercio da provincia em que o senhor tem enriquecido, podia crear fabricas, facilitar a vida da gente menos provida de fortuna ou de intelligencia, e enfim empregar a actividade de muitas pessoas ociosas e sem dinheiro. Então isto não é fazer bem á humanidade? E mais —depois de bastante rico, podia, si quizesse, levantar escolas, animar a criação de jornaes, que propagassem idéas boas, ajudar o melhoramento material da provincia, prezenteal-a com algum edificio util, com tanto que tudo isto não fosse feito com a mira no habito da rosa, que podia vir da Côte.

— Sim! mas quantos me aponta o senhor nessas circumstancias?!...

— O’senhores! —podia apontal-os as duzias, si fizesse um esforço de memoria. Podia mesmo citar-lhe *Raspail*, *Carey*, *Papin*, *Palissy*, *Felippe de Girard*, uma infinidade delles, mas basta simplismente dar-lhe, quando chegarmos a cidade, um magnifico

livrinho de *Samuel Smiles*, tenho-o no meu quarto —o *Sel-Help*, ahi o senhor encontrará innumerous exemplos de verdadeira dedicação á humanidade.

— Sim, mas isso eram homens bem preparados —eram assim uma especie de sabios!...

— Engana-se, mas quando fossem?! o senhor tem o mesmo direito de instruir-se!... mas enfim como **(pg. 268)** o senhor se julga incapaz de qualquer um desses meios, lembro-lhe outro, que está perfeitamente ao seu alcance e que é muito proveitoso.

— Qual é?

— O da educação dos filhos.

— Da educação?

— Pois não! —o senhor tem uma filha, não é verdade? Pois bem! logo que essa filha nasceu o senhor devia ter em vista preparal-a para vir a ser util —devia desde o berço evitar-lhe a enervação e a myotilidade do organismo, por meio de uma bôa educação —dar-lhe exercicios, alimentação regular, excellente musica, estudos praticos e principalmente bons exemplos; depois evitar que ella fosse, como é de costume aqui, perder nos bailes o seu bello somno de criança e estragar o seu cerebro e o seu coração, quando mal se principiavam a formar; evitar rigorosamente o contacto das pretas, que em geral são debochadas e supersticiosas —não consentir que em sua casa se contasse a historia do *Lobisome*, do *Cavalla-canga*, do *Caboclinho-Currupeira*, do *Preto-velho que furta crianças*, do classico *Papão* e outros legendarios tira-teimas, de que se servem as mães ignorantes para intimidar os filhos. Enfim dar-lhe essa bella educação moderna, que se basea nas sciencias positivas e tem por alvo a felicidade commum dos povos. O senhor devia ter muito em conta que sua filha não saisse pretenciosa, futil, romantica e doentia, como o geral das senhoras maranhenses — devia preparal-a para saber **(pg. 269)** estudar a si mesma e conhecer phisiologicamente a sua constituição medica —com o que ella não se casaria, como por ahi brutalmente fazem, sem estar o organismo completamente desenvolvido e o coração habilitado para comprehender seus direitos de esposa e reconhecer seus deveres sagrados de mãe —preparal-a finalmente para boa dona de casa, aceiada,

inteligente, forte, com o gosto cultivado, o corpo desenvolvido e o character accentuado, capaz de educar homens uteis, sadios e bons e não paspalhões, tolos, rachiticos e religiosos, como temos tido até hoje —sugeitos que, desde a escola, só aspiram á cartinha de doutor e não se habilitam para ganhar a vida de outro modo, porque em casa a tôla da mamãe habituou-os a se envergonharem de qualquer trabalho braçal. De sorte que, e é o que geralmente succede por cá, chegados á cubiçada formatura, quando não são ricos, ficam de mãos atadas e, á vista da falta de recursos para ganhar a vida, renegam de suas idéas livres do tempo academico, abafam os reclamos de seus brios, pedem desculpa de seu primitivo enthusiasmo politico, chamam rapaziada o que possuiram de bom, mandam a dignidade para o diabo e deixam-se rolar vergonhosamente para a valla commum dos homens dependentes do Estado. E onde está a causa do nhô-nhô, em vez de ser um homem util e proveitoso, ter-se feito uma marionette do governo? —Na ignorancia, senhor Manoel, na ignorancia materna, que produzio um filho mal educado e fraco.

(pg. 270)

Raymundo parou para acender um charuto. Manoel meditava o que tinha ouvido.

— Então acha que não tenho razão? perguntou Raymundo, puxando com insistencia o fumo do charuto.

— Sim, não digo isso... mas...

— Faça o que eu lhe digo e prestará um grande serviço á humanidade.

— Não digo o contrario, mas olhe que esse negocio de não querer que a gente reze é que eu acho assim um pouco duro!

— Não sei porque?... O que quer dizer um homem a rezar?... ainda uma mulher —vá que seja! tem lá as suas devoções, comprehende-se —em casa, bem entendido!... contanto que com isso não roube muito tempo ás suas obrigações domesticas e não force os filhos a irem com ella a igreja.

— Porque?...

— Porque a igreja é muito prejudicial a uma criança!... o que vae ella fazer lá?!...

— Adorar a Deus!...

— E o senhor a dar-lhe! Repito-lhe, senhor Manoel —o melhor meio de adorar a Deus é estudando a natureza e amando a humanidade —Isto é a verdadeira philosophia de Christo e a verdadeira religião christã, porque estes dous preceitos encerram o que ha de mais sublime e de mais proveitoso —a moral e a caridade! porem a moral e a caridade praticas e não theoricas, como ensinam os padres —é a moral **(pg. 271)** que ensina com o exemplo e aconselha com a experiencia —a moral positivista! E' a caridade que não estabelece generos diversos de miseria, nem se arroga o direito de castigar ou perdoar, e nem espera recompensa na vida eterna — porque ella se dirige ao homem e não a Deus! Não despreze o ladrão por ter roubado, nem a prostituta por se ter vendido! —não! socorra-os!... esses, mais que ninguem, precisam de quem lhes dê moral e caridade, porque esses miseraveis, condemnados pelas nossas leis e por nossa egreja, são simples victimas inconscientes da ignorancia e da má educação que receberam dos paes! ou talvez victimas de alguma molestia organica. Não deviam ser punidos, deviam ser curados. Para salvá-los o governo devia decretar escolas e hospitaes! —o patibulo da lei, a excommunhão da egreja e o desprezo da sociedade —nada aproveitam. A pena de morte ou o degredo roubam á sociedade um homem susceptivel de regeneração, que talvez viesse a prestar grandes serviços a seus semelhantes —o ostracismo faz os pariaes, incuba no seio do desprezado um grande odio pela sociedade, uma raiva surda e devastadora como a lepra. E quem fez o ladrão, e quem creou a prostituta? —Foi a ignorancia materna, que não lhes verteu no coração a moral e a caridade praticas —As mães que eduquem as crianças no trabalho! —em vez de as mandar de vez em quando confessar a um padre idiota ou mettê-las em sociedades religiosas, melhor seria que as fizessem praticar na fundição ou **(pg. 272)** na typographia do *Paiz* ou na casa do Ramos de Almeida ou na Alfandega com um despachante, ou em qualquer casa commercial. Em vez de as fazerem passar horas vagas nos seminarios e nas egrejas, habituando-se ao mysticismo, á ociosidade e á hypocrisia, ou em vez de rezar em casa, agarradas ás saias maternas ou brincando de esconder com as negrinhas —melhor seria que fossem mover um prélo, aprender um officio, ageitar desde pequenino o corpo ao

trabalho —o trabalho proveitoso instrue sempre e o habito de trabalhar é o melhor escudo contra o vicio! Em vez do crucifixo, do livrinho afeminado da missa ou do boneco de papel, metta-lhes na mão o malho, ou a enxafa, ou o trapezio, ou o martello, ou o buril, ou o pincel, a suvella, a plaina, a alavanca. Não tenha medo que o fedelho succumba! ao contrario a saude se fortificará com o corpo! a intelligencia se preparará para receber os grandes thesouros da sciencia, o coração para sentir os seus grandes deveres civis e domesticos e para finalmente supportar no bojo esse amor immenso, universal —esse amor pela humanidade, que é o manancial de todas as luzes, de todo o progresso e de toda a civilisação!

Manoel escutava sacudindo as redeas de seu cavallo, pasmava da verbosidade de Raymundo —nunca tinha ouvido fallar assim!...

Iam a passo. Raymundo calara-se, como alguém que pára, depois de arrastado por uma corrente irresistivel, tinha um olhar profundo, fito e carregado **(pg. 273)** —no seu rosto fresco, de moço, contrastava a autoridade e a experiencia. O guia caminhava na frente, descuidado, cantando para matar o tempo:

— Você diz que amor não dóe
No fundo do coração!
— Queira bem e viva ausente...
Me dirá se dóe ou não!...

Raymundo, que fitava o caboclo, disse sem voltar o rosto — Vê aquelle homem, que vae ali, queixando-se idiotamente de que o amor dóe?! —é um automato —tanto pode ser um apparelho de construcção, como uma machina de destruição, depende tudo da mão que o mover!

Manoel fez uma cara de surpresa, como de quem não entende.

— O homem, continuou Raymundo —nunca é cousa alguma por natureza —é sempre o que elle quer ou o que querem que elle seja —a honra, a dignidade, a instrucção e a coragem, não são cousas innactas e expontaneas, mas sim o resultado da bôa educação —tudo aquillo são consequencias! O homem é o desenvolvimento de uma criança —uma criança é obra exclusiva de quem a educa. As mães, e só ellas,

são as grandes creadoras do bem e do mal. Fazer uma boa mãe é por conseguinte o trabalho mais proveitoso de nossos tempos. O senhor vio ainda ha pouco aquelle sertanejo ajoelhar-se no logar em que morreu meu **(pg. 274)** pae e rezar —Porque foi que elle fez aquillo? —é por que aquillo foi o que lhe ensinaram a fazer, até para pensar é preciso mestre, da mesma forma elle faria uma acção util, proveitosa, si o tivessem preparado para isso.

— Ora doutor! o senhor tambem é muito exigente!... de que modo ia-se agora preparar esta pobre gente?...

— Eu lhe digo! olhe —si a provincia em vez de construir tantas egrejas como ha no Maranhão, tivesse levantado algumas escolas; si, em vez de subvencionar conventos, irmandades, procissões e outras instituições presentemente inuteis e até perniciosas, tivesse facultado ao professor publico bons ordenados, que lhe chegassem para cuidar exclusivamente do ensino, aquelle sertanejo não seria tão ignorante, não seria um simples automato. Mas o que quer o senhor? segundo o que tenho observado, o logar de professor regio é aqui um dos ultimos refugios dos homens desempregados. No Maranhão, quando o sujeito, ou por falta de habilitações ou por se ter desacreditado, não tem em que ganhar a vida, vai ser uma destas tres cousas professor, padre ou soldado! De sorte que a educação intellectual, moral e civil do povo está entregue ao refugio da sociedade. Aqui, em geral, os professores são os homens mais ignorantes da provincia, os soldados os mais desordeiros e os padres os mais debochados. Imagine agora os magnificos resultados desta trindade! E' por isso que aqui os pro- **(pg. 275)** fessores racham de bolos as mãos das crianças e não lhes ensinam cousa alguma; ⁵⁴ é por isso que os soldados acompanham os filhos dos officiaes ao collegio, compam a carne ao açougue, cosinham, servem o jantar do superior e lavam na maré o cachorrinho da mulher do commandante; é por isso que a batina aqui é uma taboleta e o sacerdocio um balcão!...

⁵⁴ Somente cinco annos depois da epocha em que o romance figura fallar o personagem Raymundo, creou o Maranhão o bem intencionado Sr. Roberto Moreira uma escola particular de primeiras letras, á imitação das dos Estados Unidos. Foi a primeira que abolio o castigo corporal e merece por isso a attenção dos homens modernos; pois, apezar de guerreados pelos muitos vicios da pessima educação maranhense, são patentes e incontestaveis os bons resultados que aquelle reformador, em muito pouco tempo, tem colhido de seus esforços e fadigas.

— Mas, voltando á vacca fria, disse Manoel —o senhor está enganado com este povo —aqui ha muita criança que não tem o que fazer e não vae a escola, porque os paes não as querem mandar.

— São paes ignorantes! mas nesse caso extremo o governo devia, como em paizes mais civilizados, lançar mão de meios tambem extremos —o ensino obrigatorio —impôr a escola como lei, multa aos infractores e prisão no caso de renitencia! Mas é que ao governo não convem isso!...

— Porque?

— Por uma razão muito simples —porque á forma do governo que nos rege não convem a verdadeira **(pg. 276)** instrucção das classes baixas. Onde iria parar a metaphisica de nossa constituição, si não fosse a ignorancia e o mysticismo do povo? Creia, senhor Manoel, que, no dia em que o povo conhecer seus direitos e seu valor, baquea com todas as nossas velhas instituições catholicas e absurdas, mas por emquanto...

Raymundo interrompeu-se para chamar novamente a atenção de Manoel sobre o guia que continuava a cantar na frente — Pergunte aquelle homem quaes são seus deveres civis e sociaes, quaes são os seus direitos e suas obrigações —elle não lhe saberá responder, porque o vigario cá da freguezia não ensina dessas cousas —é um ignorante em toda a vergonhosa extensão da palavra, é um movimento passivo, um instrumento capaz de se deixar aviltar e lezar, como capaz de tudo. No entanto, si amauhã este animal, levado unicamente pela bestialidade, commetter um crime, a justiça o agarra e castiga, como si o tivessem preparado para respeitar as leis do paiz! Diga-me lá —isto é ou não é uma injustiça? E sabe por que o governo seria muito capaz de mandar enforcar aquelle homem si aquelle homem fosse um escravo e matasse o senhor? E' porque o governo é metaphisico, porque suppõe-se inspirado por Deus e está muito convencido que todo o homem tem na fibrina um bocadinho de azeite divino, bastante para guiar e governar suas acções; é porque o governo acredita no diabo, na infallibilidade do Papa e na influencia mysteriosa dos planetas sobre a politica do paiz. E não me **(pg. 277)** venha dizer, meu caro senhor Manoel, que está abolida a pena de morte —ha bem pouco tempo foi nesta provincia condemnado á

força um escravo de João Homem de Loureiro Siqueira, por haver assassinado o senhor; e os maranhenses se regalarão com o espectáculo de um homem assassinado pela lei, si não fosse o beriberi pensar melhor do que a justiça e dar cabo do criminoso na propria cadeia. Diz a Etiologia que as hallucinações, as pseudesthesias, a loucura etc. etc. são molestias muito curaveis, são simples desarranjos no organismo ou na idiosincracia do individuo, e que se combatem perfeitamente com agoa fria, musica e boa alimentação —como quer o codigo penal, nesta epocha em que o homem já não é um mysterio, responsabilisar um desgraçado pelo máo estado de seus nervos, quando foi o proprio governo que o poz nesse estado?!... Metta-o n'um hospital, com os diabos! —cure-o! já que não soube der providencias seguras para evitar o mal! Porem o melhor remedio contra semelhantes achaques é a instrucção e a educação, a bôa educação moderna de que lhe fallei ha pouco. E será razoavel condemnar um escravo por ter matado o senhor? ainda mesmo que esse escravo estivesse no seu juizo perfeito? Para que o escravisaram? para que fizeram de um homem uma besta? as bestas feras não são responsaveis pelos seus actos! E de mais, na minha fraca opinião, foi crime por crime —um escravizou, o outro matou —ficaram quites!

— Ora! ora! não senhor! essa agora é que é **(pg. 278)** muito forte! —o homem não escravizou, apenas o que fez foi comprar um escravo!

— Vem a dar na mesma! roubar ou comprar um roubo (sabendo a procedencia) é a mesmissima cousa! —eu considero sempro um crime comprar ou vender um homem. Esses traficantes, que andam descaradamente negociando em negros, são um grandessissimos criminosos, são tão criminosos como o governo que consente semelhante immoralidade!

E já que o senhor fallou-me ainda ha pouco em religião, e por me parecer que o senhor me suppõe o menos religioso dos homens, pergunto-lhe, aqui que ninguem nos ouve —onde está a religião desses miseraveis que se dizem christãos e vendem seus semelhante como os judeos venderam Christo? —Jesuspregou a igualdade, a humanidade e o direito natural do homem! Em que consiste a religião dessas senhoras maranhenses, que travam do chicote e escadeiram um negro a ponto de matal-o?! (Eu

vi) Entretanto o senhor as encontrará nas igrejas, com uma carinha de santas, a devorarem padre-nossos. Sei de uma que sahio para a missa, deixando em casa um escravo debaixo do relho e ordem para não interromperem o castigo, sinão quando ella voltasse da igreja. E quando voltou, o pobre preto, que era um homem forte, musculoso, bonito, estava quasi morto! Creia, senhor Manoel, que um tal procedimento é, alem de tudo, indigno de uma mulher de brios e envergonha-me de ser brasileiro! Mas sabe o que tudo **(pg. 279)** isto é, meu amigo? —ignorancia! são defeitos de educação! —tanto a mulher ou o homem que commette a torpe covardia de castigar um escravo, como um typo que especula e vive da escravatura, são igualmente mal creados —estão ainda sujeitos á viciosa educação, que nos legaram em tudo, inteiramente em tudo, os nossos descobridores.

— Mas o que podemos fazer?

— Ora essa! —procurar emancipar-nos o melhor e mais depressa possivel dessas torpezas que nos legaram. Quer que lhe diga com franqueza qual é a minha opinião a esse respeito e quaes seriam os conselhos que dariam a um escravo?! Dizia-lhe —não sejas covarde! não sejas tôlo! —quando o homem, que se diz teu senhor, fôr-te ao pello, responde-lhe com uma bofetada e cospe-lhe nas ventas —quando puderes arrear a carga do captiveiro, arrea! e, na falta de um meio brando, lança mão do que te parecer melhor. Quauda se trata da liberdade de um homem, não admito considerações!... Foge para a America do norte ou para outro qualquer logar seguro, e não te dôa a consciencia de proceder desse modo, porque, na occasião de te escravisar, não doeu a consciencia ao teu carrasco. Foge! e manda o teu senhor pentear macacos!... Mas, se fores apanhado, e o teu dono metter-te em ferros e dêr-te uma méla, dessas que costumam dar por ahi nos escravos que fogem, não hesites! —faze o que fez o escravo do João Homem —enterra-lhe dous palmos de ferro na **(pg. 280)** barriga. Mata-o! para dar mais uma bôa e dura licção ao governo, que não teve energia para acabar por uma vez com a escravatura!

Manoel não gostara da conversa e por mais de uma vez estivera quasi a pedir ao companheiro que se callase; afinal declarou que o governo não podia acabar assim

com a escravatura, que isso seria prejudicar ao proprietario, e que nem valia a pena fallar sobre semelhante cousa, por ser um assumpto já muito discutido.

Raymundo perguntou-lhe então si o proprietario não foi por ventura o primeiro a prejudicar os pretos d'Africa, a prejudicar o futuro do Brazil, a prejudicar a sociedade inteira —Que soffressem agora as consequencias...

Calaram-se ambos por uns cinco minutos. Entretanto Manoel pensava sobre o que tinha ouvido, afinal disse — Mas é que os actuaes compradores com isso é que não têm nada!...

— Perdão!...

E Raymundo tomou o fio da conversa —Diga-me cá uma cousa —o senhor não considera um roubo escravisar um homem? não acha pelo menos que o ladrão que levasse sua carteira era menos criminoso do que o que levasse sua liberdade?

— Bem, vamos...

— Pois bem —admittindo que um sujeito roube hoje sua carteira e a vá vender amanhã a um outro, esse outro a um terceiro e assim por diante, até que o se- **(pg. 281)** nhor a encontre nas mãos de um homem que, apesar de saber da procedencia della, pagou-a por bom dinheiro. Diga-me —o senhor tem ou não tem direito sobre sua carteira? O roubo é aprehendido no logar em que foi encontrado!

— Mas é que...

— Perdão!... da mesma forma, no dia em que o escravo reconhecesse os seus direitos de homem, podia dizer, sem commetter arbitrariedade alguma ao sugeito que o comprou —Passa para cá a liberdade que me roubaram ou eu te mato; da mesma forma que o senhor diria —Dê cá minha carteira ou vou queixar-me á policia!

Manoel rio-se roendo as unhas —Raymundo afigurava-se-lhe agora simplesmente —um pancada.

— E não me venha dizer continuou o rapaz que os escravos estão no caso dos terrenos aforados, porque estes pertencem sempre á nação, e o mesmo não succede com os africanos.

— Sim! mas o que é verdade é que a escravatura é autorisada por lei.

— Ultimamente, para vergonha nossa, mas é que uma lei má deve ser reformada.

— Creio que não é de hoje esta lei...

— Leia com atenção a nossa historia e os nossos codigos e verá muito claramente que o governo, no tempo da metropole, não autorizou a escravatura, o que fez foi conceder licença aos colonos para que tivessem indios ao seu serviço. A unica verdadeira cousa **(pg. 282)** foi a maldita praga dos contrabandistas de negros africanos, que escravizavam com o direito da força e da mentira. E essa será também a causa eterna de nossa maior vergonha e de nossos futuros embarços. Ah! mas um dia, esse governo que não teve intelligencia de seus deveres pagará bem caro a vergonhosa incuria. —Quando do ventre livre rebentar uma nova geração de parias, mulatos, livres, intelligentes e repudiados pela velha sociedade dos brancos, quando vierem esses leões —então segure-se bem o governo no seu throno, porque essa geração ha de devoral-o! E será bem feito!

— Mas o que queria o senhor que se fizesse? pensemos friamente —o senhor sabe que o nosso serviço da lavoura, cá pelo norte pelo menos, é só possível ao negro.

— Não concordo, mas enfim seria pelos negros livres e não sujeitos ao relho —o que eu queria? —que se fizesse a independencia dos nossos negros como se fez em Maryland, e que se acabasse por uma vez com esta fonte de miserias!

— Isso era impossivel!

— Mas quando não se pudesse fazer a independencia logo, decretassem-se leis energicas, que ampliassem mais a do ventre livre, por exemplo — remetter logo os negros africanos para a patria —isso seria de justiça; decretar que ficava livre todo e qualquer escravo por morte do senhor; não consentir vendas, nem trocas, nem heranças, forçadas ou indirectas, de es- **(pg. 283)** cravos, etc, etc —isto si não era legal, era ao menos justo!...

Manoel abanou a cabeça em ar de desconfiança, e ambos se calaram. Só se ouvia o som cavo das patas dos cavallos e o falsete do guia que cantava:

— Quem quizer viver contente

Não se metta a namorar,

Que a mulher só tem carinhos
 Não podendo maltratar

.....

Caminharam meia hora silenciosos. O dia declinava —os primeiros symptomas da noute levantavam-se da terra como um perfume negro. As aves refugiavam-se na mole balsamica da floresta. A viração vergava os leques das palmeiras e produzia nas matas um murmurio doce e voluptuoso.

— Tenho palrado tanto, disse afinal Raymundo com certo embaraço —e todavia podia ter aproveitado melhor o tempo!...

— Como assim!...

— Fallando em meu proprio interesse —eu me explico —Lembra-se o senhor que outro dia pedi-lhe uma conferencia em seu escriptorio, e que, ou porque o meu amigo se esquecesse ou porque mesmo não houvesse occasião, o certo é que não conferenciamos, e contudo não podemos deixar de conferenciar.

— E então?...

(pg. 284)

— E' um grande favor que lhe tenho a pedir!...

Quem pudesse nessa occasião observar a phisionomia do velho notar-lhe-ia logo um ar contrariado e cheio de embaraço, porem Manoel tinha a cabeça baixa e a tarde escurecia.

— Trata-se de alguma questão commercial?

— Não senhor —trata-se de minha felicidade.

— Era a mão de minha filha que desejava pedir-me?

— Era.

— Então tenha a bondade de não pedir!...

— Porque?

— Para poupar-me o desgosto de uma recusa...

— Como?!...

— E' natural que o senhor se espante, concordo, dou-lhe toda a razão, está no seu direito —é um homem de bem, inteligente, virá naturalmente a ter uma posição bonita, mas...

— O que?...

— Desculpe-me si o offende tal recusa, mas creia que, ainda mesmo se eu quisesse, não podia fazer-lhe a vontade.

— Mas então está já compromettido com outro? é isso!... Bem! esperarei — resta-me ainda uma esperança!...

— Não é isso, mas...

— Não se quer separar da menina?...

— Tambem não é isso, meu amigo!

— Também não! Então que diabo!... terei alguma **(pg. 285)** divida de meu pae, que hade rebentar por ahi como uma bomba?!

— Que lembrança!... si assim fosse, eu commetteria um crime em não prevenil-o —o que o senhor possue está seguro e limpo.

— Então?! Ah! já sei!... fez Raymundo com um vislumbre —não quer dar sua filha a um homem de idéas tão extravagantes!... mas descanse, são inoffensivas e prometo modifical-as...

— Com o tempo é fatal... mas não é isso, e eu peço-lhe que não insista! —o senhor tem direito a uma explicação, porem, apesar de minha boa vontade, creia que não a posso dar!

— Ora esta! mas então porque?...

— Desculpe! porem não posso dizer-lhe —acredite que esta conversa é para mim um sacrificio horrivel.

— De sorte que o senhor recusa diffinitivamente?!... disse Raymundo já um pouco massado.

— Sinto muito, porem... deffinitivamente!

Ambos calaram-se de novo e não trocaram mais uma palavra, até a fazenda do Cancellia.

(pg. 287)

XI

Quando chegaram, ao portão externo da fazenda, já a lua ia um tanto alta —as sombras das mocajubeiras, que enfeitavam a eira, tinham diminuído de tamanho. Fazia um tempo magnífico —secco, fresco, muito transparente —podia se ler ao luar.

O guia sacodio com vigor a campainha e gritou pelos de casa.

Seguiu-se uma algazarra de cães. Veio abrir um preto, munido de um tição, que trazia sempre em movimento, para conservar o aceso.

— Boa noite, tio velho! disse Manoel.

— Ê! d'es-b'a-noite, branco! respondeu o preto e, segurando a brida do cavallo, conduziu-o até a casa.

Raymundo e o guia seguiram atrás.

Avistaram de longe uma parede rebocada, disforme, que ao luar parecia um grande lago entre arvores. Mais perto o lago se transformou em um sobrado e os viajantes descobriram uma porta, em cujo intervalo desenhava-se o vulto varonil do Cancellia, que detinha dous formidaveis rafeiros.

(pg. 288)

— Ora viva! gritou o dono da casa. E voltando-se para os cães, que insistiam em ladrar — Sufa! *Rompe nuvens!* arreda! *Quebra-ferros!*

E com uma voz sadia e forte acrescentou a Manoel — Então sempre veio?!.. pois olhe que desta vez contava que fizesse como das outras!... Enfim, como vae essa catholica?!

— Assim, assim... um pouco moidito da viagem, disse Manoel entregando o cavallo ao preto e apertando a mão do Cancellia — Como vão cá os seus?

— Bons! louvado Dens —ainda estão na Ave-maria, mas não devem tardar.

Effectivamente vinha do interior da casa um côro abafado de vozes, que resava cantando.

Raymundo aproximou-se, depois de apeiar.

— Este é o Mundico de que lhe fallei! exclamou Manoel, empurrando-o para a frente.

Raymundo espantou-se com a rustica apresentação, e muito mais quando Cancellia, em vez de cumprimental-o, deitou as mãos nas cadeiras e começou a passar-lhe uma revista de cima abaixo, como quem examina uma criança — Com os diabos! disse por fim dando uma gargalhada — Você e o seu compadre fallaram-me em um menino!...

— Ha dez annos!

— Olha o Lopes!... Pois, seu Mundiquinho, aperte esta mão, que é de um antigo amigo de seu pae; e não repare si não encontrar por aqui o bom trato da cidade! —isto cá sempre é roça! mas vá como o outro (pg. 289) que diz — Mais val pouco de bom coração, que muito do suvina!

E conduzio os hospedes á varanda, menos o guia, que já se tinha aboletado pelos ranchos dos pretos.

— Homem! vocês vão se assentando nessas redes! — O' Pedro! vê cachimbos! traze a canna e o café! Ou querem antes vinho?

— Qualquer cousa serve!

— Temos aqui cognac! offereceu Raymundo, apresentando um frasco que trazia a tiracollo.

— Pode fartar-se com elle! desdenhou Cancellia — é cousinha que não me entra cá no bico.

E despejava aguardente de canna em copinhos de vidro — Vá lá a nossa! — E venham despir-se para ceiar.

E Cancellia conduziu-os a um quarto, destinado exclusivamente á hospedes.

A casa comprehendia a antiga fazenda Barroso, onde em algum tempo morou e morreu a sogra de José da Silva, e uma parte nova feita de pedra e cal, cujo cuidado de construcção revelava a prosperidade do rendeiro.

A casa-nova, como chamavam a ultima, compunha-se de um grande avarandado —redes armadas em todos os cantos; grande e arejado quarto no centro da casa, que é o lugar de honra nas fazendas do Maranhão; paredes sem pintura e

telhas a mostra; potes de barro vermelho, vassouras de carnaúba encostadas a parede e sellins estendidos no parapeito da varanda. **(pg. 290)** Era tudo —a respeito de mobília só havia uma meza e bancos compridos de páo —as redes encarregavam-se do papel das cadeiras. O paiol de farinha era por baixo da varanda, perto uma adega, onde encontravam-se batus enormes com umas sessenta ou setenta redes destinadas aos hóspedes. Do lado de fóra ouvia-se o grunhir pezado dos porcos no chiqueiro, porém do fundo do quintal vinha o cheiro bom dos jasmims de Caiana, dos lyrios do Peru, dos rosedás e das mangeronas.

Quando os hóspedes voltaram do quarto já a filha e a mulher do fazendeiro tinham vindo da reza.

Manoel appareceu, enfronhado commodamente em um palitot branco do dono da casa, o que dava ao seu corpo grosso o typo de juiz de paz da roça. Raymundo não mudara de roupa, apenas banhara o rosto e as mãos e penteara os cabellos.

A mulher do Cancellia punha a meza para a ceia. A filha correria a se esconder no quarto e espiava as visitas por detraz da porta, com vergonha de apparecer.

— Anda p'ra cá, Angelina! disse o Cancellia a puxar a filha — Pareces um bicho do mato! —nunca viste gente, rapariga?! — Ora vamos! —falla direito... não estejas a esconder o rosto, que não tens de que o esconder!... Vamos!

Angelina appareceu, com muito acanhamento, e foi cumprimentada.

— Então! gritava-lhe o pae —é com a cabeça que se responde?!... Ah! que estás cada vez mais matuta!... Que mal te fez esse pobre cabeça para o **(pg. 291)** estares a maltratar?! — Olha que o rompes, estonteada!

Angelina abaixara o rosto —encalistrada, suffocada de um riso matuto.

— Então de que tanto ris, sua feiósia?!

Este ultimo adjetivo era uma injustiça de Cancellia ao moreno e corado rosto da filha. Raymundo ao apertar-lhe a mão, desenvolta e mal tratada, comprehendeu logo que tinha defronte de si uma innocente e bonita toleirona, cheia da graça plastica dos corpos carnudos e bem torneados. Era uma mulher de desoito annos —mulher, porque possuia o corpo em plena formatura —hombros fartos, collo cheio e braços

desenvolvidos no trabalho e ao ar livre — Bôa mulher para criar! pensava elle — si viesse a ter filhos contasse com uns rapagões levados da breca e rijos como o diabo!

— Isto que você está vendo aqui, meu amigo —é uma sonsa!... disse o Cancellia, satisfeito com o ar lisongeiro de Raymundo —capaz é ella de virar esta casa de pernas p'ro ar! —e parece que não quebra um prato —Olhe si ella já me deu hoje a beijoca depois da reza?!... Então rapariga! estes senhores dão licença!... vamos lá! — venha a beijoca do velho!

E Cancellia, esfregando a manga nos beiços, esperou o beijo, com a cabeça vergada e estendida.

Angelina, toda suffocada de risos, com o ar muito envergonhado, deu um farto beijo na bocca do pae, que cacarejou em seguida uma dessas gargalhadas, **(pg. 292)** que fazem invejar os pulmões de quem as dá —Ora Deus te faça uma santa!

Por esse tempo Manoel conversava com a outra mulher, a esposa do Cancellia —era uma brasileira pequenina, socada, cheia de vida, dentes magnificos, cabellos crespos e tez morena. Respirava-lhe de todo o corpo um ar modesto de fazer bem, estava sempre a procurar o que tinha para arrumar, muito activa e trabalhadeira —dava sota e az na cosinha, sabia lavar como ninguem, engommar como poucas e até assistir a roça dos pretos sem cahir doente.

— Era p'r'um tudo! diziam della os escravos da fazenda. Chamava-se Josepha e só fôra duas vezes a cidade.

— Então! lembrou o fazendeiro —vem ou não vem essa ceia?! Olhe que os homens devem trazer o estomago na espinha, e eu não lhes quero dar trela sem havermos manducado!...

Josepha ouvio o fim da reclamação já na cozinha.

— Porque não despio você essas tafularias? perguntou elle a Raymundo — olhe que por cá ninguem lhe vae reparar as roupas.

— Bem sei, porem estou a vontade.

Os tres conversavam em quanto Angelina acabava de pôr a meza. Cancellia sentia-se satisfeito, loquaz —gostava de dar á lingua, e quando pilhava um hospede que o aturasse, ninguem podia com a sua vida!

Entretanto Josepha pouco a pouco cobrio a meza (**pg. 293**) de iguarias e os homens disposeram-se a ceiar com appetite.

A' luz de um antigo candieiro de kerosene reverberava uma toalha clara, de linho. Os copos emborcados, polidos, a louça escaldada, limpa. As garrafas brancas, cheias de vinho de caju, reflectiam na toalha scintillações auríferas; os talheres de ferro, inteiriços, pezados, estavam de neve; uma torta de camarões estalava sua crosta d'ovos; um frangão assado tinha a immobildade resignada de um paciente; uma cuia de farinha secca symetrisava com uma outra de farinha d'agoa; uma travessa enorme de arroz, solto, melhor que o da India ou das outras provincias do Brasil, fumegava no centro da meza.

Sentia-se a gente bem ali, com aquelle asseio e tratado pela franqueza rude do Cancellla.

— Olé! gritou elle, destapando uma fumegante terrina de *mundubés* e *fidalgos* — temos peixe de escabeche?! Bravo! —peixe muqueado e muquecas de sururu! Olhem que este não é do rio e por isso não se pilha por cá todos os dias! tem escamas, seu Manoel! — Famoso! famoso! dêm-lhe p'ra baixo! — Assim! assim! misture a farinha no môlho!

E levava a bocca grandes garfadas.

— Então as senhoras não nos fazem companhia?! reclamou Raymundo, voltando-se para as duas mulheres.

— Qual! apressou-se Cancellla a responder — não (**pg. 294**) estão acostumadas! —deixe-as lá! deixe-as lá! que depois se arranjarão mais a vontade! Olhe ali a minha Eva diz que não aprecia o seu peixinho, sem ser comido com a mão — cousas de mulher! —deixe-as lá!

Comtudo Josepha veio presidir a meza ao lado do marido, e informava-se do exito de seus quitutes — não os deixe sem provar daquela torta de sururús, que está de encher o papo!

— Lá chegaremos! lá chegaremos! —vae apanhar mais pimentas.

— O' amigo —vá mais este! não tenha receio que o vinhinho é fraco —Seu Manoel! seu Mundico! —topem a memoria do velho amigo José da Silva!

Os dous beberam, e Cancellia, depois de pousar o copo na meza e continuar a comer, disse com respeito — Foi o meu segundo pae! — Quando arribei por estas terras, no tempo de minha defunta patrôa, D. Ursula Santiago, não tinha de meu mais do que saúde, força e vontade! Pois o José, que nesse tempo namoriscava a filha da patrôa, a Quiterinha —metteu-me aqui como feitor e disse-me — Olha lá, rapaz! encosta-te por ahi que, si souberes te haver com o genio da velha e mais do vigario, podes até fazer fortuna —ella tem lá uma afilhada de muita estimação —parece bem prendada e de bôa cabeça. Vou eu —fico na casa como feitor e, graças a Deus, sempre mereci a confiança de D. Ursula —de noute vinha para a varanda conversar com ella e com a minha Josepha, que nesse tempo era uma cachopa de truz. O certo é **(pg. 295)** que no fim de dous annos casava-me o senhor padre Diogo! — Tenho sido feliz! tenho! que o diga em boa hora, graças a Deus! — Ja fiz esta casa em que estamos ceiando, levantei o engenho, metti braços na roça, plantei algodão, que aqui não havia e tenciono, si Deus quizer, fazer no seguinte anno mais alguns melhoramentos.

— Elles já quererão o café, perguntou Josepha, commovida com a narração do marido.

Depois do café serviram-se de restillo de ananaz e acenderam-se os cachimbos de enorme taquary e cabeça de barro preto.

Gasta uma boa hora de palestra, Manoel queixou-se que já não era homem para grandes façanhas e precisava descansar.

— Pois fica a palestra para amanhã —Pedro!

— Meu senhor?!

— Leva esta gente para casa dos hospedes e mostra-lhes o quarto que tua senhora preparou.

— Já ouvi, sim senhor!

— Então, muito bôa noute!

— Até amanhã!

Manoel e Raymundo instalaram-se no mesmo quarto da antiga casa, que fôra dantes a morada da sogra de José, e que presentemente servia para agasalhar hospedes —era, ao contrario da outra, um sobrado silencioso, todo respirando abandono e decrepitude.

(pg. 296)

Em breve o mais velho, que deitou-se cabeceando de somno, roncava; ao passo que o outro, estendido em uma rede defronte da janella do quarto, olhava para o ceu claro de luar, passando mentalmente uma revista minuciosa em tudo que fizera durante o dia. Os acontecimentos desfilavam pelo seu espirito em uma procissão vertiginosa e extravagante —vinha na frente o pedido da mão de Anna Rosa de braço dado á recusa; logo atraz o portuguezinho da villa passava cantando, com um galho de arruda na mão

Por S. Braz!

Por S. Jesus!

Passo aqui

Sem levar cruz!

E seguia-se uma infinidade de imagens phantasticas —o passaro negro cantando a finados, a feiticeira, que se transformava em ossos; seguia-se o conego Diogo, remoçado, cercando de cuidados a sogra de José da Silva, formada imaginariamente pelo typo de D. Maria Barbora.

E Raymundo, sem poder conciliar o somno, demorava-se até a pensar em cousas inteiramente indifferentes —o guia, com o seu chapéu de couro a cantar na frente, em viagem; uma fazenda que encontraram, onde havia um homem muito gordo, idiota; as ruinas de uma casa, que de longe lhe pareciam ter a forma de uma fortaleza conquistada e mil outras **(pg. 297)** cousas vagas e sem interesse, vinham-lhe á memoria, com uma insistencia aborrecida. Afinal appareceu-lhe uma vontadesinha leve de dormir, porem a recusa formal de Manoel apresentou-se e a vontadesinha fugio logo —espantada. Porque seria que aquelle homem negou-lhe tão formalmente a filha?!... Ora! era com certeza alguma tolice e não valia a pena mortificar-se —amanhã!

amanhã! calculava elle —saberia tudo! Era! no fim de contas era alguma criancice do Manoel.

E vinha-lhe até vontade de rir pelo ar grave com que o homem negara a mão da rapariga —alguma tolice! alguma tolice!... ou alguma intriga! hein?! quem sabe si não era alguma intriga?!... podia ser, podia ser. Rayundo conhecia já o espírito de intriga que ha no Maranhão —e não ligava importancia! Tudo ficaria explicado! sim! sim! elle saberia de tudo e justificar-se-ia —nem devia perder a esperança de casar com Anna Rosa.

E Raymundo, sem saber porque, sentia-se muito mais empenhado naquelle casamento —desejava-o muito mais depois da resistencia que encontrara —aquella recusa vinha dar-lhe a medida do verdadeiro apreço em que tinha Anna Rosa —sentia-a mais desejavel, mais encarecida. Até ali suppozera que aquelle casamento dependia somente d'elle, e preparava-se frio, sem entusiasmo, quasi fazendo sacrificio. E agora —negavam-na, cebo! —E' singular! pensava elle —aquella recusa dos diabos era para Anna **(pg. 298)** Rosa o que uma parede negra seria para uma estatua —fazia destacar melhor a harmonia das linhas, a alvura do marmore e a perfeição do contorno.

E Raymundo, querendo medir sua inclinação por Anna Rosa, cahia de surpresa em surpresa, de sobresalto em sobresalto —não suppunha que estivesse tão embeijado —Que diabo! estava se desconhecendo, espantava-se com os proprios raciocinios como se fossem apresentados por outro, chegava ás vezes a não comprehendel-os bem e fugir de estudal-os, com medo de chegar a conclusão de que amava muito Anna Rosa. E nesta dubiedade de ideas, seu espirito passeiava-lhe no cerebro ás apalpadelas, como si passeasse ás escuras n'um quarto estranho — E que tal?! não se suppunha tão apaixonado! —nunca julgara ligar tanta importancia áquelle casamento, ao contrario suppunha que o fazia mais por Anna Rosa do que por si... Ora adeus!... tambem si o não pudesse obter não morreria de desgosto por isso!... O que não faltava por ahi eram bons partidos! nem lhe ficava bem realisar ainda semelhante cousa!... sim! porque, verdade, verdade, aquella recusa o offendia!... não! não devia mais pensar em semelhante asneira!... difinitivamente não se devia casar com Anna Rosa!... Nada! que aquillo já era uma questão de brios!...

E com esta resolução vinham-lhe novamente ao espirito, de um modo mais claro e positivo, uma grande admiração pelos encantos de Anna Rosa e um pezar dissimulado de não a poder possuir.

(pg. 299)

Manoel, a poucos passos, roncava com uma insistencia incommoda. Raymundo torcia-se na rede, fatigado no aborrecimento da insomnia —e aquelle roncar aflautado de Manoel, parecia-lhe ali, no silencio daquelle quarto, um trote formal a sua situação —era uma perfeita vaia de zurros e assovios.

Raymundo levantou-se, na certeza de não poder dormir com semelhante musica, acendeu um charuto e sahio para a varanda. O luar entrava sem obstaculo e estendia uma luz branca no chão. Raymundo encostou-se ao parapeito e ficou a percorrer com o olhar cansado a paysagem, que se esbatia nas meias tintas do horizonte, como um desenho a pastel.

De repente á uma nota harmoniosa de falsete, succederam-se outras, muito prolongadas e tristes, como gemidos.

Raymundo ficou a pensar nisto —o canto parecia vir de uma arvore fronteira a casa —dir-se-hia uma voz de mulher —tinha uma melodia exquisita e monotona, cheia de uma tristeza italiana.

Era o canto da *mãe-da-lua*.

O passaro levantou o vô e Raymundo vio-o perfeitamente, de azas brancas abertas, a distanciar seus gemidos pelo espaço —Os sertanejos, considerava elle —tinham alguma razão nos seus medos legendarios e nas suas crenças fabulosas —Elle, por exemplo, si ouvisse aquella voz em S. Braz, lembrar-se-ia logo com certeza do passaro que canta á finados.

Segundo a indicação do guia, continuava a pensar **(pg. 300)** —a tapera de S. Braz ficava justamente para o lado que tomou o passaro —devia ser naquellas baixas, que elle d'ali via... não podia ser muito longe e elle seria muito capaz de lá ir sosinho.

Veio distrahir-o destas considerações um vozear frouxo, quasi imperceptivel, que chegava-lhe aos ouvidos de um modo vago e fugitivo. —Não havia duvida!.. alguém conversava ou monologava perto d'ali. Prestou toda attenção —não podsia duvidar —

desta vez ouvira perfeitamente! chegara a compreender algumas palavras!... —Mas onde diabo seria aquillo?!...

Foi ao quarto de Manoel —o bom homem dormia como uma criança. Atravessou pé ante pé a varanda, foi até a extremidade opposta —nada descobriu, voltou para outro lado —o mesmo resultado —Seria em baixo?! desceu logo, porem não ouviu mais nada — E essa! —a cousa era lá mesmo em cima —Mas lá não havia mais hospedes, dissera-lhe o Cancelli!... Ora que diabo de noute maravilhosa! Tornou a subir, mas desta vez pela escada do fundo — Oh! agora a cousa estava mais expressiva, Raymundo ouviu como umas frases destacadas, queixas, lamentações, palavras ternas —Era de endoudecer! —quem diabo estaria ali fallando! — Quem está ahi?! perguntou elle atôa, no ultimo corredor, com a voz um pouco alterada.

Ninguém respondeu e o murmurio mysterioso calou-se incontinente.

Raymundo esperou, possuido já de uma curiosidade nervosa, um pouco alterado e com o ouvido **(pg. 301)** ainda impressionado do máo effeito de sua propria voz no silencio a perguntar —Quem está ahi? Afinal reapareceu o vozear, porem mais afastado —vinha de outro lado. Raymundo encaminhou-se o mais silenciosamente que lhe foi possivel pela direcção da voz mysteriosa. Effectivamente quem quer que fosse ia gradualmente fallando mais alto.

— Oh! fez Raymundo comsigo —tinha ouvido perfeitamente seu nome, o de seu pae e o de D. Marianna. Redobrou de attenção —estaria sonhando?... aquella voz infernal fallava vagamente de S. Braz, do padre Diogo, de Quitéria, de José da Silva — com certeza desta vez ia ouvir fallar de sua mãe —Oh! já era tempo!... Redobrou attenção —estava tremulo, frio —nunca sentira uma impressão tão forte. Porem a voz fallava de todos os personagens de S. Braz, menos de sua mãe —Que ferro!...

— Mas enfim a voz continuava —Raymundo espichou o pescoço, porém este movimento fizera rumor e a voz calara-se de repente.

— Diabo! fez Raymundo comsigo e esperou —nada! dous minutos mais, quatro, mais cinco —nada! —De sua mae nem uma palavra! No fim de meia hora voltou a varanda —não sabia o que julgar d'aquillo, nem sabia o que fazer, mas jurava descobrir

o fio do enigma — Oh! quem quer que fallasse estava perfeitamente a par dos acontecimentos de S. Braz.

Foi ao quarto, tomou o candieiro, percorreu as varandas, desceu, tornou a subir —nada descobriu e **(pg. 302)** ficou furioso, afinal voltou a seu quarto, diminuiu a luz e deitou-se.

Tinha deixado a porta aberta —estava alerta, ao primeiro movimento saltaria. Comtudo no fim da primeira hora fechou os olhos —a fadiga da viagem pedia repouso, era já madrugada —ia adormecer.

Mas um leve rumor fizera-o olhar para a porta —Raymundo encolheu-se na rede, abafou a respiração e insensivelmente lembrou-se de um revolver que trouxera. Na porta desenhava-se, contra a claridade exterior, a mais esqualida, andrajosa e esqueletica figura de mulher, que é possível immaginar —era uma preta alta, cadaverica, phantasticamente tragica, com os movimentos muito demorados e suaves, os olhos cavos, os dentes salientes e escarnados.

Raymundo, apesar de sua presença de espirito, teve um grande sobresalto de nervos, porem conservou-se immovel, na esperança de ouvir mais alguma cousa, que o esclarecesse sobre S. Braz. Si não fosse sua bella educação phisica é natural que o medo o tivesse feito disparar o revolver, mais o vulto, depois de olhar vagamente em torno de si, tornou a sair silenciosamente.

Raymundo levantou-se, calçou de pressa as botas e correu á porta.

O vulto já estava na extremidade da varanda, movendo-se sempre silenciosamente. Raymundo não hesitou —seguiu-o. O vulto dobrou para a outra face da varanda, elle atraz, tremulo, manco, parecia-lhe se- **(pg. 303)** guir um cadaver. De repente abriu a correr; o vulto, sentindo-se perseguir, redobrou de agilidade e deslisou n'uma carreira surda o ultimo lance da varanda.

Raymundo ia perdê-lo de vista —Espera! espera! gritou —ou eu te mato, diabo!

Quando chegou ao fim da varanda avistou-o já na extremidade opposta —correu para elle com toda a energia que lhe restava, porem o vulto atravessou uma porta e desapareceu.

Raymundo, ao chegar correndo a porta, viu pelo parapeito o vulto já no pateo, sempre fugindo.

Raymundo tinha uma grande inferioridade —não conhecia bem o terreno, foi as apalpadellas que chegou a porta e desceu estonteadamente uma escada. Era o fundo da casa, virou para o pateo, olhou em torno —nada! caminhou atôa, correndo de um para outro lado, inquieto, voltando-se rapidamente ao menor mexer de galhos —nada! Afinal, auxiliado pelo luar, percebeu, lá muito distante, o vulto, que se afastava phantasticamente, quasi como si se evaporasse. Então Raymundo abriu n'uma dessas carreiras de boas pernas, porem de balde, porque o vulto desaparecera inteiramente no mato.

Entretanto os primeiros symptomas do dia avermelhavam o horisonte.

As poucas horas em que Raymundo encostou a cabeça, para descansar um bocado, foram horas de febre, cheias de sonho.

Ao levantar-se no dia seguinte sentia-se aborrecido (**pg. 304**) e meio na duvida si sonhara toda a noute, ou si evidentemente vira e ouvira aquella maldita mumia, que lhe não sahia da imaginação.

Todavia conversou-se alegremente sobre o facto, ao almoço —Era alguma dessas pretas aggregadas, que appareciam das fazendas vizinhas, explicava o Cancellia —talvez estivesse bebida...

E contou que nas noutes de *tambor*, ellas costumavam dormir pelos ranchos, que encontravam no caminho —ali havia quasi sempre uma porção dellas, que appareciam e desapareciam, sem se lhes perguntar donde vinham ou para onde iam.

— Mas afinal donde vinha semelhante gente? eram pretos fugidos?

— Não, não! —os colombos formavam grupos aparte, nunca appareciam publicamente, viviam escondidos nos seus mocambeiros, e só mostravam-se na estrada real para atacar alguém. Agora, os aggregados sim, eram pretos forros, que estiveram toda a vida sujeitos ao captiveiro e que, por não haver quem os obrigasse a trabalhar e por não quererem deixar o sertão, ficavam por ali pedinchando pelas fazendas um bocado de arroz, para comer e um pedaço de chão, para dormir. Eram uns vagabundos, porém não faziam mal a ninguem — Olhe! continuava elle —de S.

Braz tinhamos aqui a principio tres, que viviam pr'a'hi sem fazer cousa alguma —dous morreram, creio que um ainda existe —é uma preta idiota! Deve ser a que o senhor vio esta noute.

(pg. 305)

E acrescentou que ella as vezes passava ahi mezes inteiros —os pretos gostavam de ouvil-a cantar e dansar. Estava sempre a resmungar comsigo. Porem que de tempos ella já não apparecia —podia mesmo ser, coitada! que tivesse esticado a canella ahi pelo mato.

Fallou-se tambem na Mãe-da-lua —Cancellia contou velhas aneddotas de viajantes europeus, que se perderam nas matas, seguindo o canto do passaro.

Depois trataram de interesses —fechou-se a negociação da fazenda — Raymundo estava por tudo, com tanto que lhe não demorassem a partida —ardia por visitar S. Braz. Cancellia instava com elles para que se demorassem uma semana — Seu Manoel que passasse dous dias, ao menos. Está doudo! —Pois elle podia lá passar dias longe do armazem?!... — Mas que então fossem pela manhã!

— Nada! havia de ser naquella mesma noute, para que diabo aguentar sol pelo caminho, quando tinham um luar, que nem dia?

O jantar demorava-se. Raymundo estalava de impaciencia —só as tres horas da tarde conseguiram partir — Leve-nos a S. Braz, disse Raymundo ao guia.

— A S. Braz?! o que vamos lá fazer?...

— Ora esta! não é de sua conta —leve-nos!

—A S. Braz não vou!

— Essa é melhor! —não vae! então que diabo veio você fazer comnosco, sinão guiar-nos!

— Sim senhor, mas é que a S. Braz não vou, nem amarrado!

(pg. 306)

— Vá para o diabo! iremos nós —Se'or Manoel, o senhor não sabe o caminho?

— Verdade, verdade —o homem não deixa de ter sua razão —no fim de contas que diabo vae fazer o senhor naquella tapera?

— Ver o logar em que nasci... ora essa!

— Tem razão, mas...

— Si não quizer ir, vou só.

— Mas é que o senhor sabe...

— Que contam historias horriveis do logar e que ha quem acredite em tudo isso, mas faço-lhe a justiça de não suppol-o desses.

Os cavallos tinham-se entranhado na estrada real.

— Homem, disse Manoel —lá saber o caminho, eu sei, e o guia si não quizesse vir, poderia esperar-nos ao pé da cruz, mas confesso-lhe que tenho meu receio dos mocambeiros; alem disso... quem, como eu, ouvio as ultimas palavras de meu irmão!...

— De meu pae, hein?! exclamou Raymundo com vivacidade —conte-me isso!

— O senhor se ha de rir —são coisas que parecem asneira! —hoje os moços não acreditam em cousa alguma!... mas é que certas palavras ouvidas da bocca de quem vae morrer, mexem com a gente! —fazem um homem ficar assim meio aquelle... Olhe, meu amigo, eu digo-lhe aqui entre nós, e o senhor não se masse —seu pae não teve a vidinha lá muito socegada, não! Depois que casou, não se dava com pessoa alguma; nem a propria sogra queria saber (pg. 307) delle —vivia assim abandonado! Eu era nesse tempo principiante no commercio e muito raras vezes podia abandonar o trabalho, comtudo aqui vim tres vezes; mas creia que não gostava de cá vir —era uma tristeza! Doia-me de ver o José tão desprezado, tão triste —parecia estar a cumprir uma sentença! Viajante nenhum aceitava o pouso em S. Braz; preferiam dormir ao relento, exposto ás cobras! Contavam que alta noute ouviam-se constantemente gritos horriveis na fazenda, pancadas por espaço de muitas horas, correntes arrastadas; os escravos morriam sem se saber de que. Enfim o conego Diogo, que era o vigario desta freguezia, confessa que nunca lhe soube dar volta. E olhe, coitado! —metteu-se-lhe em cabeça abençoar e proteger a fazenda de S. Braz, e quasi ia sendo victima de sua dedicação —ficou assim á modo de aluado! E foi tão perseguido por cá, que o pobre homem vio-se obrigado a abandonar a parochia! Ainda hoje, quando o conego ouve fallar em S. Braz, benze-se todo! Pois creia o senhor que o conego Diogo era o maior intimo amigo do José, e supponho até era o unico que lhe frequentava a casa; no entanto meu amigo, seu pae ultimamente não o queria ver, nem pintado! e, nos delirios

de suas febres, estava sempre a ver phantasmas e a gritar como um doudo — Quero matar o padre! Tragam-me o padre! o padre é que é o culpado de tudo! —este fulano padre era o conego. Eu nunca quiz fallar nestas cousas ao compadre, porque **(pg. 308)** elle é homem muito scismatico e podia agastar-se comnosco.

E depois de uma pausa — Ora já o meu amigo vê que, apesar de não acreditar em patacuadas, tenho minhas razões para...

— Ora, senhor Manoel, deixe-se de receios ridiculos! —si não quizer vir, fique-se com o guia —irei só, mas saiba que ao caboclo perdôo o medo, porque enfim elle não está na altura de certas verdades, porem ao senhor não perdôo!

— Eu não tenho medo de cousa alguma, com os diabos! mas é que...

— Receia que lhe saia o diabo ao encontro, com prehendendo!

E Raymundo fingio uma gargalhada, para intimidar o companheiro.

— Não é isso, mas...

— Ora qual, historias! homem! vamos á S. Braz!

— Enfim... vamos lá.

E encaminharam-se para a tapera.

Cavalgavam silenciosamente. Raymundo nada dizia de commovido; Manoel, de medroso.

Instinctivamente pararam em respeitavel distancia — Creio que chegamos! disse Raymundo. E, depois de avançar alguns passos — Lá está a tapera! Aproximou-se e gritou — O' de casa!

Só o echo respondeu. Adiantaram-se e elle tornou a gritar —nem signal de vida.

(pg. 309)

— Ande, senhor Manoel estamos a quichotear —aqui não ha ninguem!...

E com mais alguns passos chegaram defronte da casa.

Eram os restos de uma casa abaçada, sem reboque, cujo madeiramento de lei tinha resistido heroicamente a constancia do tempo e a inconstancia do homem — estava ainda segura nos seus alicerces.

la anoutecer —o sol escondia-se já nos bastidores vermelhos do horizonte, como um actor da escola antiga —sem dar costas ao publico. O ceu afogueava-se tragicamente em celagens sanguineas e o campo bocejava, como espectador de um espectáculo sedição.

Os viajantes contavam aproveitar os restos do dia —apeiaram-se e introduziram-se na varanda por uma brecha, que cortava de alto a baixo o primeiro panno de parede.

A varanda estava completamente arruinada e cheia de mato; os camaleões, as osgas e as mucuras fugiam espantadas pelos pés de Raymundo, que galgava moitas de ortiga e capim bravo.

A tapera tinha um aspecto funebre e contristador —das paredes sujas e desaprumadas dependuravam-se formidaveis teias de aranha; escorriam do tecto os parasitas silenciosos e destacavam-se por toda parte os ninhos das cabas e lagartos; a agua da chuva, que vinha suja de terra vermelha do telhado, escorria pelas paredes como grandes lagrimas de sangue. **(pg. 310)** A um canto descobria-se, entre a herva bravia do chão um instrumento abominavel de suplicio —era um *tronco* de madeira preta; os buracos redondos, que serviam para prender as pernas ou o pescoço dos escravos tinham ainda manchas sinistras de sangue.

Os dous continuaram a se introduzir pela casa —ao transporem cada porta fugia diante delles uma nuvem negra de morcegos e andorinhas.

O chão e as paredes estavam empastados do excremento dos reptis e dos passaros, o telhado tinha varias aberturas, por onde cahia uma luz frouxa. Respirava-se uma atmospheria de calabouço. De um charco visinho á casa levantava-se, com a monotonia da pulsação de um relógio, a gritaria das rans. Os anús passavam de uma para outra arvore miando silvos prolongadissimos. Do fundo da floresta chegavam as gargalhadas ironicas das rapozas e os gritos estridentes dos macacos e saguins.

Era o concerto da noute. Manoel, um tanto commovido, contemplava longamente as paredes, os tectos e os quartos, com o ar de quem consulta um alfarrabio, e procurava descobrir naquelles restos podres a antiga casa do irmão —

Vejamos agora por cá, disse elle a Raymundo, e penetraram em um quarto, cujas janellas, despregadas pelo tempo, estavam a desabar — Era o quarto de meu irmão.

E Manoel entrou a meditar.

Raymundo olhava para tudo aquillo com uma grande **(pg. 311)** tristeza, vaga, sem limites —pensava— Como seria seu pae?... esse bom homem, que nunca se descuidara da educação do pobre Raymundo! — Quantas vezes, naquelle quarto, talvez junto áquella janella, olhando para a quinta, não pensaria o bom velho no querido filho, que tinha longe de si?!... E sua mãe? estaria ali?... ao lado d'elle, ou, quem o sabia? escondida, envergonhada, a chorar suas faltas em alguma choupana occulta?!...

— Aqui, disse Manoel, batendo no hombro do companheiro —nasceu o senhor, meu amigo —brincou seus primeiros annos e levou suas primeiras quedas.

Raymundo sentia uma curiosidade doudo de perguntar pela mãe, porem não se animava —temia agora não sei que agonia inedita, que o esmagasse de todo, receiava alguma verdade fria, rija, de aço, que o atravessasse de lado a lado como uma espada. Até ali ninguem lhe fallara nella —é que sem duvida havia em tudo isso um segredo de familia, alguma paixão vergonhosa, uma falta horrivel, talvez um crime abominavel, que ninguem ousava revelar. E no entanto, Raymundo sabia, sim! tinha certeza que aquelle homem, que estava ali, em sua presença, ao alcance de suas palavras, poderia, si quizesse, esclarecel-o de tudo — Quem seria ella? —essa pobre mãe desconhecida, por quem Raymundo sentia um amor desnorteado!... Alguma senhora, bonita sem duvida, porque causava crimes, ella propria criminosa de amar, a violentar culpas a seu pae, a impor-lhe uma paixão irresistivel e roma- **(pg. 312)** nesca, cheia de mysterios, de sobresaltos e de remorsos. — E desse amor escondido, criminoso, talvez adultero, que necessariamente causou a morte de meu pae, concluia elle —nasci eu! minha vida custou a morte do pobre homem!... mas porque não me contam tudo?!... Qual! inferno! —si fosse possivel dizer já o Manoel me teria fallado nisso com franqueza!

E acabrunhado por estas reflexões, humilhado pela duvida de si, miseravel, triste, Raymundo percorria a casa, desesperado por não obter algum esclarecimento

sobre sua mãe. Despertou-o a voz rouca de Manoel — Vamos cá, antes que anouteça de todo, á capella.

Entraram primeiro no cemiterio —estava arrazado.

Manoel apontou para uns restos de sepultura e disse com um gesto de respeito — Ali está seu pae!

E calou-se.

Raymundo chegou-se silenciosamente da sepultura, descobrio-se e procurou ler na carneira alguma cousa, que lhe fallasse do pae —nada! O tempo havia apagado da pedra o nome do morto, como apagara-o da memoria dos homens. Ali só havia uma pedra carunchosa, negra —deixara de ser uma taboleta, era uma tampa!

Raymundo sentio pezar-lhe dentro, como uma barra de chumbo, todo o mysterio de sua vida; parecia sentir sobre si, uma outra pedra silenciosa e negra — comprehendia que o seu passado era tambem uma sepultura sem epitaphio.

(pg. 313)

E enovelou-se-lhe na garganta um nó aspero —acommetteu-lhe estranha vontade de ajoelhar supersticiosamente e... chorar,

Manoel tinha-se afastado discretamente, Raymundo enchugava as lagrimas, que acodiram rapidas e abundantes, como si tivessem marcado uma entrevista para aquelle logar. Depois dirigio-se para uma outra sepultura —estava vazia e abrigada por uma frondosa mangueira. Necessariamente os parentes do defunto tiraram os ossos para deposital-os em alguma igreja na capital.

A posição da pedra e as folhas da mangueira lhe tinham servido de resguardo — o tempo não apagara de todo o epitaphio, e Raymundo, depois de limpar a pedra com o lenço, conseguiu ler e advinhar o seguinte —Aqui jazem os restos mortaes da Exm^a. Sr.^a D. Quiteria Innocencia de Freitas Santiago, casada em 15 de dezembro de 18** e fallecida em 2 de agosto de 18** Orae por ella!

— Não ha duvida que, alem de bastardo, descendi de uma vergonha enorme — meu nascimento combina aproximadamente com estes algarismos.

E assim pensando chegou ao fundo do cemiterio e achou-se defronte de uma capella.

A luz da lua apparecia mysteriosa e filtrava-se pelas aberturas do telhado e paredes arruinadas da capella. Pelo lado posterior entrava uma grande claridade, que se estednia no chão ladrilhado, como um liquido branco que se derrama.

(pg. 314)

Raymundo galgou tres degráos escalavrados e penetrou na sachristia —uma curuja fugio espantada. Chegando ao corpo da capella, elle parou e estremeceu —o vulto esqueletico, medonho, sujo, coberto de andrajos, que lhe apparecera á noute como um phantasma —ali estava a dansar uns requebros sinistros, com os braços, summamente magros e molles, levantados sobre a cabeça.

Raymundo sentio-se collado á cantaria do chão, humedecia-lhe a testa um suor aborrecido, chegou a duvidar que a figura que tinha diante dos olhos, fosse humana —vinham-lhe a memoria as caricaturas e os contos singulares de *Hoffmam*.

Todavia aquella especie de mumia se aproximava a dar saltos, estalando os dedos ossudos e compridos. Quando, nas piruetas, ella se voltava para o luar, Raymundo via-lhe os dentes enormes e descarnados, os olhos esbugalhados, a se torcerem convulsivamente nas orbitas profundas, a caveira a desenhar-se angulosamente atravez às carnes, as clavículas a romperem a pelle, as pernas seccas, cheias de movimentos tragicos. Ora erguia as mãos, descahindo a cabeça, ora fazia voltas, sapateando e dando pungas no ar.

Em uma destas occasiões percebeu Raymundo e deitou a correr para elle com os braços abertos. Na primeira impressão Raymundo recuara com repugnancia, porem, cahindo em si, aproximou-se della e perguntou-lhe —si conhecia quem morara naquella fazenda.

(pg. 315)

A preta olhou para elle e rio-se estupidamente.

— Não conheceste o José da Silva?

A preta continuou a rir. Raymundo insistio no seu interrogatorio, sem obter resultado algum. De repente, a idiota deu um salto sobre elle, querendo abraçá-lo; Raymundo não tivera tempo de fugir e sentio-se em contacto com aquelle corpo

repugnante. Então, cheio de raiva, empurrou-a com força —a preta cahio para traz, estalando os ossos contra os tijolos do chão.

Raymundo sahio a correr para se reunir a Manoel, porem a preta pilhou-o no cemiterio e atirou-se de novo a elle — Não me toques! dizia Raymundo, furioso, levantando o chicote.

A preta não fez caso e atirou-se de novo a Raymundo, que, impaciente, frenetico, levantou o braço e metteu-lhe duas lambadas.

A preta, estorcendo-se, segurou-o pelas pernas. Elle agarrou-a vigorosamente pelos braços e expelio-a —nova queda, porem nova investidura.

Raymundo defendia-se a chicotadas, suado, tinha-lhe cahido o chapéu — Diabo! não me toques! porque ficas retalhada! Que peste!

A preta não fazia caso e investia rindo-se idiotamente e dando-lhe com os pés.

Manuel acodira correndo — Não a bata, doutor —não a bata! Que estouvices!

— Mas si ella não me quer deixar — Sae! sae! olha que me obrigas a te bater!... Sae, diabo!

(pg. 316)

Manoel ficara surpreso e agoniado — Já! disse elle, intimidando a douda — Já p'ra dentro!

A preta retirou-se humildemente.

Quem é esta preta? perguntou Raymundo, já tratando de montar.

— Esta preta, disse Manoel vagamente —esta preta foi uma escrava de seu pae. Vamos!

E pozeram-se a caminho.

(pg. 317)

XII

Os dous viajantes afastaram-se diversamente impressionados da tapera.

Manoel tentara por duas vezes uma conversa, que não vingara no animo acabrunhado do companheiro —Raymundo respondia machinalmente ás palavras do outro —ia muito a pensar no seu passado, e com a duvida desse passado e a certeza de seu bastardismo, veio-lhe uma estranha susceptibilidade —agora, e não sabia porque, precisava de uma explicação cabal de tudo o que se passara, queria que Manoel dissesse bem claro o motivo que o levou a recusar-lhe a filha.

Raymundo desejara penetrar em seu passado, estudal-o, conhecel-o a fundo, mas encontrara todas as portas fechadas e mudas como pedras de sepultura; bateu, tornou a bater —nem uma voz. Todavia restava-lhe ainda um recurso —era tentar Manoel, forçal-o, si preciso fosse —metter hombros para poder entrar.

(pg. 318)

E tão dominado ia por estes pensamentos, que as vezes parava esquecido o cavallo, e ao passar pela cruz, nem só não deu por ella, como pelo guia, que poz-se logo á caminho.

— O' meu amigo! gritou-lhe Manoel —isto tambem não vae assim!... despeça-se deste logar!

E apeiou-se para depor aos pés da cruz um galho de murta.

Raymundo voltou atraz e, depois de um grande silencio, fitou o companheiro e perguntou-lhe vagamente, externando um pedaço do pensamento, que o dominava — Ella será por ventura minha irmã?!...

— Ella quem?

— Sua filha.

Manoel comprehendeu a preocupação de Raymundo — Não.

Raymundo tomou a mergulhar na duvida e nas conjecturas —e no fundo escuro desse oceaon procurava desesperado o motivo da recusa de Manoel, como se procurasse um objecto no fundo do mar —e sua intelligencia, outras vezes tão lucida e prespicaz, sentia-se agora ás apalpadellas, ás tontas, quasi sem folego, nas trevas impenetraveis e mysteriosas de sua vida.

E de tudo isto vinha-lhe um grande máo-estar. Depois da recusa do pae, Anna Rosa tornara-se para elle uma felicidade indispensavel —já não podia conceber a

existencia, sem a doce companhia daquella mulher fresca e bonita, que, no seu desejo estimu- **(pg. 319)** lado, apparecia com mil formas novas de seducção, a lembrar-lhe todas as attitudes felizes do amor.

E na sua imaginação de namorado, acariciava ainda essa idéa, que fôra sua companheira, que dormira todas as noites com elle, e que agora procurava ir-se embora, com as desculpas banaes e communs de uma amante enfasiada. Desejava Anna Rosa —habituar-se a julgar-a sua, ligara-a pouco e pouco a todos os seus projectos —sonhara-a junto de si, na intimidade de sua vida, no conchego de seu lar — governando sua casa, enchendo-a de risos e cantos, povoando o seu leito de um amor bom e honesto —E agora, desgraçado —Olhava para tudo isso, como o criminoso olha, atravez ás grades da prisão, para os burguezes que passam na rua, muito satisfeitos da vida, fumando charutos ao lado da mulher e dos filhos. E Raymundo sentia-se perfeitamente que aquella insistencia de Manoel em negar-lhe a filha, longe de afastal-o de Anna Rosa e desturir seus projectos de felicidade, mais e mais o aproximava della, ligando-a cada vez mais ao seu destino e segregando-o do resto da sociedade.

— Terá ella por ventura alguma molestia secreta, que levasse o medico a prohibir-lhe o casamento? Será talvez algum defeito do organismo?!...

— Oh! com effeito! —o senhor tortura-me com as suas perguntas! —creia que si eu pudesse dizer-lhe a causa de minha recusa —tel-o-ia feito desde principio!...

(pg. 320)

Porem Raymundo não poudé mais conter-se e disparatou: — Mas o senhor pode calcular perfeitamente o meu estado de desasocego e anciedade! Ora esta! — não se diz assim, sem mais nem menos, a um rapaz, que vem pedir legitima e conscienciosamente a mão de uma senhora, que o autorisou a isso —não a dou, porque não quero —Porque não quer?! —porque mesmo! E' bôa! —essa recusa... desculpe a expressão —disparatada! encerra em si uma offensa directa a minha dignidade! O senhor hade concordar que me deve uma resposta, seja ella qual fôr — uma desculpa! uma mentira muito embora! Mas com todos os diabos! —é necessario uma razão qualquer — Si me dissesse —Opponho-me ao seu casamento, porque

antypathiso solemnemente com o seu character —Sim senhor! —não seria uma razão, mas estava no seu direito! Porem o senhor...

— Perdão! eu não podia dizer semelhante cousa, depois de o ter por varias vezes elogiado, e ter-me declarado, como repito, seu amigo e seu apreciador.

— Mas então?!... si é meu amigo, que diabo! diga-me a razão, com franqueza! —tire-me, de uma vez, deste maldito inferno! diga-me o motivo de sua recusa, seja ella qual fôr! ainda que uma revelação esmagadora! aceito tudo! menos a duvida, porque isso tem sido o grande tormento de minha vida! prefiro mudar de soffrimento! com esse já cancei! Vamos! diga! é favor!... por aquelle que cahio ali assassinado!

(pg. 321)

E apontou com direcção á cruz Era seu irmão e meu pae! pois bem! por elle peço-lhe que me falle com franqueza! Si sabe alguma cousa de minha vida ou da de meus paes —conte-m'a! —Então serei tão despresivel a seus olhos, que não lhe mereça uma explicação?!...

— Não! não! ao contrario, senhor Raymundo —eu levaria muito em gosto o seu casamento com minha filha, no caso que isso si pudesse realizar! E só peço a Deus que lhe depare um marido, possuidor de suas boas qualidades e de seu saber, porem creia que eu, como bom pae, não devo, de forma alguma, consentir na sua união com Annica —commetteria um crime si assim procedesse!...

— Com certeza ha algum parentesco de irmão entre eu e ella!...

— Não! já lhe disse que não ha!

— Pensará o senhor que sou doente! que tenho alguma molestia ruin, que transmittisse a meus filhos na massa de meu sangue?!...

— Peior do que a molestia, que se transmite no sangue, porque o seu mal transmite-se tambem no nome!

— No nome?! disse Raymundo, parando o cavallo —algum crime abominavel de meu pae?!...

— Não! não é um crime!

— Então que é?! diga! vamos! diga por amor de Deus!...

— E o senhor promette não se offender?!...

(pg. 322)

— Juro!

Depois de algum silencio, que valeu uma eternidade para Raymundo, Manoel disse resolutamente —E' porque o senhor é mulato!

— Mulato! eu?!...

E Raymundo tornou-se livido.

— E' verdade, infelizmente! disse Manuel em ar de confidencia — Vê o senhor?! —não é por mim! mas é pela sociedade! é pelos descendentes! é por tudo mais! — A familia de minha mulher é muito escrupulosa a esse respeito, e como ella é todo o Maranhão! Concorde que seja uma asneira! concordo que seja um prejuizo tôlo! mas o senhor não imagina a prevenção que ha por cá com este negocio de côr! —nunca me perdoariam um tal casamento. Além disso para realizal-o teria de quebrar a promessa que fiz á minha sogra de nunca casar Annica com o senhor! que aliás é muito digno, mas que todos no Maranhão sabem que foi forro á pia!...

— Eu?! ora essa!...

— Sim, meu estimavel sobrinho —o senhor! peza-me dizel-o e não o faria si não fosse obrigado, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu tambem escravo!

Raymundo abaixou a cabeça e reprimio os soluços. E ali, á sombra das arvores seculares, por entre cuja folhagem filtravam-se alguns raios da lua, ia Manoel soltando, como machadadas, os episodios da vida de Raymundo —rapidos e esmagadores.

(pg. 323)

— Pode continuar! disse Raymundo, quando Manoel hesitou narrar algum facto mais transcendente — continue! conte o resto dessa historia nojenta, dessa porcaria, que supponho ser o unico no Maranhão que a não sabe!

E durante o caminho Manoel contou fielmente tudo o que sabia da historia de Raymundo.

— Porém, minha mãe?! perguntou este afinal —minha verdadeira mãe!... que fim levou? morreu? mataram-na? venderam-na? O que fizeram della?!...

— Nada disso! soube ha pouco que ainda vive —é aquella pobre idiota de S. Braz.

— Meu Deus! disse Raymundo, querendo voltar á tapera.

— Que é isso?! vamos! nada de loucuras! voltará em outra ocasião!

E calaram-se ambos.

Raymundo, aborrecido, infeliz, sacudia a cabeça com desanimo, vergado sobre o sellin, sem dar uma palavra, perdido n'uma grande má vontade por tudo e por todos. Naquella alma energica, leal, limpa, penetrou uma sombra de desanimo e raiva — sujou-a! A idéa do suicidio, que até ahi lhe parecera a acção mais ridicula, mais pulha, mais esteril, praticada pelo homem, acudia-lhe agora prompta á memoria, como um beleguim depois de uma fallencia.

— Suicidar-me! eu?! gritou-lhe de dentro a consciencia com orgulho — Não! porque não quero!

(pg. 324)

Uma revolução enorme operou-se então no animo de Raymundo —as idéas iam e vinham e atiravam-se de encontro aos seus principios solidos de moral e de sciencia, como no oceano a tempestade atira as vagas contra rochedos. E, á flôr das agoas encapeladas, boiava, inchava, uma palavra enorme e estúpida como um defunto — *Mulato!*

Esta palavra crescia horivelmente em sua imaginação, crescia como uma nuvem negra, que tapava todo seu passado —ella só formava uma idéa immensa, que alastrava como um parasita, até matar todas as outras idéas!

Esta palavra explicava todos os mysteriosinhos, que a sociedade do Maranhão tinha para Raymundo, explicava tudo! —a frieza de certas familias tôlas a quem visitava; a conversa cortada no momento em que elle se aproximava; as reticencias dos que fallavam-lhe sobre o passado; a reserva e a cautella dos que conversavam com elle; os sustos de quem, por um descuido, discutia em sua presença questões de sangue; a razão porque D. Amancia lhe offerecera um espelho e dissera-lhe — Ora mire-se! E até o motivo porque em sua presença chamavam de *meninos* os moleques da rua. Enfim aquella palavra vinha explicar tudo —deitar os pontos nos ii, vinha negar-lhe o bem estar em sua propria patria —Porque elle era um mulato! Ora ahi está!... Vinha dizer-lhe —Aqui, desgraçado, nesta terra em que nasceste! —não podes amar

sinão uma negra! sabes?! —tua mãe foi uma **(pg. 325)** escrava! —Mas a natureza não creara captivos! —fizeram-nos os homens! fizeram esses desgraçados, que haviam de produzir outros mais desgraçados! —Peste de traficantes —raça maldita de expeculadores!

E naquella alma transparente e bem intencionada, naquelle character bom e honesto, nasceram, como uma ninhada destruidora —o odio, a vergonha, o desanimo a vingança e a miseria! E no seu odio immenso, implacavel, envolvia sua terra, porque era estúpida e futil; o governo, porque consentia na escravatura; os portuguezes porque a tinham introduzido no Brazil, os jesuitas porque a protegeram; enfim seu pae porque o fizera nascer escravo, e sua mãe porque collaborara nesse crime! O que tinha vindo elle fazer ao Maranhão? perguntava com sigo —nesta especie de colonia portugueza —muito pulha, cheia de intrigas, de vaidades ridiculas, de orgulhos encebados, de mulheres hypocritas, de ambiciosos vulgares, de politicos reles?! O que tinha vindo fazer aqui?! —elle, que sempre fôra feliz longe dessa provincia de bôrra! elle, que nunca experimentara indelicadezas e desgostos —como os sentia agora!? O que viera fazer aqui? —isto! —encher-se de miseria —buscar a certeza de que era um paria?! um mulato! um mulato, que ninguem quer em casa, um ente detestado, um homem, a quem não vale a boa educação, o bom character, a illustração, a moral e a delicadeza! E Raymundo lembrava-se das palestras peculiares ao Maranhão —das portas de botica, das intrigas que lhe chegavam aos ou- **(pg. 326)** vidos —do juizo que faziam delle —um burro! um pedante! —Gosto que estes impostores venham ao Maranhão, para nós lhe quebrarmos a prôa! E tudo isto, a que elle nunca ligara importancia, mesmo porque só lhe chegava aos ouvidos em pinguinhos, ameaçava agora enorme agoaceiro —gôta a gôta a nuvem negra formara-se!

E sentio um grande desejo, uma necessidade de amar, de ser amado —formar uma familia, e um abrigo onde se podesse esconder da maldita sociedade! Mas só queria para junto de si Anna Rosa —desejava-a como por um direito, e, conhecendo a supposta superioridade della, exigia-a com muito mais ardor.

Chegaram a casa.

Raymundo ardia de impaciencia por se metter em seu quarto, fechar-se por dentro, ficar inteiramente só, e conversar a vontade com a consciencia —dizer-lhe improperios! lançar-lhe accusações e... chorar!

Logo que chegou, entrou no quarto, sem cumprimentar ninguém e fechou-se por dentro com um ruido grosseiro de fechadura, que poucas vezes funciona. Parou junto a mesa, no escuro. acendeu um phosphoro, apagou-se, segundo, terceiro, o quarto ardeu bem, porém Raymundo ficou a olhar abstratamente para a flama azul, distrahido, torcendo entre os dedos, automaticamente, a madeira, que ardeu até chamuscar-lhe as unhas; deixou cahir o resto do phos- **(pg. 327)** phoro no chão e ficou immovel, no escuro, a scismar, perdido na sua preocupação.

E' que tinha chegado a porta de uma gruta enorme, sombria, desconhecida para elle —*Mulato!* E não se animava a entrar —olhava com medo para dentro —via um labyrintho muito esgalhado, e deixava-se ficar á porta, procurando distrahir o espirito com os objectos externos.

— Diabo! exclamou voltando a si, no fim de cinco minutos e acendeu a vela, assentou-se á escrivaninha, vestido, de chapéu na cabeça e sacodindo com impaciencia nervosa a perna, tomou distrahidamente a penna embebeu-a repetidas vezes no tinteiro e rabiscou inconscientemente as margens dos jornaes, que tinha ao alcance da mão —desenhou, com uma pachorra preocupadissima, um sino salomão muito irregular, e, como se estivesse pensando no que desenhava, emendou-o, corrigio-o, fez um novo sino, outro, mais outro, encheo uma margem de sinos, porém de repente passou o dedo por tudo o que fizera e empurrou com tédio os jornaes — Diabo! exclamou novamente, como quem procura em balde a solução de algum problema, e poz-se a fitar, com a maxima attenção, a chama da vela, como si ahi estivesse a grande solução de tudo. Depois tomou machinalmente um envelopro de cigarros, que estava abandonado sobre a meza, e com elle ficou bom tempo a brincar, quebrando as estalactites de stearina, até que o papel, por muito embebido de cêra, ardeu de repente e foi **(pg. 328)** lançado ao chão, ficando Raymundo a quebrar com o

dedo a cêra quente e branda da vela, com o cuidado e attenção de quem faz um serviço muito importante.

Entretanto a idéa trabalhava-lhe dentro da cabeça — Diabo!...

E repetia insensivelmente as palavras de Manoel —E' porque o senhor é mulato! — Mulato! ora esta! e eu que nunca lembrara de semelhante circumstancia.

E accusava-se de frouxo —de não ter dado boas respostas na occasião —não ter reagido provado que Manoel estava em erro e que elle —Raymundo não ligava a menor importancia a semelhante *futilidade*! Acodiam-lhe agora respostas magnificas — verdadeiros estiletes d'aço, com que aniquilaria o adversario!

E argumentando deste modo Raymundo repetia mentalmente o caso, dando para si um outro papel mais brilhante, energico —cheio de palavras fortes e esmagadoras.

Afastou a cadeira da secretaria e escondeu por muito tempo o rosto nos braços dobrados sobre ella. Quando levantou a cabeça, reparou pela primeira vez em uma lithographia vulgar de S. José, que sempre estivera ali, na parede de seu quarto — Raymundo examinou minuciosamente o santo, com o seu colorido detestavel, o menino Jesus no braço esquerdo e com uma palma na outra mão. Surprehendeu-se de vel-o ali —em dias de despreoccupação nunca reparara para aquella lithographia. E dahi recordou-se de ter visto (pg. 329) trabalhar um prelo lithographico na Allemanha, depois pensou nos processos do desenho, e afinal no S. José, na religião. E acudiam-lhe ao espirito cousas inteiramente indifferentes lembrava-se de um homem muito vermelho e suado, que vira na vespera a conversar sobre Napoleão Bonaparte com um logista da rua de Nazareth —diziam muita asneira. E a imagem do logista vinha-lhe nitida a memoria —um sujeitinho magricella, alto, bigode de tenor de Zarzuela, muito tôlo —affectando constantemente uns ares de janota do Chiado, com os requintes enjoados de uma certa delicadeza pulha, peculiar aos alfaiates de Lisbôa. E Raymundo ficou na duvida sobre o nome deste typo — Moreira? não! não era Moreira! e procurava mentalmente o nome com insistencia — Pereira? —não! Nogueira... era Nogueira! era! E este nome trouxe-lhe logo á lembrança uma occasião em que conversava com o

Nogueira Penteeiro, e passou na rua uma mulher douda, que levantava as saias até a cintura, para mostrar o corpo.

E assim levou Raymundo meditando cousas inteiramente estranhas a situação, porem de repente estremeceu —era outra vez a idéa, a idéa primitiva —a idéa capital! Reapparecia —tinha feito uma sahida falsa —ficara atraz da porta do cerebro, a espreitar para dentro o pensamento —Então Raymundo recahio em si e sentio a presença incommoda dessa idéa importuna, vexatoria, que esperava pelo seu pensamento para se apoderar delle, como um policia espera na **(pg. 330)** porta da rua, que saiamos para nos levar preso. E o pensamento de Raymundo remancheava para não ir logo, mas a idéa implacavel, má, gritava-lha da porta —Então?! ande! avie-se! E o prisioneiro entregava os pulsos.

De repente ergueu-se da cadeira —bateu vigorosamente na meza, exclamando como em resposta para uma voz, que vinha-lhe de dentro — Ora cebo! o que tenho eu com isso?!... Sim! o que tenho eu com isso?!.. O que vim fazer a esta provincia estúpida foi tratar de meus negocios —liquidados —vou-me embora —musco-me! — Passem muito bem!

E passeiava pelo quarto, agitado, a fingir-se muito egoista, com as mãos nas algibeiras das calças — Sim! sim! longe daqui não sou o forro á pia! o filho da escrava! —sou o doutor Raymundo, estimado, querido e respeitados! Vou! porque não? —o que m'o poderia impedir?!...

(pg. 331)

E parou, tomou a andar, afinal assentou-se na cama e dispoz-se a dormir — despio o palitot, arremeçou o chapéu, o collete — Sim! o que m'o poderia impedir?!... la descalçar a primeira botina, quando surprehendeu-se com a lembrança de Anna Rosa —uma voz exigente bradava-lhe de dentro, com a impertinencia de um patuléa necessitado, que vem reclamar um emprego — E eu?! e eu?! e eu??!!... Esqueceste-te de mim, desgraçado?! não é verdade?! Pois bem! não quero que vas! entendes? não irás! sou eu quem t'o hade de impedir!...

E Raymundo, muito admirado de não ter até ali pensado em Anna Rosa e, como querendo fugir a essa nova idéa, despio-se com pressa, com impaciencia, e atirou-se de bruços na cama —soluçando.

A's seis horas da manhã ainda havia luz no quarto do mulato.

No dia seguinte, ás onze horas, Raymundo desceu, muito abatido, ao escriptorio de Manoel e pedio-lhe que apressasse seus negocios, porque estava de viagem —que se não podia demorar mais tempo no Maranhão.

— Mas venha cá, doutor, o senhor não me deve levar odio, por ter eu...

— Ah! certamente! certamente! nem pensemos nisso! interrompeu Raymundo, procurando desviar a conversa —o senhor teve toda a razão!... vamos ao que importa...

— Mas não ficou massado commigo?!

— O' senhor! não! como quer que lhe diga que não?! Ora essa! massado porque?! já nem pensava em tal —vinha até pedir-lhe um serviço!...

— Si estiver em minhas mãos!...

— E' simples...

E depois de uma pausa Raymundo continuou com a voz um pouco alterada, a despeito do esforço que fazia por affectar tranquillidade — Como lhe disse hontem — estava autorizado pela senhora sua filha a pedi-la em casamento; em vista porem do que se (pg. 332) passou, tenho por meu dever dar a essa senhora qualquer explicação —o senhor comprehende que não posso retirar-me assim, sem mais nem menos, depois de um tal promettimento...

— Sim... mas não lhe dê isso cuidado! eu darei qualquer desculpa!...

— Uma desculpa, sim, é preciso dar uma desculpa, mas entendo que o melhor é dizer-lhe francamente a verdade! —explicar-lhe tudo —contar-lhe o que se passou e expor-lhe a razão porque me retiro —só o senhor se pode incumbir disso —eu, confesso-lhe que tenho acanhamento para essas cousas...

Manoel cossava a nuca com a mão esquerda, em quanto com a direita batia o cabo da caneta entre os dentes, na attitude contrariada de quem toma, a pura força de circumstancias, interesse em uma cauza estranha; porem quando Raymundo fallou em mudar-se, elle atalhou logo — Ah! como o senhor quizer... mas nossa casa está ás suas ordens!

— Bem, concluiu Raymundo, agradecendo com um gesto o offerecimento de Manoel —posso então contar que o senhor se encarrega de explicar tudo á senhora sua filha,....

— Pode ficar descansado.

E quando terei os meus negocios concluidos?

— Antes da chegada do vapor já o senhor estará inteiramente desombaraçado.

— Muito agradecido.

— E Raymundo subio para seu quarto.

(pg. 333)

Fazia um grande calor —o ceu todo limpo. com as suas nuvens muito arredondadas, parecia um immenso tapete azul, onde dormiam enormes cães felpudos e preguiçosos.

Raymundo lembrou-se de sahir —faltou-lhe o animo, afigurava-se-lhe que na rua todos o apontariam, dizendo —Lá vae o filho da escrava! Ia abrir a janella e hesitou — sentia um grande tédio, um mal estar crescente desde a revelação de Manoel, uma indisposição contra tudo e contra todos —irritava-se com a voz fanhosa e aflautada de um quitandeiro, que argumentava na nua com um sucio. Abrio o album com a intenção de desenhar, porem repellio-o logo; tomou um livro e leu distrahidamente algumas linhas —fechou-o; levantou-se, acendeu um cigarro e passeiou a largos passos pelo quarto com as mãos nas algibeiras.

Em um desses passeios parou defronte do espelho e mirou-se com muita atenção, como si nunca se tivesse visto —procurou descobrir no seu rosto pallido alguma cousa, algum signal particular, que lhe dissesse bem alto — Mulato! — Escravo!

E mirava-se com a paciência de quem procura espinhas —afastava o cabelo das fontes, esticava a pelle das faces, espiava o interior das ventas, revistava os dentes —achou-se antipático, horrível! —fez uma careta e arremeçou o espelho sobre a commoda, com um tédio immenso, sem fundo!

Sentia uma grande impaciência, porem vaga, surda, sem objecto, um desejar que o tempo corresse (**pg. 334**) depressa, que chegasse um dia, que elle não sabia que dia era; uma vontade indifinida de ir a villa do Rosario —procurar a pobre mãe, a preta Domingas, a dedicada escrava de seu pae, e carregal-a consigo, dizendo a toda gente — Esta preta idiota é minha mãe! —Fugir com ella da patria, como quem foge de um covil de homens máos, e metter-se em qualquer terra, onde ninguém conhecesse a sua historia!... Mas de repente chegava-lhe Anna Rosa a memoria e elle desabava n'um grande desanimo —humilhado, infeliz, solteiro.

E deixava cahir a cabeça na palma das mãos —estatico, a soluçar.

Por esse tempo Manoel acabava de expor á filha a necessidade de esquecer Raymundo — Enfim! dizia elle — tu já não és uma criança, e bem podes julgar o que te fica bem... Ha por ahi muito rapaz decente, de boa familia, e no caso de te fazer feliz! Vamos! não quero ver esse rostinho magoadado... Deixa estar que mais tarde me agradecerás o bem que te estou fazendo!

Anna Rosa, de cara baixa, fechada, ouvia aparentemente resignada, as palavras do pae.

A boa rapariga confiava muito em seu amor e nos juramentos de Raymundo, para receiar qualquer consequencia má das imposições paternas. Só agora soubera ao certo a procedencia do namorado, no entanto, ou fosse porque lhe germinassem ainda no coração (**pg. 335**) os ultimos conselhos maternos, ou fosse porque o amor verdadeiro é inalteravel, o caso éque essa historia, que a tantos arrancara exclamações de despreso e de supreza, isso que forneceu assumpto para gordas palestras nas portas de botica, isso que foi commentado em toda provincia, desde a sala mais pretenciosa, até a quitanda mais reles, isso que fechou muitas portas a

Raymundo e creou-lhe inimizades, isso, essa grande historia muito escandalosa, não alterou, absolutamente nada, o sentimento que ella votava a Raymundo —as palavras de Manoel gastavam-se contra a resolução da filha como se gastariam os dentes de quem se lembrasse de mastigar um diamante —o verdadeiro amor é como o diamante —rijo, puro, e transparente. Ella continuava a estremecer e desejar o mulato com a mesma perseverança, com a mesma fé —tinha para si que elle possuia bastante merecimento, bastante dignidade, bastante atractivo, para occupar de todo a attenção de quem o observasse, sem dar tempo a que se lembrassem de examinar-lhe o passado. Estabelecia uma relação entre as regalias do amor de Raymundo e as vergonhas que pudessem resultar de sua procedencia, e achava que aquellas bem mereciam o sacrificio destas, finalmente estabelecia comparativamente as duas partes, e entendia que a de regalias era muito superior a outra e, como no seu pensar, a parte maior sempre absorvia a menor, Anna Rosa concluia convencendo-se de que as vergonhas deixavam de existir, inteira- **(pg. 336)** mente absorvidas pelas virtudes de Raymundo. E na sua logica de mulher apaixonada elle apparecia-lhe perfeito e inteiriço como o melhor dos noivos.

Outra qualquer pensaria da mesmissima forma nas suas circumstancias —amava —eis tudo.

Manoel, com os seus conselhos e apreciações desfavoráveis sobre a procedencia e as qualidades de Raymundo, não conseguia mais do que estimular o desejo da filha, juntando aos attractivos do bello rapaz, mas um, não menos perigoso —o da prohibição. Em quanto elle expunha a Anna Rosa um quadro assustador, realçando, com as cores negras de sua experiencia, os inconvenientes de um tal casamento, prophetisando, com os seus extermos de pae, um futuro de vergonhas e lagrimas, e até ameaçando-a de retirar-lhe a bênção paterna; ella destrahida, de cabeça baixa, respondia-lhe machinalmente com estas palavras — Sim!... não... —de certo!... —está visto!... sem prestar o menor interesse, porque o proprio assumpto da conversa a fazia distrahir, trazendo-lhe a idéa os seus pensamentos favoritos —o seu amor, o seu futuro, os seus filhos, as suas felicidades conjugaes —Quanto deve ser bom, pensava ella emquanto o pae fallava p'r'ahi —ser amada na independencia do lar,

na liberdade do matrimonio por aquelle homem tão gentil e tão talentoso! —Quanto deve ser agradável acordar uma bella noute ao tacto daquellas mãos morenas, ao colar daquelles labios **(pg. 337)** sensuaes, ao magnetismo daquelle olhar varonil, á musica voluptosa daquella voz?!...

E pensando deste modo, perdia-se em conjecturas, em desejos e em esperanças, inteiramente avessas ao que dizia o bom Manoel.

Si este, no meio da conversa, se lembrasse de fazel-a repetir o que ouvia, Anna Rosa nada poderia responder, porque, enquanto o pae pregava o seu sermão, ella vagava longe, muito longe d'ali —em um mundo côr de rosa, construído na sua phantasia só para si e o amante.

— Enfim! disse Manoel, procurando terminar a conversa, satisfeito pelo ar concentrado, como que resignado, da filha —Enfim, nada temos que receiar, porque elle muda-se por estes dias, e parte difinitivamente no primeiro vapor para o Rio.

Esta noticia, dada assim a queima roupa, e o modo firme por que foi pronunciada, despertaram Anna Rosa de seu devaneio.

— Hein? como? parte! muda-se! por que?!...

E fitou o pae sobressaltada.

— E'! elle muda-se até o dia da viagem...

— Mas porque? senhores!

O velho ficou em um grande embaraço —não queria dizer abertamente a verdade —que Raymundo mudava-se para fugir ao perigo! não lhe convinha dar a entender á filha que Raymundo tambem amava, tambem ia soffrer —sosinho, viuvo, abandonado! temia dar ao namorado infeliz uns tons sympathicos de perigoso romantismo.

(pg. 338)

E sem atinar com uma resposta, com uma sahida, Manoel balbuciava — E'! —o rapaz massou-se com o que eu lhe disse e, como é senhor de seu nariz, muda-se! ora essa!... Pensas talvez que elle sintase muito com isto, hein?! Estás enganadinha, filha! —veio muito lampeiro ao escriptorio e pedio-me que o desculpasse contigo —que

désses o dito por não dito! que elle precisava mudar de ares, que se aborrecia muito cá pela provincia, pela aldeiola, como elle a chama.

— Mas porque então não se entendeu elle mesmo commigo?!

— Ora filha! —bem se vê que não conheces o Raymundo! pois elle lá é homem para essas cousas!... diz que tem um horror mortal ás scenas sentimentaes.

— Percebo! disse Anna Rosa, transformando-se e cobrindo o rosto com as mãos —Elle me não ama! nunca me amou! o miseravel!...

E abrio a chorar ruidosamente.

— Hein?!... olá! Então que diabo quer isto dizer?!... Ora! ora! ora esta! Ai! que isto de mulheres não ha quem as entenda!

Anna Rosa fugio para seu quarto, nervosa, soluçando, e atirou-se sobre os travesseiros da cama. O pae seguio-a assustado — Então, minha filha, que é isto?

— Diabo da peste!

E Anna Rosa soluçava.

— Então! que tolice é esta, Annica?! olha, minha filha! escuta!

(pg. 339)

— Não quero escutar nada! —diga-lhe que se pode ir quando quizer! eu com isso nada tenho! Pode ir, que ate me faz favor!

E assoava-se soluçando.

— Grande cousa perdes! na verdade! Ora vamos —nada de asneiras!

Anna Rosa continuava a soluçar cada vez mais, com o rosto escondido nos braços —as mangas do vestido e os travesseiros da cama estavam já ensopados de lagrimas —assim ficou meia hora. De repente parou o choro, ergueu a cabeça e soltou um gemido rapido e agudo —era o hysterico.

— Diabo! fez Manoel, cossando a cabeça atrapalhado, e chamou logo pelos de casa — D. Maria Barbora! Brigida! Monica!

O quarto encheu-se incontinenti.

O conego Diogo, que estava na saleta, a espera do resultado da conferencia, entrou no quarto, attrahido pelos gritos da afilhada, a benzer-se todo — *Hoc opus hic labor est!*

Com o mutim Raymundo sahira de seu quarto —atarantado. Estava a passar pelo somno, estendido em uma cadeira, muito fatigado, phisica e moralmente — quando adormeceu fazia vinte e quatro horas que não pregava o olho. Sentia-se mal, bastante excitado —sonhara que fugia com Anna Rosa e que em caminho haviam sido perseguidos por dous pretos horriveis, armados de facão —era um pezadello. Raymundo queria correr e não podia —os pés enterravam-se-lhe no **(pg. 340)** chão; Anna Rosa pezava como se fosse de chumbo. Os pretos cada vez se aproximavam — iam alcançal-os, Raymundo suava de medo, estava immovel, sem acção, a lingua preza.

Os gritos hystericos de Anna Rosa no quarto, coincidiram com a occasião em que os pretos do sonho dardejavam os terriveis facões.

Com um esforço Raymundo saltou da cadeira e olhou sobresaltado para todos os lados —os gritos vinham da varanda, correu para lá, fóra de si, atrapalhado.

O conego porem sahio-lhe ao encontro — *Attendite!*

— Ora! até qne enfim nos encontramos!

— Pcio! fez o conego — Ella está socegando! Não vá lá, que lhe pode voltar o ataque!... O senhor é o causador de tudo isto!...

— Precizo dar-lhe duas palavras incontinenti, Sr. conego!

— Homem!... deixe isso para outra occasião —não vê o alvoroço em que está a casa?!...

— Si lhe digo que preciso fallar-lhe incontinenti! Ande!

— Que diabo tem o senhor commigo?!

— Quero tomar alguns esclarecimentos sobre S. Braz, percebe?!

— *Horresco referens!*...

E Raymundo com um empurrão, metteu-se com o conego no quarto e fechou-se por dentro a chave.

— Cachorro! vaes já dizer-me quem matou meu pae!

(pg. 341)

— Sei cá!

E o conego empallideceu —estava a prumo, defronte de Raymundo, tinha os braços crusados — O que quer dizer isto?!

— Quer dizer que descobri afinal o assassino de meu pae, e posso vingar-me como entender!

E Raymundo, sempre agitado, tinha olhares de ameaça.

— E' uma violencia?! perguntou o padre com a voz suffocada de commoção; Raymundo respondeu com um gesto grosseiro.

—Muito bem! senhor doutor Raymundo, muito bem! Andou maravilhosamente! E' desta forma que me pede noticias de seu pae! é este o modo porque agradece-me a amizade, que dediquei n'outro tempo ao pobre homem! —fui o seu unico amigo, o seu amparo, a sua derradeira consolação! E é um filho desse santo homem que agora, depois de vinte annos, ameaça um pobre velho, que foi sempre respeitado por todos! Parece que só esperavam que me embranquecessem de todo os cabellos para insultarem esta batina, que foi sempre recebida com o chapéu na mão! Ah! muito bem! muito bem! Era preciso viver vinte annos para ver isto! muito bem! Quer vingar-se!... Pois vingue-se! Quem o impede?! Sou eu o criminoso?! Pois venha o carrasco —não me defenderei, mesmo porque já me faltam as forças para isso!... Então?! o que faz que não se mexe.

De facto, Raymundo estava immovel —sentia-se en- **(pg. 342)** vergonhado, chegara mesmo, á vista do aspecto sereno e resignado do conego Diogo, a julgar-o innocente, a duvidar do valor das conclusões, que tirara de seus raciocinios —com effeito seria crível que aquelle velho sympathico, que só respirava religião e cousas mansas, fosse o autor de um crime tão abominavel! —onde diabo tinha elle a cabeça quando se convenceu de semelhante loucura?!

E Raymundo sem saber o que fazer, assentou-se em uma cadeira e encostou a cabeça nas mãos. O conego comprehendeu que ganhara terreno e prosseguiu com a voz resignada e cheia de doçuras — E'! o senhor deve ter razão!... necessariamente fui eu o assassino de seu pae —é um rasgo generoso e justo de sua parte desmascarar-me e cobrir-me de ultrajes aqui nesta casa, onde sempre beijaram-me as mãos e respeitaram-me. O senhor tem toda a razão! Olhe! agarre aquella bengala e

bata-me com ella —o senhor está moço, pode fazel-o, está no vigor de seus vinte e cinco annos! Vamos! fustigue este pobre velho indefeço, castigue este corpo decrepito, que já não presta para nada! Então! Bata sem receio! que ninguém o saberá. Pode ficar descansado que não gritarei —tenho defronte dos olhos a imagem resignada de Christo! Vamos! acabemos com isto!

E o conego Diogo, com os braços e os olhos erguidos para cima, cahio de joelhos no meio do quarto e exclamou soluçando — O' Deus misericordioso! Tu! que tanto soffreste por nós, lança um olhar de bon- **(pg. 343)** dade sobre esta pobre creatura, compadece-te desta alma peccadora, que foi levada pela paixão mundana! Não deixes que Satanaz se apodere da infeliz! Salva-a perdou-a! como perdoaste teus algozes! Graça para elle, senhor! Graça!...

E o conego ficou em extase.

— Tenha a bondade de levantar-se, disse Raymundo, dando-lhe as mãos — deixemo-nos disto! pode ir descansado, que não procederei contra o senhor —vá! vá, senhor conego!

E Raymundo conduzi-o á porta — Vá, vá, —si fiz-lhe uma injustiça, perdoe-m'a! nem sei onde tenho a cabeça!...

— E perdouo-te mesmo, filho —eu sei o que são estas cousas!

E o conego pousou a mão sobre o hombro de Raymundo — Calculo o teu estado de excitação —tudo isso é muito natural, mas consola-te que Deus é grande — só ali está a verdadeira paz e felicidade!...

E apontava para o tecto do quarto.

— Isto que succedeu entre nós, continuava elle, foi como si nada tivesse succedido — Fica-te com a virgem santissima!

E sahio, de cabeça baixa, o ar candido e muito senhor de sua innocencia. Porem a descer a escada ia resmungando entre dentes — O safado descobrio tudo! deixa estar que m'as pagarás, meu cabrinha apistolado!...

(pg. 345)

Sete dias depois morava Raymundo em uma de suas casinhas na rua de S. Pantaleão.

Vivia aborrecido, vivia exclusivamente a esperar o dia da viagem para o Rio — nunca a provincia lhe parecera tão enfadonha, nem o celibato tão pezado e triste. Não sahia de casa, não procurava pessoa alguma e ninguém ia visitá-lo —Dizia-se por ahi que elle estava de cama por causa de uma bonita sóva, que lhe mandara dar o pae da namorada.

— E' bem feito! diziam — é bem feito!... para não se fazer apresentado com uma menina branca!

Os vadios, empenhados em fallar mal da vida alheia, afiançavam que alguma peça estava o tratante urdindo! — Acreditem que todos estes sujeitos, que passam por muitos santarrões e de quem a bocca do mundo nada tem que dizer, são os mais perigosos velhacos! —si não dizem mal delles é porque não sabem, e si não sabem é porque elles fazem-nas em segredos! hypocritas!

(pg. 346)

— Olhe! cá estou eu, declarava um dos taes —que não me fio em ninguém! — quando vejo um sujeito julgo logo mal delle! —si o patife prega-me alguma não m'espanta, porque já a esperava!

— E si não prega?

— Fico na certeza de que muita cousa se faz ás caladas neste Maranhão! Mas lá de acreditar em virtudes, isso é que não acredito, nem á setima facada!

Entretanto Raymundo levava uma vida de degradedado —no seu desterro tinha por unica companhia uma preta velha, que se encarregara de servir-o —magra, feia, supersticiosa, arrastava-se coxeando pela varanda e pelos quartos, sempre a fumar um cachimbo insupportavel e a fallar sosinha, a dizer uns monologos interminaveis, dignos das tragedias do seculo passado. E esta solidão enchia-o de tédio e saudades pelas boas horas, que passava dantes ao lado de Anna Rosa, penetrado daquelle calor benevolo da familia.

Ultimamente pouco se dava ao estudo, estava até deleixado, preguiçoso, vivia preocupado —ficava horas esquecidas á meza, depois do almoço ou jantar, olhando vagamente para o quintal, com os pés cruzados, a cabeça molle, a fumar cigarros consecutivos, perdido n'um aborrecimento sem fundo.

Tomara embirrancia a tudo e emmagrecia a olhos visto.

A' noute acendia-se o candieiro de kerosene e Raymundo assentava-se junto a meza, lendo distrahido algum romance ou revendo as gravuras de algum jor- **(pg. 347)** nal illustrado. A' um canto da varanda monologava á criada, cosicando trapos.

Era uma tristeza!

Raymundo sentia um fastio de morte, tinha espreguiçamentos de febre, molleza geral no corpo, não podia entrar com a cosinha da preta —era uma cousa muito mal amanhada. Tinha nojo de beber pelos copos mal lavados, banhava com repugnancia o rosto na bacia barrada de gordura — O' senhores! —que vida!

Estava ficando cada vez mais nervoso, frenetico —esperava o dia da viagem contando os minutos. Porem a despeito de tudo, sentia uma vontade surda de ficar — uma esperança vaga de ser legitimamente amado por Anna Rosa, de desposar-a.

— Impossivel!... concluia elle sempre, sacudindo a cabeça — Deixemo-nos de asneiras!

E ficava a pensar.

— O que não estaria ella julgando?... que juizo não faria delle!... Nunca mais se fallaram, se viram —apenas recebia alguma noticia por aquella idiota! — ora para que tambem se estava a affligir?! —o melhor era deixar correr o barco!...

Em casa de Manoel tambem as cousas não corriam lá muito bem. Anna Rosa carregava grandes tristezas, difficilmente simuladas aos olhos do pae, da avó e do conego. A pobre menina fazia por esquecer-se do desleal amante, que a abandonara, do perfido, do perjuro!

E na sua decepção imaginava vinganças irreflec- **(pg. 348)** tidas —tinha desejos absurdos —queria casar-se já, arranjar um marido, antes que Raymundo se retirasse, entregar-se a um typo qualqner só para mostrar!... só para provar a Raymundo que ella

não ligava-lhe importancia alguma, nem se sentia do que se passara! — lembrou-se do Dias, do inalteravel Dias.

Manoel a conselho do compadre, cada vez mais indispunha o animo da filha contra o mulato —contava-lhe factos agravantes, inventados pelo conego, tornava-se muito meigo com ella, fazia-lhe as vontadesinhas, os caprichos, com a solicitude de um bom enfermeiro.

Anna Rosa abanava a cabeça, resignada. O facto de que Raymundo cedia sem diffiuldade, talvez por gosto, a abandonal-a, ao mesmo tempo que augmentava nella o desejo de conquistal-o, de possuil-o, de conhecel-o, dava ao seu orgulho bastante energia para affectar despreso e indifferença.

Estava desapontada —suppozera o amante mais apaixonado, mais romantico, mais parecido com o seu idéal! e á vista da fraqueza com que elle se submettera logo ás circumstancias, á vista daquella prudencia burgueza e medrosa, pois Raymundo não se animara a dar-lhe uma unica palavra, depois da revelação de Manoel, ella se julgava desenganada, desiltudida — Fui debicada! dizia n'um assomo de raiva — Nunca me amou! sinão teria reagido! —é um impostor! um pulha! um aventureiro! um fatuo vulgar, **(pg. 349)** que só desejo sentir a vaidade reles de uma conquista amorosa!

E vinha-lhe um grande desejo de chorar e dizer muito mal de Raymundo — achava-o agora o peor dos homens! a mais despresivel das creaturas!

Porem as vezes arranhava-lhe a consciencia uma pontinha de remorso — lembrava-se que a iniciativa daquelle namoro partira toda de sua parte, e então, com uma dorsinha de vergonha, assistiam-lhe considerações mais favoraveis para Raymundo, chegava até a sentir-se de ter feito um juizo tão máo daquelle pobre rapaz — Sim! pensava ella — Verdade, verdade! si não fosse eu... coitado! —elle talvez nunca me fallasse em amor! Fui eu que o provoquei, que lancei-lhe a primeira faisca no coração!...

E por este caminho Anna Rosa fazia magnificos raciocinios — Não ha homem, pensava ella, com uma certa vaidade feminina —que possa proclamar a sua independencia, quando nós o queremos escravisar —nossas lagrimas quando são choradas com certa graça, abrandam o coração mais de pedra —Qual era o homem

que attrahido por um verdadeiro amor, não se deixasse vencer? —e qual era a mulher, que não soubesse amar quando entendesse?...

E lembrava-se de ter lido, não sabia onde, que o amor é uma especie de molestia contagiosa, que se pega em geral pelos olhos e pelo tacto —é muito difficil encontrar dous entes, que se amem com o mes- **(pg. 350)** mo entusiasmo —quasi sempre um ama, e o outro deixa-se amar!

Era isso! concluia ella —Raymundo deixava-se amar, franqueava-lhe o coração, como um fidalgo franqueia o seu castello a um curioso; terminada a visita, tornou a fechar a porta, sem mesmo perguntar ao visitante o que desejava.

Estas considerações levavam Anna Rosa a fallar as vezes menos amargamente de Raymundo, mais a avó saltava-lhe logo em cima — Parece-me que ficaste meio sentida com o que se passou!... pois olha! —si tivesse de assistir o teu casamento com um cabra, juro-te, por esta luz que está nos alumando! preferia-te uma boa morte, minha neta! porque serias a primeira que na tua familia sujava o sangue! Deus me perdôe! pelas santissimas chagas de nosso senhor Jesus Christo! gritava ella tragicamente, pondo as mãos para o ceu e revirando a pupilla —mas tinha animo de torcer o pescoço a uma filha, que se lembrasse de tal! Credo! E só peço a Deus que me mate, antes que tenha de ver, com estes que a terra hade comer, meus descendentes cossando a orelha com o pé!

E voltava-se para o genro n'um assanhamento crescente — E creia, seu Manoel! creia que se tal desgraça viesse a succeder —só a você a deveríamos, porque no fim de contas a quem lembra metter em casa um cabra tão cheio de fumaças como o tal senhor doutor das dusias?!...

E abaixando mais a voz —elles hoje em-dia são todos **(pg. 351)** assim!... da-se-lhe o pé e elles tomam a mão!... já não conhecem o seu logar! Tratantes! Ah meu tempo! meu tempo! que não era preciso estar cá com discussões e politicas —fez-se besta?! — rua! — A porta da rua é a serventia da casa!

E pondo regateiramente as mãos nas cadeiras, gritava com autoridade — E é o que você deve fazer, seu pamonha! — despeça-o por uma vez para o sul, com todos os diabos do inferno! e trate de casar sua filha com um branco como ella! arre!

— *Amen!* disse beaticamente o conego, e sugou uma pitada — *Malo qui bene facit, pejorem facit!*...

Fallou-se em toda a capital do rompimento de Raymundo com a familia de Manoel Pescada. Cada qual commentou o facto, como melhor entendeu, augmentando, já se sabe, cada um o seu bocado —uns inventando, outros exagerando, todos porem condemnando o cabra, o bode, o mulato, o bocca queimada!

O Freitas aproveitou logo a boa occasião para dizer dogmaticamente — Acontece, meus senhores, com um boato, que corre a provincia, o mesmo que com uma pedra levada pela enchurrada —á proporção que rola de rua em rua, de beco em beco, de fosso em fosso, vão se lhe apegando toda a sorte de trapos e pallinhas, que encontra na sua vertiginosa carreira; de sorte que, ao chegar á bocca-de-lobo, já se lhe não reconhece a primitiva forma. Do mesmo feitio quando **(pg. 352)** uma noticia chega a cahir no esquecimento, já tão desfigurada vae de si, que da propria não conserva mais do que a origem!

E o Freitas, satisfeito com o que dissera, assuou-se estrondosamente, interrogando o auditorio com um grande olhar, equivalente a estas palavras — Então? que me dizem desta tirada? foi ou não foi de mestre?! acaso ainda duvidarão que eu seja um homem de merito?!...

Poucos dias depois do rompimento já se conversava no Maranhão deste modo sobre o facto — Desacreditou a pobre menina para sempre! dizia um barbeiro.

— Desacreditar quiz elle! mas é que ella nunca lhe deu confiança!... respondia outro.

Na casa da praça, affirmava um commendador, que a sahida de Raymundo da casa do tio era devida simplesmente a uma ladroeira de dinheiro, perpetrada na burra de Manoel, e que este, constava, já se tinha queixado á policia, e que o doutor chefe procedia ao inquerito.

— E' bem feito! E' bem feito!... vociferava um mulato bem vestido e muito mais escuro que Raymundo — E' muito bem feito, para não consentirem que estes negros se mettam connosco!

Seguiu-se um commercio rapido de olhadellas significativas entre os circumstantes, e a conversa mudou logo de face citaram-se factos conhecidos sobre homens celebres de cor, lembraram-se pessoas de **(pg. 353)** consideração, que tinham um moreno bem suspeito; vieram á pello todos os mulatos distinctos do Brazil — contou-se emphaticamente a celebre passagem do Imperador com o grande engenheiro Rebouças; um sujeito mais pedante nomeou *Dumas* pae e deu sua palavra de honra em como *Byron* tinha casta.

— Ora! isso não admira, disse um sujeito estúpido —porque aqui mesmo na provincia já houve um presidente bem escuro!...

— Não! disse convencido um velhote, que no commercio passava por ter boa opinião — Não! que elles têm habilidade, principalmente para a musica —isso é innegavel!

— Habilidade?! segredou outro, com o mysterio de quem diz uma cousa prohibida —Talento! digo-lhe eu! —Esta raça crusada é a mais talentosa do Brazil — coitadinhos dos brancos se ella pilha uma pouca de instrucção e resolve fazer uma revolução —então é que vae tudo pelos ares!...

— E'! talento não lhes falta!

E depois de varias voltas a conversa cahio no terreno predilecto da provincia — fallar mal da vida alheia.

.....

— Aquillo! dizia Amancia, boquejando sobre o mesmo assumpto, nesse dia em casa de Eufrazia —não podia ter outro resultado! Cá está quem não poria lá os pezinhos, si mettessem o cabra na familia!

— Ora, não é também tanto assim, D. Amancia! objectava **(pg. 354)** a viuvinha —Eu conheço certa gente, que se faz muito de seda e que no entanto vae filar constantemente o jantar dos cabras que passam bem!...

— O que?! berrou logo a velha — Isso é uma indirecta?! isso é commigo?!...

E subio-lhe uma roxidão ás faces — Diga! pois diga! quero que diga qual foi o negro a quem Amancia Diamantina dos Prazeres Souza, neta legitima do Brigadeiro Scipião Souza, conhecido pelo —*Curisco* na guerra dos Guararapes, desse a confiança de ocupar! Eu?!... qual foi o negro com quem a senhora já me vio comer de meias?!...

— Eu não fallo com a senhora! e esta?!...

An! pois então conheça!

— Fallo no geral! e Eufrazinha citava provas, nomes —contava factos, e terminou declarando que, apesar de tudo o que se dizia nesse Maranhão velho, Raymundo era um cavalheiro distincto, com um futuro bonito, alguns cobres, e enfim!... deixasse lá fallar quem fallass... era um marido de encher o olho!...

E a viuva arregalou os della e marcou com as mãos o tamanho pouco mais ou menos de um pão-de-ló de cinco patacas

— Que lhe faça muito bom proveito! credo! arrematou a neta do Curisco, traçando o chale já na porta para sahir —e foi logo direitinho para a casa do Freitas, indagar da sua autorisada opinião sobre a ordem do dia.

(pg. 355)

— Pois não sabem de uma muito boa?!... disse ella ao chegar, sem tomar folego — A sirigaita da Eufrazia diz que não se lhe dava de casar com o Raymundo do Manoel!

— Elle é que eu duvido que a aceitasse!... bocejou o Freitas, estendendo com preguiça as suas pernas magras e compridas na cadeira, e crusando os pés com um ar feliz e descansado — Que ella morre por um marido—isso é velho!

— Credo! cruz! tregeitou Amancia — Assim tamtambem não!... no meu tempo...

— Era a mesmíssima cousa, D. Amancia —as raparigas feias e pobres pediam aos ceus um marido, como... como... bocejava elle a procura de uma comparação — como não sei o que!... A senhora, já sei que fica para jantar!...

— Si tiver peixe, fico! disse ella, autorisada pelo cheiro activo de azeite frito, que vinha da cosinha, onde uma preta frigia duas bellas enxovas.

— Então saiba que temos e muito bom! observou Lindoca, arrastando-se com grande difficuldade pela varanda.

O' menina! gritou a velha —onde ves tu com toda essa gordura?! Apre!

— Não pode ir muito longe, disse o Freitas, risonho —porque cansaria depressa.

— Olhe, titia Amancia, disse Lindoca, fazendo parar a rapariga, que passava com a terrina de peixe — Está convidando! —quentinho, que é um fogo!

(pg. 356)

— Ai filha! é a minha paixão! —um peixinho bem preparado, quentinho, com farinha d'agua! Mas olha! gritou ella para a criada, e levantou-se logo — não o deites ahi, rapariga! que o gato é capaz de pregar-nos alguma peça —bota antes neste armario!

E como se estivesse na propria casa, tomou a terrina e acondicionou-a em uma das prateleiras — Não havia que fiar em gatos! elles eram necessarios por' mór dos ratos, mas era uma canseira! seu bom Jesus! — Ainda est'ro'dia o seu *Peralta* fõra-lhe ao guarda petiscos e... nem contava! —unhara-lhe a carne do sol, que havia para o almoço, porque ella estava de purga. Forte ladrão! Mas tambem, dera-lhe uma méla, filha, que o puzera assim!...

E Amancia, procurando mostrar como ficara o gato, arreganhou uns restos de dentadura acavallada e espichou as pelles do pescoço.

Já eram tres horas da tarde —os empregados publicos sahiam da repartição, procurando a sombra, com o seu passo methodico e inalteravel, o chapéo dependurado no braço esquerdo como de um cabide, o ar descansado, frouxo, peculiar aos homens pagos por mez, que nunca se apressam, que nunca precisam se apressar.

Começava a soprar a viração da tarde e o tempo refrescava.

Lindoca, com grande estremecimento do assoalho, arrastou-se até a janella, para ver passar o Dudu Costa —era um praticante da Alfandega, que pis- **(pg. 357)** cava-lhe o olho, um moço serio, sequinho de carnes, bem procedido, com muito geito para o casamento.

O Freitas via com bons olhos esta inclinação da filha, e só esperava que o Dudu tivesse nesse mesmo anno um accesso na repartição —havia ahi um empregado

superior muito doente, que necessariamente bateria o cachimbo por todos aquelles trez mezes e, como Dudu tinha um amigo, cujo pae dispunha de muitos bons empenhos para o presidente, dava como certa a sua nomeação; tanto que pensava já no enxoval e convidava amigos para o grande dia da amarração. De tudo isto andava o Freitas á par —o diabo, porem, era aquella gordura progressiva de Lindoca, que estava fazendo della um odre!

— Ora queira Deus não seja alguma praga!... observara D. Amancia —ha muita gente invejosa neste mundo, minha rica!

— Minha senhora —o casamento e a mortalha no ceu se talham! respondeu pedagogicamente o Freitas? sacrificando a rima á boa concordancia grammatical.

Por essas mesmas horas topavam-se n'uma esquina o Sebastião Campos e o Casusa.

— Olé! por cá, seu Zuza?

— Como vae isso?

— Ora! você não faz idéa! —desquerido de dores de dentes! este diabo não me deixa por pé em ramo verde.

E Sebastião escancarou a bocca, mostrando um queixal cariado ao Casusa.

(pg. 358)

— Andaço! fez este, sem prestar attenção —dê cá um cigarro.

Sebastião passou-lhe promptamente a enorme bolça de borracha amarella e o caderninho de mortalhas —*Abadie* —Então que ha de novo por ahi!

— Tudo velho... você vae se chegando pr'a casa, hein?

— Um-um! fez o Campos com a garganta — Chegou o vapor do Pará!

— Sim, e sae amanhã para o sul ás nove horas. E' verdade! —vae nelle o Mundico! sabe?

— E' certo! ouvi dizer que tinha brigado com o Pescada.

— E'! confirmou Casusa.

— Diz que por causa de dinheiro —que Raymundo pedira-lhe certa quantia emprestada e, como o outro negara, disparatou!

— Homem! não sei si pedio dinheiro, mas a filha sei, por fonte limpa, que pedio!

— E o gallego?

— Negou-a! diz que porque o outro é mulato!

— Sim! em parte... aprovou Sebastião.

— Ora, deixe disso, seu Campos! Não sei si é porque não tenho irmãos, mas o que lhe asseguro é que preferia o doutor Raymundo a qualquer um desses chouriços da Praia-grande!

— Não! lá isso é que eu não admitto!...

— E digo-lhe mais! teimava Casusa — asneira faria elle si se amarrasse, porque o diabo do cabra é atilado e ás direitas!

(pg. 359)

— Sim! lá isso faria! confirmava o Campos, entretido a quebrar com a biqueira do chapéu-de-sol a caliça da parede —Aquillo está se perdendo por cá —é homem para uma cidade grande! olhe! talvez elle faça futuro no Rio... você lembra-se do...

E segredou um nome ao ouvido do Casusa.

— Ora! como não?... muita vez dei-lhe aos cinco e aos dez tostões para comer!... e hoje, hein?!

— E'! o homem foi feliz! mas, quer que lhe diga? não acredito lá essas cousas no futuro deste, por causa daquellas idéas de republicas! Porque, convençam-se por uma vez de uma cousa! —A republica é muito bonita! é muito bôa! sim senhor! porem não é ainda para nossos beiços! A republica aqui vinha dar em anarchia!...

— Você exagera, seu Sebastião!...

— Não é ainda para nossos beiços, repito! nós não estamos ainda preparados para a republica! —o povo não tem instrucção! é ignorante! é burro! não conhece os seus direitos!...

— Mas venha cá! disse o Casusa, fechando a mão no ar—diz você que o povo não tem instrucção! muito bem! mas como quer você que o povo tenha instrucção com um systema de governo, que se basea na ignorancia das massas?! Dessa forma nunca sahimos deste circulo vicioso —Não haverá republica em quanto o povo for ignorante, ora em quanto o governo for monarchico conservará, por conveniencia propria, a ignorancia do povo; logo —nunca haverá republica!... **(pg. 360)** Eu então já não penso

assim! —acho que ella devia vir já; tomara que rebentasse por ahi uma revolução —só para vêr o que sahia!... Creia que só quando tudo isto ferver é que a porcaria sahirá na espuma!... e será espuma de sangue, seu Sebastião!... Acredite, meu rico, que não ha Maranhão como este! Isto nunca ha de deixar de ser uma colonia portugueza! O governo não faz caso das provincias do norte! A tal centralisação é um logro para nós! Ao passo que, si isto fosse dividido em departamentos, cada provincia cuidaria de si e progredia, porque não tinha de trabalhar para sustentar o luxo da Côrte! da insaciavel cortezá!...

E o Casusa gesticulava indignado — Mas o que quer você?! O governo tem parentes, tem afilhados, tem comitivas, tem salvas, tem massapões, tem o diabo! e para isso é preciso cobre! cobre! —o povo esta ahi, que pague! Tome imposto p'ra baixo e deixe correr o pão para Caxias!

E o Casusa segredou ao Sebastião — Olhe, meu amigo, aqui no Brazil, vale mais a pena ser estrangeiro do que nacional! você não está vendo todos os dias o filho do paiz perseguido e desrespeitado, ao passo que os protuguezes vão se enchendo, vão se enchendo! E as duas por tres são barões, commendadores, são o diabo!

E o Casusa, como todo o homem vadio, enraivecia-se com a prosperidade alheia — Uma revolução! uma revolução Seu Sebastião! —é o que era!

(pg. 361)

— Qual revolução, o que! —você é um criança, seu Casusa —ainda não pensa seriamente na vida! deixe estar que em tempo você pensará á meu modo, porque em nossa terra... Que idade tem você?

— Entrei nos vinte e seis.

— Eu tenho quarenta —em nossa terra estão se vendo constantemente entradas de leão e sahidias de sendeiro —Você acha que a republica convinha ao Brazil?!... pois bem!... Ai!

— O qne é?

— O dente! diabo!

E depois de uma pausa — Adeus!

E Sebastião cobrio o rosto com o lenço até logo?

— Olhe cá, espere! gritava Casusa, empenhado na conversa.

— Nada! vou curar este maldito! resmungou Sebastião já em caminho. E separaram-se.

Entretanto, na noite desse mesmo dia, quando o relógio de Raymundo marcava uma hora, acabava este de afivelar duas grandes malas e pregar-lhe uma tira de papel —Dr. Raymundo da Silva —Rio de Janeiro.

— Bom! e sacudio as mangas da camisa, que o suor prendia aos braços — amanhã a estas horas já estou longe! Em seguida assentou-se á secretaria e tirou da pasta uma folha de papel, escripto de principio a fim —era uma letrinha corrida e as vezes tremula, (pg. 362) Raymundo releu tudo aquillo, commovido, e depois dobrou em quatro, metheu no enveloppe e escreveu —A' Exm.^a Sr.^a D. Anna Rosa de Souza e Silva.

E ficou a fitar aquelle nome, como se fitasse uma photographia —o que não teria ella pensado delle?!... Ora adeus!

E levantou-se — Deixemo-nos de pieguices!...

Fazia um grande silencio nas ruas —só ao longe ladrava tristemente um cão, e as vezes ouvia-se a musica distante de uma patuscada.

E Raymundo, ali, no desconforto de seu quarto. sentia-se mais do que nunca só, sentia-se estrangeiro na propria terra —desprezado, como um morphetico e corrido, como um animal perigoso.

— E tudo aquillo porque? pensava elle —porque succedera sua mãe não ser branca! Ora cebo! —E do que servira a instrucção que recebera de seus livros e de seus mestres? a bôa educação que adquirira trabalhando, lendo e viajando? as provas que tinha dado de sua conducta e da inteireza de seu character, já como estudante, já como homem, já como cidadão?! do que servira o grande esforço, que fizera até ali, para conservar-se immaculado, paranão commetter a menor falta, a menor acção feia, para não praticar a mais pequenina cousa, que pudesse marear sua dignidade? para

que diabo tinha elle tido a pretencção de fazer de si um homem util e proveitoso?! — para aquillo!

E Raymundo revoltava-se — Pois então —por melhor **(pg. 363)** intencionado que fosse, todos o evitavam, porque sua pobre mãe era preta?! Oh! mas isso era uma injustiça revoltante! —Que culpa tinha elle de não ser branco?! Não o queriam deixar casar com uma branca? pois bem —concordava! —dava pelo barato! Porem soffrer desprezos, insultos, perseguições, só pelo facto de ser mulato —isso é que era horrivel! Ah! maldita fosse a raça de especuladores, que introduzio o sangue africano na Brazil! —maldita! mil vezes maldita! que nos vendera bem caro seus vicios e suas miserias! —Quantas victimas, como elle, não soffreriam a mesma raiva, a mesma vergonha, os mesmos tormentos?! E quantas outras, ainda mais infelizes, aquelles miseraveis não metteram no tronco, não carimbaram a ferro em brasa e não mataram a chicotadas?! —Canalhas! E lembrar-se elle que ainda hoje havia escravos, ainda havia surras, ainda havia assassinios nas fazendas e nas capitaes! Lembrar-se que ainda nasciam captivos, porque alguns fazendeirosi, apalavrados com o vigario da freguezia, baptisavam os ingenuos como nascidos antes da lei do ventre livre. Lembrar-se que a consequencia de tudo isso seria uma geração de pariás, que teriam de soffrer, como elle, todas aquellas miserias! Ah! comprehendessem esses desgraçados que deviam reagir e não ficariam sem desafronta! E ainda o governo tinha escrupulos de acabar por uma vez com a escravatura! ainda dizia descaradamente que o negro era uma propriedade! Tinha graça! —o escravo é que era um **(pg. 364)** roubo! repetia! e um roubo fosse comprado em segunda, em vigessima, em millessima mão —era sempre um roubo e nunca uma propriedade!

E continuando a pensar desta forma, muito excitado, Raymundo preparava-se para dormir, impaciente por achar-se longe do Maranhão, dessa miseravel provincia, que lhe custara tantas decepções e desgostos, dessa terrinha da intriga miuda, das invejas pequeninas! Desejava afastar-se por uma vez desses toleirões, mas sentia uma grande magoa em perder para sempre Anna Rosa —Amara-a muito, amara-a sempre! amara-a mais depois que encontrara obstaculos insuperaveis — Ora cebo! interrompeu-se elle — E eu a pensar nisto!... Tenho tudo liquidado —meu dinheiro já no

Rio de Janeiro, amanhã está ahi o vapor e... adeus! Desta terra só quero o esquecimento! —Vamos, amigo Raymundo, não pensemos em tolices!

E affectando tranquillidade, accendeu um cigarro.

Nisto cahio na sala uma carta, que metteram pelas rotulas da janella.

Raymundo apoderou-se della e leu no sobrescripto — Ao Dr. Raymundo. Teve um estremecimento de prazer, mas era uma carta anonyma.

«Illustre canalha.»

«Então V.S. muda-se amanhã?! Si é verdade, venho agradecer-lhe esse obsequio em nome da pro- **(pg. 365)** vincia; creia V. S. que será o primeiro acto sensato que pratica em sua vida, porque temos por cá muito pomada e não precisamos mais dessa fazenda. Honre-nos com sua ausencia e faça-nos o favor de ficar por lá o maior tempo que puder! Quem disse-lhe que isto aqui era uma terra de beocios, onde os pedantes fazem bons casamentos, debicou-o redondamente. Já não se amarram cães com linguça.

«No entanto, si vir a prima dê-lhe lembranças.

Assignava —o Mulato disfarçado.

Raymundo amarrotou com um sorriso a folha de papel e lançou-a ao chão — Miseraveis! fez elle levantando-se, e foi a janella.

A rua de S. Pantaleão tinha um silencio de cemiterio, Raymundo debruçou-se no peitoril da janella e ficou a encarar vagamente as sombras mysteriosas da noute, com um olhar cansado de tedio. Ouvio dar longe uma badalada —devia ser duas e meia. Fechou a janella —ia dormir, assentou-se na cama, tornou a apanhar a carta e releu-a —só então reparou para a assignatura — O mulato disfarçado. — Covarde!

E aquella assignatura, ao contrario da carta, fel-o ficar colerico — Cães!

E procurava mentalmente quem podia ser o autor de semelhante desaforo, não atinava — Ora fosse lá quem fosse!... E soprou a vela.

Começavam então as chuvas, que no Maranhão chamam de caju! o vento soprou com mais força e esfusiu nas ripas do telhado. Em breve o ceu penei- **(pg.**

366) rava um chuvisco fino e passageiro; na rua, não obstante, um trovador de esquina, com a voz rouca e aguardentada, estropeava os seguintes versos, ao som do violão.

«Quiz debalde varrer-te da memoria!
E teu nome arrancar do coração!
Amo te sempre, que martyrio infindo!
Tem a força da morte esta paixão!

Raymundo, depois de muito virar na cama, adormeceu, sorrindo para um vulto bonito de mulher, que, entre roupagens brancas de noiva, apparecia-lhe na imaginação, como uma nuvensinha, que foge e se evapora.

Na manhã seguinte Manoel levantou-se antes dos caixeiros, vestio-se ainda com a meia claridade da aurora e endireitou para casa do conego Diogo.

— Olé! você madrugou, compadre! disse-lhe o conego da janella, onde fazia a barba em mangas de camisa.

— E' verdade!

E Manoel espectorava o catharro — E' verdade! vim buscal-o para o embarque do Mundico.

— Tem tempo! Vá subindo, compadre, vá subindo, que lhe vou dar um cafezinho fazenda! — Anda com isso, ó Ignacia! que temos de sahir mais cedo! gritava elle para o interior da casa, enquanto es- **(pg. 367)** tendia com pachorra, em um panninho de barba, a espuma de sabão e os cabellos que raspava dos queixos — Compadre —vá estando a vontade, e diga o que ha de novo!

A caseira entrou com uma bandeija, onde vinha o café, um pires com papa, uma garrafa de Chartreuse e calices.

— Vae uma papinha, compadre?

— Não, obrigado —quero o café.

— Pois eu é que não sei passar sem minha papinha, o meu café e o meu Chartreuse —Vá um calicesinho, compadre! —Que tal? deste é que não vem cá para negocio!

— Não vale a pena! mas com effeito é papa-fina!

— Então outro! vá outro, compadre —isto nunca sabe á primeira dose...

— Está bom! tambem não vae a matar!

— Assim! agora um gole de café. E que tal lhe parece o café?

— Soberbo! é do Rio, hein?

— Qual Rio! muito bom Ceará! acredite, seu compadre, que o melhor café do Brazil é o do Ceará! E olhe que esta crioula que o trouxe é mestra em passal-o! — Nunca vi! —para um café e para uma papa de araruta com ovôs, não ha outra!

E o conego passou a vestir-se, esticando muito suas meias de seda escarlata, calçando com a calçadeira seus sapatos de polimento, cujas fivelas levantavam scintillações, e, enfiando com elegancia eccle- **(pg. 368)** siastica sua batina de merinó lustroso, ameigando a barriga redonda, carnuda, saracoteava-se todo, esticava a perninha gorda, alcochetava ao espelho sua volta de rendas alvas.

Estava limpo, cheiroso e penteado, tinha uns tons frescos no rosto todo raspado e escanhado e nos cabellos brancos; os oculos de christal lembravam a pureza do diamante; e seu chapéu novo, de tres bicos, collocado systhematicamente na cabeça, dava á sua phisionomia distincta e barbeada o ar afidalgado dos corteções de Luiz XIV.

— Quando quizer, compadre, estou ás suas ordens! disse elle a Manoel, que fumava um cigarro á janella, cogitando seus negocios.

— Então vamos indo —o homem talvez já esteja a nossa espera,

E sahiram.

A manhã levantava-se fresca e arejada —as calçadas seccavam a humidade da noute aos primeiros raios do sol. Ouvia-se tinir o salto dos sapatos do padre. Passavam os operarios para as suas obrigações —o padeiro com o sacco de pão ás costas; a lavadeira com a trouxa de roupa suja equilibrada sobre a cabeça; pretas minas apregoavam — mingáo-de-milho. Todos comprimentavam respeitosamente o conego

— Viva! respondia elle protectoramente. Algumas crianças, em caminho para a escola, tiravam o bonet e vinham beijar-lhe o anel.

— Você diz que elle já está a nossa espera?

(pg. 369)

— E' natural, respondeu Manoel.

— Não tenha medo! —é muito cedo ainda.

E consultou o relógio — Podemos ir mais devagar —elle só chegará d'aqui a uma hora —ainda não são sete!

— Estou impaciente por ver-lhe as costas.

— Não tardará muito!... E a pequena, como ficou?...

— Assim, homem! —menos massada do que eu esperava —é que aquillo passou-lhe!

— E o outro?

— O Dias?

— Sim.

— Por ora —nada.

— Hade chegar! hade chegar! disse o conego com ar de experiencia —
Utilissimum sope quo contemnitur!

— Como?

— Aquillo é que é um marido que convem á Annica!

E conversando por este theor chegaram os dous a rampa —ainda pouca gente lá havia.

— Um bote! patrõesinho! exclamou um rampeiro, aprumando-se defronte de Manoel e descobrindo a cabeça com um arremeço.

— Espere! deixe ver se está o José Isca, que é freguez.

O rampeiro afastou-se, jogando o corpo no seu andar de pernas abertas. Veio o José Isca e contratou-se a viagem — Podemos ir, patrão!

(pg. 370)

— Deixe vir o doutor —espere!

— Tinham chegado cedo de mais! observou o padre, enquanto Manoel fazia enormes S. S. no chão com a biqueira do chapéu de sol.

— Homem! este vapor assim mesmo fez desta vez uma viagensinha bem boa!...

— Quinze dias!

— E então?... quando sahio elle do Rio?...

— No dia dous.

— Daqui a outros quinze está por lá! calculou o conego.

— Não! póde levar muito menos! —para lá é muito mais favoravel a viagem — onze, doze, treze dias é o maximo.

O conego principiava a se aborrecer. Manoel fumou um cigarro, outro, e nada! —Raymundo demorava-se!...

— Isto já são oito horas! quantas tem você, compadre?

— Oito e um quarto —o rapaz com certeza descuidou-se —O' seu Manoel! elle sabe que o vapor sae as nove?

— Como não?! si ainda hontem a tarde mandei-lh'o dizer!...

— Então hade ser alguma despedida mais demorada! explicou o conego, com um risinho velhaco — *Fugit irreparabile tempus!*

— Isto vae, mas é esquentando, seu compadre!

E Manoel limpava e tornava a limpar o carão ver- **(pg. 371)** mellho, estendendo pela rampa um olhar supplicante, que parecia chamar pelo sobrinho.

— Vamos cá para a guardamoria, aconselhou o conego, resguardando-se do sol. Um empregado obsequioso servio logo, com grandes rasgos de cortezia, duas cadeiras de palhinha — Vs. Ss. porque não se sentam?...

— Obrigado, obrigado! meu amigo!

E foram assentando impacientes.

— V.S. vem ao botafora do doutor Raymundo!...

— E'! elle já desceu?

— Não o vi ainda, não senhor, porem não poderá tardar —vae se fazendo horas!

Um assovio muito agudo deu o signal de bordo —Manoel levantou-se logo, foi até a porta, lambeu com um olhar o trapiche, consultou sequioso a ladeira de Palacio —nada! olhou para o relógio —o ponteiro caminhava inalteravelmente para as nove horas —Raymundo demorava-se de mais! —abusava! — Ora cebo! Entendam-se lá com semelhante gente!...

A rampa já se tinha enchido e já se ia esvasiando —grupos demorados accenavam de terra com o lenço para os escaleres, que fugiam. Uns limpavam as lagrimas da separação; outros abraçavam-se por cortezia. Aqui faziam-se offerecimentos —chavões de delicadeza; ali diziam-se franquezas, davam-se conselhos, faziam-se caricias, manifestavam-se o amor e o desespero, como se estivessem na intimidade da alcova, em familia. Os escaleres largavam com grande alga- **(pg. 372)** zarra dos catraieiros; os ganhadores passavam, correndo com as costas carregadas de malas, de bahus e gaiolas de papagaio —havia confusão. Uma mulatinha escrava gritava com desespero da rampa, porque levavam-lhe a irmã mais velha, que tinha sido vendida para o Rio. Os rampeiros praguejavam e a valvula da lanchinha do Portal guinchava seus psios impacientes e penetrantes.

E Raymundo nada de apparecer.

Pouco e pouco foram rareando os grupos —enchugavam-se os olhos, guardavam-se os lenços, e os amigos e parentes dos que partiam retiravam-se em magotes, com o passo frouxo, a cara cheia de uma ressaca de commoções. O empregado da policia externa do porto voltou de sua visita ao navio. Só os exportadores de escravos permaneciam encostados ao portão do cães, para ver a ultima baforada dos pulmões daquelle monstro marinho, a cujo ventre confiavam um bom carregamento de negros. A rampa recahio no seu habitual socego e...

Raymundo nada de apparecer!...

Manuel suava — E esta?... perguntava elle ao conego, furioso — O que mediz desta, seu compadre?!...

O conego não respondeu —scismava.

Nisto chegou uma carruagem a rodar muito apressada. Os dous, que esperavam Raymundo, levantaram-se impacientes e espicharam o pescoço — Deve ser elle! aventou o conego.

— Diabo! praguejou Manoel, ao ver saltar um ho- **(pg. 373)** mem, lepido, e entrar na guardamoria — não era Raymundo.

O vapor chamava, insistia com seus guinchos impacientes e sibillantes.

O recém-chegado arrastou uma mala, que estava na guardamoria e entregou-a ao primeiro catraeiro, que chegou de uma nuvem delles — Avia, rapaz! Pega d'ahi! e mostrava os outros volumes — Ligeiro!

O homem do bote atirou com a bagagem n'um escalar — Anda! mexe-te! gritou para um moleque, que o ajudava — Si não te avias arriscamos a não alcançar o vapor!...

Estas palavras desesperaram de todo o pobre Manoel — o homem suava como o fundo de um prato de sôpa quente — E esta? seu compadre! E esta? — o que me diz desta?!

O conego não respondia, fazia considerações intimas, sorrindo á superficie dos labios.

— Ora! ora! ora esta!...

E Manoel passeiava a grandes passos na guardamoria — Ora! ora, senhores!

O conego bateu com o chapéu no chão — *Astutus astu non capitur!*

Os empregados da guardamoria, vestidos de farda, e os curiosos da vida alheia, faziam perguntas a Manoel sobre Raymundo, rindo contentes daquella nova situação, que dava para uma palestra, ou pelo menos para uma noticia — Faziam-se conjecturas, arriscavam-se opiniões, tiravam-se consequencias — Homem! di- **(pg. 374)** zia um — Elle, cá p'ra nós, nunca me pareceu grande cousa!

— Eu tambem, acrescentava outro — á fallar verdade! nunca gostei daquella cara de mascara!

— Mas que diabo de systema! observava outro.

— Que esperteza, sim senhor!

— Que manha!

— Que filho da mãe!

— Ora! ora, que typo! resmungou Manoel, a dar voltas no ar com o imenso chapéu de sol.

Nisto correram todos para a porta da guardamoria —uma segunda carruagem, puxada com soffreguidão, rodava impacientemente pela rua do Trapiche, em direcção á rampa.

— E' o homem, com certeza! disse um sujeito.

Fez-se no grupo um silencio curioso, e a caruagem parou defronte da guardamoria.

(pg. 375)

XIV

O paquete chegara na vespera, entrou na barra ás duas horas da tarde, com um formidavel tiro de polvora secca —chegou vapor! exclamaram de todos os pontos da cidade.

Desde esse momento Anna Rosa cobrara um grande máo humor e tornara-se nervosa —sabia que nesse escommungado paquete iria Raymundo para sempre — elle, que Anna Rosa tanto amara! tanto desejara! Todavia era preciso deixal-o partir — sem uma queixa, sem uma recriminação! porque todos, até o proprio Raymundo, assim o entendiam! —E não seria boubagem de sua parte estar ainda a pensar nestas cousas?! —Já não estava por ventura tudo acabado?... Então deixemo-nos de tolices, concluia ella, fazendo-se forte.

Não obstante preferia perdoar-lhe tudo —a pobre menina passou uma noute horrivel a procurar um motivo, um pretexto para desculpar o proceder irregular de Raymundo —sentia uma vontade singular de perdoal-o, antes que elle se fosse para sempre —E' **(pg. 376)** verdade que não o queria mais para si! considerava ella —mas desejava vel-o arrependido de sua ingratidão, humilhado, triste, padecendo por vel-a soffrer, e confessando-se culpado das faltas que não commetera! — Oh! si elle me

tivesse dado coragem!... o que eu não faria?!... porque o amava muito! muito! sim! é preciso confessar!... mas aquelle silencio... —Silencio?! que digo eu? —desprezo! áquelle desprezo insultuoso por mim, que era toda sua, collocou-o abaixo dos outros homens! —Porque elle, tão nobre, tão leal para os mais, procedeu desse modo commigo —abandonar-me em semelhante occasião, quando sabia perfeitamente que eu carecia, como nunca, de sua generosidade?!... Desconfiaria que não o amava? — Não! —fallei-lhe com tanta franqueza! e elle sabe perfeitamente que não se pode fingir o que lhe disse, o que chorei e o que soffri! Sim! tinha toda certeza, o miseravel! —o que não tinha era amor! Pensaria elle que eu, como as mulheres vulgares, seria capaz de sacrificar meu coração ás exigencias da sociedade? —Mas então porque não me fallou com franqueza? não me escreveu ao menos? não me disse que tambem soffria, não me encheu de animo?! —por que, juro! —tivesse-o eu! possuísse-o só meu! como marido, como escravo e como senhor! e a tudo mais desprezaria! Que me importava a mim o resto?! o que não seria eu capaz de sacrificar por amor daquelle ingrato?! — Oh! que homem máo! orgulhoso!

E Anna Rosa soluçava, sem conseguir conciliar o **(pg. 377)** somno. A's seis da manhã estava de pé e vestida no seu quarto. Manoel tinha sahido a ir buscar o conego para o embarque de Raymundo. Maria Barbora, ainda de rede, preparava os cachos de seda e ralhava com os escravos.

Havia em toda a casa uma certa tristeza, um certo constrangimento peculiar aos dias de enterro. Anna Rosa appareceu na varanda —trazia os olhos muito pizados e a cór desbotada, um ar geral de fadiga espalhado no corpo e nos movimentos, duas rozetas de febre nas faces —em sua fronte, mais pallida que de costume, advinhava-se a vigilia, destruidora, má, assassina, com um grande cortejo funebre de meditações profundas.

Serviram-lhe uma canequinha de café.

— Onde esta vovó? perguntou ella com a voz fraca.

— Está lá p'ra dentro, disse o moleque, cruzando os braços respeitosamente.

— Olha, Benedicto! dize-lhe que... está bom, não lhe digas cousa alguma!...

E Anna Rosa, arrastando vagarosamente a cauda de seu vestido de cambraia, e dando ás suas tranças castanhas, fartas e lustrosas, o movimento vermicular de uma serpente, ia voltar, toda irrezoluta, para seu quarto, quando se deteve, cheia dessa tristeza doentia e mysteriosa, que parece ter sido inventada para as mulheres bonitas em dias de viuvez; tristeza, que um lyrico de 1820 classificaria de —melancolico soffrimento d'alma, mas que hoje ca- **(pg. 378)** hio no rol das molestias organicas e os medicos modernos combatem maravilhosamente com a Hydropathia.

Deteve-se —não tinha animo de se metter no quarto —causava-lhe medo a solidão! Tinha receio de que, a sós com a impetuosidade de seu amor e a covardia de sua consciencia, lhe faltasse coragem para terminar decentemente com aquillo; ao contrario da vespera precisava agora ouvir dizer muito mal de Raymundo, para consentir em perdel-o, em deixal-o partir para sempre, sem ficar com o coração inteiramente despedaçado. Comprehendia que precisava de alguém que a convencesse das más qualidades de Raymundo, alguém que a persuadissem por uma vez de que elle nunca a mereceu, de que elle foi sempre um indigno, alguém que a fizesse odial-o, desprezal-o, como uma cousa ruim, um bicho repugnante, precisava afinal de uma alma caridosa que lhe arrancasse de dentro, á pura força, aquelle amor, como o medico arranca uma criança a ferro.

E no entanto, por mais que reclamassem as circumstancias, por mais alto que gritasse o raciocinio, seu coração só queria perdoal-o, attrahil-o, estremecel-o! A realidade estava ali —a exigir que tudo se acabasse —que Raymundo fosse por uma vez, e que ella ficasse tranquilla, ao abrigo de seu pae, mas o coração choramingava-lhe dentro, como uma criancinha sem mãe —pedia-lhe baixinho, com medo, que não o deixasse, por caridade, morrer de todo a min- **(pg. 379)** gua de uns carinhos... e esses vagidos tão fracos na apparencia, suplantavam a voz grossa e terrivel da razão — Oh! era preciso ouvir muitas queixas contra aquelle ingrato, para suportar a realidade sem succumbir —era preciso que uma logica de ferro a convencesse de que aquelle homem máo nunca a amara! nunca a merecera!

E pois mandou o Benedicto chamar a avó!

Benedicto foi ter com Maria Barbora, e Anna Rosa ficou só na varanda, encostada a ombreira de uma porta, a reprimir os impulsos interiores, como quem segura cães bravos. Desfallecia-lhe de todo a coragem, que affectara até ahi —sentia reagir por dentro o seu amor com todas as exigencias primitivas.

A avó tardava. Anna Rosa estremeceu, esticou nervosamente os braços, com os punhos cerrados, vergou de todo a cabeça para traz em um desespero surdo, e dous fios tremulos e brilhantes correram-lhe ao comprido das faces, entre soluços hystericos.

Um rumor de passos apressados na escada assustou-a e fel-a correr, porém Raymundo, apparecendo de improviso, supplicava-lhe com uma voz tremula de commoção que ficasse —que o ouvisse por um instante.

Ella sobressaltou-se como se acordasse de um pezadoello, mas sentio-se interiormente alegre á vista da phisionomia transformada e abatida de Raymundo — Meu Deus! pensou ella — elle soffreu! elle soffreu muito! coitado! tem sido por minha causa!...

(pg. 380)

— Olha! disse Raymundo — não nos encontraremos mais —o vapor sae daqui a duas horas —fica esta carta —toma, lê-a depois de eu ter ido m'embora —é para não me ficares tendo odio!... Lê e perdôa-me, sim?! mas promette que só a lerás depois de eu ter partido!

E sentindo que a commoção lhe tomava de toda a voz, ia descer, muito confuso, muito atrapalhado, quando lembrou-se de Maria Barbora —perguntou por ella. Chamou-se a velha; Raymundo despedio-se, sem saber bem o que dizia —faltavam-lhe as palavras, gaguejou algumas frioleiras —achou-se estúpido, cheio de acanhamentos de collegial.

Anna Rosa parecia estonteada —não dizia uma palavra, não dava uma resposta, não apresentava uma objecção.

Adeus! disse Raymundo, e tomou a mão, que Anna Rosa tinha desamparada e molle, apertou-a nas suas com soffreguidão, e, cousa estranha, em presença de Maria Barbora, da terrivel Maria Barbora, levou-a repetidas vezes á bocca, cobrindo-a de

beijos rapidos e sequiosos. Depois desceu a escada, estouvadamente, na carreira, a dar encontrões pela parede e a tropeçar nos degrãos.

Anna Rosa, quando voltou a si, correu para seu quarto e fechou-se por dentro, soluçando.

Raymundo sahio e achou-se no meio da rua, dis- **(pg. 381)** trahido, apatetado, sem saber bem para que lado tinha de tomar —Ah! precisava ainda fazer algumas compras insignificantes! Poz-se a aviar. Não havia tempo a perder —correu ás lojas; porem, independente de sua vontade, alheio de sua razão, o coração embalava por sua conta e risco uma esperança vaga de que aquella viagem não se realisaria —esperava topar um obstaculo qualquer, que a transtornasse, um desses contratempos, que vem muito a proposito, quando, a despeito da vontade, cumprimos contrariados o que nos manda a razão. Raymundo suspirava por um pretexto que satisfizesse até a propria consciencia.

E nessas circumstancias se preparava para deixar por uma vez o Maranhão —entrava nas lojas e nos armazens —comprava charutos, um par de chinellas, um bonet; mas fazia tudo isto, como que por mera formalidade, para dar uma satisfação áquella impertinente ralhadeira da consciencia, distrahido, sem prestar attencção a cousa alguma.

Voltou a casa —era a ultima vez que lá devia ir, contava, ao entrar, receber logo a noticia de que o haviam roubado de tudo, e que esta circumstancia imprevista o impediria de seguir por esse vapor; mas qual! —todos seus objectos estavam intactos no lugar em que ficaram. Entregou as malas aos carregadores e sahio, porém esperava que na Agencia qualquer obstaculo transferisse a viagem —nada! Estava tudo prompto, tudo concluido! —só faltava partir! Já se **(pg. 382)** tinha despedido de Anna Rosa, de Maria Barbora; infelizmente para elle não tinha credores, não lhe faltava fazer mais nada em terra —as malas estavam á caminho —só restava embarcar.

Sentia um medo horrivel em dirigir-se para a rampa, comtudo era para lá que elle se dirigia —vacillante. Consultou o relógio —o ponteiro apontava indifferentemente

as oito horas e dispunha-se continuar a percorrer o quadrante. Raymundo perdeu de todo a coragem de olhar para as horas —encomodava-lhe horrivelmente aquella inflexivel diminuição do tempo, que dispunha para estar em terra — Tinha de seguir! Diabo! —faltava-lhe só embarcar! isto é, renunciar para sempre ao que elle suppunha sua unica felicidade —a posse de Anna Rosa! Ia partir, deixal-a! para nunca mais a ver! para nunca mais ouvil-a, abraçal-a, possuil-a! — Inferno!

E a proporção que Raymundo se aproximava da rampa sentia escorregar-lhe das mãos um thesouro precioso. Tinha medo de proseguir —parava, como se quizesse possuir por mais alguns instantes aquelle objecto querido, mas vinha-lhe logo o raciocinio —a razão o escoltava como um policia —Caminha! Caminha p'ra diante! gritava-lhe a maldita —e elle caminhava, de cabeça baixa, como um réo.

Anna Rosa nunca lhe parecera tão bella! tão adoravel! tão cheia de boas qualidades! tão imprescindivel como naquelle momento! —chegou a ter ciumes della, porque a ia deixar desamparada, exposta ao **(pg. 383)** amor do primeiro ambicioso, que se apresentasse; tanto mais facil de temer, porquanto elle sabia perfeitamente qual era a exigencia do organismo de Anna Rosa, o calor daquelle sangue inquieto, vermelho, a propensão que ella sempre revelara para procriar, os reclamos daquellas carnes impacientes! Inferno! inferno! inferno!!...

Raymundo surprehendeu-se parado na rua, fazendo todas estas considerações, como um tonto, observado pelos transeuntes —voltou a si —envergonhou-se de sua falta de resolução e poz-se a caminhar apressado para a rampa.

A proporção que se aproximava do mar avultava o numero de carregadores de bagagens, pretos de ambos os sexos passavam acarretando bahús, malas de couro e de folha de Flandres, cestas de vime de todos os feitios, cofos de pindoba, caixas de chapéu de pello e gaiolas de passarinhos.

Raymundo continuava quasi correndo, aparentemente muito apressado; todo aquelle apparato de viagem fazia-lhe horror. De repente parou, como se um grupo de considerações lhe tomassem o passo — E si o Manoel não tivesse ido a rampa?!... sim! era muito possivel que elle não tivesse podido ir!... era uma dos diabos, porque nesse caso Raymundo não se despediria delle; o que seria uma falta imperdoavel —

uma ingratidão!...encarecia Raimundo na sua necessidade de arranjar uma desculpa — Porque no fim de contas devia-lhe mil serviços! Manoel sempre o cercara **(pg. 384)** de obsequios!... Pobre homem! Não! não podia ir assim, sem se despedir delle.

Passava um carro vazio, Raymundo consultou rapidamente o relógio —oito e um quarto — Rua da Estrella, numero 80! gritou ao cocheiro — Toda força! não podemos perder um segundo!

E no carro, impaciente, distraído, sentio uma alegria nervosa, porque se afastava da rampa; ao mesmo tempo a unha do remorso esgaravunchava-lhe surrateiramente a consciencia.

— Mas seria uma grande falta de minha parte!... respondia elle á importuna — sahir do Maranhão sem despedir-se do irmão de meu pae, do unico parente e amigo que aqui tenho!...

E o carro voava, soprado pela esperança de uma bôa gorgeta.

Anna Rosa, logo que sentio Raymundo sahir, fechou-se no seu quarto com a carta, que este deixara e, apesar da recommendação de não a abrir em quanto o vapor não largasse, ella rompeu avidamente o sobrescripto e devorou com os olhos o seguinte:

« Anna Rosa.

«Parecer-te-ha estranho o que vaes ler, mas juro-te por minha honra ser tudo isso verdade —Amo-te loucamente! mais do que nunca, mais do que eu proprio immaginava fosse possivel amar neste mundo. Deixa dizer-t'ô agora que esta confissão já te não pode pre- **(pg. 385)** judicar, porque quando a vires estarei bem longe d'aqui; mas, pois que é necessario que tu não te crimines de me não ter merecido amor e extremos, e não me crimines a mim por me ter portado frio e covarde, sabe, minha amiga, que a maior dôr de minha vida, o peor momento foi quando vi inevitavel fugir-te. Que tortura! não imaginas, mas assim era preciso, porque eu sou mulato!

«Dei minha palavra a teu pae em como nunca me casaria contigo, mas que importava o compromisso? —fosse qual fosse o sacrificio não valia o teu amor! eu tudo

baratearia por ti, porem o peor, o mais serio é que essa mesma declaração ser-te-ia prejudicial, faria de ti uma victima. A sociedade te chamaria a mulher do negro e nossos filhos teriam casta! Entendi que fugir-te era o melhor serviço, que poderia prestar-te, era a maior prova, que te poderia dar de uma verdadeira dedicação — vou, solteiro, desprezado, triste, levando, para onde conduzir-me o acaso, a dor de uma grande saudade e o reconhecimento pela unica hora de completa felicidade, que gozei no mundo —foi quando suppuz exequivel ser teu esposo! Devo-t'a, a ti somente — durou pouco, mas só a ti a devo! Agradeço-t'a do fundo do coração; e leve-me para onde levar-me o desespero de perder-te, esteja eu onde estiver, passe o tempo que passar, hei de amar-te, sempre! sempre, minha amiga!

«Peço-te, pelo muito que te quero ainda, que me perdões tudo isto, e mais, si não te esqueceres de **(pg. 386)** mim, não me guardes odio; lembra-te somente que eu só desejava ser branco para merecer-te.»

«Teu escravo»

«Raimundo.»

Ao terminar a leitura Anna Rosa levantara-se chorando —sentio uma enorme revolução interior, um grande contentamento, parecia-lhe que uma nova alma vingava e crescia-lhe por dentro, e de tão grande transbordava-lhe pelos olhos e pela garganta — Ah! elle a amava! E fugia com o segredo —ingrato! porque não lhe tinha dito tudo aquillo com franqueza?!...

E saltava pelo quarto, como uma criança, a rir, com os olhos arrazados d'agua. Foi ao espelho —sorrio para a sua figura abatida, endireitou o penteado, bateu palmas e soltou uma risada.

Mas de repente lembrou-se que o vapor podia já ter sahido —teve um sobressalto —o coração bateu-lhe como um aneurisma que vae rebentar. Correu a varanda — Benedicto! Benedicto! O' senhores! onde estaria aquelle moleque?!

— Que vocemecê queria? perguntou Brigida, com a voz muito tranquillã e compassada.

— A que horas sae o vapor? perguntou Anna Rosa, quasi sem folego.

— Senhora?

— Quando sae o vapor?!

— Que vapor, sinhá?

— Diabo! o vapor do sul!

— Ehé! Já sahio, sinhá!

(pg. 387)

— Hein?! o que?! —não é possível, meu Deus!

E tremendo por uma certeza horrível, correu ao quarto da avó — Sabe si já sahio o vapor, vovó?!

— Pergunta a teu pae.

Anna Rosa sentio uma impaciencia infernal —desceu os primeiros degrãos da escada do corredor, com o fim de indagar no armazem sobre o vapor, porém voltou, foi á cosinha e encarregou Brigida de saber de Manoel si o vapor havia já partido.

A criada voltou dizendo, muito descansada —que sinhô tinha sahido para ir ao bota-fóra de nhô Mundico.

— Vae para o diabo! gritou Anna Rosa colerica, e correu a janella de seu quarto, escancarou-a precipitadamente —o socego da rua da Estrella entorpeceu-a como o effeito de um jacto de agoa fria sobre um doente de febre.

Depois veio-lhe a reacção —teve um appetite nervoso de gritar, morder, agatanhar, pensou que ia ter um hysterico, sahio da janella para ficar mais a vontade —deu fortes pancadas freneticas na cabeça, sentio uma raiva mortal por tudo —pelos parentes, pela casa paterna, pela sociedade, pelas amigas, pelo padrinho —e assistio-lhe abrupto ao animo uma força varonil —um querer absoluto —pensou com prazer em uma responsabilidade —desejou a vida com todos os trabalhos, com todos os espinhos e com todos os encantos da carne —sentio uma necessidade imperiosa de se entender com Raymundo —de perdoar-lhe tudo, com **(pg. 388)** beijos ardentes, com caricias doudas, selvagens! e dizer-lhe descaradamente — Casa-te commigo! seja lá como for! não te importes com o resto! aqui me tens! Anda!...

Nisto rodou com toda pressa uma carruagem na rua da Estrella.

Anna Rosa correu á janella, assustada, palpitante. O carro parou á porta de Manoel. Anna Rosa estremeceu de medo e de esperança —e toda excitada, convulsa, louca, vio saltar Raymundo.

— Suba! suba para cá! disse-lhe ella já no corredor —Suba!

Raymundo subio —achou-se defronte de Anna Rosa, gaguejava — Seu pae, onde está? não tenho tempo a perder!...

— Entre para cá! venha! venha! preciso fallar-lhe.

— Porém...

Anna Rosa puxou-o, Raymundo deixou-se levar —suppunha encontrar-se com Manoel.

— Mas... dizia elle confuso, reparando, todo tremulo, que entrava para o quarto de Anna Rosa — Perdão, minha senhora, porém seu pae? onde está? vinha pedir as suas ordens...

Anna Rosa correu a porta, fechou-a bruscamente e atirou-se ao pescoço de Raymundo — Não has de partir! não has! entendes?! Não quero que te vás! disseste que me amas e eu serei por força tua esposa! Entendes?!

(pg. 389)

— Deixa-te disso!... reprehendeu Raymundo, procurando delicadamente desenhencillar-se dos braços de Anna Rosa.

— E porque não?! perguntou ella muito alterada — Que tenho eu com os preconceitos sociaes?! que culpa tenho eu de te amar tanto e de ter plena certeza de não poder honestamente ser mulher de outro homem?!... Quem mandou papae não attender ao teu pedido, quando o que tu querias era fazer de mim uma bôa mãe de família?! Tenho culpa de que os mais não te comprehendessem?! Tenho culpa de que minha felicidade esteja somente em tuas mãos?! Ou, quem sabe, Raymundo?! Si és um impostor e nunca me amaste?!...

— Antes fosse assim!...

— Então?! ..

—Mas o que havemos de fazer, filha? supporás por ventura que eu seria capaz de te sacrificar?!... que eu, pelo facto de te amar muito, te condemnaria á ser minha esposa?!... que te exporia ao odio de teu pae! ao desprezo de teus amigos! aos dichotes dos parvos cá da provincia?! Pensas que eu teria animo de te dar mulatinhos, com quem mais tarde fizessem o mesmo, que acabam de fazer commigo?!... Não, Anna Rosa —deixa-me ir! deixa-me ir: e fica tu por cá descansada! olha! faze por te esqueceres de mim! Sim? adeus!... Mas, filha! não me estejas, por amor de Deus , a olhar deste modo, que não terei animo de deixar-te!

(pg. 390)

E Raymundo desviava os olhos dos de Anna Rosa. Ella segurou-se-lhe á golla do fraque e, com o pescoço estendido, ferrou-lhe um olhar cheio de insistencia —Dize-me com franqueza uma cousa, Raymundo —o que ha de sincero no que me escreveste?!...

— Tudo, meu amor, tudo! juro sob palavra de honra! Mas, tonta! para que leste antes de eu ter partido?

Então sou tua! Olha! saiamos d'aqui, fuja-mos —leva-me para onde quizeres! faze de mim o que entenderes!

E Anna Rosa tornou a enlaçar os braços no pescoço de Raymundo, apertando-o contra o seio offegante. Elle estava immovel, possuido de uma commoção profunda, medroso de succumbir.

— Então?!

Raymundo não respondeu.

— Pois olha! si não quizeres fugir —farei acreditar, a meu pae que tu és um infame! Tens medo! não é? Pois bem eu lhe direi tudo o que me vier a cabeça! eu acarretarei para ti todo o odio, toda a responsabilidade de meu amor! Porque tu, tu! és um homem máo, Raymundo, e meu pae acreditará que abusaste da hospitalidade que elle te deu! E's um canalha! tu!

— Senhora! disse asperamente Raymundo, procurando soltar-se dos braços da amante e fugir do quarto.

Anna Rosa, toda tremula, segurou-o pelas mãos e vergou a cabeça para traz n'um ar muito supplicante — Perdôa! meu amor —eu não sei o que estou dizen- **(pg. 391)** do! Desculpa tudo isto, meu senhor! Reconheço que tu és o melhor dos homens! mas não partas! eu t'ô supplico! sei tambem que o orgulho é que te obriga a ser máo! Tens toda a razão, mas não me abandones! Eu morreria, Raymundo, porque te amo muito, muito! e nós as mulheres, como não temos as sciencias, as artes, as glorias da litteratura, as ambições politicas, collocamos o amor acima de tudo! Não temos cabeça —temos só coração! sabemos somente amar —é toda nossa sciencia! Vês! eu sacrifico tudo por esse amor, mas não partas por piedade! —sacrifica tambem alguma coisa por mim, não sejas egoista! não partas! —E' o orgulho! mas que diabo temos nós com os preconceitos?... Que m'importam os outros?! —só a ti quero! só tu me agradas! só a ti procuro obedecer! minha vida és tú! tudo mais no mundo é restos! Anda! vamos! Leva-me! casemos-nos! Eu despresarei tudo, mas preciso ser tua, Raymundo! preciso pertencer-te!

E Anna Rosa cahio de joelhos — Vês?! é uma escrava que chora a teus pés! é uma desgraçada, que precisa de amor! —sou tua! aqui me tens, meu senhor, ama-me!

E Anna Rosa empalmava o rosto com as mãos e soluçava hystericamente. Raymundo vergava-se todo, forcejando por erguel-a, porém o contacto sensual daquellas mãos, a carnação branca daquelles braços e daquelle collo, o surrafaçar d'aquelles labios afogueados, e a prohibição de tocar em tudo aquillo, chi- **(pg. 392)** bateavam-lhe os sentidos e deixavam-lhe a cabeça a rodar, n'uma embriaguez — Meu Deus! O' Anna Rosa! não chores! levanta-te por amor de Deus!

Anna Rosa continuava a chorar, e um tremor nervoso percorria as pernas de Raymundo.

Foi nessa ocasião que a lanchinha do Portal guinchou seu primeiro assovio, chamando os passageiros retardados —aquelle grito penetrante e impertinente chegou aos ouvidos de Raymundo, ali, no calor voluptoso e doce daquelle quarto, como uma nota destacada do côro de imprecações com que a população maranhense, formigando lá por fóra, applaudia sua retirada.

Raymundo vio defronte de si a realidade nua e crua dos factos —assaltavam-lhe a memoria todas as scenas anteriores com Manoel —considerou rapidamente a situação, calculou as consequencias ridiculas de sua fraqueza, e afinal o orgulho rebentou-lhe por dentro, com a impetuosidade de um temporal — Não! gritou elle, repellindo bruscamente a rapariga, e precipitou-se para a porta.

Anna Rosa cahio para traz, segurando-se-lhe nas pernas; levantou-se desgrenhada, livida —estava terrivel! —a bocca contrahia-se em uma dolorosa expressão de raiva —as narinas soffregas —o olhar feroz e ameaçador!

Ergueu-se, e com um gesto, altivo, selvagem, atravessou-se na porta, sobranceira, nobre, com os punhos cerrados, dizendo compassadamente — Não sae, **(pg. 393)** porque eu não quero! Não sahirá enquanto eu não estiver de todo desacreditada!

Raymundo fez um movimento de surpresa.

— Olha lá, disse ella com firmeza —ouve-me com os diabos! antes de te ir — Amo-te muito, Raymundo, e só a ti amarei durante toda minha vida! sou bastante virtuosa para não consentir em um casamento que não fosse contigo —tenho bastante dignidade para não me entregar a outro homem que não sejas tu! diga lá a sociedade o que quizer, mas eu considero ruim a mulher que se casa sem amor, e acho honesta e heroína aquella que se ajoelha aos pés do homem que ama, do unico que pode ser seu marido, seja elle quem fôr, com tanto que faça della uma bôa mãe.

Raymundo não dava uma palavra, ao mesmo tempo que sentia-se cheio de admiração por aquelle character altivo e inteiriço, achava a situação um tanto ridicula — cheirava-lhe tudo aquillo a poesia, si bem que ultimamente, depois das difficuldades de sua vida, elle estivesse outro —o ostracismo o tinha corrompido com a tristeza e injectara-lhe no sangue um pouco de lyrismo.

Todavia Anna Rosa percebeu que o tinha desarmado e aproximou-se d'elle, com o ar muito intimo, dizendo em conversa — Tudo o que era preciso fazer de bom para me casar contigo —eu já fiz! papae não consentio em tal, na esperança de me dar a outro, que lhe pareceu melhor!... Pois bem, Raymundo —o meu orgulho, meu coração de mulher honesta, minha in- **(pg. 394)** dole materna, meu amor por ti, tudo me

aconselha que esgote até o ultimo recurso! —é com essa resolução que eu aqui estou! —Talvez isto te pareça máo e deshonesto, porém juro-te que nunca defendi tanto minha honra como neste instante. Só ha um meio de salvar-me —é sendo tua esposa, e para ser tua esposa tambem só ha um meio —disse ella corando e abaixando os olhos — Agora!...concluiu franqueando a porta —podes ir quando quizeres, puedes me abandonar —fico com a consciencia tranquilla, porque esgotei todos os recursos para me casar contigo. Vae-te! —o que nunca pensei foi que a difficuldade desta ultima provação estivesse em ti —tu és um hypocrita —nunca tiveste intenção de casar commigo! Vae-te embora! deixa-me! que é melhor mesmo!...

— E Anna Rosa desatou a chorar — Si mais tarde hei-de arrepender-me, é melhor que se acabe desde já com isto! —Eu sou é uma desgraçada! uma infeliz!...

E soluçava.

Raymundo assentou-se na cama e puxou carinhosamente Anna Rosa para si — Não chores, deixa-te de tolices, não te estejas a mortificar!...

— Mas não é assim?!... dizia ella chorando, com a cabeça encostada ao hombro de Raymundo — Por uma outra, que te merecesse mais, farias tudo —tôla fui eu em confessar que te amo tanto, ingrato! Tu não merecias a metade do que eu tenho feito por ti!... seu fingido!

(pg. 395)

E soluçava, como uma criança magôada. Raymundo abraçou-se com ella e encheu-a de beijos — Não chores, meu bem, tens toda a razão! perdôa si fui grosseiro contigo e fiz por não te merecer — Mas o que querias?!... a gente tambem tem seu orgulho —a minha posição aqui era muito falsa. Acredita que ninguem te poderá amar mais do que eu te amo — Ah! mas si soubesses quanto custa ouvir do proprio pae da mulher que amamos —Não lhe dou minha filha, porque o senhor é mulato!... Si me dissesse —é porque não tem uma posição social, juro-te que a conquistaria, fosse como fosse! — E' porque é um infame! um ladrão! um miseravel! —eu me comprometteria a apresentar o melhor modelo dos homens de bem! Mas um mulato!... E como hei de transformar todo meu sangue —gôta por gôta?! —como heide apagar minha historia da memoria de todos?! Vês tu?! —tenho posição social, não sou de todo

pobre, nunca commetti uma acção feia! no entanto não poderei ser feliz, porque só tu eras minha felicidade, e eu sou *mulato*! Si tu soubessas, meu amor, quanto dóem estas verdades!... perdoarias logo todo meu orgulho, porque o orgulho de cada homem de bem está sempre na razão do desprezo que lhe votam!

Anna Rosa o interrompia com beijos —Entretanto, disse elle, completamente vencido —tuas lagrimas baquearam minha altivez; tua voz afroxou-me a energia **(pg. 396)** —sinto a urgencia de fugir-te e já não posso, quero ir e tu me prendes com estes olhos feiticeiros!... Onde irei agora buscar coragem para te deixar?!

E abraçavam-se — Como poderei viver mais sem ti, minha amiga, minha esposa, minha vida?! Dize! falla, meu bem! aconselha-me por piedade, porque eu já não sei pensar!...

Um novo assovio veio de bordo.

— Não ouves, Anna Rosa —é o vapór que me chama!...

— Deixa-o ir, meu amor! tu ficas...

E as mãos se entrelaçavam, e os labios se atropelavam no estouvamento do primeiro amor.

Entretanto, na guardamoria, Manoel e o conego esperavam impacientes o resultado da carroagem, que parara defronte delles.

Não era Raymundo.

— Ora!... E Manoel deixou escapar uma grosseria —cachorro! grandessissimo tratante! —cassôou com nosco, seu compadre! cassôou com nosco, o desavergonhado!

E Manoel ameaçava o forro do tecto com o seu immenso chapéu de sol, empunhado á laia de vara-páo — Tambem em casa não me piza mais! promettia elle furioso.

Commentava-se já o facto na Praça do Commercio. O vapor largou afinal.

(pg. 397)

— Bonito! berrou Manoel.

E, depois de um silencio colerico, as mãos nas algibeiras, o chapéu descahido para a nuca, o corpo a bambear todo sobre as perninhas abertas — Então! que me diz desta, compadre? que me diz! desta?!... Ora já se viu?!...

— Deixe-se dessas historias! reprehendeu o conego, e abriu o seu chapéu de desoito barbas, disposto a retirar-se, como si nada tivesse succedido de extraordinario — Vamos cá para cima, disse elle, e começou a subir vagarosamente a rampa de Palacio.

— Ora metta-se um homem com semelhante gente! resmungava o outro, batendo com a biqueira do chapéu nas pedras da ladeira — Traste! Peralta!

E depois de alguma pausa virou-se para o conego — Tambem chegou-se elle para onde quizer — commigo não conte para mais nada! — canalha!

E continuou a praguejar, com a verbosidade da colera. Porem o conego interrompeu-o para fallar reflecti damente sobre o facto — *Suaviter in mod, fortiter in re!*

Manoel calou-se logo e prestou-lhe toda attenção e respeito, com que sempre o escutava.

Depois de uma hora, estacionados na esquina da rua em que se tinham de separar, disse o conego, sem transição — Adeus! não se esqueça de fazer o que lhe disse e observe bem o que ella responde!

— Você apparece por lá?!

— Logo depois do almoço. E cabisbaixos, cada um tomou o seu rumo.

(pg. 398)

Manoel chegou a casa e foi atravessando o armazem — O doutor Raymundo esteve ahi em cima? perguntou elle ao Cordeiro logo que entrou.

— Esteve, sim senhor; porém já sahio mettia-se no carro, quando eu chegava da cobrança.

— Ha muito tempo?

— Ha cousa de meia hora, pouco mais ou menos.

— Vocês já almoçaram?

— Já, sim senhor!

— Bem! fez Manoel — diga ao seu Dias, quando vier, que não se esqueça de tirar aquellas contas correntes do interior; e você vá a alfandega e veja si no manifesto do *Braganza* estão aquelles fardos de estoupa numero 105 a 110 — Olhe o conhecimento. E passou-lhe um quarto de papel azulado. Depois ia a subir. — Ah! era verdade! e voltou — Seu Villa Rica.!

— Senhor!

— O pequeno está ahi?

— Não senhor, foi ao thesouro.

— Aviaram-se já aquellas encomendas de Caxias?

— Já estão duas caixas de chitas arrumadas — o vapor só sae depois d'manhã...

— Bom... E Manoel pensou um pouco — An! sabe si seu Cordeiro despachou os phosphoros?

— Não despachou, não senhor, porque o conferente, que está nos despachos sobre-agoa, não os poudo fazer hontem.

— Bem... diga ao Cordeiro que veja si acaba com isso hoje

(pg. 399)

E Manoel subio difinitivamente,

A varanda estava deserta — Maria Barbora rezava no quarto, agradecendo a Deus e aos santos mais importantes, a supposta partida de Raymundo. Manoel tomou um calice de cognac e dirigio-se para a cosinha. — Que é da Annica |

— Está encommoada no quarto.

— Doente?

— Sim senhor — com febre.

— Que tem ella?

— Não sei, não senhor...

Manoel bateu na porta do quarto da filha; veio ella mesmo abrir, muito pallida, e voltou logo para metter-se de novo na cama.

— Que tens tu, Annica?

Ella não podia encarar o pae — Não estava bôa!... nervoso!

E estalava suspiros prolongados na garganta. Manoel assentou-se pezadamente em uma cadeira, junto á cama, com o chapeo de sol entre as pernas — Recommendações de Mundico! disse elle disfarçadamente.

— Como?! Fez Anna Rosa, e assentou-se em sobresalto, a ferrar no pae o mais estranho e dolôroso olhar.

— Foi-se! explicou seccamente Manoel — o vapor sahio neste instantinho —lá ficou a bordo —coitado! elle talvez seja feliz lá pela côrte....!

— Miseravel! exclamou Anna Rosa, soltando um **(pg. 400)** grito formidavel, e cahio para traz na cama, a estrebuxar.

— Bonito! —Anna Rosa! —Que é isto, minha filha?! gritou Manoel, procurando conter-lhe os movimentos nervosos —D. Maria Barbora! Brigida! Monica!

O quarto encheu-se. Escancararam-se as janellas e a porta —deram-se a cheirar saes a Anna Rosa. A scena cresceu logo em acção e movimento. Só depois de grandes esforços e de muito lutar, a doente quebrou de forças e cahio extenuada, arquejante, n'uma febre intensa e acompanhada de delirios. Manoel, todo afflicto, andava pelo quarto na ponta dos pés, fallava em voz muito baixa e discreta, ia de vez em quando ao corredor verificar si o conego já tinha chegado, voltava sempre a cossar a nuca com frenezi, o que nelle indicava a duvida e a impaciencia.

— Vocemecê já quer almoçar? perguntou-lhe Brigida.

— Vae p'ra o diabo!

O conego chegou afinal, ao meio dia, com um ar tranquillo, de bôa digestão —o palito no canto da bocca — Então? perguntou elle a Manoel, levando-o mysteriosamente para um canto da varanda.

— Foi o diabo... seu compadre! —a pequena logo que ouviu a peta, cahio com um ataque muito forte e levou a estrebuxar uma porção de tempo, até que lhe veio a febre, acompanhada de delirios.

— E como está ella agora?

— Mais socegadinha! porem tem ainda muita febre **(pg. 401)** —eu não quiz chamar o medico, sem fallar primeiro com você...

— Fez bem.

E o conego recolheu-se a scismar — Com os demos! disse enfim —a cousa estava muito mais adiantada do que eu suppunha.

— E agora?

—Agora é dizer-lhe a verdade! o que eu queria era saber do estado de cousas —ella se suppõe trahida, e para suppor tal é preciso ter concertado algum plano com o melro —é justamente isso o que nos convem destruir!...

E depois de meditar um instante — Aquella indiferença pela retirada do Raymundo era devida a certeza do contrario...

E depois de uma nova pausa — Ella acreditou logo no que você disse?

— Logo! logo! —gritou —Miseravel! ezás! —o ataque.

— E' singular!...

— O que?

— Ella acreditar assim tão facilmente, mas enfim... conte-se-lhe a verdade!...

— Então espere um instantinho, que vou tranquillisal-a, coitadinha!

— Não senhor —venha cá, compadre! —Vou eu —á mim talvez conte tudo com mais franqueza!...

E, tomando uma deliberação, voltou-se para dizer a Manoel — Olhe! você, o melhor é fingir que não sabe de cousa alguma!...

(pg. 402)

— Como assim?

— Não se dê por achado —finja que está persuadido da partida do Raymundo.

— Para que?

— E' cá uma cousa!...

E o conego, todo consolador e respeitoso, entrou com passos macios no quarto de Anna Rosa.

A crise tinha cessado de todo —a doente soluçava baixinho, com o rosto escondido entre os dous travesseiros da cama. A bôa Monica, ajoelhada aos pés do leito, vigiava-a com a docilidade de um cão. D. Maria Barbora, assentado ao lado da neta, exprobase-lhe amargamente, em voz baixa, o seu pezar mal cabido por um facto, aliás util e agradável.

— Então! minha afilhada, o que é isso? perguntou o conego, passando carinhosamente a mão pela cabeça de Anna Rosa — Que è isso, Anniquinha?!...

Ella continuava a soluçar baixo, inconsolavel, asso ndo de espaço a espaço, o narisinho muito vermelho do esforço do chôro —não podia fallar —os soluços —seccos e muito suspirados, repetiam-se quasi sem intervallo. Com um signal o conego afastou Maria Barbora e Monica e, chegando os labios finos e aristocraticos do ouvido da afilhada, derramou nelle estas palavras, macias e escorregadias, como si fossem ungidas de santo óleo — Tranquillise-se —elle não partio... está ahi... não foi... socegue...

— Como?

— Não faça espalhafato! —convem que seu pae não (pg. 403) saiba de cousa alguma —descance! socegue! elle não partio —ficou.

— Vocemecê está m' enganando, dindinho!...

— Com que interesse, minha desconfiada?

— Não sei, mas...

E soluçou.

— Está bom! não chore e ouça o que lhe vou dizer —Sahindo d'aqui, procuro o rapaz e faço-o ausentar-se por algum tempo, até as cousas voltarem de novo aos seus eixos; mais tarde elle regressará,e então nós trataremos de tudo pelo melhor — *Nec semper lilia florent!*

— E papae?

— Deixe-o por minha conta —fie-se inteiramente em mim! Mas nós precisamos ter uma conferencia completa, n'um logar seguro, oude possamos conversar á vontade!... Para ajudal-a bem preciso estar a par de tudo! entregue-se ás minhas mãos e tudo se arranjará —nada de desespero, nem de precipitação —A' prudencia! minha filha — A' prudencia!

E depois de uma meiguice — olhe! venha se confessar á Sé —sua avó encommendou-me uma missa cantada —não pode haver melhor occasião! confesso-a depois da missa... Está dito?

— Mas para que, dindinho?!...

— Para que?... para poder ajudal-a, minha afilhada!

— Ora!...

— E alem disso!... fez elle, recorrendo já a outra **(pg. 404)** attica —para descarregar essa consciencia, pol-a bem com Deus! livrar essa alma christã das chammas do inferno! Percebe agora?!...

— Deixe disso, dindinho!...

— Venha á missa, confesse-se e tudo ficará arranjado!

Anna Rosa tinha já a phisionomia expansiva, sentia vontade de abraçar o padrinho, aquelle bom anjo, que lhe trouxera tão agradável noticia — Mas não m'engane, dindinho — diga serio! — elle não foi?!...

— Já lhe disse que não! tranquillise-se por esse lado, e venha á confissão — Si fôr, prometto arranjar tudo a seu gosto!...

— Jure!...

— Ora que exigencia! que criancice!

— Então não vou.

— Está bom —juro pela hostia consagrada!

E o conego beijou os indicadores, traçados em for ma de cruz sobre os labios — Então! está satisfeita?!

— Bem! agora acredito!

— E vae a confissão?

— Sim.

(pg. 405)

XV

A casa particular de Manoel Pescada tinha, pelo menos na apparencia, voltado ao seu primitivo estado de paz e esquecimento —tanto ahi, como pela cidade já bem pouco se fallava de Raymundo.

O pobre rapaz, ao sahir do quarto da amante, reformara logo o programma de sua vida e no dia seguinte partio para Rosario —foi visitar a mãe. Raymundo levava a intenção firme de carregar-a para a capital, trazel-a para sua companhia e apresental-a ao publico como sua mãe, mas, á vista do aspecto miseravel de Domingas, faltou-lhe a coragem para tanto —suppunha-se mais virtuoso do que effectivamente era. Abraçou-se á douda e declarou-se-lhe filho —ella o repellio, sem comprehender. Afinal Raymundo voltou só e installou-se no Caminho Grande, escondido, como um criminoso de morte, em uma casinha servida pela mesma criada detestavel, que possuira dantes. Dahi, com muita difficuldade, escreveu uma carta a Anna Rosa, confiando seus projectos, ensi- **(pg. 406)** nando o logar em que estava e pedindo maior mysterio e cuidado sobre todas estas cousas. A carta terminava por este theor: «O melhor é deixarmos serenar tudo, e então eu te apparecerei pela noute que combinarmos e poremos em pratica o plano que fica exposto no começo desta. Quanto a teu pae —só me entenderei com elle, no dia em que esse teimoso estiver resolvido a perdoar o genro e a filha. Adeus! Não desanimes e tem toda a confiança no teu noivo extremoso —Raymundo».

Com esta carta Anna Rosa tranquillizou-se muito mais, tanto que, ainda vacilante, procurou frouxamente dissuadir o conego da tal confissão. —No fim de contas, pensara ella acertadamente —si era criminosa, o tinha sido reflectidamente e não se sentia inclinada ao arrependimento —sua consciencia não a accusava, porque estava convencida que o casamento salvaria tudo —seria ella por ventura culpada por ter querido ser mãe de família? —seria a responsavel por ter obedecido as leis naturaes?! —não! certamente que não! —Dindinho que tivesse paciencia, mas ella não se confessaria!...

E foi raciocinando deste modo que resolveu mandar o padrinho plantar batatas com a sua confissão. Porem no dia seguinte o implacavel conego ameaçou-a de, no caso que ella não o obedecesse —nem só deixar de ajudal-a em tão melindrosa situação, mas tambem de abrir os olhos a Manoel sobre o proceder irregular da filha!

(pg. 407)

Anna Rosa chegou a suspeitar que o padrinho desconfiara de seu estado. — Mas, dindinho, você embirrou com este negocio da confissão!

O conego accestou os olhos no tecto, á mingoa de ceu, e, recorrendo aos effeitos theatraes do pulpito, pregou um grande sermão, que terminava assim pouco mais ou menos «*Malos tueri haud tutum!* — Não sabes por ventura, peccadora afillhada, victima innocente das diabruras do sujo! que eu devo á minha consciencia e a Deus as contas duplas do que faço cá na terra?!... Não sabes, minha afillhada, que todo sacerdote caminha neste valle de lagrimas entre dous olhos perspicazes e penetrantes, entre dous juizes austeros e inflexiveis —um chamado Deus e outro —consciencia?!... Um que olha de fóra para dentro, e outro de dentro para fóra?! E que o segundo é o reflexo do primeiro?! e que, satisfeito o primeiro, o segundo reproduz essa satisfação?! Não sabes que eu tenho de prestar um dia contas de meus actos mundanos á esses juizes, e que, percebendo agora que uma ovelha arrisca se desgarrar do rebanho e desviar-se do caminho da luz e da pureza, eu! como pastor, tenho por meu dever de correr ao soccorro dessa desgraçada ovelha e guial-a de novo ao aprisco?! Por conseguinte, filha de Eva, vem a egreja! confessa-te ao sacerdote de Christo! abre tua alma á luz benefica e divina do catholicismo e fecha teu coração aos appetites da carne! Abraça-te, como Magdalena, aos pés do filho de Deus, até que elle se **(pg. 408)** compadeça de ti, peccadora! —*Deum colenti stat sua merces!*

E o conego ficou ainda por dous segundos em um extase todo astuciosamente religioso, de braços abertos, erguidos, a cabeça p'ra traz, a bocca escancarada e os olhos no branco.

— Bem! bem! dindinho! fez Anna Rosa impressionada, e desarmou sem cerimonia a posição extatica do padrinho — Irei a tal confissão! irei com a breca! mas não me esteja a fallar nestas cousas e a fazer desses tregeitos, que tenho medo —irei a sua confissão!

E resolveu ir a Sé no proximo domingo, por occasião de celebrar-se a famigerada missa cantada, em promessa de Maria Barbara.

Monica, sempre dedicada e extremosa por sua filha de leite, fôra iniciada nos segredos desta e, como era lavadeira, todas as vezes que podia em caminho para a

fonte do Apicum, dava um pulo a casa de Raymundo. Desta forma estabeleceu-se uma regular e mysteriosa correspondencia entre os dous namorados.

Em quanto estas cousas se passavam no aborrecimento da casa de Manoel, Dias o caixeiro de confiança, espreitava, com a curiosidade de um espião de policia, todos os passos de Anna Rosa.

la uma noite estupia. O conego Diogo envolvido na sua batina de andar em casa e debruçado sobre **(pg. 409)** uma meza de páu santo, com os pés crusados sobre um surrado couro de onça, ainda do tempo do Rosario, a cabeça engolida em meio por um trabalhado gorro de seda, primorosamente bordado pela afillhada, entretinha-se a ler defronte de um vistoso candieiro de porcelana, com o seu *abat-jour* de *biscuits* e o seu conductor de borracha, que ia dar ao lustre da sala.

O livro, que o padre tinha entre as mãos, era um velho volume encadernado de couro, em cuja lombada lia-se, já com difficuldade — *Continuação da Historia Ecclesiastica — Tomo undecimo*. E dentro, impresso em typo de 1807 «*Continuação dos seculos christãos ou historia do Christianismo, nos seus estabelecimentos e progresso: Que comprehende des do anno de 1700, em que a concluiu o Auctor, até o actual Pontificado de N. S. P. Pio VI. Traduzido do Espanhol —Lisbôa —Na Typographia Rollandiana —1807 —com licença da meza do dezembargo do Paço.*»

O conego perdia-se em umas descrições enfadonhas sobre a ceita dos *Pietistas*, fundada nos fins do seculo desesete por *Spener*, cura de *Francfort* —quando bateram na porta tres pancadinhas discretas e compassadas.

O conego marcou o livro com um palito, com que esgaravunchava os dentes, e foi abrir. Era o Dias —estava cada vez mais magro e mais bilioso, porem sempre com a figura mascarada por aquelle inveterado e conhecido risote, tão peculiar aos idiotas e aos aduladores communs.

(pg. 410)

— Venho o encommodar, senhor conego!...

— Essa é bôa!... vá entrando.

E depois de uma pausa — Mandou a carta, que lhe dei?

— Já elle a tem no papo —atirei-a com estas mãos pelas rotulas de sua janella, na vespera do embarque.

— Já descobrio onde elle mora presentemente?

— Ainda não consegui, não senhor, mas parece-me que o patife se aninha lá para as bandas do Caminho Grande.

— Olho vivo! —o traste pode apparecer de repente e pregar-nos alguma partida! olho vivo!...

E o conego puxou com o dedo a palpebra do olho esquerdo — olho vivo! E depois de uma pausa — Você tem feito o que lhe recommendei?

— A que respeito?

— A respeito da espionagem.

— Tenho, sim senhor.

— Então o que já descobrio?

— Por ora nada de importancia, e no entanto, creia o Sr. conego, que tenho observado suas ordens com todo o rigor —Além daquella busca, que dei na vespera de S. João, não ha instante, que possa roubar ás minhas occupações, que não o gaste a espreitar pelas portas, a escutar pelos corredores, a esconder-me no escuro, a apanhar papelinhos suspeitos, a fazer o diabo, com perdão da palavra! Mas, de tudo o que tenho visto e ouvido, a unica cousa, que disse respeito ao meu negocio, foi uma conversa entre D. Annica e a velha.

(pg. 411)

— A Barbora?

— Sim, senhor.

— E então?

— E' que a pequena, depois de pedir muito a avó que se compadecesse della e obtivesse do pae liberdade para se casar com o cabra, abrio a chorar e a lamentar-se como uma douda —que era muito desgraçada!... que ninguem em casa a estimava, que todos só queriam contrarial-a! mas que ella havia de mostrar!... porque faria isto! e porque faria aquillo!...

— Mas o que dizia ella que fazia? Ora que diabo de maneira de contar as cousas!...

— Tolices!... senhor conego —tolices! —Que se matava! ou que fugia! ou que se mettia á freira, e porque o casamento p'ra cá! e porque o casamento p'ra lá! emfim, queria dizer que a mulher nunca se devia casar obrigada; e afinal atirou-se aos pés da avó, soluçando e dizendo que, si não consentissem no seu casamento com Raymundo, ella seria muito infeliz e não respondia por si!...

— Então pelo que vejo a velha já sabe que o Raymundo ficou?

— Parece! —a rapariga pelo menos dizia que a avó havia de amargar muitos desgostos e muitas aquellas se não consentisse no casamento!...

— E o que fez ella?

— Quem, a pequena?

— Não! a velha.

— A velha enfezou-se e pol-a do quarto p'ra fóra, (**pg. 412**) jurando que antes queria vel-a esticada n'um caixão de defunto, do que maridada com um cabra —si o pae, o patrão...

— Que patrão, senhor?

— O Manoel.

— Ah! o compadre.

— Sim senhor! Mas sim, si o patrão por qualquer bestialidade cedesse, ella é que não consentiria no casamento da neta, e romperia com toda a parentela!

— Bom! bom! vamos bem! —e a rapariga?

— Ora, a rapariga lá se foi choramingando para o quarto e, si não me engano, metteu-se a rezar.

— Reza?! hein?! perguntou o conego com interesse.

— E'! ella reza mais agora...

— Muito bem! muito bem! vamos maravilhosamente!

— E está toda cheia de abuzões —Ainda outro dia, dei fé que ella pendurava alguma cousa no poço; logo que pude corri para ver si descobria o que vinha aquillo a ser —ora o que pensa vocemecê que era?...

— Um Sant' Antonio.

— Justo! era um Sant'Antonio, assimzinho!...

E marcou uma polegada no index.

— Bem! disse o conego —continue a espreitar, porem tome cuidado! que ninguem o perceba, principalmente minha afilhada —si descobrem que você espia — está tudo perdido!... finja-se parvo! Tenha **(pg. 413)** fé em Deus! e animo!... Quando apanhar qualquer novidade appareça-me logo, não se descuide! não deixe de espiar! —Lembre-se somente de que a arma com que havemos de esmagar o bode, ainda está nas mãos delle!

— Ora senhor conego! mas eu já vou perdendo a esperança de arranjar este casamento!... confesso-lhe que tenho assim uma arrelia de ver a pequena tão moida!...

— Não seja idiota! que você não tem razão alguma para desanimar!... trate, mas é de ver se descobre alguma cousa, porém cousa grossa, que dê para agarrar, porque depois o mais fácil é o casamento! Preste atenção para quem entra e sae —si elles ainda não se correspondem, o que duvido, virão com certeza a se corresponder mais tarde! em todo caso é prudente não recorrer por ora ás cartas —deixe-os escrever, deixe-os escrever, que eu lhe direi quando você deve apoderar-se de alguma dellas — a fructa para ser aproveitavel deve ser colhida de vez!

— Bem, senhor conego, posso retirar-me?...

— Viva!

— Então vou me chegando.

— *Sis felix!*

— Como? perguntou o Dias, voltando-se.

— Não se descuide!

E o conego tornou a arregalar o olho com o dedo.

O Dias sahio afinal, fazendo uma mezura reles, e **(pg. 414)** o padre fechou a porta, em quanto o caixeiro pela escada, espectorava o catharro do bofe.

— Vamos perfeitamente bem!... senhor doutor Raymundo, pensou o conego, e continuou a leitura de sua *Historia Ecclesiastica*, até que a caseira Ignacia veio chamal-o para o chá.

Então, depois de abaixar a luz do candieiro, passou-se para a varanda e assentou-se pachorrentamente defronte de uma tigella de canja.

Veio logo um gato maltez, gordo, grande, encarapitar-se-lhe nas pernas e, em quanto esfregava o lombro luzidio pela mão branca do padre, gemia ternos miados e soltava da triste phosphorecencia de sua pupilla, olhadellas languidas e sensuaes, como de uma mulher que pede uma caricia.

Um boçal ia jurar que naquelle modesto e aceiado lar, morava a paz abençoada dos justos..

No domingo seguinte pela manhã, a Sé chamava á missa, com toda a expansão metalica e repinicada de seus badalos —era a promessa de D. Maria Barbora.

Havia grande affluencia de povo. —As devotas, com a cabeça vergada pelo peso do phanatismo, subiam piedosamente os arruinados degraos do atrio da cathedral, e iam ajoelhar-se enfileiradas no corpo principal da egreja. Sentia-se o fru-fru de trintonas saias de chamalote, tratadas á café e chá; o estalar de **(pg. 415)** fortes chinellas de polimento na cantaria do templo, e o tilintar estridente das contas de côco babaçu, cujos rosarios deslisavam entre os dedos magros das velhas, no fervoroso sussurro das interminaveis orações.

Trajavam na maior parte camisas de grande cabeção bordado e cheio de rendas e labirintos, e amarravam na cintura os cordões da saia farfalhada, e abahulada pela pressão dura dos joelhos. Destacavam-se grandes toalhas de linho branco, que, em forma de chale penduravam-se dos hombros carnudos das cafusas e mulatas. Os dedos immobilisam-se-lhes na rigidez dos anneis. Reluziam os enormes pentes de tartaruga, enfeitados de ouro, e as contas ôcas do mesmo metal, que circulavam, com muitas voltas, as tocinhudas espaduas e as roscas opulentas do cachaço.

Em cima, perto do altar-mór e em logares privilegiados —chapeus enfeitados de côres vivas, fitas e laços espantados, modas vistosas e festivas, matisavam grupos casquilhos e ruidosos de devotas de trato mais fino. Estas tinham requebros e faceirices das salas, e resavam geralmente em *Horas Marianas* encadernadas com

luxo em velludo, madre-perola, marfim, prata e tartaruga. Eram senhoras de familia e acalcanhavam desde a botina preta de duraque de 6\$000 réis o par, até os imaginosos sapatinhos francezes que reduzem o pé á um aleijão. Velhas e [moças] ostentavam joias e perfumes activos e sab[] (pg. 416) se perfeitamente com os endemoninhados leques de ossos e de madeira, cujas varetas faziam uma bulha especial, batendo de encontro aos alfinetes do peito.

Rescendia na parte interior da egreja um cheiro agreste de pataqueira o trevo-cheiroso, azedado pelo fortum dos corpos das devotas menos aceiadas. Pela porta da sachristia viam-se, como para dentro da caixa de um theatro, passar de relance as batinas safadas dos padrecos, que, a geito de comparsas da grnade comedia, se caracterisavam com as suas sobre-pelizes de rendas, para tomar parte nos côros e nas cerimonias. O sachristão passava de um para ontro lado, tratando dos pertences da missa, com a actividade de um contra-regra consciencioso.

A' deixa fanhosa de um padre, que no altar desafinava uns psalmos da occasião, a orchestra tocou a symphonia e começou o acto.

Correu um formidavel zum-zum dos corpos que se ajoelhavam —todas as vistas convergiram para os bastidores da sachristia, fez-se um grande sussurro, uma especie de *claque*, e o conego Diogo, sympathico centro dramatico da companhia, entrou em scena, radiante, e seguido de um côrista, que dava voltas freneticas a um turibulo de metal branco.

E elle, entre uma nuvem espessa de incenso, como um deus de magica, e todo paramentado de lantejoilas e galões, como um saltimbanco de feira, fez a [sua en]trada solemne, lançando um olhar curioso e [rapido para] a platéa, com a cara cheia desse sorriso (pg. 417) de actor velho, que leva na phisionomia o desembaraço dos grandes successos.

E de facto, já aquelle immenso artista havia captado a benevolencia e a sympathia do publico —é verdade que agora poucas vezes trabalhava, porem de cada vez, que se dignava mostrar, era uma nova gloria, um triumpho esplendido e certo! Encommodavam-se para vel-o —ha muito tempo preparavam-se a espera daquella grande festa —viera gente de longe á missa, só para admirar a imponencia, a

distincção, a gentileza daquelle porte de homem! —velhas de seu tempo mandaram espanar o palanquim e espantavam a visinhança com uma sahida do quarto, em que ha muitos annos vegetavam —e ali, esses corpos encarquilhados, que envelheceram com Diogo, mordiam suspirando o beijo rôxo e tremulo de recordações.

Em caminho para o altar, o grande artista olhava para os lados, fallava baixinho ao ajudante e encarava a platéa, com o seu sorrisosinho de discreta soberania; mas de repente esse sorriso dilatou-se e tomou uma feição mais accentuada de orgulho —o conego tinha descoberto Anna Rosa, ajoelhada, de cabeça baixa, em um dos degraos, que dividem o corpo principal da igreja —tremula, dominada, vencida, a rezar com frenezi, ao lado da avò.

Os turibulos fumegavam —espiraes de fumo espreguiçavam-se pezadamente no espaço; a athmosphera estava saturada de um perfume sacro e enervante; (pg. 418) e as devotas enfim sentiam-se preparadas para grandes contrições.

O conego chegara afinal ao altar, depois de ter ajoelhado de leve e com arte, como fazendo uma mesura apressada, defronte dos santos grandes de madeira, apumados nos seus thronos de brocados falsos.

Os *habitués* da missa, elegantes devotos, tiravam com distincção o seu lenço almiscarado da algibeira e ajoelhavam-se sobre elle, em uma pose *chic*, estudada. As moças escondiam a bocca no livrinho das rezas e passeiavam furtivamente o olhar para o lado dos fraques pretos. Sentiam-se mudar de posição os corpos que ha duas horas estavam assentados —os opulentos quadrís das pretas minas rangiam; os ossos duros dos velhos estalavam. As criancinhas soltavam sinceras e francas aclamações de applauso pela festa, algumas choravam. Mas finalmente tudo tomou um socego artificial —fez-se silencio, e a missa principiou solemne e respeitosamente.

Ao repicarem de novo os sinos levantou-se com algazarra o povo —os janotas endireitavam as joelheiras das calças; as moças arranjavam os pufes e os laçarotes; as velhas sacodiam as suas eternas saias de seda furta-côr, a orchestra tocou uma musica profana, alegre, como a farça final depois do drama; e o conego Diogo, o protagonista, despio no camarim o seu rico vestuario á character.

O povareu, confortado de religião, mas pensando **(pg. 419)** no almoço, espremeia-se soffregamente pelas largas portas da Sé. Os mendigos, enfileirados á sahida, pediam com uma insistencia monotona —uma esmola pelo amor de Deus! ou, pelas divinas chagas de nosso senhor Jesus Christo! As velhas, já no vestibulo, se espanejavam ao sol, a espera de quem lhes dizia respeito, e conversando sobre o bom desempenho da missa, sobre a excellencia das vozes, a riqueza do guarda-roupa, a *pose* dos artistas e a bôa observancia das ceremonias. Tudo agradara.

A egreja estava quasi vasia. D. Maria Barbora e a neta esperavam pelo herôe da festa.

— Cá está sua afilhada, senhor conego! —commungue-a, veja se lhe arranca o diabo daquelle corpinho!... Disse a velha ao vel-o. E, fallando-lhe-lhe mais baixo, pedio-lhe com instancia —que a aconselhasse bem! que lhe arrancasse da cabecinha a idéa do tal cabra! e afinal afastou-se, traçando no espaço uma cruz com direcção a cabeça da neta — Vae! Deus te ponha virtude! que máo coração não tens tu, minha estonteada!

E sahio, para esperal-a na sala do corredor com o Benedicto, que nessa occasião voltava, trazendo um carro da cocheira do Porto.

O conego Diogo calculara bem, calculara como lobo velho da religião —o *mise en scene* da missa, o perfume enervante do insenso, o estomago em jejum, o **(pg. 420)** mysterio dos latins, a observancia respeitosa do ceremonial, o esplendor dos altares, as luzes sinistramente amarellas dos cirios, a imponencia de sua rica *toilete* e a sentimentalidade do órgão, haveriam de affectar sobremaneira o animo altaneiro da afilhada e predispol-o para a confissão.

Pela primeira vez a pobre rapariga considerou —um crime o que tinha praticado —sentio minguar-lhe aquella energia d'aço, que lhe inspirava seu amor, e logo em seguida uma vontade nervosa de chorar e se maldizer. Ajoelhou-se muito commovida na cadeira, junto ao confissionario, e sem poder fallar, miseravel, gaguejava o *confiteor*.

E á proporção que resava, embaciavam-se-lhe os sentidos por um aca nhamento espesso.

— Vamos!... disse o padre com brandura, ao terminar da oração. —Não tenha receios estereis! confie em Deus e em mim!... *Plùs videas tuis oculis quàn alienis!* — Porque chora?...

Anna Rosa tremia.

— Vamos! não chore e abra-me o coração! —vae responder-me, como si ao proprio Deos respondesse! Faça o signal da cruz!

Anna Rosa obedeceu.

— Diga-me, minha afilhada, não se tem descuidado da religião ultimamente?...

— Não senhor, balbuciou timidamente Anna Rosa.

—Tem rezado todas as vezes que se deita e todas as vezes que se levanta?

(pg. 421)

—Tenho, sim senhor.

— E nessas rezas não promette obedecer a seus paes?

— Sim senhor.

— E tem obedecido?

— Tenho, sim senhor.

— E sente a sua consciencia tranquilla? acha que tem cumprido á risca tudo o que prometeu a Deus? e tudo o que lhe manda a Egreja?!...

Anna Rosa não respondeu.

— Então?... vamos! disse o padre com brandura —não tenha receio —isto é uma conversa com a sua propria consciencia ou com Deus, que vem a dar na mesma —conte-me tudo! abra-me seu coração! falle minha filha! Aqui eu represento mais que seu pae, si fosse casada —mais que seu marido —sou o juiz —represento Christo! represento Deus! Vamos! conte-me tudo com franqueza, e eu lhe arranjarei a absolvição! Eu pedirei ao senhor misericordioso o perdão de seus peccados!...

— Mas o que lhe heide contar?!...

E Anna Rosa soluçava.

— Diga-me! —o que a tem ultimamente feito triste? —sente-se possuida de alguma paixão, que a atormente? Diga!

— Sim, meu padrinho, respondeu ella sem levantar os olhos.

— Por quem?

— Vocemecê já sabe por quem é...

(pg. 422)

— Pelo Raymundo.

Anna Rosa respondeu com um gesto affirmativo de cabeça.

— E quaes são as suas intenções a esse respeito?

— Casar com elle...

— E não sabe que com isso offende a Deus por varios modos?! —offende! porque desobedece a seus paes; offende!! porque agasalha no seio uma paixão reprovada por toda a sociedade e principalmente por sua familia; e offende!!! porque com uma tal união condemna seus filhos a um futuro de desprezo e miserias!... Anna Rosa —esse Raymundo tem a alma tão negra como o sangue! —alem de mulato, é um homem máo, sem religião, sem temor de Deus! —é um pedreiro livre! é um atheu! Desgraçada da mulher que se maridar com semelhante monstro! —o inferno está ahí! está cheio dessas infelizes! porque ellas, coitadas! não tiveram um amigo, que as aconselhasse, como te estou eu aconselhando!... Tens o inferno a teus pés, minha afilhada —mede o precipicio! Á mim compete, como pastor e padrinho, defender-te delle —quero abrir-te os olhos!

E, como Anna mostrasse um cerro ar de duvida, o conego abaixou a cabeça e disse mysteriosamente — Sei de cousas horrorosas praticadas por aquelle damnado! —não é somente o facto da côr que levanta a opposição de teus maiores!

Anna Rosa fez uma contracção de surpresa.

— Saberás por ventura o que precedeu o nasci- **(pg. 423)** mento daquelle homem?! saberás como veio elle ao mundo?!...

E alterando a voz com um tom sinistro — *Horribile dictu!* —É filho de um enxame de crimes e vergonhas! aquillo é o proprio crime encarnado em gente!... é o diabo tentador!... Não te diria isto, si não fosse preciso, mas sabe que elle quer casar-se

contigo, porque tem um odio mortal a teu pae e projecta vingar-se do pobre homem na pessoa da filha!...

— Mas do que quer elle vingar-se de papae?!...

— Do que?! —de muitas cousinhas! de muitos segredinhos de familia, que ainda és muito criança para saber! mas um dos motivos é o facto de haver teu pae herdado consideravelmente do irmão!

— Não é possível! disse Anna Rosa tentando erguer-se.

— Menina!! gritou o conego, obrigando-a a ajoelhar-se. —Reze! já! incontinenti! para que Deus se compadeça de sua fraqueza —De joelhos! pecadora! que és muito mais culpada do que suppunha!...

Anna Rosa cahio de joelhos, tonta, devorada de terror, a gaguejar — Eu pecadôra me confesso á Deus todo poderoso, etc., etc. Ao terminar, depois de bater no peito — *por mea culpa! mea maxima culpa!* ergueu a cabeça, soluçando.

— Então? minha pobre afilhada, disse o conego, com a voz novamente unctuosa —ainda está na mesma? ou já entrou a razão nessa cabecinha?!...

(pg. 424)

— Meu padrinho! por amor de Deus não me obrigue a teimar, mas creia que é inutil esperar que mude de resolução!

— Então pensa ainda em casar com?...

— Não posso deixar de pensar... creia!...

O padre velho levantou-se tragicamente, cerrou as sobrancelhas e ergueu o braço como um propheta — Pois então, sabe! infeliz! que sobre ti peza a maldição eterna! sabe que tenho poderes de teu pae para retirar-te sua benção! sabe!

E o padre declamava affectadamente como um actor da escola antiga —sabe!...

Porem foi interrompido por um gemido de Anna Rosa, que desfallecia.

— Ora bolas! disse elle entre dentes, e sahio de sua guarita para assentar a afilhada em um dos grandes bancos de madeira preta, que estavam ao lado, com os seus espaldares brocados.

Felizmente não era nada. Anna Rosa deu um suspiro muito das profundezas do peito e encostou a cabeça entontecida e molle no collo do padrinho.

Elle ficou embebido a contemplal-a n'aquella prostração. E perdido em reminiscencias saudosas de sua mocidade, admirava a curva macia dos seios, que arfavam na compressão das sedas, a brancura nublada das faces, a harmonia engraçada das feições. Lembrou-se do seu tempo — Ó *tempora!* Ó *mores!*...

E, receioso de não resistir a um appetite impotente de morder aquellas carnes pallidas do pescoço, pou- **(pg. 425)** sou, com um suspiro desconsolado, a perigosa confessada no enorme espaldar do banco — Vamos... continuou um pouco distrahido, como se quizesse fazer pazes, depois de um arrufo amorôso — não seja masinha!... ponha-se bem commigo e com Deus!...

— Si para isso, disse Anna Rosa, com a voz fraca — é preciso desistir do casamento, não posso!...

— Mas porque não podes, minha tôlinha?...

E o conego tomou-lhe as mãos com meiguice, com carinho — Um?... porque não podes?...

— Porque estou grávida! disse ella, fazendo-se escarlata e cobrindo o rosto com as mãos.

— *Horesco referens!*

E o conego deu um salto para traz, ficando com a bocca aberta, no mais completo gesto de surpresa — Grávida!... Sim senhora!... fel-a bonita!...

Anna Rosa chorava com o rosto escondido no lenço. — Sim senhora!... repisava o conego, apalpando com um olhar as formas de Anna Rosa, como se procurasse descobrir um corpo de delicto — Sim senhora!...

E tomou uma pitada.

— Bem vê... disse ella afinal, desconsoladamente — que o unico remedio que tenho é resignar-me a participar da desgraça e dos crimes de meu cumplice!...

— Está enganada! replicou o conego com autoridade —O remedio que tem é casar immediatamente com o Dias, antes que sua culpa avulte mais!...

Anna Rosa não deu uma palavra.

(pg. 426)

— Quanto a isso... e o padre apontou-lhe o ventre com o beijo —eu me encarregarei de fornecer-lhe um remedio para...

Anna Rosa ergueu-se como si tivesse uma móla nas pernas —estava livida, porem altiva e resoluta — Matar meu filho?!... Você não se encherá!

E, suffocada de indignação, ameaçou o conego com um olhar raivoso, de lêoa parida. Depois sahio quasi a correr da sachristia, como se fugisse de um grande perigo.

Elle vio-a sahir, sem se alterar, immovel e, fitando a porta por onde ella desaparecera, considerou com um suspiro lugubre — Deve ser um peixão!...

O carro esperava na porta lateral da Sé, que dá para o supposto jardim publico.

A velha Barbora, ao perceber a neta, que atrevessou ligeira a egreja, a custo acompanhou-a e só a poudo alcançar já nas almofadas do carro — Com effeito! parece antes que vens antes do inferno, que da casa de Deus! exclamou pasmada do ar embezourado da neta — Que diabo de modos são esses, Annica?! — Ora vejam si no meu tempo fazia-se uma destas!... Porque estás com essa cara tão fechada, creatura?!

Anna Rosa não respondeu e virou o rosto.

— Não te sentes agora mais consolada, mais forte?

(pg. 427)

— Não senhora! respondeu a outra com mao humor.

— Mas que diabo quer isto dizer? tu o que tens é muito mimo!... tambem a culpa não é tua, é do basbaque de teu pae!

— Mais basbaque sei eu quem parece!

E não trocaram mais uma palavra, apesar das repetidas reprehensões de Maria Barbora e do seu inutil esforço para conversar com a neta durante a viagem.

Anna Rosa no entanto sentia-se horivelmente oprimida e encommodada precisava desabafar com alguém —a avó de certo não convinha para semelhante cousa. Que martyrio! —sentia um desejo doudo, uma vertigem impaciente de correr em busca de Raymundo —contar-lhe tudo, pedir-lhe conselhos e amparo; sentia uma necessidade carnal de vel-o, abraçar-o, prendel-o a si com todo o ardor de seus beijos,

e depois arrastal-o para um logar bem occulto, obscuro, ignorado, escondido de tudo e de todos, onde se pudessem entregar abertamente ao egoismo feliz daquelle amor.

Desde que se convencera que estava grávida, começou a sentir pelo amante uma atração crescente, um interesse muito mais positivo —já não lhe satisfaziam as pieguices amorosas do namoro, queria o consôlo franco e viril do matrimonio. Causavam-lhe tédio o seu quartinho pubere, incompleto, sua cama estreita de solteira. Depois que disparatara com o padrinho sentia-se com forças para tudo, vibrava-lhe **(pg. 428)** no sangue uma energia estranha e absoluta, pensava com transporte e orgulho no filho, como se elle fosse uma producção gloriosa de sua intelligencia.

E o subjetivismo dessa idéa tornava-a quasi indifferente á falsidade da situação. Aguardava com anciedade os prazeres da maternidade, como si elles lhe viessem por um meio licito, e estremecia em sobresalto só com a idéa de que poderia faltar o menor cuidadosinho, a mais insignificante cautella á criancinha —só cuidava nella —nesse entesinho desconhecido que havia de sahir-lhe das entranhas. Seu pensamento querido e favorito era o filho —fazia calculos, conjecturava como seria elle —si macho ou femea, grande ou pequeno, forte ou franzino, si sahiria uma criança manhosa ou mansinha. Tinha pressentimentos —tornara-se mais supersticiosa; porem, apesar de todos os perigos e difficuldades, sentia-se muito feliz com ser mãe —não trocaria, com a condição de abidcar do filho, sua situação por outra mais segura —elle só valia por tudo! só elle lhe merecia verdadeira importancia —tudo mais era falso, ridiculo e mcomprehensivel, ao lado daquella verdade sublime, aquella verdade que se realisava mysteriosamente dentro de si, como por milagre, aquella felicidade, que ella sentia crescer de hora a hora, de instante a instante dentro de seu ventre, aquella nova existencia que illuminava-a toda interiormente, como si fosse um pensamento immortal, concebido nas suas entranhas.

(pg. 429)

E sentia-se com coragem de affrontar os maiores commettimentos por amor do fillho —Si Raymundo não lhe apparecesse por todo aquelle mez, resolvia ella mentalmente —iria ter com elle, porque o queria! porque precisava delle! porque era

seu!... E enquanto se deixava arrastar por estas considerações, nem de leve vinham-lhe a lembrança os juízos máos da sociedade e os eminentes perigos da situação.

Ao chegar á casa correu logo ao quarto, fechou-se por dentro —tomou penna e papel e escreveu, sem tomar folego, uma carta insensata a Raymundo. —«Vem, dizia ella em um topico —vem quanto antes, meu amigo, que preciso de ti, para não acreditar que somos dous monstros. Si tu soubesses como me fazes falta! como me dóes ausente, Raymundo, terias pena de meu degedo. Vem buscar-me. Si não vieres até o fim do mez, irei ter contigo!»

Porem Raymundo nem só não queria apparecer á amante, como tambem aos mais —não queria ver ninguem; tomara tal repugnancia por todos, que não podia supportar pessoa alguma. Estava mocambusio, hypocondriaco, nervoso —as vezes assustava-se todo quando entrava-lhe a criada no quarto, devagar, para ir buscar phosporos ou a roupa suja. Deixou crescer a barba, não cuidava do fato e pouco ou nada lia. — Que o deixassem!... dizia —que o deixassem em paz!

E por este geito não sahia de casa. Os poucos e **(pg. 430)** superficiaes conhecimentos amigaveis, que grangeara em casa de Manoel, fecharam-se como golpes dados na manteiga.

Alem de tudo isso —sendo Anna Rosa o unico motivo de sua demora no Maranhão, só ella o interessava e o poderia obrigar a sahir, porem essa, desde o dia da malograda partida de Raymundo, era guardada a vista. A menina, em quem dantes todos de casa coufiavam cegamente, não podia agora dar um pass, sem perceber junto de si o olho do espião. Com immenso custo e grandes intervallos conseguira escrever lá uma ou outra cartinha.

— Como não havia de estar triste e apoquentada!... não obstante depois de bem reflectir e considerar, Anna Rosa entendeu que o melhor e mais seguro era esperar que serenassem os animos —esperou; mas esperou cheia de sobressaltos e pezadellos, medindo nervosamente o progresso escandaloso da barriga.

As pessoas que visitavam a casa de Manoel abstiveram-se de fallar no que dissesse respeito a Raymundo —estabeleceu-se uma discreta e artificial indifferença, o

escandalo creara uma crusta superficial, porem todos sentiam que o âmago estava fresco ainda —receiavam tocar-lhe, com medo de esguichar o facto vivo e palpitante.

Pouco a pouco Eufrasinha se ausentara de todo; Lindoca vivia chumbada ás suas banhas, como um supplicado ao tronco; Freitas devorava nos seus la- **(pg. 431)** zeres tratados homeopathicos, a procura do tal remedio para emmagrecer; o Campos muscara-se para á roça; o José Roberto vivia por ahi na pandega; só quem apparecia com a mesma regularidade era D. Amancia Souzellas, para dizer mal da vida alheia, nunca deixando de bradar que os tempos estavam outros e que hoje os cabras queriam metter o nariz em tudo. — Tambem si lhe davam confiança!... disse ella uma vez, envesgando uma olhadella indirecta para Anna Rosa.

A filha de Manoel crusou instinctivamente os braços sobre o ventre.

(pg. 433)

XVI

E assim se passaram tres mezes.

Anna Rosa mostrava-se mais tranquilla; as visitas do costume reappareciam como fructas em nova estação; a vigilancia sobre a filha de Manoel diminuia consideravelmente; o conego, ou fosse por calculo, ou fosse por lealdade, o que não é de suppor, guardara todavia o segredo da confissão —o facto é que a casa do Pescada, á semelhança de um lago estremecido de fresco, ia aos poucos retomando a normal quietação. Apenas de vez em quando vinha á superficie d'agoa uma cabeça de jacaré, que se escondia logo —era alguma tentativa inutil do padre.

Tudo isto Anna Rosa communicava minuciosamente a Raymundo, afinal recebeu uma carta em que elle marcava o dia da fuga.

Foi um alegrão! —a rapariga adoeceu de contente —teve febre, cantou, rio, deu esmolas. A cousa devia se effectuar no proximo domingo. —Raymundo faria um carro esperal-a no canto da rua —e uma vez **(pg. 434)** que estivessem juntos, aitrados sobre as almofadas, seguiriam abraçados, sosinhos, eternamente unidos, levados n'uma

carreira vertiginosa, para onde os arremessasse o seu amor e os seus recursos pecuniarios. Não conheceriam facilmente o raptor —as barbas transformavam-lhe de todo a phisionomia.

Anna Rosa estremecia de pensar nisto. «No entanto, dizia elle na carta com uma letrinha corrida: «logo que no domingo, ás oito horas da noute, hora em que teu pae estará sem duvida conversando na botica do Vidal; os visinhos e os caixeiros passeiando lá para a cidade alta; tua avó aos cuidando do chá e tu entregue aos cuidados da Monica nessa hora um sujeito barbado, de chapéu de palha, roupa preta, assoviará junto a tua porta uma musica tua conhecida —sou eu. Áquelle signal descerás cautelosamente e sem risco algum; e eu carregarei contigo. Entendes?!... O resto fica por minha conta —a casa que nos hade receber e o padre que nos hade casar estão promptos. Animo! e até domingo á noute.»

«P.E. —Toda a cautella é pouca!»

Anna Rosa, durante os poucos dias que faltavam para a fuga, não fazia mais do que sonhar-se na felicidade futura —tudo a alegrava ao mesmo tempo que a sobresaltava, mal dormia, só se alimentava por necessidade, sempre nervosa, cheia de uma impaciencia frenetica, que apresentava symptomas de febre e espreguiçamentos de corpo.

No seu egoismo materno supportava com máo hu- **(pg. 435)** mor as proprias amigas e peor as poucas relações do pae. Comtudo ninguem parecia desconfiar de cousa alguma; em casa, ao contrario, só se fallava na obediencia e resignação da bôa filha —cochichavam sobre o evidente effeito da confissão; Maria Barbora estava radiante de triumpho e, como os outros, redobrava de solitudes para com a neta — todos a tratavam como uma convalescente de grande molestia, com cuidadosinhos e delicadezas, evitando-lhe as contrariedades, perdoando-lhe as rabugensinhas. O conego, máo grado a scena da egreja, nunca se mostrara tão paternal e tão meigo. O Dias ia ganhando já certo predominio sobre os outros caixeiros —respeitavam-no já como patrão, viam eminente o casamento delle com Anna Rosa — Entra pr'a sociedade!... affirmavam todos, á vista dos novos ares da filha de Manoel.

Effectivamente ella o tratava com muito mais distincção —um dia chegou a sorrir-se para elle, porém este sorriso, que foi mal interpretado por todos, não era mais do que o contentamento de quem observa o precipicio por onde já passou.

Toda a familia andava satisfeita —Manoel esfregava as mãos, comprimentava ruidosamente os amigos, expandia-se com os collegas do commercio a respeito do futuro da filha, abraçava o compadre, repetindo sempre seus agradecimentos pelos milagrosos effeitos da confissão. Discutiam-se em particular os pormenores do grande acontecimento —quem seria os pa- **(pg. 436)** drinhos, quem seria os convidados, como seria o enxoval, o banquete —haveria Champagne!

Em breve fallou-se em toda a provincia do proximo casamento da Pescadinha —commentaram, approvaram, censuraram, conjecturaram más e boas consequencias, riram-se de Raymundo, elogiaram o procedimento de Anna Rosa —sim senhor, diziam —pensou como menina de juizo! Todos os conhecidos da casa preparavam-se para o grande dia —o Rosinha Santos andava já muito preocupado com o improvisado de um soneto, com que contava abrilhantar as bódas e rehabilitar-se do fiasco do dia de S. João; o Freitas comparava mentalmente o Dias com o magrinho Dudu Costa, que tambem em breve se uniria a sua gordanchuda Lindoca; o Casusa, Amancia e Etevilna perdiam horas a boquejar sobre o grande acontecimentp —A festa devia ser de arromba! —afiançavam, com um assombro respeitoso, que haveria sorvetes! constava até que o Pescada ia fazer trabalhar a machina de gelo de Santo Antonio, só para esse fim.

Mas o domingo fatal, que Raymundo marcara para a fuga, chegou afinal.

Foi um dia aborrecido para a gente do Pescada: o conego não appareceu para a palestra, como era de costume, nem se sabia por onde andava o Dias. O jantar correu muito intimo, muito entre os de casa, frio, porem amigavel, franco. Á mesa Manoel fez considerações sobre o futuro da filha —sentia-se bem **(pg. 437)** e alegre com os seus Collares —accodiam-lhe pilherias communs a respeito de Anna Rosa, repetio aneddotas de casamento, disse, a brincar com a filha, que a havia de casar com o *Tinoco*, ou com o *major Cutia*.

Ella ria-se exageradamente —estava corada, nervosa, sobresaltada —tinha vontade de acariciar muito o pae —abraçal-o, despedir-se delle —sentio um desejo absurdo de contar-lhe todos os seus projectos com franqueza e pedir-lhe pela ultima vez a approvação de seu casamento com Raymundo.

A's seis horas entrou D. Amancia, ainda encontrou-os no café. Anna Rosa teve uma pontada no coração — Que contratempo! A velha declarou que estava cansada — que a deixassem repousar um pouco — Que estafa a sua! credo! —subir oito ladeiras no mesmo dia!... Safa!

— Oito! hein?!...

E Anna Rosa mordida os beiços, sorrindo contrariada.

— Contadinhas! —era de matar uma creatura!

E conversaram largamente sobre as ladeiras do Maranhão e sobre a collocação alta da cidade.

— Então aquella do *Vira-Mundo*?!..

— Não é peor do que a do largo de Palacio!

— Deixe estar que a desta sua rua, seu Manoel, tambem tem o que se lhe diga!...

— Um inferno! resumiu a velha ainda arquejante. — Ter a gente sempre de estar a subir e a descer, como uma cousa damnada! cruces!

(pg. 438)

A conversa continuou com um character assustador —Amancia parecia disposta á amolação, demorava-se. Os caixeiros recolhiam-se. Anna Rosa tremia de impaciencia. — Diabo daquella velha não tencionaria pôr-se ao fresco?!...

Afinal Manoel declarou que não sahia de casa —foi buscar seus jornaes portuguezes e poz-se a ler na varanda. Anna Rosa quasi disparata —correu ao seu quarto e chorou de raiva. —Tudo parecia conspirar contra ella!!!

O relógio deu uma badalada —eram as sete e meia. Anna Rosa soltou um murro na cabeça.

Manoel bocejava; Amancia parecia resolvida á demorar-se. Anna Rosa voltou a varanda, tinha as mãos frias, o coração inquieto, a saltar; sentia uma impaciencia

saturada de medo, teve venetas de gritar, descompor aquella maldita velha — semelhantes obstaculos á sua fuga pareciam-lhe uma injustiça, uma falta de consideração!... vinha-lhe vontade de se queixar ao pae! de chamar-se caipora! de contar a alguém aquellas contrariedades!

Decorreu um quarto de hora. Manoel levantou-se, espreguiçando-se com os jornaes na mão — Bom! D. Amancia dá licença!... E recolheu-se, para dormir.

Anna Rosa creou alma nova, teve vontade de abraçar o pae e agradecer-lhe tanta fineza.

— Eu tambem já me vou chegando, disse Amancia erguendo-se.

— Ainda é cedo balbuciou Anna Rosa por delicadesa.

(pg. 439)

Amancia tornou a assentar-se — Anna Rosa sentio impetos de estrangulal-a.

Maria Barbora veio do quarto e entabolara nova conversação com a amiga. Anna Rosa arfava.

Faltavam cinco minutos para as oito. Amancia afinal levantou-se e despedio-se; Maria Barbora foi até o corredor.

— Olhe! gritou a visita — não se esqueça! — tres pingos de limão e uma colherzinha d'agua de flôr de laranja — santo remedio! ainda é receita da nossa defunta Maria do Carmo!...

E desceu, mas já debaixo voltou, chamando por Maria Barbora.

Anna Rosa quasi perdia os sentidos — deixou-se cahir em uma cadeira.

— É verdade! não sabia de uma?!... gritava a importuna — Pois não lhe ia esquecendo?!... — A Eufrasinha estava de namoro com um estudante do lyceu!...

— Que estouvada!...

— Um menino de quinze annos, D. Babu!

E contou toda a historia, fazendo commentarios, exagerando. Anna Rosa, assentada na varanda, rufava com as unhas nos dentes.

— Bem! bem! adeus! E Amancia beijcou a cara de Maria Barbora.

— Até que enfim!... disse Anna Rosa comsigo, e correu ao quarto —estava tudo prompto —Raymundo recommendara-lhe que não levasse nada absoluta- **(pg. 440)** mente de casa, elle estava preparado e prevenido para recebê-la.

O relógio pingou inalteravelmente oito badaladas. Maria Barbora afastara-se para o interior da casa; Manoel continuava a dormir no seu quarto; e d'ahi a instantes, no silencio aborrecido da varanda, chegou o assovio forte de Raymundo, entoando a aria do aventureiro do *Guarany*.

Anna Rosa, cujo coração parecia dar saltos mortaes e fazer do peito um circo de gymnastica, apanhou tremula as saías e, com uma ligeireza de passarinho que foge da gaiola, desceu convulsivamente a escada. Embaixo atirou-se nos braços de Raymundo, que subira alguns degraus para recebê-la.

Mas ao saírem Anna Rosa soltou um grito e Raymundo estacou —do lado de fóra, acompanhados de quatro praças, o conego Diogo e o Dias appareceram, obstando a passagem.

Dias por si só era um pobre pedaço d'asno, incapaz de grandes subtilezas de intelligencia e pouco destro na pontaria de seus raciocinios, posto porem ao serviço do conego Diogo tornava-se uma arma perigosa, de grande alcance e maior certeza.

Guiado pelo mestre, elle nunca tinha deixado de espreitar, sempre attento e desconfiado, procurando provas, corpos de delicto, sondando tudo que lhe **(pg. 441)** parecia suspeito, acordando pelo meio da noite, á apalpar trevas, para ouvir e espiar.

As furtivas conversinhas de Anna Rosa com a dedicada Monica, quando esta voltava da fonte, não lhe passaram despercebidas —o bisbilhoteiro soubera logo da correspondencia de Raymundo, dêz das primeiras cartas.

— Devo sem duvida apoderar-me dellas!... observou elle ao mestre, quando levou-lhe a noticia.

— Não, por ora não! disse o outro seccamente.

O Dias não percebera o motivo deste escrúpulo, quando se tratava de obter esclarecimentos, mas, como tinha confiado ao conego toda a direcção da intriga, descansou nelle.

O padrinho de Anna Rosa não deixara de frequentar assiduamente a casa do compadre, solícito sempre pela saúde de sua querida afilhada, informando-se com amigável interesse dos dias em que ella comia melhor —quando passava mais alegre —as vezes em que ficava triste —quaes os dias em que se enfeitava —quando chorava —enfim, como bom amigo da familia, exigia que tudo lhe dissessem sem reboço, como se fallassem ao proprio medico assistente.

Manoel fazia-lhe de bom gosto a vontade —contava-lhe francamente todos os pormenores de sua casa. Afinal convencera-se o bom portuguez do completo restabelecimento de cousas; pois, tanto a este, como a ninguem, revelara Diogo o segredo de Anna Rosa, não por ser elle de confissão, que isso tanto se lhe dava (**pg. 442**) como se lhe desse, mas por temer, como solidario da causa contraria, que o compadre desencafuasse dos cantinhos do character algum bocado de energia e viesse a preferir casar a filha com o homem que a disvirtuara. Quanto ao Dias, não lhe quadrava tambem dizer-lhe cousa alguma, porque, não obstante conhecer o genio ganancioso de seu constituinte, temia, á vista da transcendencia do facto, que a ambição, apezar de grande, não suplantasse o escrúpulo, e o caixeiro desistisse do casamento.

Ora —desitir o Dias, queria dizer —atrapalhar-se Diogo; pois, casando-se Anna Rosa com Raymundo ficava o padre ao alcance deste, á quem muito rasoavelmente temia, depois daquella celebre conferencia á volta da fazenda —Sei perfeitamente, concluia o velhaco nos seus raciocinios —que elle não pode ter provas das minhas falcatruas do Rosario, mais —*seguro* morreu de velho!... e eu não sei de que é capaz este maldito cabra, que pelo geito tem-me cabellinhos na venta. Por conseguinte, resumia elle —é preciso fazel-o sahir á todo custo do Maranhão! —ora o que o prende por cá é a sáia de Anna Rosa... logo! —trata-se de fazer desaparecer a sáia de Anna Rosa, por meio do casamento com o basbaque do Dias. —Cessada a causa, cessará o effeito —o melro musca-se!... mas, si por acaso quizer, antes de ir, declarar alguma

cousa a meu respeito, todos attribuirão essa vingança ao desespero de não haver o calumniador realisado seus altissimos projectos!... E cá o me- **(pg. 443)** nino continuará a ser o que sempre foi —um santo padre!

Pensando deste modo, todas as vezes que Diogo era prevenido da chegada de alguma carta de Raymundo tratava de estudar, com olho de mestre, qual a impressão que deixava ella no animo da afilhada, e, vendo o alegre alvoroço em que ficara esta com a ultima, apressou-se em dizer ao Dias — Chegou a vez, meu amigo, precisamos sem demora desta carta!

— E porque nunca das outras? perguntou o caixeiro estupidamente.

— Porque? ora eu lhe digo —das outras vezes não tinhamos muita necessidade dellas —eram simples cartas de namoro ou de consolação, e consequentemente não convinha arriscar-nos a ser pilhados, pois que si—a menina chegasse a descobrir que liam-lhe as cartas, poria todo o cuidado nas que po ventura se seguissem, e agora não nos seria tão facil, como vae ser, a acquisição desta, que aliás nos é imprescindivel! Tem comprehendido?!... perguntou o padre com um ar satisfeito de quem tem consciencia da lucidez de seus planos e da redondeza de suas frases.

Porem a verdadeira causa daquella approvação, essa não revelou elle —era, a principio, só o receio de que Raymundo tocasse em alguma das cartas nos passados acontecimentos de S. Braz, e mais tarde, depois da confissão, era tambem o de que elle declarasse em algumas dellas o estado interessante de **(pg. 444)** Anna Rosa. O certo é que tal prudencia facilitou sobremaneira o conseguimento da carta, em que Raymundo marcava o dia e a hora da fuga —Dias, engodando o Benedicto com uma cedula de dez mil reis, obteve-a no mesmo instante. Copiou-a, fel-a repôr no lugar em que estava, e correu a casa do conego.

Foi então que os dous aliados, prevenidos dos projectos de Raymundo, trataram de cortar-lhe os vôos, deixando que elle entrasse no corredor de Manoel, para interdizer-lhe a sahida.

O escandalo reunio povo e Manoel acordou sobresaltado aos appellos de Brigida, Monica e Maria Barbora, que, sem darem pela falta de Anna Rosa,

assustavam-se com o apparato marcial dos soldados e o alvoroço da gentilha, que engrossava a porta.

A sogra de Manoel correu logo sarapantada, para seu quarto e, abraçando-se a um santo, metteu-se no cesto da roupa suja, explicando depois que não estava mais nas suas mãos ver fardas e bayonetas —sentia logo um formigueiro pelas pernas e o estomago n'um embrulho! Credo!

Porem Raymundo não descorçou com a situação e subio sem hesitar a escada, levando nos braços Anna Rosa meio desfallecida. Em cima deu cara a cara com Manoel e estacou; fitaram-se com a mesma firmeza —tinham ambos consciencia de seus actos.

O conego e o caixeiro subiram em seguida acom- **(pg. 445)** panhados pelos soldados. E quando acharam-se os quatro em presença uns dos outros encararam-se do seguinte modo —Manoel em ar de supreza e pezar; Raymundo de contrariedade; o conego risonho e triumphante, e o Dias com o seu eterno ar de piedosa humildade.

A situação tornava-se difficil —o silencio principiava a coalhar e entorpecer os circumstantes. Afinal o conego, assumindo o papel de protector da familia Silva, tirou da algibeira seu farto lenço de bôa seda da India, esmpremeu o nariz, e declarou, depois de duas maximas latinas e quatro escarros adequados á situação que, como amigo de seu compadre Manoel Pedro, entendeu por seu dever de amisade e pelo respeito á bôa moral, evitar um criminoso e premeditado rapto, que o doutor Raymundo tencionara perpetrar na pessoa de sua afilhada —D. Anna Rosa de tal e Silva!...

Anna Rosa tinha voltado a si com as palavras do padre e escutava-o de cabeça baixa, apoiando-se envergonhada ao braço de Raymundo. — Não! emendou ella — ia por minha vontade! — fugia de casa com Raymundo, porque era o unico meio que tinha de me casar com elle.

— E o senhor como se explica, como se defende?!... perguntou o conego a Raymundo, com uma autoridade de juiz.

— Não acceito o juiz, nem me quero defender! O que me compete nesta ocasião é justificar esta senho- **(pg. 446)** ra, que cedeu aos meus rogos e á minha seducção e não tem culpa alguma do que se passou. Si ha aqui algum culpado sou eu certamente —bem ou mal entendi e entendo casar com esta virtuosa senhora, e para isso empregava, e não me arrependo, toda a astucia que se pode empregar contra um pae zeloso e contra a fraqueza e a inexperiencia de uma menina!

— Não ha tal!... ia a dizer Anna Rosa.

— Ora estão a romper sedas! interrompeu o conego —entremos para cá!

E depois de despedir os soldados, conduzio os circumstantes para a sala, de cuja porta Maria Barbora espiava, ainda corrida e espantadiça do susto. — Agora que estamos á sós, disse elle fechando as portas —resolvamos, como homens de bôa e sã justiça, o que nos cumpre fazer em tão melindrosa ocasião —*Hodié mihi, cras tibe!*... Seu compadre, principie você —tem a palavra!...

Manuel passeiava em todo o comprimento da sala, parou e dirigiu-se para o grupo, fazendo face a um sofá, junto do qual estavam todos. O pobre homem tinha uma grande tristeza na phisionomia, transparecia-lhe francamente no rosto, de uma rudeza vulgar, a luta que lhe ia por dentro —impunha esse respeito e compaixão que inspiram sempre as dores resignadas. Estava constrangido, faltavam-lhe as palavras e um modo facil de expor suas idéas, afinal dirigio-se ao conego e declarou que estimava **(pg. 447)** bastante vel-o perto de si em semelhante crise — o compadre fôra sempre o seu guia, o seu conselheiro, o seu melhor amigo, como acabava de o provar —ficasse, que era da familia! Depois disse á sogra que se aproximasse, que a presença della e a sua opinião eram imprescindiveis naquelle instante. Ali o seu Dias, tambem devia estar presente, porque não era um simples empregado que Manoel tinha no armazem —era um amigo zeloso, um futuro socio, que em breve faria parte dos seus por direito, por que de facto já elle o era ha muito tempo! Estavam por conseguinte em familia e Manoel, para descargo de sua consciencia de pae, podia fallar com franqueza ao Dr. Raimundo, dizer-lhe tudo o que pensava a respeito do occorrido.

E depois de uma pausa disse que, desde o momento em que pensara no casamento de sua filha, fôra sempre com o sentido no futuro e na felicidade della —

Não suppozesses que Manoel a queria casar com algum príncipe encantado ou com algum sabio da Grecia; não! o que elle queria era dal-a a um homem de bem e trabalhador como elle, mas, com os diabos! que fosse branco! e que pudesse assegurar um futuro tranquillo e decente para os seus netos! —Vae elle —pensou no Dias, lá dizia-lhe não sabia o que por dentro que alli estava um bom marido para a Annica. Um bello dia descobrira da parte do rapaz uma certa inclinação por ella e ficara satisfeito —promettera logo com os seus botões dar-lhe sociedade na casa si por **(pg. 448)** ventura se realisasse o casamento. Ora, bem viam os circumstantes, que Manoel em tudo aquillo só tinha em vista o bem da Annica! nem acreditassem que houvesse por ahi paes tão desnaturados que chegassem a desejar mal para seus proprios filhos! qual o que! coitados! —o que elles queriam as vezes era prevenir o mal, que só apparecia no futuro. —Como agora poderia elle, que só tinha aquella, que só possuia a sua Annica, que a educara o melhor que pudera, que embranquecera a cabeça a pensar na felicidade daquella filha, elle, que lhe fazia todas as vontades, todos os caprichos! elle, que seria capaz de todos os sacrificios por amor daquella menina! — como poderia agora contrarial-a, causar-lhe mal, só por gosto?! Então os senhores achavam que isso tinha logar?! Manoel desejava vel-a casada! com os diabos, que desejava! —não a criara para freira!... mas desejava vel-a casada em sua companhia! —Bôas! queria vel-a feliz! cercada pelos parentes e amigos, mas na sua provincia, ao lado de seu pae! Or’essa! Pois então a gente por já estar velho não tinha mais direito ao amor de seus filhos?! ou quem sabia si a filha por estar mulher já não devia saber do pae?! — Morre pr’ahi, calhamaço, que bem m’importa a mim!... —Não! que isso tambem Deus não mandava!... Queria ir-s’embora!! queria deixar o pobre velho ali, sosinho, sem ter quem lhe quizesse bem, sem ter quem tratasse dos seus achaques?!... podia ir! que fosse! mas esperasse um **(pg. 449)** instante, que elle fechasse os olhos primeiro, sua ingrata!

E Manoel, enxugando os olhos, perorou com a voz tremula. — Ahi tem os senhores o que eu pensava, o que eu desejava fazer, porem vae o diabo! —chega do Rio um meu sobrinho bastardo, um filho de meu mano José com a preta Domingas, que foi sua escrava. Como era de esperar, visto que sempre m’encarreguei dos

negócios de meu irmão e ultimamente também dos de meu sobrinho, hospedei-o cá em casa. Raymundo afeiçãoou-se a minha filha, ella á modos que lhe correspondeu; elle vem —pede-m'a em casamento; vou eu — nego-a! Elle quer saber o porque, e eu digo-lhe a razão com franqueza! Pois bem! vejam isto! —este homem deixa de fazer uma viagem, que para m'illudir fingira que tinha de fazer, e, depois de se andar escondendo por ahi de todos, falta á sua palavra de honra!...

— Senhor!

— Senhor! não! que vocemecê tinha dado sua palavra em como não se havia de casar com Annica, por conseguinte digo bem e repito —depois de ter faltado á sua palavra de honra, vem astuciosamente raptar minha filha! Serà isto legal?! Não haverá nos codigos desta terra uma pena para semelhante abuso?!...

— Ha, disse Raymundo friamente —quando o delinquente nega-se á reparar o delicto com o casamento, porem eu não estou nesse caso! —foi justa- **(pg. 450)** mente com a intenção de esposar sua filha que a vim buscar!

— Iche! disparatou Maria Barbora, botando as mãos na cadeira — Casar minha neta com o filhote de uma preta escrava?!... Ora mire-se, seu cousa!...

Manoel sentia-se summamente alterado — Appello, disse — para a consciencia de cada um —colloquem-se no meu logar e digam o que fariam!... Mas nòs o que devemos é acabar com isto e evitar algum escandalo maior —comprehendo perfeitamente que o doutor Raymundo não tem culpa de sua procedencia e, por confiarmos bastante no seu juizo e no seu saber, esperamos que deixará a nosso pedido o Maranhão no proximo vapor!...

Amen! disse o conego

— E eu desde já! atalhou o Dias, obedecendo a um signal do mestre —peço a mão da senhora D. Annica.

— Não quero! exclamou Anna Rosa indignada —ainda mesmo que Raymundo se retire!

— Ah! não tenha receio que eu vá! é uma injustiça que me faz, minha senhora —sei perfeitamente cumprir com os meus deveres!

— Como com os seus deveres?!... perguntou Maria Barbora arreganhando os dentes.

— Sim senhora, minha senhora! —com os meus deveres! repisou Raymundo.

— Então com que o senhor não parte deffinitivamente?! interveio Manoel.

(pg. 451)

— Dou minha palavra de honra que não me retiro do Maranhão sem me ter casado com a senhora D. Anna Rosa!... disse Raymundo resolutamente calmo. E assentou-se tranquillamente em uma cadeira de braços.

— E eu declaro! gritou Maria Barbora —que não consinto no seu casamento com minha neta!

Raymundo sacudio os hombros indifferentemente.

Manoel fez a mesma declaração. Raymundo repetio o gesto de indifferença.

— E eu retiro minha benção de minha afilhada, si ella não obedecer a seu pae!...

Raymundo levantou-se e foi ter ao ouvido do conego. —Toma sentido, assassino! tenho provas de que mataste meu pae e si te fizeres tolo —denuncio-te!

O conego sorrio disfarçadamente.

Anna Rosa levantou a cabeça, e no seu olhar que, ainda embaciado das lagrimas, procurava o de Raymundo para animar-se, brilhou uma grande e dolorosa resolução.

Todas as vistas se voltaram para ella —estava pallida e commovida. Sacodio a cabeça, como para arrancar um veu de pudor, que lhe vendava os labios, e disse enrubecendo á proporção que fallava. —Pois fiquem sabendo por uma vez que estou grávida de Raymundo! e se me acho neste estado foi porque entendi que era o unico meio de casar com elle!

Os soluços atalharam-lhe a voz.

Foi um spasma geral. Até o proprio conego, para **(pg. 452)** quem o estado da affilhada não era novidade, pasmou de ver uma tal resolução e energia em uma rapariga, que desde pequena lhe parecera um tanto moleirona. É que o velhaco não se lembrava de que a bôa mãe esquece tudo pelo filho. Manoel cahio fulminado em uma cadeira, com os olhos muito abertos, a bocca contrahida, as ventas arqueadas. Dias,

cossava a cabeça, interrogando o mestre com o olhar. Raymundo esperava o resultado daquella declaração, muito occupado em observar a medalha de sua cadeia de ouro e platina; em quanto Maria Barbora, assanhada com a noticia, pulava freneticamente para o lado da neta, como si quizesse defendel-a de Raymundo. — Nunca! grávida?! — embora! gritou ella como uma douda. — Antes morta ou prostituida!...

— Pchit!... fez o conego. — Mais baixo! mais baixo! — olhe que a podem ouvir da rua, D. Babita!...

— Tu estás de barriga?!... exclamou afinal Manoel, erguendo-se vermelho de colera. E arremetteu contra á filha com os punhos cerrados.

— Alto lá! interveio Raymundo, mettendo-se entre os dous. — Esta senhora tem direito á minha protecção! e ai daquelle que a offender de qualquer modo!

— O senhor é um cachorro! E Manoel deixou-se cahir em uma cadeira, a soluçar.

Fez-se silencio. Raymundo finalmente collocou-se entre todos e disse, bambeando o corpo. — Ora os **(pg. 453)** senhores senhores são todos uns incoherentes de primeira força! principalmente ali a senhora D. Maria Barbora, que pela idade já devia ter mais um bocadinho de juizo. — Fallaram-me em evitar escandalos e hesitam em dar-me a mão desta senhora, sabendo que só o casamento commigo a pode rehabilitar!

E tomando uma attitude mais séria. — Ora vamos lá! é preciso acabarmos com isto por uma vez! — Olá se'or Manoel! — o senhor dá-me ou não amigavelmente a mão de sua filha?! Quer ou não quer que ella seja legitimamente minha esposa?!... isto é — quer ou não quer fazer della uma mulher honesta?! deixemo-nos de lamentações estereis! — lembrem-se somente que no estado compromettido em que se acha D. Anna Rosa, só eu terei este empenho em desposar-a... Vamos! Então?!...

Manoel soluçava.

— Engana-se, senhor doutor Raymundo. Era o Dias quem fallava. — Vossa senhoria não me consultou antes de avançar semelhante affirmação!...

— É que fazia-lhe a injustiça de suppol-o menos canalha, meu caro senhor!

— Cuidado! disse o Dias com uma ameaça.

— Qual cuidado, o que, homem! fez Raymundo com desprezo.

— Miseravel! resmungou Anna Rosa, medindo o Dias de alto a baixo.

— Isto é impossivel! com todos os tresentos diabos! **(pg. 454)** praguejava esterilmente Manoel, levantando-se. E poz-se a passeiar a grandes passos pela sala.

— Calma! calma! aconselhou o conego. — Vamos! tudo se acomodará!... venham as obras! basta de palavras!... *Mentem hominis spectato, non frontem!..*

— Arrange lá o que quizer! menos o casamento de minha neta com um cabra!...

— Sim senhora, D. Maria Barbora, menos o casamento de sua neta com um cabra! — *Minima de malis!*...

E o conego tomou uma pitada, como para estimular a intelligencia, e depois, voltando-se cortezmente para o Dias. — O senhor acaba de pedir em casamento a filha de meu compadre Manoel da Silva, não é verdade? — não está de pé o seu pedido?!...

— Sim senhor.

— Pois m'encarregarei de dar-lhe a resposta amanhã á tarde.

E dizendo isto o conego conduzio Dias até a porta, segredando-lhe rapidamente ao ouvido. — Espere por mim o canto da prensa.

O Dias sahio e o conego voltou logo para se dirigir á Raymundo — Quanto aqui ao senhor doutor — diz que está disposto a reparar o seu crime!

— Sim senhor.

— Está direito! tudo isto é muito bonito!... é muito natural!... porem, continuou o conego sem **(pg. 455)** se alterar — diz o compadre, diz a senhora D. Maria Babora e diz este seu humilde servo, que vossa senhoria não pode rehabilitar pessoa alguma — *Suspecta malorum beneficia!*... O que vossa senhoria chama reparação, longe de salvar, prejudica e avilta mais a victima!...

— Canalha! gritou Raymundo, perdendo de todo a paciencia e agarrando o padre pelo pescoço. — Esmago-te aqui mesmo, bandido!

E obrigou-o a descrever uma pirueta.

— Espere lá! espere lá! meu amigo! isto não vae á força! — *Hoc avetart Deus!*

Manoel e a sogra tinham se aproximado, cheios de indignação contra Raymundo; em quanto o conego puxava para o logar a sua volta de rendas e

endireitava a batina, pensando com seus botões. — Eu bem dizia que este damnado tem cabellinho na venta —safa!

E fallando alto. — Sabemos perfeitamente que o senhor doutor é muito bôa pessôa! apre! mas hade confessar que não é para se casar com quem pretende? nem a murros me obrigará a negar que o senhor é um...

— Um cabra!... concluiu Maria Barbora com raiva — De certo que é insuficiente!

— Mas enfim á que pretendem chegar, com todos os diabos?! gritou Raymundo insolentemente.

— É que para evitar escandalos, vou apresentar-lhe um alvitre de verdadeira paz e resignação; e olhe **(pg. 456)** que podíamos processal-o em regra, si quizessemos, mas nós não acreditamos que o senhor abusasse da innocencia desta pobre menina; aquella declaração não foi mais do que um estratagema arranjado por vossa senhoria, para realizar seus planos. O que se tem á fazer é isto: —o doutor retirar-se quanto antes desta terra, como si nada tivesse acontecido, tendo em vista que esta innocente criança, a quem, como vossa senhoria confessa, tentou, com artimanhas e embustes, amarrar ao seu obscuro e infeliz destino, tem um noivo, um pae e um padrinho para defenderem-na de qualquer ataque ou calumnia, que se lhe faça!...

— E uma avó! gritou Maria Barbora.

— Por conseguinte, concluiu o padre —resolva aqui mesmo si aceita ou não este alvitre!...

— Fomente-se!... respondeu-lhe Raymundo. E tomando o chapéu dirigio-se para Anna Rosa, que chorava a um canto. — Ainda nos resta um meio —é tiral-a por justiça, a senhora é maior. Amanhã estará tudo concluido —juro que serei seu esposo!

— E eu juro que só serei tua! disse ella correndo até a porta.

— Cale-se! gritou Manoel, fazendo-a voltar.

Raymundo sahio; Anna Rosa correu para se fechar no quarto; Manoel atirou-se de novo na cadeira de balanço; Maria Barbora continuou a soltar pragas e ameaças; e o conego consolando estes dous, ia de um á outro, promettia arranjar tudo, afiançava que a **(pg. 457)** situação não era lá essas cousas, segredava planos e aconselhava

prudencia e resignação. — Sem prudencia nada se fazia!... — Que se fiassem nelle!... não valia se estarem a affligir!... aquelle negocio da gravidez era uma patranha!... Tudo se havia de explicar!... descansassem nelle! descansassem nelle! e tudo se arranjará.

E pouco depois descia a escada, rangendo os sapatos de polimento, sempre gamenho, com o seu gingadinho faceiro da Bahia.

— Aqui estou, senhor conego. Podemos ir? perguntava o Dias no canto da prensa, quando vio chegar o padre —já despedi o carro que aqui estava, como vocemecê ordenou-me.

— Espere! espere lá, homem! Para que lado seguio o typo?

— Desceu o beco da prensa.

— Então temos ainda o que fazer por cá! olhe! escondamo-nos neste lote de pipas.

— Para que?

— Para ver voltar o bicho! É preciso saber si elle vae já p'ra casa.

E os dous ficaram conspirando em voz muito baixa, até que Raymundo appareceu de volta na entrada do beco —tinha ido despedir um escaler que o esperava. A luz vermelha do lampeão bateu-lhe em cheio no rosto. Elle parou, hesitando, procurou o carro, **(pg. 458)** que Dias tinha já despedido, e afinal resolveu contrariado descer até á praça do commercio.

— Bem! disse o padre em voz baixa ao companheiro —acompanhe-o, mas em distancia que não seja percebido, e si o traste se demorar muito na rua, faça o que lhe disse, hein?!

E dizendo isto passou ao Dias um objecto, que este teve escrupulos de receber.

— Então?! insistio o padre.

— Porem...

— Porem o que?!... Ora não seja besta! Tome lá!

E antes que o outro recusasse. — Não seja tolo! Aproveite a unica occasião bôa que Deus lhe offerece! Si fizer o que lhe digo, em pouco tempo será rico e feliz! —nada

de escrupulos mal entendidos!... *Audaces fortuna juvat!* Agradeça á Providencia o meio facil que lhe depara! —estou vendo que você não o merecia! —A maior parte dos homens poderosos que vê por ahi, coitados! tiveram muito maiores provações! —Vamos! não seja ingrato para a fortuna que o protege!... Tambem era só o que faltava —que por um instante de medo infantil você perdesse o trabalho de tantos annos!.. o que lhe afianço é que elle não teria para você, seu parvo, a mesma consideração!

— Acha, senhor padre?! perguntou Dias com um ar estúpido, indeciso, procurando pretextos para se agarrar.

(pg. 459)

— Acho não! tenho plena certeza! Não vio como elle o insultou em presença de sua noiva?! —chamou-o canalha! —canalha! é o maior insulto que se pode fazer a um homem honesto! Mas bem! já dou pelo barato a descompostura! já quero que você não s'importe com os insultos que lhe atiram á cara! porque enfim ha gente para tudo neste mundo!... Mas, diga-me cá — você tenciona ou não casar-se com minha afilhada?!

— Tenciono, sim senhor.

— Pois bem! lembre-se somente de que um homem, um negro, desvirtuou a mulher que vae ser sua esposa!... Isto, por bem dizer, foi um adulterio!... e por conseguinte assiste-lhe todo o direito do marido enganado —vingue a sua honra ultrajada! vingue-se com todos os diabos!... Agora vejamos as cousas no caso que você não me queira obedecer — imagine-se casado e o outro no gosto perfeito da vida; a criança, já se sabe —forte e parecida com o pae!... Lá chega um bello dia em que você, acompanhando sua familia, de volta de um passeio ou em caminho para a missa, topa com o cabra! direito este que se converte em obrigação perante a consciência e perante a sociedade! ora com que cara ficará você, seu Dias? e a sociedade? o que não dirá, seu Dias?! com justiça! Pois é possível que você queira por gosto fazer semelhante papel? E a criança? si viver por muito tempo o que não supporá do homem que a educou?!... porque, fique sabendo de uma cousa —com a existencia de Raymundo a criança virá infallivelmente a saber de quem descendeu.

(pg. 460)

— Sim! isso é verdade!...

— Mas, apesar de tudo isso, si os partidos fossem iguaes —vá! si á Raymundo assistisse o mesmo direito que a você —vá! porem não é assim! —Raymundo é simplesmente um intruso, que quer se intrometter na sua felicidade —repilla-o! —E' um aventureiro! é um sujeito que aspira ilegalmente uma cousa, que lhe não compete — elle é filho de uma negra escrava! foi forro á pia! e não pode conseguintemente, nem deve casar-se com uma senhora branca e apatacada! Elle quer, á pura força, commetter esse crime contra a nossa sociedade e especialmente contra a familia de seu protector, de seu amigo, de seu pae —Manoel Pescada —ao senhor, melhor do que á qualquer outro homem de bem, assiste o direito, a obrigação até, de obstar tão vil attentado! A justiça divina, seu Dias, nunca dorme! você não é mais do que um instrumento de Deus!... E no entantovocê quer dezistir, quer ir de encontro á tudo o que a Providencia tão sabiamente preparou!... vá! faça o que entender!... mas aos meus olhos, como aos olhos de todas as almas puras, você será um criminoso! Faça o que entender! faça! mas não serei eu certamente quem lhe arrange o perdão de Deus para seus peccados, contra elle!

— Então acha, senhor conego?!...

— Homem! tenha um pouco de vergonha! tenha um pouco de brios nessa lata, e obedeça á vontade de Deus!... Mas meu nobre amigo, si quizer de **(pg. 461)** todo dar um pontapé na fortuna... dê! eu com isso já não tenho nada! lavo minhas mãos!... como amigo e como sacerdote já disse-lhe o que tinha obrigação de dizer —agora o resto pertence á sua consciencia! isso é lá com você!... Tambem não conte commigo para mais cousa alguma, e convença-se de que, ainda mesmo que Raymundo não consiga se casar, o que é impossivel, porque a rapariga é maior —em quanto elle existir ella não fará o menor caso de você!...

— Mas o pae pode obrigar-a a casar commigo.

— Não seja pedaço d'asno, que ninguem casa á força, mas quando assim fosse, isso seria muito peor para você! —era só o outro dizer a sua mulher. —Vem cá! e ella obedecia-o como uma cadella... você sabe lá o que é uma mulher para o homem que a fecundou?!... —é uma escrava! é um automato! não se pertence! Hade segui-o para onde elle quizer! hade vangloriar-se dos propios crimes, para lisongear seu homem! —

Casada?! que importa? —hade acompanhar o amante á todas as degradações! hade rir-se a custa do marido! cobril-o de vergonhas! chamal-o boi! Você, seu idiota, servirá unicamente para apimentar a ventura do outro, dar-lhe um resaibo picante de mysterio, de cousa prohibida, de peccado! E calcule mais as terriveis consequencias do passo que você quer dar —não pára aqui a terrivel cadeia de suas vergonhas. —Raymundo hade aborrecer a amante, como a gente aborrece tudo o que é illegal. **(pg. 462)** Passada a quadra das illusões em que elle está, o ardor que o prende á Anna Rosa desaparecerá inteiramente, porque então o que o hade preoccupar é a ambição politica, litteraria ou social; e desde que elle não possa associar a amante ás suas aspirações, ás suas honras e os prazeres honestos da bôa sociedade, desde que ella se torne um estorvo para o seu futuro, para a sua carreira, para a sua posição, elle a desprezará por uma esposa legitima, elle a abandonará como nós abandonamos um chinello usado.

Então Anna Rosa passará á segunda mão, depois á terceira, a quarta, á quinta, até que, depois de muito batida, muito abandalhada, baqueia finalmente no lodo das calçadas, na tarimba dos soldados, na taverna dos marujos, em todo logar emfim onde possa vender-se para matar a fome! E lembre-se que por tudo isto ella nunca deixará de ser sua mulher! sua legitima esposa, recebida aos olhos de Deus e dos homens! Ora diga com franqueza, seu Dias! —evitar tanto mal não será servir a Deus e á sociedade?! Ainda parecer-lhe-ha que vae commetter algum attentado, removendo a causa unica de tanta calamidade?! Não seja máo! salve aquella ovelha innocente das voragens do abysmo! Salve-a em nome de sua consciencia! em nome de seu protector e patrão! em nome de Christo, que nos observa das alturas!

E o grande artista, banhado em lagrimas, levantou **(pg. 463)** os braços para o ceu. — *Quis talia fando temperet á lacrymis?!...*

O Dias escutava concentrado; o conego continuou, mudando de tom. — Agora vejamos o que succederá si você seguir os meus conselhos. —A rapariga chora por algum tempo, depois consola-se com as minhas palavras e, como precisa de um pae para seu filho, casa-se com o meu amigo —e ahi está você capitalista de um dia para outro —feliz, independente, muito respeitado e com um futuro brilhante, alem do prazer

intimo de haver salvado uma fraca mulher da prostituição! —olhe! até lembro-lhe mais —você pode vir a ser nobre —arranjar um titulo, um baronato! que digo eu —um viscondado! Hoje tudo isso está muito mais em conta!...

— E podia —era comprado com meu dinheiro!...

— Pois então não hesite, homem! Que diabo! —O sujeito que encontra em casa o ladrão, que lhe vae roubar o dinheiro, tem direito de metter-lhe uma carga de chumbo nos miolos! E como o que se sente ameaçado de roubo no seu futuro, na sua honra, na sua riqueza, na sua mulher e na sua tranquillidade, hade ficar de braços crusados?!... Sim, fica! quando é um covarde! um miseravel!

— Ah! isso é que não! —juro-lhe, reverendo!...

— Sim! sim! e no entanto tem medo!... Não eram assim seus avós, quando — por mares nunca dantes navegados, levaram a morte na ponta de suas lanças conquistadoras! Não eram assim quando sen- **(pg. 464)** tiam ultrajadas a dama que amavam ou a patria que idolatravam. Ah! tivesse eu a sua mocidade! e esta fraca mulher não ficaria sem soccorro! São os annos que me deteem e não o medo, como a você!

— Medo! eu?!...

— Então mostre, que diabo! olhe que o homem se recolhe e você perde a unica occasião que Deus lhe deu! Amanhã será tarde! já elle a tirou por justiça e, ainda que não se case, o escandalo será patente. Resolva-se ou então desista do casamento e deixe o campo livre á quem é mais esperto do que você!

— Adeus, senhor padre!

— Vá com Nossa Senhora!

E Dias de cabeça baixa, passos largos e abafados, seguio a rua da Estrella. De repente voltou, chamou o conego e perguntou-lhe alguma cousa ao ouvido.

— É melhor, é!

O Dias tomou então á rua de Sant'Anna.

Dahi a uma hora o conego, depois de saborear a sua canja e amaciar o lombo luzidio de seu maltez, fazia a oração do costume e espichava-se ao comprido, tranquillamente, na sua rede branca e cheirosa, disposto a passar uma bôa noute.

(pg. 465)

XVII

Em quanto se passavam estas cousas, Anna Rosa chorava no seu quarto, abraçada aos travesseiros da cama. Manoel continuava a passeiar em todo o comprimento da sala —passos largos, mãos descansadas p'ra traz sobre o cocyx e a cabeça mollle e estendida, como si um pensamento de chumbo a puxasse para baixo. Maria Barbora cejava tranquillamente na varanda, embebendo fatias torradas no chá.

A noite envelhecia —as horas rendiam-se como sentinellas silenciosas, sem que nenhum daquelles tres procurasse dormir; afinal Maria Barbora obrigou o genro a recolher-se e repousar, depois foi ter com a neta e dispoz-se a fazer-lhe companhia até amanhecer. Em breve porem a velha resonava e tanto pae como filha viram atravez das lagrimas nascer o dia.

Raymundo no entanto vagava pelas ruas da cidade, com o coração encharcado de um grande desanimo — apoquentava-o menos a estreiteza da situação, do que (pg. 466) aquella pertinacia brutal da familia, que preferia deixar a filha deshonrada a ter de confial-a a um mulato. — Com effeito! dizia elle mentalmente. — Vão lá entender a grande amisade que esta gente tem á rapariga!

E a despeito do vigor e a firmeza com que até ali affrontava tantas contrariedades, sentia-se agora abatido e miseravel, como um desordeiro no dia seguinte á embriaguez, que devorava-lhe em algumas horas a actividade vital de muitos dias —na torrente vertiginosa de suas idéas a do suicidio apparecia-lhe de vez em quando, como uma moeda falsa entre muitas boas; tal idéa era um contrabando para o espirito moderno do moço; com tudo elle a sentia bater constantemente no cerebro, como um importuno que nos vem roubar o tempo. —Raymundo a repellia com tedio, com repugnancia, mas o demonio da idéa voltava sempre.

O suicidio para elle, que aspirava ser util á humanidade, era uma acção triste e vergonhosa —uma especie de deserção da officina. E para se animar, se metter em

brios, evocou a memoria dos fortes, lembrou-se dos que tinham lutado por uma vida de trabalhos e fadigas, porem gloriosa, util e propagadora. Imaginou-se na felicidade domestica, retemperado pelo amor de sua mulher, estimulado pelas esperanças de seus filhos, considerado por seus semelhantes como um homem necessario, abençoado pelos pobres, respeitado pelos ricos —feliz, livre, in- **(pg. 467)** dependente! Mas estas idéas já não encontravam em Raymundo, como dantes, o mesmo echo alegre e vigoroso, agora elle só pensava na sua humilhação —desejava possuir Anna Rosa já como por uma vingança contra a familia, que o queria rebaixar —desejava ligal-a ao seu destino como si a amarrasse a um póste inffamante —queria espalhar bem o seu sangue, porque onde elle cahisse deixaria uma nodoa abrasadôra — precisava para divertir-se ver soffrer alguém! —era necessario que os outros chorassem, para que elle podesse rir.

Oh! e havia de rir! Anna Rosa havia de pertencer-lhe de direito! porque não?! elle tinha a lei por si! havia de tiral-a por justiça! Quem o poderia impedir?! Alem disso, com um filho no ventre, ella lhe obedeceria como escrava!

E meditando estes projectos, fingindo-se muito senhor de si, mas com um grande desespero a ladrar-lhe dentro, Raymundo vagabundeava pelas ruas, com as mãos nas algibeiras, meio cambaleando na tontura de sua raiva. E queria ver amanhecer, esperava com impaciencia o dia seguinte, attrahia-o com a sua afflicção aquella noute, comprida e silenciosa o encommodava como uma enorme mochila, que o fizesse vergar ao pezo. Importava muito que amanhecesse —queria tratar de seus interesses, liquidar aquella massada! —Mais doze horas, doze horas! e estaria tudo concluido. —Sim! amanhã ficaria tudo prompto, e elle no primeiro vapor seguiria para a **(pg. 468)** Côrte —casado, feliz, independente! sem nunca mais lembrar-se do Maranhão, dessa provincia de bôrra!

Ao chegar ao largo do Carmo, assentou-se n'um banco. Um vento frio agitava as arvores; ameaçava chuva; ouvia-se ao longe o marulhar surdo da costa, e distante, n'um sobrado, uma garganta vulgar dizer a *Traviata* com uma voz arrastada e triste.

Raymundo passou a mão pela testa e reparou que estava suando frio. Deram duas horas. Um policia aproximou-se vagarosamente e pedio-lhe um cigarro e o fogo, e

depois seguiu com ar frouxo, bambo, de quem cumpre uma formalidade inútil e aborrecida. E Raymundo ficou a ouvir os passos sonoros do policia, que se repetiam com a regularidade monotona de uma pendula. Deram tres horas; chuviscava. — Bem!

E Raymundo levantou-se e seguiu pela rua Grande com a intenção de se recolher — Agora talvez dormisse um pouco —estave fatigado.

Quando atravessou o Campo de Ourique pensou sentir passos atraz de si, voltou-se para os lados —Enganara-se! não vira pessoa alguma! talvez fosse o echo!...

Afinal chegou a casa, porem do vão escuro, que formava o limite da parede, rebentou um tiro no momento em que elle dava volta á chave.

Este tiro partio de um revolver, que o conego Diogo fornecera ao Dias.

(pg. 469)

Todavia no instante supremo faltara ao pobre diabo animo para commetter um crime, mas as palavras do padre velho ferviam-lhe em volta da cabeça como um diadema de murros —aturdiam-no. O caixeiro sentio-se cego, louco, fascinado por uma idéa fixa enriquecer e possuir Anna Rosa. Até ali vivera para essa idéa, gastara-se a medital-a, a namorar um futuro brilhante! —Como podia agora perder em um momento todo o trabalho de uma existencia, destruir o seu castello dourado, desfazer o melhor de seus sonhos, despovoar seu coração, deixal-o inteiramente vasio, ôco, perder o jogo no melhor lance —matar-se?! quando, com um pequenino movimento de dedo, estaria tudo salvo?!... —Seria medroso?... seria maricas? o conego tinha razão?!... Não! não! alem disso o bom padre promettera-lhe conseguir o perdão de Deus para tudo o que elle fizesse!... —Vamos! animo Luiz!... atire-se a ultima carta!...

Estas considerações eram feitas na treva, por detraz de um montão de pedras e barrotes, e ao lado dos espequeus de uma casa em ruinas.

O tempo urgia —Raymundo ia entrar p'ra casa, isto é, ia transpor uma fronteira inexpugnável, e só reapareceria no dia seguinte, com a luz, com a luz que não acouta o crime —Era preciso aviar! —Raymundo só se tornaria a recolher, quando tudo já estivesse concluido —Anna Rosa tirada por justiça ou então o Maranhão todo

saboreando o escandalo —todo **(pg. 470)** o Maranhão sabendo que Anna Rosa estava grávida de um mulato —E então tudo estaria perdido para sempre! para sempre! sem remédio!... Dias coberto de ridículo e... pobre!

Nisto rangeu a fechadura —aquella porta ia abrir-se como uma bocca, para resguardar o grande obstaculo de sua felicidade! No entanto esse obstaculo estava ali, a dous miseraveis passos de distancia! perfeitamente em bôa posição para um tiro.

Dias fechou os olhos e concentrou toda a sua energia no dedo que devia puxar o gatilho —aquelle dedo, torto e tremulo, era todavia o leme de sua vida, governava o seu futuro no meio da procella immensa das difficuldades —Um movimento quasi imperceptivel abria a seus pés dous thesouros inextimaveis —uma riqueza com todo o seu opulento cortejo de regalias e uma mulher moça e formosa, com todos os encantos do amor, isto é —o resumo do que ha de bom sobre a terra —a ultima expressão do que a natureza, sempre bôa, fez para o homem, e do que o homem, sempre egoista, fez para si! —a mulher e o dinheiro! —as duas obras primas de dous grandes artistas —Deus e o homem.

Dias puxou o gatilho, e a bala partio como um escarro.

Amanhecera um dia enfadonho, cheio de chuviscos e humidade —pouca gente pela rua, nenhum sol e um aborrecimento enorme a abrir a bocca por toda parte.

(pg. 471)

Grossas nuvens, grávidas e sombrias, arrastavam-se pelo espaço no pezo de sua hydropezia —o ar mal as podia conter. Ouvia-se um trovejar ao longe, que lembrava o rolar de balas pelo assoalho.

A casa de Manoel tinha o silencioso aborrecimento do luto —as janellas fechadas, os moradores tristes, a varanda deserta. Em baixo, no armazem, os caixeiros perguntavam mutuamente que diabo queria tudo aquillo dizer?!... Os pretos cochichavam na cozinha e iam dar trela á vizinhauça, onde já se commentava o escandalo da vespera.

Manoel só appareceu á hora do almoço, que nesse dia foi mais tarde, porque os escravos, empenhados em se pôr ao facto de tudo o que succedera, descuidaram-se das obrigações. O pobre pae trazia photographada na phisionomia uma grande insomnia, horrivel, homicida —tinha os olhos pizados, o ar muito cansado e aborrecido. Mal tocou nos pratos, crusou logo o talher e limpou com o guardanapo uma lagrima, que o logar vasio de Anna Rosa desprendera —aquella cadeira sem dono parecia dizer-lhe com o seu silencio — Descansa, desgraçado! que filha nunca mais has-de-ter!... Manoel não quiz descer ao armazem e fechou-se em cima no seu escriptorio, recommendando que mandassem lá o Dias quando chegasse.

O sabiá trinava desesperadamente na varanda —tinham-se esquecido de encher-lhe o comedouro.

Anna Rosa não sahira da cama —estava excitada, doente, toda nervosa, com uma irritação de estoma- **(pg. 472)** go. A avó, cheia de mau humor, levava-lhe um bule de chá de contra-herva para a febre, e, depois de recommendar á neta que não sahisse do quarto e fizesse por dormir, fechou-se com os seus santos, no recolhimento religioso de suas orações.

Anna Rosa, mettida no quarto, cercada de mesinhas e tisanas, ignorava tudo o que se passava por fóra. A velha Amancia foi a unica que appareceu, fallando muito da pallidez de Anna Rosa —até lhe percebera mau halito!...

— E' do estomago! explicou a bôa Monica muito triste —ella ainda hoje não comeu nada, e ainda não dormio desde hontem de manhã!

E a visita passou á cozinha, á procura de Brigida, para indagar —que diabo tinha succedido naquella casa, que andavam todos á modos de assombrados?!...

Anna Rosa achava-se com effeito muito abatida, em um estado perigoso de fraqueza e irritação —grandes olheiras, muita pallidez, halito quente e máo estomago. Monica obrigou-a a tomar um mingáo de farinha, ella vomitou-o logo.

— Êh! sinhá! —isto assim não está bom, censurava amigavelmente a preta — não te fica nada no bucho!

— Mãepretinha! pedio mais tarde a doente — Eu posso ir até á sala! —não corre vento, as vidraças estão fechadas. Posso, não?...

— Pois bem! vae iaiá, porem mette algodão nos ouvidos! espera! deixa agasalhar-te com este lenço.

(pg. 473)

E amarrou-lhe na testa um lenço encarnado de seda — laiá quer que eu te ajude a andar?

— Não, mãepretinha! não precise, fique, que você deve estar cansada.

A preta assentou-se junto á cama, encolheu as pernas, que abrangeu com os braços, e ficou a cochilar com a cabeça mettida entre os joelhos. Anna Rosa levantou-se muito fraca, apoiando-se nos moveis, arrastando-se, cheia de moleza e quebranto, pelo desarranjo de seu quarto. Foi até á sala.

Fazia impressão má vel-a com aquelle andar vagaroso, de tísica, aquelle ar triste, piedoso, fraco, acompanhado de suspiros e cahimento de palpebras. Parecia convalescente de uma molestia grave e antiquissima —muito puxada, com os cabellos despenteados e seccos, cahidos em bandó naturaes por debaixo do lenço vermelho, que lhe guarnecia com graça a bella cabeça, ao modo artistico dos modelos de pintura, que vão ser copiados.

Nella tudo transpirava um tom melancolico e doentio —o vestido longo, desabotoado sobre o estomago, arrastando pelo chão, negligentemente desatado e frouxo —os braços descahidos, os pulsos molles, o pescoço bambo, o olhar dorido, infeliz, embebido de ternura, um biquinho de febre a rachar-lhe os beiços; seus pezinhos traziam de rastros umas chinellas de tapete já desbotado; e por entre a abertura do roupão via-se-lhe a camisa de rendas enxovalhadas; um cordão de ouro, com a imagem de Chris- **(pg. 474)** to, toscamente lavrada, escorria-lhe pela brancura nublada do seio; as lagrimas de toda noute davam a roxidão de suas palpebras um brilho sujo, de humidade gordurosa. —Estava outra!...

E com a resignação dos doentes, que não podem sahir do quarto, passeiava sosinha pela sala, procurando distrahir-se a examinar, com uma minuciosidade ociosa, todos os objectos que tinha diante dos olhos —tomou de sobre o consolo um galgosinho de jaspe, e ficou a olhal-o por muito tempo, sem o ver, mas silenciosa e preocupada como si tivesse nas mãos uma preciosidade de algum muzeu.

E'que ella pensava no seu Raymundo, no querido pae do feto, que a fazia estremecer de alegria e de susto —Amava-o ainda mais agora; dir-se-ia que o seu amor materialisava-se naquelle corpo estranho, que crescia e agitava-se-lhe nas entranhas. E com esse amor corporeo, individual, crescia tambem sua felicidade — Anna Rosa, apesar da estreiteza da situação, achava-se cada vez mais feliz, na razão do desenvolvimento do filho. Sonhara aquella ventura e sentia-a realizar-se-lhe dentro do ventre, de instante a instante, de dia para dia, com um impulso mysterioso, fatal, evidente e incomprehensivel.

Era mãe!... dolorosa fortuna para ella —Ainda lhe parecia um sonho!...

E impatientava-se por preparar um enxoval bom, completo, para o seu bêbê Oh! ella sabia perfeitamente como tudo isso se fazia! —qual a melhor fazenda para os cueiros, as melhores toucas e os melhores sapatinhos de lã. Via em sonhos um berço junto a sua rede, com um entesinho dentro, todo rendas e fitas côr de roza, a vagir uns principios de voz humana. E julgava-se já a queimar alfazema para defumar os pannos da criança, a preparar agoa com assucar para curar-lhe as colicas, a evitar o abuso do café e de todo o alimento que viesse a prejudicar o leite, porque ella mesma queria criar seu filho e não o confiaria á melhor ama. De tudo isto Anna Rosa sabia perfeitamente, não porque perguntasse a alguém, nem porque a experiencia lh'o ensinasse; mas porque sempre sentira muito prazer em E, a pensar nestas coisas, que, aliás, nunca ninguém procurara ensinar-lhe, esquecia-se inteiramente dos vexames e das difficuldades que a sua falsa posição teria de levantar; nem sequer, observar estas cousas, por gosto, por indole. Sempre invejara as mães e fôra muito affeiçãoada ás crianças.

E a pensar nestas cousas, ella esquecia a difficuldade real da situação —julgava tudo muito melhor do que de facto era —não admittia a hypothese de se não casar com Raymundo —tudo estava dizendo que elles se haveriam de ligar, fosse por onde fosse, dêsse por onde dêsse! soffresse quem soffresse! Dizia-lh'o a natureza, o coração, a sociedade, e principalmente aquella amor vivo, que tinha dentro de si, a causar-lhe delirios de um prazer esplendidamente novo.

Assim se passaram horas esquecidas, até que o sino da Sé badalou ás duas e meia o dobre dos finados —Por quem estaria dobrando? perguntou ella comsigo, cheia de uma compaixão vaga —Quem teria morrido? E parecia-lhe absurdo que alguém pen- **(pg. 476)** sasse em morrer, quando ella só pensava em dar a vida a um outro alguém.

Mas o dobre continuava ao longe, rolando no espaço, como uma onda que se desdobra. E aquelle som lugubre, soluçado, afinava perfeitamente com a tristeza chuvosa do dia e com a solidão mesquinha e abafada daquella sala.

Anna Rosa sentio um tremor arripiar-lhe as carnes e lembrou-se de rezar, porem parecia-lhe ouvir rumor de muitas vozes na rua —foi até janella. O zum-zum do povo crescia —alguma briga! pensou ella e encostou a cara na vidraça para espiar o que se passava lá fóra.

O motim crescia á proporção que se aproximava um grupo immenso de homens e mulheres; quando o grupo chegou mais proximo da janella, Anna Rosa percebeu a causa do ajuntamento —dous pretos carregavam no hombro uma rede enfiada na taboca. Dentro vinha um corpo.

— Credo! que agouro!... disse ella um pouco impressionada, e quiz retirar-se, mas deixou-se ficar por curiosidade —algum desgraçado que ia doente para o hospital... ou talvez algum defunto, coitado!

E pensou no filho, para disfarçar aquella impressão má.

O corpo estava inteiramente coberto por um lençol de linho, deixando comprehender a forma grande e contrahida de um homem. Algumas manchas vermelhas destacavam-se aqui e ali da brancura do panno.

(pg. 477)

Anna Rosa sentia já um interesse aterrado, quiz sahir da janella, mas não poudo —o que se passava na rua attrahia-lhe irresistivelmente o olhar. A funebre procissão aproximava-se da parede do lado em que ella estava —ia deixar de ver, mas não convinha abrir a janella, por causa do vento; alem disso ameaçava chuva —suppunha até que chuviscava... Continuou a olhar attentamente com o rosto achatado nos vidros.

O cadaver se aproximava lentamente, a jogar na irregularidade da rua e do caminhar dos carregadores; o lençol formava e desfazia fartas rugas movediças. — Parecia uma cara a se contrahir de dores! —Que lembrança!...

Anna Rosa estava sobressaltada, inquieta —a rede ia desaparecer de todo a seus olhos, porque cada vez mais se approximava da parede —ella já mal a podia ver. — Ceus! dir-se-hia que procurava a porta de Manoell!...

Anna Rosa estremeceu, sem ousar formular um pensamento.

Uma rajada de vento forte esfusiu nos vidros —os chapéus dos transeuntes saltaram como folhas seccas —as janellas bateram de encontro aos caixilhos com um movimento de raiva. O vento zunio mais forte e arrancou afinal a coberta do cadaver.

Anna Rosa estremeceu toda, deu um grito, ficou livida —parecia-lhe ter reconhecido Raymundo naquelle corpo ensanguentado. Duvidou, e com um arremessão abriu precipitadamente as vidraças.

(pg. 478)

Era com effeito elle.

O povo olhou todo para cima e vio uma cousa horrivel. Firmando no patamar da janella as mãos, como duas garras, cadaverica, convulsa, douda, com os olhos a rolarem sinistramente, um riso medonho a escancarar-lhe a bocca, as ventas dilatadas, os membros gelidos e contrahidos —Anna Rosa entranhava na madeira as unhas assanhadas, sem nada dizer, sem um movimento de corpo —hirta, estatica!

De repente largou um formidavel grito e cahio de costas. Monica accudira logo e arrastou-a para o quarto.

Anna Rosa deixou atraz de si um grosso rastro do sangue, que lhe escorria por debaixo das saias. E no lugar da queda havia no assoalho uma enorme poça vermelha.

No dia seguinte, nas ruas, nas repartições publicas, nos açougues, na praça do commercio, nas quitandas, nas salas e nas alcôvas, boquejava-se largamente sobre a morte mysteriosa do Dr. Raymundo. Era a ordem do dia.

Contava-se o facto de mil modos, inventavam-se lendas, improvisavam-se romances. O cadaver fôra recolhido á Santa Casa da Misericordia, procedeu-se a um corpo de delicto, chegara-se a conclusão que o paciente morrera a tiro de bala, porem não se conseguiu descobrir o assassino.

(pg. 479)

Nessa mesma tarde os caixeiros de Manoel, vestidos de panno fino preto, entregavam de porta em porta a seguinte circular:

«Ilm. Sr.

«Manoel Pedro da Silva e o conego Diogo de Mello Freitas Santiago participam a V. S. que acabam de receber o profundo golpe do fallecimento de seu prezado e nunca assaz chorado sobrinho e amigo Raymundo José da Silva; e, como o seu cadaver tenha de baixar ao tumulo, hoje as 4 ½ horas da tarde, no cemiterio da Santa Casa da Misericordia, esperam receber de V.S. o piedoso obsequio de acompanhar o feretro da casa de seu inconsolavel tio á rua da Estrella n. 80, pelo que desde já se confessam etemamente agradecidos.»

«Maranhão etc. etc».

A Misericordia cedeu ao morto uma sepultura, mediante a quantia de 60\$000 reis. O enterro foi bastante concorrido —muitos negociantes acompanharam-no por consideração ao collega, grande numero de typos por mera curiosidade. O conego ungiu o cadaver com agua benta e rezou-lhe um latim.

Maria Barbora, para descargo da consciencia, prometteu uma missa por alma de Raymundo. Dias só apparecera em casa á tarde, á hora do enterro —con- **(pg. 480)** tavam que elle se sentia muito daquella desgraça e que ficara até meio pateta. No acto de entrar o caixão na sepultura chorou muito; não consta que mais alguém, alem d'elle e o conego, tivesse chorado.

De volta do cemiterio, Freitas, em conversa com os caixeiros de Manoel, o Sebastião e o Casusa, lamentou com um ar de protecção a morte do pobre moço e

lembrou probabilidades sobre o autor do crime, mas a opinião geral era que aquillo fôra um suicidio, e que Raymundo viera até a porta da rua nas agonias da morte.

— Uma fatalidade!... considerou philosophicamente o Freitas, a espanar com o lenço os seus sapatos de polimento — não posso me conformar com este pò vermelho de S. Pantaleão, —Creia que me commoveu bastante aquella morte! —elle era um moço habil!

— Muita presumpção!...

— Não! coitado! —elle tinha seus estudos!

— Mas tambem não era lá essas cousas!...

— Ah! sim! concordou delicadamente o homem da unha, e calaram-se por algum tempo.

— Uma fatalidade!... repizou o Freitas.

— E talvez não fique nisto!... considerou Sebastião — a pequena está perigosa!...

— E'! ouvi dizer que sim!...

— O Jauffret ordenou que a levassem p'ra fóra.

— Segue n'um dia destes para o Caminho Grande. Ah! ella era louca pelo Raymundo!...

Tôlices!

(pg. 481)

E todos deram de mão o assumpto para prestar attenção ao Casusa, que contava alegremente a anedota de um bebado, que uma vez ficara fechado no cemiterio e que, acordando altas horas da noute viera pedir o fogo a um soldado de ronda, que estava a fumar muito distrahido, encostado ás grades do portão. E que o soldado, sentindo a mão fria do bebado passar-lhe no pescoço, deitara a correr e a pedir soccorro em altas vozes, como um possesso!

Todos riram. E o Freitas contou logo um facto identico, que succedera com elle no seu tempo de rapaz.

O Pescada, mal o tempo levantou, mudou-se com a filha e a sogra para um sitio do Caminho Grande. Anna Rosa esteve a morte chegou-se a fazer junta de medicos.

O pobre Manoel vivia dahi em diante muito apoquentado —notaram que os cabellos tinham-lhe embranquecido mais; porém que elle se dedicava ao trabalho, como nunca, com uma especie de furor, com um desespero de quem bebe para esquecer dissabores.

A nova firma commercial Silva & Dias nasceu no meio da mais completa prosperidade.

(pg. 482)

Seis annos depois, pelo meiado de fevereiro, havia uma partida no Club Familiar —era uma galanteria, que os liberaes faziam a um homem de seu partido, que chegara nessa epecha com destino á presidencia do Maranhão.

Estava se no rigor do inverno e chuvera durante toda a tarde —as calçadas reflectiam em zig-zag a luz vermelha dos lampiões —alguns telhados ainda gotejavam melancolicamente suas ultimas lagrimas e o ceu, todo negro, pezava sobre a cidade como uma tampa de chumbo.

Comtudo chegava bastante gente para a festa —as carruagens, velhas e estafadas, enfileiravam-se sinistramente na rua Formosa, á porta do Club, e vomitavam pelas portinholas golfadas de seda e cambraia. As damas, finalmente installadas nas ondas de seus pufes, subiam, segurando a cauda, aos salões resplandecentes do baile, pelo braço de homens serios de casaca.

(pg. 483)

Havia luxo —as escadas estavam juncadas de folhas e flores e guarnecidos os degraos por vasos de pó de pedra. Espelhos de bom tamanho reflectiam de alto a baixo no corredor os pares que subiam. Todas as portas tinham grandes cortinas de labyrinth.

O presidente acabava de chegar e a banda do 5.º d'infantaria tocava em baixo o hymno nacional. Todos se mexiam para vel-o —commentava-se-lhe já, em voz soturna, a figura, os movimentos, o andar, a côr e os botões da camisa.

Na sala as senhoras, parafusadas nas suas cadeiras, n'uma immobildade cerimoniosa, espichavam discretamente o pescoço para ver o *presidente novo*. Os rapazes, com o cabelo dividido em duas pastas sobre a testa, fumavam nos corredores ou bebiam nos bufetes Na varanda jogavam silenciosamente os inalteraveis pares do voltarete. A casa toda rescendia a perfumaria franceza.

Reinava um constrangimento geral, pesado, estúpido —poucos se animavam a conversar e ninguém ria. Afinal deu-se o signal para a primeira quadrilha —uma onda de homens invadio brutalmente as salas por todas as portas. Era uma aluvião mesclada —havia o *croisé* de luva branca, a casaca sem luva, o fraque de tres botões com o lenço de seda azul debruçado na algibeira; sobresahiam as enormes gravatas de cambraia engommada, com as pontas systhematicamente espichadas sobre a negrura da lapella. Alguns homens tinham um tique pretencioso; (pg. 484) outros um ar encalistado e cheio de rubores. Principiava-se a suar.

Destacavam-se os filhos dos negociantes ricos, que tinham ido á Europa *estudar commercio* e os academicos da Bahia, Pernambuco e Rio, que estavam de ferias no Maranhão. A dansa agitava-os a todos —começavam a erguer-se as senhoras —arrastavam-se cadeiras —a luz do gaz mordida os hombros nus e fazia faiscar os diamantes. As rabecas gemiam n'uma agonia deliciosa. As quadrilhas e as valsas succediam-se quasi sem intervallo. O enthusiasmo principiava a assaltar os animos —tremia no ambiente um vozear frouxo e sympathico dos cochichos das cousas amorosas, dos pequeninos risos delicados, do tilintar dos braceletes, do farfalhar das sedas, do rumurejar dos leques e do arrastar surdo do pé no tapete.

As mulheres rodavam presas pela cintura, n'um abandono voluptuoso, com a cabeça molle sobre o hombro do cavalheiro. D'envolta com a perfumaria de *Lubin*, saturava a athmosphera um cheiro tepido e penetrante de carnes e cabellos. Os pares prostavam-se fatigados, amollecidos por um entorpecimento sensual —dilatavam-se as narinas, offegava-se a respiração e as palpebras bambeavam n'um quebranto de febre.

Mas em breve um frenezi galvanico electrizou todos os pares — *Galop!* gritaram; e um turbilhão doudo, desenfreado, precipitou-se pelas salas, a ennovelar-se, **(pg. 485)** a abalroar-se, e afinal rebentou n'uma vozeria medonha, n'um bramido terrível, apopletico, como a onda que estoira na praia.

Rasgaram-se vestidos, espicaçaram-se fólhos de renda, pizaram-se pés, desfolharam-se rosas, desmancharam-se penteados e soltaram-se exclamações pandegas.

No fim da quadrilha um rapaz refugiava-se, coxeando, na varanda —tinham-lhe pizado a unha encravada — Maos raios te partam, diabo!

E foi assentar-se a um canto, segurando carinhosamente o pé.

— O' seu Rosinha! falle com os pobres! disse o Freitas aproximando-se d'elle, a estender-lhe a mão — Não sabia que o tinhamos por cá, doutor.

Estava o mesmo homem, sempre engommado, tezo, com o seu collarinho á Pinaud e a sua unha de estimação —Então que lhe contava o seu Rosinha depois que se viram a ultima vez ha tres annos?!...

Rosinha achava-se em ferias, era terceiro annista de direito em Pernambuco. O Freitas notou que elle estava um rapagão, achava-o melhor —mais desenvolvido.

Com effeito Faisca estava mais forte, mais homem, tinha engrossado de hombros, deitado suissas —parecia menos tôlo, porem muito mais myope.

Fallaram desfavoravelmente daquelle modo extravagante de dansar no Maranhão; Faisca descreveu o estado de sua unha encravada e jurou não dansar **(pg. 486)** mais com semelhante gente. Depois conversaram a respeito do novo presidente —Freitas queixou-se amargamente do partido Liberal — Uma sucia de crianças!... dizia elle com grande ar de indignação — Era fechar os olhos e apanhar qualquer um — O tal gabinete de 5 de janeiro podia limpar as mãos á parede —Incurias! sò incurias!

Em seguida occuparam-se do passado —lembraram-se do defunto Manoel Pescada e da fallecida Maria Barbora.

— A velha Barbora!... repetio o Freitas cheio de recordações.

Rosa pedio-lhe noticias da Lindoca.

— Sempre gorda! —estava agora lá pela Parahiba com o marido, o Dudu Costa, que fôra removido para a alfandega dali. — Sabe? a Eufrazinha fugio com um comico!

— Ah! sei! sei!

— Estonteada! O pobre Casusa é que estava perdido, coitado! — Estravagancias!... Rosinha si o visse não o conheceria — muito disfigurado — cheio de cans!

Rosinha ainda não o tinha encontrado.

— Qual encontrado o que! —elle estava de cama, entrevado —uma perna que era isto! E mostrou a cintura.

— E o Sebastião?

— Mettido na fazenda —já não havia quem o visse. Homem! sabe tambem quem está a decidir?! — o nosso conego Diogo!

(pg. 487)

— Sim! já ouvi dizer!

— Coitado! —retenção de ourinas —elle sempre soffrera de calos.

— Um santo!

— Era! Era!

E ambos sacodiram a cabeça, no recolhimento da mesma convicção. Faisca calculava escrever o necrologio de Diogo, caso o padre morresse antes de sua volta para Pernambuco.

Fallaram vagamente tambem do Cordeiro, que se tinha estabelecido com Manoelsinho —iam muito bem! affirmara o Freitas, porque o Cordeiro deixara o diabo do vicio!...

E interrompeu-se para segredar ao Rosinha — você conhece este rapaz, que vae passando de braço com aquella moça?

— Não.

— E' o Gustavo!

— Que Gustavo!

— De Villa Rica —aquelle que foi caixeiro do Pescada!...

— An! sim! já sei, mas como estava mudado! elle que era um rapaz tão bonito!...

De facto Gustavo perdera inteiramente suas côres européas e agora tinha a cara toda cheia de funchos venereos.

— Estava para casar com aquella moça, que levava pelo braço —era filha do velho Furtado da Serra.

— Um! está bom!

(pg. 488)

Dava meia noute e algumas familias embrulhavam-se nas capas para sahir. O Freitas despedio-se logo de Rosinha — Depois de meia noute — nada! protestava elle sempre methodico.

Mas no patamar teve de esperar um pouco que descesse um casal, que se despedia. Advinhava-se logo serem pessoas de consideração, pelo riso affectuoso com que todos as comprimentavam, arredando-se ligeiramente para as deixar passar. O proprio presidente viera até ali e agradecia-lhes com um amavel aperto de mão, á ingleza, o obsequio daquela visita.

Eram Dias e Anna Rosa, que desciam de braço dado, casados havia quatro annos.

Dias deixara crescer o bigode e parecia mais cheio, mais imponente, tinha um emproamento ricaço e um ar satisfeito e alinhado de quem espera por qualquer vapor o habito da Rosa. A mulher tinha engordado de mais, porem ainda estava bôa, bem torneada, a pelle limpa e a carne esperta.

la toda se saracoteando, muito preocupada em apanhar a cauda immensa do vestido, e pensando naturalmente em tres filhinhos, que deixara em casa, a dormir.

— *Grand'chaine, double, serrée!* berravam nas salas.

O Dias tomara o seu chapéu no corredor, e na occasião de embarcar no carro, Anna Rosa levantara-lhe carinhosamente a golla. —Lulu, agasalha bem o pescoço — olha, queridinho, que te podes constipar!...

FIM.